

AUTORA DE UMA VEZ NA VIDA, ALGUÉM COMO TU E REENCONTROS

Cathy Kelly

PARA SEMPRE, MEU AMOR

A CORAGEM DE DESCOBRIR O QUE REALMENTE IMPORTA...



*Quinta Essência**



Ficha Técnica

Título original: Always and Forever

Autor: Cathy Kelly

Tradução: Eugénia Antunes

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789898228796

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Cathy Kelly, 2005

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Para Dylan e Murray

Prólogo

A mulher permaneceu tão quieta quanto as montanhas que a rodeavam, contemplando a vista a partir de Mount Carraig House – os jardins negligenciados e soprados pelo vento e o caminho irregular que conduzia ao pequeno lago. Por trás dela, Mount Carraig agigantava-se. Rob, o agente imobiliário, explicara-lhe que «Carraig» significava «rochedo» em irlandês, precisamente o que Mount Carraig era: um espetacular rochedo que dominava uma cadeia montanhosa mais pequena, conhecida como as Four Sisters, e que se erguia para sudoeste.

Carrickwell espalhava-se à frente dela, uma buliçosa cidade mercantil batizada em homenagem à montanha. Era bissectada pelo argênteo curso do rio Tullow e, a partir dali, de bem alto, conseguia distinguir a rua principal, ligeiramente serpenteante, o emaranhado de casas, lojas, parques e escolas e no centro a catedral medieval.

Há vinte e cinco anos, Carrickwell era uma vilória isolada e tranquila, não muito distante de Dublin, mas ainda assim uma comunidade muito retrógrada e rural. O tempo e o escalar do preço das casas na cidade acabara por transformá-la numa povoação mais animada, mas o ambiente de tranquilidade não se alterara.

Havia quem afirmasse que tal se devia às vetustas linhas Ley que a atravessavam. Druidas, cristãos, refugiados religiosos, a seu tempo todos haviam afluído a Carrickwell e estabelecido aí raízes sob a benevolente sombra de Mount Carraig, que lhes oferecia refúgio e a sua água pura de montanha.

Numa encosta, à esquerda da montanha, ficava um mosteiro cisterciense cujas ruínas exerciam agora o seu fascínio sobre turistas, aquarelistas e estudiosos. Havia ainda os vestígios de uma torre redonda à qual os monges trepavam por meio de cordas para se refugiarem de invasores.

Do outro lado da pequena cidade, perto do encantador mas ligeiramente decrépito Hotel Willow, ficava um pequeno círculo de pedras que os arqueólogos acreditavam ser o local de um povoado druídico. A Mystical Fires, uma loja que oferecia toda a sorte de artefactos alternativos, desde cristais a cartas de tarô, a caçadores de sonhos e crachás de anjos, não parava de vender livros sobre druidas e o solstício de verão.

No Natal, os visitantes trocavam inconscientemente a Mystical Fires pela Holy Land, uma pequenina livraria cristã onde podiam adquirir discos de canto gregoriano, bem como livros de orações, delicadas fontes de água benta Hummel, e a especialidade da loja, contas de rosário em madrepérula.

As respetivas donas de cada loja, um par de simpáticas septuagenárias, cada qual devota do seu credo, não se incomodavam nem um pouco que o seu negócio crescesse e diminuísse desta forma.

– A roda da fortuna gira a seu bel-prazer – comentava Zara da Mystical Fires.

– Deus sabe o que é melhor para nós – concordava Una da Holy Land.

Com todo este ambiente espiritual, a sensação de paz que se respirava em Carrickwell era inegável e era isso que chamava as pessoas à cidade.

Fora certamente esta aura que atraíra Leah Meyer a Mount Carraig House numa fria manhã de

setembro.

Apesar da camisola grossa de lã que trazia por baixo do velho anoraque, Leah conseguia sentir o frio entranhar-se-lhe no corpo. Estava habituada ao calor seco da Califórnia, onde temperaturas frias significavam vinte graus e a possibilidade de usar menos protetor solar. Ali o clima era tão diferente e o frio invulgar fazia-a sentir-se como que rígida e dorida. «Estou a começar a acusar a idade», pensou, tremendo, embora soubesse que toda a gente ficava admirada com o quanto parecia jovem.

Tomara bem conta dela mesma ao longo dos anos, mas o tempo avançara e o dia chegara em que não havia creme que conseguisse esconder as marcas deixadas por ele. Recorrera então há uns anos a uma discreta intervenção nos olhos e na testa para recuperar o rosto finamente esculpido com que nascera e do qual sempre se orgulhara. «Os sessenta podiam perfeitamente ser os novos quarenta», pensou Leah, sorrindo para ela mesma, desde que se tivesse o cirurgião plástico certo.

E poderia suportar as dores nas articulações durante um tempo pois finalmente encontrara-o, o local que há anos procurava para construir o seu spa. Carrickwell e Mount Carraig House eram perfeitas. E nesse estado de espírito o ar já não lhe parecia tão frio, mas antes puro e purificador.

– Calma – disse por fim, virando-se para o agente imobiliário, que se afastara educadamente uns passos para a deixar desfrutar sozinha da paisagem. – Era a palavra que procurava. Não sente uma calma imediata quando se detém aqui?

Rob, o agente imobiliário, estudou o decrepito imóvel que era Mount Carraig House e interrogou-se se seria ele que precisava de mandar analisar o conteúdo da cabeça, se a elegante cliente americana. Tudo o que via era uma ruína num ermo selvagem que estava no portefólio da sua agência há quatro anos sem que alguém alguma vez tivesse demonstrado por ela o mais pequeno interesse.

É certo que umas quantas pessoas tinham vindo visitá-la, atraídas sem dúvida pela lírica descrição de um ex-empregado com uma inquestionável queda para de uma ruína fazer um palácio.

Esta elegante casa de família do século dezoito, outrora o lar dos famosos Delaney de Carrickwell, foi desenhada segundo o grandioso estilo clássico e exhibe os fabulosos tetos altos típicos daquele período. A extensa entrada em gravilha e o maravilhoso pórtico são remissivos de uma era romântica de carruagens puxadas por cavalos, ao passo que os abundantes jardins formais, cheios de rosas e abrigados das brisas da montanha, necessitam apenas das hábeis mãos de um jardineiro para recuperarem a sua antiga glória. Incomparáveis são as vistas da beleza inóspita de Mount Carraig e do vale mais abaixo. O magnífico trilho ladeado de rododendros, plantados há mais de um século, conduz ao majestoso Lough Enla.

O paleio resultara com Mrs. Meyer, por certo, pois vira a casa no *website* da firma e agora ali estava, obviamente satisfeita. Rob percebia quando os clientes gostavam de um lugar: deixavam de lhe prestar ouvidos e centravam toda a atenção no imóvel, imaginando a sua mobília nas divisões e os risos da família ecoando no jardim. Esta mulher evidenciava todos os sinais de estar encantada. Rob sabia também que a americana tinha dinheiro, pois chegara do aeroporto num elegante carro preto com motorista. É certo que não se vestia como uma milionária, vinha de calças de ganga, um anoraque comum azul almofadado, sapatos rasos cremes e nem uma peça de joalharia.

Era difícil perceber que idade teria. Rob gostava de apender datas a propriedades e pessoas: casa do século dezoito; bangaló dos anos setenta; comprador rico de quarenta e poucos anos. Porém, esta

mulher era um mistério. Elegantemente magra, de cabelo castanho sedoso e olhos grandes e escuros, estaria algures entre os trinta e os sessenta anos. A sua pele morena brilhava e não exibia rugas, e parecia sentir-se muito feliz nela. Quarenta e poucos anos, talvez...

– Adoro a casa – declarou Leah, uma vez que não valia a pena estar com rodeios. – Fico com ela. – Apertou a mão de Rob e sorriu. Tomada a decisão, sentiu uma enorme paz inundá-la.

Sentira-se cansada durante tanto tempo, mas estava já impaciente por começar a trabalhar. Mount Carraig Spa? Spa no Rochedo? O nome acabaria por lhe ocorrer. Um nome sugestivo de um refúgio, não de um lugar onde mulheres entediadas vinham pintar as unhas e os homens nadar umas braçadas na piscina na esperança de protelarem o avanço e investida da velhice.

Não. A missão do seu spa seria fazer as pessoas sentirem-se bem de dentro para fora. Seria um lugar para onde as pessoas iriam quando se sentissem exaustas, esgotadas, e não soubessem para onde mais ir. Poderiam nadar na piscina e esquecer tudo, poderiam deitar-se para uma massagem e sentirem todas as preocupações desvanecerem-se em conjunto com as dores e a tensão. Com a refrescante água da montanha a correr mesmo ali à porta e o tranquilo ambiente de Carrickwell no ar, sairiam dali revitalizadas e curadas.

A magia de um local semelhante devolvera-lhe outrora um resquício de paz e serenidade. Cloud's Hill era o seu nome, inspirado no antigo nome nativo americano do monte onde fora construído, e de repente Leah deu-se conta de que o nome assentaria ali também na perfeição.

O outro Cloud's Hill, onde aprendera a desfrutar de novo da vida, era um mundo à parte, longe dali, mas também em Mount Carraig havia magia, Leah sabia-o. E com o spa que pretendia construir podia fazer por outras pessoas o que o Cloud's Hill original fizera por ela. Dar algo de volta era a sua forma de dizer obrigada e abrir um spa fora o que durante anos sonhara, mas nunca até então encontrara o local perfeito para o fazer. Calculava agora que, se começasse de imediato a trabalhar, o spa estaria a funcionar no espaço de um ano, ano e meio no máximo.

– Quer dizer... pretende comprar a casa? – quis confirmar Rob, estupefacto com a rapidez da decisão.

O rosto de Leah era sereno.

– Sim, pretendo – respondeu com igual serenidade.

– Isto exige uma bebida – concluiu Rob, tremendamente aliviado. – Eu convido.

Janeiro, um ano e meio mais tarde.

Mel Redmond largou a pasta de pele italiana de imitação no chão do cubículo, baixou o assento da sanita com estrondo, sentou-se nele e começou a tentar rasgar o celofane da embalagem de meias de vidro. A pressa tornava-a desajeitada. Maldita embalagem. Seria tudo à prova de crianças?

Por fim, a embalagem cedeu e os colãs desdobraram-se numa comprida e dispendiosamente sedosa tira negra. A loja de conveniência por baixo da Companhia de Seguros de Saúde Lorimar não tinha meias de vidro pretas ou sequer escuras, o que era ridículo, tendo em conta que a loja ficava mesmo no centro da zona empresarial de Dublin, por isso Mel tivera de correr à butique ao lado do banco e desembolsar uns escandalosos dezasseis euros por um par de colãs de vidro. Tivera logo de arranjar uma malha nas meias no dia em que o chefe máximo da firma se dirigia às tropas.

Vários anos no mundo das relações públicas haviam ensinado a Mel um dos princípios orientadores centrais da mulher trabalhadora: um bom aspeto e as pessoas reparam em nós; um aspeto desleixado e apenas repararão no desleixo, quer seja o *eyeliner* esborratado, o verniz das unhas roído ou, *oh, meu Deus, olhem para aquelas raízes!*

Independentemente disso, Hilary, chefe do departamento de marketing e publicidade da Lorimar e chefe de Mel, ficaria muito provavelmente branca sob a sua base *Elizabeth Arden* se Mel cometesse o crime de aparecer na reunião com os colãs de vidro com uma malha.

Mel costumava dizer a brincar que Hilary era a pessoa em que desejava tornar-se quando fosse grande: sempre organizada, por oposição a esforçar-se por *parecer* organizada, e sempre na posse de um fornecimento de emergência de comprimidos para a dor de cabeça, colãs e perfume na pasta de pele italiana verdadeira.

A de imitação de Mel continha os seus próprios fornecimentos de emergência de metade de uma tablete de chocolate, um tampão com a embalagem rasgada, um paracetamol meio desfeito, várias canetas sem tampa e uma pequenina caixa de passas tão secas que se assemelhavam agora a algo retirado do túmulo de Tutankhamon. As passas eram ótimas para um lanche rápido, segundo as bíblias da alimentação infantil, porém, Mel descobrira que as drageias de chocolate eram bem melhores na prevenção de birras no supermercado da sua cidade natal, Carrickwell.

– Mais uma prova de como sou uma péssima mãe – gostava Mel de dizer na brincadeira para a sua colega do marketing, Vanessa. Faziam muitas piadas acerca de serem más mães, muito embora fossem capazes de matar quem quer que se atrevesse a chamar-lhes semelhante coisa.

Quando se era uma mãe trabalhadora, era essencial brincar-se com o que mais se temia, costumava Mel afirmar. A sua vida era dedicada a assegurar-se que Carrie, de dois anos e meio, e Sarah de quatro não sofriam as consequências de terem uma mãe que trabalhava fora de casa. Se pudesse de alguma forma evitá-lo, jamais alguém poderia descrever Mel Redmond como em falha no que quer que fizesse.

Adorava o seu trabalho na Lorimar, era uma profissional empenhada e jurara certa vez que seria uma das diretoras de publicidade da companhia quando chegasse aos quarenta anos.

Duas crianças haviam mudado tudo isso. Ou talvez Mel tivesse mudado em resultado de ter duas filhas. Um pouco como a história da galinha e do ovo, não sabia ao certo qual viera primeiro.

Resultado final: tinha agora quarenta anos, o cargo de diretora de publicidade estava mais longe do que alguma vez estivera e era já uma batalha manter todas as bolas no ar. A sua ambição, tal como as mamas, havia descaído significativamente com o advento da maternidade.

«Quando crescer quero ser uma mulher de negócios com um escritório e uma pasta», escrevera Mel aos onze anos num trabalho para a escola.

– És uma menina muito esperta – dissera o pai quando ela chegara a casa com o prémio que recebera pela dissertação. – Reparem nisto – anunciou o pai num almoço de família que reunira toda a gente segurando o caderno de cópias da filha aberto e mostrando a sua bonita e inclinada caligrafia. – A nossa pequena Melanie tem a quem sair. Inteligência não lhe falta.

O pai de Mel sempre quisera ir para a universidade, mas nunca houvera o dinheiro suficiente, por isso era para ele uma enorme alegria testemunhar o potencial da filha.

– Mas não te queres casar? – perguntara surpreendida a avó de Mel. – Se casares, poderás ter uma casa bonita, bebés, e ser muito feliz.

Mel, que gostava das partes das lições de história em que as raparigas tinham oportunidade de lutar, ao invés de ficarem em casa a cuidar da mesma, perguntara simplesmente: «Porquê?»

O pai ainda achava a história hilariante e contava com regularidade como a sua Melanie, já em criança, havia decidido ser uma mulher de carreira.

Mel amava o pai por se orgulhar tanto dela, mas acabara por odiar a história. Em criança, partira do pressuposto de que ser inteligente significava que se podia ter tudo. Hoje sabia que não era assim.

Agora tinha dois empregos: ser mãe e uma carreira e, ainda que toda a gente achasse que ela conseguia driblar ambas as bolas, Mel sentia que não estava a cumprir bem nenhum dos dois. Os padrões de Mel – para si mesma – era desconcertantemente elevados.

Não lhe restava tempo para investir na terceira parte da trindade, o casamento. Portanto, era deixar andar ao seu próprio ritmo.

«Como é que uma mãe trabalhadora sabe que o seu marido teve um orgasmo?», perguntava um recente *e-mail* enviado por uma sua antiga colega de faculdade. «Ele telefona para casa para lhe dizer.»

Fora a coisa mais engraçada que Mel lera em muito tempo, engraçada numa perspetiva histérica do tipo balsa-salva-vidas-com-um-buraco. Contudo, não podia partilhar a piada com ninguém, em especial com o marido, Adrian, não fora dar-se o caso de ele comentar o quanto estava correta.

Na casa da família Redmond, fazer amor ocupava o mesmo nível de importância que o tempo que o casal passava junto – nenhum – e de longos banhos com produtos de aromaterapia para redução do stresse – também nenhum.

Mel pensava ardentemente que, se se mantivesse calada e alegrasse a casa, sorrindo animadamente para Adrian, Carrie e Sarah, então talvez ninguém desse conta de que o seu amor e atenção eram esticados para além do limite.

«Delegue, reserve algum tempo para si e não deixe que a sua família espere que seja a supermulher», aconselhavam os artigos de revista acerca do stresse experienciado pelas mães que trabalham fora.

Depois de todos os anos que passara a trabalhar com jornalistas, Mel sabia que estes artigos eram escritos por um de dois tipos de mulheres: jovens encantadoras em bonitos gabinetes para as quais a

ideia de ter filhos era uma coisa distante; ou mães que trabalham como *freelancers* na mesa da cozinha entre idas à escola para levar e trazer os filhos, mulheres que há muito haviam percebido que é impossível gerir tudo, mas que ganham dinheiro a dizer às restantes que sim, que é possível.

Algun tempo para si? Que raio era isso? E como poderia delegar a lida doméstica e as compras semanais a um par de crianças com menos de cinco anos e um homem que não sabia interpretar o rótulo de uma lata à procura da percentagem de sódio ou de ácido benzoico?

Despiu os colãs rasgados e enfiou-os no saco antes de se afadigar a calçar os novos. Depois de um último puxão cuidadoso ao cós, alisou o tecido da saia cor de ameixa – da última estação da Zara, desenhada para parecer um modelo *Gucci* – e correu do cubículo para os espelhos, onde penteou o cabelo louro com os dedos à pressa. As raízes haviam crescido para além dos limites do bom gosto, raiando a fronteira entre o *funky* e o estou-m’a-borrifar. Mais uma tarefa para acrescentar à sua lista.

Pelo menos, ainda não aparentava quarenta anos, o que dava jeito, pois não tinha nem tempo, nem orçamento para botox. Parecer mais jovem do que era fora uma desvantagem quando tinha dezoito anos, pois parecia quatro anos mais nova e tinha de mostrar a sua identificação sempre que queria assistir a filmes para maiores de dezoito. Agora, dois filhos e incontáveis noites sem dormir, tal era uma bênção.

A natureza concedera a Mel um rosto pequeno e um queixo pontiagudo, pele pálida e sobrancelhas arqueadas que emolduravam um par de olhos amendoados da cor do céu depois de uma tempestade, com indícios de violeta em redor das pupilas. A *Maybelline New York* concedera-lhe pestanas espessas e negras e batom cor de cereja à prova de beijo que sobreviveria a um ataque nuclear. Ser detentora de um bom sentido de humor significava que tinha bastantes rugas em redor da boca, mas Mel achava, sinceramente, que não conseguiria suportar a dor que implicava fazer alguma coisa em relação às ditas. Após o segundo parto, em resultado do qual se vira obrigada a sentar-se num dónute de borracha durante uma semana, desistira da ideia de qualquer procedimento que envolvesse pontos.

Consultou o relógio de pulso. Passavam cinco minutos das dez. Raios, raios, raios. Atrasada. Demasiado atrasada para esperar pelo elevador. Trepou as escadas a correr, conseguindo localizar e aplicar o *gloss* nos lábios ao mesmo tempo que corria.

Edmund Moriarty, o diretor executivo da Companhia de Seguros Lorimar, acabara de tomar o seu lugar no topo da enorme sala de conferências, mas o zumbido das conversas ainda não se desvanecera por completo, o que permitiu a Mel esgueirar-se para dentro da sala e avançar para um lugar vazio à esquerda.

Sendo uma das maiores companhias de seguros de saúde do país, a Lorimar era também líder no mercado há vinte anos, mas várias empresas internacionais haviam entretanto surgido no mercado e manter o negócio era cada vez mais difícil. A reunião daquele dia tinha como objetivo delinear uma estratégia que ajudasse a Lorimar a enfrentar a ameaça, cada vez maior, que a concorrência representava.

De uma forma geral, as reuniões de estratégia eram para executivos de cargo elevado e uma pessoa como Mel, uma dos quatro gestores de publicidade da companhia, não teria sido convidada. Porém, tratava-se de uma reunião para «incentivar a equipa», «para nos recordar que continuamos a ser os melhores», como Hilary dissera, portanto, o peixe miúdo estava lado a lado com os tubarões. Interiormente, Mel achava que as únicas coisas que incentivariam e animariam a equipa seriam um aumento salarial e a contratação daquele modelo de roupa interior da *Calvin Klein* como estafeta. Contudo, agradecia a Deus por ser apenas uma reunião e não uma sessão de *paintball* no cu de judas,

ou mais longe, a ideia de *team-building* do ano anterior. As balas de tinta magoavam e deixavam nódoas negras bem visíveis.

Edmund Moriarty bateu no microfone para conseguir a atenção da audiência e todas as cabeças rodaram na sua direção.

– Como é que seguimos em frente? Essa é a questão – começou ele numa voz enrouquecida. – A Lorimar é líder de mercado, mas a apertada concorrência obriga-nos a manter sempre empenhados.

As setenta pessoas reunidas na sala escutavam-no atentamente. Mel tirou um bloco de notas da pasta e desatarraxou a tampa da caneta de ónix e ouro que os pais lhe haviam dado no quadragésimo aniversário. Muito embora tenha apontado a data no cabeçalho da página e mantido os olhos presos no orador, a sua mente estava na segunda folha de papel. A página de cima estava pronta para ser recheada com as pérolas de sabedoria proferidas pelo diretor executivo, por isso dir-se-ia que estava a prestar-lhe atenção. A folha de baixo era a lista de coisas que Mel tinha para fazer naquele dia – um dia que ia ficando mais curto à medida que Edmund pontificava acerca de coisas que todos os ali presentes já sabiam. A lista dizia:

Discurso para o almoço do fórum publicitário

Examinar as fotos da brochura a pente fino

Telefonar ao jornalista do *Sentinel* sobre caso psiquiátrico

Comprar fraldas, toalhitas e legumes. Frango, feijão e iogurtes das miúdas

Falar com o Adrian acerca de sábado. Mãe dele? Não posso pedir à minha

Comprar colãs!!!

Fantasia de fada – onde comprar?

Executar várias tarefas ao mesmo tempo era um modo de vida, Mel sabia-o, que permitia às mães com carreiras manterem os seus empregos ao mesmo tempo que impediam os respetivos lares de entrarem em colapso.

Observou as suas colegas e viu que estavam concentradas – ou pelo menos transmitiam a sensação de estarem – no que Edmund estava a dizer. O rosto de Hilary evidenciava aquela expressão serena que indicava que estava a escutar atentamente, já Vanessa contemplava o chefe máximo com um olhar vidrado ao mesmo tempo que tentava escrever uma mensagem no seu telemóvel. Vanessa tinha um filho adolescente de treze anos, Conal e, aparentemente, os rapazes de treze anos eram ainda mais difíceis de controlar do que duas meninas com menos de cinco anos.

Vanessa era divorciada e era naquela empresa a melhor amiga de Mel. Eram praticamente da mesma idade, tinham o mesmo sentido de humor e ambas haviam admitido uma à outra em privado que equilibrar o trabalho e a vida doméstica era dez vezes mais difícil do que o trabalho que tinham na Lorimar.

– Se as chefias soubessem o quanto somos boas a executar quatro tarefas ao mesmo tempo, como organizar a roupa para lavar, as atividades extracurriculares dos miúdos, fazer a lista das compras e apagar os fogos do escritório, seríamos ambas promovidas da noite para o dia – havia dito Mel na semana anterior durante a única extravagância mensal que faziam juntas: almoço no restaurante tailandês que tinha uns empregados muito giros.

– Sim, mas se fôssemos promovidas, teríamos de ficar até ainda mais tarde no escritório e acabaríamos a sentir-nos ainda mais culpadas em relação a isso. Assim, para quê tentar sequer partir o teto de vidro? Oh, perdão, o teto da culpa! – riu Vanessa, recordando-se da anedota.

Para as mães trabalhadoras, o teto promocional não era feito de vidro, mas antes de culpa maternal.

– Ou possivelmente um teto dourado – acrescentou Mel pensativamente. – Tem um ótimo aspeto, mas ao perto vê-se que é falso. – Baixou a cabeça, contemplando a sua agora modesta copa 34B. – Quem me dera ter dinheiro e coragem para as revitalizar.

– Oh, para de te lamentares acerca das tuas mamas – resmungou Vanessa. – Estão ótimas.

– Sim, claro, se ótimas for sinónimo de pendidas até aos joelhos, então, estão perfeitas – argumentou Mel com uma careta. – Bom, temos de deixar de usar a palavra «ótima». Sabes o que quer dizer? Obcecada, tramada, insegura, maquinadora e atarantada!

– Isso descreve-me na perfeição – brincou Vanessa. – Da próxima vez que alguém me perguntar como me descrevo, direi que sou ótima.

Ouvir o quanto Vanessa se debatia com o filho fazia Mel sentir-se mal por, em comparação, ter uma situação menos complicada. Adiara a maternidade até ser um pouco mais velha, o que significava que estava pronta para se entregar à mesma quando engravidou aos trinta e cinco anos. Vanessa descobrira as duas linhas azuis no teste de gravidez aos vinte e quatro anos.

Para além disso, Mel tinha um marido com o qual podia partilhar tudo. Vanessa tinha um ex-marido que, por sua vez, tinha uma nova mulher, uma nova família, e pouco ou nenhum interesse pelos erros que cometera na juventude, exceto no que dizia respeito a tentar livrar-se de pagar a pensão de alimentos a Conal. Sim, era bem certo que a máquina da roupa era um mistério para Adrian, e que ainda vivia com a impressão de que um grupo de duendes enchia o frigorífico à noite como que por magia. Contudo, apesar de tudo isso, estava presente, era mais um adulto que partilhava dos fardos da paternidade. Ninguém que alguma vez o tivesse visto laboriosamente a fazer *puzzles* com Carrie ou dinossauros de plasticina com Sarah poderia negar que era um pai excelente e incrivelmente paciente. Os dinossauros de Mel assemelhavam-se sempre a lesmas gigantes.

Também com o infantário tivera sorte. Os Tigrinhos, ao lado de Abraham Park, numa das mais bonitas ruas ladeadas de árvores de Carrickwell, era um local fantástico para as crianças. Mel ouvira verdadeiras histórias de terror acerca de infantários: bebés alérgicos a laticínios aos quais era dado leite; crianças pequenas a serem violentamente mordidas por outros... Nunca houvera este tipo de problemas no infantário Os Tigrinhos, mas como seria quando Sarah fosse para a escola? Mel decidiu sensatamente que apenas se preocuparia com isso quando a altura chegasse.

Dava graças por todas as bênçãos que tinha. Quem dera a muita gente ter o que ela tinha: um excelente emprego, um marido maravilhoso e umas filhas amorosas. Sim, nunca tinha muito tempo para ela mesma, era verdade, mas tinha algum. E tinha o seu trabalho, algo que jurara nunca abandonar mesmo quando tivera as filhas. Vivía o sonho da mulher moderna, não era?

Uma hora depois, Edmund Moriarty continuava a falar com entusiasmo.

– Preocupamo-nos – afirmava então. – É essa a mensagem que temos de passar a cada um dos nossos clientes: a Lorimar preocupa-se.

Mel assentiu com a cabeça, bem como todos os restantes: preocupamo-nos – mensagem recebida, ó glorioso líder.

Quando o olhar penetrante de Edmund, qual raio *laser*, passou por ela, como os holofotes de um campo de prisioneiros em busca de evadidos, Mel pôs-se a escrever diligentemente no seu bloco de apontamentos e contraiu o pavimento pélvico, como lhe fora ensinado na primeira e única aula de

Pilates a que assistira. Mais valia fazer qualquer coisa de útil durante a reunião.

Contrair e segurar enquanto contava até dez. Pilates era o caminho para seguir em frente e era até abordado na secção de saúde do *website* da companhia – no qual Mel estava envolvida – como um excelente meio de se ficar em forma. Mel ainda lamentava ter apenas conseguido ir a uma aula depois do parto, mas regressara ao trabalho três meses depois do nascimento de Sarah, dois depois do de Carrie e nunca conseguira arranjar forma de encaixar o Pilates no seu apertado horário. O seu pavimento pélvico teria de permanecer tão flácido quanto as suas mamas.

Por fim, Edmund calou-se e Mel pode escapar-se e regressar à sua secretária. Tinha dezassete mensagens no seu atendedor de chamadas. Eram todas relacionadas com o trabalho, exceto a última: «Olá, Mel, fala a Dawna dos Tigrinhos. Era só para lhe lembrar que amanhã é o dia em que a Sarah vai ao Jardim Zoológico, por isso será melhor vestir-lhe uma roupa um pouco mais quente. A Carrie também poderá ir, se a Mel quiser, mas, se chover, não levaremos os mais pequeninos. Eu sei que não é a melhor altura do ano, mas os tigres da Sibéria só vão estar no zoo mais uma semana e nós já tínhamos prometido às crianças que iríamos. São cinquenta euros para ambas as meninas e no preço estão incluídos o transporte, o bilhete e o almoço. Ou então, vinte e cinco euros, se for apenas a Sarah. Até logo. Adeus.»

Mel adicionou mais um item à sua lista. «Ida ao zoo das miúdas. Deixar o dinheiro ao Adrian.»

A quarta-feira era o dia em que Adrian levava as meninas ao infantário. Nos restantes quatro dias da semana era Mel antes de se meter no comboio que a levava de Carrickwell a Dublin, mas à quarta-feira havia uma reunião de pequeno-almoço no departamento de publicidade e marketing, por isso Mel tinha de chegar cedo ao escritório. Ainda se recordava de quando acordar mais cedo à quarta-feira fora uma enorme chatice, uma vez que tinha de colocar o despertador para tocar às sete e não às sete e meia. Isso fora antes do advento de duas filhas e antes de se terem mudado para Carrickwell. Dormir até às sete presentemente seria um luxo, uma vez que Carrie acordava fresca e bem-disposta todas as manhãs às seis horas.

– Óuá, mamã – ceceava ela quando Mel entrava apressada no quarto decorado com motivos do Ursinho Pooh, já de banho tomado, mas ensonada. Era difícil ficar rabugenta quando aquela pequena cara sorridente se virava para ela, os olhos brilhando de expectativa em relação ao que o dia lhe reservava, as mãos sapudas esticadas a pedir para ser tirada do berço. Embora tivesse dois anos e meio, ainda não gostava de sair da cama sozinha, ao contrário da irmã mais velha, que o fizera desde os dois anos. Porém, Mel sabia que isso aconteceria mais dia menos dia.

A manhã era uma das partes do dia preferidas de Mel. A alegria pura e autêntica de estar com as filhas, de sentir os beijos de bom dia delas, de testemunhar o prazer infantil e inocente que ambas retiravam de um novo dia, era o que a mantinha motivada.

Mais nenhum perfume no mundo era tão maravilhoso quanto o odor matinal a pele de bebé, uma combinação mágica de bolachas para bebé, champô e pura inocência. Carrie adorava mimos e exigia pelo menos cinco minutos de colo e abraços antes de consentir que a vestissem. Mel ficava habitualmente dividida entre querer os mimos tanto quanto a filha e saber que o tempo estava a contar.

Sarah era também uma menina que adorava as manhãs e falava pelos cotovelos ao pequeno-almoço, principalmente para colocar perguntas.

Porque é que o Barney é roxo era a sua atual pergunta predileta.

A função de Mel era arranjar uma resposta engraçada ao mesmo tempo que corria de um lado para

o outro da cozinha a preparar o pequeno-almoço.

– Caiu numa tigela de leite-creme lilás e gostou tanto que nem se lavou. Agora, salta para uma tigela de leite-creme lilás todos os dias.

– Mamã, que disparate! – Sarah rira a bom rir nessa manhã, e Carrie, que adorava abjetamente a irmã mais velha, rira também.

Sentada à secretária no minúsculo cubículo no terceiro piso da Lorimar, do qual se desfrutavam de umas vistas deslumbrantes das docas de Dublin, Mel esticou o braço e tocou na pequena moldura de onde os rostos de Adrian, Sarah e Carrie lhe sorriam. As três pessoas que mais amava em todo o mundo. As três pessoas pelas quais fazia tudo isto.

Mel passou duas horas a trabalhar no *website* com a ajuda de dois cafés e um *Twix*. O almoço era para pessoas que tinham tempo para fazer sanduíches antes de saírem de casa de manhã, ou dinheiro para as comprarem, caríssimas, ao homem que vinha todos os dias vendê-las ao escritório.

Enquanto bebia o segundo café, Mel olhou para a sua lista de afazeres e desenhou um círculo em redor da palavra «zoo». Havia levado Sarah ao jardim zoológico pela primeira vez quando ela tinha dois anos. Mostrar ao leões e elefantes verdadeiros depois de tanto tempo a vê-los em livros era um daqueles marcos importantes na educação de um filho. Quantos pais já não conseguiam fazer coisas assim, interrogou-se. Quantas mães perdiam essa oportunidade e tinham de cingir-se ao relatório do infantário: «A Carrie viu leões e focas e porquinhos no zoo infantil. Comeu um gelado e zangou-se quando viu os macacos, por causa do barulho que eles faziam. Portou-se muito bem!»

Terminado o almoço, Mel examinou as mais recentes páginas para o *website*, passando a pente fino cada linha e imagem. No mês anterior, um gigantesco erro ocorrera quando um parágrafo acerca de novos procedimentos para a colocação de próteses na anca fora parar a um artigo sobre a disfunção erétil. Muita risota houvera no escritório perante a ideia de que «uma inovadora cirurgia laparoscópica, efetuada sob anestesia local, poderia eliminar de vez a necessidade de dolorosas operações de substituição, permitindo aos doentes regressarem ao ativo em apenas vinte e quatro horas».

– Eu diria que muitos clientes do sexo masculino juraram manter-se longe do médico quando leram esse parágrafo – gracejara Otto da contabilidade. – Substituições de membros não são exatamente aquilo de que um homem quer ouvir falar quando tem problemas nesse departamento.

A chefe de Mel, Hilary, não achara tanta piada, e mostrara-se totalmente desinteressada na explicação de Mel de que o erro aparecera misteriosamente quando o *web designer* estava a trabalhar na página. Mel era responsável e ponto final.

– Trata-se de um erro terrível – dissera Hilary naquele tom gélido de desapontamento que era bem mais assustador do que se tivesse gritado com Mel. Hilary atingia sempre os mínimos olímpicos no que a fazer as pessoas sentirem-se um fracasso dizia respeito. – Talvez alguém do *design* o tenha feito como uma piada juvenil, mas tu devias ter apanhado o erro. Aposto o meu bónus como vai aparecer como citação da semana em todos os jornais de domingo.

Hilary não dissera que Edmund, que reparava em tudo, sem dúvida que culparia Mel e que isto não iria ficar nada bem no seu ficheiro. Mel sabia-o, não precisava que ninguém lho dissesse. E os erros no ficheiro de uma mãe trabalhadora eram multiplicados por dez. Na Lorimar, ser-se uma mãe trabalhadora era como ser-se uma mulher marcada. Assim que uma mulher dava à luz, independentemente da ambição e do empenho que demonstrara anteriormente, era como se estivesse a queimar os últimos cartuchos. Um filho era visto como um descuido, dois era estar a pedir sarilhos.

O facto de Hilary ter três filhos também não ajudava. Durante todos os anos que Mel trabalhara para Hilary, nunca vira a sua chefe sair mais cedo por causa de alguma emergência relacionada com os filhos ou tirar um dia para assistência à família.

– Como é que ela consegue? – costumava Vanessa perguntar em setembro, quando chegava a altura de comprar livros escolares e uniformes para Conal e tentava desesperadamente tirar meios-dias aqui e ali ao mesmo tempo que Hilary, sempre firme na sua secretária, caçava impiedosamente os que se tentavam esgueirar.

– Não devem ser crianças, são robôs – decidira Mel. – Só pode ser. Não vejo outra explicação.

– Ou então tem um marido que trabalha a partir de casa ou uma ama que ganha mais que o presidente da Microsoft – aventou Vanessa.

– És capaz de ter uma certa razão – concordou Mel.

Às cinco, Mel tinha já devolvido todos os telefonemas e estava a terminar uma pilha de cartas. Tinha ainda de escrever um relatório acerca da atividade mensal do departamento de publicidade para Hilary, mas, se não saísse do escritório às cinco e um quarto, perderia o comboio e chegaria atrasada à escola para ir buscar as filhas. Teria de fazer o relatório na viagem para casa.

Vinte minutos mais tarde, Mel trocou os sapatos de salto alto pelos rasos, encheu o Thermos de café e correu para o frio da noite. Com sorte, estaria em casa às sete.

Eram sete e dez quando Mel estacionou o carro frente à casa, ajudou Sarah e Carrie a sair e reuniu toda a tralha. Era, como sempre, um alívio estar em casa.

«Carrickwell é um sítio tão bonito e tranquilo», todos os amigos haviam concordado quando Mel e Adrian deixaram o apartamento em Christchurch para se mudarem para o campo. Sarah era ainda uma pequena bossa sob a *T-shirt* de pré-mamã de Mel que anunciava *Em Construção*. «É uma cidadezinha perfeita para educar crianças. E as escolas são espetaculares.»

Mel e Adrian haviam concordado e, cruzando o olhar daquela forma quase telepática típica de um casal que se conhece muito bem, nada haviam revelado acerca de como tinham metido os pés pelas mãos antes de terem chegado àquela decisão.

Eram ambas pessoas nascidas e criadas na cidade, por isso a ideia deste idílio campestre não era tão apelativa como todas as restantes pessoas pareciam achar. Havia outros fatores envolvidos.

Os pais de Mel haviam-se mudado da cidade há dez anos para uma pequena casa a meio caminho entre Carrickwell e Dublin, o que significava que a mãe de Mel estaria por perto para ajudar a cuidar da bossa.

Em Dublin, nunca teriam dinheiro para pagar uma casa de quatro assoalhadas numa rua tão bonita. E ambos achavam que seria bom para as crianças terem o campo mesmo ao virar da esquina – perfeito para piqueniques em família. Essa pelo menos era a teoria. Na realidade, Mel agora só apreciava o campo a partir das janelas do comboio que a levava e trazia do trabalho.

O fator decisivo fora as escolas locais. Contudo, era-lhes agora feito sentir que haviam perdido o barco nesse departamento. Sarah e Carrie estavam inscritas nas melhores escolas de Carrickwell, mas a máfia materna local era da opinião de que os nomes delas haviam de ter sido adicionados à lista quando eram ainda embriões, para assim assegurarem um lugar na melhor das melhores, a Carnegie Junior School. Já para não falar que aprender a tocar a flauta de bisel não fazia parte do currículo dos Tigrinhos. As mães à séria punham os seus filhinhos a tocar Bach na flauta para impressionar a comissão de admissão da Carnegie. Sarah manejava muito bem o comando da

televisão, mas Mel suspeitava que não devia ser a mesma coisa.

Fora o enorme jardim das traseiras do número dois de Gold-smith Lawn que os havia convencido a ficar em Carrickwell.

– Podíamos plantar umas macieiras – sugerira Adrian quando folheara a brochura da agência e vira a comprida e estreita tira de relvado com um velho barracão verde no canto.

– E podíamos pendurar um baloiço na cerejeira – suspirara Mel. Ambos haviam sorrido e Mel acariciara a sua despontante barriga, convenientemente esquecendo que nenhum deles era capaz de usar um martelo e um prego sem provocarem quase uma derrocada.

Cinco anos depois, no jardim ainda não havia macieiras e as ervas daninhas tinham declarado um estado independente junto ao barracão, mas havia um baloiço de plástico num dos ramos da cerejeira. Sarah adorava-o.

Corria agora alegremente à frente da mãe em direção à porta da frente, segurando a sua pequena mochila branca de bolinhas cor de rosa, enquanto Mel seguia na retaguarda, carregando a sua pasta, Carrie e toda a tralha desta.

A porta da frente do número dois estava pintada num verde brilhante e ladeada por duas coníferas anãs em vasos de madeira condizentes no degrau. Aquando da mudança, Mel e Adrian haviam passado o equivalente a dois meses em fins de semana a tratar do jardim da frente, para que se tornasse algo que não exigisse muita manutenção e não destoasse muito dos bem cuidados jardins dos vizinhos. A minúscula tira de relva fora substituída por gravilha bege com várias gramíneas e plantas ornamentais agrupadas nos dois canteiros em cada ponta. Tudo parecia muito bem tratado, mas era apenas uma habilidosa ilusão.

Assim que Mel abriu a porta da frente, a realidade veio ao de cima. O vestíbulo tinha um ar aborrecido, a tinta a lascar e o chão de madeira a necessitar urgentemente de um mês de entusiástica bricolage. Tudo na casa estava a precisar de obras – «e não estaremos todos?», pensou Mel lugubrememente. Nunca havia tempo suficiente para tudo. Adrian trabalhava na área da tecnologia de informação numa zona industrial a meia hora de carro de onde moravam e, desde que começara a fazer um mestrado pós-laboral, nunca mais tivera um momento para o que quer que fosse que envolvesse pregos, martelos ou tinta.

– Cheguei! – gritou Mel ao mesmo tempo que largava as tralhas no chão do vestíbulo e beijava Carrie na testa antes de a pousar no chão.

Não houve resposta, mas a porta da cozinha estava fechada. Entre guinchos de satisfação, Sarah e Carrie entraram no quarto de brincadeiras. Mel achava que era boa ideia ter um sítio com os brinquedos das crianças, se não estes acabavam por ocupar toda a casa, por isso a sala de jantar era agora o quarto de brincadeiras, com a mesa empurrada contra a parede e os brinquedos a transbordarem das enormes caixas de arrumação rosa e lilás. Seguindo a rígida tradição das cores para meninos e meninas, tudo era cor de rosa e lilás. Mel ansiava pela altura em que cores mais subtis começariam a tomar conta da casa.

– A máquina da louça está avariada – anunciou Adrian assim que ela entrou na cozinha com os sacos com a roupa suja trazidos do infantário.

Sentado à mesa da cozinha com os livros espalhados à sua frente, olhou para a mulher e presenteou-a com um sorriso pesaroso. Adrian tinha um ar escandinavo, com cabelo louro curto, olhos azuis pálidos e pele que reagia ao mínimo raio de sol, o que lhe dava sempre um ar bronzeado, ao contrário de Mel, com a sua tez celta. Sarah e Carrie haviam herdado o cabelo e a pele do pai e os

bonitos olhos e esguia constituição óssea da mãe. Quando Mel conhecera Adrian, ele exibia a constituição de um corredor de maratonas, apesar de viver de comida chinesa e pizzas. Contudo, com o passar dos anos, a falta de exercício e um apetite pelo que não devia comer, tornara-se mais sólido. Mais fofinho, dizia ela. «A necessitar de ir ao ginásio», comentaria Adrian com bom humor.

Se pudessem dar-se ao luxo de pagar o ginásio, isto era.

Mel deu-lhe umas palmadinhas afetuosas no braço a caminho da copa para pôr roupa a lavar.

– Tens a certeza que a máquina da louça está mesmo avariada? – perguntou. Eletrodomésticos avariados implicava mandar chamar alguém que os viesse consertar quando também alguém estivesse em casa, tarefa que rivalizava em complexidade com a coreografia de *O Lago dos Cisnes* no gelo.

– Os pratos saíram mais sujos do que entraram – respondeu Adrian. Apontou para a bancada, onde se encontrava uma caneca branca suja com restos de comida.

– Tens a certeza que não era uma colher presa no rotor? – perguntou Mel esperançosamente.

– Receio que não.

Pôs a máquina da roupa a funcionar, esvaziou o copo de sumo e a marmita do lanche de Carrie e depois lançou mãos à obra à mochila de bolinhas de Sarah, com o equipamento da ginástica, a mente percorrendo todas as tarefas que precisava de completar antes de se deitar. Depois, enfiou o frango com cogumelos e pimentos do jantar das filhas no microndas, colocou um tacho com água ao lume para cozer umas massas e tirou um pano de cozinha lavado, lançando o sujo para o cesto da roupa como se fosse uma jogadora profissional de basquetebol.

– Dás um olhinho nas miúdas enquanto eu mudo de roupa? – pediu Mel já a sair pela porta.

– Está bem – respondeu Adrian distraidamente.

No piso de cima, Mel despiu a roupa de trabalho e vestiu umas calças de fato de treino cinzentas e uma camisola encarnada. Tirou os brincos em tempo recorde – Carrie adorava brincos e Mel tinha já perdido naquela semana um muito bonito em prata – e no espaço de três minutos estava na cozinha a terminar o jantar das filhas.

As meninas estavam já ao colo do pai, os livros empurrados para longe ao mesmo tempo que lhe contavam o que tinham feito na escola.

– Fiz um retrato de ti, papá – declarou Sarah num tom sério. Era uma menina do papá, capaz de lidar com qualquer trauma infantil desde que tivesse os braços do pai a rodeá-la.

– És muito habilidosa – comentou Adrian carinhosamente, beijando-a na cabeça. – Mostra lá. Oh, está muito bonito. Isso sou eu?

Sarah acenou que sim com um ar orgulhoso.

– Esta é a Carrie e ali está a avó Karen, e aqui sou eu. – De onde estava a mexer o esparguete, frente ao fogão, Mel deitou uma vista de olhos ao desenho. À semelhança de todos os desenhos de Sarah, fora feito com a habitual tríade de lápis cor de rosa, laranja e lilás, com Adrian, a mãe de Mel, Karen e Sarah todos sorridentes e muito altos. Carrie, à qual Sarah nunca perdoara verdadeiramente por ter nascido, tinha um quarto do tamanho dos restantes e assemelhava-se a um boneco palito. Não havia nem sinal de Mel.

– Onde está a mamã? – inquiriu Adrian.

Mel, que muito lera acerca da ansiedade de separação, não teria feito tal pergunta, mas susteve a respiração para ouvir a resposta.

– Está noutra página. No trabalho – explicou Sarah, como se fosse perfeitamente óbvio. Mostrou então outro desenho, com uma casa maior e a mãe do lado de fora com a pasta na mão. A pasta era

quase tão grande quanto a própria Mel, mas tinha de admitir que Sarah acertara no cabelo: meio castanho, meio louro e frisado.

– Ah! – disse Adrian.

Mel percebeu que ele a olhava compassivamente por cima da cabeça de Sarah e sorriu para o marido como quem dizia, estou ótima. E estava, se a definição fosse obcecada, tramada, insegura, maquinadora e atarantada.

– Mas a mamã só está a trabalhar quando tu estás na escola. O resto do tempo está aqui, a tomar conta de todos nós. É uma supermãe – argumentou Adrian. – Devia ser ela a estrela da fotografia da família, não devia?

Sarah acenou que sim e abraçou-se ao pai, delineando o cabelo louro pálido da avó com um dedo. A avó estava no retrato da família, mas não a mãe. Mel sentiu uma nova punhalada de amargura, desta feita dirigida à sua mãe.

A energética Karen de sessenta e um anos era ao mesmo tempo a arma secreta de Mel e uma fonte de enorme ressentimento.

Karen estava sempre pronta para se atirar para a brecha se as meninas adoecessem, para que Mel não tivesse de faltar ao trabalho, e, involuntariamente, para fazer comentários sobre como haviam chorado pela mamã ou não.

Não era que Karen não apoiasse a decisão da filha de trabalhar. Apoiava. Contudo, sem ela, todo a ordem transformar-se-ia em caos e algures na mente de Mel residia a noção de que não era suposto ser assim. Ela mesma devia, em última análise, ser responsável por Carrie e Sarah, não a avó. Como exemplo podia tomar-se a amigdalite de Carrie no mês anterior. Mel levava-a à urgência no fim de semana, mas, como na segunda-feira ainda não se haviam produzido melhoras, a avó Karen levava-a ao médico de família.

– O médico diz que talvez não seja má ideia operá-la às amígdalas – relatara Karen pelo telefone naquela manhã, ao mesmo tempo que Mel a escutava, ansiosa, depois de se ter esgueirado para fora da conferência do fórum para a saúde à qual não se pudera furtar. – Diz que precisa de falar contigo, se tiveres um tempinho.

Mel eriçou-se. *Se tivesse um tempinho.* Quem é que ficara toda a noite aos pés da cama de Carrie? Quem é que a levava à urgência e ficara ansiosamente à espera, a cantar a música do Bob, o Construtor, durante duas horas enquanto esperava que as chamassem?

– Como é que ele se atreve? – rosnara. – Aposto que nunca tem de se preocupar com os filhos porque tem uma mulher em casa que faz tudo por ele.

– Mel, querida, o médico não o disse com essa intenção – argumentara a mãe, na defensiva. – És uma mãe ótima, todos nós o sabemos.

«Sabemos?», pensou Mel. «E quem é “nós”?»

– Ele apenas queria dizer que devias conversar com ele acerca da possibilidade de extrair as amígdalas à Carrie. Agora que ela já tem mais de dois anos, já podem operá-la e talvez fosse preferível não se esperar muito tempo. Quanto mais velhos são, mas difícil é a recuperação. – A mãe parecia saber tudo. «De onde é que vem esta sabedoria materna?», pensou Mel. «E quando é que eu consigo alguma?»

– É um desenho muito bonito, Sarah – comentou Mel num tom imparcial. – Queres colocá-lo no frigorífico?

Sarah acenou alegremente com a cabeça e Adrian sorriu para a mulher.

«Mais um momento difícil ultrapassado», pensou Mel. Toda a gente achava que ela geria tudo na perfeição. Que diriam se confessasse que por vezes sentia que tudo se lhe escapava por entre os dedos?

A hora do banho pareceu demorar uma eternidade naquela noite. Carrie adorava tomar banho e brincava sempre com o patinho de plástico como se nunca antes o tivesse visto, vertendo alegremente água pela cabeça do boneco para que saísse por trás e fizesse as asas do pato bater.

– Olha, mamã! – guinchava ela toda satisfeita ao mesmo tempo que as asas batiam mais depressa. – Olha!

Mel riu também, sentindo alguma da tensão do dia desvanecer-se. As crianças pequenas eram maravilhosas, sempre entusiasmadas, sempre prontas para se sentirem felizes. Em contraste, Sarah estava triste, sentada na água com sabonete de alfavaca com um ar de criança abandonada, os olhos cheios de tristeza.

– Amanhã vens comigo ao zoo, mamã? – perguntou ela ao mesmo tempo que Carrie chapinhava na água.

Mel sentiu um aperto no coração. Pobre Sarah.

– Sabes que não posso – respondeu Mel num tom animado. – A mamã tem de ir trabalhar, mas gostava muito de ir ao jardim zoológico contigo.

– Eu quero que tu venhas. – Sarah pegou num dos peixes de borracha de Carrie, fez pontaria ao pato e lançou-o. O peixe não acertou no seu alvo, mas aterrou no pé de Sarah, fazendo-a guinchar de susto e dor. O lábio inferior começou então a tremer.

– Gostavas de ir à quinta com o pai e a mãe no fim de semana? – adulou-a Mel, em desespero. A quinta, com cabras, ovelhas e um par de pôneis *Shetland* aos quais se podia fazer festas e dar comida, ficava a alguns quilómetros de distância, nas encostas de Mount Carraig, e ambas as meninas a adoravam. Escusado seria dizer que ir à quinta não estava nos planos de fim de semana de Mel, mas conseguiriam ir se ela fosse às compras na sexta-feira à noite ao invés de no sábado.

– Não, a quinta não – recusou Sarah sacudindo obstinadamente a cabeça molhada. – Quero a mamã e o zoo. – Quando estava cansada e rabugenta, Sarah recorria a um modo de falar mais infantil.

Mel sabia que devia ter arranjado uma explicação melhor para o facto de não poder ir com a filha, mas não lhe ocorrera nada. A pouca energia que ainda tinha esgotara-se-lhe.

– Sarah, eu não posso ir contigo. Mas a Dawna vai e tu adoras a Dawna.

Por um breve segundo, os olhos de mãe e filha cruzaram-se, o mesmo azul cândido com reflexos de violeta perto da íris concedendo-lhes uma espantosa profundidade. Nesse momento, Mel achou que a filha parecia muito mais velha e sensata, como se conseguisse vislumbrar a exaustão e culpa no olhar da mãe e soubesse que Mel faria qualquer coisa para estar em dois lugares ao mesmo tempo se com isso garantisse a felicidade de Sarah. Depois o momento desapareceu, substituído pela infantil ideia de que a mãe estava mais uma vez a escolher o trabalho em detrimento da filha. Mel interrogou-se por que motivo Adrian dissera às filhas que ela era uma supermãe. Era uma porcaria de mãe.

* * *

– Demoraste tanto – fez notar Adrian quando ela chegou finalmente à cozinha, às oito e dez, carregando roupa suja, toalhas molhadas e uma tosta meio comida que encontrara esmagada no tapete do patamar.

– A Sarah não queria dormir – murmurou Mel. Largou a roupa no cesto, que parecia mais uma vez cheio, e encaminhou-se para o frigorífico, ansiando por um copo de vinho. Não havia, por culpa do que haviam estabelecido na semana anterior: não se abriam garrafas de vinho durante a semana, porque se não ela beberia um copo todas as noites e tal seguramente que não lhe fazia bem. Temos pena. Onde estava o saca-rolhas?

As bebidas alcoólicas estavam trancadas a sete chaves num armário da sala de jantar. Mel escolheu uma garrafa do caro *Chablis* que Adrian adorava. Estendeu-lhe um copo, que ele aceitou sem levantar a cabeça dos livros. Ao lado dele repousava um prato de torradas com feijão. Os exames eram em maio e ele aproveitava todos os minutos que tinha para estudar com afinco.

– Excelente vinho – murmurou ele, ainda concentrado nos livros.

– Mmmm – comentou Mel, saboreando um gole. Bem melhor que o vinho de garrafas com tampa de desenroscar que costumavam beber antes de terem conseguido um bom emprego. O trabalho esgotante tinha de ter algumas compensações. Um pensamento aflorou à cabeça de Mel: o seu emprego resumir-se-ia apenas a isso – ao dinheiro? Saía de casa para ir trabalhar e pagava a outra pessoa que educasse as suas filhas para que Adrian e ela se pudessem dar ao luxo de beber bom vinho?

Mel acabara de comer a sua tosta com feijões, estava meio a ler o jornal meio à espera que a máquina da roupa terminasse de lavar para poder lavar mais uma carga, quando Adrian disse:

– Oh, já me esquecia de te dizer que a Caroline telefonou quando estavas a dar banho às miúdas para te lembrar que temos encontro marcado no Pedro's Wine Bar na quinta-feira à noite, às oito e meia. E perguntou se a podias ir buscar, caso levasses o carro.

– Oh, raios – resmungou Mel. – Era a última coisa que me apetecia fazer esta semana. E ela está careca de saber que eu não levo o carro para o emprego.

Caroline era uma velha amiga que vivia nos subúrbios de Dublin e a ocasião era a festa de Natal, atrasada, que costumavam organizar com mais uns quantos velhos amigos e cancelada tantas vezes que por fim tinham decidido fazê-la em janeiro. Outrora, Caroline e Mel haviam partilhado um apartamento e trabalhado na mesma empresa, saindo juntas à noite, comparando notas sobre homens e planeando de que modo iriam governar o mundo quando a altura delas chegasse. Agora, Caroline era uma mãe de três a tempo inteiro e completamente dedicada à sua missão.

Era, tal como Mel e toda a gente reconhecia, fabulosa na sua função. Ser mãe era a sua verdadeira vocação, e não beber vodcas triplos em bares duvidosos, como Mel gostava de brincar para a arrelhar.

Mel sabia que os três filhos pequenos da sua amiga nunca tinham comido uma única coisa saída de um frasco quando eram bebés. Se fosse outra pessoa qualquer que não a diplomata Caroline, Mel ter-se-ia visto obrigada a sentir-se hediondamente culpada. Os seus planos de reduzir cenouras biológicas a puré haviam caído em saco roto quando regressara ao trabalho e descobrira que comprar e transformar em puré legumes biológicos era uma enorme maçada quando comparado com comprar frasquinhos de puré para bebés com rótulos engraçados. Assim como assim, as miúdas gostavam mais do conteúdo dos frascos do que alguma vez tinham gostado das suas papas laboriosamente esmagadas e passadas pela máquina.

Tudo se resumia a uma opção, afirmava Caroline com total serenidade. Gostava de estar em casa com os filhos a fazer bolos e ter outros miúdos alvoraçados para lanchar com os dela, mas isso não era para toda a gente.

– Tu estás lá fora no mercado de trabalho a mostrar como é, Mel – dissera Caroline. – Uma de nós tem de ser uma capitã da indústria e, uma vez que não serei eu, gostaria muito que fosses tu. Só não esqueças os teus humildes e velhos amigos quando receberes o prémio Nobel por Serviço ao Setor Empresarial, ou lá o que for.

– Para com isso – pediu Mel. – Estás a fazer-me chorar.

O que não compreendia era por que motivo Caroline não regressara ao trabalho agora que os rapazes estavam todos já na escola. Não que alguma vez se atrevesse a fazer tal pergunta a Caroline, pensou enquanto marcava o número da amiga.

– Olá, Caroline, desculpa não te ter atendido. Estava a dar banho às miúdas.

– Olá, Mel, eu sei, eu é que telefonei em má hora. Não queria incomodar-te no trabalho. Então, como estão vocês? – Caroline soava descontraída e feliz e por algum motivo isto irritou Mel mais do que devia. Caroline desistira do seu emprego, onde ocupava um cargo de chefia, para ficar sentada em casa a assistir ao canal Disney – devia estar entediada e irascível, não feliz.

– Estamos todos bem – mentiu Mel. – Tudo perfeito. – Fez uma pausa, esperando que uma súbita mudança de planos tivesse feito com que a reunião de quinta-feira fosse cancelada. Não se atrevia a cancelar de novo, embora fosse essa a vontade que tinha. O que tinha na cabeça quando concordara com uma saída à noite a meio da semana, e logo uma semana tão atribulada? Teria de ir diretamente do trabalho para o restaurante e depois meter-se num comboio tardio para casa e acabaria por não ver Sarah e Carrie.

– Acerca do jantar de quinta-feira... ?

– A Val vai e a Lorna está desejosa de meter o nariz fora de casa – disse Caroline. – Seria de crer que há muito que não sai, mas eu sei de fonte segura que eles estiveram fora no Ano Novo. Vai ser fabuloso. Acho que vou vestir a minha camisa cor de rosa nova, sabes, aquela de que te falei? É lindíssima, mas é um pouco transparente, por isso, provavelmente ponho um *top* por baixo, pois, se usar um sutiã normal, vai-se ver. Já a experimentei duas vezes hoje e continuo indecisa quanto a levá-la. Também experimentei a outra creme e estampada de que te falei, e não me fica mal. Não é tão formal, mas... o facto é que gosto mesmo da cor de rosa.

Por breves instantes, Mel imaginou como seria ter tempo para decidir o que vestir numa saída à noite ao invés do habitual pânico matutino de última hora em que corria ao quarto e tirava qualquer coisa mais cintilante do roupeiro para levar para o emprego e alegrar a roupa de trabalho ao final do dia.

– Achas que o rosa é adequado ou que vou parecer uma velha a querer passar por nova? – perguntava Caroline.

«Teriam as outras pessoas também desejos de matar os amigos com as próprias mãos, ou seria apenas ela?», pensou Mel. Ter-se-ia transformado numa temível harpia agora que tinha tudo o que sempre afirmara que queria, como filhos e um bom emprego?

– Que te parece? O rosa pode ser o azul-escuro da Índia ou lá o que é, mas seda cor de rosa bebé numa mulher de trinta e nove não é pedir demasiado?

– Rosa parece-me muito bem – respondeu Mel num tom imparcial.

– Muito bem, estão vai a blusa rosa. Estou ansiosa pelo jantar, só te digo. Por vezes, é preciso sair de casa para nos darmos conta de que há um mundo inteiro do lado de fora da porta, não achas?

– É bem verdade – disse Mel –, nem mais.

– Sobrou vinho? – perguntou Adrian quando ela desligou.

– Sim, mas não devíamos beber demasiado durante a semana. Acabamos com a garrafa amanhã – respondeu Mel e, por um momento, horrorizada, deu-se conta de que estava a usar o mesmo tom conciliador que usava com as filhas. E, pior ainda, Adrian parecia nem se ter dado conta.

O Pedro's Wine Bar era o tipo de lugar onde os funcionários da Companhia de Seguros Lorimar iam durante a pausa para o almoço quando queriam mais do que a habitual meia hora para devorar uma sanduíche. Era um moderno estabelecimento italiano com um ambiente à meia-luz, e uma vela em cada mesa, onde se planeavam tramas, se conduziam relações extraconjugais e as pessoas ocasionalmente bebiam demasiado por causa do emprego/da vida doméstica/do extrato do cartão de crédito/todas as razões acima mencionadas.

Caroline, Lorna e Val adoravam o restaurante porque lhes lembrava a vida que tinham antes de serem mães, quando podiam desfrutar de longos almoços na cidade e planejar golpes com os colegas enquanto empregados de mesa bem-parecidos pairavam em redor segurando garrafas de *Frascati* e farejando boas gorjetas. As razões precisamente por que Mel não gostava de lá ir.

– Ooh, *cocktails* – guinchou Lorna, assim que passaram a porta do restaurante na quinta-feira à noite. Agarrando no cardápio plasticizado dos *cocktails*, leu entusiasticamente a lista. A meio, largou a rir.

– Quem quer um Mamilo Escorregadio? – perguntou, arqueando as sobrancelhas.

– Para mim, vinho – disse Val pesarosamente. – Se não, amanhã de manhã não me levanto.

– É como eu – concordou Caroline, lembrando-se que tinha de levar os filhos à escola.

– Oh, vá lá, descontrai. Bebe um... – Lorna examinou a lista – *Vodkatini, Manhattan*, não! Um *Pink Lady*, a condizer com a tua camisa. E tu, Mel? Tenho a certeza que durante a semana vais a eventos organizados pela empresa. Qual é atualmente a bebida da moda para mães entediadas e velhas como nós?

Mel deu-se conta de que continuava a segurar a mala com toda a força, os tendões das mãos sobressaindo, quais gavinhas. Estava ainda sintonizada com o stresse daquele dia e pela frente não tinha uma entorpecedora e familiar viagem de comboio que o mitigasse. Cuidadosamente, pousou a mala na cadeira a seu lado e tentou entrar no espírito do serão. Não iria permitir que Lorna a irritasse.

– Os eventos empresariais são raros hoje em dia – respondeu num tom imparcial. – E, quando os há, não bebo, por isso não sou a pessoa certa para te indicar as bebidas da moda. Também prefiro vinho, mas apenas um copo. Tenho uma reunião amanhã de manhã bem cedo...

– Vocês, executivas, não sabem relaxar e divertir-se – interrompeu Lorna. – Só um *cocktail* e a seguir portamo-nos bem, pode ser?

Depois de os *cocktails* terem chegado, o tema de conversa mudou: escolas. Lorna estava profundamente envolvida na associação de pais e professores da escola dos seus filhos e, durante a segunda rodada de *cocktails*, Mel ficou espantada ao saber que Caroline se juntara a um grupo nacional de pressão que lutava por um maior envolvimento dos pais nas escolas primárias.

– Isso é fantástico, fazes muito bem em envolver-te – comentou Val num tom culpado, mexendo o seu *White Cranberry Ice*, uma mistura letal que descia demasiado depressa. – Eu também devia, mas... – olhou para Mel como se estivessem ambas no mesmo barco – é tão difícil arranjar tempo, não é? Estou já tão assoberbada com tudo. Continuo a frequentar os Weight-Watchers e só me falta

emagrecer três quilos.

Toda a gente ergueu o copo num brinde e comentou que ela estava maravilhosa.

– Obrigada – disse Val toda orgulhosa. – Tenho de encaixar uma caminhada três vezes por semana no meu horário e com todas as atividades extracurriculares dos miúdos, como a ginástica... Eu já vos disse que a Maureen entrou para a ginástica? Duas vezes por semana... Não me resta tempo para mais nada. – Lançou novo olhar de relance e de cumplicidade a Mel.

Mel não lhe devolveu o olhar. Não podia. Não havia comparação entre ela e Val. Val era mãe vinte e quatro horas por dia e, se não conseguia encaixar a associação de pais no seu horário porque estava ocupada a fazer biscoitos de alfarroba sem aditivos e a manter-se em forma, então dificilmente tal podia ser encarado como um crime.

Para além disso, Mel descartava-se das suas tarefas de mãe entre as nove e as cinco – ou, mais precisamente, entre as sete e meia da manhã e as sete da noite – e se Carrie ou Sarah um dia decidissem que queriam entrar para a ginástica, então como raio se iriam organizar?

– Como estão a Carrie e a Sarah? – inquiriu Lorna, centrando a sua atenção em Mel. – A Sarah não tarda deve estar a ir para a escola. É um acontecimento marcante, não é? – Suspirou. – Num dia são bebés e no dia seguinte já começaram a escola.

Mel ficou à espera para ver se Lorna faria o seu habitual comentário acerca de como estava feliz por ter abandonado o trabalho quando Alyssa nascera, porque a infância passava num instantinho e era imperioso estar-se presente. Por vezes, para tornar a coisa ainda pior, mencionava o quanto devia ser difícil para Mel ter perdido todos os momentos importantes na vida das filhas.

– Não estou a apontar-te o dedo quando digo isto, Mel – começou Lorna com a mesma inevitabilidade de um trovão que se segue ao relâmpago –, mas deve ser bem complicado para qualquer pessoa que tenha de sair para trabalhar. Perde-se tanto da vida dos miúdos. Li algures no outro dia, numa revista, que as educadoras por vezes mentem aos pais.

– Mentem acerca do quê? – quis saber Mel, preparada para o combate.

– Mentem sobre quando a criança deu os primeiro passos, por exemplo – respondeu Lorna com jovialidade. – Pelos vistos, dizem que a criança quase conseguiu andar, por exemplo, para que assim, quando o fizerem em casa, os pais pensem que estão a testemunhá-lo pela primeira vez. É triste. – Presenteou Mel com um sorriso falso. – Sinceramente, as mulheres têm de lidar com tanta coisa, não é? Mas vale a pena. As crianças fazem com que tudo valha a pena.

– E bem verdade – concordou Caroline.

– Nem mais – acrescentou Val com toda a convicção.

Mel reviu mentalmente todas as coisas que queria dizer a Lorna e achou que era melhor manter-se calada.

A conversa mudou então de tema e começaram a coscuvilhar acerca de outra amiga comum que se preparava para casar pela segunda vez e que ia fazer o casamento onde sempre sonhara casar-se: na costa de ouro da Austrália. Enquanto as restantes comentavam o quanto adorariam ir, mas não podiam, Mel sentiu-se afundar na familiar infelicidade autopunitiva que nem cinco litros de *White Cranberry Ice* poderiam afogar.

Os comentários de Lorna irritavam-na sempre por um simples motivo: Mel temia terrivelmente que Lorna tivesse razão. Se ao menos Lorna pudesse ser mais sensível... Afinal de contas, nem toda a gente se podia dar ao luxo de ficar em casa com os filhos.

Adrian estava meio adormecido quando Mel se meteu debaixo do edredão ao lado dele. Já passava da meia-noite e a ideia de ter de estar de pé dali a pouco mais de cinco horas era desmotivante.

– Divertiste-te? – murmurou ele, virando-se para colocar um braço à volta dela.

Mel aninhou-se nele. O aquecimento estava desligado e sentia frio. Adrian estava sempre quente e costumavam brincar entre os dois que enquanto, Adrian conseguiria aguentar o inverno apenas com um lençol e uma manta, Mel não passava sem um cobertor elétrico, quatro cobertores felpudos e um pijama de flanela que era um autêntico antiafrodisíaco.

– Foi bom – respondeu Mel, aninhando-se numa posição mais confortável contra ele. Mas não havia sido.

Lorna estava toda entusiasmada para ir para uma discoteca quando Mel se levantara para ir embora, alegando exaustão.

– Costumavas ser uma maluca! – queixara-se Lorna no tom acusador típico de quem já bebeu de mais enquanto Mel vestia o casaco e verificava se tinha dinheiro suficiente para se meter num táxi que a levasse à estação. – O que te aconteceu? Somos umas amigas assim tão entediadas que já nem tens tempo para nós, é isso?

Depois de um serão inteiro a sentir-se culpada pelo facto de já não ter tempo para se reunir com as amigas mais do que um par de vezes por ano, a paciência de Mel esgotou-se.

– Tenho um emprego, Lorna, um emprego onde me é exigido que produza resultados todo o dia, e depois, quando vou para casa, ainda tenho de fazer todo o trabalho que tu fazes, mas num quarto do tempo. Por isso, perdoa-me se não estou com disposição para festejar toda a noite, mas, se ficar de ressaca, não poderei voltar para a cama depois de deixar as miúdas na escola. O meu emprego não esperará, como as compras ou a lavagem da roupa. Não sou chefe de mim mesma, sabes?

Estava a ser injusta, mas não se importava. Lorna fora injusta acerca de Mel ter de trabalhar: se tinha tomates para as dizer, também tinha de os ter para as ouvir.

– E uma vez que acham a minha companhia tão entediante – concluiu Mel –, escusam de me telefonar da próxima vez que quiserem uma grande reunião, onde se enfrascam e comparam histórias das reuniões das comissões de pais e professores. Não tenho tempo para isso. Estou demasiado ocupada a perder todos os momentos mais importantes da vida das minhas filhas.

Virara-lhes então as costas e partira, deixando Caroline, Val e Lorna a olhá-la boquiabertas. No táxi a caminho da estação, Mel amaldiçoara-se por ter permitido que Lorna a irritasse. Porque não se mantivera de boca calada? E nem era o facto de ter sido mazinha para Lorna que a preocupava mais – Lorna estava completamente ébria, nem se iria recordar do sucedido, e estava na altura de Lorna provar do seu próprio remédio. Magoar Caroline, porém, era uma coisa bem diferente. Caroline era uma verdadeira amiga e agora devia estar a pensar que Mel era uma daquelas mulheres de carreira que eram umas verdadeiras cabras e desprezavam as mães que haviam decidido ficar em casa, coisa que Mel não era. Que bela confusão armara.

– Como está a Caroline? – perguntou Adrian num tom sonolento.

– Está bem – disse Mel. Não valia a pena estar a chateá-lo com o que sucedera no final do jantar.

– Sentimos a tua falta – afirmou Adrian, a voz meio abafada contra o emaranhado de cabelo dela.

– Também tive saudades vossas – devolveu ela com sinceridade. – Dorme, querido. Desculpa ter-te acordado.

– Não tem importância. Também não conseguiria dormir profundamente até tu chegares.

Na escuridão, Mel sorriu e aconchegou-se mais contra a curva quente do corpo dele. Era uma

afortunada por ter um marido como Adrian. Ele dizia-lhe que a amava e que sentia a falta dela. Nem todos os homens eram capazes de semelhante honestidade. Formavam ambos uma boa equipa e haviam ultrapassado os tempos difíceis juntos, como Adrian não se cansava de afirmar. Só que, ultimamente, os tempos difíceis pareciam ser em maior número que os fáceis.

No dia seguinte, Mel só telefonou a Caroline mesmo antes do almoço, altura em que tinha a certeza que a amiga estaria em casa, depois de ter ido levar os filhos à escola e de ter feito as inevitáveis compras.

Pela primeira vez desde que eram amigas, o tom de Caroline era gélido.

– Não era preciso teres sido tão dura com a Lorna – disse ela com rispidez.

À sua secretária, Mel esfregou o rosto cansado. A falta de sono fazia-a esquecer todas as coisas que planeava dizer.

– A Lorna tomou uma decisão difícil de ficar em casa com os filhos e abdicar da sua carreira por algum tempo; isso não significa que ele seja menos que alguém – prosseguiu Caroline. – Estamos fartas que as pessoas nos perguntem, «Qual é a sua profissão?» e depois deixem de nos prestar atenção quando respondemos que ficámos em casa para educarmos os nossos filhos. Já é mau o suficiente quando os homens o fazem. E pior ainda quando é uma mulher. Pensei que compreendias por que motivo desisti do meu emprego, Mel, que não suportava entregar os meus filhos para que fossem educados por outros. Se tivesse sabido que na verdade me olhavas com sobranceria, então, não teria mantido contacto contigo. Tenho bastantes amigas que fazem o mesmo que eu, não preciso de ficar presa a ti em nome dos velhos tempos só porque outrora nos sentámos em secretárias frente uma à outra e dissemos mal do nosso patrão.

– Não digas isso, Caroline – suplicou Mel. – Não foi nada disso que eu quis dizer, sabes bem que não. Eu não te olho com sobranceria ou te desprezo. Na verdade... – soltou uma gargalhada irónica – penso até que é o contrário. – Porque é que Caroline não entendia que as mães que trabalhavam fora como Mel sentiam que as mães a tempo inteiro, como Lorna, as olhavam a *elas* com superioridade? – Quem me dera poder também ficar em casa a cuidar da Carrie e da Sarah – começou, e deteve-se, chocada. Pronto, dissera-o. Contara a alguém o seu segredo mais bem guardado, o segredo que também só agora ela mesma reconheceria. Sim, desejava poder ficar em casa. Estava cansada da sua vida, cansada de correr e correr, qual hamster na sua roda, e de nunca chegar a parte nenhuma.

– É claro, eu entendo o que queres dizer – argumentou Caroline, a voz cheia de sarcasmo. – Desejavas poder preguiçar todo o dia pela casa, porque é assim que achas que é a nossa vida, mas não é. Não é vaguear indolentemente pelas lojas e encontrarmo-nos com outras donas de casa para tomarmos café e lavarmos umas peças de roupa e engomar outras enquanto vemos o programa da Oprah. É muito difícil e muito entediante, raios!

– Eu sei, eu compreendo isso – gaguejou Mel. – Não entendeste bem o que queria dizer...

– Pensas que não me lembro como era ter um emprego interessante e pessoas que me admiravam? Ganhar o meu próprio dinheiro e fazer uso de todas as minhas capacidades? – prosseguiu Caroline tremulamente. – E agora sou apenas uma mãe a tempo inteiro, uma dona de casa, uma pessoa dependente e ninguém respeita isso. O Graham graceja que sou a diretora executiva da nossa casa, mas este é o único cargo de chefia no qual ninguém dá o mínimo valor ao que fazemos. Pensava que entendias tudo isto e que, ocasionalmente, era bom para mim entrar de novo em contacto com o meu velho mundo e recordar como era, mas vejo que estava muito enganada. Tu apenas me desprezas.

– Não, Caroline – contrapôs Mel –, não desprezo. A Lorna é que tem o condão de me irritar, de me pôr fora de mim...

– Mel, agora não tenho tempo para falar contigo – interrompeu Caroline num tom ríspido. – Tenho coisas para fazer. Não tarda vai começar o programa da Oprah e não quero perdê-lo por nada. Adeus. – E desligou.

– Caroline, não... – Como é que a coisa entre elas chegara àquele ponto? Logo quando Mel compreendera de repente por que motivo Caroline ficara em casa a cuidar dos três filhos em detrimento do seu emprego? Porque agora, finalmente, depois de anos a tentar gerir e driblar tudo, isso era também o que Mel desejava.

Mel ainda mal tivera tempo de colocar o telefone no descanso quando este tocou de novo.

– Mel, desculpa lá, eu sei que é hora de almoço, mas tenho aqui um jornalista do *Echo* em linha – disse Sue, a assistente do departamento. – É um tal Peter Glennon que diz que as estatísticas no nosso *site* acerca de doenças cardiovasculares não batem certo com os números oficiais para a Irlanda.

– Podes passar a chamada – respondeu Mel simpaticamente, como se não tivesse acabado de ter uma conversa terrível com a sua maior amiga. O almoço, tal como pensar acerca da discussão com Caroline, podia esperar. Tudo tinha de esperar em prol do trabalho, não era? A sua vida, a sua família, os seus amigos. O trabalho era o mais importante.

O Hotel Willow fizera parte de Carrickwell desde que qualquer pessoa se recordava. Outros estabelecimentos, mais grandiosos, haviam-se fixado e desaparecido, trazendo, cada qual à sua maneira, a simplicidade zen e o estilo chique moderno à área, porém, apenas três hotéis haviam permanecido na cidade: o Carrick Park, um motel na estrada principal de acesso à cidade, o Townhouse, um pequeno hotel perto da catedral que enchia à hora de almoço durante a semana, e o Willow, uma grande casa de campo em estilo georgiano recheada de decrépitas antiguidades, impossível de aquecer e gerida de forma a manter-se mais ou menos solvente ao longo dos trinta anos durante os quais os pais de Cleo haviam tomado conta do negócio.

Nessa altura, Harry e Sheila Malin eram recém-casados e acharam que o Willow seria um local excecional para construir uma família, com o seu enorme e selvagem jardim traseiro e casa grande pela qual as crianças podiam correr à vontade. Assim, haviam lançado mãos à gestão do local com grande entusiasmo, muito embora nenhum deles tivesse qualquer experiência no negócio. De alguma forma, haviam sido bem sucedidos e, trinta anos e três filhos mais tarde, o Willow lá continuava: um edifício que era um marco, rodeado por dois hectares de terra valiosa nos arrabaldes da cidade.

Era referido em guias de viagem, na categoria de casas de campo, como lugar onde os hóspedes sentiam que estavam na casa antiquada, grande e confortavelmente velha de um amigo ao invés de num hotel. O Willow oferecia dezasseis quartos, todos diferentes, duas suítes e um minúsculo salão de baile onde podiam organizar-se pequenos e íntimos copos-d'água.

O Hotel Willow estava igual ao que sempre fora. Fora Carrickwell que mudara com o passar do tempo. Já não era uma vilória sonolenta, mas antes um movimentado subúrbio onde os preços do imobiliário subiam e outros proprietários de hotéis tentavam estabelecer os seus negócios.

O mais recente concorrente situava-se na antiga reitoria vitoriana, em Glenside Road, onde todos os quartos haviam sido decorados como se pertencessem a um bordel parisiense, com muitos espelhos e uma abundância de veludo cor de ameixa e pele de leopardo. O pai de Cleo visitara a concorrência sub-repticiamente e podia afirmar que o pequeno-almoço era mau – continental, ao invés do tradicional pequeno-almoço inglês que a maioria das pessoas queria, independentemente dos elevados teores de colesterol – e que o dono parecia mais interessado em que o local fosse fotografado para as revistas do que tratar da rotina diária de um hotel.

O palácio da pele de leopardo era motivo de grande gozo no alojamento familiar da família Malin no Willow, onde as carpetes estavam mais do que coçadas e o papel de parede não era mudado há uma eternidade.

Harry Malin considerava que o seu fecho ao fim de apenas um ano era uma garantia de que as pessoas gostavam de boa comida caseira e de uma atmosfera acolhedora e familiar, em vez de um estilo grandioso e mobiliário e equipamentos novos e caros.

Uma vez que nada no Willow fora atualizado desde que era criança, Cleo achava que ainda bem que assim era, mas não o afirmava em voz alta.

Sheila afirmava que tal era prova de que o Willow fazia parte integrante de Carrickwell; e não era

verdade que as pessoas vinham da cidade de propósito aos domingos para almoçar na grande sala de jantar? Que marcavam o almoço de dia de Natal do Willow com meses de antecedência e que a lista de espera para os cancelamentos do dito almoço tinha quilómetros de comprimento? Barney e Jason, os irmãos mais velhos de Cleo, diziam que o Willow podia transformar-se numa pequena mina de ouro agora que haviam conseguido uma parceria com a empresa de turismo que levava as pessoas a visitar o mosteiro cisterciense e a torre circular. E, uma vez que tudo estava a correr tão bem, para quê gastar uma fortuna a melhorar o sistema de aquecimento só porque o canalizador dissera que os canos tinham ultrapassado a data de validade? Não era esse precisamente o negócio dos canalizadores – vender canos? É claro que qualquer canalizador que valorizasse o seu negócio diria que os canos precisavam de ser renovados.

Sondra, a mulher de Barney, aventava que a família podia sempre vender um pedaço de terra das traseiras do hotel a uma empresa de construção, que num piscar de olhos faria ali uma pequena urbanização e todos sairiam a ganhar.

Cleo, pelo seu lado, tentava manter toda a família com os pés bem firmes no chão. Recém-licenciada como uma das melhores alunas da cadeira de Gestão Hoteleira, argumentava que deviam pensar seriamente em remodelar o Willow, pois os tempos não estavam fáceis e rapidamente um hotel como o deles se veria em maus lençóis devido à falta de visão por parte da família. Os grandes e modernos hotéis eram de uma forma geral detidos por grandes grupos empresariais que podiam dar-se ao luxo de investir a pensar no longo prazo, dizia Cleo, ao passo que unidades mais pequenas tinham de oferecer algo especial, à semelhança dos hotéis de charme, um conceito que exigia elevados padrões e muito investimento.

Mrs. O’Flaherty, que trabalhara no requintado Hotel Victoria-Jungfrau, na Suíça, fizera uma série de palestras na faculdade de Cleo acerca do futuro da indústria hoteleira e pronunciara-se fervorosamente sobre a necessidade de os pequenos hotéis se esforçarem ao máximo para se manterem à tona.

«Se os padrões decaírem e não houver investimento, então, o vosso pequeno e florescente hotel poderá passar de uma taxa de ocupação de cem por cento a um vazio sepulcral da noite para o dia», fizera notar Mrs. O’Flaherty com um ar muito sério. «Essa é a tragédia dos pequenos hotéis familiares. Frequentemente, não há dinheiro para renovações, mas não investir é o caminho mais certo para o desastre e a ruína.»

A turma, em grande parte constituída por alunos cujos pais geriam hotéis familiares, escutara-a atentamente, tomando notas e interrogando-se acerca da melhor forma de transmitirem esta informação em casa.

O amigo, e admirador, de Cleo, Nat, oriundo de uma família que há várias gerações detinha um gracioso hotel de vinte quartos em Galway, costumava dizer que não tinha quaisquer esperanças de que a sua mãe, viúva, lhe fosse dar ouvidos sobre a necessidade de investir.

«A minha mãe diz que há um limite para a quantidade de dinheiro que podemos gastar num local e que, se embonecarmos o hotel demasiado, teremos de aumentar o preço dos quartos e a clientela regular acabará por fugir», dissera Nat com um ar lúgubre. «Estou careca de lhe demonstrar que precisamos investir milhares no negócio, se não afundamo-nos, mas ela não me dá ouvidos. Portanto, que hei de fazer?»

Cleo encolhera os ombros, o que significava: não me perguntes, sabes muito bem que a minha família também não quer saber do que eu digo. Cleo era o membro mais novo da família e, aos vinte

e três anos, era ainda tratada em casa como se fosse uma criança.

Barney e Jason não tinham qualquer interesse pelo hotel, exceto quando se tratava de discutir as suas finanças. Aos vinte e cinco anos, cada irmão recebera uma quota de dez por cento do negócio. Cleo tinha a certeza de que o pai esperara até que os rapazes fizessem vinte e cinco anos, visto que eram ambos uns estouvados no que ao dinheiro dizia respeito. A mãe insistia que era porque Harry queria assegurar-se de que os filhos eram sensatos o suficiente para pensarem no futuro do hotel quando recebessem por fim uma parte do negócio.

– Vinte e cinco é ridículo. É tão distante que é quase vitoriano – argumentara Cleo no seu vigésimo primeiro aniversário, altura em que ouvira falar daquele esquema pela primeira vez e se dera conta de que não tinha idade para fazer parte dele.

– É a idade da maturidade – contra-argumentara o pai.

– No tempo de Jane Austen, talvez – devolvera Cleo. Odiava o facto de o pai não se dar conta de que ela era já bem mais madura do que os irmãos alguma vez seriam – por vezes, na verdade, comportavam-se como crianças – e estava determinada a alterar isso. O pai *dar-lhe-ia* ouvidos. Era um disparate não lhe dar a sua quota agora que ela podia ter uma palavra a dizer no que à gestão do negócio dizia respeito. Tinha a formação adequada e a experiência, sabia o que resultaria e estava tão ansiosa...

– Vai levar essas revistas ou está a treinar para ir para o museu das figuras de cera? – perguntou o homem do quiosque. Acordando do devaneio em que a família bebia cada palavra sua como se fosse lei, Cleo apercebeu-se de que ficara a olhar fixa e cegamente para o expositor das revistas durante uma eternidade com duas delas agarradas contra o peito.

– Desculpe – disse, aproximando-se do balcão e sorrindo para o homem. Cleo tinha um sorriso fabuloso, toda a gente o afirmava, porque realçava as covinhas que tinha nas faces e até os olhos sorriam. Se Cleo tivesse sido o tipo de rapariga que se metia sempre em problemas – e não era, como se lamentava para a sua melhor amiga, Trish –, teria sido capaz de se livrar deles instantaneamente graças ao seu sorriso demolidor.

O vendedor de jornais enternecera-se. Cleo era uma rapariga simpática, e educada também, ao contrário daquelas marias-rapaz que folheavam as revistas todas, liam em voz alta os conselhos de cariz sexual e iam embora sem sequer comprarem um pacote de batatas fritas.

– Obrigada. – Cleo pegou no troco e nas revistas, afastando o olhar dos expositores de chocolates junto à caixa registadora. O chocolate era algo diabólico, em particular a nova tablete de chocolate branco que se desfazia na boca e ia diretamente para as ancas, passando completamente ao lado do estômago. Cleo nunca se preocupara assim tanto com o seu peso: era alta e tinha pernas compridas e uma constituição atlética. Independentemente do que comesse, a sua barriga permanecia sempre lisa para inveja de muitos. O problema dela era o peito. Um 38D era um número grande em qualquer língua e, se engordasse mais, pelo menos metade do peso iria direitinho para o peito.

Trish esperava-a junto aos semáforos, agasalhada no seu casaco de pele de cordeiro de imitação para combater o frio e com um carapuço de lã encarnada enfiado pela cabeça abaixo.

– Que compraste? – perguntou, espreitando para o que Cleo trazia enquanto esperavam para atravessar a movimentada rua do centro da cidade.

– Revistas de *design* de interiores – respondeu Cleo, fazendo figas para que não comesse a chover antes de apanhar o autocarro para casa, pois não trouxera chapéu de chuva. O seu cabelo já

era mau o suficiente assim como estava, selvagem e com vontade própria, mas, se se molhasse, então transformar-se-ia numa mulher das cavernas.

– Porque não compraste aquelas revistas cor de rosa cheias de coscuvilhices para nos animar um pouco? – resmungou Trish. – Adoro aquelas fotografias de celebridades sem maquilhagem, com borbulhas, celulite e a fumarem.

Trish deixara há pouco tempo de fumar e não havia nada que mais gostasse do que ver outras pessoas com cigarros na mão e um aspeto pouco saudável no rosto. Tal provava, afirmava ela entre dentes cerrados enquanto mascava outra pastilha de nicotina, que tomara a decisão mais acertada.

– Porque essas revistas também estão cheias de dietas e de dicas sobre como ficar como a J-Lo, e tudo isso exige que se gaste muito dinheiro, que nós não temos, vestirmos o trinta e seis, que nós não vestimos – observou Cleo.

O sinal ficou verde para os peões e as amigas apressaram-se a atravessar a rua em direção ao Shepherd, o *pub* onde haviam passado muitas horas quando andavam na faculdade. Cinco minutos de autocarro era tudo o que separava as duas faculdades e muitos dos colegas do curso de gestão hoteleira de Cleo deviam pensar que Trish frequentava o mesmo curso, e não o de administração de empresas na faculdade que ficava na outra margem do rio Liffey.

– Nós podíamos vestir o trinta e seis, se quiséssemos – argumentou Trish.

– Se não comêssemos e mandássemos extrair alguns órgãos importantes, é bem possível, sim. – Cleo empurrou a porta do *pub* e sentiu o acolhedor calor do aquecimento central.

– Porque estás tão chata? – perguntou Trish depois de encontrarem uma canto acolhedor e de terem pedido dois cafés.

– Recusei o emprego em Donegal.

– Não acredito!

– É verdade. – A própria Cleo também quase não acreditava. Não era o emprego com que sonhara, seria apenas subdiretora do pequeno Hotel Kilbeggan Castle, numa zona bonita de Donegal, mas era o primeiro emprego a sério que conseguira. E recusara-o. Não devia estar boa da cabeça.

O proprietário do Kilbeggan Castle obviamente que também pensara o mesmo.

– Estava tão interessada e entusiasmada... – argumentara ele num tom de irritação quando ela telefonara depois de ter recebido a oferta do emprego pelo correio.

– Lamento muito – dissera Cleo. – Não era minha intenção fazê-lo perder o seu tempo.

– Pois, mas foi o que aconteceu.

– Não intencionalmente – interrompeu ela. – É que me surgiu uma coisa de repente. Não sei se se lembra de eu lhe ter dito que a minha família também é proprietária de um hotel? Bom, agora tenho bons motivos para ficar por aqui a trabalhar com a minha família.

– Sei que o turismo está em baixa – fez notar o homem. – Estamos todos a sentir o aperto porque as pessoas agora têm mais receio de viajar de avião. Suponho que o vosso hotel esteja a passar pelo mesmo. – Suspirou. – Com certeza que no futuro acabarei por ler o seu nome associado a todo o tipo de grandes empreendimentos. Ficámos todos muito bem impressionados consigo, Miss Malin.

– Obrigada – disse Cleo meio arrependida. O seu instinto dizia-lhe que o Kilbeggan Castle teria sido um local de trabalho muito agradável. Era doida por recusar tal oferta, mas, no final de contas, simplesmente não conseguia abdicar e virar as costas à sua herança. Tinha de tentar arrastar o Willow e a sua família, aos gritos e a espernearem para o novo século antes que o hotel se afundasse.

– Estás maluca – repetiu Trish. – Tresloucada de todo. Desculpa, sei que não é simpático da minha

parte, mas é a verdade. – Dardejava Cleo com o olhar do seu lado da mesa do *pub*, da mesma forma que a olhara desde aquele primeiro dia na aula de Miss Minton, na escola primária de Carrickwell, quando ambas haviam decidido que queriam sentar-se na cadeira azul de madeira, o que resultara numa rixa com puxões de cabelo e muitos gritos.

Dezoito anos mais tarde, o relacionamento delas já não envolvia puxões de cabelo, mas de vez em quando ainda trocavam gritos. A última vez fora quando Trish admitira envergonhadamente a Cleo que não correra com o namorado como planeado, muito embora ele a tivesse traído com uma mulher numa festa de Ano Novo.

– Ele pediu desculpa e afirma-se arrependido – protestara Trish quando Cleo berrara com ela.

– Pois, claro, até à próxima vez – dissera Cleo, irada. – Se tivesse sido comigo, a esta hora ele ia a caminho das urgências, suplicando por uma injeção de morfina que lhe acabasse com o sofrimento. – E falava a sério. Cleo podia não ter tido uma longa fila de namorados, mas os que tivera sabiam muito bem que era melhor não brincarem com ela. O rapaz que lhe prometera total devoção após um serão e que telefonaria sem falta, mas depois não o fizera, nunca mais esqueceria a sensação de ter uma bebida despejada pela cabeça abaixo, no dia seguinte, ao mesmo tempo que Cleo, em voz alta e para diversão de todo o *pub*, lhe dizia que era melhor não fazer promessas que não planeava cumprir.

– A honestidade é sempre a melhor política – argumentara ela perante a cara espantada e a pingar cerveja do rapaz. – Se não querias voltar a ver-me, bastava que o tivesses dito logo. Não sou o tipo de mulher que gosta de ficar à espera que o telefone toque.

Naquele dia, era Trish quem tentava meter juízo na cabeça da amiga.

– Mas porque recusaste? Porquê? Era um bom emprego. De que te serve recusares um bom emprego em Donegal quando a tua família não te dá ouvidos? O teu pai não te vai deixar gerir o negócio e mostrar-lhe como deveria fazê-lo, pois não? Nem tão-pouco o Barney ou o Jason. Tu mesma disseste que o desejo secreto do Barney é que o negócio tenha de ser fechado e a terra vendida para que ele e a Sondra possam ganhar uma fortuna com a parte deles e fazer uma vida de luxo. Não poderás salvar o Willow, Cleo, se eles não quiserem que seja salvo.

Era um argumento perfeitamente válido e sensato, e algo que Trish não se cansava de demonstrar a Cleo desde há um mês, altura em que esta se apercebera do quanto o negócio da sua família ia mal.

O terrorismo viera desferir um duro golpe no turismo por todo o mundo, mas as dificuldades do Willow não podiam ser apenas assacadas ao terrorismo. Os primeiros indícios de desgraça haviam alertado Cleo aquando da sua visita a casa no Natal, tendo passado os sete meses desde que acabara a faculdade a trabalhar à noite na receção de um grande hotel em Bristol. Tivera dificuldades em adaptar-se ao trabalho por turnos, mas achara que aprendera muito – tanto acerca do negócio como sobre um charmoso rapaz francês chamado Laurent, com o qual tivera um caso breve mas divertido. Agora pretendia mostrar à família o quanto aprendera, embora não tivesse intenção de partilhar as técnicas de beijar com Laurent.

No Natal, o Willow ocupara apenas metade da sua capacidade, sendo a primeira vez que tal acontecera. Nem mesmo um anúncio caríssimo num jornal de tiragem nacional conseguira atrair mais hóspedes. Para o grande almoço do dia de Natal, tinham até tido de fechar uma parte da sala de jantar para que a divisão não tivesse um ar tão vazio.

Jason, Barney, a mãe e o pai, todos se comportavam como se aquilo fosse apenas um acaso, um acontecimento único. Porém, Cleo sabia que não. Era o início do declínio. As pessoas exigiam mais dos hotéis do que a desvanecida grandiosidade com que eram presenteadas no Willow. Queriam

serviços de chá em prata, mobiliário antigo e elegante, a sensação de um estilo de vida indulgente que emanava de um hotel bonito e antigo, e água quente todo o dia, uma piscina e um salão de beleza.

O que poderia o muito adorado Willow oferecer-lhes?

– Pensando bem, Donegal não seria quente o suficiente – prosseguiu Trish ponderadamente. – Se fosse a ti, metia-me no primeiro avião para fora daqui e ia para algures quente e deslumbrante e encontrava um hotel de luxo onde eu pudesse ir visitar-te e tu me pudesses arranjar um quarto à borla. As Caraíbas seria ótimo – acrescentou. – Praias de areia branca, eu numa espreguiçadeira a acenar para que um deus de ébano com coxas como as do *The Rock* me viesse ajudar a deslocar o chapéu de sol. – Trish suspirou perante semelhante ideia.

– Já acabaste de fantasiar? – inquiriu Cleo. Abriu uma das revistas que comprara. – Estás a ver, este era o meu plano. Se fôssemos nós a renovar o hotel, os custos seriam muito menores. – Encontrou a página que a levara a comprar a revista: uma casa não muito diferente do Willow em termos de decoração, mas com imensos e fabulosos efeitos de pintura nas paredes e um incrível *trompe-l'œil* de uma porta abobadada que conduzia a um jardim tropical. Como uma coisa daquele género na sala de jantar, o hotel teria um aspeto maravilhoso.

Trish voltou a suspirar.

– Cleo, essas casas têm esse ar porque tiveram uma frota de peritos em pintura com mestrados em belas-arts a trabalhar vinte e quatro horas por dia para transformarem um sombrio corredor no Jardim do Éden com o recurso a apenas dezassete latas de tinta. Se pessoas normais como nós tentarem fazer o mesmo, o resultado será muito semelhante àquelas pinturas feitas por chimpanzés, sabes?

– Também não deve ser assim tão difícil – murmurou Cleo.

Trish semicerrou os olhos.

– Sim, claro, e tu és o Leonardo da Vinci. Abre os olhos. A tua família acha que és uma miúda que não sabe nada. É o que significa ser-se o filho mais novo. Devias enfrentar a realidade e seguir em frente com a tua vida. Como eu fiz – acrescentou em ar de desafio.

Trish mudara-se para Dublin aos dezoito anos quando entrara na universidade. E afirmava que o segredo para nos darmos bem com a família era não ter de viver com ela. Desde então vivia longe dos pais. Cleo costumava invejar Trish nessa altura, devido à independência de que ela desfrutava, mas agora já não pensava bem assim. Desejara com todas as suas forças ir para Bristol e experienciar mais do mundo que a rodeava, contudo, depois de o fazer, dera-se conta de que tinha saudades de casa.

– Foi diferente para ti, Trish – fez notar Cleo. – Precisavas de te afastar. – A família de Trish era conhecida pelas suas discussões impetuosas e muito acaloradas, com direito a portas que batiam com toda a força. – Mas eu não quero ir embora daqui – declarou Cleo num tom pesaroso. – Tenho a certeza que se conseguir demonstrar-lhes que estamos em sarilhos, eles farão alguma coisa, não achas?

– Está bem, reúne a família e diz-lhes que estão a fazer tudo mal e logo verás o que acontece – argumentou Trish. – E depois não digas que não te avisei.

Enquanto caminhava em direção à paragem do autocarro, Cleo pensou sobre tudo o que a amiga lhe dissera. Sabia que ficar em Carrickwell para revitalizar o negócio da família era muito improvável por todas as razões que Trish avançara: o pai não lhe daria ouvidos e o mais certo era que os irmãos

estivessem a torcer para que o negócio se afundasse. Nem Jason nem Barney haviam mostrado a mínima inclinação para trabalharem como hoteleiros. Jason era agente de viagens e Barney diretor comercial de um stande local de automóveis. Se o hotel e terrenos circundantes fossem vendidos, podiam ganhar uma pipa de dinheiro.

Cleo adorava os irmãos, mas a diferença de idades entre eles significara que em criança se vira sempre excluída das suas brincadeiras e, mesmo agora, havia sempre disputas entre eles quando se juntavam.

O autocarro chegou e Cleo entrou. Quando as portas se fecharam, tirou o cachecol e recostou-se melhor no banco para desfrutar da viagem.

– Cleo Malin, ora nem mais. Como estás?

Mrs. Irene Hanley, uma amiga da sua mãe, pousou dois enormes sacos de compras no lugar ao lado de Cleo.

– Posso sentar-me ao teu lado? Detesto a viagem de regresso, é de uma pessoa dar em doida de tédio, não achas? – Sem sequer esperar por uma resposta, Mrs. Hanley despira o casaco, mudara os sacos de compras para o chão de forma a que se equilibrassem contra os pés de Cleo e lançara-se para o banco. Com mais ou menos a mesma constituição das robustas mulheres de Tonga, Mrs. Hanley ocupava todo o seu lugar e uma boa parte do de Cleo também. Cleo viu-se empurrada mais para junto da janela e qualquer oportunidade de contemplar agradavelmente a paisagem, imersa num mundo só dela, esfumara-se. Mrs. Hanley queria conversa. Primeiro, tirou uma caixa de chocolates de um dos sacos.

Cleo sentiu o estômago apertar-se de fome com a mesma subitaneidade de uma onda de maré ao mesmo tempo que Mrs. Hanley abria a caixa, mirava alegremente o seu conteúdo e escolhia um bombom de chocolate branco, passando a caixa inteira a Cleo.

– Tira um... Oh, vá lá – insistiu ao ver Cleo abanar a cabeça. – Um não te vai fazer mal.

Amaldiçoando-se por ser tão fraca, Cleo serviu-se de um. Chocolate e caramelo com uma avelã no interior. Sentiu de imediato os sensores de chocolate no seu corpo entrarem em alerta. *Estamos de novo em ação, rapazes!*

– Talvez tire outro – disse.

A prole de Mrs. Hanley, toda composta por raparigas e todas com os mesmos físicos esculturais, estava casada, ou quase casada, com homens incrivelmente elegíveis.

– O namorado da Loretta, meu Deus, é fabuloso... Vê lá que diz que sou uma segunda mãe para ele... Vai levá-la a Lanzarote no Dia de São Valentim. «Loretta», disse-lhe eu, «Loretta, tu não deixes esse homem escapar-te.»

– A Loretta não fez vinte e dois anos o ano passado? – perguntou Cleo de repente, recordando-se de Loretta de entre o vasto clã Hanley. Trabalhara por pouco tempo no Willow como criada de quarto um verão e agora geria a sucursal de Carrickwell de uma das empresas de excursões de autocarro.

– A minha menina! – Mrs. Hanley ficou toda chorosa e apenas um bombom de nogado a conseguiria animar.

Cleo suspirou e tirou um com recheio de *cappuccino*. Desde o breve caso com Laurent, não houvera nem sinal de outro homem na sua vida – à exceção de Nat, que não contava –, já para não falar de um com o engenho ou o saldo bancário para a levar a Lanzarote. Como é que Loretta conseguiria?

Talvez a receita fosse ser menos rebelde. Cleo sabia que era dura com os homens, mas era impossível mudar isso, não era? Uma mão firme era imprescindível, fosse para expulsar bêbados do bar do hotel à hora de encerramento, fosse para dizer aos homens que um encontro não lhes dava o direito de olharem apatetadamente para o seu decote.

– E num instante chegámos. Meu Deus, o tempo voa quando temos companhia, não é verdade? – comentou Mrs. Hanley enquanto o autocarro se detinha na paragem ao fundo de Mill Street. – Como te dizia, estou a contar que a Loretta regresse de Lanzarote com um anel de noivado, contudo, não contes a ninguém, mas, se assim for, há de haver festa rija. Nada demasiado extravagante. Vai ser preciso poupar para o casamento, digo eu. A Loretta adora o Metropole, em Dublin. Muito elegante. Ou o Merlin Castle and Spa em Kildare. É uma pena que não tenhamos nada do género aqui. Há construtores a trabalharem dia e noite na antiga propriedade dos Delaney. Está quase terminado, creio eu, mas o local não terá um hotel, por isso a Loretta terá de sair da cidade, se quiser um casamento todo finório.

As palavras tinham acabado de sair da boca de Mrs. Hanley quando se deu conta do que dissera. Levou a mão cheia de anéis aos lábios.

– Desculpa, Cleo. Sou uma boca-rotta. Nem pensei. Oh, não digas nada à tua mãe, por favor. Sabes que a adoro, mas é que os jovens como a Loretta hoje querem coisas diferentes para o dia de casamento, transformar o acontecimento num evento de fim de semana, com a cerimónia numa sexta-feira, por exemplo, depois todo o tipo de tratamentos no spa no sábado e uma festa nessa noite. E seria preciso um salão de baile grande e pelo menos cinquenta quartos para albergar toda a gente que vem de fora. Um hotel pequeno, com apenas uma mancheia de quartos, não... – Voltou a tapar a boca com a mão. – Estou a cavar um buraco cada vez mais fundo para mim, Cleo, querida. Não era minha intenção ofender-te a ti ou à tua família.

– Ora essa, Mistress Hanley – apressou-se a dizer Cleo com vivacidade. Dificilmente podia censurar a mulher por realçar a verdade, tal como aliás Cleo a via também. – Seja como for, em breve irá ouvir coisas interessantes acerca do Willow. Temos grandes planos para o futuro, sabe? – acrescentou. – Na verdade, as obras começarão não tarda.

«Pronunciem-se de forma positiva acerca do vosso hotel», fora um dos conselhos que ouvira na faculdade. «Não temam fazer notar às pessoas os pontos positivos e quaisquer melhorias futuras, desde que possam sustentá-las.»

E em breve seriam capazes de o fazer, pensava Cleo. Se a família lhe desse ouvidos.

– Fico muito satisfeita – disse Mrs. Hanley. – Tenho andado preocupada porque o hotel tem vindo a decair e a tua pobre mãe está cansada de tanto labutar. Eu e as raparigas do clube de leitura temos comentado muito isso.

– Ai, sim?

O alívio sentido por Cleo não se ter ofendido com os seus comentário deixou Mrs. Hanley ainda mais loquaz.

– Ela tem um ar extenuado, sabes. Extenuado. Não deve ser fácil, embora faça sempre aquele ar corajoso dela. Mas estamos preocupadas com ela, Cleo. Gosto muito da tu mãe, e do teu pai também. Ia sendo tempo de eles se reformarem, para ser sincera, e se mudarem para um sítio mais quente. O calor é ótimo para a artrite e a tua mãe é uma autêntica mártir. «Abstém-te dos tomates, Sheila», digo-lhe eu, são uma desgraça para a artrite, mas achas que ela me dá ouvidos? – Mrs. Hanley enfiou outro chocolate nas mãos de Cleo antes de ir cada uma na sua direção. – És uma linha, rapariga –

disse Mrs. Hanley num tom reprovador.

Cleo esboçou um sorriso e aceitou o chocolate. Comparada com as filhas dela, era de facto uma linha.

Enquanto se afastava da paragem do autocarro, mastigando o chocolate lentamente para o fazer durar mais, pensou na verdade por trás das palavras de Mrs. Hanley. Toda a gente conseguia ver que o hotel estava em apuros. Exceto a sua família.

Cleo atravessou Carrickwell a caminho do Willow, passou pela Holy Land, que, agora que o Natal passara, parecia um pouco vazia, e pela garrida fachada do infantário Tigrinhos, com o enorme tigre pintado na porta. Eram seis e meia e os pais acorriam para ir buscar os filhos, que emergiam agasalhados em casacos e cachecóis, correndo e pulando para os pais, falando animadamente acerca do que tinham pintado ou dos jogos que haviam feito. Cleo nunca pensara muito nisso antes, mas ocorreu-lhe que devia ser difícil para os pais deixar um filho no infantário todo o dia, regressando apenas para o ir buscar quando já estavam ambos estafados do trabalho.

Cleo e os irmãos nunca haviam frequentado um infantário ou creche. O hotel fora o infantário deles. Sempre houvera alguém para os vigiar e já em pequena Cleo adorava ajudar a limpar os quartos, desde que tivesse o seu próprio pano do pó e pulverizador. Interrogou-se se um dia teria filhos e se também eles iriam brincar pelo hotel enquanto ela trabalhava, aprendendo a fazer uma cama como devia ser e vendo o cozinheiro preparar vinte e quatro pequenos-almoços com a mesma facilidade com que outra pessoa faria uma chávena de chá.

Fora uma forma engraçada de crescer. Os seus filhos brincariam no hotel, decidiu. Queria que desfrutassem do que seria deles por natureza da mesma forma que ela desfrutara. É claro que tal cenário estava ainda longe no futuro e primeiro precisaria de arranjar um namorado. Não era o tipo de coisa que pudesse acontecer rapidamente. Não iria contentar-se com um tipo qualquer, nem pensar. Queria «o tal». Queria o homem certo. Perfeito. Alto, naturalmente, para que não tivesse de olhá-lo de cima. Os homens baixos adoravam-na por algum motivo, mas Cleo detestava sair com pretendentes mais baixos que ela.

Laurent era alto e moreno, com olhos cinzentos de morrer, e o sotaque dele... quando dizia, «És tão *sexí*, Cliô», naquela voluptuosa pronúncia provençal, era de derreter qualquer uma.

Quando chegou a casa, o cabelo de Cleo estava totalmente encaracolado devido à humidade do final de tarde. Tinha de comprar um chapéu para substituir o que perdera uma noite em que saíra com Trish. Uma jovem e ativa mulher de negócios precisava de exibir um cabelo com jeitos. E ela era uma mulher de negócios jovem e ativa, do tipo capaz de atrair homens altos e bem-parecidos com sotaques de subir ao céu. Capaz de arrancar o olhar deles do peito para o seu rosto.

Com este animador pensamento em mente, entrou pela porta da frente e pôs em prática o que Mrs. O'Flaherty, a sua professora favorita, costumava aconselhar os seus alunos: imaginar que eram hóspedes a chegarem ao hotel e prestarem atenção ao que sentiam e achavam. Cleo deteve-se e tentou observar o Willow com um olhar imparcial.

As flores que no dia anterior já anunciavam que no dia seguinte iriam precisar de ser mudadas continuavam na mesa do vestíbulo e era óbvio que ninguém se dera ao trabalho de lhes mudar a água sequer. Turva e verde como se tivesse provindo de um pântano, transmitia ao vestíbulo o perfume a ovos podres. As almofadas dos dois cadeirões frente à lareira ainda exibiam as marcas de quem quer que se sentara neles pela última vez, e havia até um jornal enrolado e enfiado no canto de um deles.

Pior ainda, a porta que dava para a entrada da estufa estava aberta, permitindo a entrada de uma brisa fria vinda do jardim e do cheiro de *eau-de-couve* oriunda da cozinha.

Cleo não precisou de esforçar muito a sua imaginação para perceber qual seria a reação de qualquer hóspede com uma pinga de amor próprio ao entrar no Willow, vindo do frio do fim de tarde, à procura de calor e boas-vindas, e ser recebido por tudo aquilo. Para completar a atmosfera, só faltava Bela Lugosi com uns incisivos bem afiados. Até ter ido para a faculdade, até ter tido experiência de trabalhos de verão noutros hotéis, Cleo achava que o hotel da sua família era o melhor das redondezas. Canos de água que rangiam, exóticas botijas de água nos quartos dos hóspedes no inverno e bonitos tapetes puídos e a desfiarem-se faziam parte da atração de um velho hotel. O encanto do Willow advinha também do amor e entusiasmo que os pais haviam dedicado ao local, encanto que significava mais que mobiliário novo ou carpetes espessas. O empenho e simpatia de Harry Malin contribuía tanto para o sucesso do Willow quanto a sensação de elegância desvanecida num mundo de cadeias de hotéis monótonos e todos iguais. Porém, o equilíbrio entre o empenho e simpatia do pai e o estado de conservação do hotel mudara.

Via agora o Willow com novos olhos. O hotel tinha um ar estafado, delapidado. Necessitava urgentemente de uma remodelação.

– Está alguém! – gritou Cleo no vestíbulo vazio.

Tamara, a rececionista a tempo parcial do hotel, enfiou a cabeça na fissa da porta do escritório que era suposto nunca estar fechada. Pequena e muito loura, à semelhança da irmã mais velha, Sondra, a cunhada de Cleo, Tamara exibia o ar de alguém que tinha sempre alguma coisa melhor para fazer do que falar connosco.

Não simpatizava muito com Cleo, principalmente porque ela era uma daquelas pessoas que nunca queria estar sentada quieta. Tamara gostava de estar sentada, quietinha e descansada, quando não havia nada que sentisse que devia fazer. Melhor ainda, adorava cuidar das unhas. As de acrílico haviam-se revelado de manutenção demasiado dispendiosa, por isso livrara-se delas e agora tinha muito trabalho a pô-las de novo em condições. Era preciso esfregar cada uma com um creme especial de hora a hora, religiosamente.

– Sim, olá – murmurou Tamara de onde estava sentada e devolveu a sua atenção à revista que estava a ler, acautelando-se para não besuntar as páginas com o creme oleoso que espalhara nas unhas.

Cleo contou até dez. Depois aumentou a contagem até aos vinte, para prevenir. Gritar com os funcionários não era de uma forma geral encorajado na gestão hoteleira. Contudo, Tamara não era, seguindo a opinião de Cleo, uma rececionista competente, embora fosse «quase família», como Barney afirmava.

Seguindo a tradição de manter o negócio na família, a mulher de Barney, Sondra, costumava trabalhar como rececionista em *part-time*, contudo, agora que estava grávida, embora de muito pouco tempo, do primeiro neto da dinastia Malin desistira do trabalho e a sua irmã fora recrutada para a substituir.

Cleo expressara-se a favor da contratação de uma pessoa nova, mas não, a família tinha de vir primeiro.

– Cleo, vá lá, a caridade começa em casa não é assim. A Tamara tem andado um bocado deprimida desde que perdeu aquele emprego no salão de beleza – argumentara Barney. – E não é que seja necessária muita experiência para se estar à receção.

Tal atitude, decidiu Cleo, era o problema dos seus irmãos. Não compreendiam que tudo contava na gestão de um hotel. Na opinião de Barney, qualquer idiota que conseguisse fazer uma soma e dizer «Receção, como posso ajudá-lo?» podia comandar com sucesso um hotel.

– Barney, é claro que é preciso experiência para se trabalhar numa receção – dissera Cleo, exasperada.

– Ah, Cleo, vais ver que ela se vai sair muito bem – contrapusera aduladoramente Barney.

Tinha um sorriso tão cativante, semelhante ao de Cleo mas com uma pitada de travessura, que era difícil resistir-lhe.

– Onde está toda a gente, Tamara? – perguntou Cleo em voz alta para que Tamara a conseguisse ouvir por entre a porta semiaberta do escritório.

– A tua mãe está na cozinha e o teu pai saiu.

«E não há ninguém na receção, caso entre algum hóspede», pensou Cleo. O hotel não tinha uma rececionista de serviço todo o dia; não podiam dar-se a esse luxo. Tamara era chamada em alturas em que ou Harry ou Sheila estavam ocupados noutro lado.

Cleo encaminhava-se para a porta que separava a receção da cozinha quando o telefone do escritório começou a tocar.

Ao fim de cinco intermináveis toques, Tamara atendeu.

– Estou sim, Hotel Willow, em que posso ajudá-lo? – cantarolou ela no tom especial que usava apenas para atender o telefone ou para falar com clientes endinheirados.

Tamara teria de ser dispensada, decidiu Cleo. Fizesse ou não parte da família. É que, se não fosse, Cleo acabaria por ser presa por agredir Tamara na cabeça com a mala *Burberry* recheada de cosméticos desta. Algo que geralmente também não era encorajado na gestão de uma unidade hoteleira.

A mãe de Cleo, Sheila, estava sentada no minúsculo recanto da cozinha onde um velho banco de igreja fora enfiado e coberto de almofadas para que quem corresse entre a cozinha e a sala de jantar pudesse sentar-se a descansar e a tomar uma caneca de chá sem atrapalhar os restantes. O banco era de madeira de carvalho já gasta e as almofadas assemelhavam-se a uma montra multicolorida de velharias: duas de veludo rosa coçado, mais uma tubular cor de aveia, umas quantas de tapeçaria coçada e mais uma de *toile de Jouy* à qual mal se conhecia o padrão. Todas haviam outrora estado noutro local qualquer do hotel, acabando na cozinha ao serem consideradas demasiado velhas e maltrapilhas para serem do domínio público. Uma pequena mesa de jogo coberta com um oleado florido encontrava-se frente ao banco e fora aí que Cleo fizera a maioria dos seus trabalhos de casa, somando números e aprendendo os verbos franceses enquanto os pais corriam de um lado para o outro ocupados a cozinhar ou em limpezas.

– Um bom dono de hotel precisa de saber cozinhar, para o caso de o cozinheiro não vir trabalhar – costumava dizer o pai de Cleo. E Harry Malin sabia cozinhar certamente. Nos primeiros tempos, fora com ele que Cleo aprendera a amar o negócio e a lidar com as pessoas. O pai tinha aquela forma de tratar as pessoas que as fazia sentirem-se bem e confortáveis na sua companhia. Era o dom perfeito para o dono de um hotel.

A cozinha preparava-se para entrar na azáfama do jantar, com Jacqui, a *chef*, examinando o seu império com orgulho antes de se sentar para uma rápida pausa antes da correria. Há um ano que Jacqui trabalhava no Willow. Tinha a mesma idade de Cleo e a mesma motivação e energia, discutindo constantemente com Harry acerca da necessidade de terem menus novos e inovadores.

Harry apreciava a culinária francesa, substancial, com um toque irlandês. Jacqui era amante da culinária da Orla do Pacífico, adorava erva-cidreira e ansiava por criar receitas exóticas com leite de coco.

Cleo acenou um olá a Jacqui, encheu uma caneca de café da cafeteira que estava em cima da bancada e beijou a mãe no rosto.

– Onde está o pai?

– Foi com o Bill examinar a bomba da água quente. – Bill era o homem dos sete ofícios encarregue da manutenção do hotel, também em *part-time*, e um autêntico génio com máquinas. Tinha de ser, tendo em conta a idade e decrepitude do equipamento do hotel. – Parou de novo e o Bill tinha uma coisa qualquer nova para a consertar.

– Um desfibrilhador é a única coisa que porá aquela bomba de novo em funcionamento – gracejou Cleo. – Ou então uma novena a São Judas. – Seria preciso um milagre por parte do padroeiro das causas perdidas.

A mãe acenou distraidamente com a cabeça.

– É bem verdade.

– Mãe, olha aqui. – Cleo espalhou as revistas de decoração de interiores frente à mãe.

Sheila desviou a sua caneca para abrir espaço.

– Estas revistassão muito caras, querida – murmurou, espreitando para os autocolantes com os preços através dos óculos. Desde que começara a usar os óculos dourados de lentes bifocais, tinha um aspeto muito mais velho, pensou Cleo com tristeza. Durante anos, a mãe parecera-lhe tão jovem e cheia de vida, com o cabelo, a mesma cabeleira de caracóis castanho-escuros e selvagens da filha, apanhado num rabo-de-cavalo saltitante com alguns caracóis rebeldes à volta do pescoço, quais gavinhas. De repente, o cabelo estava quase completamente grisalho e as rugas em redor dos olhos azul-argênteos eram tão profundas que pareciam ter sido esculpidas com um cinzel. As mãos estavam deformadas pela artrite, as articulações em ambas as mãos inchadas e nodosas e, enquanto outrora se esforçara por manter as unhas arranjadas e pintadas, agora estavam falhadas e pouco cuidadas. Até as roupas tinham um ar envelhecido. Na família Malin nunca havia dinheiro para roupa. Cada centavo era investido no negócio. O uniforme escolar de Cleo fora remendado tantas vezes que se assemelhara a uma colcha de retalhos para sua vergonha.

Mrs. Hanley tinha razão: a sua mãe parecia exausta e gasta por tudo. Cleo sentiu uma onda de remorsos por não ter reparado em tal coisa senão agora.

– Um desperdício de dinheiro, Cleo. Se queres poupar para comprar um carro para quando estiveres a trabalhar em Donegal, então terás de parar de o gastar em revistas. – Cleo mordeu o lábio. Ainda não dissera aos pais que recusara o emprego. Toda a gente ficara tão entusiasmada quando ela anunciara a oferta de emprego que lhe fora feita, em particular o pai e a mãe. Fora quase perturbador, pois pensar-se-ia que estavam satisfeitos por se verem livres dela.

– Mãe, tive uma ideia fantástica. Bom, na verdade, há muito tempo que ando a pensar nisto. Precisamos de remodelar um pouco o Willow e depois vi esta revista e o que achas de fazermos umas pinturas, uns efeitos? Não sairia muito caro – apressou-se a acrescentar. Abriu a revista na página que queria mostrar à mãe. – A sala de jantar beneficiaria de alguma renovação e imagina só se tivéssemos este efeito especial na parede do fundo... – Não conseguiu avançar mais.

A porta das traseiras abriu-se e Sondra e Barney chegaram num remoinho de vento frio e *White Musk* da Body Shop, um perfume que Cleo outrora apreciara mas que agora detestava porque Sondra

parecia usar um frasco inteiro diariamente.

– Olá, pensámos passar por aqui para dizer adeus – declarou Sondra, grávida de pouquíssimos meses e radiante na sua maquilhagem completa e vestido preto chique.

– Não tínhamos nada para o jantar e por isso viemos até cá para cravar uma refeição à borla – explicou Barney, que nunca podia ser acusado de não ser franco.

– Senta-te, Sondra. A *chef* tem aí um robalo muito bom e posso pedir-lhe que te faça umas batatas fritas.

Pelo canto do olho, Cleo viu Jacqui sorrir enquanto regressava da sua pausa. Adorava que lhe chamassem *chef*.

– Ótimo – suspirou Sondra ao mesmo tempo que se sentava no canto mais confortável do banco e folheava as revistas de Cleo. Barney aproveitou para vasculhar o frigorífico da cozinha em busca de algum petisco.

Jacqui deu-lhe uma palmada na mão quando o viu esticá-la em direção ao salmão fumado já preparado.

– Tira a mão daí.

Barney agarrou então numa mancheia de biscoitos de amêndoa destinados a acompanharem o gelado de baunilha caseiro de Sheila e foi sentar-se ao lado da mulher. Sondra estava a admirar a página onde o *trompe-l'œil* era exibido. A casa alvo do artigo era de facto parecida com o Willow – as mesmas janelas de grandes dimensões, os tetos altos e os mesmos arcos.

– Isso é bonito – comentou Barney com a boca cheia.

– É, não é? – concordou Sheila. – A Cleo interrogava-se se não poderíamos fazer algo semelhante aqui.

Sondra arqueou as sobrancelhas bem arranjadas para Cleo.

– Mas é impossível de reproduzir – disse ela. – Custaria uma fortuna.

– Achas? – devolveu Cleo, interrogando-se por que motivo Sondra se queixava do quanto detestava os exames quando andava na escola, uma vez que era tão assustadoramente astuta em tudo o que não tinha a ver com estudos.

– Meu Deus, Cleo, não te ensinaram nada na faculdade? Os efeitos de pintura custam uma fortuna. Não estavas a pensar fazê-los tu mesma, pois não?

Cleo começou a sentir as primeiras agulhoadas de raiva.

– Na verdade, até estava – respondeu. – Todo o hotel precisa de obras e esta é uma opção que não implicaria o dispêndio de demasiado dinheiro. A taxa de ocupação no Natal não foi nada famosa e está na altura de enfrentarmos os factos e fazermos alguma coisa em relação a isso. Não queremos perder o hotel, pois não?

Sentiu, mais do que viu, a mãe retesar-se perante tais palavras.

– Cleo, o Willow continuará em força mesmo depois de estarmos todos mortos e enterrados – fez-se ouvir a voz do pai.

Do lado de dentro da porta, Harry Malin desenrolava o cachecol do pescoço.

– A bomba já está boa. O Bill conseguiu pô-la a funcionar na perfeição. Então, como está a minha nora preferida? – Sorriu para Sondra.

O fogo interior de Cleo atijou-se um pouco mais. O pai estava a fazer o que todos faziam: a evitar deliberadamente qualquer conversa acerca das carências do hotel. Quais avestruzes, preferiam enfiar as cabeças na areia.

Cleo robusteceu-se.

– Quem me dera poder concordar contigo em relação ao hotel, pai – argumentou ela –, mas não posso. Adoro o Willow, é a minha casa, mas estamos em maus lençóis. Precisamos de fazer alguma coisa.

– Penso que o teu pai deve saber o que está a fazer – intrometeu-se Sondra. – Há trinta anos que ele gere este hotel.

Os planos de Cleo de ser diplomata caíram por terra.

– Então, uma licenciatura em gestão hoteleira é um desperdício de dinheiro, Sondra, e eu não sei nada acerca de hotéis?

– Tu é que o disseste, não eu – devolveu Sondra.

– Por favor, não discutam – pediu Sheila.

– Só estou a dizer que o hotel está em apuros e ninguém quer sequer discutir o assunto – argumentou Cleo acaloradamente. – Fomos conseguindo manter um certo nível porque as pessoas adoram o Willow, mas o hotel está a envelhecer; todo o edifício necessita de obras de remodelação. Se soubessem as quantias de dinheiro investidas em alguns dos hotéis em que trabalhei... Os clientes agora esperam outro tipo de coisas...

– Estás a querer dizer que o Willow não chega aos calcanhares dos outros locais onde estiveste? – perguntou o pai num tom calmo.

– Não, pai, não é nada disso que estou a dizer. – O olhar de Cleo suplicava ao pai que não se ofendesse. – Eram hotéis completamente diferentes. Nós gerimos um hotel pequeno, familiar, de charme quase, no qual as pessoas se sentem como se estivessem em casa, e é isso que eu adoro no Willow. Foi isso que tu criaste, pai. – O olhar dela continuava suplicante. – Mas temos de melhorar o hotel de alguma maneira. Carrickwell muda de dia para dia e nós temos também de mudar com a cidade, precisamos de estar preparados para o futuro, se não...

– Se não o quê? – perguntou Harry.

Cleo não conseguia dizê-lo. Não conseguia dizer que teriam de fechar as portas.

– Se não vermos os lucros caírem a pique – respondeu sem grande convicção.

– Cleo, temos vinte reservas para o jantar de hoje – fez notar Sheila Malin. – Não é nada mau para um dia de semana.

Toda a gente, menos Cleo, sorriu perante esta nítida prova do sucesso do hotel.

– Vinte e duas, na verdade. Ou vinte e três – corrigiu Sondra esfregando alegremente a barriga.

– Não tens para aí nenhum bife, Jacqui? – perguntou Barney. – Estou esfomeado.

– A *chef* não tem tempo para preparar refeições especiais para ti, Barney – Cleo descompôs o irmão. – Na última semana, vieram aqui jantar quatro vezes. Nenhum de vocês sabe cozinhar?

– Estou grávida – reclamou Sondra, dardejando a cunhada com o olhar. – Cozinhar deixa-me maldisposta. Não sei porque lhe chamam enjoos matinais, quando na verdade são enjoos diários.

– Muitas mulheres trabalham quando estão grávidas e não podem dar-se ao luxo de desistir dos empregos por dá cá aquela palha porque o negócio de família dos maridos continuará a avançar com dinheiro para os sustentar – argumentou Cleo, perdendo a paciência. Sabia que os pais complementavam os rendimentos de Barney com ajudas monetárias, ajudas essas que Barney achava totalmente justificadas.

– São um empréstimo – rosnou Sondra.

– Quatro empréstimos nos últimos dois anos?

– Não tens nada a ver com isso.

– Tenho quando os lucros do hotel estão a ser canalizados para os vossos bolsos.

– Cleo. – O tom na voz do pai era de admoestação, mas nem Cleo nem Sondra lhe prestaram atenção.

– Podias contribuir com alguma coisa se ainda trabalhasses na receção, Sondra – prosseguiu Cleo.

– Todos sabemos que a Tamara é um caso perdido. Passa o tempo todo a arranjar as unhas.

– Como te atreves a falar dessa maneira da minha irmã? – guinchou Sondra.

– Para com isso, por favor – suplicou Sheila à filha.

– Sim, quem é que julgas que és, Cleo? – intrometeu-se Barney, recordando-se dos seus deveres maritais. – Pede desculpa.

Cleo preparava-se para dizer que não fazia qualquer tenção de pedir desculpa porque tudo o que dissera era verdade, quando Harry interrompeu.

– Isso mesmo, pede desculpa, Cleo.

Estupefacta, girou sobre os calcanhares para enfrentar o pai.

– Por dizer a verdade? – perguntou.

– Não temos discussão nesta família, Cleo – continuou Harry. – Isso não leva ninguém a parte nenhuma. Por favor, pede desculpa à Sondra. – Cleo sentiu-se traída. O pai raramente interferia em brigas e não era segredo para ninguém que ela e Sondra não se davam bem. Eram adultas; tinham o direito de não se entenderem se não quisessem fazê-lo. Amava e respeitava o pai, mas ele nem sempre estava certo. Tudo o que fizera fora dizer a verdade e estava a ser castigada.

No entanto, sabia porquê: o pai detestava grandes discussões e tentava a todo o custo evitar conflitos. A mãe dele fora o que Harry eufemisticamente apelidava de «impetuosa» e Harry crescera a ver os pais enfrentarem-se como toureiros, defrontando-se com muita raiva, gritando insultos um ao outro várias vezes por semana. Havia um limite para a quantidade de pratos que uma pessoa suportava ver serem lançados e partidos, costumava o pai dizer. Cleo sabia que herdara a impetuosidade da avó, embora não a sua língua afiada e desapiedada. Nunca magoaria ninguém com palavras injustas, por mais acaloradamente que acreditasse em determinada coisa. O modo de lidar com as coisas da avó não era a forma certa de conseguir nada.

– Tens razão, pai – declarou num tom calmo. – Não procedi bem. Peço desculpa por ter falado da Tamara naqueles termos – disse Cleo para Sondra. Mas não pedia desculpa pelas outras verdades. – Não foi justo da minha parte. Vou dar uma volta. – E levantou-se para sair.

O pai resmungou qualquer coisa acerca de ter de ir ao escritório por um momento e saiu também por outra porta.

Cleo foi sentar-se no local para onde ia sempre quando estava desvairadamente aborrecida e se esforçava por escondê-lo. No fundo do jardim, por trás do muro do pomar, no banco rachado de pedra sob a macieira. A casca da árvore estava revestida por uma camada argêntea e não se viam rebentos verdes a despontarem. A árvore estava a morrer por negligência. Ninguém no Willow percebia o que quer que fosse de árvores e os homens que trabalhavam no jardim tinham já mais do que a conta deles de trabalho a manter o jardim da frente em ordem no pouco tempo de que dispunham.

Algumas das noivas que ali haviam casado tinham sido fotografadas naquele local isolado, apenas a noiva e o noivo, sorrindo sob a macieira. Por essa razão apenas, a árvore deveria ter sido

protegida e cuidada, mas ninguém dera ouvidos a Cleo quando ela o afirmara. Nunca a ouviam. E provavelmente nunca o fariam, deu-se Cleo conta com um sobressalto.

Sabia que já não era uma maria-rapaz, que crescera, mas para a mãe e para o pai, para Jason e Barney, continuava a ser o benjamim da família.

Indolentemente, arrancou um pedaço de casca da árvore. Vários escaravelhos caíram ao chão, chocados com a perda repentina da sua casa. Sentindo-se como uma assassina, Cleo tentou voltar a colocar o pedaço de casca no tronco, mas este recusava-se a ficar lá.

– Desculpem lá – disse ela aos escaravelhos em debandada no chão pedregoso em redor dos pés dela.

Haviam perdido a sua casa e os Malin acabariam por perder a deles também.

Tirou o recorte de jornal do bolso das calças de ganga e desdobrou-o pela enésima vez. Nat vira o artigo num jornal sobre a indústria hoteleira e enviara-lho. Compreendera o que a notícia significava.

«Planos de Expansão dos Hotéis Roth», declarava o cabeçalho. O artigo relatava que a gigante cadeia internacional de hotéis Roth decidira virar a sua atenção para os mercados irlandês e do Reino Unido. E os planos não incluíam a construção de hotéis urbanos, prosseguia o artigo, mas de *resorts* no meio de áreas rurais, com campos de golfe, *health clubs* e instalações para hipismo. Os locais mencionados para a possível instalação do grupo incluíam a zona oriental da Irlanda. Cleo sentiu um aperto na boca do estômago ao contemplar perante realidade.

Se um hotel Roth abrisse em Carrickwell seria a machadada final para o Willow.

Daisy Farrell achara que arrumar o roupeiro era a forma perfeita de passar uma tarde chuvosa de domingo, tendo em conta que Alex iria passar o fim de semana em Londres a trabalhar. Porém, a tarefa perdera o seu encanto à medida que o dia se arrastara. As cinco da tarde e o crepúsculo chegaram no mesmo melancólico momento, e todas as peças de roupa que Daisy possuía continuavam amontoadas no chão do quarto do habitualmente imaculado apartamento em várias pilhas titubeantes. Todas pretas, é claro. Apesar de todas as bíblias da moda proclamarem que o encarnado ou o rosa ou o branco eram o novo preto, Daisy sabia – como qualquer *fashionista* digna do seu nome – que o preto seria sempre o novo preto.

O preto fazia cada pneu ou protuberância desaparecer e transformava o magro em escanzelado. Quem precisava da bulimia quando havia o preto?

Tinha tanta tralha, refletiu, desejando não ter sequer começado. Como seria possível que uma mulher cuja profissão era escolher roupa para outras pessoas – era encarregada de compras da boutique mais chique de Carrickwell, a Georgia's Tiara – parecesse ter tantos erros de moda no seu próprio guarda-roupa?

«Isto é para mandar fora», decidiu Daisy, segurando uma saia de *tweed* que nunca lhe ficara muito bem. «E isto a mesma coisa.» Camisas flutuantes de *chiffon* nunca haviam sido o seu estilo, contudo, adorava-as.

Tinham vendido centenas delas na loja, porém. O estilo de Daisy podia vacilar no que dizia respeito a vestir-se a si própria, mas os seus instintos estavam sempre certos relativamente ao seu trabalho.

«Como é que consegue?», perguntavam-lhe as pessoas, fascinadas com a forma como ela sabia que as clientes da loja comprariam as peças que ela adquirira nas feiras de moda seis meses antes de serem colocadas à venda.

– Escolhe peças de roupa em janeiro e quando o verão chega faz figas para que estejam na moda e para que as mulheres daqui as comprem? – era a pergunta habitual quando Daisy explicava o que significava ser a encarregada de compras da Georgia's Tiara. – Como sabe que as mulheres vão gostar do que comprou?

– Não sei – respondia alegremente Daisy. – Há anos que este é o meu trabalho e, no fundo, penso que é uma combinação de experiência, habilidade e... bom, olho para a coisa.

– Ah! – Essa resposta satisfazia a maior parte das pessoas, pois «olho para a coisa» era sinónimo de sorte: e ou se tinha ou não se tinha. Ninguém podia censurá-las por não terem esse «olho» e, portanto, por não terem a aparente boa sorte de Daisy Farrell. Um bonito apartamento no velho moinho restaurado no centro de Carrickwell, um carro desportivo encarnado, férias decentes duas vezes por ano, já para não falar de todas as viagens em primeira classe – com direito a champanhe – às feiras de moda na Alemanha e em Londres e um homem como Alex Kenny. Algumas mulheres nasciam mesmo com o traseiro virado para a Lua.

– Não lhes digas que é apenas uma questão de se ter olho para a moda. Fazes o teu trabalho soar

demasiado simples – censurava-a Alex. – Diz-lhes que te esforças muito e que é um trabalho extenuante e que não há quaisquer garantias de que vendas uma única das peças que compraste.

Alex trabalhava na indústria da banca de investimento em Dublin, uma área onde era imperativo que se anunciasse o quanto se era bom e bem sucedido no seu trabalho. Mesmo ao fim de catorze anos ao lado de Daisy, Alex continuava sem entender a reserva natural dela. Era brilhante no seu trabalho, qual era o mal de dizer isso mesmo às pessoas? E Daisy, segura no amor da única pessoa no mundo que a fazia sentir-se bem em relação a ela mesma, ria e dizia que ser compradora de moda era algo impossível de explicar a um leigo. Era como vestir *Prada* e transmitir a ar de quem nem se dera a grandes esforços, de tal forma que ninguém suporia todo o árduo trabalho que estava por trás do conjunto.

Para além disso, Daisy, à semelhança de toda a gente que duvidava do seu valor, tinha pavor de entediar as restantes pessoas. Achava que aborreceria toda a gente de morte se lhes falasse dos anos que passara a acompanhar a moda das «bancadas» e de como tentara costurar roupa a partir de velhos retalhos de tecido antes de ter idade sequer para mexer na máquina de costura. Daisy podia muito bem ter sido abençoada com um olho para a moda, mas a sua extensa aprendizagem havia aguçado o seu talento.

– É coisa de mulher – acrescentava em jeito de explicação. – As mulheres não gostam de se exhibir como os homens.

– É mas é coisa de Daisy – contra-argumentava Alex. – O meu escritório está cheio de mulheres que não têm qualquer pejo em dizer a toda a gente o quanto são talentosas.

– Só porque o desejo delas é impressionar-te – devolveu Daisy com uma gargalhada. E era verdade. Aos trinta e seis anos, Alex continuava a exhibir o porte do remador universitário que fora. Alto e magro, ficava um espanto de fato, e ainda melhor sem ele, e a cabeleira sedosa e farta, bem como o rosto anguloso e inteligente faziam com que as mulheres fossem incapazes de não reparar nele. Uma das muitas, muitas coisas que Daisy adorava em relação a ele era o facto de Alex não lhes dar trela.

Nunca lhe ocorrera que ele alguma vez tivesse de se preocupar que os homens reparassem nela. Daisy não tinha quaisquer ilusões em relação à sua beleza. Uma pessoa não crescia a ouvir a mãe chamar-lhe patinho feio vezes sem conta, como a mãe de Daisy fazia, sem tirar as suas próprias conclusões. No entanto, tinha estilo, sapatos fabulosos, e Alex, o homem pelo qual se apaixonara perdidamente desde o primeiro encontro num sombrio *pub* universitário há uma eternidade.

O seu querido Alex estava relacionado com as três perguntas que Daisy mais odiava. A primeira era: «Tu e o Alex casarão alguma vez, Daisy?»

Resposta curta: «Talvez», enunciada com um pequeno sorriso que deixava entrever planos de uma cerimónia elegante numa praia distante, onde os convidados podiam colher flores exóticas para colocar nas orelhas enquanto sentiam a areia sob os pés descalços. Um vestido *Vera Wang*, alianças exclusivas, mandadas fazer propositadamente, e uma festa privada na praia para um pequeno grupo de amigos, seguida de uma reunião descontraída num restaurante quando regressassem da lua de mel.

A verdadeira resposta de Daisy era: «Eu adoraria, mas o Alex não está interessado. Já falámos sobre isso, mas ele não é fã de casamentos. Para quê consertar o que não está avariado, argumenta ele.»

Fora isso mesmo que dissera a Mary Dillon, a sua sócia na loja.

– É mesmo coisa que um homem diria – comentou Mary, que acabara de se divorciar e ainda não

deixara de acreditar que todos os homens eram umas merdas. Mary fundara a Georgia's Tiara há dez anos e Daisy juntara-se-lhe pouco tempo depois. Juntas formavam uma equipa fantástica.

– Casar não tem nada a ver com consertar o que quer que seja. É simplesmente um compromisso maior, mais nada – prosseguiu Mary. – É querer que o mundo saiba que pretendemos ficar com o nosso cônjuge para o resto da vida. Viver com uma pessoa não diz nada disso. Só te digo – acrescentou lugubrememente –, se eu tivesse simplesmente vivido com o Bart ao invés de ter sido burra o suficiente para casar com ele, talvez não tivéssemos acabado a dar tanto dinheiro a advogados. De cada vez que vejo o meu no seu novo *Porsche*, tenho vontade de lhe dizer que um oitavo daquele carro é meu, por isso, está na altura de mo emprestar.

– Pois... – concordou Daisy, desejando não ter enveredado por ali. Mary não era o tipo de pessoa de chamar a uma pá uma ferramenta de metal para cavar e Daisy acabara de quebrar a sua própria inflexível regra acerca de lealdade conjugal: nunca falar de uma forma negativa acerca do ente querido. Qualquer coisa diferente disso seria demasiado semelhante àquilo com que crescera. – Suponho que até entendo o ponto de vista do Alex – prosseguiu Daisy falsamente, recuando para se sentir menos culpada. Tratara-se de uma conversa privada com Alex. Que raio a fizera contar tudo a Mary? – Estamos muito felizes como estamos. Isto deve ser pré-menstrual. Não me dê ouvidos.

A única vantagem em relação a não ter planos para casar era o facto de não ter de enfrentar o dilema de convidar ambos os pais para o casamento. Haviam-se passado anos desde a última vez que a mãe de Daisy tolerara estar na mesma cidade que o pai, quanto mais na mesma divisão. Nan Farrell insistira que o marido se mudasse de Carrickwell para que ela pudesse fazer de conta – para ela mesma, pelo menos – que era ainda uma pessoa importante na cidade. Durante anos, o pai de Daisy entrara e saíra da sua vida. Vivia agora em São Francisco e parecia contentar-se em enviar e receber nada mais que um postal de Natal.

Sempre que a *Vogue* fazia um especial sobre noivas, Daisy contentava-se com a certeza de que tinha o mesmo tipo de compromisso sem a necessidade de um complicado planeamento dos lugares à mesa para manter toda a família feliz. A família fora uma espécie de grupo de estranhos durante toda a sua vida. E seguramente que era bem mais moderno viver-se com o namorado do que casar à pressa só porque sim, pensava ela.

A segunda pergunta que mais odiava era ainda mais pessoal.

«Como perdeste todo esse peso?», queriam saber todas as pessoas que não a haviam visto durante anos e apenas se lembravam de Daisy como a pessoa roliça que haviam conhecido.

Ignorando a descortesia da pergunta – o peso era uma coisa extremamente pessoal, mas ainda assim muitos revelavam a audácia de perguntar o que comia ao pequeno-almoço, se com isso conseguissem perder algumas gramas também –, Daisy responderia que não fizera nada. Sinceramente.

Apesar de ser uma pessoa encantadora e muito sociável, Alex prezava incrivelmente a sua privacidade e não queria que ninguém soubesse que estivera doente, por isso, Daisy não podia dizer que a simples ralação por que passara ao longo dos dois anos que a doença misteriosa dele durara, fizera com que o peso, dezoito quilos, se tivesse pura e simplesmente desvanecido.

«Mas não andaste no Weight-Watchers nem fizeste a dieta Atkins?», insistiam as pessoas num tom desconfiado, obviamente convencidas de que ela estava a mentir com todos os dentes que tinha, de que vivia apenas de sopa de couve e provavelmente tinha um problema terrível com o mau hálito.

«Nada», respondia Daisy, interrogando-se para ela mesma se não haveria de ir registar a patente para a Dieta do Vírus Epstein-Barr.

Alex estava agora muito bem. Graças ao último ano que passara como doente do fabuloso Dr. Verdan, exsudava saúde e estava de novo cheio de energia. Tomava suplementos suficientes para abrir a sua própria farmácia, mas pareciam todos estar a fazer o seu efeito. Daisy esperava que aqueles que suplicara a Alex que pedisse ao Dr. Verdan estivessem a ajudar.

O que conduzia à terceira pergunta, aquela que não era colocada com a mesma frequência das outras duas. Aparentemente, as pessoas estavam mais conscientes da delicadeza de a fazerem nos dias que corriam, por isso, quando uma mulher chegava a uma certa idade e não se lhe conheciam filhos, apenas os mais ineptos tinham o desplante de inquirir: «Então, e filhos? Não quer tê-los?»

Infelizmente, ineptos era o que não faltava, pessoas que achavam ser perfeitamente aceitável perguntar a uma mulher saudável de trinta e cinco anos com um parceiro de longa data se alguma vez considerara a hipótese de ter filhos.

Nem pensar, desejava Daisy gritar a essa gente. «Pensámos nisso, mas ouvimos dizer que uma criança custa trinta mil euros nos primeiros cinco anos de vida, portanto, ao invés disso vamos para as Bahamas.» Apenas uma resposta tão irreverente poderia disfarçar a genuína dor física que sentia quando lhe faziam semelhante pergunta.

Porque Daisy não queria filhos. Ansiava por eles, suspirava por eles, chorava por eles à noite.

Aos trinta anos parara de tomar a pílula.

«Vai ser divertido fazer bebés», dissera Alex na altura. E fora, de facto. Fazer amor e esperar ficar grávida, em vez do oposto, era muito sensual.

«A mãe dos meus filhos», gostava Alex de murmurar quando estava deitado por cima dela, o corpo nu e atlético num encaixe perfeito com o dela.

Daisy não apreciava particularmente o seu corpo. Era tão provocadoramente diferente do que gostaria que ele fosse, com curvas em todo o lado e gordura que extravasava das ancas, fazendo com que o seu tamanho 42 mais parecesse um 44. No entanto, quando Alex a abraçava carinhosamente, o seu cabelo louro se espalhava pela almofada e a sua pele macia roçava contra a dele ao mesmo tempo que tentavam conceber um filho, essa era a única ocasião em que Daisy sentia que era quase bela.

Fazer bebés, contudo, não resultou tão bem como estavam à espera. Era como se decidirem simplesmente ter um filho, ao invés de se esforçarem por não ter, tivesse de repente tornado muito difícil conseguir uma gravidez.

Nas revistas não faltavam histórias deprimentes acerca do declínio da fertilidade e do facto de as mulheres cada vez mais decidirem engravidar mais tarde na vida. Daisy odiava esses artigos desde o dia em que ficara a saber que as mulheres já nasciam com o número de óvulos que iriam ter durante toda a sua vida.

– Queres dizer que não produzimos óvulos novos a toda a hora? – perguntou a Paula, que trabalhava na loja e era viciada em *websites* relacionados com temas de saúde. – Pensei que tudo no corpo humano era substituído a cada sete anos. Eu li isso algures, tenho a certeza que sim – acrescentou Daisy ansiosamente.

– Não, nada disso – contrariou Paula. – Já nascemos com um número predeterminado de óvulos. Quando temos trinta anos, os novos óvulos são da mesma ideia.

Daisy empalideceu ao pensar nos seus óvulos, então com trinta anos, e em tudo aquilo por que fizera o seu corpo passar.

Poderia a quantidade de álcool ingerido afetar os óvulos? Só de pensar em todas as noites loucas, aos vinte e poucos anos de idade, em que bebera tanto que quase ficara sóbria de tanto beber. E as drogas? Recordava-se agora de Werner, o estudante austríaco amigo de Alex que adorava fumar droga e encorajara Daisy, que sempre fora contra as drogas, a fumar uma ganza com os restantes amigos durante aquelas férias. Nunca antes experimentara drogas, desaprovava-as por completo, por amor de Deus, mas fora estúpida e dissera que sim, e ficara desde então com a certeza que tal atitude regressaria para a atormentar. Burra, burra, como poderia não saber aquilo acerca dos óvulos?

Paula, que era mais jovem que Daisy, não parecia demasiado preocupada em relação ao estado dos seus ovários e ao facto de não ter ainda chocado nada, por assim dizer.

– Olha, *que será, será* – declarou otimisticamente.

«A vida não é uma cantiga de Doris Day», reclamava amargamente uma vozinha dentro da cabeça de Daisy. Em voz alta, disse:

– Tens razão, Paula. É um disparate ficar-se obcecado em relação a estas coisas. Ainda somos jovens, afinal de contas, e a medicina hoje está sempre a desenvolver técnicas novas para nos ajudar a ter filhos.

Esse pensamento, a ideia de que a ciência estava sempre lá, com experiências cada vez mais avançadas, permitindo às pessoas ter filhos ainda que não estivessem sequer no mesmo continente, manteve-a motivada.

Diminuir o consumo de cafeína não impulsionou o sistema reprodutor de Daisy. Nem tão-pouco comer os chamados superalimentos. A gaveta dos legumes e vegetais parecia quase uma horta de tão variada e verde e Daisy esforçou-se ao máximo por cortar no número de copos de vinho que bebia ao fim de semana. Contudo, o seu período vinha com uma regularidade, Daisy jurava, nunca antes vista nos tempos em que não pretendia engravidar.

Ainda assim, o tempo estava do lado deles, dizia para si mesma. Eram jovens, saudáveis, bem sucedidos em tudo o que tocavam.

A Georgia's Tiara estava cada vez mais próspera e Mary acabou por propor sociedade a Daisy.

– Posso vender gelo aos esquimós, mas não conseguiria fazê-lo a não ser que tu arranjasses o gelo certo – declarou Mary plenamente convicta do que estava a fazer. – Esforçaste-te e empenhaste-te tanto no negócio, mereces ser minha sócia.

Daisy tapara a boca com as mãos como se fosse uma criança.

– Mary, nem acredito. És tão boa para mim.

– Disparate – argumentou Mary. – *Tu* é que és boa para mim, *e* para a loja. Gerir um negócio é algo natural para mim e podia passar a minha vida inteira a tentar aprender a fazer o que tu fazes que nunca conseguiria.

Animada por este novo desenvolvimento na sua vida – até a sua mãe teria de concordar que ela se estava a sair muito bem –, Daisy decidiu que não engravidava porque a altura não era a mais adequada. Era como aquele ditado budista: quando o aluno estiver preparado, o mestre aparecerá. E ela, obviamente, não estava preparada. As mulheres de carreira tinham tantas dificuldades em equilibrar filhos e o trabalho que provavelmente até era bem melhor não ter filhos nesta altura da sua vida. Então, ao fim de um ano a tentar engravidar, Alex adoeceu. Parecia incrível que tivessem demorado tanto tempo a conseguir um diagnóstico e passado por um autêntico inferno até

descobrirem o que se passava. Mesmo agora, Daisy estremecia ao pensar em tudo o que podia ter acontecido. Ela e Alex haviam suspeitado de leucemia. Agora, sempre que havia recolha de donativos para o que quer que fosse que tivesse a ver com cancro, Daisy contribuía como que para manter o mal à distância.

Porém, o papão fora o vírus Epstein-Barr, causador de um distúrbio autoimune que normalmente transforma pessoas energéticas em farrapos. Difícil de detetar e ainda mais difícil de curar, a doença deixou as suas marcas em Alex e Daisy. A tentativa de engravidar deixara de estar na agenda durante esse período, mas nunca saiu da cabeça de Daisy, a sensação de que o tempo passava lentamente e de que os seus óvulos iam ficando cada vez mais velhos. Também receava, embora nunca se atrevesse a dizê-lo, que a doença de Alex fosse parte do problema.

E agora haviam saído de debaixo de fogo juntos. Ao longo dos últimos dois anos, a saúde de Alex recuperara e ele afirmava que se sentia muito bem. Daisy também se sentia em forma. Ia engravidar. Era a sua vez, estava na altura de descobrir porque não conseguia engravidar, de saber se havia algum problema com o esperma de Alex devido ao vírus e fazer alguma coisa em relação a isso. O aluno estava preparado.

De pé frente ao espelho do quarto naquela tarde escura de domingo, Daisy declarou-o em voz alta: «Estou pronta. Estou pronta para engravidar. Agora.»

Nada aconteceu. Nenhum trovão no céu lhe deu a entender que Deus a escutara, as cortinas não se mexeram a dizer que o seu anjo da guarda estava ali e faria o melhor que pudesse em termos de mediação.

Não houve qualquer sinal, tal como nunca existira qualquer um antes.

«Alex, quero que façamos exames para descobrirmos o que se passa. Não nos podemos dar ao luxo de esperar mais. Não estou a caminhar para nova e...», o monólogo de Daisy ao espelho esmoreceu. Não era com o espelho que devia falar, era com Alex, e já.

Passara o fim de semana a pensar apenas nisso porque, com Alex ausente, tempo fora o que não lhe faltara para refletir. Ele estava em Londres com um grupo de investidores no que descrevia como uma «reunião festiva», onde boa comida e vinho caro eram servidos para convencer os investidores a assinar cheques chorudos.

Muito embora detestasse estar sozinha, a ausência dele concedia a Daisy a oportunidade de colocar em dia algumas tarefas domésticas entediadas, como limpar o forno antes que entrasse em combustão espontânea. O forno brilhava agora, graças a várias horas dispendidas a esfregá-lo no dia anterior. Contudo, a arrumação do roupeiro revelara-se um verdadeiro trabalho de Hércules.

Guardara algumas das peças de roupa de quando era gorda para quando estivesse grávida. A camisola de seda que trouxera de Itália, a flutuante camisa *Pucci*, iriam ficar a matar por cima de uma barriga grávida. Daisy fizera tantos planos para ser uma grávida elegante e agora, perante toda aquela roupa e nenhuma utilidade para ela em breve, o seu coração desanimava.

Por volta das cinco da tarde, ao mesmo tempo que acendia as luzes do quarto, Daisy pensou que o que lhe apetecia mesmo era um jantar cedo frente ao televisor, mas ainda tinha montanhas de roupa para guardar dentro do roupeiro. Pelo menos cinquenta por cento de tudo o que possuía estava em pilhas no meio do chão.

Segurava uma camisola – preta, cara, por isso como poderia livrar-se dela, muito embora já lhe ficasse larga? – quando o telefone tocou.

– Alex, olá. – Daisy afundou-se no lado dele da cama, segurando o auscultador com o ombro, a voz

derretendo de saudades. – Como estás, querido? Sinto a tua falta.

– Eu sei, Daisy, mas amanhã ao fim da tarde já aí estarei. – Pelo tom empresarial dele, era óbvio que não estava sozinho.

– Não podes falar, não é? Não tem problema. Como está isso a correr? – inquiriu, reprimindo qualquer indício de irritação pelo facto de ele não se ter esgueirado para longe do grupo por um momento para poder falar com ela à vontade. Pareceu-lhe que ele estava a falar do telemóvel e odiava aquelas conversas num tom profissional e seco, do género: «Tudo bem por aqui, e tu?»

– Tudo bem por aqui – respondeu Alex, como que seguindo a deixa. – E do teu lado?

Daisy riu e esforçou-se ao máximo por empurrar a irritação para longe. Não era a melhor altura para dizer: «É melhor fazermos alguma coisa em relação ao facto de eu não estar a engravidar» e menos ainda pelo telefone.

– Do meu lado está tudo bem, mas solitário, porque não tenho o teu lado para me aconchegar na cama. Ontem à noite estive um gelo – acrescentou. – Tive de recorrer ao meu pijama de flanela e às meias para dormir, uma vez que não estavas cá para me aquecer. – Não resistira à piada, pois sabia o quanto ele detestava as meias de dormir dela.

– É mesmo? – disse Alex num tom imparcial, mas Daisy sabia que ele devia estar a sorrir. Apenas alguém que o conhecesse bem se aperceberia disso através de uma chamada de telemóvel menos boa feita e de longa distância.

– É mesmo. Portanto, despacha-te a voltar. Eu e as meias temos saudades tuas.

– Eu também. Tenho de ir. Temos outra reunião antes do jantar e o mais provável é que dê para tarde, por isso não devo voltar a ligar-te. Vemo-nos amanhã.

– Está bem, estou ansiosa. – Tinha tanto para falar com ele. – Sei que não podes falar, Alex – apressou-se Daisy a acrescentar –, e não tens de responder, mas eu amo-te.

O que se seguiu foi silêncio. Alex desligara.

Daisy obrigou-se a colocar o auscultador na base sem bater com ele com toda a força. Por que motivo é que, invariavelmente, as mulheres se punham a interrogar o que se passaria de errado, mesmo quando nada de errado se passava, e os homens nunca entreviam nada fora do normal quando uma guerra emocional estava prestes a ser declarada? Bem que gostaria de ver o quanto Alex ficaria satisfeito se ela lhe desligasse o telefone quando estava em viagem de trabalho e ele estivesse ansioso por lhe dizer alguma coisa.

Lugubremente, observou as pilhas de roupa em cima da alcatifa bege. Todo o apartamento fora decorado em tons subtis de bege e caramelo, com alguns contrastes em castanho-escuro. Alex adorava o minimalismo moderno.

Daisy interrogara-se outrora de que modo o apartamento se adaptaria a uma criança pequena. Adorava planejar novas carpetes e tintas coloridas laváveis nas paredes, ou então imaginar de que modo decoraria o quarto do bebé. Era ou não era ridícula?

E pronto, o seu entusiasmo desvaneceu-se por completo. Empilharia tudo do seu lado do quarto e trataria de ir arrumando a roupa ao longo da semana. Havia piza de *pepperoni* e batatas fritas de ir ao forno no congelador, uma garrafa de vinho branco no frigorífico e, muito provavelmente, um filme romântico e lamechas na televisão. Podia até aproveitar para tratar das unhas. E colocaria uma máscara no cabelo para que recuperasse o seu brilho e glória. O ferro de alisar o cabelo deixava-lho seco e mortício e as pontas também já tinham um ar espigado.

Ia embelezar-se para que quando Alex chegasse ficasse ao mesmo tempo roidinho de culpa e

saúde, e depois sentar-se-iam para falarem do que ela queria conversar com ele.

A Georgia's Tiara tinha duas montras que davam para Delaney Row, uma rua de grandiosas casas de três pisos na extremidade norte de Carrickwell, e ambas as montras exibiam cartazes a dizer «SALDOS» com letras gigantes em estilo *art déco*. Decorada no tom de amarelo preferido da proprietária Mary Dillon, a loja era um paraíso para qualquer amante de roupa e incluía uma minúscula secção de acessórios que vendia sapatos, malas e joias de fantasia, três provadores espaçosos e, o mais importante de tudo, espelhos complacentes.

Mary tinha a maior parte da sua pintura de guerra na cara e ia já na segunda chávena de água quente com limão – horrível, mas excelente para a tripa, segundo ela lera – quando Daisy chegou à loja na segunda-feira de manhã.

– Desculpa, o trânsito estava uma loucura – disse Daisy, que era basicamente o que alegava sempre. O botão de *snooze* do despertador era tão sedutor de manhã. Nunca tivera problemas em identificar-se com o mandarim chinês que insistia em ser acordado todos os dias às quatro da manhã só para desfrutar do luxo de saber que não tinha de levantar-se ainda. – E as obras na ponte... um caos.

– A Paula queria apanhar ar fresco, por isso foi ali ao Mo's Diner buscar uns *lattes* – disse Mary, nem sequer se dando ao trabalho de responder à história acerca do trânsito. O dia em que Daisy chegasse a horas, Mary saberia que se passava alguma coisa de muito errado. – Descansa e recupera o fôlego – prosseguiu Mary, estendendo-lhe uma parte do jornal.

Paula, que estava agora grávida de cinco meses e meio do primeiro filho, chegou com os *lattes* e três dos famosos queques de arando do Mo's e por uns momentos entregaram-se ao costumeiro colocar em dia da conversa. Daisy perguntou a Paula como se sentia, se o bebé pontapeara e quantos frascos de *Gaviscon* é que tomara.

– Dois – admitiu Paula envergonhadamente. Sentia-se dividida entre a alegria de estar grávida e a infelicidade de sofrer de uma azia que se assemelhava a uma erupção do Krakatoa.

– Apenas dois? – disse Daisy num tom alegre. – Devias ter ações na empresa. – Naquele dia conseguia brincar com Paula. Até então, tivera dificuldades, muito embora se esforçasse ao máximo por não o demonstrar, uma vez que adorava Paula e não a queria magoar por nada do mundo. No entanto, naquela manhã sentia-se diferente. Agora que decidira agir, a dor parecia ter recuado um pouco.

Depois de terem tomado o café – dois *lattes* e um descafeinado para a futura mãe –, uma ditosa paz abateu-se sobre as três mulheres ao mesmo tempo que folheavam os tabloides para verem quem vestira o quê no fim de semana.

Uma das melhores clientes da loja, uma senhora de bem da sociedade, cheia de dinheiro e com o sentido de moda de um *Doberman*, fora fotografada numa estreia de um filme com um vestido bordado de alças fininhas azul-escuro, um bolero francês de caxemira azul e um colar de contas de turmalina – um conjunto que Daisy elaborara especificamente para ela. O único defeito era o pedaço de coxa com colãs cor de pele visível entre o vestido e as botas de camurça azul-escuro.

– Tu disseste-lhe para vestir colãs pretos – gemeu Paula.

– Os colãs não têm assim tanta importância – disse Daisy. – Se ela os tivesse vestido de propósito, estaríamos aqui todas a comentar que fora uma ideia brilhante.

– É verdade – murmurou Mary. Havia uma fronteira muito ténue no mundo da moda entre o génio

de fazer algo diferente e a estupidez de vestir os colãs errados. Do mesmo modo, uma sombra de olhos azul poderia ficar deslumbrante na pessoa certa e ser um erro hediondo na mulher errada.

A manhã foi ocupada com telefonemas para se indagar do paradeiro de um carregamento de écharpes estampadas de seda italiana. Pelo meio, Daisy ajudou um trio de mulheres que procurava um fato para a mãe de uma noiva que tinha um vestido de brocado creme e um vestido de dama de honor para a irmã da noiva.

– Um vestido que ela possa voltar a usar, nada com flores gigantescas semelhante a um edredão – insistiu a noiva, com a irmã a acenar que sim enfaticamente ao lado dela. Não queria parecer-se com uma refugiada de uma fábrica de sofás. Não queria nada florido nem cheio de folhos.

Daisy gostava do desafio de vestir acompanhantes de noivas. Mary odiava, pois, no seu atual estado de espírito pós-divórcio, achava que as pessoas não eram suficientemente advertidas em relação àquilo em que se estavam a meter.

– Devia haver mais qualquer coisa na cerimónia, algo do género de um aviso de que basta um dia para nos casarmos e quinhentos para conseguirmos um divórcio – aventou sombriamente, longe do raio de audição das três mulheres. – E a amargura... Nunca é mencionada nos casamentos, pois não? Devia ser, pois dura para além dele. Podemos ter há muito esquecido onde enfiámos o álbum de casamento e o serviço de copos de cristal pode andar espalhado por toda a casa, mas podes apostar que a amargura está sempre à mão de semear, noite ou dia.

Daisy não sabia o que dizer enquanto vasculhavam extremidades opostas do armazém em busca de um vestido tubular rosa pálido decorado com contas e borboletas na bainha e um outro de lã de seda com casaco a condizer que ficaria muito bem num casamento de inverno. Era estranho que Mary conseguisse ser tão anticasamento num minuto e tão pró-casamento no minuto seguinte. Ficara indignada ao ouvir a história de Daisy acerca do facto de Alex não estar interessado em casar. Ultimamente, Daisy começara a censurar as suas conversas com Mary para o caso de divagar demasiado acerca do que ela e Alex haviam feito durante o fim de semana, quando sabia que Mary estava sozinha em casa a preocupar-se com o fluxo de caixa ou receando nunca mais voltar a ter vida sexual.

– A culpa é do Richard Gere – fungou Mary. – Achei que a vida ia ser como em *Oficial e Cavaleiro* e olha o resultado que teve? Nenhum. O que me matou foi a farda.

Uma vez que Bart nunca usara qualquer farda, Daisy não percebeu muito bem onde Mary queria chegar, mas deixou-a divagar à vontade dela.

– O triunfo da esperança sobre a porcaria da estupidez – disse Mary. – Porque raio achamos que temos de nos casar? Que se passa com o cérebro das mulheres para acharmos que não estamos ligadas ao mundo a não ser que tenhamos um homem que nos ligue a ele? Homens... quem é que precisa deles?

Os atuais livros de cabeceira de Mary eram do tipo que relatavam histórias de mulheres que amavam homens canalhas. Emprestara alguns deles a Daisy e esta aceitara-os por culpa, mas continuavam na bagageira do carro no seu saco de plástico, o que incutia em Daisy um sentimento de culpa ainda maior. E se Mary os visse, obviamente ainda por ler, e se desse conta de que, embora fosse infeliz, nem todas as restantes pessoas o eram?

– Oh, vá lá, Mary – argumentou então Daisy, achando que o que a amiga precisava era de ser animada. – Já esqueceste o Bart, tenho a certeza que sim.

– Esqueci? – inquiriu Mary. – É que eu acho que não, sabes? Estou triste e deprimida e acho que

nunca mais voltarei a sentir-me como dantes. É isso que o casamento nos faz, Daisy, nunca te esqueças.

O esplendor de vestir as acompanhantes da noiva desvaneceu-se para Daisy. Sentia agora uma ligeira dor de cabeça, por isso, assim que o trio foi embora, tomou uns analgésicos e, num impulso, decidiu que uma garrafa de vinho talvez animasse Mary.

Fecharam às seis e Daisy abriu a garrafa.

– Só um copo – avisou Mary. – Os miúdos convidaram um amigo para o jantar e não quero ficar com a fama de divorciada debochada. Isso sim seria um bom tópico de conversa no recreio. Sozinha e alcoólica não é bem o tipo de coisa que queiramos ver publicitado. É quase tão mau quanto sozinha e desesperada por sexo.

– Eu não bebo – acrescentou Paula, erguendo a mão para realçar a sua recusa. – Se olhar para uma bebida, o bebé nascerá já com o auscultador em riste para ligar para a comissão de proteção de menores e a minha mãe tem um ataque. Grávida, a minha cunhada bebeu um copo de champanhe no meu casamento e a minha mãe nunca conseguiu esquecer o assunto. Ainda espuma que foi uma irresponsabilidade.

Daisy fez um rápido cálculo para avaliar o rácio garrafa/pessoa. Nunca bebia mais do que um copo quando conduzia.

Mary descalçou os sapatos, apoiou os pés no caixote de verga por trás do balcão e suspirou.

– Não sei porque raio uso estes sapatos – disse agitando os dedos. – Dão-me cabo dos pés. Não tarda tenho joanetes.

– A rapariga que veio cá hoje, a noiva, ia fazer um tratamento de beleza completo no dia anterior ao do casamento – referiu Paula. – Manicura, pedicura, tudo.

Todas suspiraram perante semelhante ideia.

– Nunca fui a uma pedicura profissional – disse Daisy. – Já me envergonho o suficiente quando vou à manicura; as minhas unhas estão sempre uma miséria, mas os pés... ui. Seria uma vergonha ainda maior. Era preciso equipamento de lixar industrial para tirar toda a pele seca dos meus pés e depois a esteticista olhava para mim e acharia que eu era uma campónia. Não, não tenho coragem. Prefiro tratar dos meus pés sozinha, e mal.

– Oh, elas não querem saber do estado em que tens os pés – argumentou Mary. – Pés é o que elas veem o dia todo e vê-se um veem-se todos. Eu já fiz de tudo ao longo dos anos: pés, mãos, aquela coisa em que nos envolvem em ligaduras como se fôssemos múmias. É cá um pivete! Andamos a cheirar mal o dia inteiro por causa da lama que nos esfregam. Agora já não tenho dinheiro para nada disso, graças ao Bart. Para além disso, também não me sobra tempo.

– Disso é que nós precisávamos – sugeriu Daisy num tom devaneador. – Um dia inteiro num fabuloso salão de beleza onde pudéssemos relaxar e nos embelezassem, e eu podia tratar dos pés e das mãos e vocês estariam comigo e eu já não me sentiria tão embaraçada por causa das minhas enormes cutículas e dos calcanhares cheios de peles!

– Aquele spa que estava em construção na propriedade dos Delaney vai abrir na próxima semana – fez notar Paula. – Não sei quem comprou a casa, mas há trabalhadores lá vinte e quatro horas por dia, segundo a minha mãe. Ela e o grupo de caminhadas dela passam por lá todas as semanas. Acho que vai ser uma coisa assim toda holística, com salas para ioga, para massagens com pedras quentes e aromaterapia.

– Eu cá não me importaria nada de experimentar isso das pedras quentes – gemeu Mary. – Quem me dera ter tempo para isso...

– E porque não? – perguntou Paula. – Até podíamos ir assim que abrisse. Com certeza que terão ofertas especiais de lançamento e há de haver coisas para grávidas. Massagens especiais e tratamentos.

– Boa ideia, eu tratarei de investigar – decidiu Daisy, toda animada com esta nova ideia.

Aquele era um dia para fazer planos. Telefonara para várias clínicas de fertilidade e tinha novidades para Alex. Novidades emocionantes. Marcara consulta para ambos numa das clínicas. O único problema era que a consulta só seria dali a algumas semanas. A antecipação matá-la-ia até lá, por isso um dia num spa com as amigas era precisamente o que necessitava para ter algo por que ansiar entretanto.

Daisy chegou a casa às sete, carregando o saco com os livros de Mary porque algum dia tinha de os folhear. A primeira coisa que viu foi a pasta de Alex pousada no chão de carvalho do vestíbulo. O que lhe chamou a atenção foi o brilho de algo cor de turquesa a emergir das pregas da mala. Um saco da *Tiffany*. Considerou uma rápida vista de olhos para ver o que Alex lhe comprara, mas depois reconsiderou.

Imagine-se que ele lhe comprara um anel de diamantes do tamanho de um berlinde para a pedir em casamento... Nesse caso, teria de passar o resto da vida com a terrível sensação de que estragara a surpresa. Como é que tu e o pai ficaram noivos, perguntariam os filhos, e ela teria ou de mentir ou de dizer, «eu armei-me em gata apressada e meti o nariz na mala do vosso pai e encontrei o anel...» Pois, não seria propriamente a história romântica que gostaria de contar. Fosse como fosse, não era de certeza um anel de noivado. Tinham já discutido o assunto e chegado à conclusão de que não precisavam de um casamento para cimentar o relacionamento que tinham.

Daisy gritou um animado olá e Alex emergiu da casa de banho, com um ar um pouco pálido.

– Esquisito do estômago – disse ele em jeito de cumprimento e beijou-a apressadamente na face.

– Foi essa a receção que me reservaste? – brincou Daisy, seguindo-o até ao quarto, onde ele se começou a despir, lançando o casaco e a gravata para a colcha sedosa cor de caramelo. – Ah, então *isso* é que é a receção...

A meio de desabotoar a camisa, Alex fez uma careta.

– Querida, se soubesses o fim de semana que tive... Aquela gente estava mais renitente que sei lá o quê. Estou tão estafado. E o hotel não era tão bom como o da última vez.

– Pobrezinho do meu querido. – Abriu os braços para ele e, por um minuto, Alex relaxou contra ela e deitou a cabeça no seu ombro.

Depois, afastou-se para acabar de se despir e colocou um par de calças de ganga e uma *sweatshirt*.

Daisy foi sentar-se de pernas cruzadas aos pés da cama.

– Queria conversar contigo acerca de uma coisa – começou ela. – Está tudo bem – riu ao ver os olhos esbugalhados dele –, não fui despedida e não estraguei o carro! É acerca do bebé, do nosso bebé. Oh, Alex, já estamos à espera há tanto tempo... É melhor fazermos alguma coisa em relação a isso. – Sorriu, tendo guardado o melhor para o final. – Hoje fiz umas buscas e telefonei para duas clínicas de fertilidade. Na maior parte delas é preciso esperar cerca de um mês por uma consulta, mas a Avalon... li umas coisas acerca da clínica no jornal e é espetacular, embora seja uma das mais caras... e tinha acabado literalmente de haver um cancelamento. Podem receber-nos desta sexta-feira

as três semanas, ao meio-dia e um quarto. – Os olhos de Daisy brilhavam de entusiasmo. – Não é fantástico? Por favor, diz que podes ir.

Alex, estacado com uma meia calçada e a outra na mão, olhou-a fixamente.

– Há anos que estamos à espera, Alex. Um antes de teres adoecido e dois desde então.

Alex deu um pequeno salto. Ela sabia que ele detestava ser recordado da sua doença.

– Temos de fazer alguma coisa antes que se me esgote o tempo. Preciso de saber por que motivo não consigo engravidar. Quero ter um bebé. – Declará-lo assim, trazia toda a emoção ao de cima. – E sei que tu também queres. É algo que ambos queremos há tanto tempo, e agora é a altura certa.

Daisy esticou a mão para ele e, com uma expressão ilegível, Alex deu-lhe a sua e sentou-se na cama ao lado dela.

– Não sei o que dizer.

– Não tens de dizer nada – apressou-se Daisy a prosseguir, aterrorizada que ele dissesse que, afinal de contas, nem queria um filho assim tanto. – Acho que o nosso problema é pensarmos e planearmos muito e algumas coisas na vida não podem ser demasiado pensadas e planeadas. Devem acontecer simplesmente. Temos esperado o momento certo para termos um bebé e essa altura é agora. – «Por favor, concorda comigo», suplicava Daisy interiormente.

– Não sei – voltou ele a repetir.

– Por favor, Alex. É tão importante para mim e acho mesmo que não devemos esperar mais – acrescentou ela num tom meigo.

– Não acredito que marcaste uma consulta numa clínica de fertilidade sem falares primeiro comigo, Daisy.

Daisy respirou fundo. Pelo menos, ele não dissera que não. Já era um começo. Para o choque já estava preparada. Os homens não gostam de pedir ajuda ou direções quando conduzem: seria preciso multiplicar esse comportamento por dez para recriar a forma como a maioria dos homens se sentiria se lhe fosse pedido que depositasse o seu esperma num recipiente numa sala impessoal para engravidar a parceira.

Voltou a tentar.

– Desculpa. Sei que é um passo enorme e pode ser complicado para os casais. Li muitos artigos acerca de tratamentos de fertilidade. – Todas as dificuldades, os altos e baixos de um tratamento de fertilidade haviam acabado por separar muitos casais, mas isso não aconteceria com eles, jurou Daisy. Só tinha de convencê-lo. – Nós conseguimos, Alex. Por favor.

O rosto dele espelhava dúvida. Mas pelo menos não dissera que não.

– Só temos de ir à consulta e ver o que nos dizem – argumentou. – E, se detestares a ideia, bom, podemos voltar a conversar... – Com este compromisso delineado, Alex não podia dizer que não. – Muito bem, vamos parar de falar nisto. Tu precisas de pensar. – «Sim, para de arengar. Deixa-o pensar no assunto.» Mudou então de tema de conversa.

– Queres contar-me que mais fizeste em Londres, para além de ficares num hotel terrível e de teres passado o fim de semana a tentar aliciar um bando de gente rica e sovina? – gracejou ela, pensando no saco da *Tiffany*. – Já percebi que foste às compras. Há assim alguma coisa que queiras contar-me?

– Daisy... – começou ele, e deteve-se logo de seguida.

– Desculpa, estraguei a surpresa, não foi? – Já estava arrependida. – Mas ainda falta tanto tempo para o meu aniversário. Pensei que fosse assim uma lembrança engraçada, embora na *Tiffany* não haja nada que possa ser estritamente classificado como engraçado!

Ele tinha um ar desorientado.

– O saco da *Tiffany*?

Fez-se luz.

– Era para outra coisa qualquer? – Não poderia ser um anel de noivado? Não, é claro que não. – O nosso aniversário também não é para já – apressou-se ela a dizer.

Alex abanou a cabeça ao mesmo tempo que saía do quarto.

– Não.

Regressou com o saco em questão e colocou-o frente a ela sem qualquer cerimónia. «Para que raio haveria ela de querer um anel de noivado», interrogou-se Daisy ao mesmo tempo que abria o saco e tirava uma caixa.

– O facto de teres comprado isto é um sinal – afirmou ela alegremente desmanchando o laço. – Um sinal que esta é uma boa altura para mudarmos a nossa vida.

Dentro da caixa estava um fio de prata, não muito diferente do primeiro presente que ele lhe comprara há anos, só que este era de prata da *Tiffany* e requintadamente bonito.

Era de facto um sinal, deu-se Daisy conta. Um sinal de que o amor dele podia sobreviver a tudo. Alex precisava de tempo para pensar no tratamento de fertilidade e depois acabaria por concordar com o modo de pensar dela. Ter uma família era a coisa mais natural do mundo. Não era preciso ser-se um génio para chegar a semelhante conclusão, como o próprio Alex diria.

O primeiro presente que ele lhe dera, um fio cor de prata com um coração, estava guardado na caixa de tesouros dela, em conjunto com as calças de cetim pretas que ela usara quando se conheceram.

O fio enegrecera com o passar dos anos, porque era de fantasia, mas Daisy adorava-o e desejava poder ainda usá-lo, embora lhe deixasse o pescoço com um terrível aro verde. O conjunto de sutiã e cuecas que vestira da primeira vez que haviam feito amor estava também na caixa. Daisy nunca contara a Alex que os guardara; era bem possível que ele pensasse que era um disparate guardar tais recordações durante tantos anos.

As calças justas de cetim faziam-na agora encolher-se quando olhava para elas. Teoricamente, este tipo de calças era estreito, insinuante e feito para pessoas com a anca de um galgo. Na altura, há uns inacreditáveis catorze anos, Daisy não era definitivamente uma rapariga com o físico de um galgo.

Os restantes colegas do curso de *design* de moda usavam peças de roupa pretas, desgastadas e únicas, que eles mesmos haviam transformado, e eram de imediato reconhecidos como alunos de *design* por todo o campus. Só Daisy não usava as suas próprias criações. Tal devia-se em parte ao facto de se ter dado conta, para seu grande desgosto, que não tinha muita queda para desenhar roupa. Vivia para a *Vogue*, compreendia o corte em viés como se fosse sangue do sangue de Schiaparelli, e sabia desenhar como um anjo. Porém, não estava talhada para *designer* de moda.

Para além disso, o tipo de roupa de que gostava eram peças feitas para morenas altas e esbeltas com olhar arrogante e maçãs do rosto semelhantes a lâminas de navalha. Raparigas roliças com pernas pesadas e um busto saído diretamente do departamento de meretrizes de uma empresa de *casting* ficavam melhores todas de preto, até de calças de cetim pretas com um casaco preto comprido de malha.

É claro que, na altura, não pensara que o conjunto lhe ficava mal. Achara que o cetim preto lhe disfarçava as gorduras e lhe alongava a forma. Portanto, acreditara que estava muito bem, embora

muito longe de se assemelhar a uma supermodelo. E Alex achara o mesmo também, ao contrário de alguns dos rapazes da universidade.

Era espantoso que o facto de ser uma rapariga grande a tornasse invisível. Devia ser o contrário: se uma pessoa era gorda e larga, tinha mais de si para mostrar e não havia como as pessoas ignorarem isso. Mas a verdade é que ignoravam. Desviavam os olhos como os camponeses medievais faziam ao avistarem leprosos, gritando «impuros».

Alex Kenny, alto, magro, de olhos escuros e bicípites de aço por ser o rei sem coroa do clube de remo, não desviou os olhos.

– Não usas coisas malucas como os restantes alunos de *design* – comentou divertido da primeira vez que se haviam conhecido. – Tu tens um ar normal. – E esticara o braço e torcera languidamente uma ponta do seu lenço *vintage* rosa-encarniçado, fazendo Daisy corar exatamente no mesmo tom.

Estavam sentados no Shaman's Armchair, o labiríntico *pub* fora do campus que os rapazes do remo gostavam de frequentar. Jules e Fay, colegas de turma de Daisy, estavam interessadas em alguns dos membros da equipa de remo e uma ida improvisada ao *pub* fora já organizada para um sábado depois de uma corrida. Bom, era suposto ser improvisada, espontânea, não planeada, aparentemente, mas Daisy testemunhara em primeira mão o tempo que Jules e Fay haviam demorado a arranjar-se. O *look* improvisado, casual, demorava uma eternidade a conseguir-se.

Daisy não fizera grande coisa, em termos de maquilhagem, isto é, dera-se ao habitual esforço hercúleo para aparentar ter menos peso. Parecer magra era a sua missão na vida, muito embora até soubesse que nunca seria bem sucedida nessa diligência.

Enquanto Jules e Fay namoriscavam alegremente os rapazes no *pub*, Daisy estava sentada a um canto com a sua cerveja. Estava de novo lisa. A bolsa estava quase a zeros e a pizaria perto do novo apartamento que partilhava com as colegas há muito que não a chamava para fazer os turnos da noite. Observava então o ritual do namorico, pensando no quanto seria bom ser como Jules e Fay, confiantes e habilidosas com os rapazes. Daisy era habilidosa com os rapazes se estivesse a perguntar-lhes se queriam a piza com mais *mozzarella*; caso contrário, era um desastre. Foi então que Alex chegou, olhou para a disposição dos lugares na mesa e, sem quaisquer hesitações, sentou-se ao lado dela. Alex Kenny, um rapaz tão encantador que nem sequer Jules e Fay haviam alguma vez pensado em catrapiscá-lo.

– Foste tu que fizeste isso? – perguntou Alex, apontando para o poncho dela, também preto mas com minúsculas contas decorando os debruns.

Daisy soltou uma gargalhada.

– Sou tão boa no tricô como no remo – disse. – Mas fui eu que coloquei as contas.

– A sério? – Ele parecia espantado com isso e puxou um pedaço do poncho para observar melhor.

Daisy sentiu o coração disparar com semelhante intimidade.

– Mas isto tem milhões de contas – acrescentou Alex. – Deves ter demorado uma eternidade a cosê-las todas.

– Coser faz parte de toda esta coisa do desenhar roupas e confecioná-las – informou-o ela com um ar solene.

Os olhos de Alex – cor de café ou de chocolate derretido, Daisy não sabia ao certo – tremeluziram.

– Está a fazer troçar de mim, Madame Designer? Tem-me na conta de labrego da equipa de remo que anda na faculdade com uma bolsa desportiva e tem um QI de dois dígitos?

– *Dois* dígitos? – perguntou ela, fingindo-se assombrada. E depois estragou a brincadeira, dizendo:

– Desculpa, estava só a meter-me contigo... – para que ele não se ofendesse.

Porém, Alex limitou-se a sorrir ainda mais e quis saber quanto tempo demorava coser todas aquelas contas.

– Faço-o enquanto vejo televisão – explicou Daisy.

– Como consegues ver televisão e coser ao mesmo tempo? Não – apressou-se a acrescentar –, não digas. Já percebi... com muita prática.

– É como o remo – disse Daisy, olhando para os músculos dele, bastante óbvios mesmo por baixo da espessa camisola que ele trazia.

– Estou fora de forma – comentou Alex num tom pesaroso. – A temporada aproxima-se e tenho de voltar às boas.

– E costumavas praticar muito? – perguntou ela hesitantemente. – Não percebo nada de remo.

– Ótimo. Detesto fanáticas de remo. Discutem o desporto como se fossem profissionais, mas nunca na vida enfiaram um pé dentro de um *scull*.

E continuou a discorrer, falando das horas que era preciso passar a remar e a treinar no ginásio, até que voltou a direccionar a conversa para ela, interessado no trabalho que estava por trás da entrada dela no curso de *design* de moda.

A timidez de Daisy evaporou-se. Naturalmente, Alex não estava interessado nela – nunca ninguém se interessava –, mas parecia apreciar conversar com ela, por isso tal concedeu-lhe uma coragem incomum.

Não estava apenas a conversar com a tímida e rechonchuda rapariga para ser simpático e porque na verdade estava era interessado numa das amigas dela, a boémia Fay ou a elegante Jules, com aquele seu ar de Grace Kelly. Alex era uma daquelas boas pessoas que gostava de conversar com toda a gente. Daisy decidira que alguns alunos da universidade possuíam uma escala mediante a qual não se dignavam falar com alguém que estivesse abaixo de determinado patamar. Daisy, um fiasco no *design* de moda e bonitinha, mas demasiado corpulenta, estava bem abaixo na tabela. As raparigas populares ignoravam-na e os rapazes mais giros nem sequer a viam. No entanto, os deuses desta vida, tal como Alex, estavam acima das regras e podiam outorgar as suas graças a qualquer mortal menor. Daisy tinha quase a certeza que assim que Fay e Jules comesçassem a caminhar na direção de Alex, ele pararia de falar com ela e desviaria aquele encantador olhar para elas. Porém, por enquanto, era dela: o nariz aquilino por cima dos lábios esculpidos, o ténue bronzeado que indiciava umas férias de Natal exóticas fora da Irlanda, o sorriso indolente de alguém que sabe que não precisa de esforçar-se demasiado.

A tarde de sábado avançou, a escuridão abateu-se sobre o dia e os estômagos começaram a dar horas. O *pub* fazia umas espetaculares e tradicionais panquecas de batata chamadas *boxty*, por isso pediram pratos de *boxty* e mais bebidas. A clientela do bar, até então composta por três raparigas e quatro remadores, aumentou exponencialmente com uma multidão de estudantes. Ocupavam uma extremidade inteira do Shaman's, rindo e brincando e trocando histórias sobre como estavam pouco preparados para o novo semestre. Alex continuava sentado ao lado de Daisy.

Mais descontraída pelos dois uísques quentes que Alex lhe havia trazido depois de ter terminado a cerveja, Daisy disse-lhe que adorava roupa, mas chegara à dolorosa conclusão de que não tinha grande queda para o *design* da mesma, algo que até então apenas confessara a Jules e Fay.

– É uma desgraça – confidenciou. – Quando penso no quanto foi difícil entrar para o curso... e que agora que já cá estou vejo que foi um erro. – Conseguia imaginar ao pormenor a cara da sua mãe

quanto lhe contasse. Tentara convencer Daisy a fazer um curso de secretariado em Carrickwell para que pudesse ter sempre um rendimento fixo. Numa das poucas batalhas que travara com a mãe, Daisy recusara-se a fazê-lo. Fora a melhor aluna de arte na escola e sonhava entrar na faculdade de *design* desde o primeiro dia em que tomara conhecimento de que uma tal coisa existia. Poucos dos sonhos de Daisy estavam ao seu alcance – ser bonita, magra, a menina dos olhos da mãe –, por isso não podia deixar escapar este, vagamente ao seu alcance.

– Desiludes-me, Denise, a sério – comentara a mãe num tom de quem fora traída de forma irreversível. A mãe tendia a chamar-lhe Denise, quase nunca Daisy. O pai é que costumava chamar-lhe a «minha pequena Daisy», e a alcunha ficara, de alguma forma. – Depois de tudo por que passámos, pensei que entendias a necessidade de um emprego fixo, e não de uma ocupação meio folgazã, como a que o teu pai tinha. Achava que pelo menos isso tinha conseguido ensinar-te. Faz como quiseses. Não penses no que eu quero.

Nan Farrell, tão delgada como os compridos cigarros que fumava uns atrás dos outros, tirou a cigarreira e abriu-a. Era de prata e lavrada, a única coisa boa que lhe restava da sua anterior vida como membro da elite de Carrickwell. Essa vida terminara quando engravidara de Daisy – como não se cansava de recordar à filha – e Nan aterrara na vida real com um realíssimo estrondo, casada com um homem que adorava divertir-se e que não estava interessado nem em raízes nem em trabalho árduo.

– Não é que a minha opinião alguma vez tenha importado para ti.

«Quem me dera», pensou Daisy. A opinião da mãe era para ela o mesmo que as pirâmides eram para o Cairo – enormes, inflexíveis e, estivesse onde se estivesse, era possível sentir a presença delas, ainda que não fosse possível avistá-las.

A recordação da discussão e do glaciamento que continuava a existir entre ela e a mãe fez desvanecer a sensação de satisfação de que Daisy estava a desfrutar de estar a conversar com Alex. Esquecendo por um instante que Alex era um borracho e que devia estar corada até à raiz dos cabelos só de estar à conversa com ele, Daisy apoiou a cabeça nas mãos em cima da mesa riscada do *pub*.

– Como é possível estragar a vocação de uma vida inteira logo aos vinte anos? – murmurou ela.

– As melhores pessoas fazem-no – fez notar Alex, dando-lhe uma palmadinha reconfortante no braço. Deixou então os dedos vaguearem até à nuca dela, tocando-lhe ao de leve, afagando os macios caracóis cor de caramelo que se haviam escapado do rabo-de-cavalo. A sensação foi de deslumbre, de sensualidade. Daisy engoliu em seco e sentou-se direita, forçando Alex a retirar a mão. Era capaz de ter permanecido naquela posição até ao final dos seus dias, mas a atenção de um homem, o tipo de coisa com que raparigas como Jules e Fay estavam habituadas a lidar, era algo extremamente invulgar para Daisy.

Alex pareceu não reparar no nervosismo dela.

– Pelo menos sabias com certeza o que querias fazer. Já eu, não fazia ideia, e continuo sem fazer – confessou ele. – Um curso de finanças era a escolha mais óbvia para mim, mas não me entusiasma por aí além. Não é algo que esteja propriamente na lista das dez profissões mais fixas de um miúdo, não é? «Que queres ser quando cresceres, filho? Oh, pai, quero ficar todo o dia sentado a uma secretária a batalhar em folhas de cálculo.»

Disse-lhe que muitas vezes tinha vontade de abandonar a faculdade, não fora o facto de o curso lhe garantir um bom emprego no final do sacrifício. O dinheiro era algo importante para ele. Daisy ficou com a impressão, nunca confessada, que o dinheiro fora algo que nunca sobrara na casa da família

Kenny. Era algo que compreendia e com que se identificava. Em sua casa também nunca houvera muito dinheiro. Ela e a mãe viviam numa pequena casa no centro de Carrickwell, não muito longe geograficamente da casa enorme onde a mãe crescera, mas a milhas de distância socialmente. Daisy fora educada a nunca discutir dinheiro.

Ninguém devia saber que o aquecimento era apenas para ser ligado com parcimônia ou que a carne de domingo podia ser esticada de forma a durar até quarta-feira, bastando para tanto alguma imaginação.

– Temos o nosso orgulho – insistia Nan.

Apesar de tudo isto, Daisy não acreditava que o dinheiro trouxesse felicidade. A mãe nascera em berço de ouro e não havia provas onde quer que fosse de que alguma vez tivesse tido uma vida familiar feliz, embora muito provavelmente fosse mais infeliz sem o dinheiro do que fora com ele.

O amor, acreditava Daisy, era o que importava na vida. Não o dinheiro. Quando Alex se dirigiu ao bar do Shaman's para lhe ir buscar uma bebida, Daisy ficou a observá-lo e sabia que devia parecer um cachorro a seguir com olhos lacrimosos o dono que partia. Estar consciente da forma como os outros a viam era a maior falha de Daisy. Não era capaz de entrar numa sala sem se interrogar se as pessoas estariam a pensar que ela parecia mais uma baleia com o que quer que tivesse vestido e, quando falava nas aulas, media as palavras com o mesmo cuidado com que media a seda quando ia cortar um padrão. Naquele dia, porém, não estava a medir as palavras ou a posicionar as coxas de determinada forma no banco para que parecessem mãos magras. Era esse o efeito que Alex tinha sobre ela.

E assim começaram a namorar. Pareciam um casal improvável: o bonitão e popular Alex, que poderia ter qualquer rapariga que quisesse, e Daisy, que era simpática e bonitinha, mas porque raio não fazia alguma coisa em relação ao peso?

As outras pessoas não viam que a doce e carinhosa Daisy dava segurança a Alex. Firme, calorosa, como um chá quente tomado frente à lareira, Daisy fazia o dinâmico e energético Alex Kenny sentir-se como se tivesse regressado a casa.

Daisy experimentou o fio da *Tiffany*. A cor da prata ficava-lhe bem. O ouro às vezes dava às louras-arruivadas um ar indecoroso, sabia muito bem. A mãe, que tinha cabelo louro genuíno, admoestara-a para isso vezes suficientes.

– É lindo – disse Daisy, virando-se para abraçar Alex de novo.

– Ainda bem que gostas – respondeu sem emoção, sentando-se fadadamente na ponta da cama.

– Oh, querido, não fiques assim – disse Daisy. – Bem sei que estás nervoso, eu também estou, mas isto é tão importante para nós.

– Daisy... – começou ele.

– Nós vamos conseguir – interrompeu ela. Durante tanto tempo escondera o quanto ter um filho era importante para ela; agora tinha de o convencer. – Alex, quero tanto, tanto ter um filho. Não falo sobre isso, mas é algo que me perturba. – Sentou-se na cama ao lado dele e segurou-lhe as mãos. – Quando vou trabalhar e me deparo com a Paula, grávida e tão feliz, isso magoa-me tanto. Não é que inveje um momento sequer da felicidade dela, não é isso, mas quero aquilo também para mim, para nós. Há bebés em todo o lado, para onde quer que se olhe. Já reparaste nisso? – Apertou-lhe a mão para se encorajar. – Na loja, nas ruas, no Mo's Diner, sentados nas suas cadeirinhas altas com aqueles olhos enormes. Nunca pensei vir a sentir este desejo de ter filhos porque quando crescia

nunca fui maluca por bebés ou fiz sequer de *babysitter*. – As palavras saíam agora da boca de Daisy sem freio. – Se tivesse tido irmãos ou irmãs, talvez tivesse tido experiência com crianças pequenas, mas não tive, por isso nunca pensei que fosse uma mulher com grande instinto maternal, mas às tantas *trás!*, bateu-me! – Solto uma gargalhada nervosa. – Alex, estou constantemente a pensar em filhos. Todos os meses, sinto-me uma falhada quando o período me aparece. Há cinco anos que tentamos ter um bebé, são mais de sessenta vezes a sentir-me um fracasso. Sinto-me... – Procurou a palavra certa. – Sinto-me vazia, não me sinto uma verdadeira mulher. Mais uma espécie de pessoa pela metade. É uma sensação tão solitária e triste, e depois olho para mulheres grávidas ou para mulheres com filhos e sinto-me como se tivesse vindo de outro planeta. Elas fazem parte deste maravilhoso ciclo de amor e maternidade e eu estou de fora. Sou diferente, estou excluída. Nem fazem ideia de que desejo ardentemente um bebé só meu, provavelmente até acham que detesto crianças! Mas a verdade é que quero tanto ter um filho que até dói. Meu Deus, como dói. – Deteve-se, consciente de que ele nada dissera todo aquele tempo.

Provavelmente, estava estupefacto com o discurso dela. Daisy nunca confessara o seu desejo assim abertamente a ninguém, nem sequer a Alex. Achava que talvez a circunstância de ser filha única e não ter sido habituada a partilhar os seus sentimentos explicasse esse facto. Invejava as pessoas que conseguiam despejar o que lhes ia no mais fundo da alma com grande facilidade. Porém, agora que o fizera, achava que fora ao mesmo tempo libertador e assustador revelar tanto de si.

– Não sabia que era isso que sentias – murmurou ele sem olhar para ela. – Porque não me disseste?

– Estávamos a tentar engravidar – respondeu Daisy. – Achei que sabias o quanto eu desejava um filho.

Durante todo este tempo, Daisy fizera figas e rezara de cada vez que a altura de lhe vir o período se aproximava, até mesmo durante a altura em que Alex estivera doente e não haviam feito amor com a mesma frequência. Como podia ele não saber?

– Não sabia.

– É apenas uma consulta – argumentou ela. – Não custa nada ir e ver o que nos dizem. Por favor, Alex. Por mim. Passámos por tanta coisa estes últimos anos, com médicos e exames. Bem sei que detestas tudo isso. – Também ela ficara traumatizada. Por cada amostra de sangue que ele dera, Daisy desejava que fosse o seu braço que estivesse a ser picado. E estivera ao lado dele sempre, todo o tempo. Não podia ser agora a vez dela?

Alex estava com uma cara como se tivesse sido sujeito a uma enorme pressão, mas acenou que sim com a cabeça.

– Podemos ir – concordou por fim. – Se é isso que queres.

Mel desejava ter tido mais tempo para se aperaltar melhor para o baile de caridade da Lorimar nos finais de fevereiro. Um evento que exigia trajo de gala e a que todo o *staff*, numa posição mais elevada, estava obrigado a comparecer sob pena de morte, fora objeto de muita discussão no escritório ao longo de todo o mês.

Um contingente da Lorimar – uma sósia da personagem de Samantha de *O Sexo e a Cidade*, do departamento de marketing, três subdiretoras e a chefe do telemarketing – planeava imitar a série televisiva em toda a sua glória, com saltos altíssimos, maquilhagem profissional e fatiotas muito decotadas e contemporâneas.

– O segredo é carradas de batom vermelho – afirmara a sósia de Samantha, que passara horas a tratar dos preparativos da festa, uma tarefa gigantesca que também envolvia assegurar que centenas de balões encarnados com o logótipo da Lorimar caíam do teto quando Edmund Moriarty anunciasse uma doação especial da Lorimar no valor de cem mil euros para a organização de caridade, uma fundação dedicada à investigação sobre o coração. Edmund ficaria possesso se o seu grande momento ficasse arruinado, por isso, a maior parte do departamento de marketing e uma boa parte do de publicidade estava de serviço ao baile e respetiva organização.

Um outro grupo de funcionárias planeava uma ida a um solário para conseguir uma cor decente, ao cabeleireiro e depois desenterrar os velhos vestidos pretos de gala dos armários, pois ninguém queria gastar dinheiro em roupa nova para um evento da firma. Vanessa pedira um vestido de cetim encarnado à irmã, supostamente de fazer cair o queixo, e estava à espera que Hilary entrasse em paragem cardíaca quando lhe pusesse os olhos em cima.

– Cardiologistas não faltarão caso isso aconteça – comentou Vanessa matreiramente.

E Mel... Bom, Mel planeava arranjar um tempinho para se aperaltar, para conseguir estar no seu melhor nesta importante ocasião. Um vestido novo, talvez. Ou um corte de cabelo elegante. Algo que mostrasse ao mundo, e aos executivos de topo da Lorimar, que Mel Redmond tinha o que era preciso.

Porém, de alguma forma, a quinze minutos de ter de sair de casa com Adrian na noite de sábado em questão, Mel estava freneticamente no piso de cima a tentar redespertar o seu murcho cabelo com um pouco de laca. A sua maquilhagem consistia de um ténue risco de *eyeliner* que fora passado em redor do olho às nove da manhã e o seu tom de pele assemelhava-se mais ao bronzeado fim de semana chuvoso na Gronelândia do que ao cativante tom de bronze Malibu que a maioria das outras mulheres planeava. Adrian estava a recuperar de uma constipação e Mel deu-se conta lastimosamente de que até ele tinha melhor aspeto que ela. Extenuada no final de um dia complicado e de um mês ainda mais difícil, tudo o que lhe apetecia era enfiar-se na cama e dormir.

Na sua agenda, o mês de fevereiro era uma mancha negra de tantos apontamentos e marcações. A segunda sexta-feira do mês fora o quadragésimo aniversário de Eddie, o irmão mais novo de Adrian, e a festa que marcara semelhante data envolvera uma enorme refeição para toda a família no restaurante preferido dele.

– O meu irmão mais novo já tem quarenta anos... – não parava Adrian de comentar em tom de

espanto. – Quando éramos miúdos parecia-nos uma idade tão avançada. Não me lembro de falarmos sobre o que faríamos quando tivéssemos quarenta anos.

– Era como ter um milhão de anos – concordou Eddie. – Parecia uma coisa tão distante. Eu secretamente desejava chegar aos quarenta antes de ti porque estava farto de ser dois anos mais novo e de seres tu quem fazia tudo primeiro.

– Para tu fazeres quarenta anos primeiro, o Adrian teria de já ter morrido – fez notar a mãe de ambos, Lynda.

– Ainda bem, então, que o meu desejo não se concretizou – disse Eddie num tom solene –, embora muitas vezes me tivesse sentido tentado a acabar com a tua raça, Adrian.

No fim de semana seguinte, os tios de Mel celebravam as bodas de ouro e os filhos organizaram uma enorme festa num hotel de Dublin, com banda a tocar canções de Jim Reeves e fotografias da vida do feliz casal projetadas numa parede. Arranjos de rosas pálidas decoravam as mesas e, para recriar o ambiente de casamento, que há cinquenta anos fora humilde por falta de fundos, o padre da paróquia benzeram o casal, houveram brindes com champanhe e discursos.

– É um acontecimento tão comovente, não é? – disse uma das convidadas devaneadoramente para Mel depois de o tio Dermot ter levado todos os convivas às lágrimas ao afirmar que não queria passar nem um único dia sem a sua Angela.

– Pois é, muito comovente – respondeu Mel, o suor frisando-lhe o cabelo enquanto ia atrás de Carrie, que se transformara numa espécie de animal devolvido à liberdade assim que se dera conta de que o hotel era o lugar perfeito para fugir à mãe. Até então, Carrie tinha-se já escondido num cubículo da casa de banho das senhoras, debaixo da toalha drapeada da mesa onde o bolo de aniversário estava exposto e atrás da porta de batente que dava para a copa.

– Senta-te e descansa que eu tomo conta da Carrie – sugeriu a mãe de Mel ao vê-la passar a toda a velocidade.

Mel travou e pensou no quanto as sandálias de salto alto a estavam a matar e em como as pessoas que organizavam estes eventos e convidavam crianças pareciam nunca planear nada específico para elas. «As Crianças são Bem-Vindas!» não significava nada quando não incluía uma sala especial à prova de crianças onde os pais as podiam deixar descansados a brincar ou entretidas a verem um vídeo do *Barney* ou dos *101 Dálmatas*. Ou então tranquilizantes à discrição para os pais. Os copos de vinho tinto deixados à beira das mesas funcionavam como uns verdadeiros ímanes para crianças da faixa etária de Carrie.

– Estás cansada, Mel. Senta-te ao pé do teu marido. Vai buscar uma fatia de bolo. Vai lá. Eu tomo conta dela. – Karen levantou-se do seu lugar e começou a encaminhar-se para o remoinho lilás em que Carrie se transformara.

– Não, mãe, deixa lá. Já fazes o suficiente – declinou Mel firmemente. Se os pés lhe comessem a doer de forma insuportável, limitar-se-ia a descalçar as sandálias. Quem é que repararia? – Não tarda, a Carrie vai começar a pensar que tu é que és a mãe dela e não eu! – A risada amarga que acompanhou este comentário não escapou à atenção de nenhuma delas.

– Não sejas palerma, isso não aconteceria. – Karen agarrou na mão da filha e apertou-lha.

– Claro que não. Estava a brincar! – Mel colou o seu melhor sorriso de executiva de relações públicas nos lábios. Ambas sabiam que era falso.

– Então, até já, querida – disse a mãe. E, embora nunca tivesse trabalhado em relações públicas, conseguiu uma imitação digna de louvor do sorriso da filha.

No escritório também não tivera quaisquer tréguas. Mel encontrava-se sobrecarregada de trabalho pois a revista da companhia estava a ser enviada trimestralmente a todos os subscritores, em vez de semestralmente, e toda a gente no departamento de publicidade se vira forçada a fazer horas extraordinárias. Para tornar a coisa ainda mais tensa, tinham começado a correr boatos agourentos acerca de gigantescos cortes. Mais trabalho e menos dinheiro não era uma boa combinação, pensava Mel.

Vanessa estava sob a mesma tensão e a única altura que tinham para conversar era de manhã, na casa de banho das senhoras, onde comparavam notas acerca dos sombrios rumores sobre como a empresa poderia poupar dinheiro.

– No outro dia li um artigo qualquer no jornal que dizia que a maioria das mulheres que trabalhava desempenha tantas tarefas assim que se levanta que, quando chega por fim ao escritório, setenta e cinco por cento delas estão já exaustas – comentou Vanessa um dia enquanto lavava as mãos e decidia que não tinha energia para se apearaltar.

Mel, aplicando rímel preto para dar aos olhos cansados alguma definição, quase riu.

– Apenas setenta e cinco por cento? Que tipo de medicação tomarão as restantes vinte e cinco?

O que piorara ainda mais a exaustão pura de Mel fora o facto de Sarah não andar a dormir bem. Ao longo de várias semanas, Sarah recusara-se a ir para a cama até estar já a cair de sono e cansaço e depois dormia mal e acordava várias vezes por noite a chorar. Mel discutira o assunto com Dawna, a dona e educadora chefe do infantário.

– Creio que já descobri o que se passa – disse Dawna por fim na sexta-feira antes do baile de caridade da Lorimar e, por essa altura, Mel estava já desesperada sem saber o que havia de fazer. – Ela quer passar todo o tempo que tem consigo, Mel. Quando a mamã está o dia todo longe no trabalho, tens saudades da mamã, não é Sarah?

Sarah acenou que sim com a cabeça.

– É só isso. Ela não quer ir para a cama porque acha que passa pouco tempo consigo quando regressa do trabalho – prosseguiu Dawna com jovialidade, sem se dar conta que estava a injetar mais uma dose de culpa diretamente no coração de Mel. – Aposto que ao fim de semana vai para a cama sem reclamações porque a Mel está com ela o dia inteiro.

Mel assentiu com a cabeça. Era verdade: às sextas e sábados à noite, Sarah dormia sempre bem e Mel tentara convencer-se de que era porque os fins de semana estavam sempre recheados de atividades e Sarah chegava ao fim do dia cansada. Devia ter percebido que não era isso.

Em vez de recrutar a mãe mais uma vez, Mel pediu a ajuda da mãe de Adrian, Lynda, para tomar conta das meninas enquanto ela e Adrian iam ao baile. Lynda ficava sempre felicíssima quando lhe pediam que tomasse conta das netas, embora isso não acontecesse com frequência. Tal acontecia em parte porque Mel não queria que a sogra pensasse que estavam a abusar dela, mas principalmente porque Mel achava que, por alguma razão, Lynda não aprovava as suas escolhas.

Lynda pertencia a uma geração de mães que ficara em casa com os filhos e, muito embora nunca tivesse dito nada diretamente a Mel acerca de ela trabalhar, Lynda não era pessoa de confrontos, Mel sentia os olhares dela à mesma.

Uma mulher de sessenta e poucos anos, com uma aparência jovem, uma figura elegante por jogar badminton e a mesma aparência nórdica do filho, Lynda parecia a sogra ideal. Vivía longe o suficiente para não estar sempre a aparecer em casa do filho e, embora tivesse enviuvado há alguns anos, tinha uma vida social ativa e não dependia em nada de Adrian. Porém, os ocasionais

comentários de Lynda levavam Mel a pensar que ela preferiria que as suas queridas netas não fossem educadas por estranhos e que não olhava a comadre com bons olhos por ter educado uma filha assim.

– Melanie, fico sempre espantada com a facilidade que as meninas têm para lidar com estranhos. A Carrie em particular. Quando os meus rapazes eram da idade dela não estavam habituados a pessoas e escondiam-se atrás das minhas saias quando conheciam pessoas novas – recordara Lynda carinhosamente. – Mas as tuas meninas são umas autênticas adultas em ponto pequeno! Deve ser de passarem o dia no infantário.

Mel cerrara os dentes com força ao ouvir tal coisa.

– A intenção dela não era a que estás a pensar – protestara Adrian. – A minha mãe só queria dizer...

– Eu já sei – contra-argumentara Mel de mau humor. A recordação do último comentário da sogra: «Vocês, mulheres de carreira, não sei onde é que vão buscar tanta energia! Eu não teria sido capaz de cuidar da minha família e de trabalhar fora para ganhar a vida, isso é certo!», estava ainda bem fresca na sua memória. Se a intenção de Lynda não era criticar, porque é que as observações dela magoavam tanto?

Por volta das seis e meia daquela tarde, Mel fizera tudo o que podia pelo cabelo e teria de aplicar a maquilhagem no carro. As horas do dia haviam-se consumido entre a ida ao supermercado, a natação das miúdas e a preparação de tudo para que Lynda ficasse com as netas.

Zangada por os pais irem sair, Sarah estivera impossível todo o dia. Com o pequeno rosto em forma de coração, enormes olhos azuis e violeta e caracóis louro-argênteos, parecia um encantador querubim. Porém, aquela carinha de anjo ocultava uma feroz determinação e teimosia e, com quatro anos e um quarto, pouco lhe faltava para ser a imperatriz da casa da família Redmond. Mel lera tudo o que era livros sobre como ligar com crianças voluntariosas e chegara por fim à conclusão de que nenhum daqueles peritos em cuidados infantis enfrentara alguém como a sua filha.

«Pelo menos a natação cansou-a», pensou Mel, enfiando-se à pressa no vestido comprido preto que podia praticamente ir sozinho ao baile, de tantas vezes que o usara já em funções da empresa. Segurar Carrie na piscina também a estafara. No piso de baixo, o vídeo de *A Bela e o Monstro* estava pronto. Dois peitos de galinha em molho de alho e cogumelos selvagens estavam num prato em cima da bancada, com uma tigela de batatinhas novas ao lado, prontos para serem aquecidos para o jantar de Lynda. Um quarto de cordeiro marinava no frigorífico em azeite e rosmaninho. Era para o dia seguinte, uma vez que Lynda só regressaria a casa no domingo à noite e gostava de um bom jantar de domingo em família. A cama do quarto de hóspedes estava feita de lavado com lençóis lilases e Mel até engomara a capa do edredão, coisa que não fazia para ela mesma e Adrian. Os lençóis de flanela da cama de Sarah e do berço de Carrie haviam sido mudados e todos os peluches estavam alinhados nos seus devidos lugares. Mel deixara o termómetro e o paracetamol pediátrico em cima do armário da casa de banho, longe do alcance das meninas, mas à mão de semear de Lynda, em caso de emergência. O número de telefone do médico e do local onde seria o baile estavam também apontados em números grandes – Lynda era praticamente uma toupeira sem os óculos – ao lado do telefone.

Seguramente que Lynda não teria qualquer desculpa para pensar que o facto de Mel trabalhar fora significava que quem sofria as consequências era a família.

– Vamo-nos divertir muito este serão – arrulhou Lynda para as duas netas, aconchegadas a ela no sofá, uma de cada lado, ambas já de pijamas preparadas para brincarem com a avó Lynda.

Lynda trouxera umas prendinhas: doces cobertos de açúcar que habitualmente estavam banidos lá

de casa, uma vez que as miúdas ficavam hiperativas quando os comiam. Porém, Mel sabia que não podia dizer nada.

Adrian, com um ar menos pálido, entrou na sala a comer uma bolacha. O evento incluía jantar, mas com o *cocktail* primeiro e a conversa, só Deus sabia quando se sentariam para comer. Vestira o seu melhor fato escuro de lã com uma camisa cinza-argêntea que realçava o azul dos seus olhos. Estava muito garboso.

– Vão ter saudades do papá? – perguntou Adrian, pegando de repente em Sarah e virando-a de cabeça para baixo, uma brincadeira que ela adorava desde bebé.

– Sim – riu Sarah, tentando afastar o cabelo louro e comprido da cara.

– Não? A sério? – disse Adrian, a fingir-se ofendido e espantado e que a iria deixar cair ao chão.

– Sim!!! – guinchou ela, deliciada com a atenção do pai. Mel sabia que a filha não tinha medo de nada.

– Eu, eu! – gritou Carrie, as rechonchudas bochechas de bebé rosadas de entusiasmo. Parecia uma versão pequenina da irmã, sem o queixo voluntarioso.

Mais como o nosso lado da família, dizia Lynda por vezes, e Mel encarava isso como querendo dizer que a teimosia de Sarah fora herdada da mãe e, por isso, não era bem vista.

– É melhor irmos – disse Mel automaticamente.

A diversão pareceu estacar por um momento. Sarah, ainda de cabeça para baixo, olhou para a mãe com aquele olhar sabedor, como se perguntasse por que razão a mãe tinha de arruinar a diversão.

Porque o dia não tem horas suficientes, queria Mel gritar. Alguém tem de manter tudo a correr conforme o planeado. Imagine-se o que aconteceria se não controlasse os horários de tudo e mais alguma coisa.

Adrian pousou Sarah e depois repetiu rapidamente a mesma brincadeira com Carrie, por uma questão de justiça, e sentou-a de novo ao lado da avó.

– Portem-se bem com a avó – advertiu Adrian ambas as filhas, que sorriram embevecidamente para o pai como que dizendo que não sabiam o que portarem-se mal queria dizer.

– Até logo, Carrie. – Mel inclinou-se para beijar a sua bebé e foi recompensada com duas mãozinhas sapudas em redor do pescoço e um beijo babado na cara. Estava a crescer tão depressa, deu-se Mel conta com um aperto no coração. Parecia que ainda ontem era uma criatura pequenina e frágil, aninhada nos braços de Mel, a minúscula boquinha em forma de botão de rosa agarrada ao mamilo da mãe.

– Adeus, mamã – arrulhou Carrie na sua vozinha esbaforida.

Mel voltou a beijá-la.

– Amo-te – sussurrou. Do outro lado de Lynda, Sarah tinha as mãos enfiadas num saquinho de doces proibidos.

– Dás-me um beijo de boa noite? – perguntou Mel meio a medo.

– Adeus – disse Sarah, ocupada a dispor o seu tesouro no colo e ignorando o pedido da mãe.

– Marota, devias dar um beijo à tua mãe – ralhou Lynda num tom gentil, despenteando o cabelo a Sarah.

– Oh, deixe estar, são todos assim – disse Mel num tom jovial. Não permitiria que ninguém percebesse a mágoa que sentia e a vontade de largar a chorar. – A nova pessoa é sempre mais divertida que a aborrecida e costumeira mamã.

– Dá um beijo à tua mãe – incitou Lynda.

Ditosamente inconsciente da dor que trespassava o coração da mãe, Sarah manteve a cabeça baixa e ignorou toda a gente.

– Vão lá, não se atrasem – disse Lynda meio a rir. – É mesmo uma marota, esta rapariga! Detesta que vocês vão sair e ela não, Mel.

De repente, Sarah levantou a cabeça, esboçou um dos seus deslumbrantes sorrisos e soprou um beijo à mãe com um pequeno aceno de adeus.

– Linda menina – elogiou Lynda. – Vá, agora deem-me cá o comando da televisão e vamos lá ver o nosso filme.

– Divirtam-se – desejou Adrian já a caminho da porta.

– Sim, e portem-se bem, queridas – acrescentou Mel seguindo o marido de forma mecânica e sentindo o desapontamento como uma dor física. Sarah não quisera dar-lhe um beijo. Um beijo soprado não contava como uma beijo à séria, um beijo verdadeiro. Sarah despedia-se sempre da mãe com um beijo, sempre...

– Mel, a tua mala – recordou-lhe Adrian, estendendo-lha. – Já te ias esquecer dela.

– Cabeça a minha – respondeu Mel, e saiu porta fora.

– Estás exausta, não estás? – disse Adrian, destrancando o carro.

Mel afundou-se no banco da frente. A meio caminho deu-se conta de que a bolsa com a maquilhagem ficara em cima da mesa do vestíbulo. Tudo o que trazia com ela era um *gloss* descolorido e rímel. Com um cabelo desanimado e baço e um rosto praticamente nu, era ela quem parecia constipada. Porém, na sua infelicidade, pela primeira vez na sua vida perfeitamente controlada, Mel Redmond nem se importava.

O evento decorreria no salão de um elegante hotel de cinco estrelas da cidade chamado McArthur's e o *cocktail* no vestíbulo ia já de vento em popa quando Mel e Adrian chegaram. Sorrindo com graciosidade, consciente de que devia parecer uma portadora da peste, Mel deu a mão a Adrian enquanto avançavam por entre a multidão, até avistarem um dos colegas de trabalho e amigo de Mel, Tony Steilman, e a sua mulher, Bonnie. Eram também amigos fora do trabalho e Tony era uma pessoa na qual Mel confiava inteiramente.

– Olá, que bom ver-vos – disse Tony, cumprimentando-a com um beijo. – Estás com péssimo aspeto.

Bonnie, cumprimentando Adrian, lançou ao marido um olhar fulminante.

– Deixei a bolsa da maquilhagem em casa com a pressa de sair – explicou Mel encolhendo os ombros.

– Eu não trago grande coisa comigo – disse Bonnie, mostrando uma minúscula mala de mão –, mas podes usar a minha à vontade.

Mel e Bonnie deixaram os dois homens a conversar e avançaram na direção da casa de banho, mas, ao virarem a esquina para o corredor, quase esbarraram literalmente em Hilary e no diretor executivo, Edmund Moriarty, as últimas pessoas com que Mel queria deparar-se no seu atual estado.

– Meu Deus, Mel, estás doente? Algum vírus? – inquiriu Hilary, afastando-se um pouco, pois, fosse o que fosse, não queria apanhá-lo.

– Não, é o facto de ser uma mãe trabalhadora e de ter sempre de fazer tudo a correr – riu Bonnie alegremente, os vapores de dois copos de champanhe rosé soltando-lhe a língua. – Sinceramente, Hilary, não sei como ela consegue. Aqui a nossa Mel é uma verdadeira heroína. Eu não me canso de

dizer ao Tony que ele é um sortudo por eu estar em casa o dia todo, pois isso liberta-o de ainda ter de fazer tarefas domésticas, como a Mel, quando chega a casa. É maravilhoso que a Lorimar apoie tanto as mães trabalhadoras. – O simpático rosto redondo de Bonnie luzia de orgulho pela amiga, acreditando que dissera uma coisa acertada, pois Mel, na sua opinião, era verdadeiramente incrível. Bonnie não sabia como se arranjaria se tivesse de trabalhar tão arduamente quanto Tony e Mel e ainda ser mãe a tempo inteiro.

Seguiu-se um silêncio sepulcral.

Mel sentiu o sorriso começar a desfazer-se dos seus lábios. Sabia que Bonnie metera totalmente o pé na poça. Edmund não queria saber se Mel era mãe e tinha outras responsabilidades. Tanto ele como Hilary queriam era que a Lorimar fosse a primeira prioridade dela e estavam-se nas tintas para os obstáculos que ela tinha de ultrapassar para cumprir a sua função. Um homem sem filhos, a única pessoa caprichosa, exigente e facilmente importunável pela qual Edmund queria que os seus empregados se interessassem era ele mesmo.

A cabeça a mil à hora em busca de uma explicação que satisfizesse toda a gente e mantivesse a sua imagem de supermulher de carreira intacta, Mel foi bem sucedida.

– Na verdade, estive no ginásio a treinar e tive de ir a correr para casa. Já sabem como o tempo voa quando o treino nos satisfaz.

Bonnie pestanejou.

– A minimaratona – prosseguiu Mel. – A Lorimar tem um grupo inscrito e eu, obviamente, quero fazer parte dele.

A visão de um bando das suas funcionárias com *merchandise* da Lorimar dos pés à cabeça enquanto corriam frente a uma fila de fotografos agradou claramente a Edmund Moriarty. Saúde, caridade e boa publicidade – a combinação perfeita.

– Excelente! – exclamou ele. – Não sabia que íamos patrocinar uma equipa, mas a ideia é fantástica. A saúde é o nosso objetivo e somos saudáveis. Gosto.

Hilary, que obviamente não acreditara numa palavra, lançou a Mel um olhar malicioso.

– Ótimo – disse. – Podemos conversar sobre isso na segunda-feira. – E conduziu Edmund ao salão para confraternizarem.

Mel conseguiu manter-se firme o resto do serão e só na segurança do carro, de regresso a casa, baixou a guarda.

– Foi tão mau – gemeu enquanto emergiam do estacionamento subterrâneo do hotel. – E para limitar o prejuízo disse que andava a treinar para a minimaratona, o que quer dizer que terei mesmo de a fazer.

– Estás a brincar? – Adrian estava assombrado com tudo aquilo. Qual era o problema de Mel ter sido vista com um ar cansado? Não tinha sido contratada para se parecer com uma supermodelo a toda a hora; era, afinal de contas, uma pessoa normal.

– Não estou, não! – reclamou ela, de novo zangada com o mundo e, uma vez que o mundo não estava ali, Adrian teria de servir.

– Não podes *ter* de correr uma minimaratona só porque tinhas um ar cansado numa festa? – argumentou ele.

– Ai isso é que tenho, porque o disse frente à chefe e ao chefe da chefe, por isso, tenho de o fazer, e a culpa é minha por ter aparecido com aquele ar. Já estou a ver porque é que muitas mulheres

mandam tatuar a maquilhagem. Pelo menos têm sempre um ar de que se esforçaram.

Adrian soltou uma gargalhada.

– Vá lá, querida, não é assim tão importante, com certeza. És uma excelente profissional, eles sabem disso. O resto não interessa. Que importa a tua aparência?

– Não devia importar, mas a verdade é que importa – sibilou Mel furiosamente. – O meu aspeto conta, e muito, porque sou mulher e tenho filhos e estou sempre na corda bamba. Tu não entendes isso, és homem e ninguém te observa como um falcão em busca de sinais de que a tua família vem primeiro que o teu emprego, e isso aplica-se à tua aparência também. Tudo importa! Não é de ti que suspeitam por teres tirado um dia quando a Carrie está com uma temperatura de trinta e nove graus. Se tu consegues ir à festa de Natal da escola, toda a gente fica a pensar que és candidato ao prémio de Pai do Ano.

«Se *eu* consigo ir é porque obviamente me estou a esquivar ao trabalho e, se não consigo, é porque estou obviamente a furtar-me ao meu dever de mãe. Portanto, sim, a minha aparência tem importância.

– Eu também já fiquei em casa com as miúdas quando estão doentes – salientou Adrian.

– Sim, mas no caso dos homens isso é visto como uma vez sem exemplo – argumentou Mel exasperada. – Com as mulheres, é constante. É como uma porcaria de uma maratona. E não uma minimaratona.

– Não pode ser discriminação da Lorimar, Mel, porque a Hilary também é mulher – disse Adrian num tom de dúvida.

– Não que alguém repare nisso – suspirou Mel. – Está casada com o trabalho e nunca ninguém diria que ela tem filhos. Por outras palavras, a executiva perfeita. Mande laquear as trompas ou arranje alguém que lhe eduque os filhos de modo a que nunca os veja e damos-lhe um cargo de topo.

– Mas tu adoras o teu trabalho – insistiu Adrian. – És uma autêntica central de energia, Mel. Toda a gente acha que és espetacular por causa de tudo o que fazes. *Eu* acho-te espetacular. A forma como equilibras o trabalho e as miúdas, driblando tudo...

– Odeio quando chamam a isso «driblar» – confessou Mel em voz baixa. – Driblar soa a futebol, a um jogo, mas isto não é um jogo, é mais... – procurou as palavras certas – parecido com fazer malabarismo com granadas de mão.

– É assim tão mau?

Mel fechou os olhos.

– Sim – confessou. – É um verdadeiro pesadelo, como a rodinha de um hamster num filme de terror, uma rodinha da qual não consigo sair.

Cleo estava a limpar o seu quarto preferido no Willow, a suíte Rainha Pirata. Batizada em homenagem à enigmática Grace O'Malley, a bela e impetuosa pirata que cruzou os mares em redor da Irlanda no século dezassete, a suíte tinha uma cama de mogno com dossel de veludo azul-de-prússia outrora opulento, uma lareira com tendência a cuspir fumo e uma banheira com patas que repousava com pompa no centro da contígua casa de banho com chão de madeira.

As noivas adoravam a suíte Rainha Pirata, talvez porque se imaginavam, como acontecia com Cleo, a entregar-se ao seu amado na cama de dossel como uma heroína de século dezassete de folgado com um garboso pirata por entre os lençóis brancos e perfumados. Cleo pensara muitas vezes que se casasse – e era um grande se, uma vez que não iria contentar-se com qualquer homem e preferiria viver a sua vida sozinha do que casar só porque sim –, então, passaria a sua noite de núpcias no quarto de Grace O'Malley.

O único ponto negativo em relação ao quarto era o facto de ser difícil de manter limpo. Os intrincados entalhes na cama enchiam-se de pó e, enquanto Cleo limpava os restantes quartos do Willow num ápice e quase de olhos fechados, a suíte demorava uma eternidade. Tinha de ficar perfeita. Cleo era adepta fervorosa da perfeição.

Desde que começara a andar que Cleo seguira a mãe, ajudando nas limpezas, ao ponto de terem desenvolvido um sincronismo que lhes permitia fazer a ronda por todos os quartos, espanejando, aspirando, envernizando e mudando lençóis em velocidade de cruzeiro.

Era um trabalho árduo, porém, e desde o advento de Trevor, supercriado de quarto, que viera trabalhar para o hotel quando Cleo fora para a universidade, não era suposto Sheila fazer essas tarefas. O problema era que Trevor, e a sua equipa de ajudantes – as duas irmãs e um primo em primeiro grau – haviam sido todos repentinamente acometidos por uma misteriosa gripe que os mantinha confinados ao leito. O mesmo acontecera na semana das corridas na vizinha cidade de Fairhouse, constatou Cleo. E era a segunda vez num mês que isto acontecia.

Trevor precisava de ouvir umas quantas verdades, mas ninguém parecia disposto a fazê-lo.

– Ele é bom rapaz – dissera a mãe naquela sexta-feira de manhã quando Trevor ligara a dizer que continuava a sentir-se fraco, mas que estava finalmente a vencer a gripe.

Cleo, Sheila e Doug, o *chef* encarregue dos pequenos-almoços, estavam a tomar uma chávena de chá logo pela manhãzinha.

– Eu logo lhe dava o fraco – rugiu Cleo. – Alguma vez ele trouxe um atestado médico por todas as vezes que não veio trabalhar por doença, ou alguém da equipa dele, já agora?

– Não – respondeu Sheila –, mas nós aqui não operamos segundo esse sistema, querida. Sei que na faculdade aprendeste essas coisas todas, mas gerir o Willow não é como gerir um grande hotel. Temos de ter em consideração os sentimentos das pessoas, Cleo. Se o teu pai ou eu insinuarmos que o Trevor não está realmente doente, é bem possível que ele nos deixe.

– E ao tirar duas semanas de folga este mês por causa de uma suposta gripe, parece-te que ele está a levar os teus sentimentos em consideração, mãe? – Cleo estava irritada com Trevor,

reconhecidamente bom rapaz, mas tão fã de cavalos que merecia uma corrida de obstáculos batizada em sua honra. – E qual é o problema se ele se for embora? Assim como assim, nós é que estamos a fazer todo o trabalho.

– Ele sai barato – argumentou a mãe, pondo-se de pé.

– Barato é que não sai se temos de limpar os quartos todos nós mesmas e pagar-lhe a «baixa» sem qualquer prova de que esteve mesmo doente. Se está na cama doente e não a caminho do hipódromo, então eu sou a Naomi Campbell!

– Estás a ficar bem dura, rapariga – comentou Doug num tom aprovador quando Sheila abandonou a mesa. – Então, sempre te ensinaram alguma coisa naquele curso, afinal de contas.

– Não é o que por aqui se pensa – suspirou Cleo.

O jornal local estava em cima da mesa e Cleo pegou-lhe em busca de alguma coisa que a fizesse esquecer Trevor enquanto terminava o chá. As notícias eram as habituais: construtores tentavam aprovar planos para uma enorme urbanização na zona de Carrickwell voltada para o condado de Kilkenny e as raparigas de Mercy Convent haviam angariado dois mil euros para o hospício local com um produção de *As You Like It* no auditório da escola no Dia de São Valentim. O que lhe chamou a atenção foi o enorme anúncio do Spa Cloud's Hill.

Cleo sabia que uma mulher americana renovara a velha mansão dos Delaney ao longo do ano que passara, transformando-a num moderníssimo *health center*. A rede de espões de Carrickwell nada conseguira saber acerca da misteriosa americana, embora se tivessem esforçado ao máximo. E agora parecia que o spa estava aberto.

«Spa Cloud's Hill: Retempere a Sua Vida.»

Soava um pouco corriqueiro, mas a fotografia mostrava um local com muito bom aspeto. Dispendioso, elegante, e mais um concorrente para o Willow. Cleo planeava há algum tempo ir ver do que se tratava e, agora que estava aberto, decidiu que estava na altura.

Quando o pequeno-almoço terminou, Cleo e Sheila subiram aos quartos, Cleo ainda estava irritada com o ausente Trevor. Se fosse ela que gerisse o Willow, poria um ponto final naquele tipo de atitudes. Era capaz de apostar que a mulher que comandava o Cloud's Hill não tinha de esfregar as banheiras e lavar e secar os felpudos roupões.

Cleo já não deixava a mãe lavar as banheiras: o baixa e levanta não fazia nada bem à artrite de Sheila, por isso, quanto trabalhavam juntas, Cleo insistia em tratar das casas de banho. Naquela manhã, na suíte Rainha Pirata, Cleo conseguia sentir o suor começar a formar-se na testa enquanto trabalhava. A raiva tornava-a mais rápida que o habitual. Esfrega, esfrega, esfrega. Mergulhou na enorme e velha banheira com o pano determinada a esborrachar até ao último germe.

Dez minutos mais tarde, regressou ao quarto e deparou-se com a mãe sentada na cama de dossel com um ar exausto.

– Mãe! – Cleo ajoelhou-se frente a Sheila. – Que se passa? Sentes-te bem?

– Está tudo bem – disse Sheila, afastando as preocupações de Cleo. – Só precisava de recuperar o fôlego. Ontem à noite o teu pai fartou-se de rressonar. Por mais que o abanasse, não se calou, por isso não preguei olho a noite toda.

– Vai lá para baixo descansar – ordenou Cleo, aliviada por ser apenas isso. O rressonar do pai tinha o poder de despertar os mortos.

– Não preciso de descansar – insistiu Sheila. – Quem tratará dos outros quartos contigo?

– Eu não preciso de ajuda – argumentou Cleo com firmeza. – Vá, vai descansar, xô!

– És a melhor pena da minha asa, Cleo – disse Sheila Malin com ternura.

– Mãe, não digas disparates – respondeu Cleo, envergonhada, mas sensibilizada ao mesmo tempo.

– És uma coração mole.

– Há pouco, lá em baixo, estava a ver que te ias transformar numa domadora de leões, com direito a chicote e tudo, por causa de o Trevor ter telefonado a dizer que estava doente – troçou a mãe.

– Para as pessoas de fora, sou uma domadora de leões – afirmou Cleo com um esgar. – Vocês sabem bem que sou uma mandona. Na faculdade, fui treinada a soar toda empresarial porque é dessa forma que se conseguem resultados junto dos colaboradores. E se tu e o pai me deixarem dar uma palavrinha ao Trevor, bom... o trabalho dele melhoraria – acrescentou num tom sério. – Temos de pensar no Willow, e em vocês, em ti. Porquê empregar um cão e sermos nós a ladrar? O Trevor tem de se convencer que terá de trabalhar empenhadamente, se não será despedido. Não concordas?

Sheila forçou um sorriso.

– Concordo, querida – respondeu. – Tens razão, estou exausta. Vou só deitar-me na minha cama por um bocado.

Quando a mãe partiu, Cleo limpou com um vigor renovado. Planear exatamente o que diria ao recalcitrante Trevor quando lhe pusesse a vista em cima mantinha-a motivada.

– Nem vais acreditar, estava prestes a enviar-te uma mensagem. Deves ser bruxa! – comentou Trish entusiasmada quando Cleo lhe telefonou naquela tarde.

– Só me falta a bola de cristal – concordou Cleo. – Deve ser por isso que a minha vida está como está.

– Pois eu sou – argumentou Trish. – E hoje estou repleta de maravilhosas vibrações e energia mística e preparava-me para te mandar uma mensagem a convidar-te para vires até cá amanhã porque vamos ter uma festa aqui em casa. Com um DJ e tudo. – Trish achava que tal era o cúmulo do fixe. O facto de o DJ ser um amigo de um amigo de um amigo era um pormenor sem a menor relevância. Tinha de certeza mais CDs de música de festa do que as amigas com as quais partilhava a casa. Ninguém a deixava pôr os seus CDs da Beyoncé ou da Christina Aguilera; ela, em troca, recusava-se a ouvir *rap*, e a única coisa que todas aceitavam ouvir era a coleção de CDs do sorumbático e melómano Barry. Por muito que se gostasse dos REM, fazia notar Trish, não faziam propriamente música dançável.

– Não posso, lamento. – Cleo teria adorado uma festa num sábado à noite, mas um autocarro cheio de finlandeses estava para chegar naquela tarde e jantavam no restaurante do hotel tanto na sexta como no sábado à noite. Toda a ajuda, portanto, seria indispensável. – Estamos cheios no fim de semana e a minha mãe está um bocado em baixo. Não posso ir.

– Pelo menos o hotel está cheio.

– Pois, isso é – concordou Cleo num tom hesitante.

– Então, a que se deve o tom de lamentação? – perguntou Trish. – Estás sempre a queixar-te que o hotel está quase sempre vazio e, agora que estão cheios até ao teto, continuas a lamentar-te.

– Obrigada por um conselho tão útil, ó bruxa de vibrações maravilhosas e energia mística – replicou Cleo sarcasticamente.

– Desculpa.

– Desculpas aceites. O que eu queria dizer era que estarmos cheios este fim de semana não é tão bom quanto parece.

– Porquê?

– Esta reserva já foi feita há um ano e será a primeira vez que temos a lotação esgotada em cerca de... – Cleo fez umas contas rápidas de cabeça – oito meses.

– Sim, estou a ver o que queres dizer. Uma festa alegrar-te-ia – decidiu Trish, incorrigível como de costume. – Talvez conhecesses o Senhor Por-Agora-Serve enquanto esperas pelo Senhor Perfeição-da-Cabeça-aos-Pés.

– Não, o Senhor Perfeito não existe, mas obrigada ainda assim – respondeu Cleo. – Telefonei-te para te convidar a vir até cá amanhã para que pudéssemos ir visitar o spa que abriu na antiga mansão dos Delaney. Vinha um artigo sobre ele no jornal e estou mortinha por ir até lá, pois assim podia reunir algumas ideias para o *health center* que podíamos abrir aqui. Mas não queria pedir a ninguém aqui de casa, se não vão começar a dizer que lá estou eu com mais ideias estapafúrdias.

– Não posso ir para Carrickwell agora – disse Trish num tom apoloético –, tenho a festa. E se lebares a Eileen? – Eileen era a terceira mosqueteira do grupo de infância e trabalhava no hospital local como enfermeira.

– Penso que ela está de serviço este fim de semana. Terei de ir sozinha.

– E vais fazer algum tratamento ou algo assim?

– Uma massagem corporal completa pelas mãos de um perito em massagens holísticas trazido especialmente da Austrália, um borracho de cair para o lado. Mergulhador, surfista, abdominal todo definido, bronzeado...

Trish caiu como uma patinha.

– Vaca... não vás este fim de semana, por favor! Espera até eu poder ir também.

– Apanhei-te!

– Cabrona.

– És tão ingénua. Como podia eu já saber como são os terapeutas, minha palerma?

– Bom, se por acaso houver mesmo por lá um deslumbrante espécime dos antípodas, telefona-me que eu vou para aí a correr – pediu Trish. – Com a minha sorte, os homens presentes na festa pertencerão à categoria Ok-se-estiveres-assim-muito-deseesperada.

– Pensei que esse era o único tipo de homens que convidavas para as tuas festas – comentou Cleo maliciosamente.

– Espera para veres – prometeu Trish. – Quando eu encontrar um verdadeiro australiano do tipo surfista mergulhador com um corpo superdefinido, logo te arrependes.

– Não arrependerei. Pedirei o número de telefone do irmão dele – aventou Cleo. – A esperança é a última a morrer: é esse o meu lema.

Com fundos limitados à sua disposição, Cleo pensara em marcar algo pouco dispendioso, como uma manicura, no Spa Cloud's Hill. Contudo, depois ocorrera-lhe uma ideia melhor: passar pelo spa naquela mesma tarde para recolher uma brochura e dar uma vista de olhos.

Pediu o velho e rangente *Austin* à mãe, um carro que estava há quinze anos nas mãos da família e ainda cheirava vagamente aos cães pastores que o anterior dono criava. Avançando aos solavancos pela estrada rural, o *Austin* deteve-se por fim com uma valente chiadela frente ao Spa Cloud's Hill. Cleo sentiu-se de imediato desanimar. A fotografia que vinha no jornal não fizera justiça ao local.

Sem uma pilha de dinheiro, o Willow nunca seria capaz de competir com aquilo. A casa fora elegante e maravilhosamente restaurada e deixava entrever um ambiente de luxo contido. Os bonitos

jardins, guarnecidos com flores primaveris, eram perfeitos. Mesmo os grandes vasos de pedra junto à enorme entrada eram de muito bom gosto, transbordando de jasmins-de-madagáscar, a pedra manchada o suficiente para parecer velha, mas não tão castigada pelos elementos que parecesse que se racharia ao primeiro indício de geada.

Os vasos à porta do Willow estavam todos partidos e a desfazerem-se e Cleo achava que estavam já a tornar-se um perigo.

Entrou na grande recepção e suspirou com uma combinação de prazer e inveja. Era como entrar numa casa elegante mas confortável. Havia lajes grandes de cor creme no chão, montes de sofás baixos e confortáveis, livros numa parede e aguarelas de motivos botânicos e uma enorme lareira do outro. O ambiente que se respirava era descontraído e opulento sem ser pretensioso. O dinheiro fora ali bem gasto e Cleo, com o seu olho de hoteleira, conseguia perceber a inteligência com que fora feito.

A rececionista fez Cleo desanimar ainda mais. Uma delicada rapariga oriental com pele de porcelana, vestia um uniforme com a cor de assinatura do spa – o verde-azeitona – e sorria calorosamente para Cleo em jeito de boas-vindas. Sorria!

Cleo pensou na trombuda Tamara no balcão da recepção do Willow. A não ser que Tamara pensasse que o elenco inteiro de *Ocean's Twelve* estava para chegar para uma orgia e lhes faltava uma mulher, nunca na sua vida conseguiria fazer um sorriso fosse de que tipo fosse.

– Posso ajudá-la? – perguntou a rececionista, a simpatia a transbordar de cada sílaba ligeiramente acentuada.

– Vinha buscar uma brochura – respondeu Cleo num tom confiante. Já que estava ali, mais valia fazer o que se propusera fazer. A distância que separava o Willow deste spa era infinita, mas podia aprender alguma coisa.

– Vieram tantas pessoas hoje, por causa do artigo no jornal, que se acabaram as brochuras – disse a rapariga num tom ao mesmo tempo de surpresa e satisfação. – Vou ligar para o escritório para lhe trazerem um.

– É lindíssimo – comentou Cleo, reagindo à simpatia da rececionista. – Não fazia a mínima ideia de que seria tão luxuoso. E o uniforme é lindo, também. Bom, a verdade é que podia usar uma saca de batatas e ainda assim ficaria bonita – acrescentou com sinceridade.

– Acha que sim? Eu acho que esta cor não me fica muito bem – explicou a rececionista no seu inglês com um leve sotaque. – Acha que me fica bem?

– Fica fabulosa – asseverou Cleo. – Mas só podia, é uma rapariga linda! Tenho a certeza que metade das clientes irá marcar tratamentos na esperança de ficar mais parecida consigo no final.

– Está a brincar – protestou a rapariga, corando num pálido tom de peónia. – A minha irmã é que é a beldade da família. Eu não. Você também é muito bonita. Tem um cabelo lindíssimo. Adoro os seus caracóis.

– Estes caracóis são a desgraça da minha vida – suspirou Cleo. – Matava por um cabelo sedoso e liso como o seu. – E depois riu, porque nunca lhe passaria pela cabeça que alguém tão deslumbrante como a rapariga que tinha à sua frente pudesse ter razões para se autocriticar. E, contudo, tinha. – Mulheres! Que raio se passa connosco? – interrogou Cleo. – Achamos todas que somos feias como uma noite de trovões.

– Espero bem que nenhuma de vocês pense isso – disse uma voz ao mesmo tempo que uma mulher emergia de uma porta ao lado do balcão da recepção com uma pilha de brochuras na mão.

– Mistress Meyer, obrigada – disse a beldade oriental.

Mrs. Meyer ofereceu uma das brochuras a Cleo, que se sentiu como se a palavra «impostora» lhe tivesse de repente aparecido tatuada na testa.

– Olá, o meu nome é Leah Meyer.

– Cleo Malin – cumprimentou Cleo, estendendo a mão. – Vim até cá para dar uma vista de olhos.

Teria sido difícil mentir perante o semblante tão amável e simpático de Leah Meyer. Alta e magra, havia qualquer coisa de majestoso nela e, contudo, parecia o tipo de pessoa à qual se podia dizer tudo e não alguém a quem se escondem coisas.

– E o que acha?

– Até agora, fantástico.

– Posso mostrar-lhe o spa, se quiser – sugeriu Leah. – No que estava interessada? Temos muitos tratamentos diferentes e estamos agora com uma pacote de um dia, de relaxamento e revitalização, ao longo do primeiro mês de abertura.

A história de Cleo começou a parecer-lhe ainda mais inverosímil, por isso resolveu improvisar:

– A minha família é proprietária de um hotel na cidade e eu queria conhecer o spa para assim podermos aconselhar os nossos hóspedes a virem até cá.

– Ah, uma parceria – disse Leah calorosamente. – Devia oferecer-lhe um tratamento grátis para que possa ver e experimentar em primeira mão o que aqui fazemos.

– Não, não, ora essa – replicou Cleo, envergonhada. – A sério, não podia aceitar.

– Podia e vai aceitar. Yazmin, posso ver o livro das marcações?

Leah folheou rapidamente uma enorme agenda.

– Uma massagem indiana à cabeça durante meia hora? – sugeriu. – E depois vamos as duas para a piscina de água quente? Dez minutos na água quente fazem-me sentir humana de novo, independentemente do dia que tenha tido, e adoro companhia.

Parecia um disparate e falta de educação recusar.

Cleo passou os primeiros dez minutos da massagem à cabeça a preocupar-se por não ter sido sincera com Leah, depois cedeu à completa beatitude de ser capaz de não pensar em absolutamente nada. Nem no hotel, nem nos problemas financeiros da família, nem no facto de não haver nenhum homem na sua vida, em nada de nada.

– Nem acredito que nunca tenha feito uma massagem destas antes – comentou Cleo três quartos de hora mais tarde quando, de roupão creme e com um fato de banho emprestado, seguiu Leah ao longo de mais um corredor suavemente iluminado. Sentia-se totalmente relaxada e muito confortável. – Na verdade – corrigiu-se – até acredito que nunca tenha feito uma massagem daquelas, pois nunca fiz sequer um quarto dos tratamentos que aqui oferece.

– Então, teremos de mudar isso – declarou Leah, indicando o caminho até uma sala com um *deck* em madeira do qual se desfrutava de uma vista magnífica do lago e de Carrickwell, lá em baixo. No interior, ocupando grande parte do espaço, uma banheira grande de água quente. As janelas da sala podiam obviamente ser corridas para que se pudesse gozar dos benefícios do tratamento praticamente ao ar livre.

– Uau – foi tudo o que Cleo conseguiu dizer.

– É bastante uau – sorriu Leah. – É um pouco extravagante, mas tínhamos de ter uma. A piscina de água quente é vital para a experiência de relaxamento. Temos de cuidar de nós, Cleo. Somos preciosas. Só nos damos conta do quanto andamos stressados quando paramos de correr de um lado

para o outro. – Despiu o roupão e meteu-se na água, os seus membros esguios e morenos fazendo Cleo sentir-se mais nórdica do que nunca em comparação.

Apressou-se a seguir o exemplo de Leah e permitiu que a água quente operasse a sua magia.

– É magnífico – murmurou, afundando até a cabeça ser a única parte visível do seu corpo.

Permaneceram ali num silêncio agradável durante algum tempo, com Cleo a pensar como era bom poder estar em silêncio com alguém. Se Trish ali estivesse estariam com certeza a cavaquear acerca da lindíssima alvenaria ocre ou da vista ou de que lugar ao certo na América Leah era oriunda, uma vez que o sotaque dela era muito pouco perceptível. Porém, Cleo percebeu que Leah não precisava disso – estava recostada com os olhos fechados e um ténue sorriso nos lábios.

– Fala-me do seu hotel – pediu por fim.

E Cleo falou: contou a versão honesta. Que o hotel era a sua casa e que a adorava, mas que agora estava preocupada que o Willow não sobrevivesse a não ser que alguma coisa radical acontecesse. Leah mostrou-se interessada, fazendo perguntas nos intervalos certos, e não ficou de boca aberta quando Cleo respirou fundo e admitiu que não viera conhecer o spa para o sugerir aos hóspedes do Willow.

– Odeio mentir – realçou – e não era minha intenção enganá-la ao dizer que viera apenas para ver se era seguro enviarmos-lhe os nossos clientes.

– Não levo a mal, estava a medir a concorrência e isso apenas prova que tem bom olho para o negócio.

– Não ficou ofendida?

– Era até capaz de a contratar. Dava-nos jeito ter alguém aqui a trabalhar com a sua argúcia.

Cleo sentiu-se ridiculamente contente.

– Agradeço muito – disse –, mas estou determinada a fazer algo pelo Willow.

– Compreendo – respondeu Leah. – A família vem primeiro.

Cleo assentiu que sim com a cabeça.

– Nem toda a gente entende isso – comentou.

– O que fará se o hotel fechar?

A pergunta desconcertou Cleo.

– Não sei – respondeu lentamente. – Seria terrível, como perder a nossa casa, mas pior, pois seria adquirida por outras pessoas e nunca mais voltaríamos a poder entrar nela. Seria horrível. – Muito embora a água estivesse quente, estremeceu.

– Mas aguentar-se-iam?

Cleo pensou na família e em como haviam atravessado outras épocas de dificuldades. Tanta gente tinha azar com a família no seio da qual crescia. A de Trish merecia o seu próprio *reality show* e assim ainda receberiam para serem destrambelhados. Em comparação, as discussões da família Malin eram inofensivas.

– Sim, conseguiríamos ultrapassar a perda – respondeu sem hesitações. – Conseguimos sempre dar a volta.

Uma hora mais tarde ia a caminho de casa, exausta, mas mentalmente revigorada. E nessa noite dormiu sem o espectro de hotéis rivais a assombrarem-lhe os sonhos. Leah tinha razão em relação a ser importante revitalizar-se o corpo e a mente. Se o Willow não pudesse ter o seu próprio *health club*, podiam seguramente fazer uma parceria com o Spa Cloud's Hill. Isso seria um plano bem sensato.

No dia seguinte, Cleo não resistiu a contar à família que fora visitar o novo spa e que conhecera Leah Meyer. Barney passara pelo hotel a caminho do treino de futebol e, em conjunto com Cleo e os pais, haviam tomado um chá todos juntos, coisa rara, na cozinha.

– Ela é linda, parece uma atriz de cinema, muito calma e serena. E se tivessem visto o spa... Mais parece um templo ao relaxamento. É fabuloso – comentou, sentindo-se melancólica por ter de partilhar tais notícias.

– Cleo, para de te torturares, essa é a minha função – disse Barney sarcasticamente.

E os quatro desataram a rir.

Barney era muito mais o irmão com o qual crescera quando Sondra não estava por perto, pensou Cleo com afeto. Tinha de se esforçar um pouco mais com ele. Era um disparate permitir que a animosidade que ela e Sondra partilhavam arruinasse a sua relação com o irmão.

– O spa é tão elegante e perfeito – acrescentou. – Não vejo como podemos competir.

– Que queres dizer? – perguntou o pai num tom calmo. – Que devíamos vender o hotel e emigrar porque não somos como o Spa Cloud’s Hill?

– Pai – resmungou Cleo. – É que é mesmo isso. O spa fornece um serviço diferente do nosso. O nosso hotel e o spa dela servem nichos de mercado diferentes. – Quase acreditava nas suas palavras. E a verdade é que até faziam sentido.

Na segunda-feira de manhã, Cleo foi ao banco na vez do pai, com todos os cheques e dinheiro do fim de semana, mas por volta das onze estava já de volta.

A mãe encontrava-se sentada no recanto da cozinha, com as suas calças de ganga preta e camisola de angorá, a organizar a correspondência em montinhos.

– Cleo, querida, importavas-te de pôr a chaleira ao lume? O teu pai tem uma visita no escritório e não queria mandar o Doug servir o chá não vá ele ouvir alguma coisa que não lhe diz respeito.

Cleo abandonou a ideia de tomar ela mesma uma chávena de café e, colocada a chaleira ao lume, pôs-se a organizar o tabuleiro, interrogando-se quem seria a visita misteriosa.

– Esse bule não – instruiu a mãe –, já começou a verter. E não te esqueças das colheres, as melhores. Oh, e são quatro chávenas, não duas – acrescentou a mãe.

– Quatro?

– Para o Barney e para o Jason.

Cleo acrescentou mais duas chávenas.

– Queres dizer que os manos estão lá dentro no escritório com o pai? – inquiriu. – Estão reunidos com quem? – Jason e Barney tinham pouco a ver com a gestão do Willow.

– Oh, é apenas o contabilista, Mister Stavi.

Cleo sentiu a familiar onda de cólera, mas esforçou-se por dominá-la.

– Porque é que o pai não me convidou para estar presente também? – perguntou, mordendo a língua para se controlar. – Eu disse-lhe que queria conhecer Mister Stavi.

– O teu pai dá conta do assunto – foi tudo o que a mãe disse calmamente. Cleo colocou uma colher em cada pires.

O pai sorriu quando ela entrou com o tabuleiro do chá e Cleo sorriu também instintivamente. Sempre cavalheiro, pôs-se de pé, uma figura esguia e alta de cabelo grisalho penteado para trás da alta testa, e aliviou a filha do peso do tabuleiro. Cleo sentiu uma pontada de ansiedade ao ver o rosto abatido dele.

– Obrigado, querida – disse Harry –, mas Mister Stavi esta manhã não tem tempo para um chá. Está

com pressa.

O contabilista estava já de pé, recolhendo a papelada rapidamente.

– Outra reunião, lamento – explicou-se ele, sem olhar para Cleo.

Barney e Jason caíram em cima dos biscoitos caseiros de *shortbread* com grande entusiasmo. «Dir-se-ia que não comiam», pensou Cleo iradamente.

Mr. Stavi despediu-se de Harry Malin com um aperto de mão e encaminhou-se para a porta.

Cleo segurou a porta aberta para ele e olhou-o nos olhos.

– Está tudo bem, Mister Stavi? – perguntou num tom bem-disposto.

Mr. Stavi olhou para ela com um ar triste. Apesar de ser contabilista há trinta anos, não tinha jeito para esconder más notícias. Estavam bem evidentes na cara dele.

– Estamos a passar por tempos difíceis – respondeu Mr. Stavi, amável mas evasivo. – Tenho de ir andando. Adeus.

– Pessimismo e melancolia – comentou Barney com a boca cheia quando Mr. Stavi partiu. – Os contabilistas são todos iguais, só sabem prever aflições, nunca trazem boas notícias. Dir-se-ia que o hotel vai fechar amanhã. – Tirou mais um biscoito, bebeu um último gole de chá, sorriu para todos em jeito de despedida e foi-se embora. Barney no seu melhor: um autêntico Speedy Gonzales. Barney ganhava a vida a vender carros e gostava de afirmar que as pessoas hoje gostavam de tudo em alta velocidade. Cleo discordava. Devia haver tempo para descontrair e levar as coisas com calma. E era isso mesmo que as pessoas apreciavam num hotel: a ilusão de calma, ainda que, nos bastidores, reinasse a confusão.

Cleo sentiu a mão do pai no ombro.

– Vai correr tudo bem, querida – assegurou ele. – Cá nos arranjaremos, sempre assim foi. – E sorriu-lhe com o mesmo sorriso largo dela.

Cleo não se conteve.

– Isso não chega, pai – contra-argumentou. – Não correrá tudo bem se só desejarmos que corra e rezarmos por um milagre. Precisamos de remodelar e melhorar o hotel, temos de pedir um empréstimo ao banco, arranjar alguém que invista no Willow, alguma coisa. Caso contrário, acabaremos por ter de fechar as portas. Não vês isso?

Jason interveio antes que o pai tivesse tempo de responder.

– Cleo, para com isso de uma vez! Estamos todos fartinhos até à medula das tuas queixas e de nos apontares erros e faltas. Devias ter ido para Donegal e deixado a gente em paz. Porque achas que eu e o Barney viemos à reunião e tu não? Porque nos deixas doidos com as tuas perguntas e dúvidas. Está tudo bem. Já conseguiste perturbar a mãe com esses teus augúrios de tragédia. Deixa o assunto em paz!

– Não deixo! – retorquiu Cleo, irada, respondendo ao irmão no mesmo tom que ele usara.

– Cleo, o Jason tem razão. Deixa o assunto connosco – disse o pai rispidamente. – Há uma altura e um local para tudo. E não é este. Planos não me faltam.

– Conta-mos – pediu Cleo, o rosto ardendo de frustração. – Não faço também parte desta família? Não mereço saber o que se passa? Posso ajudar, se me deixarem. Ter sido a primeira da minha turma conta para alguma coisa.

– Um par de anos na universidade não faz de ti o Bill Gates – disse Jason num tom sarcástico. – Não sabes tudo, Cleo.

– O assunto terminou aqui – ordenou o pai num tom categórico, o mesmo que usava quando dizia

«já para o teu quarto, Cleo» sempre que ela se envolvia numa rixa com os irmãos. – Eu sei que tu achas que és a única pessoa aqui com alguma experiência na indústria hoteleira, mas não és. Deixa a gestão do Willow comigo.

Na segunda-feira, Trish telefonou a Cleo para lhe contar tudo sobre a festa, os rapazes e quanto tempo demorara a limpar e a arrumar a casa no dia seguinte. Ainda cansada, uma vez que os festejos apenas haviam terminado às quatro da manhã de domingo, Trish ia bocejando à medida que explicava que não conhecera nenhum rapaz de jeito na festa, mas que encontrara uma parceira de dança chamada Carol que dançara freneticamente com ela na pista de dança – a sala de jantar com a mobília toda afastada – toda a noite. Carol adorara todas as músicas preferidas de Trish e o DJ achara Carol um borracho, por isso não se cansara de passar música de dança feminina toda a noite.

– Irias adorá-la, ela é fantástica – disse Trish. – E o que ela dança... mãezinha. E adora as mesmas coisas que eu. Diz que tem planos para ir trabalhar para a Austrália durante um ano, é fisioterapeuta, e perguntou-me se eu não gostaria de ir?

Cleo sentiu uma pontada de ciúmes. Ela e Trish haviam feito tudo juntas desde que se haviam conhecido na turma de Miss Minton, há quase dezoito anos. Não tinha planos para viajar até que resolvesse os problemas em casa, mas esperava que, quando voltasse a ver Trish, fosse a sua companheira de aventuras.

– Ela sabe tudo acerca de autorizações de trabalho e coisas assim – prosseguiu Trish jovialmente. – Oh, Cleo, ela é fantástica. À primeira vista, parece uma pessoa calma, mas, só te digo, aquela rapariga é uma doida.

– Se não a conhecias antes, como apareceu na festa? – perguntou Cleo, sentindo-se como uma tia solteirona a aferir as credenciais do pretendente de uma sobrinha.

– Conheces o Pat, amigo do Sammy? Bom, ela é a melhor amiga da irmã dele. Era para ir a um concerto, mas a irmã adoeceu e o Pat ofereceu-se para a trazer à festa. Acho que ele também está de beicinho por ela – revelou Trish.

– A sério?

Pat fazia mais ou menos parte do círculo de amigos que Trish tinha em Dublin e há muito que fora etiquetado de borracho tanto por Trish como por Cleo. Não que ele alguma vez olhasse duas vezes para qualquer uma delas. Era bem conhecido por apenas namorar modelos, o que só podia significar que Carol tinha potencial para ser uma modelo.

O telefone de Trish apitou, indicando uma chamada em espera.

– É a Carol – disse ela. – Vamos ver um espetáculo hoje à noite no festival de comédia. Não queres vir também?

– Não posso, lamento – respondeu Cleo.

– Tenho de desligar. Ligo-te amanhã. Adeus.

Foi em parte porque se sentia só e abandonada e em parte porque estava aborrecida por causa da discussão com o pai que Cleo disse sim uma hora mais tarde quando Nat Sheridan telefonou e a convidou para ir a Galway no fim de semana seguinte para a festa do sexagésimo aniversário da mãe no hotel da família, o Railway Lodge, que Nat estava a aprender a gerir. Era hábito Nat enviar mensagens do seu telemóvel para se manter em contacto com Cleo, por isso percebeu que devia ser uma coisa importante. As mensagens eram perfeitas para pessoas tímidas e com fobias a compromissos, decidira Cleo. Era possível manter o contacto sem sequer uma vez se falar com outro

ser humano.

– Achei que seria giro se viesses... como amiga – gaguejou Nat. – Nada mais. E apenas se quisesse. Mas seria bom. Sei que é assim um pouco em cima da hora. Não queria incomodar-te. Pensei que, se calhar, já tinhas outros planos...

As conversas com Nat eram sempre assim. Só muito lentamente é que ele chegava ao fundo da questão. Era amigo de Cleo desde o primeiro dia de faculdade e a amizade sobrevivera ao facto de Nat ter convidado Cleo para sair e ter recebido uma nega em troca porque ela achava que era melhor «ficarem amigos».

Nat continuava a acalentar uma esperança e Cleo esforçava-se ao máximo por não o encorajar.

Não era que ele não fosse atraente. Tinha um rosto simétrico e um ar inteligente, olhos amáveis que por vezes roçavam o melancólico, e o seu passatempo preferido era a corrida, por isso estava em forma e era atlético. Não fazia simplesmente o tipo dela. Era ... *demasiado gentil*, dissera para Trish.

– Pode um homem ser demasiado gentil?

– Não os que eu conheço – comentara Trish. Mas concordara. Havia qualquer coisa de infinitamente bondoso em relação a Nat Sheridan e, para mulheres que desejavam ser arrebatadas por rapazes bem-parecidos com um lado meio selvagem, a bondade infinita era uma qualidade estranhamente pouco convidativa.

– Gostava muito de te mostrar o hotel – aventou Nat. – E a festa vai ser muito divertida.

– Claro, ia adorar – disse Cleo, pensando no quanto a sua vida social estava a extinguir-se. E sempre se afastaria de casa por uns dias. Desde a discussão com o pai, o ambiente estava de cortar à faca. Cleo e o pai nunca discutiam, nunca, o que tornava tudo ainda mais estranho e horrível.

Cleo seguiu viagem no carro da mãe no domingo de manhã. O Railway Lodge estava sempre muito animado devido à sua localização: a pitoresca vila de Oranmore, nos arrabaldes de Galway City, porém, naquele fim de semana estava cheio com a família e amigos de Nat para celebrarem o aniversário da mãe. Todos os quartos estavam ocupados e havia dois primos de Nat a partilhar um dos quartos do sótão que há anos não via um aspirador.

Quando Cleo se viu num enorme quarto com uma cama gigantesca carregada de almofadas e uma caixa de chocolates na pequena mesa junto à janela, percebeu que estava em apuros. Apesar das afirmações solenes de Nat de que estava ali apenas como amiga, aquele devia ser um dos melhores quartos do hotel. Para quem não soubesse como funcionava um hotel, tal não significaria nada, porém, Cleo não era novata naquele negócio e, ao atribuir-lhe aquele quarto, Nat estava a enviar-lhe uma mensagem com um objetivo romântico.

Contrariando o seu bom senso, foram almoçar a Galway juntos. Nat disse que queria saber a opinião dela em relação ao Railway Lodge. Na verdade, estava simplesmente feliz por estar sozinho com ela num *bistro* com vista para Eyre Square, sorrindo como um palerma.

– Mais novidades acerca dos planos da cadeia de hotéis Roth? – perguntou Cleo por fim, quando se cansou dos prolongados silêncios. Os hotéis Roth eram a cadeia que podia destruir o Willow se se estabelecesse em Carrickwell e o R dourado do logótipo da marca assombrava muitos dos pesadelos de Cleo.

Nat abanou a cabeça.

– Talvez o jornal se tenha enganado – respondeu ele sem pensar muito. – Às tantas, nem sequer estão muito interessados em alargar-se para aqui. Têm hotéis por todo o mundo. Porque haveriam de

estar interessados no nosso?

– Porque a Europa se está a abrir e a Irlanda quer captar mais investimento – disse Cleo, irritada. Sinceramente, Nat parecia não ter pinga de consciência empresarial. – Não se constrói um império multimilionário sem explorar outros territórios, Nat.

– Tens razão, Cleo. – Nat fez um ar arrependido. – Estás sempre a fervilhar de ideias; devias dar aulas na faculdade. Não, devias era gerir o teu próprio hotel. – E sorriu.

Cleo não sorriu de volta. Conversara com Nat tantas vezes acerca da opinião da sua família em relação a permitir que uma rapariga fogosa de vinte e três anos e carradas de ideias novas gerisse o Willow e não queria ser recordada mais uma vez de que não haviam mudado de ideias.

– Podias transformar este. Refiro-me ao Railway Lodge. – Os olhos de bambi de Nat brilhavam com uma combinação de devoção e entusiasmo.

Cleo percebeu o que Nat lhe estava a oferecer: a ele e ao Railway Lodge numa bandeja. Podia ter o império com que sonhara, um império que poderia comandar sem que ninguém lhe dissesse que não tinha competência para isso, e ainda tê-lo a ele. Pobre Nat. Tinha pena dele.

– Não falemos acerca disso agora – disse Cleo sensatamente, ocorrendo-lhe que Mrs. Sheridan não teria o ambiente de festa com que contava se Nat estivesse a braços com uma decepção romântica. Na opinião de Cleo, era mais simples ter a conversa que antevia depois da festa. – É melhor despacharmo-nos, Nat. Disseste que ainda não tinhas comprado o presente da tua mãe. Devíamos ir tratar disso antes que se faça tarde.

Os convidados continuavam a chegar quando Cleo e Nat regressaram com a bonita moldura de prata que Nat escolhera e ele tomou conta de receção enquanto a mãe se retirava para o escritório para tomar um chá.

– Anda daí, Cleo, faz-me companhia – convidou ela. – Tens de me manter afastada dos bolos de creme, se não, logo à noite não me vou conseguir enfiar no vestido. – Mrs. Sheridan era uma mulher engraçada, direta e com a qual se conversava sem esforço. O Railway Lodge precisava tanto de investimento quanto o Willow, mas a vantagem era que a mãe de Nat sabia disso.

– Quem me dera que aparecesse aí alguém interessado em comprar-nos o hotel – confessou ela, servindo o chá.

– A sério? – perguntou Cleo. – Os meus pais detestariam que isso lhes acontecesse.

– Sabes, no caso deles, foram eles os dois que criaram o hotel – aventou perspicazmente Mrs. Sheridan. – Eu entrei no meu pelo casamento. Como uma velha parente da minha mãe costumava dizer, subi ao altar com um ramo de flores e descí dele com um hotel. – Olhou em redor do atravancado escritório, com os antiquados armários arquivadores cinzentos e paredes de fotografias a preto e branco do hotel na sua antiga glória. – Suponho que é por isso que a minha ligação emocional ao local é menos forte que a dos teus pais. Se não estivesse a tentar manter o negócio a funcionar para o Nat, há anos que teria vendido o Railway Lodge. Um hotel é uma forma de vida, Cleo, e é preciso adorá-la, pois Deus bem sabe que é coisa que não dá dinheiro.

– E eu adoro – afirmou Cleo do fundo do coração.

Mrs. Sheridan lançou um olhar astuto à sua hóspede.

– Adoras, não é? Também o Nat. Ele gosta muito de ti, sabias, Cleo? Não, será que... não.

A expressão de Cleo deixou bem evidente que não era de facto a resposta certa.

– Ele ficou muito entusiasmado por teres aceitado vir.

Dupla tortura num só dia. Cleo sabia que o melhor mesmo era ser franca de uma vez por todas.

– Também gosto muito do Nat, mas não dessa forma. E nunca o encorajei ou enganei.

– Isso nunca me passou pela cabeça nem por um momento – replicou Mrs. Sheridan. – Sei que não és esse tipo de rapariga. Serias ótima para ele, porém.

Cleo abanou a cabeça.

– Não seria – argumentou. – Ele merece alguém que o ame pelo que ele é. Eu iria tentar mudá-lo.

– Igreja, altar, hino – suspirou Mrs. Sheridan. – Muitos são os casamentos que se destroem nesse rochedo. Não demores muito a dizer-lho, está bem?

O bolo, decorado com apenas vinte e uma velas – Mrs. Sheridan disse que não queria que o quartel de bombeiros fosse alertado quando soprasse as velas – fora cortado e a festa seguia a bom ritmo quando Cleo conseguiu uma oportunidade de conversar com Nat.

– Queres dançar? – convidou ele, estendendo a mão com uma cortesia antiquada.

A banda tocava Glenn Miller, de que Cleo até gostava, mas nunca conseguira dançar. Nunca tivera jeito para dançar a pares.

– Tens de parar de tentar comandar – admoestava o pai sempre que dançavam juntos. – Quem comanda é o homem.

«Quem diz?», pensava Cleo de cada vez que ele argumentava aquilo.

– Não me importo, mas olha que não sei dançar este tipo de músicas – advertiu Nat, aceitando a mão dele.

O clã Sheridan e amigos estavam embrenhados no espírito da festa e havia muito rodopiar inexperiente na pista de dança, ao som de «In the Mood». Toda a gente estava feliz, especialmente Nat.

– Estás linda – elogiou ele ao mesmo tempo que dançavam e rodopiavam também.

O cabelo de Cleo estava preso num apanhado informal, que lhe ficava muito bem, com madeixas de caracóis castanho-escuros em redor do rosto. Em prol da ocasião, fizera um esforço e vestira o vestido que comprara para a festa de Natal do Willow no ano anterior, de *chiffon* lilás-escuro, com mangas curtas e uma bainha que balançava à volta dos tornozelos dela quando se deslocava. Era um vestido delicado e Cleo sentia-se igualmente delicada com ele vestido.

– Ora, Nat, não precisas de me elogiar – reclamou ela num tom frívolo.

– Preciso – afirmou ele, com toda a intenção.

O andamento mudou num ápice para o ritmo mais romântico de «Moonlight Serenade», uma canção feita para amantes. Nat era demasiado tímido para agarrar Cleo e puxá-la mais para junto dele, mas aproximou-se um pouco e colocou a mão com todo o cuidado na cintura dela. Cleo sentiu um aperto no coração.

Era uma canção tão bonita e como seria bom colar o seu corpo ao de um homem igualmente belo e deslocar-se com ele ao som da música. Fechou os olhos e sonhou com isso por um segundo.

Quando os abriu, Nat estava mais junto a ela, o rosto quase colado ao seu. Instintivamente, afastou-se e a expressão dele foi de completa desilusão.

– Nat, temos de conversar – afirmou, puxando-o para fora da pista de dança até um corredor vazio.

Ele encostou-se à parede com um ar infelicíssimo.

Cleo respirou fundo.

– Gosto muito de ti, mas não dessa forma – começou, e foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez fizera. A expressão de Nat era de ansiedade, mas tinha de lhe dizer a verdade, toda a verdade.

Seria injusto deixá-lo na dúvida, por mais ínfima que fosse. – És meu amigo, Nat, e isso é tudo o que quero de ti. Não posso deixar que fiques a pensar que alguma vez será algo mais. Lamento muito, muito. – Pegou-lhe nas mãos e ficaram ali no corredor com os sons abafados da música e do riso no ar.

Se Nat fosse o tipo de homem que podia amar, deu-se Cleo conta irracionalmente, não permitiria que ela o reconfortasse depois de ter acabado de lhe partir o coração: teria arrancado as mãos das dela, virado as costas e partido sem hesitações.

Porém, Nat não podia ser esse tipo de homem, razão pela qual nunca se apaixonara ou apaixonaria por ele.

– Não devia ter vindo – disse Cleo. – Nunca foi minha intenção que ficasses com a ideia errada.

– Esperava que mudasses de opinião se me visses no meu próprio território – explicou ele. – Aqui, não sou tão tímido como era na faculdade. Posso ser o que tu quiseses, Cleo. Posso ser dinâmico e empresarial e podemos trabalhar juntos e... – olhou em redor com um ar ansioso – fazemos uma boa equipa, Cleo. Amo-te. Isso seria o bastante.

– Não seria, Nat – contrariou ela. – Uma pessoa apaixonada não faz um relacionamento. Não quero que mudes e não consigo ver-te de forma diferente. És meu amigo, mais nada. E isso podia ser fantástico, mas nunca será mais do que isto. Uma amizade.

– Fico contente que estejas a ser honesta comigo – disse Nat num tom meio apagado.

– Nat – exasperou-se Cleo –, fica zangado comigo, qualquer coisa. Para de ser tão passivo!

– Está bem! – Afastou as mãos com um sacão, os olhos marejados de lágrimas. – Vai-te embora, Cleo. Não consigo ter-te aqui depois disto. Vai-te embora.

Ainda que a situação e as palavras dele magoassem, a ponto de estar em lágrimas, a raiva de Nat era quase um alívio.

– Lamento – disse. – Nunca quis magoar-te.

Nat não respondeu, mas os seus olhos diziam tudo. Virou-se e avançou corredor fora, deixando Cleo sozinha, sentindo-se infeliz e cruel.

A vida era injusta. Queria um hotel para gerir, mas não podia tê-lo, enquanto Nat a queria apenas a ela e lhe estendia a possibilidade de gerir o dele. Contudo, Cleo ansiava por paixão e ardor e uma relação tempestuosa com um homem que seria capaz de matar qualquer pessoa que a olhasse de soslaio. Não queria Nat, com aquele olhar suplicante e devoção cega, com ou sem hotel.

Deixou um bilhete no escritório endereçado à mãe de Nat a agradecer o convite e a simpatia, mas alegando que tivera de ir embora. Não mencionou o que se passara entre ela e Nat. Mrs. Sheridan depressa perceberia e Nat merecia a dignidade de contar à mãe o sucedido pelas suas próprias palavras.

Arrumou então as suas coisas, arrancou os lençóis à cama para que a criada tivesse menos trabalho e esgueirou-se porta fora até ao parque. Demoraria pelo menos três horas a chegar a casa, mas naquela noite queria o conforto de estar na sua cama, no seu quarto.

O noticiário da meia-noite estava a terminar no rádio quando estacionou o carro atrás do hotel. Era bom estar em casa, ainda que se sentisse mais horrível e miserável do que alguma vez se sentira em toda a vida. Não era possível obrigarmo-nos a amar alguém, pois não? Tal pensamento torturara-a toda a viagem.

Já no quarto, preparou-se para se deitar e depois agarrou-se ao melhor consolo que conhecia: os seus livros das Irmãs Rodriguez. Comprados num bazar da igreja há vários anos, os cinco romances

de cordel eram uma série acerca de três fôgasas irmãs, Odelita, Graciela e Beilarosa, que viviam em Espanha no século dezoito. As suas atrevidas aventuras haviam entusiasmado Cleo desde a primeira vez que as lera, ainda adolescente. Mergulhar neles era como comer *shortbread* na cama, mas sem as migalhas: delicioso e reconfortante.

– Porque lêas estas porcarias? – perguntara Trish da primeira vez que vira a coleção de livros bem estafada pelo uso da amiga. Trish era fã de *thrillers*.

– São engraçados e eu aprecio ficção histórica – respondera Cleo com algum pedantismo.

Trish agarrara então num e lera alguns parágrafos de uma página ao acaso. Ficou de queixo caído.

– Ficção histórica, isto? – riu com satisfação. – Isto é pornografia histórica.

– Não é pornografia! – objetou Cleo na defensiva.

– «Deixou a espada cair no chão e colocou a mão áspera reverentemente sobre a camisa interior dela, a sedosa protuberância do seu seio intumescendo-se por baixo...» – leu Trish em voz alta.

– Pronto, está bem, talvez um pouco sensual... Mas também era uma época mais romântica. Isso não faz com que seja pornografia. Não é obsceno, pois não?

– Então, um tipo a tocar no mamilo de uma mulher é pornografia se acontecer num elevador em Manhattan, mas se os intervenientes usarem trajos antigos já não é? – questionou Trish entre risadas.

– Não vale a pena tentar explicar-te – ripostou Cleo com ferocidade, magoada com a sugestão de que havia o que quer que fosse de sórdido nas suas queridas sagas históricas. Sim, era certo que havia algum arrancar de corpetes envolvido na ação, mas era de extremo bom gosto. As personagens não iam para a cama umas com as outras só por mera diversão; o que as unia era amor, paixão intensa. Naqueles romances havia moralidade, decência e honra. Era uma pena que o mundo moderno já não fosse assim.

Enroscou-se então no conforto dos seus lençóis com o primeiro livro da saga Rodriguez: *As Conquistas de Graciela*.

Havia qualquer coisa de mitigante e sonhador em ler acerca de uma época em que os homens eram homens e as mulheres adoravam isso. Embora fosse deprimente, aos olhos de Cleo, que tais homens verdadeiros parecessem já estar extintos.

Abriu o livro na primeira página e mergulhou no mundo de Graciela, no qual o casamento arranjado com um duque de olhar gélido estava prestes a decorrer, muito embora Graciela tivesse jurado que preferiria morrer a submeter-se à cerimónia.

Recostada nas almofadas, imaginando-se no lugar de Graciela, com o seu vestido de noiva disposto sobre a cama e o coração entregue apaixonadamente a outro homem, Cleo conseguiu por fim esquecer o pobre Nat.

Mary colocou o cartaz na porta da loja: «Fechado para inventário», trancou a porta e dirigiu-se até onde Daisy a esperava, no carro, com o motor a trabalhar.

– Até aposto que logo hoje – disse Mary, acomodando-se no lugar do passageiro – é que nos vão aparecer aí uma dezena de clientes e depois virão queixar-se-nos que bateram com o nariz na porta.

– Deixa-te disso – riu Daisy. – À terça-feira de manhã a loja está sempre às moscas e nós bem que precisamos de algum tempo para relaxar e conviver. – Juntou-se ao trânsito matutino.

– Tens razão. – Mary inspecionou o seu rosto no espelho da pala do para-brisas e fez uma careta. – Já para não falar de uma cara completamente renovada.

– Duvido que neste spa te consigam isso – troçou Daisy. Estava de muito bom humor. Andava a comer de forma saudável, seguindo os conselhos da sua nova bíblia, *O Guia de Fertilidade da Mulher Inteligente*, e sentia-se repleta de expectativas em relação à vida de mãe que a esperava. Era certo que Alex andava um pouco irritado, mas não era de admirar, o escritório estava a ser alvo de uma auditoria e isso deixava toda a gente pelos cabelos. De manhã, bebia os batidos especiais de fruta que Daisy preparava sem se queixar, muito embora Daisy não tivesse mencionado que também levavam umas ervinhas para além do iogurte e dos mirtilos. Ervas que faziam milagres pela fertilidade masculina.

– É verdade. – Mary deu uma vista de olhos pela brochura do Spa Cloud's Hill. Estava muito bem concebida e impressa, em tons de verde-azeitona e baunilha, com a lista de tratamentos e massagens, fotografias do spa nas mesmas cores da brochura e – fonte de grande divertimento para Mary – uma declaração de missão. A proprietária, Leah Meyer, afirmava que esperava que o spa proporcionasse «tranquilidade, descanso e beleza vinda de dentro».

– Isso quererá dizer que não têm grande fé na beleza vinda de fora? – inquirira Mary. – Beleza vinda de dentro soa-me sempre às teorias de uma supermodelo que só come coisas que fazem bem, passa uma hora de cabeça para baixo logo de manhã e tem o aspeto de uma deusa. As pessoas desse tipo não param de falar acerca da beleza interior. Mas há quem precise de alguma ajuda exterior.

– Ora, Mary, mas tu estás ótima – argumentou Daisy com grande lealdade. – És uma mulher excecional no auge da sua sexualidade, à procura de um novo amante, de preferência um jovem moderno que saiba como adorar uma mulher mais madura.

Mary suspirou:

– Isso só nos meus sonhos. Não tenho a energia suficiente para estar no auge da minha sexualidade e os únicos jovens que conheço são os da bomba de gasolina, que nem olham para mim e só se babam para raparigas vinte anos mais novas que eu.

– Para com isso. Com essa disposição é que nunca atrairás nenhum homem bem-parecido – insistiu Daisy.

– Oh, seja como for, não procuro nenhum homem. – Mary ergueu a mão, como que a reforçar a sua afirmação. – Sem homem, posso ficar na cama com as minhas máscaras faciais a ver *Extreme Makeover* na televisão toda a noite, enfardando chocolates, e sem ninguém para me colocar pesos na

consciência. Não poderias fazer isto com um amante jovem, pois não? Não, porque andarias a depilar cada centímetro do corpo de manhã à noite, viverias só de toranjas e andarias tão cheia de creme anticelulite que até te sairia pelas orelhas. Não, obrigada. Ninguém merece tanto sacrifício.

Em casa de Paula, tiveram de entrar para admirar o quarto do bebé. Recentemente decorado pelo marido de Paula, Enrico, em tons de amarelo, com ilustração de Beatrix Potter nas paredes, o quarto era um verdadeiro sonho. Lá estava o berço, uma alcova, um zoo completo de animais de pelúcia e uma cómoda cheia de roupinhas de bebé dobradas com extremo cuidado.

– Oh! – comentaram deliciosas Daisy e Mary em uníssono ao entrarem no quarto e sentirem o aroma a produtos de bebé.

– Está lindo. – Daisy abraçou Paula. Era maravilhoso ser capaz de se sentir verdadeira e sinceramente feliz pela sorte de Paula. Até ter marcado a consulta na clínica, ter-lhe-ia sido muito difícil estar num quarto de bebé e admirá-lo sem sentir o coração a rachar-se em mil pedacinhos.

De volta ao carro, Paula revelou que concordava com o conceito de beleza interior publicitado pelo spa e que achava uma ótima ideia que fosse essa a missão do Cloud's Hill.

– O que somos é mais importante do que o aspeto que temos – argumentou convictamente.

Mary, que passara para o banco de trás para que Paula tivesse mais espaço para a barriga à frente, desatou a rir a bandeiras despregadas.

– Diz a mulher que tem um curvador de pestanas a quente!

– Essa era a antiga eu – respondeu Paula orgulhosamente. – O meu novo eu vai ser uma pessoa melhor que não se preocupa tanto com coisas ridículas como o meu cabelo ou estrias.

– Receias que o teu filho nasça com as orelhas do Enrico, não é? – perguntou Mary de repente.

Todas haviam ouvido a história de como o pobre Enrico era gozado e apelidado de Dumbo na escola.

Daisy reprimiu um sorriso. Só mesmo Mary para ir direita à questão.

– Tens razão. Adoraria que o bebé tivesse os olhos do Enrico, o tom de pele, o cabelo, tudo...

– Menos as orelhas.

– Menos as orelhas – concordou Paula. – Parece tão frívolo e ingrato falar acerca disso. – Esfregou a barriga como que a pedir desculpa ao bebé.

– É possível amar alguém e ainda assim não gostar das orelhas dessa pessoa – comentou Mary. – E não há nada de frívolo em querer o melhor para os nossos filhos. O mundo é que é frívolo porque dá demasiada importância a orelhas salientes e isso faz com que os miúdos trocem de outros. Estás apenas a reagir a isso. Assim regressamos a *Extreme Makeover*, receio. Ninguém quereria perder vinte quilos, ter os dentes direitos e fazer uma lipoaspiração à papada se a aparência não importasse. O mundo não presta e é injusto: nós limitamo-nos a seguir as suas regras.

Entretanto, iam já a sair de Carrickwell, deixando para trás a estrada que dava para o Hotel Willow, passando pelo Abraham Park e entrando na chamada Hill Road, uma estrada ladeada por árvores e com um dossel de folhas que serpenteava ao longo de cinco quilómetros antes de desembocar num minúsculo lugarejo e no Spa Cloud's Hill.

A primavera parecia querer despontar entusiasticamente um pouco por todo o lado, enchendo as árvores de botões verdes e colorindo as sebes de pequenos rebentos. A chuva fazia a erva à beira da estrada tremeluzir, o ar cheirava a terra e a nova vegetação e o vale parecia zumbir com a promessa de vida despontante.

Daisy sentiu-se animar. Conhecia bem estas estradas do seu tempo de adolescência e muitas vezes

espreitara pelos portões da propriedade dos Delaney.

– A minha mãe mora aqui perto – contou sem se dar conta.

– Fazemos-lhe uma visita? – sugeriu Paula, que não sabia muito acerca da vida familiar de Daisy.

– Não, não – respondeu Daisy, chocada. – Quero dizer... É possível que ela não esteja em casa – compôs apressadamente.

Mary interveio em auxílio dela.

– A minha família também é assim – disse. – Gostam sempre que se avise antes de levarmos visitas para o caso de andarem ainda de pijama ou com roupa menos apresentável.

– Pois, é isso – acrescentou Daisy, como se a ideia de a sua mãe andar vestida de forma menos própria durante o dia fosse sequer uma possibilidade. Controlo era a palavra preferida de Nan Farrell e andar de pijama depois das sete de manhã seria algo muito fora de controlo. Daisy deu-se conta que Mary estava provavelmente a ser diplomata, pois conhecera e tivera de lidar com a mãe de Daisy nas raras ocasiões em que esta atravessara a soleira da porta da Georgia's Tiara.

Da primeira vez, Nan Farrell passara os dedos ao longo dos expositores da loja como se os cabides estivessem repletos de porcaria da mais baixa categoria e não de magníficas peças de roupa escolhidas criteriosamente e pessoalmente pela sua talentosa filha. Mary não teria necessitado de um curso em psicologia para perceber por que motivo Daisy estava tão completamente convencida de que não prestava para nada.

– Se ainda fôssemos visitar a tua mãe, acabaríamos por chegar atrasadas – acrescentou Mary num tom animado. – Temos de estar em Mount Carraig às dez e faltam cinco minutos. Pé no acelerador, Daisy!

– Não é tão bonita a paisagem? – suspirou Paula à medida que avançavam, o brilho de Lough Enla à esquerda e um prado salpicado de ovelhas à direita.

– Magnífica – concordou Mary. – Lembro-me que eu e o Bart ainda procurámos uma casa por estas bandas, mas ficava demasiado distante da cidade e era mais complicado os miúdos irem e virem da escola. Mas a casa era linda, maior que a nossa, e com bastante terreno em volta. Podíamos ter comprado um pônei à Emer. Mas, olhem, ainda bem que não comprámos. Como se divide um pônei? Metade para mim e a outra metade para o Bart. Aposto que eu ficava com a metade traseira.

Mary e Paula começaram a falar acerca de escolas e Daisy deixou a conversa desenrolar-se à medida que conduzia, concentrada nos seus próprios pensamentos. Tinha dezasseis anos quando ela e a mãe se haviam mudado do centro de Carrickwell para a casa ali na zona. Era uma típica casa rural irlandesa, com telhado de telhas encarnadas, canteiros de flores no jardim e um muro de pedra coberto de musgo a toda a volta, mas Daisy não vira o dia de sair dali. A mãe também parecera satisfeita quando Daisy partira para a universidade em Dublin. Com a perspetiva da idade adulta, Daisy percebera que ser mãe não fora um papel por que Nan Farrell alguma vez ansiara.

Era estranho que a grande tragédia da sua vida fosse não ter filhos enquanto ter uma filha – Daisy – aos dezassete anos tivesse sido a grande tragédia da vida da sua mãe. Era triste, também. Se ela e a mãe fossem chegadas, poderia falar e desabafar com ela sobre o quanto desejava um bebé e o quanto estava satisfeita por finalmente ir fazer alguma coisa com esse objetivo. Em vez disso, falavam ocasionalmente ao telefone, conversas de circunstância, e nada do que realmente importava era alguma vez discutido.

Mary estava a explicar o quanto a sua filha Emer de treze anos estava a gostar da escola. Daisy permitiu-se o prazer de se imaginar a escolher uma escola para o seu filho. Ela e Alex iriam visitar

todas, é claro, pesar e comparar as opções, fazer listas de prós e contras e depois tomariam uma decisão consciente.

Alex fora um rapaz tão desportista em jovem que provavelmente iria adorar que o seu filho lhe seguisse as pisadas como remador. Saint Cillian's School parecia uma boa opção para esse efeito. Porém, havia uma parte de Daisy que ansiava por ter uma menina, para que, no fundo, pudesse assim remediar todos os males que lhe haviam sido feitos a ela quando era criança. Assegurar-se-ia de que ninguém alguma vez lhe dissesse coisas como: «Tira as mãos do frigorífico, Daisy. Estás a transformar-te num autêntico leitão com o focinho enfiado na gamela.» No entanto, sabia que não era justo ter um filho só para reviver e consertar a nossa infância.

A tabuleta do Spa Cloud's Hill surgiu então e Daisy despertou dos seus pensamentos.

– Vejam-me bem isto – comentou Mary quando atravessaram os enormes portões de ferro e a casa surgiu à frente delas. – Morri e fui para o céu.

O jardim cheio de ervas de que Daisy se recordava dos seus tempos de adolescente desaparecera, dando lugar a um dos mais belos jardins de revista que alguma vez vira. Estavam a meio da encosta da montanha e da entrada podia avistar-se toda a cidade, com os pináculos da Catedral de Saint Canice estendendo-se em direção ao céu e o antigo povoamento druida à distância.

A casa em si já não era uma ruína jorgiana, mas um elegante edifício magnificamente restaurado, e por trás da casa avistavam-se os estábulos, remodelados com muito bom gosto.

– Vou vender a casa e venho viver para aqui para sempre – declarou Mary de queixo caído.

– Não conseguirias dinheiro suficiente para isso com a venda da loja – fez notar Paula.

– Vendo os meus filhos também. Consigo ver-me a viver aqui o resto dos meus dias.

– Um pouco como viver num lar de terceira idade de luxo? – troçou Daisy.

– Sim, por favor.

Estacionaram no parque de gravilha da entrada com Mary a comentar que deviam ter vindo de carruagem puxada por cavalos para melhor se enquadrarem com o ambiente grandioso do local.

– Meu Deus, acho que vim um pouco mal vestida para a ocasião – murmurou Daisy ao mesmo tempo que se encaminhavam para a porta. Decidira-se por um *look* desportivo chique e vestira um fato de treino cinza-escuro.

– E isto já é a única coisa em que me consigo enfiar – lamentou-se Paula de volta, apontando para a enorme *T-shirt* azul de pré-mamã e saia tipo toldo –, por isso, se estiver mal vestida para o local, terão de me aguentar assim mesmo.

No interior, o que as esperava era um oásis de calma. O trio fez o *check-in* e foi conduzido a um enorme balneário com pavimento de pedra italiana. Depois entraram para uma sala de relaxamento, que veio a revelar-se uma biblioteca com vista para os jardins. Havia livros, revistas, jornais, um frigorífico cheio de sumos e uma bandeja de fruta, bem como sofás muito confortáveis, cadeirões e música calma que causou a Daisy imediata vontade de se deitar e dormir.

– Era definitivamente capaz de viver aqui – voltou Mary a afirmar enquanto se afundavam nos sofás com as mais recentes revistas para um momento de autoindulgência. – Imaginem quando esta casa era o lar de uma família?

Nesse momento, a porta abriu-se e uma mulher alta de cabelo escuro apanhado no cimo da cabeça entrou na sala.

– O meu nome é Leah Meyer. Bem-vindas ao Spa Cloud's Hill – cumprimentou ela. De repente, ouviu-se o zunido de um telemóvel. – Tranquilidade arruinada – disse ela com uma careta, pescando

o telemóvel do bolso. – Peço desculpa, mas tenho mesmo de atender.

Esteve um momento ausente e depois regressou e voltou a desculpar-se.

– Habitualmente, não trago o telemóvel comigo – explicou. – Digamos que acaba sempre por arruinar a atmosfera.

– Ora essa, não tem importância – insistiu Mary. – Se assim não fosse, seria tudo tão perfeito que acabaríamos todas a falar em sussurros e nunca conseguiríamos relaxar. Demasiado relaxamento e música de baleias deixam-me nervosa.

Leah soltou uma gargalhada.

– Não temos música de baleias, mas temos de golfinhos, se gostar – disse. – Tendemos a guardá-la para ocasiões especiais. Vamos alternando a música. Oito horas sem parar de sons de golfinhos dariam com qualquer pessoa em doida. Por isso, passamos uma hora de tudo: jazz, música clássica, *easy listening*, Tom Jones.

– Não há música de baleias? – perguntou Daisy, simpatizando instantaneamente com esta mulher alta e bela. – Quero o meu dinheiro de volta.

– Devo dizer que tínhamos de facto um CD com sons de baleias – respondeu Leah –, mas sempre que o punha a tocar, havia sempre quem, por trás das minhas costas, o fosse trocar por Tom Jones e o escondesse no fundo do armário dos CDs. Suponho que essa pessoa, ou pessoas, estava a tentar dizer-me alguma coisa, por isso, fingi que estava perdido.

Toda a gente riu. Leah ofereceu bebidas e não tardou a que estivesse a conversar animadamente acerca de tudo, desde a loja à gravidez de Paula e o quanto dez minutos na piscina quente faziam qualquer pessoa sentir-se como nova.

– E tem esse prazer todos os dias? – Daisy estava invejosa.

– Todos os dias. Ajuda com as dores e rigidez – revelou Leah. – Não se pode chegar à minha idade sem alguma mazelas e dores.

– A sua idade! Oh, pois, sim – comentou Mary. – Quando chegar à *minha* idade, aí sim poderá falar de dores nos ossos.

– Tenho a certeza que sou mais velha, Mary – argumentou Leah com um sorriso largo.

– Não pode ser! – exclamou Mary.

– Que idade acham vocês que eu tenho?

Todas examinaram Leah com atenção.

Quarenta e poucos. «Talvez quarenta e seis ou sete», pensou Daisy, mas não disse nada. E se estivesse completamente errada e Leah estivesse mais perto dos quarenta do que dos cinquenta?

– Eu tenho quarenta e oito e a Leah tem um aspeto mais jovem que eu, por isso, talvez uns quarenta e três – aventou Mary, os olhos semicerrados enquanto observava Leah. – Não, não, quarenta – corrigiu-se, mudando de ideias.

– Perto – disse Leah. – Para parafrasear a minha avó, tenho vinte e um com quarenta anos de experiência.

Mary e Paula ficaram a olhá-la fixamente, sem entender muito bem, mas Daisy percebeu de imediato.

– Sessenta e um? – Arquejou. – Não pode ser.

– Sessenta e dois daqui a uns meses – admitiu Leah. De queixo caído, as três mulheres ficaram num silêncio estupefacto.

Leah tinha um aspeto incrível, pensou Daisy. Algumas mulheres muito bonitas possuíam rostos que

eram verdadeiras telas em branco à espera que outra pessoa nela pintasse uma expressão. Mas não Leah. Os seus brilhantes olhos castanhos tremeluziam de vida, as maçãs do rosto pareciam ter ficado assim elevadas e macias em resultado do simples ato de sorrir, e as rugas na sua cara tinham-se desenvolvido apenas porque o rosto dela era muito expressivo.

– Tem de revelar-nos o seu segredo ou, caso contrário, vamo-nos já embora – brincou Mary.

– Nasceu bela e tem genes bons na sua família – sugeriu Daisy, pois era realmente a única sugestão que lhe ocorria. De que outro modo podia uma pessoa tem um ar tão fabuloso e feliz?

– Conto-vos tudo se mais tarde se juntarem a mim na piscina quente – prometeu Leah. – Futura mamã, terá de ficar sentada na borda e balouçar os pés na água – acrescentou para Paula.

Uma terapeuta vestida de branco meteu a cabeça na porta para cumprimentar e confirmar que tratamentos cada uma delas ia fazer.

– Faremos o que quer que a Leah tenha feito – respondeu Mary. – E eu quero tudo duas vezes.

Voltaram a reunir-se ao almoço e depois não se encontraram senão no final da tarde, quando Daisy e Mary se viram sozinhas na piscina quente, contemplando Carrickwell no fundo da en-costa.

– Isto foi uma excelente ideia – confessou Mary com um suspiro de satisfação.

– Foi, não foi? Sinto-me tão relaxada – disse Daisy com os olhos fechados.

– Ótimo, estava um pouco preocupada contigo.

Daisy sentou-se direita.

– Comigo?

– Pareceste-me muito tensa estas últimas semanas...

– O Alex tem-se fartado de viajar, sabes.

– Pensei que talvez andassem com problemas – explicou Mary –, uma vez que ele dissera que não queria casar-se. – Mary estava a ser incaracteristicamente delicada, o que fez Daisy dar-se conta de que falara de facto de mais naquele dia em que se queixara de Alex.

– Já ultrapassámos isso – apressou-se Daisy a dizer. – Eu estava definitivamente sob o efeito da TPM.

– Ah, está bem.

Daisy abanou a cabeça.

– As hormonas são um pesadelo – disse, mantendo o seu segredo relacionado com hormonas para ela mesma.

Dali a duas semanas – treze dias, para ser mais exata –, ela e Alex estariam na clínica de fertilidade. Se isso não era o derradeiro compromisso, então o que seria? Adoraria poder contar tudo a Mary, mas ela e Alex haviam concordado que aquele era um segredo só deles.

– A Leah é muito simpática, não é? – perguntou Mary, mudando de assunto.

– É estranho, mas tenho a sensação que já a vi antes.

– Engraçado, entendo o que queres dizer.

– Talvez ela já tenha aparecido na capa da *Forbes* com os milhões dela. Com certeza que há de ter dinheiro, para ter renovado esta casa e feito o spa, embora os milionários normalmente não metam eles próprios as mãos ao trabalho.

Daisy sorriu.

– Não conheço milionários suficientes para saber se metem ou não. Mas ela é uma mulher linda, não é?

– Excelente estrutura óssea. Iria ela à nossa loja como cliente?

– Tenho a certeza que sim – respondeu Daisy lentamente –, mas não sei se ela será o tipo de pessoa com grande apetência pela moda. Não tem ar de quem precisa de roupas muito deslumbrantes. É como se mesmo que vestisse uns trapos ninguém repararia neles, apenas nela.

– Estilo – concordou Mary. – Ela poderia dedicar todas as suas energias à decoração em vez de à roupa. A este lugar não falta certamente estilo e não há dúvida que Carrickwell necessita de algum encanto. O Willow está muito bem, mas digamos que não é propriamente um luxo de quatro estrelas.

– Ora, não digas isso, o Willow é encantador – argumentou Daisy, que descobrira que o almoço de Natal no Willow era a única forma de aguentar o dia durante os anos que vivera com a mãe. A simpatia e benevolência dos Malin haviam tornado o dia tolerável.

– Mister Malin é tão amável e eu acho que a minha mãe tinha assim um fraquinho por ele, embora nunca o tenha confessado.

– O Harry? É um querido – admitiu Mary. – A mulher dele é simpática, embora, pobre desgraçada, nunca tenha tido um centavo para gastar em roupa. A filha é uma rapariga muito atraente, alta, com pernas até aos sovacos.

– A falarem de mim outra vez – disse Paula, entrando na sala.

Era seguida por Leah, que carregava um tabuleiro com um jarro de sumo de laranja e quatro copos.

Enquanto Paula desfrutava da paisagem sentada numa cadeira reclinável, as outras três relaxavam na piscina e as raparigas da Georgia's Tiara compararam notas acerca dos respetivos tratamentos.

A massagem de pré-mamã de Paula fora celestial porque havia uma marquesa especial com uma parte que se tirava para que a barriga coubesse.

– Podermos deitar-nos de barriga para baixo é algo que tomamos como garantido até engravidarmos – suspirou Paula. Tratara das unhas dos pés e das mãos e um tratamento ao rosto e estava preparada para apostar que Enrico não a reconheceria quando chegasse a casa.

Mary escolhera a famosa massagem das pedras quentes e gostara tanto que estava a pensar instalar uma na sua própria casa.

– Quem diria que basalto fervido poderia saber tão bem? – comentou satisfeita.

– Quem diria que estar sentada no que é na verdade apenas uma banheira gigante podia saber tão bem? – interrogou Daisy, que estava num estado de ditoso relaxamento depois de uma esfoliação de aromaterapia seguida de um envolvimento também de aromaterapia e um tratamento de parafina às mãos que as haviam deixado mais suaves que seda. – Adoraria fazer tudo isto todos os dias – disse. – É suposto meditarmos ou qualquer coisa desse género, Leah, ou recostamo-nos apenas e relaxamos?

– Com certeza que poderá meditar, se quiser ou for dessas coisas – respondeu Leah. – Eu não o faço. Limito-me a recostar e a pensar nas partes boas e nas partes más do dia e a agradecer por tudo.

– Então, é esse o seu segredo? – perguntou Mary astuciosamente. – Não é nenhum conjunto de tratamentos especiais, mas apenas sentirmo-nos gratos?

Leah esboçou um sorriso enigmático.

– Não, agora a sério – pediu Paula. – Como consegue essa aparência tão fabulosa?

Leah pareceu ceder.

– Fui criada em Los Angeles onde a aparência é de suprema importância. Sempre cuidei da minha pele e da minha figura. A minha mãe envelheceu muito bem, por isso tenho também uma vantagem genética. Porém, acabei por me ver enredada em toda essa questão do envelhecimento. Em Los

Angeles, é como se deixássemos de importar ou de contar assim que chegamos aos trinta anos. Tornamo-nos invisíveis.

– Não é apenas em Los Angeles que isso se passa – resmungou Mary.

– Suponho que no resto do mundo isso sucede bem mais tarde – argumentou Leah. – Os cinquenta podem ser a fronteira na maioria dos lugares, mas em Los Angeles são *mesmo* os trinta anos. Temos esta vã esperança de que connosco será diferente porque nos sentimos jovens e, que raio, umas quantas rugas não têm assim tanta importância, mas um dia vamos ao supermercado e ninguém olha para nós. Vivalma. Tornámo-nos a mulher invisível.

– Não posso acreditar – disse Daisy. – A Leah é linda. Em *qualquer* lado reparariam em si.

– Muito obrigada pelo elogio – respondeu Leah. – Nunca fui insegura em relação a mim mesma, porque era muito parecida com a minha mãe e ela sempre foi uma verdadeira beldade. No entanto, numa cidade onde se reúnem as pessoas mais bonitas do mundo, a beleza é um lugar-comum. O rapaz que nos enche o depósito do carro pode ser um modelo, a rapariga que nos serve o café pode desfilarmos na *passerelle* da Victoria's Secret. Toda a gente é deslumbrante. Portanto, entramos em pânico.

– E? – incitou Mary ansiosamente.

Leah soltou uma gargalhada, grave e enrouquecida, que não ficaria deslocada num bar da moda à meia-noite.

– Corremos ao cirurgião plástico certo e pedimos-lhe que dê um jeitinho, que nos renove um pouco.

– Eu sabia! – exclamou Mary.

– Apenas um pouco – argumentou Leah. Apontou para a testa. – Um *lifting* da testa, uma lipoaspiração sob o queixo e uma pequenina remodelação do mesmo. O resto sou eu. Não há aqui nenhum *lifting* do rosto. Se o fizermos demasiado cedo, acabaremos a precisar de demasiados e começamos a parecer que viemos de um planeta onde as orelhas crescem no cimo da cabeça.

– Não precisa de nenhum *lifting* do rosto – afirmou Daisy com toda a convicção.

– Ótimo, porque nunca mais me sujeitarei a cirurgias plásticas. Este rosto vai ficar assim até ao final dos meus dias. Em Los Angeles, as pessoas ficam chocadas quando eu digo isto, em particular o meu cirurgião, que ganha a maior parte dos seus honorários em repetições de procedimentos. Porém, se eu pudesse voltar atrás, não teria feito nada.

Toda a gente ficou a digerir esta informação.

– Porque não? – quis saber Daisy.

– Porque passei tanto tempo a preocupar-me com o aspeto que tinha por fora que me esqueci do interior, que na verdade precisava de muito mais trabalho...

– Entendi – concordou Mary.

Em circunstâncias normais, Daisy não teria dito nada, limitando-se a assentir com a cabeça, como se também tivesse entendido. Estava sempre a rir de piadas que nunca ouvira ou de anedotas que não compreendia. Porém, naquele dia queria entender. Como conseguia uma pessoa sentir-se confortável com o aspeto que tinha? Se o exterior era bom, então seguramente que se tinha tempo e energia para dedicar ao interior?

– O que quer dizer com isso, exatamente? – inquiriu.

– Acreditava que era tudo o que estava à superfície – explicou Leah. – Se o meu rosto era bonito e os homens ainda voltavam a cabeça para olhar para mim quando passava, então, Deus estava no seu lugar e tudo estava bem no meu mundo. Mas isso é uma treta, como o meu filho diria há uns anos.

Quem somos não é o que vemos ao espelho.

– Tem muita razão – comentou Paula entusiasticamente. – É verdade! – protestou ao ver Mary olhar para ela com uma careta.

– Eu sei, mas é difícil viver segundo essa crença – argumentou Mary encolhendo os ombros.

– É de facto preciso um acontecimento marcante na vida para nos fazer abrir os olhos – admitiu Leah. – Mas sinto-me feliz com o que sou agora. Gosto da minha idade. Não aprecio necessariamente os ossos que rangem e acordar a meio da noite com a sensação de que as minhas costas estão paralisadas, mas aprecio a maturidade que alcancei.

– A sério? – perguntou Daisy meio duvidosa. Identificara-se com o que fizera Leah feliz: era mãe, tinha um filho, era um membro do clube. Para Daisy, não havia maturidade suficiente que pudesse compensar não se ter isso.

– Sim. Não quero voltar a ser a pessoa que fui quando tinha vinte anos, ainda que isso significasse voltar a sentir-me em plena forma e bonita como me sentia na altura.

– Deve ser bom sentirmo-nos tão bem na nossa pele – referiu Daisy num tom anelante. Paula, Mary e Leah olharam para ela.

– É um objetivo que não se atinge sem esforço – explicou Leah. – Temos de decidir o que nos faria felizes e depois pararmos de dizermos a nós mesmas que é impossível de alcançar, mas, ao invés, convencermo-nos de que é possível. E depois ir atrás desse objetivo. Os sonhos e os desejos não são tão inalcançáveis como pensamos. Qual é o seu sonho, Daisy? – perguntou Leah. – Lembre-se, esta é a piscina da verdade. Aqui não pode mentir. Pois, se o fizer – acrescentou num tom de *suspense* –, desenvolverá uma terrível brotoeja.

As outras três riram.

– Estou a falar a sério. Comprei umas coisas àquela senhora da loja que vende cristais e cartas de tarô. Misturadas na água, obrigam toda a gente a dizer a verdade.

– A loja chama-se Mystical Fires – referiu Daisy. – Não sabia que vendia água da verdade, mas tem uns bonitos postais de anjos. Compramos um baralho e lemos um todos os dias para ver que mensagem os anjos têm para nós. Sou capaz de comprar alguns. – Esperava que os seus cartões dissessem «Terá lindos bebés» de cada vez que lesse um deles, muito embora não soubesse se tal mensagem constava sequer dos cartões.

– Que mensagem mais gostaria de receber? O que a faria feliz? – quis saber Leah.

Daisy mordeu o lábio. A honestidade era uma coisa complicada. Não se sentia muito confortável a partilhar com outras pessoas coisas profundamente pessoais. Dizer que queria um filho, uma família, soaria disparatado quando Leah provavelmente estava a perguntar se gostaria de lábios mais cheios, de uma barriga mais lisa, ou algo do género.

– Ser feliz e comer tanto chocolate quanto me apetecer.

– Então, engravida – brincou Paula –, pois assim consegues ambas as coisas!

O sorriso de Daisy não vacilou.

– Excelente ideia!

– E você, Paula? – perguntou Leah.

– Ter um bebé saudável – disse simplesmente. – Rapaz, rapariga, orelhas grandes ou não – sorriu para Mary e Daisy –, tanto faz. Desde que nasça saudável, é tudo o que o Enrico e eu queremos.

– E você? – Era a vez de Mary.

Daisy quase esperava que Mary soltasse uma gargalhada e desse uma qualquer resposta frívola, a

sua habitual reação a uma conversa que começava a ficar demasiado profunda.

– Eu não quero ficar sozinha – respondeu Mary sem graça. – Não é uma grande paixão que procuro, ou alguém que me ofereça rosas a toda a hora ou me leve a jantar a lugares deslumbrantes. O que quero é companhia, amor. Um abraço de manhã, uma pessoa com a qual possa rir quando um dos miúdos diz alguma coisa engraçada, um corpo quente contra o qual me possa aninhar na cama quando está frio.

Daisy ficou muda.

– Companheirismo – sugeriu Leah.

– É mesmo essa a palavra. – Mary deslizou mais para dentro da borbulhante água quente. – Estou farta de ouvir toda a gente falar de mulheres mais velhas, jovens sensuais e de se enrolarem de manhã, à tarde e à noite.

– Tão sobrestimado – concordou Leah.

– Precisamente. E quê se encontrássemos um jovem garanhão que aguentasse a noite toda? Provavelmente, não saberia acariciar-nos naquele sítio na nuca onde a pele é mais sensível e fazer-nos recordar a primeira vez que o fizera há vários anos.

– Pois não, isso é bem verdade.

Tanto Leah como Mary estavam com o olhar perdido. Daisy sentiu uma pontada de culpa. Era óbvio que Leah estava sozinha, tal como Mary. Ambas partilhavam essa característica enquanto Daisy e Paula eram as sortudas. Paula estava feliz com o que tinha, mas Daisy tinha de dar mais valor às coisas boas da sua vida. Talvez exigisse de mais dela. Não teria já o suficiente com o borracho do namorado e um trabalho que adorava? Seria possível ser-se demasiado ganancioso em relação à felicidade?

Leah adorava a tranquilidade de Carraig Hill quando o dia terminava e antes de chegar a altura de supervisionar o jantar de quaisquer hóspedes. Gostava de estar sozinha, gostava da paz da sua própria companhia e da oportunidade de examinar mentalmente o dia ao mesmo tempo que vagueava pela antiga e tranquila casa. Não precisava de verificar se as luzes e as máquinas estavam desligadas, tal era tarefa do gerente de serviço. Leah gostava apenas de deambular pela casa sozinha e pensar. Por vezes, pensava no passado, mas não com muita frequência, pois era ainda doloroso. O tempo ajudava a sarar, mas ficaria para sempre uma cicatriz, a marca profunda de ter perdido o seu querido Jesse. Era mais fácil pensar no dia que acabava de chegar ao fim do que repisar o passado. O tempo ensinara-lhe isso, pelo menos.

Portanto, pensou naquele dia e nas muitas pessoas interessantes que haviam atravessado a soleira da porta do Spa Cloud's Hill. Todos os dias havia pessoas novas, com aquele olhar perdido, aquele olhar que fazia Leah querer correr para elas e envolvê-las nos seus braços.

Como Billy e Pearl, um simpático casal que viera ao spa para uma pausa de três dias quando os seus planos de umas férias no Chipre com outro casal se haviam desfeito sem grandes explicações. Magoados e estupefactos, Pearl e Billy contaram a Leah que iam sempre de férias com Agnes e Ian.

– Ela foi minha dama de honor e eu fui a dela – disse Pearl frente a uma chávena de café na sala de relaxamento enquanto planeavam os tratamentos que iriam fazer. – Há vinte anos que fazíamos férias em conjunto. Malta, Chipre e o meu destino favorito, Rodes.

– Este ano disseram que não queriam marcar nada – acrescentou Billy. – Só assim, sem mais nada. Sem nenhuma razão. Disseram apenas que iam para a casa de Marie, a irmã de Ian, em Torquay.

– Foi a nossa filha que nos fez a reserva aqui, para nos compensar – disse Pearl. – A Fiona tem um excelente emprego e é muito boa para nós.

Do que Pearl mais gostara fora da reflexologia.

– A Agnes e eu experimentámos umas coisas como estas nos bons velhos tempos, mas já não fazemos. Uma vez que estávamos já todos reformados, achei que iríamos ter mais tempo, mas eles agora já não querem fazer nada. Não consigo entender.

– Os vossos amigos também vivem de uma pensão? – inquiriu Leah com toda a diplomacia. Os seus hóspedes assentiram com a cabeça.

Leah pensou na filha gentil que oferecera umas miniférias aos pais num spa e que talvez lhes tivesse pago as férias como forma de agradecer tudo o que eles lhe haviam dado ao longo dos anos. Em voz alta, interrogou-se se Fiona era sempre assim tão generosa.

Billy acenou que sim com a cabeça.

– Diz que fizemos o sacrifício de lhe pagar a universidade e que, portanto, agora é a nossa vez de descansar.

– Não será que o problema do Ian e da Agnes é não poderem pagar férias com a pensão que recebem? – aventou Leah. – Não têm talvez um filho ou filha que queira agradecer-lhes por tudo o que fizeram por ele ou ela na vida. – Pearl e Billy ficaram chocados por isso nem sequer lhes ter

ocorrido. Dinheiro. Era esse o problema. Como podiam não ter percebido que era isso? E porque não haviam Ian e Agnes sido sinceros e dito o que os impedia de irem de férias?

Telefonaram aos amigos naquela noite.

– Vamos todos para Torquay – disse Pearl a Leah alegremente no dia seguinte. – A Agnes está felicíssima que a gente vá porque – baixou o tom de voz –, aqui entre a Leah e eu, ela não simpatiza com a irmã do Ian, a Marie, mas não se pode dizer, pois não? Vamos ficar todos em casa da Marie, mas será mais fácil se formos quatro. Podemos passear sozinhos por onde quisermos e a Marie não precisa de se sentir obrigada a fazer companhia à cunhada e ao irmão.

Pearl e Billy haviam partido na terça-feira, o dia em que Stephanie chegara.

Stephanie tinha vinte e muitos anos e era muito simplesmente uma das mulheres mais bonitas que Leah alguma vez vira. Porém, tinha um ar extremamente pálido e abatido quando chegara. Só agora, dois dias mais tarde, conseguira sorrir sem que os olhos lhe brilhassem de lágrimas.

– Fez-me perceber que não preciso de me sentir estúpida – confidenciou a Leah naquela manhã quando se haviam encontrado para umas braçadas na piscina. O rosto de Stephanie assemelhava-se ao de uma gazela tranquila: enormes olhos num rosto delicado e requintado, rodeado por uma nuvem de cabelo castanho-escuro e brilhante. – Tinha razão quando disse que acreditar nas pessoas quando nos estão a mentir não significa que sejamos burros ou estúpidos.

O seu amante, Ralph, fizera de conta que estava infeliz com o seu casamento. Era um bom mentiroso.

– A verdade depende do ponto de vista – dissera Leah sensatamente. – Ele provavelmente queria acreditar que tinha um mau casamento para poder estar consigo... Porque não haveria ele de querer? É uma mulher calorosa, gentil e muito bonita.

– Faz a coisa soar tão plausível – suspirou Stephanie. – Eu acho que teria preferido pensar que ele simplesmente não conseguira evitá-lo, não que a intenção dele fosse magoar-me.

– Eu também não diria que ele queria propositadamente magoá-la – fez notar Leah. – Repare que ele acabou por magoar-se também. E, pelo menos, a Stephanie pode conversar com os seus amigos acerca da dor da separação e prosseguir com a sua vida; o Ralph tem de esconder a mágoa e os seus sentimentos de toda a gente, especialmente agora que a mulher dele vai ter um bebé. Portanto, no fim de contas, a Stephanie está melhor. Pode partilhar a sua dor e seguir em frente.

– Tem razão – concordou Stephanie, surpreendida.

As pessoas muitas vezes não conseguiam ver o que estava à frente delas, Leah sabia-o muito bem. Stephanie acreditava mesmo que era apenas medianamente bonita e não percebia que o seu deslumbrado e casado amante teria vendido a alma ao diabo para ficar com ela. Quanto mais Leah vivia, mais se dava conta de que as pessoas eram cegas para muitas coisas. O segredo para sobreviver, como descobrira por ela mesma, era abrir os olhos e ver o mundo e a nós mesmos pelo que ambos eram.

Naquele dia, vira que Mary Dillon o fizera. Era uma sobrevivente, Leah estava certa disso. Embora fosse capaz de rir acerca do ex-marido, admitia que o amara profundamente e era claro que estava a ter dificuldades em educar os filhos sozinha. No entanto, Leah sabia que Mary seria capaz de o fazer.

Era Daisy, a doce e confiante Daisy, que precisava de ajuda.

Leah tinha bons instintos e quase a certeza de que alguém dissera outrora a Daisy que não mostrasse os seus sentimentos. Quando lhe fora perguntado o que mais gostaria no mundo, Daisy

mostrara-se esquivada e respondera apenas com meia verdade: «Ser feliz e comer tanto chocolate quanto me apetece», dissera ela.

«Então, engravidada, pois assim consegues ambas as coisas!», fora o que Paula retorquiria. Apenas Leah vira o olhar de desolação que perpassara o bonito rosto de Daisy quando Paula dissera aquilo. Seria uma gravidez que Daisy desejava acima de qualquer outra coisa? Talvez.

Leah esperava conseguir ajudar Daisy: sentia grande simpatia pela mais nova das três mulheres. Por mais que parecesse ter tudo e estar no topo do mundo – o namorado, a carreira, o bonito apartamento –, Daisy ansiava por mais qualquer coisa e Leah tinha quase a certeza que um filho era apenas parte disso. O tempo o demonstraria.

* * *

Estava quase na hora de se preparar para o jantar. Leah tinha mais uma divisão para percorrer. Entrou na sala da piscina quente e contemplou as luzes de Carrickwell, lá em baixo, tremeluzindo como cristais de rocha sobre veludo.

Adorava aquela vista sobre a cidade e campos circundantes. Quase no topo da sua deslumbrante montanha, sentia-se como se estivesse a olhar por Carrickwell, preparada para ajudar sempre que fosse necessário.

Como era evidente, resolver os problemas das outras pessoas era sempre mais fácil do que resolver os seus.

Haviam-se passado quase dez anos desde que Leah dera a volta à sua vida e se arrastara a pulso para fora do inferno. O que diziam as pessoas acerca do inferno? A religião era para pessoas que temiam o inferno e a espiritualidade para quem já lá estivera? Leah já estivera no inferno, mas aprendera muito na viagem de ida e de volta.

Mel estava recostada contra as almofadas da cama do quarto de hóspedes embalando o pequeno corpo de Carrie ritmicamente. O último acesso de tosse fora o pior e Mel teria de bom grado dado um ano da sua vida para fazer desaparecer o ar de pânico dos olhos da filha. Acordara a chorar pouco depois das duas da manhã, não parara de soluçar e de tossir durante cerca de três quartos de hora e Mel começara a desesperar. Quando começara a achar que era melhor fazer mais alguma coisa – levá-la ao hospital, telefonar a alguém, uma vez que nem as compressas de água fria nem o remédio haviam acalmado Carrie ou feito a sua temperatura baixar –, a menina adormeceu nos braços da mãe.

Fora há dez minutos, mas Mel continuava a embalar a suavemente, grata por a filha já não lhe parecer tão quente. Porém, ansiosa por que Carrie dormisse e descansasse, não se atrevia a colocá-la nos lençóis frescos até que estivesse a dormir profundamente. Assim, continuou a embalar, ignorando a dormência nos braços e o cansaço que acometia cada músculo do seu corpo. O cansaço nada era perante o medo de que se passasse alguma coisa de muito grave.

Agora que estava tudo mais calmo, Mel permitiu-se relaxar só um pouquinho. Levaria Carrie ao médico logo de manhã, prometeu. Estariam lá ao bater das nove. Não, mais cedo até. Tudo o resto, incluindo a reunião de pequeno-almoço das quartas-feiras, que fosse para as urtigas. A sua bebé era tudo o que importava. As suas meninas. Quem fora que dissera que os filhos eram como o nosso coração a correr de um lado para o outro com as suas próprias perninhas? Era tão verdade.

Eram a sua alma e coração e, contudo, andava sempre a correr de um lado para o outro para arranjar tempo para elas. De que valia trabalhar de manhã à noite para que as meninas pudessem ter um futuro melhor quando o presente delas implicava a ausência da mãe? Desde a discussão com Caroline, Mel não conseguira tirar da cabeça a ideia de desistir do seu emprego. Chegara mesmo a mencioná-lo a Adrian, mas arrependera-se de imediato porque ele ficara completamente chocado com a ideia.

– Bom... financeiramente, quero dizer, suponho que pouparíamos nas mensalidades do infantário – comentara ele, esforçando-se ao máximo para recuperar da sua reação inicial, que fora «Não estás a falar a sério!»

– Esquece o que eu disse – pedira Mel, zangada com ela mesma por ter levantado o assunto. Se desistisse do emprego, enfrentariam algumas dificuldades. Os bónus de Natal de Mel haviam muitas vezes mantido as finanças da família acima da linha de água. O salário de Adrian aumentaria se ele conseguisse o mestrado, mas o aumento não seria muito grande. Não seria o suficiente para sustentar uma família de quatro e a hipoteca da casa, seguramente.

– Foi uma ideia estúpida – apressara-se ela a acrescentar. – Desculpa ter falado nisto. Ficaria louca sem o escritório, já sabes.

– Não, *eu* é que peço desculpa pelo que disse – insistira Adrian. – Foi um choque, só isso. A sério, se quiseres deixar de trabalhar, Mel, talvez consigamos aguentar-nos.

Mel despenteara-lhe então o cabelo.

– Estava apenas a sonhar acordada. Consegues ver-me a desistir de tudo aquilo por que trabalhei

na Lorimar? Pouco provável.

Na manhã seguinte, Sarah ficou fascinada ao encontrar a mãe e a irmã mais nova a dormirem no quarto de hóspedes.

– Porque estão na cama da avó? – perguntou ela, adorável no seu pijama do Ursinho Pooh e uma meia do Tigrão, o cabelo louro desgrenhado e amassado pela almofada.

Toda remelosa, Mel olhou para ela. Da última vez que vira as horas no despertador passava das quatro da manhã e agora eram já sete e meia. Deixara-se dormir. A seu lado, Carrie dormia serenamente.

– A Carrie esteve doente e eu não queria que o choro dela te acordasse, querida – explicou Mel.

– Eu também podia ter dormido aqui com vocês – argumentou Sarah, contrariada por ter sido deixada de fora daquela rara oportunidade de dormir com a mãe, e trepou para a cama para consertar o erro. Aninhou-se contra a mãe e começou a chupar no dedo. Usando uma mão para acariciar Sarah, Mel usou a outra para acordar Carrie. A pequenina estava misericordiosamente fresca ao toque e as bochechas já não estavam enrubescidas. Bocejando, abriu os olhos e sorriu para a mãe, as pestanas louras e compridas encaracolando-se em redor dos seus enormes olhos azuis.

Apesar do cansaço e do receio do dia que tinha pela frente, em que teria de realizar muito malabarismo para conseguir fazer tudo, Mel sentia-se ditosamente feliz. Era ali que devia estar. Não no escritório, a preocupar-se com as suas meninas, mas ali, abraçando-as e tomando conta delas. Sendo mãe delas. Era o instinto mais básico, afinal de contas. Ninguém conseguia cuidar de Sarah e de Carrie da mesma forma que ela. Era genuinamente insubstituível para as suas filhas.

O consultório do médico estava apinhado, mesmo às dez para as nove da manhã, e Mel, que correria para lá com Carrie depois de deixar Sarah nos Tigrinhos, começou a ver a sua ideia de chegar ao trabalho por volta do meio-dia desvanecer-se.

Pedira à mãe que lhe ficasse com Carrie às onze, mas já se interrogava se a essa hora estariam fora dali, quanto mais em casa. Olhou para os restantes doentes, na maioria mulheres com crianças pequenas, e interrogou-se se a deixariam entrar a seguir se se levantasse e dissesse que era uma executiva muito ocupada e tinha de estar no trabalho dali a pouco tempo. Provavelmente, seria agredida com exemplares da *GolfPro* e da *Hola!*

Com Carrie no braços, a segurar a sua ovelha lilás e verde, e a restante sala de espera a ouvir, Mel deu início à delicada tarefa de reorganizar o seu dia.

Primeira coisa: telefonar a Sue, a secretária do departamento de publicidade que, incompreensivelmente, ainda não ligara o telefone do escritório. «Se estás a filtrar chamadas, Sue, por favor atende. É urgente. Tive de faltar à reunião das oito e meia para levar a Carrie ao médico e, embora tenha telefonado à Vanessa do marketing e lhe tenha pedido para pedir desculpas por mim, apenas consegui deixar mensagem no atendedor do telemóvel dela e ainda não me ligou. Podias verificar se ela apresentou desculpas por mim e telefonar-me a confirmá-lo? Depois, tens de cancelar a minha reunião das onze. Eu mesma o faria, mas o número está na minha secretária e não tenho o meu Palm Pilot comigo.»

Idiota... Mel conseguia visualizá-lo ligado ao carregador na sua secretária, deixado para trás na habitual correria louca porta fora na tarde anterior.

– Mamã, quero ir para casa – choramingou Carrie. – Não gosto deste lugar.

Depois de uns mimos e um pouco de sumo, Mel voltou a atacar o telefone.

«Depois, poderias suplicar ao Anthony que tomasse conta do *briefing* com os estagiários? Eu devo chegar por voltas das...», hesitou. Meio-dia? Meio-dia e meia? Devia mandar lixar tudo e dizer depois de almoço? «Da uma», disse por fim.

Sem mais nada para se entreterem a não ser revistas que já haviam folheado e lido antes, as outras doentes deviam estar a ouvir cada pormenor das tentativas cada vez mais frenéticas de Mel para contactar Sue.

Nenhuma das mães olhou para ela com o mínimo vestígio de compaixão feminina. Mel pensou que, no lugar delas, sorriria compreensivamente a outra mulher em apuros em sinal de solidariedade.

Mas talvez estas mulheres vissem Mel, no seu elegante fato de crepe cor de ameixa e colar contrastante de ametista, como uma mera mulher de negócios, uma criatura de outro planeta que não tinha lugar no seu mundo de bebés doentes e cansados e esperas intermináveis em consultórios médicos.

Bom, a sua vontade era gritar-lhes que estavam enganadas. Pertencia ao mundo delas. Ao mundo das mães que não dormiam e tinham filhos pequenos. O problema é que elas não conseguiam ver para além do fato.

Mel chegou ao edifício da Lorimar perto do meio-dia e meia, a tempo de se cruzar com Hilary – de fato encarnado e batom a condizer – a sair do edifício com um dos diretores financeiros. A Mel pareciam todos iguais: expressões carregadas e fatos que tentavam assemelhar-se demasiado aos de Michael Douglas em *Wall Street*.

Sabendo que estava imperdoavelmente atrasada, Mel esboçou um pequeno sorriso e foi recompensada com um olhar gélido por parte da sua chefe.

– Andei à tua procura, Mel – disse Hilary num tom de quem exigia uma explicação.

Mel respirou fundo.

– A minha filha mais nova adoeceu e tive de a levar ao médico – disse num tom imparcial.

– Oh! – Ninguém conseguia dar à interjeição «oh» mais significado e profundidade que Hilary. *Oh! Estás tão em apuros que nem vais acreditar*, diziam as duas simples letrinhas.

A ansiedade que Mel sentira toda a viagem de comboio pelo facto de estar para lá de atrasada subiu de nível, transformando-se em náusea.

– Ela esteve muito mal durante a noite e não podia deixar de a levar ao médico – acrescentou Mel.

O tipo das finanças tinha um ar completamente indiferente. Provavelmente, tinha filhos. Mel tinha a certeza de já os ter visto no churrasco da empresa, em conjunto com a sua paciente mulher, que não cumpria horário de expediente mas podia engomar camisas de riscas como uma profissional e sabia deitar os filhos sozinha quando ele saía para tomar um copo com os manda-chuva da Lorimar. Porém, não tinha qualquer compaixão para com histórias de miúdos doentes. Nem, ao que parecia, Hilary tinha.

– Sabes como é horrível quando uma criança pequena adoece – tentou Mel de novo, esperando que a mãe que havia em Hilary se identificasse com ela. – Quebram-nos o coração com aqueles olhos enormes e tristes e não há mais ninguém que os console.

Hilary assentiu com a cabeça.

– Vemo-nos depois de almoço – replicou com rispidez.

Foi a gota de água para Mel.

– A Carrie está num infantário, sabias, Hilary, e, quando está doente, normalmente é a minha mãe que me substitui. No entanto, ontem à noite, a Carrie estava tão doente, com febres altas e uma tosse tão má, que quis ser eu a ir com ela ao médico. – Mel falava num ritmo mais acelerado que o seu habitual e calmo discurso empresarial. O tipo das finanças começou de repente a achar o seu relógio muito interessante. – Na verdade, há muito tempo que eu não a levava ao médico porque tenho de vir para aqui trabalhar, numa companhia de seguros de saúde. *A Lorimar preocupa-se* – entoou ela alegremente o novo lema da companhia – a não ser que seja o filho de um empregado que esteja doente, pois nesse caso a Lorimar está-se a borrifar. Tem graça. A ética por aqui é apenas superficial mas já a crua maldade empresarial vai fundo.

«A questão é esta, Hilary, a Lorimar pode estar a borrifar-se, mas eu não estou. Porque um dia já não trabalharei aqui e ninguém se vai lembrar de quem eu era, pois, enquanto empregados, somos todos dispensáveis. No entanto – dardejou Hilary com o olhar, que a olhava de volta sem pestanejar –, não sou dispensável como mãe. E, quando por fim me arrastar para fora deste hospício pela última vez, será tarde de mais para compensar a Sarah e a Carrie por tudo o que perdi porque estava acorrentada à minha secretária. Tudo o que peço é que entendas isso. Sou uma funcionária melhor porque quero fazer as coisas bem e como devem ser, não pior.

– Não é a altura certa nem o lugar adequado para esta conversa – disse Hilary, impassível. – Às duas e meia no meu gabinete.

– Um almoço longo, portanto – comentou Mel, incapaz de não ser sarcástica.

– Estamos a planear despedimentos – devolveu Hilary num tom brusco.

– Já se está a ver quem vai estar no topo da lista, então – replicou Mel e virou costas para entrar no edifício.

No interior do fresco e pavimentado vestíbulo, deteve-se e encostou-se à parede por um momento, o coração a mil à hora, a respiração arquejante. Que raio fizera? Podia ter sido altamente satisfatório dizer a verdade a Hilary e ao tipo das finanças, mas logo pagaria pela sua sinceridade.

Durante a hora de almoço, Mel não fez nada do que devia fazer. Ao invés, ignorou as montanhas de *e-mails* na caixa de entrada, deixou as pilhas de mensagens e relatórios em cima da secretária e foi às compras. Comprou uma revista e sentou-se a lê-la enquanto comia uma sanduíche e uma fatia de *cheesecake* na cafetaria de um armazém da zona. Depois passeou pela loja, a cabeça à roda enquanto apalpava roupa de criança, *lingerie* chique e capas de edredão coloridas. Despedimento. Ouvira dizer à boca pequena que a companhia planeava alguns despedimentos, mas a ideia de aceitar um voluntariamente nunca lhe ocorrera até agora. Os despedimentos por comum acordo eram para pessoas que estavam fartas das suas carreiras ou para quem queria mudar de emprego, ou para mulheres que não conseguiam ser mães trabalhadoras e necessitavam da rede de segurança de um indemnização. Não era para ela.

Só que, de repente, talvez até fosse.

A sua carreira estagnara, isso era certo. Ser mãe afetara as suas hipóteses de ser promovida. Mas também fizera com que a encarasse de forma diferente. Ter filhos alterara as suas prioridades. Não era que trabalhasse menos – na verdade, trabalhava mais arduamente agora do que alguma vez o fizera, cuidando de Sarah e Carrie, e fazendo o seu trabalho –, mas estava menos disposta a lidar com todo o lastro que estava apenso a uma carreira.

Política de escritório, grandes dramas por causa de um artigo menos favorável nos jornais, lábios

franzidos quando chegava tarde, ainda que acabasse por compensar esse tempo em dobro – tudo isto a entediava. Não sabia como, mas ser mãe ensinara-lhe que a vida não era só aquilo, que havia mais. Tinha a certeza que as suas prioridades estavam bem estabelecidas. Era uma pena que Hilary e a Lorimar não as tivessem.

– Posso ajudá-la? – perguntou a bela e jovem mulher no balcão dos cosméticos do armazém.

– Preciso de um *look* completamente novo – disse Mel, observando o branco e dourado brilhantes do balcão com o seu delicioso sortido de frascos e tubos e embalagens de todas as cores imagináveis.

– Há anos que não mudo de hidratante e acho que está na altura de o fazer. Hidratante, desmaquilhante, tudo o que lhe parecer que eu necessito. Mas o que eu gostaria também, se conseguir fazê-lo em meia hora, era de uma sessão de maquilhagem. Encantadora, bem sucedida, diferente do que estou agora – acrescentou num tom pesaroso. A maquilhagem fora a sua última prioridade naquela manhã.

A rapariga apontou para a cadeira a seu lado.

– Com certeza. Vai a algum lugar especial esta noite?

Mel sentou-se na cadeira e recostou-se contra o encosto de cabeça almofadado.

– Vou deixar o meu emprego – respondeu.

– Oh, quanto tempo trabalhou lá? – A rapariga perguntava por educação, Mel sabia-o, os seus olhos profissionais avaliando já o tom de pele de Mel e as falhas para perceber que magia teria de operar com os seus pincéis e frascos.

– Catorze anos – disse Mel –, mas está na altura de seguir em frente.

– É o que eu digo sempre – comentou a rapariga com um sorriso, segurando um toalhete –, em frente e para cima.

O hábito podia não fazer um monge, mas a maquilhagem certamente que animava a mulher. Mel regressou ao escritório com um porte diferente, um pesado saco de cosméticos caros na mão e um rosto brilhante e acabado de maquilhar. Afinal de contas, talvez se passasse muito tempo até que pudesse dar-se ao luxo de comprar cremes sem ser no supermercado. Este era o seu bónus de despedimento para a mesma.

Hilary mostrou-se um pouco surpreendida quando Mel entrou no seu gabinete às duas e meia em ponto com um ar fresco e sereno.

– *Cheesecake* e terapia de grande armazém – explicou Mel num tom calmo, acomodando-se numa das cadeiras de pele de Hilary sem que esta a tivesse convidado a sentar. – Não há nada como isso. Ora bem, despedimento. Como é? Depreendo que depois de hoje, estou na tua lista.

– Já antes de hoje te encarava como candidata – disse Hilary com aspereza.

Mel sentiu o murro mas não deu parte fraca. Ia deixar a empresa de uma maneira ou de outra. A única prioridade era assegurar que conseguia o cheque mais chorudo possível. Dizer umas quantas a Hilary seria um bónus.

– Obrigada por esse voto de confiança, Hilary – devolveu Mel com a mesma aspereza. – Sempre trabalhei no duro e não é simpático chegar à conclusão que os meus esforços não foram apreciados.

– Foram devidamente apreciados até aqui há uns anos – interrompeu Hilary.

– Estás a tentar sugerir que eu não me esforçava igualmente? – quis saber Mel, ainda calma.

– Não tinhas a mesma disponibilidade, tinhas outras coisas em mente, Mel, e isso afetou o teu

trabalho. Quando te conheci, eras muito empenhada, muito ambiciosa. Isso mudou.

– Quando me conheceste, eu tinha vinte e sete anos, portanto, é claro que mudei. Também tu mudaste, suponho. A vida muda as pessoas. *Ter filhos muda as pessoas*. – Mel realçou esta última frase.

Pela primeira vez, Hilary perdeu a sua muito alardeada compostura.

– Eras a minha protegida, Mel – reclamou ela. – Eu apoiei-te e queria-te como meu braço direito. Podias ter sido uma diretora de publicidade se tivesses conseguido evidenciar-te.

– Se não tivesse tido filhos, queres tu dizer. Ou se tivesse sido como tu, Hilary, e tivesse feito de conta que não os tinha? – argumentou Mel. – Escolhi ter as minhas filhas depois de ter construído a minha carreira. – Não queria dizer os nomes delas, como se identificá-las na frente de Hilary as fosse contaminar. – E o mais engraçado é que acreditei que não seria afetada por essas tretas de discriminação de mães trabalhadoras porque trabalhava para ti, uma mulher. E tu tens filhos. Pensei que compreenderias tudo isto melhor que muita gente. Mas não és simplesmente tão má quanto um chefe do sexo masculino, és pior. *Devias* compreender, mas fazes alarde de não compreender.

– Não me venhas com a cartada dos filhos – sibilou Hilary. – Passei toda a minha vida laboral a provar que ter filhos não significa que sou diferente dos homens com os quais trabalho. Se usas a tua família como desculpa, isso dececiona-nos a todas. Eles adoram pensar que não conseguimos ser tão boas quanto eles só porque temos ovários.

– Mas tu és diferente – argumentou Mel exasperada. – Tu és e eu sou e a Vanessa é. Temos filhos e isso torna-nos diferente do tipo que pode telefonar para casa por capricho a dizer que vai chegar tarde. Alguma vez fizeste isso sem fazeres cinco telefonemas para organizar tudo? Eu seguramente que não. Isso faz de nós piores trabalhadoras? Não me parece.

– Faz, sim – disparou Hilary. – Se não consegues dar tudo, então nem deverias estar sequer na corrida.

– Feminismo inverso no trabalho? – indagou Mel. – Quando era miúda, olhava para a minha mãe e, embora a adorasse, não queria ser como ela. Desistira do seu trabalho quando se casara e ficou dependente, verdadeiramente dependente, do meu pai toda a sua vida. Eu não queria ser aquela pessoa. Já uma vez te contei isto, Hilary. O que eu quero dizer com isto é que sempre quis ser capaz de trabalhar e ser mãe, e achava que conseguia. Mas não consigo se pessoas como tu não compreendem que ser mãe muda uma mulher e muda a forma como essa mulher trabalha. Um pouco de flexibilidade era tudo o que precisava, e nem tu nem a Lorimar teriam ficado a perder, pelo contrário. – Deteve-se, dissera tudo o que tinha a dizer. Quem sabia se Hilary entendera e aceitara alguma coisa do que ouvira?

– Lamento que penses assim, Mel. Tendo em conta todos os anos que trabalhaste aqui, terás direito a um pacote de benefícios e compensações que achamos ser muito generoso. – Hilary abriu uma gaveta e extraiu de lá uns papéis.

Mel contemplou a moldura de prata com a fotografia dos filhos que Hilary tinha sobre a sua brilhante secretária. Três rapazes, rindo no convés de um barco banhado de sol com palmeiras como pano de fundo. Eram bastante jovens na fotografia, o mais novo teria seis anos, o mais velho talvez dez. Portanto, fora tirada há alguns anos. Mel sabia que os rapazes eram agora crescidos, o mais velho estava já na universidade. Contudo, aquela era a foto mais recente que Hilary tinha no seu gabinete. Porquê, interrogou-se Mel. Então, num instante, percebeu.

Hilary tirava apenas as férias a que tinha direito, trabalhava muitos dos fins de semana e nunca saía

do escritório antes das sete. Quantas vezes é que tivera oportunidade de persuadir os seus rapazes a posarem para a câmara? Podia acreditar que não perdera nada ao comportar-se como um homem num mundo de homens, mas perdera. Perdera a oportunidade de ver os seus filhos crescerem. Nesse momento, Mel sentiu muita pena de Hilary.

Quando Mel emergiu finalmente do gabinete de Hilary segurando as condições do seu despedimento, Vanessa estava à porta à espera dela. Escapuliram-se ambas para a copa para conversarem.

– Que se passa? – perguntou Vanessa preocupada.

– Se ao menos conseguíssemos que as pessoas encarregues dos mexericos de escritório trabalhassem na publicidade – riu Mel –, nunca teríamos qualquer problema a espalhar notícias. Não que – acrescentou – a publicidade da Lorimar seja assunto que me vá ocupar mais o espírito.

As mãos de Vanessa voaram-lhe para o peito em choque.

– Oh, Mel, não posso crer. A Stacey da contabilidade telefonou-me logo a seguir ao almoço a dizer que o Nylon Nigel pedira o teu processo. É ele que está a tratar das indemnizações.

– Sim, está. A Hilary acabou de me oferecer uma. – Relatou então a conversa que tivera com Hilary. Estupefacta, Vanessa ficou sem palavras.

– A grande cabra – comentou no final da saga. – Quer que sejamos todas executivas de Stepford como ela. Trabalhamos muito, mas muito mais agora do que alguma vez trabalhámos. Eu não sabia o que era trabalhar até ter tido o Conal, mas, quando tive de pôr comida para ele na mesa, tornei-me uma absoluta mulher de carreira. Como se atreve ela a dizer coisas como as que te disse a ti? Tu nunca paras, Mel. Nenhuma de nós percebe como consegues fazer tanta coisa. Tens sempre o teu trabalho controlado, tens umas filhas fantásticas e até consegues estar sempre bonita.

Mel abraçou a amiga.

– Obrigada – disse um pouco lacrimosa agora que o choque estava a desvanecer-se.

– Que vais fazer? – perguntou Vanessa. – Montar a tua própria agência com o dinheiro da indemnização? Ouvi dizer que a KBK está à procura de um novo sócio. Eles têm umas boas contas de companhias farmacêuticas; sem dúvida que não desperdiçariam a oportunidade de contratar alguém com a tua experiência neste setor.

– Vou ficar em casa e educar eu mesma as minhas filhas – respondeu Mel. – Acabou-se o infantário, acabou-se pedir à minha mãe que tome conta delas quando eu não posso, acabou-se a lufalufa todos os dias.

Vanessa ficou estupefacta pela segunda vez em dez minutos.

– Tu, ficares em casa?

– Porque não? Já tentei ser uma mãe de carreira, é possível que seja boa ideia tentar a outra opção, passar-me para o outro lado.

– Para o lado negro – gracejou Vanessa – que não aprova mulheres como tu e eu e acha que somos umas mães desnaturadas por usarmos creches e infantários. Não passes para o lado negro – pediu ela. – Preciso de uma amiga que compreenda. A minha mãe não se cansa de me esborrachar na cara o mal que faço ao Conal por trabalhar a tempo inteiro. Como se eu pudesse trabalhar a tempo parcial e ainda assim conseguisse pagar a prestação da casa e as férias, a nova bicicleta de montanha dele, o equipamento de futebol. Pois sim! Só se ganhasse a vida deitada de costas até ao final dos meus dias. Oh, Mel, não te vás embora. Preciso da minha companheira de desabafos. Com quem mais posso

falar assim?

Mel riu, mas interiormente sentiu a atração da única vida que alguma vez conhecera. Seria mesmo capaz de deixar tudo para trás? A antecipação de um dia de trabalho, as solicitações, a emoção de ter de lidar com tudo, os telefones a tocarem, as reuniões...

Depois pensou na fotografia na secretária de Hilary e no quanto tudo aquilo era triste.

– Uma mulher tem de fazer o que uma mulher tem de fazer, Vanessa.

– Vamos sentir a tua falta – disse Vanessa lugubrememente. – As executivas de Stepford vão tomar conta disto e não perderão horas de trabalho só porque têm filhos. Vão simplesmente pari-los na hora de almoço a uma clínica finória e estão de regresso ao escritório por volta das três. Bebê: riscado da lista. Ama: riscado. Próxima reunião: riscado. Marcar lipoaspiração e abdominoplastia: riscado.

Mel voltou a rir.

– Mantém-te assim e talvez consigas também que te ofereçam um pacote indemnizatório.

– Espero bem que não. – Vanessa estremeceu. – Se tiver de dormir com Nylon Nigel para ficar na Lorimar, durmo. Preciso deste emprego. Pelo menos, tu tens o Adrian para ser escravo do salário.

– Sim, pelo menos tenho-o a ele – concordou Mel.

– Que pensa ele acerca disto tudo?

– Essa é a parte mais engraçada disto tudo. Ainda não consegui dar-lhe a novidade. Está numa sessão de formação todo o dia, por isso está incontactável.

– Então, ele não sabe?

– Ele casou comigo «na riqueza e na pobreza» – comentou sarcasticamente Mel, tentando soar descontraída embora o seu coração comesse a ficar apertado perante a perspectiva de largar aquela bomba aos pés de Adrian. – Esta é a parte da pobreza.

Esperou até que as filhas estivessem na cama e depois abriu uma garrafa de vinho – teriam de cortar nisso para economizar – e enfiou duas refeições indianas congeladas no microndas. Declarou então, gesticulando a Adrian que se sentasse:

– Tenho uma novidade para ti.

Adrian sentou-se.

– Devo ficar preocupado? – inquiriu, embora não o estivesse. Mel parecia tão calma, de excelente humor na verdade, apesar de ter passado metade da noite anterior acordada por causa de Carrie, que, depois de uma tarde aos carinhosos cuidados da avó, estava como nova. – Ganhámos um cruzeiro no sorteio da cooperativa de crédito da Lorimar?

– Não. Não está sequer quente.

– Ganhámos umas férias na neve no sorteio da Lorimar?

– Frio.

– Foste promovida?

– Gelado.

Adrian parou então com o jogo.

– Que se passa, Mel?

– A Hilary propôs-me um despedimento de comum acordo – respondeu Mel sem rodeios. – Hoje ficou furiosa por eu ter chegado tão tarde e, bem, eu perdi a paciência com ela.

– Continua.

Adrian estava do seu lado, pensou Mel com alívio. Não era o tipo de homem que se enfurecia com

ela por ter tido uma atitude impulsiva e disparatada.

– Decidi ser sincera e dizer tudo o que me ia na alma. Bom – acrescentou Mel ao ver a careta dele –, depois de uma noite pouco ou nada dormida, e que raio de empresa castiga uma funcionária por ter levado a filha doente ao médico? É de doidos.

Adrian abraçou-a.

– Concordo, Mel, tens razão.

– Às tantas ela começa a dizer que a empresa estava a planear reduzir o pessoal e ficou claro que queria que eu saísse voluntariamente. Eu sei que não tenho de aceitar o despedimento. Se ela quisesse simplesmente ver-se livre de mim, podia dar-me as habituais notificações de despedimento, et cetera, mas iria dar no mesmo. Eu estou farta daquele jogo e ela sabe disso. – Adrian abraçou-a com força. – Pensei experimentar ficar em casa com as miúdas – continuou –, por uns anos, pelo menos até já não precisarmos do infantário. Podíamos usar uma parte da indemnização para amortizar a hipoteca da casa. Acho que conseguiríamos aguentar-nos, embora tenhamos de fazer alguns cortes... – Olhou para o marido, consciente de que aquilo era uma grande mudança de vida para ambos. Adrian seria o único ganha-pão; o nível de vida de ambos desceria seguramente apenas com um salário.

– Se tivéssemos mensalidades num ginásio, isso seria logo cortado – disse Adrian, contando pelos dedos no que podiam poupar.

– É certo – acrescentou Mel, entrando no espírito da coisa. – Estou sempre a ouvir pessoas dizerem que têm livres-trânsito em ginásios e nunca os usam. É um desperdício de dinheiro.

– Exatamente. Penso que cada ida à natação fica para aí nuns trinta euros, pois, no máximo, acabam por ir umas duas vezes por mês. Portanto, essa é uma despesa na qual já cortámos.

– E a comida.

– Quem precisa de comida? – perguntou Adrian. – De certeza que podemos cultivar os nossos próprios legumes! Não deve ser assim tão difícil plantar uma lata de ervilhas?

Ambos riram.

– Amo-te – disse Mel, sentando-se no colo do marido e deitando a cabeça no ombro dele.

– E eu a ti.

– Agora a sério, teremos de fazer grandes cortes. Férias. – Examinou a mesa com os pratos vazios e a garrafa de vinho. – Até o vinho.

– Jantares fora. – Adrian fez um ar pesaroso por um momento, depois abanou a cabeça. – Não há volta atrás... Em frente e para cima!

– Engraçado, foi precisamente o que a rapariga da secção de cosmética do armazém me disse hoje – comentou Mel.

– É verdade. Não podemos olhar para trás, apenas para a frente. Vai ser ótimo para a Carrie e a Sarah.

– É isso mesmo que me dá a certeza de que estou a fazer a coisa certa, Adrian. Não suporto deixá-las todos os dias e, independentemente do que as pessoas dizem, isso está a magoar-me e fico tão assustada que acabo a magoá-las também. Agora temos esta oportunidade de eu ficar em casa... durante um tempo, pelo menos. A maioria das mulheres não tem essa opção. Quero ser uma mãe como a minha mãe.

Adrian beijou-a com ternura.

– És uma mãe fabulosa – elogiou com sinceridade. – Quer trabalhes fora quer trabalhes em casa.

Escuta lá – acrescentou com um sorriso endiabrado –, isto significa que irei degustar maravilhosas refeições caseiras todas as noites e tu estarás toda aperlada à minha espera com os chinelos, o jornal para eu ler e a cama aquecida?

Mel deu-lhe uma palmadinha terna na cara.

– Isso querias tu. Eu quero ser uma mãe como a minha mãe, não transformar-me nela.

Duas semanas de trabalho árduo a ajudar a mãe permitira a Cleo empurrar o incidente com Nat para trás das costas. Tinha um hotel para renovar: não havia tempo para sentir pena dela mesma por não amar uma pessoa.

Enviara umas quantas mensagens a Nat, mas ele não respondera, por isso não voltara a insistir.

– Ele acaba por digerir – dissera Trish jovialmente. – Esquece-o! – Trish por vezes conseguia ser impiedosa, pensara Cleo.

Trish continuava a sair bastantes vezes com a sua amiga Carol e, de cada vez que falava acerca dela, Cleo sentia uma espécie de ciúme infantil da intrusa desconhecida. Esforçava-se ao máximo por reprimi-lo, mas por vezes este rebelava-se. Só porque estava encafuada em Carrickwell a tentar fazer o melhor que sabia pela sua família e pelo Willow, isso não significava que não quisesse estar a divertir-se com Trish em Dublin.

Quando Cleo se sentia aborrecida, lançava-se ao trabalho, razão pela qual decidira que os quartos do sótão precisavam de uma volta. Ver os do hotel de Nat, abandonados a não ser por malas antigas e vida alada, fizera-a dar-se conta de que o Willow tinha espaços semelhantes e desusados à espera de serem aproveitados.

Depois de muitas horas passadas a lixar a pintar e a limpar as três divisões do sótão, com os tetos inclinados, pareciam totalmente diferentes. As unhas de Cleo nunca mais seriam as mesmas, é certo, mas também não se importava.

Fora apenas uma questão de limpeza, tinta branca e os acessórios adequados. Um dos quartos fora contemplado com um tema náutico que fizera Cleo vasculhar o hotel de fio a pavio e o sucateiro local em busca de tralha relacionada com navegação. Outro recebera uma decoração campestre, recheada de motivos florais, e o terceiro era uma combinação de *toile de Jouy* branco e rosa. Pagara do seu bolso a colcha cara de algodão indiano e fronha, pois não queria pedir ao pai o dinheiro do fundo para pequenas despesas.

Se ao menos fosse igualmente fácil transformar o ambiente nos aposentos privados da família. Desde a visita do contabilista, o pai de Cleo andava deprimido, muito embora continuasse a recusar-se a falar do assunto com a filha. Olhara para os quartos redecorados com um sorriso triste e comentara que estavam muito bonitos, mas nada mais.

Depois de todo o trabalho árduo que tivera, Cleo sentira-se injustiçada.

A mãe continuava a queixar-se de dores, embora, felizmente, Trevor e a sua equipa tivessem regressado ao trabalho, portanto, não tinha de se esforçar tanto com a limpeza. Cleo, com o relutante beneplácito da mãe, tivera uma conversinha privada com Trevor, elogiando-o pelos seus pontos positivos, como lhe fora ensinado a fazer no curso, mas certificando-se que ele entendia muito bem que futuras ausências sem atestados médicos iriam ser um problema. Contudo, esta conversa e a renovação dos quartos no sótão haviam sido tudo o que Cleo fora autorizada a interferir na gestão do hotel.

– Então, continuas amuada? – perguntou Trish no meio de mais um longo telefonema acerca do quanto tudo aquilo era deprimente.

– Não – insistiu Cleo. – Isto não é amuar. Falo com toda a gente, mas queria que eles soubessem que já não sou uma criança e que deviam parar de me tratar como se fosse.

– Amuo adulto, então?

– É uma sorte que já sejamos amigas há séculos, Trish, pois, caso contrário, desligava-te já o telefone na cara – reclamou Cleo num tom sereno.

– Estou apenas a tentar fazer-te rir. Não sei porque carga de água estás tão aborrecida. Porque não os largas a todos da mão e arranjas um emprego em Dublin? Eu podia sair deste buraco infernal e podíamos arrendar uma casa juntas.

Trish partilhava a casa com mais seis pessoas e as discussões sobre quem devia limpar a casa de banho e quem devia comprar papel higiénico eram praticamente constantes.

– Não quero sair de Carrickwell – respondeu Cleo num tom obstinado, sentindo-se ainda mais irritada com isto porque há três semanas que não via Trish e não ouvira mais nada a não ser «a Carol isto...» e «a Carol aquilo...». – Quero ficar aqui e trabalhar. É uma questão de princípio – argumentou irada ao ouvir a amiga suspirar dramaticamente. – Fiz um curso de gestão hoteleira porque tínhamos um hotel e eu queria geri-lo. Porque me iria eu dar ao trabalho se os meus pais fossem deixar o negócio ir pelo cano abaixo? Tudo porque se recusam a experimentar ideias novas e eu conheço todas as ideias novas – acrescentou frustrada. – Isso é o pior de tudo, Trish. O meu pai podia ter pedido o meu conselho, mas não o faz. Em vez disso, conspira com o Jason e o Barney, e nenhum deles tem a mais pálida ideia do que fazer. Até a Sondra tem mais voto na matéria do que eu. Mencionei que a imprestável da Tamara devia fazer menos turnos porque é uma inútil na receção, mas a minha mãe depois veio dizer-me que na verdade a Tamara até ia fazer mais. Realmente, o que é que eu sei?

– Então, sai daí.

– Vou para Bristol por duas semanas – informou-a Cleo. – O hotel no qual trabalhei o ano passado está a precisar de mão de obra e ofereceram-se para me pagar as viagens se eu aceitasse fazer o turno da noite durante quinze dias. Bem que preciso do dinheiro. Gastei uma pipa na casa de banho do terceiro quarto e ninguém parece minimamente impressionado com o meu trabalho.

– Talvez as coisas estejam diferentes quando regressares – disse Trish para a animar.

– Só se a Sondra fizer um transplante de cérebro e os meus pais ganharem a lotaria.

Cleo desfrutou das duas semanas em Bristol, muito embora não tenha voltado a ver Laurent. Era bom fazer parte de uma equipa jovem num estabelecimento bem gerido e movimentado. Quando entrou em casa, após a longa viagem de regresso, estava um dia chuvoso e sombrio, não a melhor altura, pensou, para apreciar o Willow. Só a luz de verão evidenciava a elegância da pedra cor de mel e a forma encantadora como uma roseira trepadora cor de porcelana pendia delicadamente sobre a porta do vestíbulo.

Cleo teve pena do casal que entrou no vestíbulo mesmo à sua frente, olhando em redor, tentando orientar-se.

Parecia não haver ninguém de serviço, por isso, muito embora estivesse cansada da viagem desde Bristol, entrou de imediato em ação. Enfiou a mala num canto, despiu o casaco molhado e foi recebê-los.

– Boa tarde. O meu nome é Cleo. Bem-vindos ao Hotel Willow. Procuram um quarto?

Demorou dez minutos a tratar do *check-in* de Mr. e Mrs. Barker, de Somerset, e ambos pareceram satisfeitos com o quarto Roseiral na zona traseira do hotel. Cleo ficou menos satisfeita porque sentiu o cheiro a desinfetante vindo da casa de banho e detestava quando isso acontecia. Cheiro a limpeza e não cheiro a químicos era o lema do hotel.

Com os Barker instalados, desceu as escadas saltitante, contente por estar em casa. Era infinitamente mais satisfatório receber pessoas num hotel do qual nos sentíamos parte integrante do que num hotel gigantesco onde mais não se era do que uma pequeníssima roda dentada da engrenagem.

As duas semanas de ausência haviam-lhe feito bem e começara a pensar que talvez estivesse a ser demasiado impaciente com a sua família. Precisavam de se unir nesta altura de dificuldade e o melhor era ser mais diplomática em relação às suas expectativas.

No piso térreo, a receção continuava vazia e Cleo interrogou-se onde estaria toda a gente. Eram quase seis horas de sexta-feira e o habitual era que se ouvisse o burburinho normal de atividade. Em vez disso, uma calma fantasmagórica e nem sinal de que o jantar estivesse a ser preparado.

Cleo entrou na cozinha para perceber se os fogões tinham avariado de vez e descobriu a sua família e Sondra a partilharem champanhe à volta da mesa. Toda a gente estava aperaltada, a mãe no seu melhor fato azul-escuro e pregador de margaridas, Jason e Barney de fatos domingueiros, embora com as gravatas desapertadas, e o pai, igualmente de fato, exibia a sua gravata de seda amarela ainda com o nó por desfazer.

– Olá, Cleo – sorriu Sondra, desta vez com uma túnica rosa de pré-mamã que lhe dava um ar angélico igual ao de uma estrela da MTV a simular um ar puro e meigo para a câmara.

– Ótimo, esperávamos por ti a qualquer momento – disse a mãe, levantando-se para dar um abraço caloroso a Cleo.

– Olá, mãe. Que se passa?

– Estamos a comemorar – respondeu Sondra num tom animado.

Cleo olhou para o pai, mas este estava ocupado a abrir outra garrafa, não olhando resolutamente na direção dela.

– A comemorar o quê?

– Vamos vender o Willow – declarou Jason. – E é uma oferta fabulosa. Vinte por cento mais do que o agente imobiliário acreditou que conseguiríamos. *Vinte por cento* – repetiu todo ufano.

Cleo ouviu o irmão dizer as palavras, mas estas soaram-lhe como se proviessem de um pesadelo na sua cabeça.

– O quê? Porquê? – Cleo colocou as primeiras perguntas que lhe vieram à cabeça.

– O teu pai e eu estamos a pensar comprar uma casa no estrangeiro. Em França, talvez, ou na Grécia, algures com um clima quente – disse Sheila Malin apologeticamente, embora estivesse a esfregar um cotovelo artrítico como se estivesse já a desfrutar do sol. – A intenção não é reformarmo-nos. Talvez até transformemos a casa numa pequena residencial – acrescentou. – Ainda não sabemos. Há ainda tanta coisa a decidir. Eu sei que parece repentino, Cleo, mas...

– As grandes decisões estão tomadas e são definitivas – interrompeu Jason, caso a irmã pudesse estar a pensar que fossem reversíveis. – Um empreiteiro local andava a farejar oportunidades e assim que ouviu que talvez fôssemos colocar a propriedade no mercado, aproveitou. Fechámos o negócio no escritório do advogado esta tarde.

Cleo ignorou-o e olhou para o pai, ainda afadigado com a garrafa de champanhe. Era como se estivesse à espera de ver como Cleo reagiria antes de se pronunciar.

Cleo ansiava por que ele lhe dissesse que era tudo um mal-entendido, que não tinham mesmo tomado a decisão de vender a sua casa. Mas ele mantinha o silêncio.

– Não há tanto dinheiro quanto esperávamos que houvesse – apressou-se Barney a dizer –, se o imóvel não estivesse hipotecado até às orelhas, mas financeiramente é uma boa manobra. Para todos nós. – Lançou um sorriso satisfeito e sorrateiro a Sondra, que parecia capaz de desmaiar de felicidade, sonhando sem dúvida com o que podia comprar com a sua parte do dinheiro.

– Pai? – Cleo recorreu de novo ao pai.

Pela primeira vez, ele olhou-a nos olhos.

– É verdade, Cleo – assegurou ele em voz baixa. – Temos vindo a perder tanto dinheiro que não conseguimos manter o hotel em funcionamento. Estava a levar-nos à falência. Esta era a única opção e na verdade não tínhamos escolha. Quem aceita não escolhe...

– Há sempre escolha – sussurrou Cleo.

– Estou cansado – disse ele, falando com ela como se fossem as únicas pessoas na cozinha. – A tua mãe e eu estamos cansados e queremos um pouco de paz e sossego.

– Não tinham de vender o hotel por isso – argumentou Cleo. – Eu podia tê-lo gerido por vocês. – Não acrescentou: se tivesses acreditado em mim, mas era o que queria dizer.

– Tu? – gritou Jason, perdendo a compostura como sempre que havia um conflito. – Abre os olhos, Cleo. Acabaste de sair da faculdade. Que hipótese terias tido de dar a volta ao negócio? Seja como for, o negócio está feito. Foi a melhor decisão, para todos. O construtor quer fazer dez casas aqui. Iria acontecer quer quiséssemos quer não. Suponho que esta propriedade seja demasiado valiosa para nela se sustentar um hotel. Fizemos a coisa certa.

– Todos nós percebemos os sinais, Cleo – acrescentou Barney. – Exceto tu com as tuas ideias fantasiosas. Somos realistas. Foi melhor que estivesse afastada de tudo isto. Todos sabíamos que nunca entenderias. Não se pode ser emotivo em relação a estas coisas, Cleo.

Cleo deu-se conta de que os irmãos estavam a dizer a verdade. O negócio estava fechado. O Willow fora vendido. Sem mais nem menos.

A única forma que encontrou de lidar com o momento foi retirar-se dele mentalmente. «Pensa noutro lugar», disse a si mesma, «um lugar feliz, ou uma palavra e repete-a uma e outra vez.» Contudo, nunca fora pessoa de meditações e tinha a cabeça demasiado cheia, demasiado caótica. Era horrível estar ali sentada em silêncio com a família a observar a sua angústia.

O seu lugar feliz era sob a macieira e a palavra era casa. Tudo isto lhe seria agora tirado só para que Barney e Sondra pudessem andar num carro ainda maior e impressionar os vizinhos e para que Jason pudesse admitir perante o mundo que na verdade não gostava de trabalhar e preferia de longe estar sentado em casa com o comando da televisão numa mão e uma cerveja na outra.

O azedume começou a acumular-se dentro dela como bÍlis.

– Porque decidiram tudo isto enquanto eu estava ausente? – perguntou num tom tão irado que todos, à exceção de Sondra, que olhava para o vazio com um sorriso presumido, olharam para ela surpreendidos. – Eu disse que regressava esta tarde. Podíamos ter falado acerca disto.

– Já há muito tempo que nós falamos sobre isto – disse Harry Malin sem pressas. – É só o que fazemos... conversar. Já o banco não se cansa de me telefonar e eu, semana após semana, faço das tripas coração para pagar aos funcionários.

– Pai, o que queres dizer com há muito tempo que *nós* falamos sobre isto? Onde estava eu quando tudo isto do «*nós*» estava a decorrer? – exigiu Cleo saber, o rosto vermelho de raiva e frustração. – Onde estava eu quando vocês andavam unilateralmente a tomar decisões que me afetam a mim também? Não ocorreu a ninguém perguntar-me o que eu achava ou por que motivo passei anos a queimar as pestanas num curso de gestão hoteleira antes de terem vendido o hotel nas minhas costas? Podiam ter-me dito quando o contabilista cá esteve. Devia ser sobre isto que estavam a falar!

– Acalma-te, maninha – disse Barney.

Cleo caiu sobre ele como uma leoa, os olhos cheios de cólera.

– Não me venhas com essa do «maninha», meu calão!

– Como te atreves a chamar-lhe semelhante coisa? – A mente de Sondra foi violentamente arrancada da compra de coisas brilhantes e caras e tentou enfrentar a cunhada com o mesmo olhar. – O Barney é um trabalhador esforçado e, pelo menos, tem o bom senso de perceber que o hotel é um buraco sem fundo que nunca deu dinheiro até agora.

– Dinheiro! – Cleo cuspiu a palavra. – É só no que pensas, Sondra. Dinheiro e mais dinheiro. Deitarias a perder o trabalho de uma vida só para que pudesses passar a vida nas compras e nunca tivesses de trabalhar um dia para o ganhar. É só para o que serves e o Barney também não serve para mais nada. São ambos uns parasitas.

Cleo era assustadora na sua ira e o pai tinha um ar aterrado.

– Não fales com o teu irmão assim – suplicou Sheila. – Por favor, querida. Não vale a pena brigar por isto. É apenas um negócio. Não podemos permitir que nos destrua. E teria sido a nossa morte se tivéssemos de fechar o Willow por o banco querer executar a hipoteca. Percebes o que isso representaria se toda a gente soubesse que o banco tomara posse do hotel? Seria um pesadelo. Seguramente que assim é melhor, não achas?

– Não compreendes, pois não, mãe? – disse Cleo. – O pai entende, embora não o confesse. Isto é mais do que um negócio para mim... É algo mais, está-me no sangue.

– Não sejas tão dramática – aproveitou Sondra para replicar. – Apenas escolheste gestão hoteleira porque sabias que tinhas um emprego fácil quando saísses da faculdade. Se quisesses mesmo trabalhar, não terias recusado aquele emprego muito bom em Donegal. Mas não, querias era ficar aqui, no bem bom e ser a filha do dono. Não penses que eu não sei quem tu és, minha menina. A pobre da minha irmã também vê quem tu és. Mandando em nós porque não temos um canudo. – Todo o azedume mal contido vinha agora ao de cima.

– Recusei aquele emprego para poder ficar aqui e mudar as coisas – disse Cleo, nem sequer se dando ao trabalho de responder às ridículas acusações de Sondra. – Queria mostrar que as coisas podiam ser diferentes. Achas mesmo que não via que o Willow estava a ser levado à ruína, pai? – Enfrentou o pai e a fúria desvanecera-se do seu rosto para ser substituída pela derrota. – Dilacerava-me amar-te e encarar-te como um modelo e, contudo, ver-te cometer erro atrás de erro.

Harry só conseguia olhar para a filha com tristeza.

– Amo-te – declarou, falando agora apenas para ele. – Respeito-te e queria que tu me respeitasses, mas tu não o fizeste. Se me tivesses respeitado, terias acreditado em mim para dar a volta a este hotel, mas não. Eu sou apenas a benjamim da família, uma criança – concluiu com amargura.

– E estás a comportar-te como uma agora – resmungou Jason.

– Se ser infantil é ser honesto e dizer a verdade, então, sim, sou infantil – asseverou Cleo.

– Escuta, Cleo, se não gostas, tens bom remédio, vai-te embora! – gritou Barney.

Cleo ignorou-o e olhou para os pais.

– É isso que vocês querem? – perguntou.

O pai, com o ar nervoso e com que sempre ficava durante brigas familiares, nada disse.

– Queremos que te enxergues – disse Barney, sentindo-se obviamente mais corajoso agora que o pai parecia não estar a submeter-se à sua sanguinária irmã.

Cleo sentiu a sua vida equilibrada na palma da mão como se fosse uma minúscula gota. Inclinando-a cuidadosamente para um lado, percebia que os pais precisavam de descanso e de se afastarem. Havia trabalhado arduamente toda a vida e teria sido maravilhoso se os três filhos tivessem tomado conta do hotel. Se inclinasse a gotinha para o outro lado, via que Barney e Jason eram culpados de muito do que corraera mal. Se se tivessem unido a Cleo e confiado nela, juntos podiam ter salvo o Willow. Porém, a verdade era que os irmãos eram demasiado preguiçosos, demasiado estúpidos, demasiado adeptos de soluções fáceis que não envolvessem esforço. Estava na altura de restaurar o equilíbrio. O seu sonho estava desfeito, mas o facto estava consumado e tinham de seguir em frente. Cleo podia ter a impulsividade da avó, mas possuía outra coisa que sempre faltara a Evelyn Malin: uma enorme lealdade. Tinha de apoiar o pai e a mãe. «Detesto o que fizeram, mas estou com vocês.» As palavras estavam na sua cabeça, a caminho dos lábios, quando Sondra se intrometeu para deitar lenha na fogueira.

– Vais ficar, Cleo, e aproveitar a tua parte do dinheiro, ou manténs-te fiel às tuas convicções e viras as costas? – inquiriu ela.

Toda a família Malin olhou para Sondra e depois para Cleo, que esperava que alguém dissesse a Sondra que se calasse, que não era daquela forma que faziam as coisas e que Cleo sofrera um enorme choque. A lealdade tinha de funcionar para ambos os lados.

Vai correr tudo bem, achou que a mãe diria, antes de ordenar a alguém que pusesse a chaleira ao lume e fosse desencantar os biscoitos de *shortbread* que Jacqui tinha a mania de sonegar. E o pai abraçá-la-ia e diria que lamentava muito, mas pedir-lhe-ia que o ajudasse a abrir a sua residencial. E, pelo menos, tinham vendido a propriedade a um construtor local e não a gente como a dos Hotéis Roth. Cleo nunca teria sido capaz de lidar com isso. Até os irmãos murmurariam que não havia necessidade de se chegar àquele ponto e que o temperamento dos Malin era terrível e que o melhor era ela tomar um pouco de champanhe e acalmar-se.

Mas ninguém disse uma palavra.

Até àquele ponto, houvera esperança. O horrível silêncio da sua família, que nada dizia para a apoiar ou reconfortar, destruiu essa esperança. Ninguém queria apoiar ou reconfortar Cleo. Estavam todos a pensar apenas neles mesmos.

– Mantenho-me fiel às minhas convicções, é claro – respondeu Cleo com firmeza, determinada a que ninguém percebesse o quanto se sentia magoada. – Nunca pensei que fizessem uma coisa tão terrível nas minhas costas. Achava que fazia parte desta família, mas estou a ver que não faço. Portanto, a única coisa que me resta fazer é ir embora. – Tremia de emoção, embora tentasse escondê-lo. – Detestaria ficar aqui e vê-los deitar a nossa casa por terra. Não conseguiria suportá-lo. Estão todos a cometer um grande erro.

Quando Trish recebeu o telefonema cinco minutos depois da grande discussão ficou de queixo caído. Na sua família sempre toda a gente brigara como cães e gatos, mas a família de Cleo era diferente. Os pais dela pareciam apreciar genuinamente a paz e a serenidade e esforçavam-se ao

máximo por mitigar qualquer diferendo. Se a coisa chegara àquele ponto, só podia ser porque Sondra, Barney ou Jason se haviam passado e haviam perturbado Cleo.

– Não – explicou Cleo num tom desapontado. – Não foram eles. – Sim, é certo que haviam contribuído para o sucedido, mas não tinham sido apenas eles. Cleo não conseguia dizer à melhor amiga que a pessoa que a traíra realmente fora o seu próprio pai. A pessoa que ela observara e idolatrara e admirara toda a sua vida, a pessoa que ela quisera impressionar ao licenciarse como a melhor aluna da sua turma. A pessoa que decidira vender o hotel de família, vender o que era também o seu património. A pessoa que não a apoiara mesmo sabendo que ela estava a sofrer.

Era demasiado doloroso confessá-lo até à sua amiga mais chegada.

– E não vais voltar atrás no que disseste? – perguntou Trish, ainda incapaz de acreditar em tudo aquilo. – Não vais voltar?

– Não, não volto atrás – asseverou Cleo.

– Imagina, expulsa da casa familiar como uma herdeira do século dezoito que envergonhou a família ao ter um caso apaixonado com o encorpado filho de um lavrador que está prometido a outra e abaixo da sua condição – brincou Trish, tentando animar o ambiente.

– Ninguém me está a pôr na rua. Eu é que me vou embora... Ou irei, assim que o raio do táxi chegar – disse Cleo, soando por um minuto como a Cleo de sempre.

– Não há mais quartos na nossa casa, mas podes dormir no chão do meu quarto – ofereceu Trish, tentando ser prática.

– Obrigada, mas não. Hoje não seria capaz de enfrentar mais uma viagem de autocarro. Importavas-te de telefonar à Eileen por mim e perguntar-lhe se posso ficar com ela por uns dias? – pediu Cleo. – Não vou conseguir falar disto tudo de novo sem largar a chorar.

Eileen vivia num pequeno apartamento em Carrickwell que exibia um armário que o agente imobiliário descrevera como um segundo quarto, mas que Eileen nunca conseguira arrendar a ninguém.

– Bom, ainda é quarta-feira, por isso não posso faltar ao trabalho, mas na sexta à noite vou até aí e vamos sair e divertir-nos – prometeu Trish. – Não resolverá nada, mas será divertido.

– Parece-me boa ideia – disse Cleo mecanicamente.

– Vá lá, Cleo – argumentou Trish, tentando animá-la. – Vais ver que isso passa. Eles hão de reconsiderar.

– Talvez eles o façam, eu não – replicou Cleo num tom firme.

O taxista já fora muitas vezes ao longo dos anos largar e buscar passageiros ao Willow, contudo, fora a primeira vez que tivera de enfiar sacos de lixo cheios de roupa na bagageira do carro. A rapariga que fora buscar, pertencente à família Malin, sabia-o, era uma moça alta e robusta que poderia ter carregado os sete sacos para o carro sozinha, porém, ela estava com um ar tão abatido que fora ajudá-la.

Quando o último saco fora esborrachado contra os restantes na bagageira, o taxista perguntou, «é só isto?», numa tentativa de fazer uma graça, mas, ao ver o ar de Cleo, percebeu que não, que não fora «só aquilo».

– É só. – Acomodou-se no banco do passageiro. – Pode seguir, por favor – acrescentou.

– Vai-se mudar? – perguntou ele enquanto se afastavam aos pulos. «Isto é um mar de buracos», pensou o taxista. Precisavam de fazer alguma coisa em relação àquilo ou ainda alguém ficava ali sem

a parte de baixo do carro.

– Sim – respondeu Cleo, esforçando-se para não olhar para trás, como a esposa de Lot.

Era uma forma engraçada de fazer uma mudança, pensou o taxista, e disse-o.

– Suponho que não há malas na sua casa, uma vez que já vive num hotel?

A velha Cleo teria exibido o seu radiante sorriso e talvez tivesse rido, comentando: «Sim, há montes delas, mas eu estava com pressa, sabe?»

A nova e melhorada Cleo, a versão endurecida que, esperava, nunca, nunca mais voltaria a confiar em quem quer que fosse enquanto fosse viva, disse:

– Sou alérgica a malas, na verdade. É por isso que vou abandonar o negócio. É difícil trabalhar em hotéis quando não se consegue lidar com malas.

– Pois, de facto – aquiesceu o taxista –, deve ser complicado. Se bem que certa vez conheci uma rapariga que trabalhava num cabeleireiro e não suportava estar a quinze metros de uma solução para permanentes. Era mas é alérgica ao trabalho.

– É como eu – concordou Cleo.

– Alérgica ao trabalho.

Eileen encarou a chegada de Cleo e de sete sacos do lixo cheios com os pertences dela assaz bem.

– A Trish explicou que foi uma discussão – disse Eileen, abrindo de par em par a porta branca do seu pequeno apartamento para permitir a entrada dos sacos.

Cleo, que de repente descobrira que não conseguiria falar sobre o assunto sem se desmanchar agora que estava na companhia de uma amiga, assentiu com a cabeça.

– Gelado de moca com pepitas de chocolate ou pudim de chocolate e baunilha do Mo's? – perguntou Eileen.

O lábio inferior de Cleo tremia.

– Ambos, diria eu – respondeu Eileen. – Nem mais.

Numa cidade como Carrickwell, as notícias não demoravam muito tempo a espalhar-se.

No dia seguinte, por volta da hora de almoço, a história da partida de Cleo fora misteriosamente associada à notícia do grande construtor que queria comprar o Willow. Não tardou a que o mais recente boato fosse que Cleo Malin saíra de casa desavinda depois de ter contado à família que estava grávida e que os Malin iam vender o Willow a estrangeiros duvidosos que pretendiam abrir um clube de *lap-dancing*...

– E o pai da criança abandonou-a? – perguntou Mrs. Maguire em choque quando ouviu o mexerico no quiosque, enquanto esperava na fila pelo jornal vespertino. Gostava de Cleo, era uma boa menina. Contudo, ainda assim, era precisa muito pouca sorte para se ver enredada com um homem que lhe dera com os pés assim que soubera que ela estava grávida. E nos tempos que corriam.. era escandaloso.

– Não sei – disse Mrs. O'Gorman, sugando as bochechas de uma forma que sugeria que estava a tentar extrair um pouco de sumo de um limão recalcitrante. – Ela ia a chorar no táxi, diz-se, o que nunca é um bom sinal. Mas estou chocada com Harry e Sheila Malin por a terem expulsado de casa. Não parece nada coisa deles.

– Não acredito nisso nem por um momento – disse Mrs. Hanley, que ouvira tudo e estava indignada com as mexeriqueiras. – São a família mais chegada que conheço. Esta história deve estar muito mal

contada.

Na sexta-feira, depois de três dias seguidos a comer a sobremesa de chocolate e baunilha do Mo's, Cleo sabia que iria ter dificuldades em enfiar-se no seu melhor par de calças de ganga e no *top* brilhante que Eileen afirmara ser adequado para pintar a manta.

– Não me apetece sair – resmungou Cleo num tom lamentoso enquanto esperavam que Trish aparecesse. – Quero ficar aqui a ver televisão e a deprimir-me.

– Amuar faz mal à saúde – devolveu Eileen.

– Bem como toneladas da sobremesa do Mo's – suspirou Cleo.

– É medicinal. Por isso não conta.

– Porque não vão vocês as duas e me deixam aqui em paz? – suplicou Cleo. – Eu não serei boa companhia. Não estou com disposição para festejar.

E não estava. Nem Trish nem Eileen pareciam dar-se conta do quanto Cleo estava magoada e a sofrer. Ambas haviam considerado o incidente como se se tratasse de um mero arrufo familiar. Porém, os Malin não tinham arrufos. E aquilo era bem mais que isso. O Willow fora vendido – o lar de Cleo. Isso não era um arrufo. Era como se a sua infância e a sua família fossem destruídas num único golpe. E o pai não fizera nada para que ela ficasse, isso era o pior de tudo.

– Precisas de te distrair. – Eileen mostrava-se otimista em relação ao assunto. – Uma hora connosco e sentir-te-ás bem melhor.

Às oito e meia daquela noite, Cleo, Trish e Eileen juntaram-se na pequena mas quente casa de banho de Eileen para se pentear e maquilharem. O elevado custo de utilização dos acumuladores de calor fazia com que o resto do apartamento estivesse habitualmente frio, mas a casa de banho era minúscula, portanto, uma vez aquecida, mantinha-se quente.

Eileen tinha assento privilegiado na tampa da sanita, de onde se podia ver no enorme espelho que cobria metade de uma parede e concedia a quem quer que estivesse na banheira um assustador vislumbre do seu corpo desnudo quando abria a cortina do banho.

– Este espelho teria de sair se eu vivesse aqui – comentou firmemente Trish do chão, onde estava sentada a observar uma prodigiosa coleção de produtos bronzadores para dar cor à sua pele sardenta. – Quem se quer ver a entrar e a sair do banho?

– A Cameron Diaz? – sugeriu Cleo, sentada na beira da banheira com a maquilhagem nos joelhos e um lápis de contorno dos lábios na mão. – A Halle Berry? – Desde o discurso encorajador de Eileen, estava a tentar mostrar-se mais animada, mas era tudo uma fachada.

– Eu não me importo de me ver a mim mesma – respondeu Eileen surpreendida.

Cleo e Trish ficaram momentaneamente estupefactas. Cleo pensou nos pneus que tinha na cintura, mais uma boia, na verdade, e na forma como as suas mamas tomavam conta de tudo a não ser que fossem restringidas por um sutiã de calibre industrial. Trish pensou nas suas sardas e em como, em alguns locais, pareciam juntar-se e dar-lhe uma coloração esverdeada em vez do tom caramelo-bronze que uma pessoa esperaria.

– Mas a sério... Sem as tuas melhores cuecas e sutiã *push-up* e tudo o resto? – estranhou Trish.

– O nu é natural – respondeu Eileen, encolhendo os ombros. – O corpo humano é lindo.

– Tens de parar com o ioga, a sério – comentou Trish, abanando a cabeça. – Estás a deixar de ser a pessoa neurótica que todas nós conhecemos e amamos. Quanto a vocês não sei, meninas, mas depois da semana que tive, preciso de muita diversão.

O Hammerhead Jack's, a discoteca mais badalada da cidade, fervilhava de atividade pelas nove da noite quando as raparigas chegaram. Trish e Eileen estavam ambas determinadas a divertir-se, embora de formas diferentes. Para começar, nem Cleo nem Eileen era muito dadas a bebidas alcoólicas. Cleo ajudara o pai a acalmar muitas discussões incentivadas pelo álcool no Willow e não estava interessada em ser a animação da festa. Porém, Trish achava que nenhuma noite seria um sucesso a não ser que bebesse umas quantas cervejas e pelo menos um *cocktail* para se sentir descontraída e cosmopolita.

A ideia de Eileen de um tempo bem passado era encontrar-se com um grande número de amigos do hospital e fazer-se à pista de dança quando o DJ do Hammerhead Jack's parava de tocar música ambiente e colocava alguns êxitos que estavam nos *tops* das rádios e televisão. Eileen não era uma dançarina dotada. Era excelente a abanar os braços descontroladamente para os lados e a rodopiar como um dervixe, mas divertia-se demasiado para se importar com isso.

Trish gostava de ir à caça de rapazes giros e namoriscar como uma mulher possessa. Com este objetivo em mente, vestira umas calças de cintura bem descaída e uma minúscula *T-shirt* de algodão que parecia ter sido comprada na secção infantil de uma loja. O conjunto estava, contudo, a revelar-se um sucesso.

No meio de tamanho espírito festivo, Cleo sabia que estava invulgarmente apagada, no entanto, dançar e engatar homens parecia-lhe demasiado fútil em comparação com o que acabara de lhe suceder. Nem tão-pouco tinha disposição para um copo de vinho, pois sabia que apenas a faria sentir-se ainda mais infeliz. E era difícil animar-se com a música ou com os borrachos.

Trish, por seu lado, estava decididamente entusiasmada com a população masculina.

– Não acredito que há tanto tempo não viesse ao Hammerhead – não parava de dizer surpreendida. – Já tinha tirado Carrickwell do meu mapa e estava completamente enganada. Ainda há homens de jeito nesta cidade. Quero dizer, a contagem de GB é bastante elevada. De onde é que vêm estes espécimes? Estamos a importar homens ou serão cultivados como alienígenas bebês num armazém algures? Oh, olha – rodou no seu banco, os olhos fixos num rapaz como uma gaivota fixada numa traineira. – Com os meus olhos que a terra há de comer, um GB8, nem mais nem menos.

Trish tinha um enorme sortido de abreviaturas que auxiliavam na sua procura do Sr. Certo. Ninguém queria ser ouvido a dizer, «Oh, que belo borracho!» em voz alta e ver o objeto do seu desejo reparar nisso e sorrir afetadamente, estragando assim tudo, por isso, as amigas dela da faculdade haviam decidido que era mais fácil dizer GB6 ou 7, ou até, mais raro, GB10. Isso significava Grande Borracho numa escala de um a dez. O ideal, claro, seria um GB10, que prometia telefonar no dia seguinte e cumpria a promessa. Infelizmente, tais homens escasseavam, como Trish e Cleo tinham descoberto. GB10s com boas maneiras preferiam outras raparigas, ao passo que Cleo e Trish exibiam uma estranha atração magnética por E, HCPC ou HMB/PQBCNC, também conhecidos como Esquisitóides, Homens com Problemas de Compromisso e Homens Muito Bêbados/Pedrados Que Brincam com o Nosso Cabelo.

Eileen, que nunca quisera jogar àquele jogo, começava às tantas a debater-se com aquela espécie de estenografia.

– Uau, TH8 às sete horas – murmurou Trish pelo canto da boca. – Bastante elevado no QO e definitivamente que não é um ANT. Não tem marca de aliança, vês?

– O quê? – perguntou Eileen a Cleo, completamente desorientada.

– Grande borracho de nível oito, no bar à esquerda da Trish. Ela classifica-o numa posição

elevada do Quecómetro e acha que não deve ser casado, pois não consegue ver nenhuma marca no dedo anelar, portanto, é um bom candidato e não será um daqueles tipos que dá Apenas o Número do Telemóvel.

– Vocês são maradas – rosnou um tipo que estava sentado no bar ao lado delas. – Não admira que estejam sozinhas.

Trish mostrou-lhe o dedo do meio e avançou sem pressas até à casa de banho.

– O autocarro misterioso já passou – declarou ela num tom devaneador ao regressar. – Sinto-me muito melhor.

– O autocarro misterioso – explicou Cleo a Eileen – é o que a Trish diz que acontece quando bebemos umas quantas bebidas, vamos à casa de banho para que o álcool nos possa subir à cabeça e, quando regressamos, descobrimos que todos os homens feios foram levados por magia no autocarro misterioso e só ficaram os borrachos.

– O táxi mistério é o que acontece quando acordamos na manhã seguinte com um tipo feio em vez do borracho com o qual viemos para casa – riu Trish. – O táxi mistério levou o borracho e deixou um qualquer neandertal a precisar de fazer a depilação às costas.

Por volta das onze, Cleo já não aguentava mais e estava farta de beber *Diet Coke*. Queria estar em casa, na sua cama improvisada no armário de arrumações de Eileen para poder matutar sobre tudo em privado.

– Vá lá, Trish, vamos embora. Vais agradecer-me de manhã – disse para a amiga, ocupada a formular um plano de ir a outra discoteca onde homens ainda mais giros poderiam estar a forrar as paredes.

– És muito mazinha – protestou Trish, que, apesar de gostar de uns copitos, não tinha grande tolerância para eles. – Não quero ir já para casa. Não sejas uma desmancha-prazeres.

– Trish, não estou com disposição, desculpa. Anda daí, vamos para casa.

Trish lançou os braços em redor da amiga.

– Desculpa, desculpa – murmurou. – Lamento muito tudo, lamento muito. – E irrompeu em lágrimas.

– Para casa – declarou Eileen, que estava tão sóbria como Cleo.

– Definitivamente – concordou Cleo.

Malas, casacos e cachecóis foram recolhidos do bengaleiro para o regresso a casa, muito embora Trish tivesse sido acometida pela Síndrome do Casaco de Vodka, o que significava que estava ao mesmo tempo mental e fisicamente aquecida e achava que vestir um casaco por cima do reduzido *top* era completamente desnecessário, apesar do frio.

– Ainda apanha uma pneumonia – resmungou Cleo enquanto ela e Eileen empurravam Trish para fora da discoteca.

– A pneumonia não é assim tão fácil de se apanhar – disse Eileen prosaicamente ao chegarem à fila para o táxi. – E não há nada de errado com o peito da Trish.

– Também não há nada de errado com o teu, querida, isso é certo – berrou alguém do início da fila para Cleo, que corou até à raiz dos cabelos e cingiu melhor o casaco. – Um dia farás um homem muito feliz. Deixa que seja eu, por favooooooooor...!

– Ah, vai à merda! – rugiu Trish de volta.

Um grupo de pessoas emergindo do elegante restaurante ao lado da praça de táxis virou-se para ver e Cleo sentiu uma onda de embaraço. Eram quatro homens e uma mulher, todos bem vestidos, e

era óbvio que não faziam parte da habitual vida noturna de Carrickwell. Cleo cruzou o olhar com o mais alto do grupo, um homem de cabelo bastante curto, casaco escuro e um rosto inflexível, olhar arrogante sobre um nariz adunco e um queixo que dizia «Quero isso para JÁ». Era bem-parecido, para quem gostasse daquele género de homem tipo macho alfa, mas a expressão dele era tudo menos amistosa.

– Vai tu à merda – gritou a voz do cimo da fila. – Estava apenas a dizer-lhe que é uma bela rapariga.

– Ela não quer saber, por isso vai *tu* à merda... – começou Trish, com Cleo a puxar-lhe pelo braço para que se calasse. Não queria uma cena. Já era mau o suficiente ter um público, sem que este incluísse um bando de turistas finórios e reprovadores.

– Bonita cidade, pena é os locais – disse uma voz masculina.

– Provavelmente é uma despedida de solteira. – Quem o disse foi o homem alto. O macho alfa. Olhou fixamente para Cleo, Trish e Eileen com profundo descontentamento.

Enraivecida por isto, Cleo dardejou-o de volta com o olhar. Como se atrevia ele a partir do pressuposto que ela fazia parte de uma qualquer festa onde o álcool era glorificado?

– Não somos uma despedida de solteira – devolveu ela com um sacudir dos caracóis e um dilatar das narinas. A lata dele!

– Não és casada? Nenhuma de vocês é casada? – balbuciou o bêbado que começara tudo aquilo. – Ainda há esperança para todos nós.

A única mulher no grupo do restaurante aconchegou melhor o seu casaco de pelo de camelo. O tipo alto colocou a mão no braço dela.

– Devo pedir desculpa – declarou ele.

Cleo ergueu o queixo regamente e preparou-se para as desculpas dele.

– Peço desculpa pelo comportamento aqui em redor – acrescentou ele para as pessoas com quem estava. – É esta cultura juvenil rude que leva as mulheres a sair e a embebedarem-se. Não é a imagem ideal de Carrickwell, que habitualmente é uma cidade muito simpática, asseguro-lhes. Suponho que todos os lugares bonitos têm o seu reverso da medalha.

A raiva pura enfraqueceu momentaneamente Cleo. Como que acometido por cataplexia, o braço com que segurava Trish perdeu o tónus muscular e o mesmo aconteceu a Trish. Tombou no passeio num montão, tentando agarrar-se em desespero às pernas de Cleo. Infelizmente, Cleo estava de saltos altos. («Tens de calçá-los», insistira Eileen no início da noite. «Os saltos altos são poderosos!») Num passeio molhado, com uma amiga ébria a puxar por ela, os saltos de Cleo deixaram de ser poderosos e tornaram-se vacilantes. Caiu desastrosamente e esfolou a mão no chão.

– Au! – gritou ela, de dor e de choque.

Sempre muito pragmática, Eileen avançou para amparar Trish, que se mantinha com dificuldade em pé depois da queda.

A mão de um estranho surgiu para ajudar Cleo a levantar-se, não indelicadamente, mas também não gentilmente. Com os olhos marejados de lágrimas, ficou com a impressão de ter visto um casaco escuro e suave junto ao rosto ao mesmo tempo que se erguia. Era Mr. Macho Alfa, ao vivo e a cores, e de perto. Era mais alto que ela e fisicamente muito forte, pela forma como a segurava como se ela fosse uma coisa frágil e delicada. E era tão masculino, com aquele cabelo muito curto exibindo um rosto anguloso e dominado por um nariz tipo Médicis e olhos escuros.

– Acho – murmurou ele, o hálito emocionantemente perto da cara dela – que não devia beber tanto.

– Festa! – exclamou Trish entre risadinhas, avançando num S para abraçar Cleo.

O homem largou Cleo, por isso ela pôde dar um passo em frente e segurar Trish de novo, depois girou a cabeça na direção da sua presa, que iria ouvir a desanca da vida dele. O nariz dele sangraria com o choque das palavras que ela desferiria...

Porém, desaparecera. Só conseguiu ver a cabeça brilhante dele a enfiar-se num carro igualmente brilhante e preto, e depois a porta fechou-se.

– Como se atreve – guinchou Cleo a plenos pulmões para o carro que se afastava. – Não somos uma despedida de solteira; não estou bêbada. Não provei nem uma única porcaria de bebida, nem uma, seu, seu... badameco!

– Oh, a minha cabeça – gemeu Trish, levando muito devagar as mãos aos ouvidos. – De repente sinto-me esquisita. Por favor, não grites, Cleo.

– Sim – balbuciou uma voz familiar: o bêbado. – Não grites. Se a polícia vem, estamos todos em sarilhos.

– Há chocolate lá em casa – disse Eileen diplomaticamente. – Aquelas tabletes novas da *Nestlé* e gelados *Magnum* no congelador. Oh, e *muffins* de chocolate do Mo's, mas já têm uns quantos dias e talvez estejam duros, por isso se calhar não vão gostar deles.

Cleo começou a puxar a sua metade de Trish em direção a casa.

– Nunca digas nunca no que se refere aos *muffins* do Mo's – foi tudo o que conseguiu dizer. Voltaria a ver aquele homem e acertaria contas com ele, nem que fosse a última coisa que fizesse.

Com a mala de mão cor de rosa – uma obra de arte em lã manufaturada, porque quisera estar no seu melhor naquela manhã – sobre o náilon preto dos colãs que calçara, Daisy tentava não olhar para o enorme relógio na parede bege da sala de espera.

Eram dez e dez da manhã e a consulta com o médico na Clínica de Fertilidade Avalon estava marcada para as nove e meia. Havia muitos outros casais à espera, alguns com um ar descontraído, a maioria tenso, mas todos tentando não olhar para o relógio. Ninguém se levantara para reclamar junto da bonita rececionista sobre o tempo de espera. Não era esse tipo de lugar. Em vez disso, toda a gente se comportava como se o Santo Graal se encontrasse enterrado algures no edifício e estivessem ansiosamente à espera de ser convocados à sua presença. O ar era composto por vinte e cinco por cento de nitrogénio, vinte e cinco por cento de oxigénio e cinquenta por cento de esperança.

Toda a gente levantava avidamente a cabeça de cada vez que uma pessoa de bata branca surgia e chamava nomes e toda a gente voltava a afundar-se na sua cadeira quando não ouvia o seu.

Alex não era pessoa que gostasse de esperas e Daisy percebia que ele estava muito nervoso. Encontrava-se recostado na cadeira, uma perna cruzada com indiferença por cima da outra, a imagem perfeita da frieza, porém, girava um tornozelo como se estivesse a desempenhar um papel num vídeo de uma companhia de aviação sobre como evitar a trombose venosa profunda. Tinha também os olhos baixos, como se receasse encontrar alguém conhecido.

Daisy olhou para ele.

– Estás bem? – perguntou, talvez pela décima vez desde o pequeno-almoço.

– Ótimo – respondeu ele com brusquidão, como de cada vez que ela fizera a pergunta.

Nervos, era apenas nervos. Daisy esticou o braço e deu-lhe a mão. Alex apertou-lhe os dedos com força, como que a reconfortá-la, e ela fechou os olhos e tentou pensar em coisas alegres. Dali a dois dias ia a Dusseldorf, a uma feira de moda, e normalmente estaria em casa a dar os toques finais nas suas malas para assegurar que o guarda-roupa que levaria à feira era perfeito. Naquele dia, contudo, estava a borrifar-se para o que vestiria em Dusseldorf. Aquilo era mais importante que qualquer outra coisa.

Levantou-se mais uma vez da cadeira para ir vasculhar os jornais empilhados em cima da pequena mesa de canto. Havia também várias revistas femininas, umas quantas acerca de vela e uma única *National Geographic* com uma imagem do Peru na capa. Escolheu essa.

– Olha, Alex – disse alegremente. – O Peru. Sempre dissemos que um dia iríamos lá. – Oferecendo-lha como um sacerdote inca a fazer uma oferenda de um coração, Daisy sorriu esperançosamente.

Alex acabara de aceitar a revista das mãos dela quando uma mulher alta e morena de bata branca abriu a porta da sala de espera e disse: «Daisy Farrell e Alex Kenny.»

Daisy pôs-se de pé de um pulo.

– Somos nós – respondeu num arquejo.

Era uma consulta normal num médico normal, pensou Daisy. A única diferença era que a mulher

alta, a Dr.^a Makim, estava a preencher um historial sobre a fertilidade deles, a fazer perguntas acerca de irmãos e irmãs, filhos anteriores, gravidezes anteriores, cirurgias, doenças.

Demorou bastante tempo e Daisy acabara por se descontraír com o pensamento de que tudo aquilo era perfeitamente normal, afinal de contas, e de que não precisara de ter ficado tão nervosa, quando a Dr.^a Makim pousou a caneta e começou a falar sobre o que a clínica fazia. Passou-lhes montes de papéis para as mãos ao mesmo tempo que falava.

– Tem trinta e cinco anos, que é quando começamos a notar um declínio na fertilidade da mulher – explicou ela a Daisy, que sentiu a habitual angústia de que era tudo culpa sua. – Mas a fertilidade é um assunto complexo e pode afetar qualquer um dos membros do casal.

Se o problema fosse a qualidade do esperma, havia vários métodos de ajuda, desde a lavagem do esperma a avançadas técnicas de fertilização *in vitro*, culminando com a utilização de esperma de um dador.

Naquele momento, Daisy mal se atreveu a olhar para Alex, que contemplava a médica com um olhar duro. Os homens, por vezes, encaravam a sua infertilidade como uma experiência emasculante, segundo a bíblia de Daisy, *O Guia da Fertilidade da Mulher Inteligente*. Sinceramente, Daisy não se importava se o problema fosse dela só para o poupar à dor de pensar que a culpa era dele. Submeter-se-ia a tudo sem uma palavra em prol do bebé de ambos. Que importava de quem era a culpa assim que ela conseguisse engravidar? Colocou a mão no joelho dele numa atitude reconfortante, mas Alex estava demasiado absorto no que a médica estava a dizer para reagir.

Depois, a Dr.^a Makim queria que eles entendessem bem aquilo em que se estavam a meter. Demorados tratamentos hormonais que, em casos raros, podiam ser fatais, representavam um enorme esforço emocional e, muitas vezes, resultavam num fracasso.

– As taxas de sucesso variam de clínica para clínica, mas a taxa geral, aquela que apelidamos de taxa de bebés levados para casa, na Avalon – explicou ela com uma expressão compassiva ao ver Daisy encolher-se com a franqueza da descrição – é de cerca de vinte por cento.

– E as pessoas acham que podem esperar quanto tempo quiserem para terem filhos, graças à ciência – comentou Daisy num tom jocoso para esconder os nervos enquanto rezava para ser uma desses vinte por cento.

– A ciência é a ciência, não Deus. – A Dr.^a Makim encolheu os ombros com o ar de quem já vira provas disso em primeira mão. – Não há garantias. Compreender isso é o passo mais importante. Apesar do que se lê, não é um percurso fácil. – Daisy e Alex ficaram em silêncio a digerir esta informação. – Primeiro, temos de os testar a ambos – prosseguiu a médica. – Exame de esperma para o homem, análises ao sangue para ambos, um teste pós-coital, e por fim uma laparoscopia para a mulher. É um procedimento mediante o qual inserimos uma microcâmara através de uma incisão no seu umbigo para ver se tem endometriose ou quaisquer outros problemas nos ovários, útero ou trompas. É um internamento de um dia e o procedimento envolve uma anestesia geral. Alguma vez fez reacção a alguma anestesia? – Ia escrevendo à medida que fazia as perguntas.

– Não – respondeu Daisy. Com ou sem anestesia estava disposta a fazer a laparoscopia.

– Uma cirurgia? – interrompeu Alex. – Com anestesia? Não sabia que os exames envolveriam cirurgia.

Foi a vez de Daisy sentir alguma irritação. Dera-lhe o *Guia da Infertilidade da Mulher Inteligente* para ler na semana anterior e as opções estavam todas lá. Não o lera ele?

– As clínicas de infertilidade são muitas vezes acusadas de prescrever tratamentos a pessoas que

na verdade não necessitam deles – disse a Dr.^a Makim num tom duro. – Não é esse o caso na clínica Avalon. Não trataremos nenhum casal a não ser que tenhamos feito tudo o que pudermos para determinar a razão, se conseguirmos encontrar uma, da sua infertilidade. Sem a bateria completa de exames, não faremos nada.

Se decidissem entrar no programa, teriam de assistir a uma palestra sobre infertilidade proferida pelo diretor da clínica e teriam de ir a duas sessões de aconselhamento com uma das equipas de psicólogos da Avalon.

– Não estamos a dizer que não sabem o que querem e que não decidiram adequadamente que desejam entrar no nosso programa – acrescentou a Dr.^a Makim –, mas queremos que saibam todos os factos, que tenham toda a informação e que pensem bem antes de o fazerem.

Daisy acenou aquiescentemente com a cabeça, desejando para si mesmo que pudessem saltar tudo aquilo e começar de imediato. Ela e Alex queriam um bebé, porquê esperar?

Partiram com uma pilha de papéis sobre a clínica, formulários de consentimento e o diário do percurso de um casal que se submetera a uma fertilização *in vitro* e que, segundo a médica, os pacientes costumavam achar muito útil.

Daisy sentou-se no lugar do passageiro do carro de Alex, segurando a papelada contra o peito. Sentia-se quase demasiado excitada para respirar. Ia acontecer por fim.

Podia tratar-se apenas de um percalço temporário e ela ser estupidamente fértil e necessitar apenas de tomar uns comprimidos antes de engravidar. Não costumava estar sempre a ouvir histórias desse género?

– É quase meio-dia e meia – declarou ela, olhando para o relógio. – Porque não vamos comer uma sanduíche e depois deixas-me no meu carro e voltas para o escritório?

Uma vez que a clínica ficava em Dublin, ambos tinham levado o carro para a cidade naquela manhã, por isso Daisy regressaria a Carrickwell depois do almoço.

– Sim, está bem – respondeu Alex meio distraído.

Conduziu até ao restaurante e deixou Daisy sentada à mesa enquanto ia à casa de banho.

– Pede-me uma sopa, uma sanduíche de frango e um *latte* – disse ele.

Daisy fez os pedidos e depois permitiu-se a emoção de abrir o diário do casal. A descrição de todo o processo feita por uma pessoa real faria muito mais sentido para Daisy do que qualquer texto médico fleumático.

O diário fora escrito por uma mulher identificada apenas como F. Na introdução não era referido se ela e o seu parceiro, T, haviam conseguido ser pais.

Nem acredito que seja real. Há muito tempo que poupávamos para isto e o T está quase tão excitado quanto eu. Nos últimos quatro anos paráramos de falar sobre filhos e agora estamos a permitir-nos mencioná-los de novo. Em casa tínhamos o que apelidávamos de quarto do bebé até me terem diagnosticado síndrome do ovário policístico. A partir dessa altura, começámos a chamar-lhe o quarto de hóspedes.

A noite passada, o T disse que devíamos redecorar o quarto do bebé. Foram estas as palavras dele. Senti um amor tão grande por ele quando o disse. O T acredita que seremos capazes de chegar ao final.

Daisy avançou umas páginas, ansiosa por ler mais, por saber o que acontecera depois.

As injeções são horríveis. São como uma caneta que espetamos na barriga, semelhante às que os diabéticos usam. Tem de ser o T a dar-me as injeções, pois eu sou horrível com agulhas, mesmo quando estão disfarçadas de canetas. Sinto a barriga inchada e li que algumas pessoas conseguem mesmo sentir os óvulos em excesso que produzimos por causa das hormonas. Chamam-lhes folículos. Parece um disparate – os folículos são o que temos na extremidade do cabelo. O T diz que sou uma palerma. Prefiro sentir-me cheia de ovos para fazerem o nosso bebé do que de folículos!

Avançou mais umas quantas páginas.

A espera é a parte pior. O médico disse-nos isso, mas eu não acreditei. E ele tem razão. É o inferno na terra. As pessoas normais também esperam desta forma para saberem se estão grávidas?

Daisy sentiu uma forte ligação e compaixão pela desconhecida F. «Por favor, faz com que tenha resultado com ela.» Alex regressou ao mesmo tempo que a empregada trazia a comida. O apetite de Daisy, ausente ao pequeno-almoço, regressou em força e começou a devorar a sanduíche e o sumo com gosto. Alex não tocou na sanduíche dele, limitando-se a mexer o *latte* e a olhá-lo fixamente como se contivesse o segredo do univer-so.

– Vamos conseguir! – sussurrou-lhe Daisy do seu lado da mesa, os olhos tremeluzindo de felicidade. – Vamos ter um bebé!

– Daisy, acho que devíamos dar um tempo – apressou-se ele a dizer. – Isto é tudo demasiado intenso, isto da clínica e dos procedimentos.

Daisy pestanejou. A rodela de pepino na sua sanduíche de salada soube-lhe de repente a borracha.

– Mas... mas... o que queres dizer com isso? Dar um tempo a quê? Ainda agora começámos.

– Não me refiro à clínica. Refiro-me a nós, a darmos um tempo na nossa relação. Uma separação à experiência. – Uma vez aberta a comporta, as palavras limitaram-se a extravasar. – Não me sinto confortável com este *tratamento*... – explicou ele com aversão, como se a palavra em si fosse desagradável. – Isto está a deixar-me muito stressado, e a ti também. Repara como estás obcecada. Não falas de mais nada.

– Bom, é tão importante – argumentou Daisy ansiosamente –, mas eu consigo lidar com a tensão, prometo. Juntos conseguiremos, Alex. Esta manhã foi dura, mas é melhor conhecer todos os factos logo de início, não achas? Nós conseguimos lidar com isto.

Ele abanou a cabeça.

– Não conseguimos; *eu* não consigo. Está a tomar conta de tudo – afirmou ele. – A vida tem de ser mais do que esta bebé-mania. Bebés, bebés, bebés, não ouço falar de mais nada.

– Isso não é justo. – Daisy sabia que não falava de bebés todo o tempo. Caramba, se falasse acerca do assunto tantas vezes quanto desejava, então é que não teriam mais nenhuma outra conversa sequer. Mas não falava. Vigia-se constantemente, censurava-se a toda a hora.

– Lamento, Daisy, não consigo lidar com isto. Lamento, lamento muito.

Alex não parava de a olhar fixa e ansiosamente, os seus olhos escuros fixos nos dela, o bonito rosto que ela conhecia tão bem mais angustiado do que alguma vez se lembrava de o ver.

– Não podes estar a falar a sério – argumentou ela e, ao pronunciar estas palavras, deu-se conta de

que ele falava muito a sério. Queria mesmo um intervalo no relacionamento. Era demasiado gigantesco para assimilar. Alex e Daisy separados. O mundo estava a ficar de cabeça para baixo.

– Estou – asseverou ele num tom desamparado. – Precisamos de nos afastar por um tempo.

– Não podes estar a falar a sério – repetiu ela, desta feita num tom mais urgente. – Amo-te, estamos juntos há uma eternidade, devíamos estar a casar-nos e a ter um bebé... não *isto*.

– Precisamos apenas de nos afastar por um tempo. – Repetiu as palavras como se fossem um mantra. – É o melhor, Daisy. Por favor, faz isto por mim. Faz sentido.

– Como pode fazer sentido?

– Faz, confia em mim.

Uma velha piada veio-lhe despropositadamente à memória. O que diz um mentiroso quando quer dizer «Vai-te lixar?», diz, «Confia em mim».

– Não quero magoar-te, Daisy. – Estava de novo com os olhos fixos no *latte* e tal era muito perturbador. – Passámos por tanta coisa juntos...

– Nós conseguimos ultrapassar isto – interrompeu Daisy ferozmente. – Não faças isto, Alex, por favor. Amo-te. Não podes deixar-me, não podes...

– Tem de ser – impacientou-se ele e empurrou a chávena para longe com tal veemência que entornou o café. – Oh, merda.

Daisy começou a chorar e a tremer ao mesmo tempo, grossas lágrimas correndo-lhe pela cara abaixo. Não conseguia parar os tremores e, quando baixou os olhos, incrédula, percebeu que tremiam. Assemelhavam-se às mãos de outra pessoa qualquer em cima da mesa.

– Por favor, não vás. – Estava-se nas tintas que soasse ridícula. Cada fibra do seu ser queria que ele ficasse. Ansia por uma coisa assim tanto tinha o poder de a concretizar, não tinha? – Por favor, fica. – Era agora um sussurro. – Não posso continuar sem ti, Alex. O que quer que se passe, podemos resolvê-lo.

– Para de dizer isso. – Alex não estava a pedir. O seu tom era severo, irritado com ela por ser tão fraca, tão cobarde. – Vá lá, Daisy, vai correr tudo bem. Montes de casais separam-se por um tempo, para resolver coisas.

Sim, muitos casais o faziam. Agarrou-se com unhas e dentes a esta prova de que se tratava de um mero incidente na relação, um qualquer terrível rito de passagem e que em breve estariam de novo juntos.

– Vai ficar tudo bem de novo? – Não se importava que soasse como uma criança pequena a chorar pela mãe.

A resposta dele foi uma palmadinha amigável no braço.

– Esta noite fico em casa do David. É melhor assim. Vou lá a casa buscar umas coisas enquanto estiveres na loja e podemos falar quando regressares da Alemanha, está bem?

– Está bem – repetiu Daisy. Então, ocorreu-lhe uma coisa. – Alex, isto é por causa de outra mulher?

Por um milissegundo, achou que ele ia dizer que sim.

– É claro que não – respondeu ele sem hesitar. – Eu chamo um táxi que te leve ao carro. – Pôs-se de pé. – Tenho de voltar rapidamente para o escritório. Já estive demasiado tempo ausente esta manhã.

Impassivelmente, fez sinal à empregada que trouxesse a conta, pedindo-lhe que chamasse um táxi. Daisy, desfeita, ficou sentada na cadeira e ele enfiou-lhe uma nota de cinquenta euros nas mãos.

– Para o táxi – disse ele e beijou-a ternamente na testa.

Uma parte escondida do cérebro de Daisy que ainda conseguia funcionar disse-lhe que cinquenta era demasiado dinheiro para um táxi. O carro dela estava a cerca de dois quilómetros dali. Ele podia facilmente tê-la deixado lá.

– Falaremos quando voltares da Alemanha. Boa viagem e tem cuidado contigo. Não te desgraces nas compras!

Era o que ele dizia sempre. O cartão de crédito de Daisy queimava-lhe na carteira quando era deixada à solta e queimava ainda com maior intensidade quando estava no estrangeiro. Naquele dia, a advertência dele soou-lhe a falso, oca.

– Vai correr tudo bem, Daisy. Adoras os desfiles e as feiras e a de Dusseldorf é a melhor, não é? Logo falaremos, está bem?

Alex fez de conta que segurava um telefone junto ao ouvido, do mesmo modo que o faria se visse um conhecido numa extremidade de uma sala apinhada para indicar que lhe telefonaria. «Um terrível bardamerdas», murmuraria ele para Daisy, que largaria umas risadinhas, «mas é um contacto muito útil. Está envolvido em várias coisas.»

Naquele dia, era ela quem se sentia como uma terrível bardamerdas: alguém a quem se acenava e evitava.

– Adeus – despediu-se ele e afastou-se antes que ela conseguisse responder.

Ficou sentada entorpecidamente, o barulho da hora de almoço envolvendo-a, e fez figas para que ninguém aparecesse a dizer que o seu táxi chegara. Não sabia se seria capaz de se levantar e caminhar até à rua com toda a gente a olhar para ela. O medo, à semelhança de um enorme inchaço, estava de volta.

Quando era adolescente, altura em que pesara mais, Daisy passara por um período em que não quisera conhecer ninguém. Fora o verão em que se haviam mudado do centro de Carrickwell, por isso não via os velhos amigos da cidade com a mesma frequência e fora simples esgueirar-se para uma espécie de agorafobia.

Escondia-se do carteiro, que conduzia a sua carrinha até à vivenda, desejoso de falar com os novos moradores. Quando caminhava até à mercearia local para fazer algum recado para a mãe, enfiava-se nos portões de acesso aos campos quando os carros passavam e, quando chegava à loja, entrava de mansinho e tentava ocupar o menor espaço possível, na esperança de que as pessoas não reparassem nela.

Há anos que não se sentia assim – desde que conhecera Alex – e agora era como se tudo aquilo lhe caísse em cima de uma só vez. Medo, desprezo, autoaversão. Os melhores amigos de uma rapariga gorda.

– Táxi para Farrell! – fez-se ouvir uma voz.

Sentindo-se como se toda a gente ali estivesse de olhos colados nela, Daisy avançou para a porta e para dentro do táxi. Cada movimento era como se avançasse no sentido contrário ao de um furacão. Teria sido assim que Alex se sentira quando tivera Epstein-Barr, exausto, incapaz de se mexer sem um enorme esforço consciente?

O táxi parou ao fim de uma rápida viagem de cinco minutos e Daisy enfiou-se de imediato no seu carro e ficou sentada a olhar fixamente para o painel dos instrumentos como se nunca antes lhe tivesse posto a vista em cima. O seu mundo estava de cabeça para baixo, passara de feliz a horrorizada no espaço de momentos, e sentia-se completamente perdida, sem quaisquer referências.

Quem era ela sem Alex? Ninguém, na verdade. Ele era a bússola dela, a sua força. Sem ele não conseguia viver.

Três dias depois, num chique quarto de hotel revestido a madeira de teca em Dusseldorf, Daisy olhou para as roupas organizadamente penduradas no roupeiro e suspirou. Não falava italiano ou japonês, mas era como se falasse, pois tudo o que possuía era Fendi, Miu Miu, Missoni, Yamamoto, Matsui, tudo muito fácil de pronunciar. Compreendia na perfeição a linguagem da moda, mas era quase afásica no mundo real.

Tinha à escolha dois fatos para aquele dia, ambos inevitavelmente pretos. Daisy escolheu o conjunto da *Comme des Garçons* com botas elásticas de camurça cor de carvão e as pérolas cinza-argêntas que comprara por uma bagatela num mercado em Paris. No espelho, uma mulher alta e elegante, com uma cabeleira loura-arruivada olhava-a fixamente de volta; a imagem perfeita de sofisticação urbana. Daisy tinha um ar excelente, mas por que motivo, interrogava-se, se sentia tão mal? Seria por causa dos quatro vodcas que consumira do minibar na noite anterior, depois de ter chegado do aeroporto, do *Valium* que desviara do esconderijo supostamente secreto de Mary na loja, ou seria porque via a sua vida desmoronar-se à sua volta?

As pessoas que queriam saber de que forma Daisy comprava roupa para a loja com seis meses de antecedência perguntariam também se nos desfiles o champanhe e a cocaína corriam livremente, se estavam cheios de assustadoras editoras de moda com unhas postiças e óculos de sol que pareciam colados à cara. De uma forma geral, Daisy largaria uma gargalhada e diria que nunca se deparara com cocaína, mas talvez simplesmente não conhecesse as pessoas certas. De vez em quando havia champanhe, mas as assustadoras editoras de moda apenas se exibiam nas semanas internacionais da moda, em Londres e Paris, e não nos desfiles de pronto a vestir onde Daisy comprava a maior parte do estoque da loja. Os eventos de Londres, Paris e Milão eram o apogeu da moda, apinhados de jornalistas de todo o tipo de publicações e de modelos, que, normalmente, apenas olhavam o mundo do alto das capas da *Vogue*. Daisy adorava as semanas da moda de Londres e Paris, mas não as frequentava todos os anos porque era dispendioso, e se houvesse um estilista cujas roupas ela gostasse muito, podia comprá-las através de um dos seus agentes.

Relembrou o primeiro desfile de um estilista de alta-costura a que fora, há vários anos, quando a sua mentora, uma compatriota ruiva que fora uma das professoras assistentes de Daisy na universidade e que tomava sempre as ruivas sob a sua proteção só para chatear as louras, lhe dissera que a regra número um era não parecer impressionada.

«Ainda que as modelos sejam divinas, as peças revelem a mão de Deus e a tua vontade seja agarrar o estilista e cobri-lo de beijos, não faças um ar impressionado», recomendara Diana. «Mostra o mesmo ar de quando te parece que partiste uma unha minutos depois de teres largado uma fortuna na manicura, ou seja, maldisposta. Apenas as novatas ficam com aquele ar deslumbrado, querida.» As palavras de Diana, agora disponíveis por cinco euros e noventa e nove cêntimos para as leitoras da famosa bíblia da moda *Et Tu, Beauté*, valiam bem o seu peso em ouro e Daisy esforçava-se ao máximo. Mas era difícil. Adorava roupa e ficava tão entusiasmada com todo o ambiente que era complicado não fazer um ar perfeitamente deslumbrado.

A feira de pronto a vestir daquele dia em Dusseldorf era muito diferente da perfeição cénica do um desfile de Galliano.

Para começo, era um trabalho muito árduo correr para todo o lado para tentar não perder pitada e encomendar as peças certas. Compradoras como Daisy percorriam as enormes salas de conferência e examinavam a magnífica mercadoria de todo o mundo: roupa, acessórios, sapatos, chapéus, cintos, estavam expostos em centenas de stands. Várias vezes por dia havia desfiles onde raparigas deslumbrantes, com barrigas planas e colunas com vértebras protuberantes a fazer lembrar um ábaco, exibiam as roupas. A dificuldade residia no facto de um conjunto que se adorava no cabide ou num modelo poder ficar uma lástima num ser humano que não tivesse as medidas perfeitas, o que implicava muitas alterações e mudanças nas encomendas.

O trabalho de Daisy consistia em procurar os seus vendedores habituais e comprar o que achava que venderia bem na Georgia's Tiara. Porém, também procurava constantemente novas marcas que agradassem às clientes da loja. Havia compradores de todo o tipo de loja no mundo e, com feiras de apenas três ou quatro dias, não havia tempo para descontraír.

Nos desfiles de alta-costura havia festas fabulosas oferecidas pelos estilistas, mas só quem tinha os melhores passes para as áreas VIP podia comparecer. Muitas vezes acontecia avistar-se no meio da multidão alguém que se detestava a brandir ostensivamente um passe VIP.

Os desfiles de pronto a vestir eram eventos bem menos espampanantes. Daisy conhecia um grupo de outras compradoras que iam às mesma feiras todos os anos e saíam juntas todas as noites para coscuvilhar e comparar notas.

Naquele ano, a marca *Jazzy* organizara uma gigantesca festa para comemorar o seu décimo aniversário num hotel de cinco estrelas e pareceu a melhor opção para aquela noite. A *Jazzy* tinha quatro linhas distintas: uma com peças glamorosas em tamanhos grandes, outra para mulheres de carreira, roupas para mulheres grávidas e uma linha *trendy* para adolescentes.

No banco do táxi a caminho da festa, Daisy ia sentada ao lado de uma deslumbrante colega com rosto de boneca oriunda da Polónia e chamada Beata.

Beata tinha sempre um ar de quem devia era estar na *passerelle* em vez de a assistir ao desfile e naquela noite vestia preto realçado por azul-celeste, que ficava maravilhosamente com o cabelo preto-azulado dela. Os restantes lugares eram ocupados por duas compradoras escocesas que pareciam ter sido vestidas pela própria Coco Chanel há apenas dois minutos. Do outro lado de Daisy seguia uma lindíssima ruiva de Cork que usava as mais excêntricas roupas – cor de lima! – e tinha o condão de lhes dar um ar completamente incrível.

– Daisy, estás tão magra – anunciou Beata, pegando na mão de Daisy para admirar a pulseira que condizia com o colar. – A fazer dieta, não? Eu engordei dois quilos a semana passada. Hoje não vou comer nada.

Todas as ocupantes do táxi riram. As dietas tudo-ou-nada faziam parte integrante do quotidiano de todas.

– Estás de facto ótima, Daisy – asseverou calorosamente a compradora de Cork, ela mesma uma rapariga magra, chamada Sorchá. – Como estás?

Daisy pensou dizer a verdade. O meu namorado quer fazer um intervalo na relação e a noite passada apenas dormi graças a um *cocktail* duplo V de *Valium* e vodca e depois de ter comido todo o chocolate que havia no minibar. Imaginou o choque perante semelhante franqueza nua e crua. Toda a gente ficaria estupefacta, muito embora o escondessem. Seria a palavra passe para *como não fazê-lo*.

– Fantástica – respondeu, conseguindo esboçar um sorriso. – A loja vai de vento em popa e tem sido uma correria imensa.

Toda a gente sorriu. A correria era algo com que todas estavam familiarizadas. Fazia parte do negócio. Se Daisy mantivesse os olhos abertos e concentrados em algo familiar, como a mala de mão *Marc Jacobs* azul pálida que repousava no banco a seu lado, então era quase capaz de acreditar que o mundo era ainda normal. Só quando fechava os olhos é que o pesadelo regressava. Não havia nenhum Alex no seu mundo. Era como se tivesse de novo dezassete anos e fosse enorme, com medo de sair e medo de ficar entre portas. Assustada e sozinha.

* * *

Na última manhã em Dusseldorf, Daisy tomou o pequeno-almoço cedo e apanhou um táxi para o aeroporto. Atravessou resolutamente a loja *duty free* e sentou-se na sala a aguardar o seu voo. Alex ficaria orgulhoso dela por não ter sucumbido à tentação de comprar alguma coisa.

Alex. Enquanto esperava, sozinha, sentada no banco duro, fechou os olhos e permitiu-se o luxo de pensar nele.

Ao longo dos últimos dias tentara afogar imagens dele com álcool, esforçando-se, e fracassando miseravelmente, por se convencer de que tudo aquilo era normal e que, se continuasse a acreditar nisso, seria mesmo. De regresso à sua vida real, tinha de enfrentar os factos.

Alex queria uma separação e Daisy chegara à conclusão que apenas poderia ser por causa da questão da infertilidade. A questão era: que devia ela fazer?

Durante as noites insones em Dusseldorf nada mais fizera do que pensar nisso. Poderiam colocar o assunto da gravidez de lado por algum tempo. O tempo estava mais ou menos do lado deles. Talvez fosse isso mesmo que ele esperara, que Daisy dissesse «esquece a clínica e os exames» e depois regressariam ao ponto de onde haviam começado. Juntos. Juntos mas sem um bebé.

Era isso que a assustava. O facto de possivelmente ter de fazer essa escolha. Se o receio de Alex de ter um filho se mantivesse para sempre, conseguiria ela viver com ele sabendo do que abdicara por amor a ele? Conseguiria sequer viver consigo mesma? Daisy procurou a resposta dentro de si.

À distância, avistou um senhor idoso a caminhar lentamente para a porta do seu voo. O porte dele era ereto, mas necessitava de usar uma bengala e estava a ter alguma dificuldade em elevar a alça da mala para a puxar com a ajuda das rodinhas. Não havia ninguém a ajudá-lo, ninguém a dar-lhe o braço. Era horrível estar-se sozinho e solitário. Não amado. Daisy estremeceu. Era a pior forma de se viver.

Longe de casa, no solitário limbo do aeroporto, Daisy tomou uma decisão. Seria melhor ter o seu querido Alex e não ter filhos do que ter filhos e não ter Alex. Ele era a sua pedra de toque, o seu talismã, aquele que fazia a sua vida valer a pena. Nem todas as pessoas tinham um amor assim. Não ter filhos não era um sacrifício assim tão grande perante um tal amor.

Assim sendo, a solução era simples. Diria «esquece a clínica».

Tudo o que tinha de fazer era dizer-lhe isto e esta horrível separação acabaria.

Os funcionários da alfândega do aeroporto de Dublin devem ter pensado que Daisy transportava algo estupidamente tóxico ou ilegal, a julgar pela velocidade com que levantou a mala e atravessou a alfândega a caminho do terminal das chegadas. A ânsia de ver Alex, de falar com ele e resolver tudo corria-lhe pelas veias à mesma velocidade com que abandonava o aeroporto. Se lhe explicasse a conclusão a que chegara – que estavam destinados a ficar juntos e que compreendia o quanto ele estava assustado acerca de vir a ser pai –, tudo poderia ainda ficar bem. Amava-o, era tudo o que

importava. Não conseguia viver sem ele e se o futuro de ambos não incluía nenhum bebê, seria apenas eles os dois, então isso seria o suficiente para ela.

Entusiasmada por ter resolvido o problema, Daisy meteu-se no carro e avançou pela autoestrada em direção à cidade, cantando a plenos pulmões ao som do rádio.

Daisy avistou Alex junto ao imponente edifício vidrado do banco. Preparava-se para atravessar a rua com Louise, a sua assistente, e conversavam animadamente, como é normal entre pessoas que se conhecem bem. Louise, mãe solteira com um filho de dez anos, era uma pessoa pela qual Daisy nutria uma enorme admiração. Louise nunca recebera nada de bandeja. Trabalhara no duro pelo que tinha. Tal como Alex dizia, era o perfeito oposto da típica assistente empresarial, pois respondia de volta e não tinha papas na língua. Contudo, com isso nunca se metia em sarilhos, em parte por ser tão espirituosa e contundente e em parte, acreditava Daisy, porque era muito bonita. Havia definitivamente mais margem de manobra na vida para quem tivesse um perfeito rosto oval, uns lábios cheios que esboçavam o mais simpático dos sorrisos e cabelo escuro e comprido que parecia ter sido lavado em seda no estado líquido. Contudo, Louise não parecia interessada em homens.

– Tenho o meu filho, não preciso de mais ninguém – afirmara ela certa vez quando Daisy sugerira arranjar-lhe alguém.

– Sim, a Louise não está interessada – reafirmara Alex rispidamente.

Provavelmente, Alex estava certo, decidira Daisy: não havia nada pior do que amigos bem-intencionados tentarem emparelhar-nos com pessoas que consideravam fabulosas, mas que nós achávamos perfeitos idiotas. Conhecer alguém há anos significava que deixávamos de reparar na halitose, na protuberante barriga e na predileção para falar sem parar sobre o quanto ganhavam. Por vezes, as pessoas eram solteiras por um bom motivo.

– Olá! – disse Daisy, alcançando ambos por fim à porta do Coffee Bank Restaurant, onde metade do banco almoçava.

Louise arquejou e Daisy tocou-lhe no braço, sorrindo apologeticamente.

– Desculpa, não era minha intenção surpreender-vos desta forma. Precisava apenas ver o Alex. – Sorriu de orelha a orelha para ele, pensando que, apesar de toda aquela história de separação temporária, ele ficaria satisfeito por vê-la. Porém, estava apenas tão chocado e surpreendido quanto Louise.

– Vão almoçar? – perguntou Daisy, despreocupada. Surpreendera-o, mais nada.

– Sim – gaguejou Alex, e permaneceram ali os três, acanhadamente, no passeio.

– E esse almoço é assim uma reunião de negócios de alto nível ou também posso juntar-me a vocês? – brincou Daisy.

– Na verdade, eu tenho de ir – respondeu Louise apressadamente, e fugiu rua abaixo, sem se despedir.

Daisy ficou boquiaberta a vê-la afastar-se.

– Escuta, Daisy... – começou Alex.

– Peço desculpa – disse ela automaticamente. Porque seria que tantas das suas conversas começavam com «peço desculpa»? – Devia ter telefonado, mas pensei em vir ter contigo assim que o meu avião aterrasse. Queria dizer que acho que devemos casar, Alex. Façamo-lo. E paremos de nos preocupar em relação a termos um bebê. Sei o quanto isso é assustador para ti e não temos de ser pais. Ainda que nunca tenhamos filhos, temo-nos um ao outro, não é?

Vacilou. De repente, aquilo tudo já não lhe parecia uma ideia assim tão boa, afinal de contas. Alex estava com um ar nitidamente desconfortável. Tal como Louise, ainda há pouco.

– Devia ter telefonado quando vinha para cá – voltou Daisy a dizer, interrogando-se sobre o que dissera de errado. – Desculpa. Cheguei em má altura. Eu e os meus Mistery Spocks. – Era uma graça entre ambos, a teoria de que Mr. Spock do *Caminho das Estrelas* tinha de ter pés grandes e pontiagudos a condizer com as orelhas grandes e pontiagudas que o caracterizavam. Naquele dia, o rosto de Alex não se contorceu num sorriso em reconhecimento da piada. Daisy sentiu um pequeno estremecimento, registando a estranheza. Algo que passava. – Que foi? – perguntou.

– Não podemos falar aqui – disse Alex.

– No Coffee Bank, então?

– Nem pensar – murmurou. – É impossível ter-se uma conversa em privado ali.

O mal-estar de Daisy transformou-se num acesso de pele de galinha. Não seria a primeira vez que conversavam em privado no restaurante. Uma vez, haviam-se sentado no pequeno recanto perto da cozinha e Alex beijara-a com tamanha intensidade que o estômago dela quase dera um nó de excitação.

– Vamos até ao Rio Lounge. Anda.

Situado num pequeno beco, o Rio Lounge não podia estar mais distante das soalheiras praias do Rio de Janeiro: escuro, sombrio e o *pub* de escolha de pessoas que consideravam investir em mais um fornecimento de haxixe. Tal devia-se ao facto de estar tão pouco iluminado que negócios escusos podiam ali ser efetuados sem que ninguém se apercebesse de nada. Os turistas também o apreciavam por estar decorado ao velho estilo irlandês, na perspetiva do turista americano, e agradava a qualquer pessoa que gostava de recantos escuros, verdadeira serradura e estranhos utensílios de agricultura comprados em lote pelo decorador de interiores do *pub*.

Daisy seguiu Alex obedientemente até ao interior do Rio Lounge.

Apesar da sua aura de sujidade, o Rio Lounge obviamente que fazia bom negócio ao almoço, pois estava apinhado, por isso Alex e Daisy não conseguiram encontrar nenhuns bancos vazios e tiveram de ficar de pé numa das extremidades do balcão. Alex pediu bebidas sem perguntar a Daisy o que queria e manteve a cara virada expectantemente na direção do empregado de bar até as bebidas terem chegado e ele as ter pago.

Daisy pegou na sua garrafa de um quarto de litro de vinho branco silenciosamente e observou Alex verter a maior parte da dele, de tinto, para o copo e beber um enorme gole. O que quer que se preparasse para dizer a Daisy era sério.

À semelhança de um homem prestes a lançar-se de uma plataforma para um salto de *bungee jump* de sessenta metros, Alex olhou para ela e atirou-se de cabeça.

– A Louise está grávida.

Então, porque estava ela com um ar tão infeliz? Talvez tivesse acabado de descobrir e estivesse em choque. Ou talvez não quisesse o bebé.

– E não quer o bebé? – Por um momento de insanidade, Daisy quase acrescentou «Nós ficamos com ele!». Um bebé que ninguém queria; um bebé que ela e Alex podiam amar...

– É claro que quer.

– Ah! – Uma pausa. – Bom, então, qual é o problema? – Pensou por um momento, a mente ainda inundada por imagens dela e de Alex com aquele querido bebé. – O pai não quer saber do bebé? É isso? Oh, pobre Louise.

– Não é isso. – Alex já não parecia prestes a saltar da plataforma. Parecia ter já saltado e era como se o cabo se tivesse partido em dois.

– Ele é casado, não é? – Daisy parou de ter pena de si mesma e sentiu uma súbita compaixão por Louise. – O pai do bebé é casado. – «Os homens têm sempre tudo dado e arregaçado», pensou sombriamente. «Podem ter os casos e depois não assumem as responsabilidades nem sofrem as consequências.»

– Não exatamente.

– Então, o que é?

Alex olhou de novo para o vinho e depois, relutantemente, para os olhos inocentes e esbugalhados de Daisy. Olhara para ela de muitas formas ao longo dos anos, mas nunca daquela; nunca com pura pena. Nem sequer quando ela fora arrancar o dente do siso e ficara com o maxilar com o dobro do seu tamanho normal, fazendo-a assemelhar-se a um hamster depois de um dia num celeiro. Nessa ocasião, a pena misturara-se com amor. Agora, era pena pura.

– Daisy, ainda não percebeste...?

E num instante ela percebeu. Só podia haver uma razão para aquela expressão na cara de Alex.

O bebé era dele. Alex andava a ter um caso com Louise, motivo pelo qual quisera a separação. E Louise estava grávida do filho dele. Presumivelmente, ela até já estava grávida há algum tempo e a separação fora quase um ato de misericórdia, um caso de não-vamos-já-dar-à-Daisy-todos-os-pormenores-se-não-ela-ainda-tem-um-fanico. A notícia era para lhe ser dada a conta gotas. Primeiro a separação, depois a novidade acerca de Louise. Por fim, o bebé. Só que ela arruinara o plano todo ao correr do aeroporto para ali com o *seu* plano.

– O bebé é teu.

– Sim, é meu.

– Tu não querias filhos – fez notar Daisy, incrédula.

– Pois não, mas aconteceu desta forma e não há como voltar atrás.

– Pensei que não querias filhos e ponto final! Era o que eu achava. E ia eu sacrificar a minha vontade de ter filhos para ficar contigo. Seria um sacrifício gigantesco, mas estava determinada a fazê-lo, e agora isto. Como podes fazer-me isto? – perguntou ela.

Os seus inocentes planos para uma vida em conjunto com ele, um casamento até, um futuro cor de rosa, desmoronavam-se, desfaziam-se em pó mesmo à sua frente.

– Quando planeavas dizer-me? – Daisy ficou orgulhosa desta frase. Não sabia como reunira energia para a proferir sem ser entre soluços e lágrimas.

– Não sei. A Louise queria que fôssemos sinceros logo desde o início. Nós não planeámos nada disto, não foi intencional, juro-te.

Nós, havia um nós e já não era Daisy e Alex.

– Não queria magoar-te – asseverou ele. Era quase hilariante.

– Mas magoaste – devolveu Daisy num tom desiludido.

– Eu sei. Se pudesse tê-lo evitado, de alguma forma, tê-lo-ia feito. – Estava a falar a sério. – Se houvesse alguma maneira, Daisy, acredita...

Ela estava ainda demasiado estupefacta para chorar.

– Acreditar em ti? Foi o que sempre fiz e olha onde isso me trouxe, Alex – argumentou ela, sabendo que a sua compostura estava prestes a ceder. – Responde-me apenas a uma coisa: há quanto tempo dura isto entre ti e ela?

O cabo do *bungee jump* consertou-se miraculosamente e Alex recuperou a sua confiança.

– Poucos meses – respondeu ele facilmente, com demasiada facilidade...

Daisy pensou no ano que passara, ao longo do qual se afundara cada vez mais na ansiedade que sentia em relação à sua possível infertilidade. E pensou em Alex afastando-se aos poucos dela, de tal forma que, de alguma maneira, Daisy sentira que não conseguia partilhar com ele o que sentia. Temera que a culpa deste afastamento fosse sua, por andar tão obcecada em ter um filho e, afinal, todo esse tempo, o motivo fora este.

– Estás a mentir – afirmou ela sem rodeios.

– Não estou – protestou ele.

– Não mintas – reclamou ela no mesmo tom dele. – Diz-me a verdade.

O ar de desafio desvaneceu-se do olhar dele.

– Desde a conferência em Kerry no ano passado.

Daisy recordava-se disso: fora em abril, uma grande e importante conferência financeira que a obrigara a fazer várias viagens à tinturaria para que ele tivesse vários fatos à escolha. Daisy apanhara uma terrível gripe enquanto ele estivera ausente e Alex mostrara-se um verdadeiro companheiro aquando do seu regresso, preparando-lhe copos de água quente com limão para lhe acalmar a tosse, comprando-lhe as suas revistas de moda preferidas e fazendo o jantar todas as noites até ela ter recuperado. Fora durante uma fase má para a pobre da Mary e Daisy lembrava-se de se ter sentido culpada por ter um companheiro tão afetuoso e dedicado ao passo que a sua amiga não tinha. E todo o tempo, a sua afetuosa e dedicada relação fora uma fraude.

– Quando está previsto o bebé nascer?

– Dentro de cinco meses.

Daisy sentiu-se então estéril. Não apenas infértil, mas como uma enorme planície desértica onde nenhuma semente alguma vez germinaria por mais que a chuva regasse o solo. Estava vazia, oca, enquanto Louise estava inchada de vida. Uma vida com pequenos dedinhos e enormes olhos e um corpo enroscado, aninhado no ventre até um milagre o fazer emergir para o mundo.

Sem na verdade se importar muito com isso, Louise roubara as duas coisas mais importantes da vida de Daisy. Alex e o filho dele. E Louise nem sequer precisava deles. Já tivera um bebé, um rapaz a que dera a vida e amara, e seria sempre mãe. Para sempre.

E Daisy não seria.

Não se deu sequer conta de que estava a chorar até ver a expressão pesarosa no rosto de Alex. Ele detestava que ela chorasse, detestava aquela efusão de emoção. Sempre que ela chorava, ele punha a mesma expressão: tenso em redor da boca, suplicante em redor dos olhos. *Por favor, para.*

– Lamento, lamento muito – disse ele. – Se houvesse alguma maneira de fazer o tempo andar para trás e remediar isto... – interrompeu-se, sentindo-se impotente. – Não queria mesmo nada magoar-te, Daisy. Passámos por tanta coisa juntos.

Daisy mal ouvia.

– O colar da *Tiffany* era para mim? – perguntou, afagando de repente o requintado coração que tanto consolo lhe proporcionara.

Alex expirou.

– Sim – respondeu rudemente. – Ia contar-te tudo na noite que regressei de Londres. Achei que o colar talvez ajudasse, te provasse que te amava e nunca tivera a intenção de te magoar.

– Porque não contaste?

Ele enterrou a cara nas mãos.

– Não sei. Tu estavas tão entusiasmada com a clínica de fertilidade e querias tanto ir... Não sabia o que dizer. Como poderia eu dizer-te que estava tudo acabado quando tu estavas tão feliz?

As lágrimas continuavam a correr. Daisy afastou-as com a mão.

– Mas deixaste-me ter esperança e sonhar – sussurrou ela. – Isso foi tão cruel; foi para lá de cruel.

– Como poderia eu contar-te? – repetiu ele, a frustração fazendo-o zangar-se. – Estavas tão embrenhada na questão de termos filhos e na consulta na clínica. Era impossível contar-te que estava tudo terminado. Simplesmente não vias, pois não, Daisy?

– Ver o quê?

– Que um dia encontraríamos a pessoa certa. Ambos sabíamos que estávamos apenas à espera do momento adequado. Quem é que acaba com a pessoa com que namorou na universidade? Estamos todos à procura, não estamos? Eu procurava uma pessoa especial. Vá lá, sê sincera, tu também estavas...

– Não estava – chorou ela, profundamente chocada ao pensar que ele pudesse ter encarado o amor deles dessa forma. – Não tentes minorar a tua culpa mentindo acerca de mim. Nunca estive à espera de ninguém, tu eras o tal. Tu eras a minha pessoa especial.

– Tu deves ter percebido. Quando eu disse que não valia a pena casarmos, não somaste logo dois mais dois? – argumentou ele.

– Não. – A palavra saiu-lhe dos lábios tão em voz baixa que foi quase inaudível.

– Eu tentei dar-te a entender, Daisy. Tentei – insistiu ele.

– A vida que tínhamos era uma vida de casados – argumentou ela. – Éramos proprietários de um apartamento, tínhamos planos, passávamos o Natal e o Ano Novo e todas as férias da nossa vida juntos. O que há de não permanente nisto tudo? Como poderia eu saber?

Alex parecia não ter uma resposta para isso. Por fim, voltou a pronunciar-se.

– Pensei que tinhas percebido quando falámos sobre casamento. Foi por isso que não consegui dizer-te que estava tudo terminado quando tu disseste que tinhas marcado uma consulta na clínica. Merda, Daisy, porque és tão confiante, tão ingénua?

– Porque te amo.

– Lamento – disse ele. – Lamento que me ames, mas está tudo acabado, Daisy. Acabou. Não há nenhuma forma bonita de o dizer. Está bem?

Ela abanou a cabeça cegamente.

– Não está nada bem. Como vou aguentar sem ti?

– Isso não é problema meu. Terás de ser tu a lidar com isso – respondeu sem cerimónias e foi-se embora.

De pé, frente ao balcão do bar do apinhado Rio Lounge, Daisy nunca se sentira tão sozinha na sua vida.

As botas de salto alto não a faziam sentir-se melhor, nem a camisola coleante de caxemira antracite com o sedutor decote em V, mas ainda assim comprara-as. As sensuais cuecas de seda com o amoriscador laço atrás – ridiculamente caras – eram uma total indulgência, mas Daisy comprara duas, um par em creme e outro cor de ameixa. Depois comprou um cone de gelado e meteu-se no carro, rumo a Carrickwell, comendo o gelado com uma colher de plástico quando o trânsito a obrigava a parar.

As compras estavam no banco a seu lado, e por vezes tocava-lhes, como se a visão e o toque de coisas dispendiosas e reconfortantes preenchessem o buraco negro dentro dela.

À semelhança de um computador assoberbado com um disco rígido cheio e lento a reagir, a sua cabeça recusava-se a abrir a nova pasta: a apelidada Alex e Louise. Se conseguisse refrear-se de pensar nisso, então, talvez não fosse verdade.

Em Carrickwell, atravessou a familiar ponte e avistou o idoso que ocasionalmente tocava o seu acordeão do lado do rio em que ela morava. Era um homem com um ar frágil, embrulhado num casaco comprido, com um chapéu no chão ao lado dele para as moedas. Daisy detestava as músicas tristes que ele tocava, mas deitava sempre dinheiro para o chapéu dele quando passava.

«Seria ele feliz?», pensou de forma irrefletida. «Seria a vida dele melhor que a sua? Provavelmente.» No apartamento, colocou mecanicamente as roupas novas no cesto da roupa suja, desfez a mala e separou a roupa em duas pilhas, a que era para lavar na máquina e a que ia para a lavagem a seco. Metódica, arrumada. Despiu a roupa que vestira com tanto gosto naquela manhã em Dusseldorf e vestiu uma camisa velha e as calças largas de veludo castanho que gostava de usar por casa.

Depois de tudo feito e arrumado, Daisy tirou uma garrafa de vinho do frigorífico e sentou-se de pernas cruzadas no sofá, olhando fixamente para a televisão para não pensar. Aquilo não podia estar a acontecer-lhe. Alex não podia tê-la deixado. Ou podia?

Então, chorou até a cara ficar inchada e vermelha e a garrafa vazia.

Na primeira manhã de segunda-feira da nova vida de Mel, o despertador que se esquecera de desativar tocou energicamente às seis e um quarto como de costume e ela deixou-se ficar deitada por um momento, como sempre fazia, saboreando aquele momento de calma antes da tormenta. Adrian fez o que fazia sempre também: gemeu no seu sono e virou-se para o outro lado para mais uns minutos de oblévio.

Mentalmente, Mel começou a rever o dia: o que tinha para fazer, o que devia ter feito no dia anterior, o que talvez conseguisse adiar para o dia seguinte. Então, com uma deliciosa sensação, como deitar-se em lençóis frios no verão, lembrou-se. Naquele dia não ia trabalhar. Já não tinha um emprego que a obrigasse a sair de casa. Ser mãe era o seu emprego.

«Dona de casa.» Considerou a palavra. Dona de casa. Mãe a tempo inteiro. Seria uma mulher diferente? Na ténue luz da manhã, filtrada pelas cortinas cremes, esticou um braço e olhou para ele. Exatamente a mesma. A sua mão era igual, com as cutículas a gritar por ajuda e sem verniz nas unhas. Talvez agora conseguisse fazer coisas como ir arranjar as unhas. Não, não poderiam dar-se a luxos desses. Podia arranjá-las ela mesma. Teria tempo. E fazer bolos – sim, faria bolos. *Muffins* daquele livro com receitas para crianças, que tinha há anos, mas que nunca usara. E podia fazer pão. Talvez isso fosse um pouco ambicioso. Já havia misturas de farinha prontas a usar nas lojas; podia experimentá-las.

Desfrutando dos seus planos para o futuro, Mel rebolou na cama, aninhou-se contra o corpo quente de Adrian e ficou meio acordada meio a dormir. «Haveria algum avental algures naquela casa?», interrogou-se. Provavelmente, apenas aquele que há uns anos viera como oferta com umas latas de ervilhas que comprara. Adoraria ter um rosado, florido e com um ar anos cinquenta. As mães respeitáveis tinham aventais respeitáveis.

Uma hora depois, estava na cozinha a tirar doze *muffins* dourados da forma.

Carrie não percebera que não iam ao infantário naquela manhã, ou qualquer outra manhã. Não podia ser fim de semana porque o papá fora para o trabalho como de costume.

– Vou buscar o meu casaco? – não parava de perguntar esperançosamente.

– Não, Carrie. A mamã hoje fica a tomar conta de vocês. Vamos divertir-nos muito.

Carrie enfiou uma colher no seu miniqueijo fresco e depois manobrou-a como uma alavanca a alta velocidade, lançando queijo por todo o lado. Riu irreprimivelmente e a mãe riu também. Não valia a pena chorar sobre o queijo fresco derramado.

Sentada à mesa, Sarah contemplava hipnoticamente o pacote dos cereais, perdida num mundo de fantasia. Fazia aquilo todas as manhãs e, de uma forma geral, Mel tinha de fazer das tripas coração para se conter, pois sonhar acordada só tornava Sarah ainda mais lenta e depois não conseguiam sair de casa a horas e depois Mel corria o risco de perder o comboio. Naquele dia, tal não constituía um problema. Animada com a sensação de que o tempo se alongava à sua frente, sem prazos para cumprir ou reuniões, Mel sentou-se ao lado de Sarah e afagou-lhe o cabelo.

– Que havemos de fazer hoje? – perguntou Mel, regalando-se por poder dizê-las e não: «Come o

pequeno-almoço, Sarah, *por favor*, ou vamos atrasar-nos.»

– A Lily pode vir cá a casa brincar comigo? – inquiriu Sarah. Lily suplantara recentemente Tabitha enquanto melhor amiga de Sarah no infantário, embora Mel não conhecesse a mãe dela muito bem. A mãe de Lily detinha um cargo elevado numa qualquer empresa financeira e ia buscar a filha ao Tigrinhos ainda mais tarde do que Mel costumava ir buscar Carrie e Sarah. Mel sentiu uma gigantesca onda de alívio ao pensar que esses dias tinham acabado. Apenas agora que já não o fazia podia com sinceridade admitir o quanto tudo isso fora horivelmente stressante e indutor de culpa.

– A Lily está no Tigrinhos todo o dia – fez notar Mel. – Agora que a mamã já não vai trabalhar para o escritório, tu e a mana já não vão ao infantário – recordou a Sarah. – Vamos conhecer amigos novos, embora possamos convidar a Lily para vir cá a casa, ao fim da tarde, ou nos fins de semana, talvez.

– Mas eu quero ver a Lily agora. – O lábio inferior de Sarah começou a tremer.

– Mais tarde telefonamos à mãe dela e conversamos acerca disso – declarou Mel. Por sorte, tinha o número dela, de um antigo convite para uma festa de aniversário.

– Mais tarde, não, agora – pediu Sarah com um ar triste. – Ela é a minha melhor amiga.

Fora a única coisa que estupidamente Mel não previra: que as filhas fossem sentir saudades dos amiguinhos. O infantário não aceitaria as meninas apenas metade do tempo e, de qualquer maneira, agora também já não tinham dinheiro para o infantário e não havia vagas nos infantários públicos na cidade. Teria de integrar tempos de brincadeira com outros meninos na rotina diária.

– Mas eu achava que tu querias ter a mamã em casa contigo todo o dia? Não vai ser bom? Já não vou mais ao escritório. Estarei aqui para te levar ao jardim zoológico e ao parque e à quinta.

– Hoje e o dia seguinte e o dia a seguir? – perguntou Sarah com um ar pouco convicto.

– Sim, isso mesmo – respondeu Mel com carinho.

– Está bem. – Com duas palavras, a questão estava resolvida. – Posso comer um *muffin*, mamã? – acrescentou Sarah. – Já não gosto de *Weetabix*.

Terminado o pequeno-almoço, Mel começou a usar as suas capacidades profissionais para descobrir onde ficavam os grupos locais de mães e crianças pequenas. Foram precisos cinco telefonemas para ficar a saber que às segundas-feiras de manhã havia um grupo que se reunia na sala de convívio da escola de Saint Simeon.

– Vamos numa aventura! – anunciou às filhas quando desligou o telefone. – Um sítio novo e empolgante onde vão conhecer montes de amiguinhos novos! Vamos lá acima lavar as mãos e pentear os cabelos.

Enquanto Carrie e Sarah corriam para as escadas, Mel interrogou-se por que razão não pensara em desistir do trabalho há mais anos. Comparado com a pressão que estaria a sentir àquela hora numa segunda-feira normal no trabalho, aquilo era uma descontração total. Pegou num dos *muffins* que fizera e começou a comê-lo escadas acima. Não estavam mal para uma primeira tentativa.

Havia outras duas mulheres da rua de Mel que frequentavam o grupo de mães e filhos ao lado da igreja. Mel reconheceu-as quando chegaram com os carrinhos de bebé. Uma era alta, estava obviamente grávida, e usava o cabelo escuro e encaracolado solto. Com uma camisa lilás larga e calças de pré-mamã e uma gargantilha para desviar as atenções da enorme barriga, tinha um ar muito exótico. Mel já várias vezes a vira sair e chegar de carro. Nunca haviam trocado uma palavra sequer, ou um sorriso ou um aceno de cabeça. A outra mulher era mais baixa, magra, e parecia mais velha, ou

talvez fosse porque tinha cinco filhos, pelo que Mel vira. Vivia a várias casas de distância e Mel reparara nela antes porque a ouvira ordenar em voz alta a crianças que entrassem no carro e *nada de beliscões*! As duas mulheres cumprimentaram-se à porta da sala como se fossem boas amigas.

Era como se tivesse quinze anos de novo e se tivesse mudado para uma nova escola, decidiu Mel ao mesmo tempo que as seguia. Não conhecia ninguém e toda a gente a olhava com interesse. Havia um pequeno grupo de mulheres já sentado na sala, salpicada de cadeiras e de um sortido de brinquedos. Uma mesa alta, à prova de crianças, estava posta com copos e pacotes de bolachas por abrir. Um bolo caseiro repousava no meio. «Eu podia fazer um bolo», decidiu Mel. Agora que dominara os *muffins*, um bolo também não seria um grande obstáculo.

Sorriu em jeito de cumprimento para o grupo em geral e colocou a sua mala, cheia de tralha para as filhas, numa cadeira perto da porta, um gesto que, esperava, mostrasse que era uma estranha, mas que estava consciente disso. Sarah e Carrie não tinham esses pruridos ou timidez e imiscuíram-se de imediato no centro da ação.

– É a sua primeira vez aqui? – perguntou outra mulher grávida com uma criança pequena agarrada a ela como um coala.

Mel sentou-se ao lado da mulher e assentiu com a cabeça.

– A sua também?

– Não, já viemos aqui montes de vezes, mas o Cormac continua muito envergonhado e encolhido. – A mulher olhou para Carrie e Sarah, alegremente a brincar. – As suas meninas adaptam-se maravilhosamente. São muito sociáveis.

– Frequentam o infantário desde muito pequenas – explicou Mel, depois deu por ela a pedir desculpa por esse facto, acrescentando: – Acabei de desistir do meu trabalho para ficar com elas.

– O infantário torna-os de facto muito mais expansivos – suspirou a mulher. – Nós vivemos a vários quilómetros daqui, num zona mais rural, e o Cormac nunca conviveu muito com outras crianças. Dei-me recentemente conta de que ele precisa disso, em especial quando o irmãozinho dele nascer.

– Chamo-me Mel. – Apresentou-se e acenou olá, pois obviamente a mulher não tinha mãos livres para apertar. – Quando nasce o bebé?

– Daqui a seis semanas. Estou ansiosa. Eu chamo-me Elaine.

– Astrid.

– Sylvia.

– Bernie.

– Lizanna. – A mulher da camisa lilás e do cabelo comprido e encaracolado.

– Claire.

– Ria. – A que morava perto de Mel e tinha cinco filhos.

As mulheres apresentaram-se rapidamente e Mel sorriu-lhes, sentindo de repente que aquilo, afinal de contas, não era como o primeiro dia de aulas. Estavam a dar-lhe as boas-vindas, a acolhê-la. Algumas eram muito chiques, glamorosas até, muito embora Mel nunca tivesse conseguido aquele aspeto aos fins de semana. Tinha um *look* de trabalho (fatos e saltos altos) e outro quando estava em casa, caracterizado por calças de ganga velhas, camisolas largas, nenhuma maquilhagem e o cabelo para o lado que tivesse acordado.

Astrid, ou pelo menos Mel achou que era Astrid, era a imagem das revistas cor de rosa de uma mãe ocupada que vai buscar os filhos à escola de rabo-de-cavalo louro, camisola de camurça cor de

caramelo e calças cor de caqui.

Elaine estava na fase final da gravidez, em que não há roupa que sirva ou fique bem, e vestia umas calças de fato de treino pretas e o que provavelmente era uma camisa do marido. Tinha um ar cansado, pesado e suado.

– Ouvi-a dizer que deixou o seu trabalho – disse para Mel uma atraente morena com um bebé ao colo. Claire era o nome dela, achou Mel. – O que fazia?

– Trabalhava numa companhia de seguros de saúde, a Lorimar – respondeu Mel hesitantemente, não querendo soar como uma mulher de carreira que achava que fora ludibriada ao desistir de tudo. Isso não lhe granjearia amigas ou influenciaria alguém ali.

– É mesmo? – perguntou outra das mulheres. Seria Sylvia? – Eu trabalhei na BUPA durante algum tempo.

Não tardou a que estivessem a trocar histórias da indústria seguradora e descobriram que ambas haviam outrora trabalhado com um amor de um génio dos computadores que mais tarde se tornara um nome sonante na indústria da tecnologia de informação.

O filho de Sylvia gritou que queria sumo.

– Shane, não é assim que se pede – admoestou-o a mãe sem perder pitada da conversa. – Tem saudades? Do escritório, do trabalho, do frenesim?

Mel hesitou.

– Este é o meu primeiro dia – respondeu. – Ainda estou a ambientar-me. Não tenho saudades da correria de manhã para não perder o comboio ou de ter de andar de saltos o dia inteiro.

– Mas o tempo livre... – suspirou outra das mães. Era Bernie, uma mulher de calças de ganga gastas e um rapazinho que brincava aos pés dela.

– Eu era contabilista... *Sou* contabilista – corrigiu-se ela. – Não há tempo para nós mesmas quando estamos em casa.

– Nem mais – resmungou Sylvia. – Quando não temos emprego, sentimo-nos culpadas por querermos tempo para nós mesmas. Há dois anos que não vou cortar o cabelo ao salão onde costumava ir porque é demasiado difícil levar o Shane e o carrinho de bebé até lá. Agora vou àquele minúsculo no centro comercial só porque tem portas maiores.

– E, se gastamos dinheiro connosco, é como se o estivéssemos a tirar da conta bancária de outra pessoa – acrescentou Claire.

– Mas não devia ser assim – argumentou Mel, espantada. – Estamos a fazer um trabalho importante: educar os nossos filhos. Se o nosso namorado ou marido nos pagasse por tudo o que fazemos, ganharíamos mais do que eles. Não era?

As outras mulheres trocaram olhares como quem dizia: é caloiira nestas andanças, logo verá.

– Deixe passar um mês e depois logo nos diz de sua justiça – disse Sylvia. – Sabe, não é assim tão fácil. Nunca mais voltará a ir à perfumaria e comprará um batom caro só porque sim.

– Talvez até compre, mas depois vai escondê-lo – fez notar Claire.

– Ou dirá que vinha de oferta com uma revista – riu outra delas.

– Ora essa – argumentou Mel, rindo também. – O meu marido não repararia num batom caro nem que este ladrasse e lhe mordesse.

– Nem o meu – asseverou Sylvia. – É a culpa que sentimos. Ele está-se nas tintas, pode até nem ligar, mas a Mel liga, porque não está a ganhar dinheiro e sente-se mal por gastá-lo, e porque aqueles quinze euros poderiam ter servido para outro conjunto de *babygrows* ou sapatos novos ou outra coisa

qualquer que se sinta culpada de estar a tirar aos seus filhos. – Carrie veio ter com a mãe e Mel pegou-lhe ao colo para a assegurar de que estava tudo bem. – Pensei que as mães que trabalhavam fora eram as únicas que se sentiam culpadas.

– Todas as mães se sentem culpadas – fez notar Claire. – Vem com as estrias e – baixou a voz – a ausência de vida sexual.

Todas riram.

– Fala por ti! – exclamou Sylvia.

– Eu cá prefiro uma boa dose de culpa às agruras e maquinações de um dia no escritório – acrescentou Bernie. – Eu trabalhava num banco – explicou a Mel. – Não me importava de voltar a trabalhar, mas nunca no banco.

– Bom, esta é a melhor manhã de segunda-feira que tenho em muito tempo – disse Mel –, por isso, não queria regressar ao trabalho. – E era verdade: a segunda-feira era normalmente o dia mais difícil da sua semana, pois estava exausta de correr de um lado para o outro com as filhas durante o fim de semana e ficava habituada a tê-las com ela o dia inteiro. A segunda-feira era como o primeiro dia de regresso ao trabalho depois da licença de parto.

– Eu adoraria voltar ao trabalho – confessou Lizanna, a mulher de lilás, de repente. – Se pudesse trabalhar e estar com os miúdos, mas reter algum do estatuto que tinha antes, adoraria.

– O que fazia? – inquiriu Mel com curiosidade.

– Era diretora financeira numa editora – respondeu Lizanna. – Publicávamos a *Style*, a *HousePerfect*, tudo o que era revista. Era um emprego maravilhoso. Adorava-o, mas quando tive o Theo – olhou para o rapazinho que fazia ruídos de carros e empurrava um carrinho pelo chão de madeira –, desisti do emprego. Achava que já tinha feito tudo, chegado ao topo e que agora podia recostar-me e ser mãe. Não resultou exatamente assim.

– Mas, Lizanna, tu adoras estar em casa – insistiu Sylvia. – Dantes não sei como conseguias fazer tudo. Agora tens tempo para desfrutar do teu filho.

– Estar com o Theo é maravilhoso, não estou a discordar disso – argumentou Lizanna com todo o tato –, mas nem sempre compensa a mudança de vida que fiz. Orgulhava-me muito do que fazia e do que conseguira, de onde chegara. As pessoas admiravam-me. Ninguém nos admira verdadeiramente quando somos uma mãe dona de casa – acrescentou ela com um ar pesaroso. – O nosso estatuto é menos que zero. Eu costumava ir a festas da empresa, recebia montes de coisas à borla, a editora da *Style* e eu éramos as primeiras a receber as mais recentes malas e peças de estilistas. Sim, eu sei que tudo isto soa bastante fútil, mas era bastante divertido e trabalhei arduamente para chegar lá. Agora... – fez uma pausa –, não sei, talvez seja de estar naquela fase do final da gravidez em que só queremos é ver o bebé cá fora, mas sinto-me um pouco assustada. Outro bebé significa que a minha carreira está a ficar cada vez mais longe do meu alcance. Estou desejosa de ter este bebé – acrescentou ela –, não me interpretem mal, mas sinto-me como se estivesse a desaparecer. Alguma de vocês entende o que estou a dizer?

– Sim – afirmou Elaine com sinceridade. – Nós entendemos. Meu Deus, se entendemos. É possível amarmos os nossos filhos e ainda assim dar-mo-nos conta de que tomaram por completo conta da nossa vida. Somos a Mamã, ao invés de quem quer que fôssemos antes.

Lizanna acenou que sim com a cabeça e fez um ar de quem lamentava ter aberto a boca.

– Soa horrivelmente quando o pomos desta forma... Adoro os meus bebés. – Espalmou uma elegante mão sobre a barriga. – Ambos.

– Podes voltar quando eles estiverem na escola – aventou Ria.

– Ainda falta tanto tempo para isso – fez notar Sylvia. – Eu ficaria nervosa de regressar nessa altura. Toda a gente iria achar que já estava ultrapassada. E o que vestiria? Como saem as mães de casa de manhã com um ar pronto para o trabalho? Eu demoro duas horas a arranjar-me se formos a algum evento formal, pois já não sei aperaltar-me.

– É difícil – concordou Mel. – Eu regressei ao trabalho quando a Sarah tinha três meses. Sentia-me como se fosse um hamster, sempre na sua rodinha, a correr, a correr, a correr, mas nunca chegava a lado nenhum.

– Mas aposto que as pessoas não deixavam de lhe prestar atenção nas festas quando lhe perguntavam «e o que é que faz?» – argumentou Bernie.

Mel deu-se conta de que ela não estava a brincar.

– Oh, sim, vai adorar isso – disse Lizanna para Mel. – Ficam com o olhar literalmente vidrado. Os homens podem ser mauzinhos, mas as mulheres de carreira são as piores.

– Não – argumentou Mel, sentindo remorsos porque talvez tivesse sido culpada desse crime. – Apenas se sentem culpadas porque não estão com os filhos da mesma forma que vocês estão com os vossos. É culpa.

– É pena – insistiu Lizanna. – Acham que o nosso cérebro nos é sugado assim que saímos do escritório. E rezam ao deus dos sapatos fabulosos para que nunca engravidem.

Uma hora estendeu-se a duas enquanto as crianças brincavam – por vezes umas com as outras – e as mulheres conversavam. Os assuntos mudavam rapidamente enquanto alguém se levantava para cuidar de uma criança que chorava ou para mudar uma fralda. O que fascinava Mel era o quanto eram abertas em relação às suas vidas. Nunca tivera conversas tão sinceras com as pessoas com as quais trabalhava, à exceção de Vanessa. Porém, estas mulheres não tinham qualquer problema em falar acerca do que quer que fosse.

Ninguém fazia de conta que a sua vida era perfeita, que era o que muitas das mães trabalhadoras que Mel conhecia faziam. Sabia que a vida delas era a mesma corrida e o mesmo frenesim que a dela, e elas também o sabiam, mas admiti-lo era uma espécie de derrota.

Por contraste, as mulheres em Saint Simeon riam acerca das suas vidas, incluindo das respetivas falhas e fracassos. O grupo desfez-se ao meio-dia e Mel partiu com as duas crianças felizes e montes de números de telefone acrescentados à lista do seu telemóvel. Fora inovador conversar acerca de se ser uma mãe sem se sentir uma fraude.

E igualmente interessante descobrir que as mulheres que ficavam em casa a educar os seus filhos também tinham os seus problemas de consciência. «Então, não era só eu e a Vanessa que nos preocupávamos», pensou Mel. Todas as mães o faziam, mesmo aquelas que pareciam ter tudo sob controlo. Era um pensamento reconfortante.

Depois de almoço, quando Carrie estava a fazer a sua sesta e Sarah a ver um vídeo, Mel decidiu deitar mão a algumas das tarefas domésticas que a andavam a incomodar há meses. Primeiro, esfregou o chão da cozinha, depois passou à lavandaria. Havia cantos onde os mosaicos do chão estavam imundos, por isso foi buscar a garrafa de lixívia *Domestos* e esfregou até o cheiro se tornar demasiado avassalador.

A limpeza acarretava uma enorme sensação de satisfação, decidiu ela.

– Como vai isso? – perguntou Adrian quando telefonou.

– Maravilhoso – respondeu Mel. – Embora tenha passado tanto tempo a limpar a lavandaria que me tornei definitivamente uma fada *Domestos*, não doméstica.

– É melhor estar em casa do que estar na Lorimar? – inquiriu Adrian com alguma ansiedade.

– Infinitamente melhor – disse Mel, observando o seu reino com orgulho.

Na sexta-feira, a mãe de Mel ficara de tomar conta das netas de manhã para dar um descanso a Mel. Determinada a não perder o contacto com a sua antiga vida, Mel combinou encontrar-se com Vanessa para almoçarem.

– Sinto a falta das minhas meninas – admitiu Karen quando chegou a casa de Mel a meio da manhã.

– Eu sei, mãe – disse Mel, sentindo-se culpada. Durante muito tempo a sua mãe desempenhara um enorme papel na rotina semanal de Carrie e Sarah. Devia ser difícil ver-se relegada para a segunda divisão agora que Mel desistira do seu emprego. – Desculpa... – começou, mas a mãe deteve-a.

– Não digas nada, Mel – disse Karen com firmeza. – Tenho saudades das minhas netas, mas nunca me senti tão feliz por ti desde que deixaste a Lorimar. Aquele emprego andava a matar-te. Tanta correria, tanta coisa para fazer. O teu pai e eu estávamos preocupados contigo, mas não podia arriscar dizer-to, não fosses tu pensar que estava a embirrar contigo.

– É bem provável que tivesse pensado – admitiu Mel. Antes nunca teria sido capaz de admitir tal coisa. Estar em casa fazia-lhe definitivamente bem: estava mais descontraída, mais aberta.

– Os empregos em escritórios não são feitos para mães, e essa é a verdade – continuou Karen. – Até alguém arranjar um plano para ajudar as mulheres a trabalharem nas horas que têm disponíveis, não terão outro remédio a não ser continuar a fazer o que tu fazias: correr de um lado para o outro, gerir mil tarefas e sentirem-se divididas todos os dias das suas vidas.

– Posso sempre regressar ao trabalho quando a Carrie for para a escola – acrescentou Mel.

– Exatamente – disse a mãe. – Tenho a certeza que lá na Lorimar estão mortinhos para te ter de volta. A bruxa da Hilary provavelmente está a amaldiçoar-se por te ter deixado escapar!

Vanessa chegou cinco minutos atrasada.

– Desculpa, desculpa – disse, depois de entrar a correr no Oriental Palace numa nuvem de perfume. – Estamos a tentar organizar mais grupos de discussão para um serviço telefónico de enfermagem, e começam hoje. Desculpa – deteve-se –, não deves querer ouvir falar acerca destas coisas.

– Quero, sim – respondeu Mel. – Ainda não mandei retirar cirurgicamente a Lorimar da minha cabeça. Ainda pertenço à família, Deus me ajude!

– Ótimo. Temia que tivesses sido mumificada, ou deverei dizer mamãificada? Nem acreditarias no que se tem passado. – Vanessa perscrutou o cardápio a alta velocidade, fez sinal com a cabeça a um empregado e este aproximou-se de bloco na mão. Mais do que fizera desde que Mel estava ali sentada. Tivera de tirar os cardápios da mesa ao lado, tendo claramente perdido a sua capacidade de chamar um empregado com a mesma destreza.

– Um especial de vaca e cogumelos com *pak Choi* – disse Vanessa –, com meia garrafa do número doze. Já escolheste, Mel?

– Sim. Eu quero a galinha com caju e água, natural.

– Bom, houve uma bronca gigantesca por causa de um problema nas subscrições. Era cobrado mais doze por cento a quem pagasse com o cartão de crédito. Erro de processamento, embora não

imputável a nós, dizem os tipos da informática. Resumindo, a Hilary tem andado a apagar fogos toda a semana, tentando manter a bronca contigo. Oh, e não vais acreditar com quem a Shaznay, aquela rapariga alta das subscrições, foi vista por várias vezes fora de horas de expediente...

Era estranho, ouvir tudo aquilo com indiferença. Mel achara que queria saber todas as novidades, mas era difícil ficar tão entusiasmada acerca do facto de Shaznay das subscrições andar a ter um caso com Peter da assistência ao cliente. Os mexericos costumavam ser o sangue que corria nas veias da Lorimar. Visto de fora, parecia tudo um pouco banal.

Mel deu-se conta de que queria ouvir que o escritório estava a ir à ruína sem ela e que Hilary fora vista a arrepear os cabelos de infelicidade na casa de banho, dizendo «Só agora estamos a dar o devido valor a Mel Redmond. Tragam-na de volta... Custe o que custar, não importa!» Isso, sim, seria a cereja no topo do bolo que fora aquela semana.

Só que ninguém parecia andar a arrepear os cabelos por causa da ausência de Mel. A sua substituta, uma rapariga de vinte e cinco anos de ascendência chinesa, chamada Kami, encantara toda a gente no escritório e ela e Vanessa costumavam sair para almoçar juntas.

– Ela sabe bem como lidar com a Hilary, isso é certo – comentou Vanessa num tom aprovador enquanto devorava o almoço. – Quando a Hilary está prestes a perder a compostura, a cara de Kami perde toda a expressão e põe-se a olhá-la direta e fixamente. A Hilary não consegue lidar com uma coisa assim. É impossível perder a calma com uma pessoa que não perde a dela.

– Pois, suponho que não – concordou Mel, que descobriu que estava esfomeada, apesar de naquela manhã ter comido o resto dos cereais de Carrie, para além do seu próprio pequeno-almoço. Era difícil não comer quando se estava em casa todo o dia: as miúdas faziam sempre uns pequenos lanches saudáveis entre as refeições, mas, quando abria o frigorífico para lhes dar sumo ou quejinhos frescos, dava por ela a petiscar pedaços de queijo ou azeitonas mergulhadas em azeite e alho.

– E como vão as coisas contigo? Já foste a algum café da manhã?

– Bom... há um amanhã – admitiu Mel, sentindo-se de imediato como o estereótipo da dona de casa mimada, muito embora a realidade fosse bem diferente. – Mas no grupo de mães todas temos filhos, por isso será como se nos juntássemos em casa de alguém.

– Então, já começaste a conhecer pessoas novas?

Com a boca cheia de galinha – o molho era delicioso –, Mel acenou que sim com a cabeça.

– Fomos convidados para um jantar no próximo sábado. Em casa da Astrid. Vivem perto de nós, mas numas casas grandes e finórias.

– Estás a ver? Já estás metida na Máfia das Mamãs de Carrickwell – brincou Vanessa. – E os teus *vouchers* para o spa, já os usaste? – O presente de despedida que Mel recebera da Lorimar havia sido um par de *vouchers* para o novo Spa Cloud's Hill.

– Ainda não, estou a guardá-los para uma ocasião especial – respondeu Mel.

– Quem me dera ter tempo para ir, mas por agora isto está caótico – disse Vanessa, terminando o seu vinho à pressa. Eram apenas dez para as duas. – É melhor ir andando, Mel. Tenho de ir a correr ao supermercado comprar qualquer coisa para o jantar do Conal.

Mel ainda sentia um ratinho, por isso, depois de se despedir de Vanessa, vagueou por um momento e depois dirigiu-se ao centro comercial, onde tomou um *latte* e comeu um bolo. Havia coisas giríssimas nas lojas. Apaixonou-se por um par de sandálias de camurça cor de canela que lhe ficariam a matar. Porém, não eram nada baratas e, uma vez que ela não trabalhava, não tinham dinheiro para aqueles luxos.

No sábado seguinte, Mel desejou ter comprado algumas das fabulosas peças de roupa que vira no centro comercial depois do almoço com Vanessa. O jantar de Astrid era naquela noite e Mel dera-se conta de que o seu guarda-roupa para saídas à noite consistia apenas de vestes empresariais (vestidos pretos e azuis), dois *tops* brilhantes que tinham uma eternidade e não estavam na moda desde que os Abba estavam na berra, uma camisa preta transparente que exigia uma escolha muito criteriosa de roupa interior e um par de vestidos de quando ainda ia a discotecas. Em conjunto com as inevitáveis calças pretas, isto compunha os seus conjuntos para um serão social.

As suas roupas de fim de semana eram todas muito informais e nenhuma delas se adequava a um jantar que não fosse num dos restaurantes de Ronald McDonald. As restantes opções eram os fatos que costumava vestir para o trabalho. Mel não era uma pessoa muito dada a roupa, mas começava a ver que estava muito mal equipada em termos de moda para a sua nova vida.

Então, no fundo do roupeiro, encontrou o velho vestido violeta de alças de atar ao pescoço que comprara durante as férias em Itália, quando ainda namorava com Adrian. Tinha um ar vagamente intemporal e, assombrosamente, ainda lhe servia. Para aquela noite, em que não tinha de ser Mel Redmond da publicidade, seria perfeito.

A casa de Astrid ficava numa das mais frondosas e dispendiosas ruas de Carrickwell e revelou-se uma moradia de tijolos encarnados ao lado de uma fila de outras, todas ligeiramente diferentes. Ficava a cinco minutos a pé de Goldsmith Lawn, mas a mundos de distância em termos de preço.

– Ena, parece que já nos damos com a nata da sociedade – comentou Adrian enquanto subiam o caminho curvo e ladeado de coníferas que conduzia à porta da frente.

– Parece que sim – concordou Mel. – Achas que alinhavam num esparguete à bolonhesa na sala-de-jantar-barra-quarto-de-brincadeiras em nossa casa? Eu até encaixotava alguns dos brinquedos das miúdas para as pessoas conseguirem enfiar as pernas debaixo da mesa.

– Não é preciso chegares a esses extremos. Pisar um boneco de borracha que faz barulho pode ser uma forma fantástica de quebrar o gelo.

Apesar do ar exterior de grandiosidade, por dentro a casa de Astrid e Mike não tinha o mesmo aspeto, mas antes um ambiente acolhedor e caseiro. Astrid também não era adepta de jantares formais, reparou Mel com alívio, pois não havia sinais de talheres de prata ou copos de cristal sobre a comprida mesa de madeira. Tinha tudo um ar informal.

À cabeceira da mesa, Mike tratou da disposição dos lugares de forma a que os casais não ficassem juntos. Mel deu por ela entre um homem mais novo de calças de sarja e uma camisola azul e um homem mais velho de camisa branca com botões de punho monografados. O nome dele era Colin e vivia ao lado de Astrid.

– Então, diga-me lá, o que faz? – perguntou, quando todos estavam servidos de vinho e pão.
– Trabalho na publicidade... – começou Mel, e depois riu dela mesma. – *Trabalhava* em publicidade. Para a Lorimar.

O olhar de Colin revelava um grande interesse e Mel decidiu que era um homem muito bem-parecido para a idade. Sensual, com grande carisma.

– Parece-me muito interessante. – Deslocou o cotovelo um pouco mais na direção dela sobre a mesa.

– Estava integrada numa equipa que geria o *website*. A internet é uma parte tão importante do nosso negócio angorá. Ou melhor, era, quando eu lá estava.

– E que faz agora?

– Acabei de desistir do meu emprego para ficar em casa com as minhas filhas. – À semelhança de uma lâmpada que se funde, o brilho nos olhos de Colin apagou-se.

Mel sabia que não era imaginação sua.

– Tenho duas meninas. Uma tem dois anos e meio e a outra quase cinco – prosseguiu ela.

Ele recostou-se na cadeira, quebrando a intimidade que criara entre os dois.

– Tem filhos? – inquiriu Mel, pois tinha de ter a certeza absoluta de que a sua falta de emprego fora o que o fizera perder o interesse e não a referência a crianças.

– Sim, já são quase adultos. Custam-me uma fortuna. Tenho de me esfalfar a trabalhar para os manter a estudar. – E o assunto morreu por ali. Colin bebeu um gole do seu vinho e olhou em redor da mesa como se estivesse de repente esfomeado e se interrogasse por onde andava a comida.

O tabu não eram as crianças, deu-se Mel conta. O tabu era ser uma mãe dona de casa. Lizanna acertara na muche. O olhar de Colin ficara como que vidrado assim que soubera que Mel não trabalhava.

Astrid e Mike eram bons anfitriões. Mantinham a conversa a circular pela mesa, assegurando-se que ninguém ficava de fora. Observando Adrian à conversa com o seu vizinho do lado, ao passo que Colin diligentemente a evitava, Mel sentiu-se grata por Astrid ocasionalmente a arrastar para a discussão.

Futebol, o preço das casas, escolas locais, as obras na ponte de Carrickwell, a sensatez de se dar telemóveis às crianças e o novo filme de James Bond, todos estes temas foram discutidos de forma alegre e bem-disposta.

O outro compincha de mesa de Mel, Mr. Camisola Azul, não lhe estava a prestar qualquer atenção, mas Mel não se importou pois era claro que ele tinha sido convidado por causa de uma das convidadas, sentada do outro lado dele. Astrid era uma bela casamenteira, isso era certo. O par falava incessantemente, o que significava que Mel via muito os ombros dos seus dois vizinhos de mesa.

Contudo, finalmente, com o auxílio de vários copos de vinho e algum brande, Colin voltou a achar Mel interessante e meteu de novo conversa.

Durante um bocado ouviu-o falar acerca do trabalho dele (numa empresa de telemarketing), do seu desporto de eleição (era proprietário de um *powerboat*) e sobre o que pensava acerca da temporada de fórmula um (não seria maravilhoso ver entrar sangue novo nos autódromos?).

Mel não queria ser mal-educada, por isso continuou a sorrir e a assentir com a cabeça. Os ponteiros do seu relógio começaram a chegar às onze horas. Era seguramente uma boa hora para irem embora sem que fossem olhados de lado. Durante todo o tempo, os olhos de Colin – que já nem lhe pareciam nem vagamente atraentes – não paravam de descer do rosto de Mel para o seu peito sob o vestido lilás.

Naquela noite, não conseguira encontrar o sutiã com as alças de prender atrás do pescoço, por isso fora sem sutiã. Vanessa teria rido a bom rir, pensou Mel com um esgar, ao ver um homem ligeiramente embriagado a admirar os seios que Mel insistia estarem irrecuperáveis.

No entanto, finalmente, começou a perceber. Colin não sabia, nem tão-pouco se interessava, que ela tivesse sido uma ambiciosa mulher de carreira durante toda a sua vida adulta. Tudo o que ele via era uma mulher com filhos, um vestido justo, nenhum emprego e nenhum sutiã.

A discriminação não era algo novo para Mel, mas sempre fora capaz de lidar com isso porque

sabia que era muito mais que a soma dos seus atributos físicos. Se um tipo lhe assobiava, Mel não ligava. Era bem mais inteligente do que ele e confiante nas suas capacidades. Ele que assobiasse. Que tinha isso? Se um colega de trabalho fizesse um comentário malicioso acerca das mulheres, Mel era perfeitamente capaz de o reduzir à sua ignorância. Sabia sem margem para dúvida que estava mais do que à altura de qualquer homem no local de trabalho.

Só que o seu local de trabalho mudara. A confiança da sua carreira havia-lhe sido tirada debaixo dos pés, como um mágico a puxar uma toalha de uma mesa, sem derrubar a louça. E os olhos ébrios e remelosos de Colin irritavam-na.

Cruzou os braços por cima do peito, alvo do olhar fixo dele durante vários segundos.

– Porque não tira uma fotografia? Sempre dura mais – disse ela com sarcasmo.

O cérebro de Colin podia estar em modo mais primitivo, mas percebeu a indireta.

– Desculpe, bom, é que... – murmurou ele, os olhos já ao nível da cara dela, mas demasiado envergonhado para a olhar nos olhos.

Mel cruzou o olhar com o de Adrian do outro lado da mesa e empurrou a cadeira com energia para trás.

– Astrid, Mike, o jantar foi maravilhoso – disse ela num tom animado. – A comida estava fantástica, mas já são onze horas e temos de ir. *Babysitters*, já sabem como é!

– Oh, sim – concordou Adrian, que percebera de imediato o que se passava pela expressão de Mel. – Obrigado. A carne estava uma maravilha.

Após uma agitação de agradecimentos e despedidas, estavam de novo na rua e Mel relatou a Adrian toda a sórdida história do seu serão.

– Não sei porque não o esbofetei! – reclamou ela enquanto caminhavam para casa.

– Devias tê-lo feito – concordou Adrian, dando-lhe a mão.

– O tipo foi tão malcriado. Assim que ouviu que estava em casa com as miúdas, pimba! Passei de imediato a entediante dona de casa e já não tinha nada para me dizer.

– Provavelmente, tem uma pilinha do tamanho da inteligência – comentou Adrian.

– Não tentes banalizar a coisa! Ele foi mal-educado e merecia ter sido humilhado frente a toda a gente. E eu não sei porque não o fiz! – Mel avançava a alta velocidade, como acontecia quando se zangava, ainda que estivesse de saltos altos. – E, se eu tivesse mentido e dito que ainda trabalhava na Lorimar, teria passado o serão inteiro a meter-se comigo. Eu conheço o tipo. Acham terrivelmente excitante um mulheres de negócios.

– Eu não teria gostado que ele tivesse passado o jantar todo a meter-se contigo – fez notar Adrian. – Não é que seja um homem ciumento, mas prefiro que os homens não te namorisquem mesmo debaixo das minhas barbas. É algo que remonta ao tempo do homem das cavernas, suponho eu – disse ele num tom pensativo. – Um homem não gosta que outro homem se meta com a sua mulher. É uma atitude masculina intemporal. Teria de lhe dar uma pancada na cabeça com a minha moca ou desafiá-lo para um duelo numa planície, com os dinossauros preparados para atacar...

– Os dinossauros e o homem não foram contemporâneos – interrompeu Mel.

– A sério? – perguntou Adrian, fingindo-se surpreendido.

Mel colocou o braço em redor da cintura dele.

– Sabes muito bem que não, mas foi a resposta certa. Em alturas como esta, percebo porque casei contigo.

– Obrigado pelo voto de confiança, Mistress Redmond. Eu também te amo.

O problema dos grandes casamentos, decidiu Cleo, ainda a sorrir, detrás do enorme balcão de receção de bronze dourado do Hotel McArthur's na cara zona das embaixadas em Dublin, perto das duas da manhã, é que havia sempre discussão. Sempre. Até num hotel de luxo onde as garrafas de *Château Petrus* fluíam da garrafeira como água e o preço mínimo de um quarto básico, sem quaisquer extras, era de trezentos euros. Supunha que em todas as famílias houvesse motivos para desentendimentos, por mais modesta ou abastada que a família fosse.

– Quando começará a pancadaria? – perguntou Jean-Paul, o porteiro, uma das poucas pessoas que permanecia acordada com Cleo. Ainda ficava muitas vezes surpreendida ao dar-se conta de como os grandes hotéis ficavam tão vazios à noite – nos pisos de cima os hóspedes dormiam, enquanto nos pisos inferiores uns quantos funcionários mantinham o hotel em funcionamento e o pessoal da limpeza vagueava pelas entranhas do hotel como fantasmas.

– Não tardarão a voar murros e estaladas – respondeu Cleo alegremente, como se não estivesse meio morta de exaustão. – O Luigi acabou de telefonar do bar a dizer que há uma enorme discussão entre o pai da noiva e o tio do noivo e que não precisa de ajuda porque o Vincent teve de ir de novo à garrafeira. Querem brande velho, diz ele. Um para cada um dos convidados.

Às quatro da tarde, as elegantes núpcias dos Smith e dos O'Hara haviam estado perfeitas para as revistas cor de rosa – muitos rostos sorridentes e resplandecentes, barrigas encolhidas, fatiotas de marca em cores garridas e padrões florais e relógios de ouro em pulsos bronzeados na Riviera francesa. Dez horas depois, o núcleo duro dos convidados ainda a celebrar no bar estavam de caixão à cova. Rostos, barrigas e fatiotas, estava tudo enrugado e descomposto e, embora toda a gente continuasse a olhar para os seus *Rolex* para ver as horas e mostrar o quanto eram bem sucedidos por terem um, ninguém queria admitir derrota e ir para a cama.

Os pais da noiva haviam pago uma fortuna pelo casamento da temporada no McArthur's e diabos os levassem se não iriam fazer o dinheirinho deles render até ao último tostão. Expulsar os convivas do bar seria um pouco difícil, em especial porque a conta do bar ainda não tinha sido encerrada.

– Um brande de duzentos anos? – resfolegou Jean-Paul. – A esta altura, podíamos servir-lhe brande caseiro que eles nem perceberiam a diferença.

Três abastados homens de negócios árabes entraram no vestíbulo, carregados de urbanidade nos seus fatos ocidentais, perfeitamente alerta mesmo àquela hora da madrugada. Tinham tomado o pequeno-almoço ao meio-dia, comido um almoço leve às quatro, seguido de um jantar num clube privado às dez. Agora iam queimar o resto da noite a jogar às cartas e a falar de negócios no bar.

Jean-Paul, que sabia bem quem era a mão que lhe barrava manteiga no pão – aqueles tipos davam generosas gorjetas –, emergiu de detrás do balcão e polidamente conduziu os cavalheiros na direção do Bar da Biblioteca, uma antessala do bar principal, onde não seriam incomodados pela grande animação dos convidados do casamento.

Cleo ficou de novo sozinha na enorme receção, coisa que detestava, pois concedia-lhe tempo para pensar. Ao longo do mês desde que saíra intempestivamente de casa com os seus pertences tivera

demasiado tempo para pensar, para se interrogar se a venda do hotel já fora realizada, para onde iriam os pais e se algum deles sentia a falta dela?

A mãe de Trish pô-la a par da maioria das novidades. Por intermédio do serviço de informações, ao estilo da Interpol, que operava em Carrickwell, a mãe de Trish descobrira que o hotel fora de facto vendido, mas que os Malin ainda não se tinham mudado de lá. Falava-se que Harry e Sheila comprariam uma pequena casa na Bretanha. Ninguém referira se os Malin tinham saudades de Cleo ou não, e Cleo era demasiado orgulhosa para perguntar.

Ainda acreditava veementemente que não fizera nada de errado: a sua família é que agira mal. Tal facto deixara bem claro à mãe uma semana depois de ter saído de casa, quando Sheila lhe telefonara a perguntar quando é que planeava ganhar juízo e voltar à realidade.

– Esta briga palerma já dura há demasiado tempo, Cleo – argumentara a mãe firmemente. – Já não és uma criança. Volta para casa e pede desculpa para podermos pôr isto para trás das costas.

– Eu! Pedir desculpa! – Cleo ficara entusiasmada ao ver o número da mãe surgir no ecrã do seu telemóvel, mas achara com toda a certeza que a mãe planeava pedir-lhe desculpa em nome do resto da família. – Não fiz nada de errado, mãe – argumentou, sentindo os olhos encherem-se de lágrimas. – Toda a gente me disse coisas horríveis e eu sinto-me tão posta de lado, tão magoada... – O pai fora quem a magoara mais. Sabia o quanto a filha o idolatrava. Porque nem se dera ao trabalho de lhe telefonar? Porque não queria sequer falar com ela?

– Oh, Cleo, por amor de Deus...

Foi a impaciência na voz costumeiramente terna da mãe que estragou tudo: o génio de Cleo veio de novo ao de cima.

– Vocês são a minha única família e amo-vos a todos – afirmou Cleo com ferocidade –, mas já não sou uma criança e recuso-me a ser tratada como se fosse. Merecia ter sido envolvida no futuro da minha casa. Até que alguém me peça desculpa por me ter mantido de fora, não vejo como posso voltar para casa.

– Faz então como quiseses – respondera a mãe num tom pesaroso. – Adeus.

Cleo tinha a certeza que a razão estava do seu lado, que cabia ao seu pai, mãe e irmãos virem ter com ela para pedirem desculpa. Até que tal acontecesse, era uma Malin apenas de nome.

Não fora o seu nome que lhe conseguira o cobiçado emprego temporário no prestigiado McArthur's. Havia sido as referências do *château* francês e os seus resultados universitários. O McArthur's era a última palavra em luxo e elegância e orgulhava-se de combinar o estilo de um hotel de charme com o de um grande hotel, o que significava que uma *club sandwich* podia ser vendida no restaurante ao mesmo preço de um quarto num motel de beira de estrada. O hotel funcionava com a precisão de um relógio suíço e a privacidade dos clientes era assegurada ao estilo de outra grande indústria suíça, a banca. Razão pela qual era o hotel de eleição de estrelas de *rock*, estrelas de cinema e dos fabulosamente ricos.

– Não é melhor estar a trabalhar em Dublin do que nas berças? – não parava Trish de dizer, sabendo o quanto Cleo continuava aborrecida e tentando consolá-la. – Pensa na quantidade de homens que poderás conhecer, estrelas de cinema, bandas de música, pessoal da televisão. Será espetacular.

– Não é às duas da manhã que se conhece gente famosa e abastada – fez notar Cleo. – Bom, na verdade, até é possível, mas se estiverem a acabar de chegar, não estarão interessados em mim, mas ansiosos por se enfiarem na cama a descansar.

– Um trabalho temporário é um passo para um emprego a tempo inteiro – realçou Trish encorajadoramente.

– É verdade – concordou Cleo, tentando soar entusiástica. Trabalho temporário implicava mais turnos e Cleo decidira que detestava trabalhar por turnos. A monotonia era de embotar o cérebro, as horas arrastavam-se, o tempo parecia não passar. Às três da manhã estava um caco e apenas umas latas de *Coca-Cola* a conseguiam manter animada. Por volta das sete da manhã, quando picava o ponto e estava por fim livre para ir para casa dormir, havia já inevitavelmente passado à fase de exaustão e sabia que daria voltas e mais voltas na cama até conseguir umas poucas e intermitentes horas de sono, cheias de pesadelos.

Estava entretanto em casa de Trish, que também não era o local ideal para dormir durante o dia. O edifício ficava mesmo junto à linha de comboio e os pesadelos de Cleo eram muitas vezes pontuados pelo ensurdecedor troar do expresso de Belfast passando a grande velocidade.

Não era o facto de não dormir por si só que a incomodava, embora fosse difícil ir trabalhar todas as noites apenas com um par de horas de sono, mas é que acordada, às voltas na cama, a sua cabeça funcionava quase como uma televisão, mostrando constantes reposições da discussão e de como toda a gente poderia ter agido. Se, ao menos, o pai tivesse dito isto ou feito aquilo, repetia vezes sem conta a banda sonora daquele filme.

– Esquece. Eles também hão de esquecer e daqui a uns anos já ninguém se lembrará qual o motivo de tanto alarido – aventou Trish. – As pessoas desiludem-nos, Cleo. É assim mesmo. Tens de aceitá-lo e seguir em frente.

Só que Cleo não era como Trish e não acreditava que conseguisse seguir em frente. A família era importante para ela. Aventurar-se e explorar o mundo era possível quando o Willow e todos os Malin haviam estado lá, em pano de fundo, como almofada de segurança. Sem eles, o mundo era mais assustador. E sentir que todos a haviam dececionado era ainda pior. Independentemente do que Trish dizia, era suposto a família ser o nosso apoio. Os homens podiam desiludir-nos, mas não a nossa própria mãe e pai. Era um pensamento de que Cleo não conseguia afastar-se.

Paige, uma atraente rapariga de rabo-de-cavalo do Mississípi que fazia um turno repartido para cobrir os *check-outs* ao raiar da aurora, chegou à receção às cinco da manhã, bocejando e carregando dois *lattes* e dois jornais matutinos surripiados a Jean-Paul.

– Para ti é sem açúcar, certo?

– Obrigada. – Extremamente grata, Cleo aceitou o café.

Paige, que parecia bastante fresca apesar da hora, sentou-se e folheou um jornal.

– Como é?

Cleo relatou as ocorrências daquela noite:

– ... Portanto, por uma unha negra, o Luigi lá conseguiu que os convidados do casamento Smith O'Hara fossem para a cama antes que fosse derramado sangue. Ah, e o Vincent está com um sorriso de orelha a orelha porque recebeu uma gorjeta de quinhentos dos tipos da América do Sul que estão no último piso – terminou ela.

– Alguém levou um chuto no rabo? – perguntou Paige.

Todos os hotéis faziam reservas a mais. Tradicionalmente, o trabalho de um gerente envolvia um delicado e contínuo jogo de equilibrismo para assegurar uma ocupação de cem por cento todas as noites. Devido aos inevitáveis cancelamentos, havia muitas vezes quartos vagos, portanto, permitiam-se reservas a mais para cobrir estas desistências. Quando 1004 hóspedes apareciam para

1000 quartos, alguém levava com os pés. De uma forma geral, era o homem de negócios solitário que aparecia à noite, já bastante tarde.

– Sim, umas duas pessoas que chegaram tarde. – Cleo apontou para o monitor. – Mandámo-los para o BeauRegard. O Greg júnior ainda aqui estava e foi um amor. Um tipo acabara de chegar de Londres e ficou extremamente aborrecido ao perceber que não tinha quarto e o Greg ajudou-me.

Greg júnior, em conjunto com o pai, Greg sénior, os dois *concièrges*, eram quem realmente geria o McArthur's, segundo quem sabia. O gerente do hotel podia não saber que importante homem de negócios tinha prostitutas no quarto à noite ou que abastada senhora tentara aliciar o espantado criado do serviço de quartos que lhe fora entregar o festim noturno de champanhe e caviar. Mas os Gregs sabiam. A partir da sua ilusoriamente pequena secretária à esquerda das imponentes portas giratórias que davam para o vestíbulo, eram eles quem sentia o pulso de todo o hotel.

– O Greg júnior é bem giro, não é? – comentou Paige.

Cleo pensou em Greg, um rapaz de corpo atlético e bem-falante.

– É muito simpático, mas não faz o meu género.

O género de Cleo era alto, moreno e com tendência para rufia. Estranhamente, perturbadoras recordações de um homem alto, moreno, de cabelo muito curto, vieram-lhe à cabeça naquele momento.

Paige bebeu o café e bocejou mais uma vez.

– Mais cinco minutos e mãos ao trabalho – declarou ela, estendendo o primeiro jornal a Cleo e pegando no segundo. Começou a folheá-lo à pressa. – Este, *sim*, é o meu género – observou num tom sonhador chegando à entediante secção de negócios. – Tyler Roth. – Paige fez girar o seu rabo-de-cavalo louro. – Cara deslumbrante e corpo de cair para o lado.

– Deixa ver. – Cleo inclinou-se por cima de Paige para dar uma vista de olhos. Na página aberta, sorrindo com o ar de quem acabara de ser colocado em segundo lugar na corrida para o trono do Brunei, estava a imagem do homem que assombrara os seus sonhos desde aquele malfadado serão em Carrickwell. Mr. Macho Alfa, que a ajudara a levantar-se do chão, a insultara e desaparecera.

– Olha, olha... – comentou Cleo.

– Que foi?

– Oh, nada. – Cleo observou a fotografia durante mais uns segundos. Tyler Roth fora fotografado junto à obra de um hotel novo, e enorme. Tinha o cabelo cortado bem rente à cabeça, o que lhe dava um ar vagamente perigoso. Apesar do elegante fato, gravata de seda e aparência de sofisticação, aquele homem era um lobo em pele de cordeiro.

– O tipo é uma conta bancária ambulante – disse Paige. – O pai dele gere os hotéis Roth e ele é quem trata das novas aquisições. – Passou a ponta da unha pintada de cor de rosa pelo texto. – Aqui chamam-lhe um dos executivos mais sensuais do país. «Duro, intransigente, ambicioso e alegadamente impiedoso, este ramo da árvore Roth não renega as suas origens.» Dizem que ele anda à procura de hotéis ou de terrenos para hotéis por estas bandas.

Tyler Roth dos Hotéis Roth. «Que irónico», pensou Cleo. E agora que sabia o nome dele, podia encontrá-lo pois ficara com umas coisinhas engasgadas na garganta para lhe dizer e ele iria ouvi-las, de uma forma ou de outra.

Paige fechou o jornal, compôs o uniforme e o cabelo e avançou para o seu monitor.

– Eu trabalharia para ele num abrir e fechar de olhos. Se uma pessoa fisesse um tipo como ele, nunca mais teria de trabalhar um dia sequer na vida.

Cleo sentiu uma momentânea irritação. Porque haveria uma mulher inteligente e bonita como Paige considerar casar com um tipo rico como opção de carreira? Porque não via que fazer a sua própria fortuna a partir da sua própria carreira era bem mais satisfatório? Era isso que Cleo planeava fazer. Se construísse o seu próprio império, ninguém lho poderia tirar. Ninguém.

Toda a gente sabia qualquer coisa acerca de Tyler Roth.

Greg sénior trabalhara no primeiro Hotel Roth há mais de vinte anos.

– O Manhattan Roth – suspirou ele quando Cleo lhe extraiu informações como quem não queria a coisa. – Isso sim era um hotel. Todas as grandes estrelas lá ficavam. O restaurante Roth Grill era o máximo na altura. Toda a gente queria ir. Tyler era então uma criança, o mais novo da ninhada. Filho do segundo casamento de Levi. Havia ainda duas irmãs mais velhas, umas beldades e umas verdadeiras princesas, se é que me entende. – Cleo assentiu com a cabeça. – O papá dava-lhes tudo. Uma delas enveredou pela música e a outra penso que pela moda, como modelo, mas nada de muito badalado. Era apenas um entretenimento até outra coisa qualquer lhe chamar a atenção. Não como o Tyler. – Greg sénior esboçou um sorriso que era ao mesmo tempo uma careta. – Esperto como um alho, aquele miúdo. Se for tão bom como o pai, não haverá quem o pare.

Wendy, chefe da equipa de limpeza, contou que conhecera Levi há muitos anos, quando fizera formação para o cargo, e que era um homem duro, mas justo. Tyler era igual, pelo menos segundo uma velha amiga dela que trabalhara em vários dos hotéis da cadeia Roth.

Ruby Jack, o gerente do bar do hotel, trabalhara no Roth de Nova Orleães.

– Tyler? Claro que o conheço. – Arqueou as sobrancelhas. – É um íman de mulheres, aquele rapaz. Tinha duas ao mesmo tempo quando o conheci e, na altura, tinha apenas dezoito anos.

– É mesmo? – Pelo que ouvia, Cleo gostava cada vez menos de Tyler Roth. Parecia-lhe ser um tipo arrogante que achava que a fortuna do pai significava que podia avançar pela vida magoando as pessoas como bem lhe aprouvesse.

– Elas sabiam uma da outra, entendes? – acrescentou Ruby. – As namoradas dele. Mas não se importavam.

Mais mulheres desmioladas que eram capazes de suportar tudo por um homem rico. Tal como Paige. Seria que as raparigas modernas não tinham qualquer noção de valor pessoal?

Com tantas pessoas a conhecer a história dos Roth devido ao interesse muito público do grupo em fazer crescer a cadeia na Irlanda, não foi precisa muita habilidade para descobrir que, quando Tyler Roth vinha a Dublin, ficava no McArthur's. «Onde mais?», pensou Cleo com azedume. Bom, estaria preparada para ele. Sem dúvida que teria um quarto reservado com grande antecedência e assegurar-se-ia de que estaria de serviço quando ele chegasse. Ao certo o que iria fazer para se vingar, ainda não sabia. Mas pensaria nisso.

Como previra, não teve de esperar muito tempo. Corria a notícia que os Roth estavam interessados num local nos arredores de Galway e o terreno ia ser leiloado no final da semana. Tyler e a sua equipa ficariam no McArthur's cinco dias. Cleo só precisava de trocar de turnos com alguém.

Geena, uma esbelta rapariga do condado de Clare que falava quatro línguas e trabalhava na receção durante o dia, colocara um bilhete no quadro de avisos a suplicar a alguém que trocasse o turno com ela para que pudesse desfrutar de um fim de semana prolongado com o namorado em Paris. Esta última parte não constava do bilhete, é claro. A gerência não gostava muito de trocas de turnos e apenas em casos de extrema necessidade é que se viam bilhetes apensos no quadro a sugerir trocas

de turnos. Um batismo era a razão oficial de Geena.

– Eu troco contigo nesse fim de semana – ofereceu Cleo. – Dá-me jeito o dinheiro.

– Eu adoraria – respondeu Geena num tom pesaroso –, mas não vai dar. Tenho de voltar ao trabalho na terça-feira de manhã, por isso, não posso fazer o turno do dia toda a semana e o da noite também. O pessoal da noite nunca pode trocar com o de dia. Mas é muito simpático da tua parte ofereceres-te.

– Mas eu não preciso que faças os meus turnos – insistiu Cleo. – Estou de folga no fim de semana, por isso posso fazer o teu turno, terminar na segunda-feira ao fim do dia e regressar na terça à noite para o meu turno.

– Mas vais ficar estourada – disse Geena.

– Eu cá me arranjo – respondeu Cleo. Valeria bem a pena só para ficar quite com Tyler Roth.

Tyler Roth chegou ao McArthur's na sexta-feira à tarde e Cleo estava na receção, aprumada e preparada. Não sabia ao certo se ela a reconheceria. Era pouco provável. O incidente em Carrickwell fora fugaz e à noite.

Tyler vinha acompanhado de outro homem. «Viajaria alguma vez sozinho», interrogou-se Cleo acremente, «ou traria sempre um guarda-costas?»

– Duas reservas em nome de McKenzie e Roth – disse o outro homem, bem-parecido e alto, mas demasiado comum e pálido ao lado do exotismo e tom moreno de Tyler Roth.

Tyler não estava a olhar para o balcão da receção ou para Cleo. Estava ao telemóvel, calado, apenas a ouvir, com uma estranha quietude, como se estivesse totalmente concentrado no que a pessoa do outro lado da linha estava a dizer.

– Bem-vindo ao McArthur's – cumprimentou Cleo, esforçando-se ao máximo por imitar a expressão só-me-dignarei-a-sorrir-se-for-o-Brad-Pitt de Tamara, a irmã de Sondra. – Deixe-me só confirmar as reservas. – Habilmente operou o ecrã táctil, encontrou os nomes deles, deu a Mr. Larry McKenzie um cartão para preencher e fez o *check-in* dele no ecrã. Colocou um segundo cartão para Tyler em cima do balcão.

– Eu preencho este também – afirmou Larry, agarrando nele.

– Ele terá de o assinar – disse Cleo. A sua carrancuda tromba de Tamara desvaneceu-se. Tinha de sorrir, estava-lhe na massa do sangue.

Larry presenteou-a com um radiante sorriso em troca. «Isto não fazia parte do plano», pensou Cleo. Sabia que exagerara no seu ar de menina irlandesa, com os minúsculos brincos de ouro de *claddagh* e o *eyeliner* cor de caqui da *Mac* que realçava o verde nos seus olhos amendoados.

– Tyler – chamou Larry, vendo que ele estava a guardar o telemóvel.

Tyler Roth girou suavemente sobre os calcanhares dos seus sapatos de couro italiano e, quando os olhos escuros dele se cruzaram com os de Cleo, ela pensou, por uma fração de segundo, que ele estava a tentar localizá-la, mas o momento passou. Estendeu a mão para que Larry lhe desse a caneta, apenas um homem de negócios a fazer o *check-in* num hotel. Porque haveria ele de se recordar dela? Insultara-a na sua cidade natal frente a testemunhas, mais nada. Quem se lembraria de semelhante coisa? Cleo ferveu de raiva perante a injustiça de tudo aquilo.

– Obrigado.

A caligrafia dele era elaborada, com enormes altos e baixos, como o contorno de uma cadeia montanhosa. Cleo vira um programa na televisão em que peritos em caligrafia analisavam as

personalidades das pessoas com base nas suas assinaturas. Elaborada, com picos extremos significava egotista, ingrato e maníaco pelo poder, não era?

Ele segurou a caneta por um momento, como se se preparasse para a guardar automaticamente no bolso, mas depois pareceu aperceber-se de que não era dele e pousou-a. Ela arrebatou-a de volta.

– Obrigado, Cleo – agradeceu ele, olhando fixa e claramente para a placa dourada com o nome dela. Cleo sentiu-se de repente demasiado consciente da curva dos seus seios por trás da placa.

– Obrigada, Mister Roth. Bem-vindo ao McArthur's – acolheu-o ela, tentando realizar de novo o difícil truque de sorrir e enviar vibrações gélidas ao mesmo tempo.

– Tenho a certeza de que desfrutaremos da nossa estada – disse ele com um olhar sabedor que deixou Cleo bem certa de que ele, afinal de contas, se recordava dela. – Mande entregar as malas nos nossos quartos, por favor – acrescentou ele.

Cleo conseguiu de alguma forma controlar o impulso de dizer: «Oh, quer as malas no *seu* quarto? Ufa, ainda bem que me disse. Tinha planeado mandá-las para o Four Seasons.» Tinha a certeza que comentários mordazes constituíam motivo para despedimento com justa causa.

– Com certeza, Mister Roth. Boa estada. E para o senhor também, Mister McKenzie – acrescentou, interrompendo o envio de sinelos e deslumbrando o pobre Larry McKenzie com um dos sorrisos que eram a sua imagem de marca.

Se Mr. McKenzie ficou surpreendido com esta súbita mudança de temperatura, nada disse, embora tenha olhado de relance para Tyler. Provavelmente, estava habituado a que as mulheres se comportassem de forma invulgar perto do seu patrão, pensou Cleo de mau humor. As mulheres deviam ansiar para que um pouco da magia Roth – e do dinheiro – passasse para elas. Mas não *esta* mulher. Nem pensar. Tyler encontrara ali alguém à sua altura.

Teve de esperar até à noite para o voltar a ver. Estava de serviço com Eric, pacientemente a atender uma hóspede com uma certa idade que parecia ter perdido a chave do quarto.

Tyler entrou pela porta da frente e olhou automaticamente na direção de Cleo. Ela desviou de imediato o olhar para o ecrã e tinha já o seu sorriso de rececionista pronto quando ele se aproximou.

– Voltamos a encontrar-nos – disse ele, os seus olhos escuros avaliando-a. O sotaque dele era bastante neutro, reparou ela. Não era nitidamente de Nova Iorque, mas o sotaque mais suave de alguém que cresceu a viajar pelo mundo e consegue captar e reproduzir os dialetos de outros países com facilidade. O artigo do jornal que Paige lhe lera estava certo: ele tinha de facto um ar impiedoso. Como se conseguisse sempre o que queria.

– Boa noite, Mister Roth. Posso fazer alguma coisa por si? O quarto é do seu agrado? Oh, perdão, a suíte. – Um pouco de sarcasmo nunca era um desperdício. – Toda a gente adora a *penthouse*. Imenso espaço, janelas enormes, embora seja uma viagem grande até ao chão. – O sorriso dela era sincero.

– Nesse caso, terei de me assegurar de que não vou para o terraço depois de ter bebido demasiado – devolveu ele num tom malicioso.

O ar calmo de Cleo abandonou-a e os seus olhos endureceram, transformando-se em duas esmeraldas. Ele recordara-se da primeira vez que se haviam conhecido.

– Eu sabia que era você – disse Tyler, assentando um cotovelo no balcão e inclinando-se demasiado para ela. Cleo conseguia sentir o cheiro do perfume dele e ver a sombra da sua barba. Ele era deveras perturbador de perto. Demasiado carisma e poder num só pacote. Cleo recuou

instintivamente. Deu-se conta de que Eric, que acabara de atender a senhora idosa, estava a observar a pequena alteração com interesse.

– Seria capaz de reconhecer esses olhos em qualquer lado – continuou Tyler. – Qual era a figura feminina mítica capaz de matar um homem com um só olhar? A Hidra? Medusa?

– Cleo – brincou Eric.

Cleo lançou-lhe um olhar que, se não capaz de matar, passível certamente de obrigar o seu recipiente a deitar-se por um tempo. Eric ficou de repente muito interessado no monitor do seu computador.

– E o seu sorriso – prosseguiu Tyler, ignorando Eric.

– Que sorriso? – barafustou Cleo, toda a falsa aparência desvanecida.

– Aquele que faz quando não está consciente de que alguém está a olhar para si, quando está a ser simpática, em vez de uma agente da Gestapo – respondeu Tyler melifluamente. – Não o sorriso de plástico, o verdadeiro. Há quanto tempo trabalha no McArthur's? – inquiriu ele. – Tenho ficado aqui bastantes vezes nos últimos tempos e teria reparado em si. Definitivamente.

– Aquela história da despedida-de-solteira-barra-lap-dancing não resultou – devolveu ela com diligência, determinada a chocá-lo. – Não se ganhava tanto dinheiro quanto eu gostaria. E as pessoas, os homens, na verdade, ficam sempre com a ideia errada acerca de mim. É engraçado, quando usamos, por exemplo, uma fantasia de coelhinha, toda a gente fica a achar que somos fáceis. Não fazem qualquer ideia do tipo de pessoa que somos, mas tiram logo conclusões apressadas. Soa-lhe familiar?

Irritante era o facto de Tyler não parecer sequer incomodado com os comentários azedos dela. Cleo estava consciente de que ele a mirava sem pressa, avaliando-a, admirando-a.

Dava-se também conta de que Eric os escutava avidamente e de que Greg sénior observava a cena com interesse da secretária de *concièrge* ao lado da porta.

Chegou felizmente outro hóspede e começou a tratar de um *check-out* tardio com Eric.

– Mister Roth, posso fazer alguma coisa para o ajudar? – perguntou Cleo, de novo a rececionista perfeita.

– Tomar uma bebida comigo?

– Não nos é permitido confraternizar com os hóspedes – informou-o Cleo num tom amável. – O mesmo se passa no negócio do *lap-dancing*. A gerência tem uma opinião determinada em relação a esse ponto.

– Então, sempre confraternizava com alguns dos clientes no clube de *lap-dancing*? – perguntou Tyler num tom inocente.

– Apenas com os mais sebosos – devolveu ela. – Com os que me insultavam, na verdade. Adoro homens que me insultam. É de facto a melhor maneira de conquistar o coração de uma rapariga, não sabia?

– Ah, estou a entender – disse ele.

– Ótimo, porque é a única coisa que receberá de mim – insurgiu-se Cleo.

– Poderei ter tirado conclusões demasiado apressadas na altura – declarou Tyler.

– É por isso que é um homem de negócios multimilionário, Mister Roth, não é verdade? Não tem nada a ver com o facto de ter nascido no seio de um lucrativo negócio de família, mas antes com a sua infalível capacidade de disparar primeiro e fazer perguntas depois. Sabe o que se diz da presunção... que, tal como a água benta, cada um toma a que quer.

Eric, ainda a escutar a conversa, estava de boca aberta – tal como o hóspede que ele atendia –, mas Cleo já não queria saber.

– Se não tivesse feito uma presunção tão apressada, ter-me-ia poupado a humilhação de ser insultada por um estranho na minha cidade natal e com uma multidão fascinada a observar!

– Temos uma bela multidão a observar-nos agora – observou Tyler com um sorriso, obviamente divertido com a troca de palavras. – Risque as bebidas. Vamos antes jantar. Levo-a a jantar e compenso-a. Lamento muito.

– Devia ter pedido desculpas na altura – reclamou ela furiosamente. – Obrigou-me a fazer figura de idiota. Não sei em que berças é que o senhor foi criado, mas em Carrickwell os homens não insultam mulheres na rua. Uma... – deteve-se, não querendo que a audiência escutasse uma repetição do que ele dissera. Uma despedida de solteira com álcool a mais, pois sim! – E eu não janto com homens desconhecidos.

– Pequeno-almoço? Toma o café com natas?

Foi nesse preciso momento que Greg sénior decidiu vaguear até lá. O seu percurso pelo vestíbulo parecia fortuito, sem rumo, mas era na verdade tão premeditado quanto a rota de um avião.

– Ah, Greg – disse Cleo, a imagem perfeita do charme –, precisamente o homem que eu procurava. Mister Roth tem um pedido invulgar, com o qual nem eu nem o resto dos funcionários o podemos ajudar. Mister Roth deseja informações sobre... – baixou o tom de voz – uma loja para homens com necessidades especiais. – Baixou a voz ainda mais. – Para quando um homem quer explorar o seu lado feminino. Com roupa. Roupa de mulher.

Honra fosse feita a Greg, nem sequer pestanejou. Nem tão-pouco Tyler, na verdade.

– Se não for muita maçada vir até à minha secretária, Mister Roth, já veremos o que podemos fazer – disse Greg expansivamente, como se se preparassem para uma conversa muito masculina acerca dos méritos dos charutos *Montecristo versus os Romeo y Julieta*.

Tyler lançou a Cleo um último olhar, que ela devolveu com um sorriso verdadeiramente triunfante, como que desafiando-o a metê-la em sarilhos.

– É uma questão delicada – disse Tyler para Greg. – Há um amigo que vem ter comigo e ele tem algum interesse por esse tipo de lojas.

– Um amigo – repetiu Greg, acenando com a cabeça. – Com certeza, com certeza. Ficaria espantado com o que aqui fazemos pelos amigos.

O turno de Cleo começou às sete da manhã seguinte. Estava cansada porque o seu sono fora ensombrado por perturbadoras imagens dela mesma e de outro corpo – masculino, musculado, elegante, com cabelo muito curto e olhos muito escuros – enrolados numa cama. Quando acordou, às quatro da manhã, não conseguiu voltar a adormecer, ficando às voltas até às cinco e meia, hora a que o despertador lhe ordenou que se levantasse.

Dormindo profundamente no outro lado da cama, Trish nem se mexia quando Cleo empurrava os cobertores para trás. Cleo sabia que teria em breve de arranjar um sítio onde morar. Não podia continuar a partilhar o já atravancado quarto de Trish, embora esta não se cansasse de dizer que era bom ter Cleo ali. Era como se fossem de novo miúdas, dormindo na casa uma da outra, argumentava ela. Tinham já pensado em arranjar um apartamento só para as duas, mas haviam-se dado conta de que não ganhavam o suficiente para isso.

A receção estava atarefada, com muita gente a fazer o *check-out* àquela hora. Havia quatro

rececionistas ao balcão e Tyler juntou-se à fila frente a Cleo. Ao fim de dez minutos a sentir o olhar dele no seu rosto cansado, restava-lhe apenas atender uma pessoa antes de ter de lidar com ele.

Norah, a rececionista ao lado de Cleo, acabou de atender o seu último hóspede e ficou livre.

– Posso ajudá-lo? – ofereceu ela, sorrindo de orelha a orelha para Tyler.

Ele abanou a cabeça e lançou a Norah um sorriso absolutamente fatal, daqueles que garantidamente fazem uma mulher estremecer da cabeça aos pés e sentir uma fraqueza súbita nos joelhos, por mais cedo que seja.

– Não, obrigado, preciso de falar com a Cleo.

Norah girou lentamente na direção de Cleo com um sorriso matreiro, como quem dizia, «sim, senhora!». Com a desculpa de necessitar do agrafador de Cleo, uns segundos depois, aproximou-se da colega e sussurrou:

– Que andas tu a tramar com aquele belo cavalheiro?

Tyler estava a observar ambas com um sorriso dengoso.

Cleo começou a ficar encarnada de raiva dos pés à raiz dos cabelos.

– O tipo já me está a irritar! – sibilou para Norah.

– A mim pode-me irritar o quanto ele quiser – suspirou Norah numa voz rouca, numa credível imitação de Mae West.

– Sim, isto parece-me estar bem – disse o homem de ar incomodado que Cleo devia estar a atender em vez de a prestar atenção à colega e a Tyler. Assinou a conta antes de partir.

Tyler avançou então sem pressas e aduladoramente.

– Posso ajudá-lo? – inquiriu Cleo. – Veio fazer o *check-out*?

– Não – respondeu ele. – Queria fazer-lhe uma pergunta acerca de uma coisa que pedi e ainda não me foi entregue. Estou um pouco surpreendido, devo confessar. Um hotel deste calibre deveria garantir a satisfação das necessidades dos seus hóspedes.

– Qual foi então o problema? – perguntou Cleo, numa atitude profissional, interrogando-se onde é que o hotel falhara.

– Eu queria uma garrafa de champanhe para partilhar com uma pessoa especial e o minibar não tem a marca da minha eleição. Pior ainda, a pessoa especial do hotel nunca chegou. – Sorriu com intenção para Cleo. A insinuação era óbvia.

Norah tinha de novo um cliente para atender, um senhor de idade elegantemente vestido com um conjunto de malas de couro trabalhadas à mão e modos encantadores. Olhou para Cleo e sorriu.

Cleo sentiu uma onda de irritação.

– Bom – começou –, o senhor poderá contactar o bar em relação ao champanhe. Oferecemos a maioria das marcas aqui e estou certa de que, se não tivermos a sua preferida na garrafeira, trataremos de arranjar. Contudo, de uma forma geral, o hotel não trata de acompanhantes para os hóspedes. A classificação de cinco estrelas não comporta esse tipo de serviço, embora isso talvez até aconteça na cadeia de hotéis Roth.

Norah conteve uma risada e o cavalheiro idoso riu sem problema.

– Parece-me que a senhora está a repreendê-lo, meu rapaz – fez ele notar a Tyler.

– Não me canso de o repelir, mas ele simplesmente não entende a indireta – referiu Cleo. – Não é lá muito inteligente.

– Ora, não pode censurar um homem por tentar – argumentou o cavalheiro. – E ele a mim parece-me bastante inteligente.

– Ela está a fazer-se difícil – explicou Tyler, ignorando Cleo e virando-se para o outro homem. – Vá-se lá entender as mulheres!

– A minha segunda mulher fazia o mesmo – disse o idoso com um franzir de testa pensativo. – Não, espere, era a minha terceira mulher.

– E a atual Mistress... – Norah olhou para o monitor para confirmar antes de lhe lançar um deslumbrante – Mistress Lewis?

– Não existe uma atual Mistress Lewis – respondeu Mr. Lewis com um sorriso. – Quatro esposas são o suficiente para qualquer homem.

– Quatro?

– Quatro. O número do azar para alguns.

– O treze é o número do azar para alguns – comentou Norah esperançosamente. O cavalheiro era muito encantador.

– Para mim, foi o quatro – disse Mr. Lewis com secura. – Boa sorte com ela – desejou, acenando com a cabeça para Tyler. – Aceite o meu conselho e assegure-se de que ela assina um acordo pré-nupcial antes de dar o sim. Sem ofensa, minha querida – acrescentou para Cleo.

Cleo explodiu.

– Desprezo qualquer mulher que tenta levar o marido à falência quando se separam – declarou ela, ultrajada. – Sempre ganhei o meu sustento e isso não mudaria só por causa de um divórcio. Seja como for, a questão aqui nem é essa. Não suporto este homem. – Dardejou Tyler com o olhar.

– Não me suporta – concordou Tyler. – Sou o homem mais irritante que ela alguma vez conheceu, mas isso é um começo, porque quer dizer que já houve uma faísca. Que tipo de divertimento se pode ter com uma mulher que fica a olhar embasbacada para nós? A Cleo e eu podíamos divertir-nos à grande juntos.

A forma como ele disse «divertir-nos à grande» fez a pulsação de Cleo subir de imediato.

– Isso agora já me parece a minha segunda mulher – admoestou Mr. Lewis. – As faíscas entre homem e mulher são uma coisa muito sensual, mas perigosa. Embora – refletiu ele – eu ainda a ame. Ela deixou-me. Eu devia telefonar-lhe.

– Faça isso mesmo – aconselhou Tyler. Passou o braço por cima do balcão, o que para ele era fácil por ser tão alto, e roçou deliberada e gentilmente a mão contra a de Cleo antes de recuar. Não lhe tocava desde aquela terrível noite em Carrickwell em que a ajudara a levantar-se do chão e Cleo sentiu a faísca de que ele falava penetrá-la. Deu um pulo para trás.

– Jantamos? Venho buscá-la às sete. Conheço um sítio ótimo onde podemos ir – afirmou Tyler, os seus olhos escuros cravados nos dela.

– O meu turno termina às sete – cedeu ela, determinada a não perder a calma. – E não saio com a roupa do trabalho. Venho buscá-lo aqui às oito e meia e levo-o a um sítio de que gosto muito. Certo?

– Autoritária – suspirou Mr. Lewis. – Mulher número quatro.

– Eu gosto de mulheres autoritárias – disse Tyler com um esgar. – É divertido domá-las. – E partiu, soprando um beijo a Cleo enquanto se afastava.

– Ainda só são sete e meia da manhã e tu já conseguiste um encontro para logo à noite – suspirou Norah.

– Ela é bem bonita – disse Mr. Lewis, admirando Cleo. – Aquele rapaz é Tyler Roth. É o que a minha mãe teria apelidado de «bom partido».

– Não é um partido que eu pretenda caçar – devolveu Cleo, ainda ofendida com o comentário

acerca do acordo pré-nupcial.

– Está bom de ver – concordou Mr. Lewis. – É o tipo de homem que não estaria interessado em si se a menina pretendesse.

«Se ele soubesse», pensou Cleo. Não queria um encontro com Mr. Herdeiro dos Milhões dos Roth por ele ser quem era; queria um encontro para poder humilhá-lo da mesma forma que ele a humilhara. Então, sim, ficaria satisfeita.

– Juraria que gostas dele, pela tua preocupação em relação ao que vais vestir para este encontro – resmungou Trish ao sentar-se no chão do quarto que partilhavam. A cama estava coberta com toda a roupa de Cleo, a maior parte da de Trish, e algumas peças de Diane, que também partilhava a casa e que tinha um excelente olho quando se tratava de peças *vintage*.

– Claro que não gosto dele – indignou-se Cleo. – Não sejas palerma. E não é um encontro.

Virou-se de lado para tentar ver a saia de renda preta de Diane ao espelho de um ângulo diferente. Diane dissera que normalmente a usava com um *top* rosa-pastel de decote redondo, porém, Cleo não estava certa de que o cor de rosa fosse a sua cor. E com as pernas compridas que tinha, a saia ficava-lhe mais curta do que a Diane, mesmo acima dos joelhos.

– Não sei, em relação à saia, e não achas o *top* demasiado decotado? – perguntou, puxando pelo decote e considerando o efeito que o seu peito generoso tinha sobre ele.

– Demasiado decotado? Muito pouco, se queres saber a minha opinião – disse Trish. – Não vais querer ter o aspeto de que acabaste de sair do autocarro vindo detrás dos montes.

– Também não quero parecer uma completa galdéria – observou Cleo, meneando-se mais um pouco frente ao espelho. – Isso já foi o que ele pensou da primeira vez.

– Oh, não comeces de novo com isso – resmungou Trish. Este era um pequeno ponto de discórdia entre elas. Fora Trish que, ao estar tão embriagada, fizera com que as amigas fossem metidas no mesmo saco. – A culpa não foi minha. Eu estava apenas a comemorar. E, seja como for, que importa?

– Eu importo-me – fez notar Cleo. – Não me parece que seja uma boa mensagem para as mulheres passarem ao mundo: a de que nos embriagamos de tal maneira que caímos à porta de discotecas e perdemos a noção do que é digno. – E seguramente que não era a mensagem que se queria transmitir a homens bem-parecidos que, em circunstâncias diferentes, gostaríamos de impressionar.

– Os homens fazem-no – contra-argumentou Trish –, porque não hão de as mulheres de o fazer também?

– Se eu tivesse noutro sítio qualquer que não Carrickwell... – disse Cleo. – As pessoas falam e a minha família ficaria mortificada ao imaginar que eu estivera perdida de bêbada, caída na sarjeta. Pensar em todas as alturas que eu e o meu pai tirámos pessoas perdidas de bêbadas do bar do hotel...

– Algum dos membros da tua preciosa família te telefonou para discutir o assunto? – perguntou Trish com acrimónia.

– Não. – Nenhum dos membros da família de Cleo lhe telefonara fosse por que motivo fosse. *Touché!* – Pazes?

– Pazes. Desculpa. O meu comentário foi mauzinho – desculpou-se Trish com um ar pesaroso.

– Não faz mal. E que dizes deste conjunto? – Cleo deu uma voltinha com a saia preta de renda e uma simples camisa branca.

– Elegante – comentou Trish. – Sinceramente, Cleo, qualquer pessoa que te estivesse a ver diria que estás apanhadinha por este tipo.

– Detesto-o – voltou a insistir Cleo.

– Então, porque vais sequer sair com ele?

Cleo fizera a mesma pergunta todo o dia a si própria.

– Vingança.

– Podias ter a tua vingança sem saíres com ele – realçou Trish. – Liga o televisor dele ao canal pornográfico durante horas sem fim e ao fazer o *check-out* terá a conta mais embaraçosa do planeta, deita laxante no pequeno-almoço dele, pede ao serviço de despertar para o acordar a cada quinze minutos a partir das três da manhã. Há centenas de coisas que poderias fazer – terminou ela com um ar convencido.

– Tens uma mente muito perversa – concluiu Cleo espantada.

– Obrigada – sorriu Trish.

– Isso é tudo demasiado covarde. – Cleo não gostava de cobardias. – Quando ele receber o que merece, quero que saiba que fui eu.

Quando entrou no McArthur's e viu Tyler sentado no vestíbulo, a cabeça morena inclinada diligentemente sobre a *Newsweek*, a sede de vingança que sentia fraquejou por momentos. Ele vestia calças escuras, uma camisola de lã que lhe moldava os poderosos ombros e estava a ser alvo de olhares babados por parte das raparigas da receção. Cleo decidiu que fora má ideia encontrar-se com ele ali, a central dos mexericos: o facto de irem sair juntos não tardaria a ser notícia.

Tyler levantou os olhos e fez um ar de quem estava genuinamente contente por vê-la, como se aquilo fosse um encontro normal. «Raios», pensou Cleo. Esta coisa de mentir era mais difícil do que ela antecipara.

– Está muito bonita – elogiou ele, pondo-se de pé. Inclinou-se e cumprimentou-a formalmente com um beijo na cara.

No seu trajo emprestado, com o cabelo solto em volta dos ombros e os olhos maquilhados em tons sedutores, Cleo sabia que estava no seu melhor.

– Obrigada – respondeu ela, como aconselhavam todos os artigos de revista sobre como aceitar elogios de forma graciosa. Dizer «Pedi a saia emprestada e o meu cabelo está assim cheio de volume porque se me acabou o amaciador», teria soado muito estúpido.

– Também está muito elegante – devolveu Cleo. Afinal de contas, era uma mulher moderna e não acreditava que os elogios devessem ser apenas coisa de homens. E a verdade é que ele estava de facto muito elegante.

– Obrigado – acenou ele com a cabeça, com um ar agradado. – Qual é o plano, Cleo?

Ficou um pouco surpreendida por isto porque antecipara uma verdadeira batalha sobre o que fariam e na verdade até ansiara bastante por isso. Talvez Tyler reservasse o seu lado impiedoso para questões de trabalho e negócios.

– O plano é não há plano – respondeu ela, muito embora houvesse. Passara todo o dia a elaborá-lo, o que a deixara assaz imprestável enquanto rececionista. – Vou levá-lo num passeio pelas zonas de Dublin que os turistas não veem – disse ela. – Não que haja alguma coisa de errado com os percursos turísticos, apenas não quero que fique com a ideia de que somos apenas velhos *geansais* tricotados e chapéus de lã.

– O que é um *geansai*? – Não ouvira bem.

– Gan... zi – elucidou-o ela. – Quer dizer camisola.

– Podes ensinar-me mais algumas palavras? – pediu ele entusiasmado.

Cleo sorriu. Tyler deixara definitivamente a sua faceta implacável no fato.

– É claro.

Caminharam pela cidade, desfrutando do ar morno de inícios de verão e conversando sem parar. Caminhar tornava mais fácil falar, descobriu Cleo. Se não olhasse para Tyler, conseguia ser mais natural, mas, quando o olhava no rosto, dava por ela a comportar-se de forma estranha. «Como uma rapariga palerma de beicinho por um tipo», pensou. Que embaraçoso.

Por fim, chegaram ao restaurante francês que Cleo escolhera. Estavam ambos esfomeados e depressa escolheram e pediram. Cleo comeu vieiras e Tyler camarões da baía de Dublin. Um bando de raparigas de vestidos decotados a mostrar muita perna passou pela mesa deles, um par delas olhando Tyler de forma descarada.

– Tão vulgar – comentou Cleo num tom irado.

Tyler arqueou as sobrancelhas daquela forma que a irritava solenemente. Parecia adorar arreliá-la.

– Demasiado ouro, demasiada pele e demasiada brancura – barafustou ela em jeito de explicação.

– Então, não aprovas demasiada pele à mostra? – perguntou Tyler melifluamente. – Suponho que seja uma coisa religiosa. És católica, certo? E andaste numa escola de freiras e não te passaria pela cabeça ir para a cama com um tipo antes do casamento. E confessas os teus pecados a um padre, estou certo?

Assim que os cientistas inventassem *lasers* óticos capazes de rachar pessoas ao meio com um só olhar, Cleo seria a primeira a comprá-los.

– Para sua informação, Mister Roth, embora tenha frequentado uma escola gerida por freiras... – Ele sorriu maliciosamente ao ouvi-lo –, considero-me cristã primeiro e acima de tudo. Há quem o descreve como ser-se uma católica *à la carte*: escolhemos o que queremos do cardápio. Da mesma forma que tu és um judeu *à la carte* – acrescentou ela docemente, acenando com a cabeça para o prato dele. – Se fosses ortodoxo, não estarias a comer esse camarão.

Tyler limitou-se a sorrir-lhe e espetou com o garfo mais um camarão, antes de o morder com os seus dentes brancos.

– O meu primeiro namorado era judeu – disse ela em jeito de explicação. – Era um rapaz muito interessante no que a costumes judeus dizia respeito.

– Já nessa altura eras uma rebelde, hã? E o mesmo se aplicava a ele, namorando uma *shiksa*?

– Ele respeitava a minha herança cultural, do mesmo modo que eu respeitava a dele – devolveu Cleo, de novo contrariada.

– Eu respeito a tua herança, Cleo – afirmou Tyler. – Estou apenas a picar-te porque é muito divertido. És tão ouriçável. Essa palavra existe? Vocês, irlandeses, é suposto serem os génios literários... responde-me tu.

– Se a Irlanda é famosa pelos seus génios literários, Manhattan é famosa pelo quê? – rosnou ela. – Espertalhões que deviam era ir para casa e meterem-se na vidinha deles?

– Já me lembrei da outra coisa por que a Irlanda é afamada... A simpatia – acrescentou Tyler com grande ironia.

Cleo mudou de ideias: ele podia ser implacável e irritante sempre que quera.

– Há ainda outra grande característica irlandesa – prosseguiu Tyler. – Cem mil formas de dar as boas-vindas. *Cead míle fáilte*. – pronunciou as palavras irlandesas na perfeição. – Adoro estas expressões irlandesas. Como é a outra...? «Graças sejam dadas a Deus.» Essa é gira. Como é em

gaélico?

«Está a ver se me ouriça», disse Cleo a si mesma.

– *Buíochas le Dia* – traduziu ela.

– Maravilhoso. – Tyler acenou com a cabeça deliciado e, não tivesse ele sido tão irritante quando se estivera a armar em espertinho, Cleo diria que ele era adorável.

Até as orelhas lhe ficavam bem. Não eram aquelas enormes orelhas tipo asas de açucareiro com que alguns homens ficavam quando cortavam o cabelo bem curto. Não. As orelhas de Tyler Roth eram proporcionadas, refinadas, e estavam colocadas de forma perfeita junto ao bem formado crânio, não desviando a atenção do maxilar tão masculino. «Jesus, porque estaria a reparar naquelas coisas?»

– As expressões irlandesas são tão giras. Como as raparigas. Sem ofensa. – Ergueu as mãos em rendição. – Não foi minha intenção ofender-te, Cleo, ao insinuar o que quer que fosse com aquele comentário. A igualdade de géneros é uma pedra basilar na cultura empresarial do grupo Roth. Uma das centrais, na verdade.

Cleo assentiu com a cabeça. Acabara de lhe ocorrer uma ideia fabulosa.

– Vejo que a igualdade é importante para ti – afirmou ela num tom solene. – Olha, lembrei-me de outra expressão irlandesa gira.

– A sério?

– A sério. Vais adorar. Tem tudo a ver contigo. *Póg mo thon*.

Seria mesmo que quem quer que lhe ensinara as poucas expressões irlandesas que ele sabia, não lhe tinha ensinado a dizer «beija-me o traseiro»?

– Que quer dizer? – perguntou ele.

– Quer dizer boa sorte – respondeu Cleo, com um sorriso largo. – É uma das expressões mais antigas, data dos tempos de... Brian Boru, penso eu. – Um pouco de colorido histórico impressioná-lo-ia. – E, por ser tão antiga, é considerada irlandês puro, uma expressão cheia de riqueza e significado. «A gloriosa sorte dos Irlandeses e a bênção de Deus te acompanhe sempre» é a tradução mais completa e provavelmente a mais exata.

– É uma expressão pequena para dizer tanta coisa, não é?

– O irlandês é uma língua lírica e invulgar – observou Cleo. – Palavras simples têm muitos significados.

– Entendi-te. Diz de novo para eu aprender – pediu ele. Cleo teve de morder o interior da bochecha para se impedir de rir. – Pogue... um pouco como a palavra *rogue*... mmo hoe-in, mas di-lo rapidamente. Hoe-in. Ho-in’

– Pog mo thoin – repetiu ele. – Já cá canta.

«Sim», Cleo sorriu interiormente. «Já cá canta». Estava ansiosa por vê-lo pedir às pessoas que lhe beijassem o traseiro em irlandês.

Conversaram acerca dos respetivos trabalhos. O orgulho impediu Cleo de lhe falar do Willow e da sua partida inusitada de Carrickwell. Tinha a certeza que ele saberia do seu amado hotel, tendo em conta que andara a bisbilhotar em redor de Carrickwell em busca de terra para comprar e não queria que ele soubesse que ela fora uma das pessoas que basicamente levara um belíssimo hotel à falência. Pela mesma razão, disse-lhe que o seu apelido era Malley. Malin não era um nome muito comum.

Tyler explicou que subira a pulso no negócio da família, desde os cargos mais baixos.

– As pessoas acham que o nepotismo as pode levar a qualquer lado – disse ele. – Apenas as leva

até certo ponto, depois é preciso trabalho para avançar. O meu pai acredita em trabalho árduo para toda a gente e ainda mais árduo para mim. Diz que costumava esforçar-se o dobro de toda a gente porque, em última análise, o responsável por tudo é ele, e eu faço o mesmo.

Cleo teria adorado falar da sua infância e juventude, mas não o fez. Os seus pais, até então donos de um pequeno negócio, haviam-se reformado, contou, lastimosamente consciente de que estava a enganá-lo e odiando-se por isso.

Tyler vivia em Manhattan e a Cleo tal parecia outro mundo totalmente diferente.

– Onde é que vives? – perguntou ele.

– Com a minha amiga Trish – respondeu Cleo antes de ter tido tempo para pensar. Viver com a melhor amiga e partilhar o colchão não particularmente confortável desta não pareceria a melhor manobra de uma motivada e jovem executiva hoteleira.

– Um apartamento na cidade? – quis saber Tyler.

– Não, uma casa, na verdade, com outra amiga nossa – acrescentou Cleo. Não era inteiramente mentira. Trish vivia de facto numa casa e havia uma amiga a viver com ela. Outros seis, na verdade. Ainda assim, não era que Tyler alguma fez lá fosse pôr os pés.

– Vivemos fora da cidade. Preferimos um estilo de vida mais tranquilo, sabes? A cidade é tão barulhenta.

Os apartamentos na cidade estavam bem para lá da capacidade financeira coletiva do grupo de amigos que partilhava a casa.

– Certo – disse Tyler, acenando com a cabeça como quem compreendia.

O plano era terminarem a noite num *pub*, o Shepherd, onde Trish e Cleo haviam passado tantas noites quando estavam na universidade. Conforme combinado, Trish e alguns amigos estavam lá. Uma vez que Cleo não enviara a mensagem de emergência que significava «Socorro, isto é um pesadelo, telefona-me e tira-me daqui!», Trish estava à espera, os olhos cravados na porta para ver como era esse Tyler. Devia ter passado algum teste tácito, uma vez que Cleo continuava na companhia dele e não houvera desenvolvimentos que incluíssem a polícia.

– Olá, Cleo, há tanto tempo! – chilreou Trish do outro lado do bar assim que Tyler e Cleo chegaram.

Todo a gente virou a cabeça para ver e ouviu-se um zunzum de aprovação quando o bem-parecido casal atravessou o *pub*.

– Não sabia que íamos encontrar-nos com amigos teus – foi tudo o que Tyler disse enquanto a seguia até ao grupo que ocupava a mesa do canto.

– Não sabia que eles iriam cá estar – disse Cleo, segura de que estava a soar pouco convincente.

– Que surpresa! – prosseguiu Trish, representando com exagero.

Sentando-se num banco ao lado de Trish, Cleo deu-lhe uma cotovelada nas costelas para a calar.

– Alguém quer beber alguma coisa? – perguntou Tyler.

Miraculosamente, todo o grupo, composto de oito pessoas, acabara naquele momento as suas bebidas e estava pronto para outra, muito obrigado. Tyler não vacilou perante o tamanho do pedido.

– Então, são duas *Guinness*, um *Paddy*, duas *Coca-Colas*, uma *Heineken*, um sumo de laranja para ti... – Diane, dona da saia que Cleo tinha vestida, sorriu. – Um gim tónico... – Trish pestanejou. – E uma água com gás para a Cleo.

Quando ele ia a caminho do bar, Cleo dardejou os amigos com o olhar.

– Mas vocês não têm vergonha? – reclamou. – O tipo é o meu par, não o banco da Irlanda!

– Desculpa – disseram em uníssono vários deles.

– Sim, desculpa – disse Barry, dono dos preciosos CDs dos REM.

– Não foi minha intenção ser abusador – murmurou Ron, que, queixava-se Trish, nunca baixava o assento da sanita.

– Teu par, hã? – murmurou Trish. – Pensei que era a encarnação da vingança, sendo um prato que se serve frio.

– Caludinha – sibilou Cleo, mas estava a sorrir. – Estou a tratar disso.

– Eu acho que ele é um borracho – disse a nova amiga de Trish, Carol. Tinha de facto a aparência de uma modelo. Magra como um caniço, loura pálida e muito parecida com a Gwyneth Paltrow.

Cleo não disse nada.

Tyler integrou-se no grupo muito bem, principalmente porque tinha o dom de ser capaz de conversar com qualquer pessoa. Carol, em particular, estava muito conversadora com ele e, para grande irritação de Cleo, Tyler dava-lhe conversa.

Foi quando Carol se estava a oferecer para lhe mostrar a cidade – como se atrevia ela? – que Tyler referiu que iria experimentar dizer as expressões irlandesas que aprendera para ver se ainda se recordava de todas. Toda a gente aplaudiu o seu *cead mille failte e go raibh maith agat*. Porém, o que os fez cair dos bancos de tanto rir foi quando disse a Trish para *pog mo thoin*.

– Cleo, sua bruxa, aposto que foste tu que lhe ensinaste essa! Que partida tão baixa! – exclamou Carol, dando palmadinhas no braço de Tyler num gesto deveras íntimo.

– Então, não quer dizer o que tu dissesse que significava – concluiu Tyler, impassível.

Cleo ficou mortificada perante esta prova da sua perfídia.

– Não! – guinchou Carol, agarrada ao braço dele enquanto lhe explicava o verdadeiro significado da expressão.

– A Cleo adora troçar de mim – disse Tyler. – Não adoras? – E olhou fixamente para ela. Cleo sentiu o coração bater mais forte.

– Ele é bem simpático, não é? – comentou Trish surpreendida uma hora mais tarde quando ela, Cleo e os restantes companheiros de casa iam sentados no autocarro noturno, apelidado de BebiBus porque as pessoas o apanhavam para casa depois de uma noite na cidade. Nenhum deles tinha dinheiro para táxis, muito embora Cleo tenha dado a entender a Tyler que ia partilhar um com Trish. Pareceria tão provinciano trepar para um autocarro com as amigas, como se fossem um grupo de meninas da escola, enquanto ele ia meter-se num táxi.

– É, muito simpático – concordou Cleo, recostando-se no banco do autocarro sonhadoramente, ignorando o cheiro a gasóleo. «Mais do que simpático.»

– É claro que a coisa não teria futuro – prosseguiu Trish. – Ele é uma espécie de *playboy*, rico, cosmopolita, com um pai podre de rico. Provavelmente, tem uma milhão de raparigas à volta dele – acrescentou. – Tipos assim têm sempre.

– Claro – concordou Cleo, desanimada. Sabia que uma pessoa como Tyler podia facilmente ter uma namorada em cada porto, porém, durante todo o serão falara com ela como se fosse a única pessoa no universo, apesar das embaraçosas tentativas de Carol de chamar a atenção dele. Tyler adorara falar com toda a gente do grupo, é certo, mas era uma daquelas pessoas que nos fazia sentir como se estivesse ali para nós apenas. Era muito lisonjeador.

– Foi apenas uma distração – disse para Trish e depois deu-se conta de que estava a mentir. Nunca antes mentira a Trish. Não era suposto mentir-se às melhores amigas e haviam passado por tanta

coisa juntas. Porém, Trish troçaria dela se lhe dissesse que já não queria vingar-se de forma implacável de Tyler Roth. Mudara de ideias. Em vez disso, queria sentir os braços dele à volta dela, abraçando-a, e sentiu o hálito dele na sua pele. Como é que tal fora acontecer?

Havia um envelope como carimbo de «pessoal» à espera dela na receção quando Cleo chegou ao trabalho na manhã seguinte. Lá estava a extravagante caligrafia de Tyler. Engraçado como a letra dele já não lhe parecia a de um tirano. «Enérgico», diria Cleo agora se lhe fosse pedido que descrevesse o autor da breve missiva.

Para um homem de tantas palavras, Tyler era muito sucinto por escrito:

Segundo encontro? Que gostarias de fazer? Não quero tratar-te tiranicamente.

Por um divertido momento, Cleo imaginou Tyler Roth de chicote na mão, preparado para fustigar os seus empregados. Depois obrigou-se a regressar ao presente. «Controla-te, Cleo!»

– Mister Roth deixou isso para ti – disse Stan, um dos velhos amigos de Cleo do turno da noite. – Mas escreveu o teu nome mal no envelope. Escreveu Cleo Malley, não Malin.

– Não o corrigiste? – perguntou Cleo ansiosamente.

– Não – respondeu Stan –, ele estava com pressa. Ia para a sala do pequeno-almoço, para uma reunião com uma mulher... Alguma brasa diria eu! – acrescentou num tom elogioso.

– Uma *brasa*? – disse Cleo, da mesma forma que Lady Bracknell enunciava a palavra «mala de mão» em *A Importância de se Chamar Ernesto*.

Stan, a arrumar as suas coisas para dar lugar ao turno do dia, assentiu com a cabeça.

– Há tipos com muita sorte – murmurou.

Tal pensamento ficou às voltas na cabeça de Cleo durante a hora e meia que se seguiu. Quem é que, ao certo, Stan consideraria «uma brasa»? Alguém completamente deslumbrante ou mais uma rapariga com um ar comum? A dúvida assombrava-a.

Foi impossível concentrar-se no *check-out* do homem do quarto 172, que insistia que não consumira nada do minibar, muito embora as empregadas de limpeza tivessem apontado que ele consumira dois uísques, três vodcas e um *Toblerone* quando, na noite anterior, tinham entrado no quarto para abrir a cama. Cleo estava a trabalhar ao lado de Norah, Paige e de um simpático rapaz italiano chamado Nero. Processou a conta de Mr. Grande Mentiroso do quarto 172 e depois virou-se para Paige, que estava ao lado dela.

– Vão só num pulinho à casa de banho, está bem? – sussurrou, e fugiu.

Foi de facto à casa de banho dar uma vista de olhos rápida na sua cara vermelha e depois correu à sala dos pequenos-almoços. Eram apenas oito e meia, mas a maioria da clientela que ali estava em negócios tinha já partido ou estava a terminar reuniões de negócios informais. Os hóspedes alojados no McArthur's por motivos de turismo começariam entretanto a descer para o pequeno-almoço, os seus trajos mais descontraídos e andar relaxado um contraste nítido com os homens e mulheres de negócios, de fatos, que tinham onde estar, pessoas com quem falar e sem tempo para mais um pastel dinamarquês.

Cleo tentou dar a imagem de que estava ali a serviço do hotel e não a espiar Tyler Roth. Olhou em redor da enorme sala como se procurasse um hóspede em particular para poder transmitir-lhe uma

importante mensagem. Avistou-o então, numa mesa bonita, num canto, sem o seu homem de confiança, Larry McKenzie. Era apenas Tyler e uma mulher que podia de facto ser descrita como uma brasa. Elegantemente arranjada, de preto, exibia o brilhante cabelo cor de mogno que Cleo invejava. Sedoso e apregoando por todo o lado que não precisava de sérum. Furibunda, Cleo deu meia volta e abandonou a sala. Como se atrevia ele? Aquela mulher não era nenhuma reunião de pequeno-almoço... era o pequeno-almoço!

– Estás bem? – sussurrou Paige quando ela regressou ao balcão da receção.

– Ótima – sibilou Cleo.

Paige acenou com sagacidade.

– Contas-me na pausa – disse ela.

Quando Tyler apareceu, naquela tarde, Cleo era uma bomba de mau humor prestes a explodir. A família Malin teria sabido que, quando os olhos de Cleo tremeluziam e a sua boca, habitualmente sorridente, congelava numa impiedosa linha reta, estava na altura de ter muito cuidado.

Tyler Roth, porém, não fazia ideia.

– Olá – cumprimentou ele, inclinando-se por cima do balcão e lançando a Cleo um olhar indolente e sensual que na noite anterior a teria derretido da cabeça aos pés. Naquele dia, seriam necessários muitos daqueles olhares para que ela deixasse de ser a rainha do gelo.

– Olá – devolveu ela, mas num tom gélido.

Ele percebeu de repente que alguma coisa se passava.

– Mau dia? – inquiriu ele, arqueando uma sobrancelha.

Da cabeça de Cleo não saía que ele não repelira Carol na noite anterior e que naquela manhã tomara o pequeno-almoço com outra brasa glamorosa, embora com um cabelo diferente. Provavelmente, tinha de facto uma mulher em cada cidade do mundo.

– Oh, deixa-me em paz – barafustou ela.

– Que se passa contigo, Cleo? – quis ele saber, sem se aborrecer com o modo com que ela lhe falara.

– Amanhã tenho uma reunião ao pequeno-almoço – respondeu ela – e preciso de ir para casa arranjar o cabelo, as unhas e maquilhar-me para estar perfeita.

Ah, fez-se luz por fim.

– Tens espiões por todo o hotel? – perguntou ele.

– Não são espiões, são meus amigos, contam-me coisas. Como quando um tipo que está interessado em mim de repente tem um pequeno-almoço muito íntimo com outra mulher.

– Certo – disse Tyler –, queres dizer coscuvilham?

– Não, não coscuvilham! – exclamou ela, indignada.

– Se eu te dissesse que ela era homossexual, isso faria alguma diferença?

– Ela é homossexual? – perguntou Cleo. – A rapariga com quem estavas a tomar o pequeno-almoço é homossexual? – Fazia de facto uma ligeira diferença. Era pouco provável que Tyler estivesse romanticamente interessado na brasa, fora ela de facto homossexual, mas, pensando bem, alguns homens gostavam de um desafio. – Mas ela é homossexual?

– Não – confessou ele. – Lembrei-me apenas de lançar a questão para ver se fazia alguma diferença.

– Filho da mãe – protestou ela. – És tão irritante. Porque carga de água é que saí contigo a noite passada?

– Porque gostas de mim? – aventou ele.

– Não, não gosto – negou Cleo. – Não gosto de pessoas que vão tomar pequeno-almoço com mulheres desconhecidas e depois riem de mim e fazem de conta que a estranha é homossexual e...

– Bom – interrompeu ele –, se eu tivesse dito que era uma reunião de negócios, que era, não terias acreditado. Terias pensado que estava a aldrabar-te. Na verdade, foi uma reunião de negócios. Acontece simplesmente que ela é uma mulher extremamente bonita. – Ele adorou dizê-lo, Cleo tinha a certeza. – Uma mulher que eu considero assaz atraente – prosseguiu Tyler.

Cleo controlou o impulso de o esbofetear.

– Contudo – disse ele –, é uma mulher casada, e feliz com o marido, e não tem qualquer interesse em mim... Não que eu alguma vez tenha tentado alguma coisa, caso estejas interessada em saber. Falamos de negócios, mais nada. Tu é que aprecias mulheres de carreira. Não te parece que é possível uma mulher ter uma excelente carreira e ser muito bonita? Tu consegues ambas as coisas.

– Não penses que me alicias com falinhas mansas – reclamou Cleo, embora tivesse de admitir que se sentia lisonjeada. Soava de facto tudo muito plausível, mas talvez Tyler fosse o tipo de homem que arranjava sempre uma desculpa plausível para o seu comportamento.

Cleo decidiu que não iria ser uma das conquistas dele.

– Lamento muito – disse num tom formal, começando a afastar-se. – Deves saber que isto foi um erro. Tu e eu vimos de mundos diferentes. Eu devia estar doida quando aceitei jantar contigo. Obrigada por uma noite muito boa, mas adeus.

Ele esticou o braço e agarrou-a pelo pulso, gentilmente, mas com firmeza.

– Não sejas assim – pediu –, por favor.

– Devo gritar e chamar a polícia porque me estás a segurar contra a minha vontade? – argumentou ela.

– Pode ir, se quiseres – disse ele em voz baixa, os olhos cravados nos dela e depois perscrutando-lhe a cara –, mas eu gostava muito que não fosses. Quero conhecer-te, Cleo. Será que não posso? Talvez venhamos de sítios diferentes, mas que importa isso? Manhattan e Carrickwell não poderão fazer uma fusão também?

Soou tão ridículo que ela não conteve o riso e regressou ao seu lugar. Sabia quando era derrotada.

– Pronto, ganhaste, és um grande *eejit*, mas ganhaste.

– Mas que raio é isso de *eejit* que ouço toda a gente dizer por cá? – perguntou Tyler.

– Mmm – disse Cleo pensativamente –, que dizer pessoa maravilhosa, sensata...

– Treta – riu ele –, estás a enganar-me de novo, não é, como com aquela bela expressão irlandesa? Não me apanhas uma segunda vez, Miss Malley.

Cleo encolheu-se ao pensar que ele ainda não sabia o apelido verdadeiro dela. Não podia dizer-lho agora. Dir-lhe-ia mais tarde.

Voltaram a sair no domingo à noite, desta vez uma ida ao cinema, muito embora Cleo tivesse dificuldade em recordar grande coisa do filme: passara o tempo todo demasiado consciente de estar sentada junto a ele, segurando-lhe a mão. A sensação era maravilhosa.

Sabia que não era uma mera atração física: gostava dele, gostava da forma como ele ria, gostava da forma como ele troçava dela, gostava do interesse que ele demonstrava nela. Parecia uma coisa estranha de afirmar, mas sentia que o conhecia há anos. Podia ter uma faceta implacável nos negócios, mas Tyler Roth tinha outra faceta também. Uma faceta que ela adorava ver.

Tyler viajaria para Galway na segunda-feira de manhã, para o leilão da propriedade, e Cleo estava lastimosamente consciente de que aquele pequeno romance estava prestes a terminar. Tyler regressaria ao seu mundo, ela ficaria no dela e a fila de namoradas em cada cidade reclamá-lo-ia de novo.

Seria ela agora a sua namorada de Dublin? Não, Cleo não queria ser apenas mais um contacto no telefone dele. Isso não era o suficiente. Quanto mais tempo passava com ele, mais se apaixonava.

E era certo que estava apaixonada por ele. Tinha a certeza disso. Nunca teria acreditado que era possível alguém apaixonar-se por outra pessoa tão rapidamente, pois tal nunca lhe acontecera.

Depois do filme, Tyler convidou-a para subir à suíte dele para tomarem um café ou uma bebida. Contra o seu discernimento, concordou.

– Quero despedir-me como deve ser – alegara ele.

– Espero que não penses que uma despedida como deve ser significa rebolarmo-nos na cama – censurou-o Cleo severamente para esconder o quanto se sentia triste.

– Ei, eu pareço-te esse tipo de pessoa? – reclamou Tyler enquanto chamava um táxi.

Cleo nunca estivera nas suítes do último piso do hotel. Vira muitos dos outros quartos, mas havia apenas quatro suítes na *penthouse* e no dia em que recebera a visita de orientação, estas não haviam estado incluídas no percurso. A suíte de Tyler era tão grandiosa e tão luxuosa quanto ela imaginara. O Hotel McArthur's orgulhava-se de oferecer uma decoração simples mas elegante. Os pés afundavam-se nas alcatifas, o tronco afundava-se nos enormes e aveludados sofás e tinha a certeza que o resto do corpo também deslizaria e se afundaria deliciosamente nos lençóis de linho.

– Belo quarto – comentou ela com um ar de indiferença enquanto deambulava pela suíte, admirando as rosas brancas na jarra simples e quadrangular na mesa do café.

– Sim, é muito agradável – concordou Tyler – e muito bonito.

E Cleo apreciou-o por isso, por não estar tão habituado a riquezas e luxos que os achava normais e banais. Se tivesse visto o atravancado quarto que ela partilhava de momento com Trish.

– Que te apetece beber? – inquiriu Tyler, despindo o casaco e colocando-o nas costas de uma cadeira. Trazia uma camisa, sem gravata, aberta no colarinho, deixando à mostra um pequeno triângulo de pele morena junto ao pescoço. Haveria alguma coisa mais sensual que aquele pedaço de um homem? Cleo humedeceu os lábios.

– Acho que me apetecia um chá. De camomila. – A camomila ajudá-la-ia a dormir, coisa que não tinha a certeza se conseguiria fazer quando chegasse a casa, pois tinha sido um dia cheio de emoções fortes.

Ele sentou-se na ponta do cadeirão e pegou no telefone para ligar para o serviço de quartos.

Pediu dois chás de camomila, o que Cleo achou muito simpático e enternecedor da parte dele. A maioria dos homens detestava chá e nunca acompanharia uma mulher num. Nat costumava dizer que o chá de camomila sabia a ervas varridas do quintal, muito embora tivesse experimentado para fazer a vontade a Cleo. «Como eram diferentes, Tyler e Nat», refletiu Cleo. Nat era um rapaz que tudo fazia para agradar, um autêntico cachorrinho, ao passo que Tyler era mais distante e agressivamente felídeo, as primeiras impressões sugerindo que não queria agradar a mais ninguém senão a ele mesmo. Contudo, ali estava aquele macho alfa tentando agradar-lhe. Havia qualquer coisa de incrivelmente atraente e sedutor em relação a isso. E não tardaria que ele partisse. Cleo sentiu-se desanimar.

– Ora bem – disse ele, sentando-se numa das extremidades do sofá. Ela estava sentada na ponta

oposta. Era um sofá grande.

– Ora bem – respondeu ela, sorrindo para ele.

– Tenho ar de quem morde? – perguntou ele, dando palmadinhas no almofada ao lado dele.

– Queres dizer que não mordes? – disse Cleo.

Ele sorriu e deslizou para junto dela.

– Provavelmente estamos a avançar depressa de mais – começou ele –, mas como tu deves saber eu amanhã vou para Galway e no dia seguinte parto para Nova Iorque...

– Sim, eu sei – disse ela num tom solene. – Precisas de despachar já esta parte dos beijos e do enrolação antes de partires.

– Não é nada disso – protestou ele, e tinha um ar genuinamente ofendido. – Tu não és esse tipo de rapariga, Cleo, e eu não sou esse género de homem.

– Não foi o que ouvi dizer – argumentou ela, de repente furiosa. Não queria ser magoada e menos ainda por Tyler. Não queria ser um Nat naquela relação: uma pessoa ingénua e confiante, incapaz de ver a realidade e que acabava mortalmente ferida quando o golpe era por fim desferido.

– Esquece o que ouviste – afirmou Tyler num tom ríspido. – As pessoas falam, sobre mim, sobre ti, mas isso não quer dizer que saibam o que quer que seja. Eu não me envolvo com mulheres só para me divertir e depois cuspo-as como se fossem pastilhas elásticas – argumentou ele, e tinha um ar tão sério que a vontade de Cleo foi passar-lhe as mãos pela testa para lhe alisar as rugas de expressão. – Em que estás a pensar? – perguntou ele, inclinando-se perturbadoramente na direção dela.

E ela deu uma gargalhada.

– Estava a pensar que o serviço neste hotel é chocante, porque já pediste os nossos chás há mais de cinco minutos e nem sinal deles.

– Há definitivamente um emprego para uma mulher com as tuas capacidades nos hotéis Roth – afirmou Tyler.

– Então, foi por isso que me trouxeste até aqui?

– Não – disse ele e aproximou-se ainda mais dela. Colocou um braço em redor de Cleo e ela foi de novo acometida pela mesma emoção que sentira quando ele despira o casaco. Estavam agora tão próximos que conseguia sentir o calor do corpo dele. – Não foi por isso que te convidei para subir e, se achaste que foi, devias estar a pensar que seria a entrevista de emprego mais estranha a que já foste.

Ela sorriu.

– Pensei que me tinhas trazido aqui porque gostavas de mim – corrigiu ela – e eu vim porque gosto de ti – acrescentou ela.

– Fico contente – respondeu ele num tom terno e meio sussurrado e a seguir a boca dele estava colada à dela, os braços dele à volta do corpo dela, as mãos deslocando-se por todo o lado. E não era semelhante a nada que alguma vez tivesse experienciado; não era nada como as apalpadelas desajeitadas com Laurent em Bristol, como todos os beijos que trocara com os anteriores namorados; nada. Aquele calor, aquela excitação, era algo de novo, algo especial, algo que estava completamente ligado a Tyler. Murmurou o nome dele e puxou-o mais para junto dela à medida que a boca dele se deslocava para a curva do seu maxilar, pelo pescoço abaixo. E, de repente, Cleo percebeu que queria arrancar a roupa a Tyler, vê-lo arrancar a dela também e fazer amor com ele, ali e naquele momento. Queria que ele a acariciasse, a beijasse, sussurrasse o seu nome...

– Não devíamos... – disse ele, arquejando.

– Eu sei – respondeu ela e ao mesmo tempo os dedos deles estavam a desatar os atilhos do seu casaco de malha de traçar e os delas desabotoavam-lhe a camisa.

– É um erro porque é cedo de mais – dizia Tyler, as mãos percorrendo a pele dela, como se não conseguisse largá-la.

– Eu sei, demasiado cedo, demasiado cedo... – concordou Cleo, o rosto enterrado no cabelo dele, os dedos acariciando-lhe os músculos do peito.

– Devíamos esperar – disse ele.

– Claro – disse ela, sentindo o coração dele bater acelerado sob as suas mãos.

O telefone tocou: um guincho penetrante que Cleo nunca se tinha dado conta que os telefones no McArthur's faziam até àquele precioso momento.

– Merda – disse Tyler e afastou-se.

– Merda – repetiu Cleo, fechando apressadamente as pontas do seu casaco de malha.

Tyler levantou o auscultador.

– Olá. Sim, claro, não tem problema – disse. – Aqui são apenas onze horas, portanto, suponho que aí em casa serão quê, quatro, cinco?

Sentou-se à secretária, puxou um bloco de apontamentos na direção dele e começou a escrever, lançando um olhar apologetico a Cleo e dizendo «é urgente», mexendo apenas os lábios.

Ela ergueu uma mão como quem dizia, «tudo bem», levantou-se e dirigiu-se à casa de banho para se compor. Ao espelho viu que a boca parecia inchada e coberta de equimoses, as pupilas estavam dilatadas e o cabelo estava uma autêntica juba. Sim, confirmava-se, tinha o ar de quem estivera loucamente aos beijos com um homem num sofá.

Usou o elixir bucal de Tyler e passou os dedos pelo cabelo para tentar domá-lo. Não havia pente ou escova. Tyler tinha o cabelo tão curto que provavelmente não usava. Espreitou para dentro da frasqueira dele para ver que tipo de cremes e *after-shave* usava. Parecia-lhe um gesto demasiado íntimo, mas, afinal de contas, tinham acabado de estar aos beijos no sofá, por isso talvez a sua bisbilhotice fosse igualmente aceitável.

Satisfeita, emergiu da casa de banho. Tyler continuava ao telefone e, ao olhar para ela, revirou os olhos. «Desculpa», disse, de novo mexendo apenas os lábios. Tapou então o bocal com a mão e disse baixinho: – Crise no quartel-general, tenho mesmo de resolver isto.

– Não tem importância – disse ela.

É claro que o chá de camomila escolheria aquele momento para chegar e que a pessoa que o traria seria um membro dos funcionários que Cleo conheceria. Xi, uma bonita rapariga chinesa, sorriu surpreendida e confusa quando Cleo abriu a porta.

– Olá – cumprimentou Xi.

– Olá – respondeu Cleo, sentindo-se corar. – Obrigada, Xi – disse. – Sim, eu levo, obrigada. – Não tinha dinheiro para uma gorjeta e, fosse com fosse, não seria estúpido e grosseiro por parte de um membro dos funcionários, impropriamente no quarto de um hóspede, dar gorjeta a um colega? Sabia-se lá? Os livros de etiqueta certamente que não cobriam tal situação.

Serviu o chá, uma chávena para ela e outra para Tyler, colocou-lha ao lado do telefone e deambulou pela suíte, entretendo-se a olhar para as coisas. Tyler tinha um tabuleiro de xadrez de viagem em cima da mesinha do café, no meio de papéis e revistas, e ela interrogou-se quem seria o adversário dele, uma vez que o jogo parecia ir a meio. Sentou-se e folheou as revistas. Debaixo de uma revista da sociedade encontrou uma pasta com um bonito desenho a lápis de cor e tinta na capa.

Era um desenho de arquiteto. Estava de esguelha, por isso Cleo girou-o para o admirar melhor. O motivo do desenho era-lhe estranhamente familiar. Foi então que se deu conta – era o Hotel Willow. Era um desenho da sua casa, feito por um arquiteto, mas grandemente melhorada e aumentada. Apenas a fachada de casa era a mesma, embora mais desnuda: sem a glicínia a trepar desgovernadamente pelo pórtico, sem os vasos de pedra partidos à entrada. Tinha um aspeto maravilhoso.

Cleo recostou-se no sofá e folheou as páginas soltas dentro da pasta. Não se importava que Tyler visse ou não o que estava a fazer, embora ele lhe parecesse demasiado absorto no telefonema para reparar. Havia várias fotografias aéreas, bem como esboços de arquiteto e desenhos tridimensionais feitos em computador de como o Willow ficaria quando fosse um grandioso Hotel Roth, pois isso era o que estava escrito num elegante tipo de letra num dos lados do desenho da fachada: Carrickwell Roth. Muito maior, muito mais imponente, muito mais bonito do que anteriormente. A sua casa de família e o seu património ali à frente dos olhos dela, tão magnífico quanto ela sempre soubera que o hotel podia ser. Só que, desta vez, ela não estaria envolvida na transformação.

As mãos de Cleo tremiam quando voltou a colocar as fotografias e os desenhos na pasta e a devolveu à mesa do café, com as revistas por cima. Tyler estava noutro mundo, falando, escrevendo e gesticulando ao telefone. Não tocara no chá. Típico! Apenas dissera que o queria para conseguir ir para a cama com ela. Cleo tinha a certeza disso. «Um mentiroso e um pirata empresarial», pensou Cleo iradamente. O urbanizador que supostamente comprara o Willow era, estava a ver-se, um testa de ferro para o grupo Roth. A sua família traíra-a ao vender o Willow, mas o grupo Roth traíra-os a todos com esta manobra por baixo do pano. Cleo tinha a certeza de que o pai teria preferido manter o Willow em funcionamento, custasse o que custasse, a vendê-lo a um outro grupo hoteleiro. Seria desta forma que os Roth compravam os valiosos terrenos onde se instalavam? Fazendo de conta que eram outro empresário qualquer e não um poderoso grupo empresarial? A propriedade que ia ser leiloadada em Galway seria também uma fachada para outra compra, mais um pequeno hotel à beira da falência com um dono que poderia até vender o trabalho de uma vida a um empreiteiro local, mas nunca, nunca ao grupo Roth?

Tyler voltou a tapar o bocal do telefone com a mão.

– Espera um pouco, Cleo, já não demora. A nós, nova-iorquinos, nunca nos passa pela cabeça que o resto do mundo está em fusos horários diferentes do nosso – brincou ele.

Cleo nem olhou para ele. Não conseguia. Não agora. Porque gostara de Tyler Roth, gostara a sério.

Graças a Deus não lhe dissera que o seu verdadeiro sobrenome era Malin. Teria sido demasiado humilhante para ele descobrir que ela fazia parte da família que fora proprietária do Willow e o conduzira à ruína. Não lhe daria essa satisfação. Bebeu um gole longo e reconfortante do seu chá de camomila, reuniu as suas coisas e saiu porta fora.

Tyler estava tão absorto ao telefone que nem se deu conta de que Cleo saíra da vida dele.

Durante uma semana depois de Alex lhe ter dito que estava tudo terminado, Daisy ficou em casa. Fazia as compras do supermercado pela internet e apenas saía para ir à loja da esquina de dois em dois dias para comprar chocolates.

Não se cruzava com ninguém que conhecesse e também não a teriam reconhecido. Com um boné enterrado sobre o cabelo por lavar e ataviada numa das velhas camisolas de Alex que ainda mantinha o cheiro dele, estava irreconhecível. Ele levava quase todas as roupas quando ela estivera em Dusseldorf, e muitos dos seus pertences também. Apenas deixara as coisas mais volumosas, como o televisor, que haviam comprado juntos e alguns quadros. O apartamento tinha um ar mortiço sem todas as pequenas coisas que o haviam tornado a casa dele também.

Encafuada na sua própria angústia, Daisy não atendia o telefone, muito embora corresse para ele de cada vez que tocava, para o caso de ser Alex. Nunca era. O atendedor recebia todas as chamadas: de Mary, para saber como estava ela da «gripe», de Paula, de Fay, a velha amiga de Daisy, e uma vez da mãe, para avisar que ia de férias para Praga naquele verão com a tia de Daisy, que se encontrava a recuperar de uma cirurgia.

A mãe gostava de falar com o atendedor de chamadas e tinha uma conversa muito mais animada com a máquina do que alguma vez tivera com a própria filha. Os atendedores de chamadas nunca tinham opiniões próprias e limitavam-se a escutar.

«Não planeava ir porque a tua tia Imogen achava que não estaria recuperada para poder deslocar-se, mas parece que está, portanto, vamos. O Brendan aqui do lado ficou de vir cá a casa ver do correio. Vemo-nos quando eu voltar. Espero que esteja tudo bem. Adeusinho.»

Anichada no seu covil no sofá com o edredão enrolado em volta dela e os vestígios de uma tablete de chocolate na mesa ao lado, Daisy contemplou desoladamente o telefone. Adeusinho? Que tipo de coisa era aquela para uma mãe dizer a uma filha? Não «amo-te, querida, e vou ter saudades tuas». Mas, também, como poderia Nan Farrell ter saudades da filha quando raramente se viam?

Daisy planeara educar o seu bebé com mais amor e carinho. Nada daqueles disparates de «as crianças devem ser vistas e não ouvidas» de que a família da sua mãe era tão adepta. O filho de Daisy não teria sido enviado para um colégio interno para ser educado longe dos pais e não dar trabalho em casa. Fora isso que transformara a sua mãe na pessoa que era.

Os filhos de Daisy teriam sido adorados e mimados. Ter-se-iam aninhado com ela no sofá a assistir ao filme *Monstros*, S. A.

Havia uma tablete de chocolate e caramelo, de emergência, ainda no armário. Daisy levantou-se para a ir buscar. Ligou então a televisão em altos berros, pois dessa forma garantia que não conseguia ouvir-se a pensar.

Ao fim de uma semana em casa, durante a qual estranhamente não houvera telefonemas dos amigos que tinha em comum com Alex, Daisy emergiu para o mundo real mais gorda e com um acesso de borbulhas. Teria ficado no seu casulo para sempre, mas sabia que tal era impossível. Tinha de

regressar ao trabalho e, quem saberia, talvez fosse menos doloroso estar perto de outras pessoas? Mas como iria ser capaz de contar o sucedido às amigas?

No fim, não teve de dizer o que quer que fosse. Quando Daisy chegou à Georgia's Tiara às dez da manhã, Mary olhou para ela e percebeu que o que quer que mantivera Daisy uma semana em casa não havia sido a gripe.

– Que aconteceu? – Mary estava a fazer a lista do estoque à mão. Pousou o papel e a esferográfica e correu a receber Daisy.

– O Alex está apaixonado pela Louise e ela está grávida – sussurrou Daisy. Era como deveria contá-lo à sua mãe.

– Louise?

– A secretária dele, no trabalho. A minha vida é um lugar-comum, não é?

Nenhuma delas riu.

– Não sei o que dizer, Daisy – comentou Mary. – Espera, sei. Fechamos a loja e vamos tomar um pequeno-almoço tardio ao Mo's.

– Não vamos as três. Não queria contar nada disto à Paula – suplicou Daisy, achando que não conseguiria suportar que Paula sentisse pena dela.

– Não lhe dizemos nada – combinou Mary. – Dizemos que vamos sair para conversar e que não quero deixá-la a tomar conta da loja sozinha na sua última semana de trabalho.

– Já me tinha esquecido que ela ia de licença de parto – disse Daisy com monotonia.

Tinham planeado fazer uma festa para o bebé em casa de Mary e convidado todas as amigas de Paula. Daisy nem se atreveu a perguntar se a festa ainda estava de pé. Tinha já comprado o presente: dois lindíssimos *babygrows*, muito macios, um em branco e outro em amarelo. Pediria a Mary que entregasse a prenda a Paula. Não aguentaria ir à festa no estado em que estava.

Mary colocou um braço em redor dos ombros dela.

– Aqui há pouco tempo vi um livro sobre como lançar um feitiço a um ex-namorado. Achas que compremos e experimentemos? Estou convencida que a Zara, da Mystical Fires, tem apetrechos de magia branca nas traseiras da loja. Ela com certeza será capaz de lançar um feitiço ao Alex.

Daisy riu, apesar de tudo, embora não soubesse ao certo se era da imagem da doce Zara a lançar feitiços a quem quer que fosse, se da ideia de ver Alex em sofrimento.

– Mais valia era eliminar o intermediário e estraçalhá-lo eu mesma, com as minhas próprias mãos!

O Mo's Diner tinha apenas uma década de existência, contudo, parecia ter feito desde sempre parte de Carrickwell. Estava decorado para se assemelhar a um *diner* americano dos anos cinquenta, com pequenas *jukeboxes* nas mesas de fórmica, bancos corridos encarnado-cereja nas mesas e centenas de fotografias de Elvis, o ídolo de Mo, espalhadas pelas paredes. Os empregados e empregadas vestiam-se como se fossem participar numa versão dramática amadora de *Grease* – as raparigas de saias rodadas, rabos-de-cavalo e mini-meias, os rapazes de calças de ganga justas e camisas com as mangas cuidadosamente enroladas até aos bicípites ao estilo de James Dean.

Mo era um americano em pessoa, muito embora fosse natural do condado de Clare; porém, depois de ter passado mais de metade da sua vida em Memphis, regressara à Irlanda mas com um pedaço do Tennessee agarrado a ele. A cafetaria servia pequenos-almoços americanos, café, hambúrgueres e gelados com refrigerante e havia sempre discussões pelos *muffins* de mirtilos que ele vendia. Um emprego no Mo's era algo muito valorizado e muitos estudantes de Carrickwell haviam pago os seus

estudos universitários a servirem às mesas no *diner* aos fins de semana.

Os clientes do pequeno-almoço tinham já partido e o *diner* respirava uma pausa da azáfama matutina quando Mary e Daisy se sentaram numa das mesas de canto. «Love Me Tender» tocava sentimentalmente em pano de fundo.

Mary não disse «desembucha» como costumava dizer de chofre quando queria que Daisy partilhasse as novidades de que era portadora. Esperou até que tivessem feito o pedido para colocar ambos os antebraços em cima da mesa e se inclinar para a frente, à espera que Daisy comesse.

– O Alex disse que precisávamos de dar um tempo mesmo antes de eu ter partido para Dusseldorf – começou Daisy.

– Dar um tempo, pois sim! – exclamou Mary. – Qual foi a desculpa dele? Qualquer coisa pouco convincente, aposto.

Daisy suspirou.

– Tínhamos acabado de vir de uma consulta numa clínica de fertilidade e ele alegou que precisava de tempo para pensar em tudo aquilo.

– Oh... – Mary tinha uma expressão de estupefação. – Não fazia ideia – comentou, espantada.

– Nunca consegui abrir-me contigo, Mary. Era demasiado doloroso falar no assunto. Tu tens filhos e a Paula está grávida... Achei que não iriam entender o que eu sentia. Achei que iriam dizer que estava a ser demasiado dramática ou...

– Eu gosto de acreditar que não teria dito nada tão cruel – argumentou Mary fervorosamente. – O facto de ter filhos não significa que não seja capaz de sentir empatia por quem quer que anseie por tê-los. Ter os meus filhos é a coisa mais maravilhosa que alguma vez me aconteceu – acrescentou. – Se não tivesse podido tê-los, teria sido uma agonia. Sempre quis ter filhos, portanto, não, não teria pensado que estavas a ser melodramática. Lamento que não tenhas conseguido partilhar comigo aquilo por que estavas a passar. Sinto-me como se te tivesse desiludido.

Daisy encolheu os ombros.

– Não me desiludiste. Os meus ovários é que me desiludiram ou outra coisa qualquer. Quem sabe o quê? Temos tentado ter um bebé desde que eu fiz trinta anos... Ou melhor, *eu* tenho tentado desde que fiz trinta. E agora há pouco tempo tinha decidido fazer mais alguma coisa em relação a isso que não fosse apenas comprar testes de gravidez e chorar de cada vez que o resultado era negativo. Assim, telefonei para várias clínicas de fertilidade, marquei uma consulta numa e, quando contei ao Alex, percebi que ele não ficou muito entusiasmado, nada mesmo, até.

Mary esticou um dos braços e apertou a mão de Daisy.

– A princípio pensei que era simplesmente por estar tudo a acontecer demasiado depressa e ele estava assustado – prosseguiu Daisy. – Afinal de contas, deve ser o pior pesadelo para um homem ter de se masturbar para um copo e haver alguém a contar-lhe o esperma. Quem não ficaria assustado? No entanto, no final de tudo aquilo poderíamos ter tido um bebé e eu teria feito qualquer coisa por isso.

Um empregado muito jovem com patilhas embrionárias serviu-lhes o café e os *muffins*.

– E depois? – incitou Mary quando ele virou as costas.

Daisy partiu o *muffin* com os dedos, mas não comeu nenhum pedaço.

– Ele disse que precisávamos de dar um tempo.

– E tu perguntaste porquê?

– E eu perguntei porquê – concordou Daisy. – Ele respondeu que precisava de algum tempo para

clarear as ideias ou lá o que era.

– Mentiroso. – Mary pegou num cubo de açúcar e fez pontaria ao seu café.

– Eu acreditei nele.

– Porque não me contaste? Foste para Dusseldorf com esse fardo todo. Meu Deus, Daisy, devias ter-me dito. Podíamos ter cancelado a tua ida à feira. Como conseguiste ir e trabalhar com esse estado de espírito?

– Se não tivesse ido – fez notar Daisy –, não teria vindo do aeroporto a correr para casa ansiosa por lhe dizer que não precisávamos de ter um bebé e que o nosso amor era o suficiente e não teria descoberto toda a verdade.

Mary fez um ar de profundo pesar. Daisy não parava de partir o seu *muffin* em pedaços cada vez mais pequenos.

– O facto de me ter ido embora foi o agente catalisador. Na Alemanha, fui acometida por este flache de inspiração de que toda esta questão da infertilidade estava a deixar o Alex ansioso e que o melhor era esquecermos o assunto. O que era uma criança comparada com o nosso amor, certo? Um bebé viria estragar tudo. Imagina o Alex e o apartamento perfeito a cheirar a vomitado de bebé e brinquedos espalhados por todo o lado! Assim, corri diretamente do aeroporto para o banco para lhe dizer tudo isto e encontrei-o à porta do banco com a Louise. Percebi logo que alguma coisa se passava, pois ela apressou-se a fugir sem quase se despedir e ele ficou muito atrapalhado por me ver ali. E foi então que ele me disse. Afinal de contas, sempre quer ter filhos, só que não comigo. Mas com a Louise. Sinto-me tão estúpida por não ter percebido nada. É oficial: sou uma idiota.

Mary ignorou este comentário dela.

– Há quanto tempo é que o caso entre eles já durava?

– Há vários meses, quase um ano. Não sei sinceramente qual é a pior parte: o facto de ele me ter deixado ou estar com outra mulher que vai ter um filho dele. – Daisy levantou os olhos. – Acho que ainda estou em choque, para ser sincera. Isto tudo parece... – levou a mão ao peito, ao nível do coração – mentira. Nem acredito que aconteceu; é como se estivesse a acontecer a outra pessoa e eu estivesse a ouvir a história, como tu, e a compadecer-me, mas não é comigo, não é entre mim e o Alex.

– E ele está contente com o facto de ir ter um filho com ela? Não foi simplesmente uma paixoneta? Ele não estará simplesmente a escolhê-la a ela porque sente que é esse o dever dele? É que ele pode ser responsável para com o filho dele e ficar contigo à mesma. Terias de conseguir superar a traição e perdoar-lhe, mas talvez até fosses capaz – realçou Mary numa atitude sensata.

– Oh, ele está feliz, sim – asseverou Daisy em voz baixa. – Eu não era «a tal», sabes? Pelos vistos, os casais que se conhecem na universidade nunca ficam juntos. Todo este tempo mantivemo-nos à procura da pessoa certa para nós.

Mary fez um ar perplexo.

– Foi o que o Alex me disse – explicou Daisy num tom amargo. – Eu também andava à procura do tal, não andava? Todo este tempo, andámos a entreter-nos enquanto esperávamos pela pessoa certa. E aconteceu simplesmente que ele conheceu a dele antes de eu ter conhecido a minha. – Essa fora uma das coisas mais dolorosas de toda aquela experiência, deu-se ela conta. O facto de estar tão perdidamente apaixonada por ele e ele não sentir o mesmo por ela. As palavras de Alex haviam escarnecido do amor que os tinha unido ao longo dos anos.

– É claro que não andavas à procura de mais ninguém.

– Foi o que eu lhe disse, mas ele insistiu que eu estava errada, que era impossível que eu não tivesse percebido o que ele me tentara dizer todo este tempo. Não querer casar era a maior das indiretas que se podia dar a alguém e era impossível que eu fosse tão ingênua que não tivesse percebido nada. Se ele quisesse ficar comigo, teria casado comigo. Portanto, eu devia ter percebido tudo e não ter ficado tão chocada quando ele se apaixonou pela Louise.

– Então, a culpa é tua, é isso? Por não teres percebido que estavam apenas a matar o tempo um com o outro?

– É basicamente isso, sim – concordou Daisy. Provou um pouco do *muffin*. Delicioso. Podiam os *muffins* ser a cura para um coração partido?

– De todos os canalhas mentirosos de que tenho ouvido falar, Alex Kenny tem de ser o pior – comentou Mary num tom de fúria. – Pelo menos, o Bart teve os tomates de me dizer que já não me amava, não negou que alguma vez tivesse estado apaixonado por mim!

Era um pequeno consolo o facto de Mary soar tão escandalizada com a atitude sacana de Alex.

– Que queres fazer?

Daisy sabia exatamente o que queria: Alex de volta. Mary não aprovaria.

– Queria que tudo voltasse a ser como era – respondeu Daisy.

– Nunca seria como foi antes. Nunca. Nunca. Nunca serias capaz de esquecer o que ele fez e o que ele disse. Risca o que te disse há pouco acerca de o aceitares de novo: ele não merece segundas oportunidades.

– Mas eu esqueceria tudo se ele voltasse.

– Não, não esquecerias. Eu sei que estou a quebrar a inquebrável regra da amizade ao dizer mal do teu namorado – referiu Mary –, mas o Alex é um sacana traidor e não te merece.

– Isso não faz com que deixe de gostar dele – argumentou Daisy.

– Ele contactou-te desde então? – Daisy abanou a cabeça. – Mas há de fazê-lo.

Uma chama de esperança aqueceu o coração de Daisy. Se, ao menos, pudesse ver Alex novamente, poderia remediar tudo, não poderia?

– Ele vai tentar fazer as pazes contigo e compensar-te para à noite deitar a cabeça na almofada com a consciência mais leve – explicou Mary. – Não se podem deitar catorze anos ao lixo de uma só vez. Ele há de querer resolver tudo para depois poder dizer aos vossos amigos que se separaram amigavelmente, que na verdade eram como irmãozinhos. Que está tudo bem, que gostarão sempre um do outro e farão sempre parte da vida um do outro e blá, blá, blá.

Muito embora soubesse que não devia, Daisy agarrara-se a esse pensamento com unhas e dentes. Amigos. Se pudessem ficar amigos, então ainda teria Alex e vê-lo-ia de vez em quando e talvez ficasse tudo bem. O pedregulho que lhe esmagava o coração tornar-se-ia mais leve se soubesse que ele continuava na sua vida. Entendia por que motivo as mulheres partilhavam homens, tendo conhecimento da existência de outras mulheres e aguentando a traição porque o homem em questão valia a pena. Daisy partilharia Alex se isso fosse necessário.

Porque, de outra forma, ele não existiria para ela e, não existindo, era como se estivesse morto, mas pior, porque escolhera estar algures no planeta, mas longe dela.

– Meio mundo e o outro sabe que ficarem amigos não é uma opção – apressou-se Mary a admoestar. – Se queres pôr um ponto final nesta questão, precisas de uma separação completa e fazer de conta que foi melhor assim é apenas evitar questões dolorosas.

Desde que Mary começara a fazer terapia para ultrapassar o divórcio, tinha sempre conselhos

cheios de palavreado pseudopsicanalista e estava sempre disposta a ouvir os dois lados da história. À exceção do de Alex.

– Mas, Mary, eu não quero ponto final nenhum – argumentou Daisy. – Quero fechar os olhos e ter tudo de volta como era.

– Não, não queres! – Mary foi ríspida. – O que tu queres é ir à casa nova dele esconder camarões nas bainhas das cortinas da Louise e depois ter um romance tórrido e muito público com um tipo de vinte e quatro anos e com os abdominais todos definidos. E, entretanto, eu tenho uns livros para te emprestar. *Mulheres Que Amam Canalhas* é fenomenal. Vais adorar.

* * *

Mary tinha razão, embora se tivessem passado seis semanas até que Alex regressasse. Daisy viu-o antes de ele a ver a ela. Com as mãos carregadas com a sua mala de mão, os sacos das compras e um saco de uma livraria com mais dois livros sobre como ultrapassar a dor e ficar fortalecida, avistou-o sentado no carro, num dos lugares de estacionamento à porta do apartamento deles. Era ainda o apartamento deles, para ela, mesmo seis semanas depois de ele a ter deixado. Seis semanas sem telefonemas, nada. Seis semanas durante as quais Daisy descera aos infernos e regressara.

E sobrevivera mais ou menos intacta. Atravessando cada dia aos tropeções e esperando que o próximo fosse melhor.

Alex viera sozinho.

Não havia sinal de Louise no lugar do passageiro, por isso esta talvez não fosse a visita em que Alex sugeriria que fizessem as pazes e ficassem todos amigos.

Viu Daisy finalmente quando esta avançou pelo caminho de mosaicos que conduzia à porta da frente.

– Olá, Daisy. – Manteve-se atrás dela enquanto ela inseria o código no teclado de segurança. Daisy sentiu o perfume do seu *after shave*, um aroma novo que flutuava sensualmente em redor dele, e teve vontade de se inclinar na sua direção, para os braços dele, como anteriormente pudera fazer.

– Olá, Alex. Como estás? – Não soara demasiado carente, pois não? Se deixasse transparecer o quanto ansiara por vê-lo outra vez, então ele fugiria a sete pés. Tinha de mostrar-se indiferente.

Alex segurou a porta para ela entrar.

– Bem, estou bem. Tu estás com bom aspeto, Daisy.

Ganhara algum peso, o resultado de todas as incursões noturnas que fizera ao frigorífico. Quem dizia que vinho e chocolate não ligavam obviamente nunca levava com os pés. Detestava o facto de já não conseguir enfiar-se nas suas roupas de magra, mas Mary estava sempre a tentar animá-la dizendo que uma mulher com curvas era muito mais apreciada.

– O corpo em forma de ampolheta está na moda – fazia notar Mary. – Os homens adoram-no.

«Eu só quero que o Alex o adore», pensava Daisy ao mesmo tempo que o corpo rechonchudo que toda a sua vida adulta ela detestava começava a bater-lhe à porta.

Frente à porta do elevador, Daisy virou-se para ele.

– Que vieste aqui fazer, Alex?

– Ver-te, conversar – respondeu ele.

O elevador chegou e ao entrar Daisy bateu com o saco da livraria nas canelas. Sente a dor e segue em frente com a tua vida, recordou a ele mesma.

– E queres falar acerca do quê? – inquiriu ela num tom firme.

– Acerca de nós, de tudo, de como tu estás. É só isso. – Ele hesitou. Alex sempre fora um homem tão seguro; não era o tipo de pessoa que hesitava. – Preocupo-me contigo, Daisy. Detesto ver-te sofrer. – Um ponto para Mary. Daisy estava grata por ao menos já estar preparada para esta abordagem.

O elevador zuniu até ao quarto piso. Dentro do apartamento, Alex estendeu-lhe um brilhante saco verde e dourado.

– Trouxe-te isto – disse ele.

No interior estava um pequeno ramo de rosas amarelas e uma garrafa de vinho. A chama da esperança voltou a acender-se. Ninguém visitaria a ex-namorada com um ramo de rosas e vinho a não ser que estivesse a planear voltar para ela e dizer-lhe que tê-la deixado fora um enorme erro. Era um sinal.

Mary estava errada. Alex queria Daisy novamente. Sabia-o.

– Queres um copo de vinho? – ofereceu ela, tentando esconder a excitação.

– Sim, seria muito bom. – Alex deambulou pela divisão, olhando para os móveis sem as coisas dele. Havia tantas coisas e coisinhas que tinham comprado juntos ao longo dos anos, que ele dissera que era impossível decidir o que pertencia a quem. «Podemos decidir isso mais tarde», acrescentara ele no bilhete que deixara a Daisy enquanto ela estava em Dusseldorf. «Detestaria que nos zangássemos por causa da divisão dos móveis.»

Levara os CDs dele e os livros e o enorme poster do filme *O Dueto da Corda* que costumava estar pendurado por cima do sofá. Deixara a enorme televisão com a sua intrincada rede de cabos e fios.

Daisy pegou no comando do televisor e lançou-lho.

– O canal desportivo já está com sintomas de abstinência – disse ela. – Acaba com o sofrimento dele e vê um pouco enquanto eu trato do vinho.

Boa, aquilo soara apropriadamente feliz, não soara? Sem pressão, calma e descontraída.

Era óbvio que Alex pensara o mesmo, a julgar pelo sorriso enorme com que a presenteara.

Do lado de fora da sala, correu ao quarto e despiu o fato de calça e casaco preto. Murmurando para ela mesma, revistou a gaveta da roupa interior e encontrou um conjunto italiano de sutiã e tanga cor de salmão que se encontrava a meio caminho entre as cuecas de magra e as redutoras-barrigalisa.

Com as calças do fato e camisa de seda de novo vestidas, e a roupa interior fresca e sensual por baixo, sentia-se melhor, mais em controlo. E não parecia que fizera muito mais a não ser pentear o cabelo.

Porque, se estivesse errada – «meu Deus, faz com que não esteja» – e ele não a quisesse de volta, então teria feito uma gigantesca figura de parva.

Serviu o vinho, bebeu um trago grande do seu copo, voltou a enchê-lo e levou ambos os copos para a sala de estar.

A televisão não estava no canal do desporto. Estava numa das séries que Daisy adorava e Alex detestava. Outro sinal.

Agora que estava ali, Alex parecia não ter pressa ou vontade de falar acerca de nada em particular. Recostou-se no cadeirão que habitualmente ocupava, pousou o copo no braço do cadeirão, como de costume, e começou a fazer conversa fiada. Como ia a loja? O negócio corria bem? Como estava Mary?

«Com vontade de te ver decapitado ao nascer do dia», pensou Daisy.

– Está ótima.

– Suponho que me queira ver a assar num espeto sobre carvão em brasa – disse Alex.

Daisy soltou uma gargalhada.

– Mais ou menos – admitiu.

– É uma boa amiga – comentou ele aprovadoramente.

– Nunca simpatizaste muito com a Mary – não resistiu Daisy a dizer. Mary e Alex haviam coexistido numa paz incómoda desde o primeiro dia, o que sempre irritara Daisy. Tinha tanto por que estar grata a Mary Dillon.

– Isso não significa que não seja capaz de ver que ela é boa para ti – alegou Alex, impassível. – É uma mulher dura; simplesmente não faz o meu género, mais nada.

O silêncio pendeu no ar. Mary não fazia o género dele, mas Louise, bonita, morena e grávida já fazia.

Alex bebeu mais um gole do seu copo.

– E a Paula, como está ela? – Outra vez o pé na poça.

– Já teve o bebé, uma menina.

Após um parto misericordiosamente fácil, a pequena Emma Marie fazia as delícias da maravilhada mãe, tinha já uma semana de idade e pesava três quilos e duzentos gramas. Tinha umas orelhas pequeninas perfeitas, dissera Mary.

– Ah, pois.

O ambiente estava tão tenso. O estômago de Daisy tinha um nó de tanto se interrogar acerca do que devia ou não dizer. Não queria soar demasiado desesperada e saudosa ou amarga. Mas, por outro lado, também não queria deixar transparecer demasiada indiferença que o levasse a pensar que não podia voltar. A porta estaria aberta de par em par, assim Alex o desejasse. Como se deixava entrever tal coisa e se permanecia ao mesmo tempo calma e imperturbável?

Desesperados por um tópico que não possuísse um conteúdo altamente explosivo, procuraram precipitadamente algo com que pudessem trocar algumas palavras.

O banco.

A garrafa de vinho e um pacote gigantesco de aperitivos de queijo foram consumidos no decurso de uma longa história acerca do banco, uma história que nem uma única vez incluiu Louise.

Mais descontraídos, graças a meia garrafa de vinho e às calorias dos aperitivos, Daisy pensou em introduzir o tema de Louise e do bebé como quem não queria a coisa. Como tem corrido a gravidez? Quando vai ela fazer a próxima ecografia? Algo do género. Mas simplesmente não era capaz.

Não conseguia ser assim tão clemente.

– Tens mais vinho? – Alex estava já de pé quando colocou a pergunta.

Ela assentiu que sim, os olhos a tremeluzir para ele. Alex sabia onde o vinho estava guardado. Era a casa dele, afinal de contas. Enquanto ele localizava mais uma garrafa, Daisy foi à casa de banho. O vinho ficava-lhe bem, decidiu, satisfeita *in vino* com o seu reflexo ao espelho. O cabelo ficava mais solto quando bebia e o rosto nunca lhe parecia gordo, apenas acolhedor e com faces redondas. Uma rosada madona com o menino. Não, risca isso.

Escovou os dentes, pulverizou *Eternity* para o ar, atravessou a nuvem de gotículas e espalhou *gloss* de morango nos lábios.

Alex estava já de regresso ao cadeirão com um copo cheio quando ela voltou à sala.

– Adoro este cadeirão – comentou ele, esticando as compridas pernas.

– Está aqui para ti sempre que quiseses – respondeu Daisy. Enroscou-se no canto do sofá que ficava junto ao cadeirão.

– Eu sei. – Alex estendeu o braço e pousou a mão na coxa dela, por isso pareceu natural a Daisy inclinar a cabeça na direção dele.

– És uma mulher espetacular, Daisy – suspirou ele.

Um calor que nada tinha a ver com o vinho cresceu dentro dela.

– Tenho saudades tuas e da nossa vida. Mudou tudo e é difícil de aceitar. – Os olhos dele turvaram-se de lágrimas e contemplou sem expressão a parede por cima da estante onde costumava estar uma máscara tribal de madeira pintada. – Lembras-te daquela viagem a Porto Rico onde comprámos a máscara? E já praticamente não tínhamos dinheiro e o tipo da tenda disse que eu era um homem de sorte e que te compraria a ti?

– Sim – respondeu Daisy. – Lembras-te das nossas fotografias na praia onde eu apanhei um escaldão porque adormecemos ao sol?

– E tinhas uma bochecha encarnada e a outra branca – terminou Alex. – Foram umas férias fantásticas. Não vimos grande coisa, pois não?

Fora a primeira vez que haviam saído da Irlanda enquanto casal e estavam ambos nas lonas. Havia ficado num minúsculo quarto de paredes brancas num pequeno hotel barato, onde havia vinho com fatura e o sol batia na varanda do quarto todo o dia, e a cama era macia o suficiente para ficarem deitados durante horas depois de fazerem amor. Tinham passado muito tempo a fazer amor durante aquelas férias. A pele desnuda, o corpo dourado de Daisy no biquíni branco que Alex insistira em comprar-lhe, a sensação de descontração fazia com que a única forma sensata de passar os longos e quentes dias fosse a fazer amor.

– Lembras-te do...

–... biquíni branco – terminou ela a frase, e sorriu. – Ainda o tenho.

– Aposto que te fica ainda melhor agora – disse ele, sorrindo também. E estava a falar a sério, Daisy sabia-o, porque os olhos escuros dele transbordavam de amor ao cravarem-se nos dela.

– Alex... – começou ela.

– Eu sei, Daisy, eu sei – disse ele e no momento seguinte estava fora do cadeirão e a puxá-la para o chão, para o lado dele.

As bocas de ambos encontraram-se e Daisy quase chorou ao sentir o familiar sabor dos lábios dele.

– Daisy – murmurou ele enquanto lhe desabotoava a camisa de seda, revelando o sutiã de renda italiano em toda a sua glória. Roçou os lábios pelos seios dela, devorando-os enquanto com as mãos lhe acariciava o corpo.

– A tua pele é tão macia – murmurou, esticando os dedos sobre a pele sedosa e macia dela, a delicada teia de veias azuis visível sob a pele dos seios.

E Daisy sentiu-se derreter nos braços do homem que a apresentara ao conceito de sexo e de realidade. Alex fora o seu primeiro amante, o único também, e sabia exatamente o que fazer para a excitar.

De alguma forma, conseguiram ver-se livres da roupa ainda agarrados um ao outro, e logo a seguir, sobre o suave tapete de veludo creme, Alex estava dentro dela e Daisy sentiu-se como se estivesse em casa. Aninhada no círculo protetor dos braços dele, o cheiro dele no ar, o hálito quente na pele dela, Daisy entregou-se-lhe arrebatada.

Não tinha a ver com o sexo. Tinha a ver com o conforto dos braços dele e quando Alex se veio, rapidamente, murmurando o nome dela como sempre fizera, Daisy chorou. Lágrimas salgadas marejaram-lhe os olhos e transbordaram e ela acorreu a afastá-las, pois não queria que ele pensasse que estava triste. Não eram lágrimas de tristeza, mas antes de júbilo. Nunca pensara que voltaria a sentir aquilo, a ter aquilo, aquele luxo de sentir Alex nos seus braços, amando-a, e abraçou-o com força.

– Amo-te – murmurou para o ombro musculado dele.

Ele repousou o seu peso por breves instantes nela e gemeu ao descolar-se dela. Daisy não queria que ele se afastasse, por isso enroscou-se a ele quando Alex se deitou no tapete.

Aquele momento, aquele lugar no chão, era tudo perfeito. Não queria que terminasse.

Alex elevou-se sobre um antebraço e olhou para o relógio ansiosamente.

– Tenho de ir – declarou. – É que... é difícil de explicar.

Daisy assentiu com a cabeça. Ele tinha razão. Precisava de tempo para dizer a Louise que estava tudo terminado. Não seria certamente fácil, por isso precisava de tempo. Agora, Alex ia voltar para ela e isso era tudo o que importava.

– Eu compreendo – disse ela.

– És uma mulher num milhão, Daisy – afirmou ele, afetuosamente.

Com um rápido beijo de despedida, vestiu-se e foi-se embora. Langorosamente, Daisy preparou-se para dormir, ainda em êxtase com tudo o que se passara. Colocou os livros de autoajuda no fundo da pilha que tinha ao lado da cama, pegou numa revista e recostou-se na cama a ler. Tudo iria ficar bem.

Na manhã seguinte, Mary reparou que Daisy estava mais animada.

– Estás com bom aspeto – comentou num tom aprovador.

– Dormi bem – respondeu Daisy, sentindo-se culpada. Era verdade, mas não era essa a razão por que tinha um ar tão animado.

– Que achaste de *Mulheres Que Amam Homens Que Não Conseguem Amar*? Não é mau, pois não?

– Não – disse Daisy devaneadoramente. – Não é nada mau.

Quando mais uma semana se passou sem um telefonema de Alex, um *e-mail* ou uma mensagem engraçada a marcar novo encontro, Daisy entrou por fim em pânico.

As rosas amarelas haviam murchado, mas teimosamente, Daisy secara cada uma delas. Sentia um aperto no estômago de cada vez que olhava para o lugar no chão onde ela e Alex haviam feito amor. Ficara tão feliz na altura e agora aquele pedaço de carpete parecia troçar dela. Todo o apartamento zombava dela. A sua vontade foi mudar-se naquele instante só para se afastar das memórias.

Mas isso seria um disparate. Tinha de esperar para ver, não tinha? Não havia ninguém a quem pudesse pedir conselhos. A Mary seguramente que não podia. E tantos dos amigos de ambos eram apenas isso mesmo: amigos de ambos. Não dela ou dele. Mas de ambos. Amigos partilhados. Não fazia ideia quem estava de que lado.

Seria mais fácil se os casais que se separavam dividissem os amigos da mesma forma que dividiam os CDs:

Tu podes ficar com o Gerry e a Michelle, desde que eu possa ficar com a Sheryl e o Ian. Assim, Daisy sabia que podia telefonar a Michelle em busca de apoio, sem recear que esta fosse depois a correr pegar no telefone e dissesse, *foi horrível. Não tive coragem de lhe dizer que o Alex e a*

Louise vêm sair connosco na sexta-feira à noite. Pobre Daisy. A Louise estava preocupada com o modo como ela lidaria com a separação e o Alex diz que ela está um pouco instável...

«Não sejas tão choramingas», admoestou-se Daisy. «Tens de descobrir o que se passa. Telefona-lhe, telefona a alguém.»

Deixou uma mensagem no telemóvel dele: «Alex, preciso de falar contigo. Estou preocupada; está tudo bem? Pensei que depois da última semana...» Merda, que havia de dizer a seguir?

Rapidamente, pressionou a tecla que lhe permitia apagar a mensagem e começou de novo.

«Alex, sou eu. Queria saber se estavas bem. Podias telefonar-me? Ainda temos coisas para falar.» Simples, mas concisa, pensou. «Não paro de pensar naquela noite no chão da sala de estar», acrescentou quase como um pensamento. Não apagaria esta mensagem.

No dia seguinte, Daisy foi de comboio para a cidade para não ter de se preocupar com o estacionamento. Fora convidada para o lançamento de uma nova linha de bijutaria e Mary incitara-a a ir. A substituta de Paula estava com ela na loja e a quebra na rotina faria bem a Daisy, argumentara Mary.

– À tarde já estarei de regresso – afirmara Daisy. – O evento não demora muito.

– Demora o tempo que precisares – oferecera Mary. – Quem sabe não conhecerás por lá um homem deslumbrante.

Daisy soltou uma gargalhada. Não planeava procurar nenhum.

Um ambiente de verão parecia inundar as ruas de Dublin: as pessoas começavam a deixar a roupa de inverno em casa e algumas mais corajosas apresentaram-se de pernas ao léu no lançamento da bijutaria.

A coleção era boa – decididamente adequada para a loja, decidiu Daisy – e depois de uns quantos copos de champanhe com uma estilista de moda sua amiga, Daisy entrou no ambiente da festa.

– Como está o Alex? – perguntou Zsa Zsa, a estilista.

– Bom... – Daisy hesitou e gaguejou. Todo o dia esperara que o telemóvel tocasse. De certeza que ele não tardaria a responder-lhe, de volta, embora tivesse tido de colocar o telemóvel no silêncio durante o desfile da bijutaria. – Estamos separados...

Zsa Zsa ficou, por breves instantes, espantada.

– Há muito peixe no mar, Daisy – declarou. – Se quiseres, podes vir pescar comigo.

– Pois – respondeu Daisy, enfiando a mão na mala em busca do telemóvel.

Porque andava toda a gente a tentar arranjar-lhe homens? Ela era uma mulher de um homem só. E, fosse como fosse, todos os relacionamentos passavam por tempos difíceis, não era?

Chamada perdida, dizia o ecrã do telemóvel. O número de Alex foi o primeiro a surgir quando acedeu ao menu das chamadas não atendidas. Não deixara mensagem, por isso Daisy marcou o número dele. Paciência, se estivesse numa reunião.

– Sou eu – disse ela, desnecessariamente. O telefone dele tinha uma fotografia sorridente dela que surgia no ecrã quando ela lhe telefonava. Ou costumava ter.

– Espera um pouco – pediu Alex na sua voz profissional.

Daisy ouviu passos e imaginou-o a sair de onde quer que estivesse para se afastar de quem o pudesse estar a ouvir. Isso era bom. Era sinal que tinha alguma coisa para lhe dizer.

Bebericou o seu champanhe e sorriu para Zsa Zsa, que conversava animadamente com a pessoa à sua esquerda. O local zumbia ainda de atividade depois do lançamento e Daisy sentia uma incomum confiança, devido ao álcool e à excitação do dia. Era boa a comprar coisas que seriam rentáveis para

a loja, tinha um bom olho. E as pessoas estavam satisfeitas por vê-la. Não era uma pessoa inútil, afinal de contas. E Alex via isso.

– Daisy, não podia falar. Estava numa reunião.

Outrora, Daisy teria pedido desculpa por o ter afastado da reunião, mas desta vez não o fez. Os seus livros de autoajuda haviam-lhe mostrado que ser sempre aquela que pedia desculpa estabelecera um precedente no seu relacionamento. Ela pedia desculpa e ele aceitava as desculpas, independentemente de quem fizera a asneira.

– Fiquei preocupada por não ter sabido mais de ti – disse ela, segurando o pé do copo e fazendo-o rodar.

– Preocupada, porquê?

– Depois da outra noite – explicou ela. – De nós – baixou o tom de voz – termos feito amor.

– E então?

A antiga sensação de que os seus ossos se derretiam, como se se dissolvesse numa gigantesca poça de nada, de não existência, voltou.

– O que significou, o que tu disseste – sussurrou ela. Levantou-se e estugou o passo para o vestíbulo, onde estava mais calmo.

– Eu não disse nada – argumentou ele rispidamente.

– Sim, disseste que eu era espetacular e...

– E foste. Indulgente... foste indulgente, Daisy, mas mais nada. Não estamos de novo juntos nem nada que se pareça. Foi apenas sexo.

– Não estás a falar a sério – disse ela, estupefacta.

– Estou, Daisy. Meu Deus, não me venhas com isto. Está terminado e tens de aceitá-lo.

– Então, porque fizeste amor comigo? – perguntou ela, quase num sussurro.

– Aconteceu simplesmente. – Alex soava já irritado. – O sexo acontece. Não tem de significar alguma coisa. Eu agora estou com a Louise, Daisy. Não te ponhas com coisas.

– Mas porque o fizeste? – voltou ela a perguntar. Como pudera aquilo ter sido apenas sexo?

– Tu estavas ali, aconteceu, qual é o problema? Não voltará a acontecer. Pensei que tinhas percebido. Tu disseste que compreendias – acrescentou ele, quase queixosamente.

– Não entendi nada, exceto que tínhamos feito amor e que tu querias voltar para mim. Foi o que eu compreendi e depois quando não telefonaste...

– Daisy – interrompeu um dos organizadores do evento. – Estamos a organizar transporte para as pessoas voltarem aos seus trabalhos...

Daisy abanou a cabeça e levantou uma mão a indicar que não podia falar.

– Olha – disse Alex –, tens de ver se te orientas, Daisy. Tu e eu acabou. Pensei que podíamos continuar a ver-nos e sermos amigos, mas suponho que estava errado. Aquela noite foi um erro, esquece que alguma vez aconteceu. Eu vou fazer o mesmo.

– Porque isso pode magoar a Louise – disse Daisy.

– Ela não precisa de saber e, se tu achas que vais causar problemas contando-lhe, então és uma cabra insensível – sibilou ele.

Foi então que Daisy percebeu finalmente que ele falava a sério.

Alex nunca falara com ela assim. Mas acabara de o fazer, o que significava que estava tudo terminado. Já não significava nada para ele. Era o passado dele, alguém que ele preferia esquecer, alguém com quem ele não voltaria a estar porque o passado poderia voltar para o assombrar a ele e a

Louise.

– Eu nunca faria... – começou ela, mas estava a falar com ela mesma: Alex tinha desligado. Daisy sentiu um gigantesco vazio dentro dela. Sentia-se oca, tão oca que lhe parecia que nem o coração batia mais dentro do seu peito. Como poderia viver com aquilo dentro dela, com aquele vácuo?

Nunca mais voltaria a ter Alex, nunca mais voltaria a abraçá-lo e a sentir a respiração quente dele na sua pele? Ele já não a amava e ela ainda o amava a ele. E, por mais que quisesse obrigá-lo a amá-la, não conseguia. Não tinha esse poder. Conseguia ver o futuro e parecia-lhe ermo e solitário, estendendo-se infinitamente à frente dela.

Flashes da noite anterior vieram à cabeça de Daisy na manhã seguinte, deitada na cama, a latejante dor de cabeça impedindo-a de levantar-se.

A festa começara com *cocktails* no Diamond, um bar no centro da cidade perto de onde ocorrera o lançamento da coleção de bijutaria. Quando, depois de uma tarde inteira a festejar, se começaram a abeirar as nove da noite, uma voz sensata sugerira que fossem jantar algures.

Animada por, pelo menos, seis martínis, cada qual com o coice de uma mula, Daisy guinchara «Não!» a plenos pulmões. Jantar seria uma coisa entediante e normal e, se comesse, era possível que começasse a ficar sóbria e voltaria a sentir a dor. Sentar-se para comer com pessoas que não eram Alex, que nunca seriam Alex, arruinaria o serão.

A pandilha – Daisy e Zsa Zsa; um fotógrafo grisalho e sabichão chamado BB; um par de maquilhadores; um relações-públicas de uma empresa de cosméticos chamado Ricardo, e uma *designer* de interiores muito *avant-garde* – consideraram as opções.

– Jantar seria fabuloso – suplicou Sita, uma das maquilhadoras, a pé desde as cinco da manhã por causa da filmagem de um anúncio televisivo e que entretanto já estava para lá de esfomeada. – Não podem estar todos a fazer dieta.

– Mas poderia estragar o ambiente de festa – fez notar Zsa Zsa, que acompanhava Daisy na conta de martínis. – E nós já comemos. T’ás a ver, seis azeitonas – acrescentou ela, acenando com a última num palito de *cocktail* prateado. – É comida. Não estamos todos a dieta. – Uma ideia inspirada ocorreu-lhe, qual Miguel Ângelo, dando-se conta de que o que estava a dar na verdade eram os tetos e que as paredes pertenciam ao passado. – Esqueçamos o jantar. Vamos antes ao Pilgrimage e começamos a noite mais cedo.

O Pilgrimage era o mais recente clube, tão *cool* que nem parecia um clube, o número de telefone não vinha na lista e os requisitos de entradas apenas rivalizavam com os de uma loja maçónica. Naturalmente, estava sempre cheio e era impossível entrar sem que o nosso nome estivesse na lista de convidados pelo menos com dois dias de antecedência. Estrelas de *rock* e gente da indústria discográfica e da moda era o único tipo de pessoas que tinham alguma hipótese de entrar sem aviso prévio.

– Pilgrimage é um nome tão espetacular – suspirou Zsa Zsa. Toda a gente concordou.

Daisy deu a sua azeitona a Zsa Zsa. Pela primeira vez em semanas, não tinha fome.

– Vamos a votos – sugeriu ela, fazendo figas para que fossem ao clube, onde poderia beber mais deliciosos martínis para entorpecer a dor. O esquecimento, era o que ansiava.

Toda a gente votou no Pilgrimage. Apenas Sita queria parar e ir comer.

– Está escolhido, é o Pilgrimage – gritou Zsa Zsa alegremente e acenou a pedir a conta antes que alguém pudesse pedir mais martínis.

Do conforto do seu edredão, Daisy tentou recordar o que acontecera a seguir. A viagem até ao clube estava um pouco esbatida na sua cabeça, mas lembrava-se sem dúvida de estarem refastelados em sofás muito baixinhos de pele castanho-escuro com líquidos quase translúcidos em copos de *shots* à frente deles. E a música... recordava-se de como berrara de alegria quando o DJ passara «We are Family», dos Sister Sledge. Daisy adorava aquela canção. Teve uma visão dela mesma a rodopiar frente aos outros, e nem sequer fora na pista de dança, se bem se lembrava. E de ter despedido o translúcido casaco tipo teia de aranha *Lainey Keogh* porque estava muito calor e de ouvir Ricardo dizer-lhe que teria de voltar a vesti-lo porque a gerência do clube não considerava que um sutiã, embora fizesse parte de um lindíssimo conjunto rosado, cortesia de Elle Macpherson, fosse uma peça de roupa apropriada para se estar no clube.

«Condiz com as minhas cuecas», não parara Daisy de insistir pesarosamente porque era um pormenor importante. As mulheres que se preocupavam com pormenores como aqueles conseguiam sempre manter os seus homens, tinha a certeza disso. Eram as mulheres que adotavam uma atitude displicente para com a roupa interior e coisas como acarinhar os seus homens que levavam com os pés. Não aquelas que os estimulavam só quando lhes dava jeito.

Daisy era *boa* a estimar. Levara a roupa de Alex à lavandaria regularmente sem que ele tivesse sequer de o mencionar; sabia qual o dentífrico que ele preferia e apenas comprava esse; dobrava sempre as camisas dele quando ia em viagens de negócios. E beijava-lhe o pescoço, tal como as revistas aconselhavam. As maçãs de adão dos homens eram zonas altamente erógenas e beijá-los ali podia deixá-los loucos de desejo. Fizera todas aquelas coisas e de que lhe servira isso?

Ricardo colocara os braços à volta dela num abraço terno e afável. Era uma pessoa muito tátil e abraçar alguém parecia ser algo que fazia com naturalidade. Era mais alto que ela e magro, semelhante a Alex em alguns aspetos. Daisy encaixou na perfeição na curva dos braços dele, com o casaco envolto em redor dela, e inalou o aroma da camisa de linho branco de Ricardo e da água-de-colónia de *vetiver*. Ser abraçada era tão bom. Alguma vez alguém mais a abraçaria?

Tal pensamento fê-la chorar e aninhou-se mais nele, interrogando-se se ele gostava dela ou não. O toque dele era tão agradável e sentia falta dos braços de um homem.

Amavelmente, Ricardo afastou-se e Daisy acomodou-a no lugar dela. Como se estivesse a vestir um manequim, conseguiu voltar a enfiar-lhe o casaco, apertando os botões sem uma única vez lhe tocar na pele.

– Não gostas de mim? – inquiriu ela, tão embriagada que nem se preocupava com o quanto podia soar carente. – Sou mais magra do que costumava ser há cinco anos, sabias? – E era. O espelho assim lho dizia, embora os vestígios da sua autoestima se recusassem a acreditar nele.

Ricardo sentou-se ao lado dela e olhou-a fixamente nos lacrimosos olhos.

– Não somos compatíveis – disse ele em voz baixa.

– Queres dizer que não sou o teu género – murmurou Daisy. Nunca era o género de ninguém. Só fora o género de Alex.

Ele segurou-lhe o rosto com tamanha ternura, como um pai a agarrar a cara pequena de uma filha para lhe dar um beijo de boas-noites.

– Não, mas tu és muito bonita – disse ele e Daisy apercebeu-se de um retraimento no olhar dele.

«Pois claro, é homossexual», pensou ela, tão envergonhada que a sua vontade era enfiar-se debaixo do edredão e só voltar a sair quando toda a gente se tivesse esquecido da bela figura que fizera.

Não conhecia muito bem Ricardo e lembrava-se vagamente de Zsa Zsa a ter informado acerca

desse pormenor, mas ainda assim, devia ter percebido, muito embora Ricardo não fizesse alarde da sua orientação sexual.

Um cartão, enviar-lhe-ia um cartão a pedir desculpa.

Mais uma vaga de recordações fê-la encolher-se. BB, o fotógrafo. Oh, não, o que fizera com ele? Ninguém sabia muito bem ao certo o que queria dizer BB, embora Mary Dillon, que certa vez o contratara para um trabalho para a Georgia's Tiara, dissesse que talvez fosse Belo Borracho, uma vez que era muito sensual com aquele aspeto de barba sempre por fazer. Vestia uma camisa de ganga que parecia moldada ao corpo dele e fumava como uma chaminé, mas isso não retirava um milímetro ao seu *sex appeal* se a Marlboro andasse à procura de um novo *cowboy* para os seus anúncios, BB poderia candidatar-se ao *casting*.

A determinada altura, ele fora sentar-se ao lado de Daisy.

– A vida é uma merda – declarara, acendendo um cigarro.

– Não podes fumar aqui. – Daisy ficou chocada, apesar da névoa mental que os martínis lhe haviam proporcionado. Era proibido fumar em discotecas ou restaurantes, razão pela qual as empresas que faziam cinzeiros gigantesco para exteriores estavam a encher-se de dinheiro. Zsa Zsa, que não fumava, afirmava que muitas vezes ia para a rua com os fumadores só pelo gozo, porque se conheciam pessoas muito interessantes.

– E então? – BB soprou um anel de fumo para o ar.

Uma parte há muito adormecida de Daisy reacendeu-se.

– Tens razão – declarou. O que é que ser uma boa menina alguma vez lhe trouxera de bom? – Dá-me um – pediu desafiadoramente. Nunca fora uma fumadora, muito embora a sua mãe nunca tivesse sido vista sem um cigarro a pender-lhe de uma elegante mão.

Inalou e sentiu o coice da nicotina a espalhar-se pelo corpo. «Funcionava de facto», pensou. Era relaxante, ou seria tudo culpa dos martínis?

– Estão a violar a lei – disse uma voz severa. Daisy levantou a cabeça e viu um enorme segurança a olhar para ela e para BB. – Terei de vos pedir que se retirem. Somos muito rígidos na nossa política de não fumadores.

Os olhos de BB, já umas ranhuras devido ao cansaço e ao fumo, estreitaram-se ainda mais, assemelhando-se aos de uma jiboia. Largou o cigarro meio fumado no chão, apagou-o com a biqueira da sua bota de *cowboy* e bebeu de um só trago o resto da sua bebida.

Daisy, sentindo-se de repente como uma rapariga rebelde a mandar a diretora da escola à merda, seguiu-lhe o exemplo.

– Assim como assim, já nos íamos embora – rosnou BB e puxou-a para a porta com ele.

Daisy mudou desconfortavelmente de posição na cama, rodeada de almofadas. Deixara o clube na companhia de BB e depois havia algumas brancas na sua memória, mas recordava-se vagamente de ter acompanhado BB a casa e de estar sentada com ele frente à lareira, aos beijos e depois... por favor, não...

Abriu os olhos, espreitou para o outro lado da cama, mas estava sozinha.

«Obrigada», disse, aliviada. O que quer que tivesse acontecido a seguir, pelo menos não fora para a cama com ele. Isso teria sido imperdoável, estúpido, completamente ridículo, já para não falar de desleal para com Alex. Como iria contar semelhante coisa a Alex? Mas não tinha de o fazer. Alex já não fazia parte da vida dela; não tinha o direito de ficar com ciúmes.

À medida que tomava cada vez mais consciência da vergonha do seu comportamento na noite

anterior, Daisy suspirou, tentando encontrar consolo no facto de, pelo menos, não ter acabado na cama com BB, certo?

Mas devia estar incrivelmente embriagada. Estava ainda com os colãs opacos pretos muito pouco sensuais por cima das cuecas. Demasiado bêbada até para despir a própria roupa. Muito bonito.

Com muito, muito, cuidado, levantou-se, a cabeça a latejar. Um chá ajudaria, pensou, cambaleando um pouco. Estendeu o braço para o roupão, no seu local habitual na porta do roupeiro, e foi então que as viu. Um par de botas de *cowboy* aos pés da cama, obviamente abandonadas da mesma forma que o seu dono as descalçara. O conteúdo das algibeiras de um homem encontrava-se espalhado pelo chão ao lado das botas. Vergonha, remorsos, arrependimento e muitos outros sentimentos pertencentes à categoria de erro crasso acometeram Daisy.

Estava ainda meio vestida, por isso era certo que nada de natureza sexual teria acontecido. Mas tal era uma pequena misericórdia em comparação com a vergonha e o embaraço.

Dois analgésicos – caramba, eram bons; tinha de arranjar outra embalagem porque desapareciam rapidamente por alguma razão – e cinco minutos com a escova de dentes mais tarde, Daisy já se sentia quase humana. Arriscou então uma espreitadela ao espelho. Não sabia o que a escandalizava mais: se o cheiro a bebida que exsudava de cada poro do seu corpo, se do aspeto inchado e acinzentado do seu rosto. Estava tão mortificada de vergonha. Apertou melhor o roupão em redor dela e emergiu da casa de banho.

De calças de ganga e *T-shirt*, BB estava sentado à mesa da cozinha a ver o canal das notícias e a fumar. Sob a luz matutina a entrar sem restrições, uma vez que as cortinas não haviam sido corridas na noite anterior, ele parecia mais velho e seguramente menos sensual. Mas não tão mal quanto ela. Estava a beber o que se assemelhava a um *Bloody Mary*, muito embora Daisy não conseguisse conceber como é que alguém podia beber o que quer que fosse depois da quantidade que haviam consumido a noite anterior.

– Olá, Daisy.

O cumprimento de duas palavras tornava tudo ainda pior.

Daisy encolheu-se ao pensar que tinha de fazer conversa. Pelo menos, ele sabia o nome dela. De certeza, que tal contava para alguma coisa.

– Olá para ti também – respondeu ela, tentando parecer pouco impressionada. – Como te sentes esta manhã? – Nunca antes fizera aquilo, por isso não conhecia muito bem o protocolo.

– Encrespado. Isto ajuda. – Apontou para o copo que tinha à frente antes de terminar a bebida. – Queres um?

– Sumo de tomate?

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Que te parece?

– Que vomitaria se bebesse um *Bloody Mary* – respondeu Daisy.

– É bom para a ressaca.

E aquilo era o mais íntimo a que aquela conversa chegaria.

– Obrigada, mas não. – Fez café, adicionou-lhe montanhas de açúcar e bebeu-o lentamente. Tinha as mãos a tremer, deu-se conta. O pesadelo de uma ressaca.

– Lamento que não tenhamos chegado a... já sabes... a noite passada – disse BB. – Mas agora já não estou com pressa de ir a lado nenhum. – Apagou um cigarro no seu cinzeiro improvisado, um

achado que Daisy fizera numa feira de antiguidades: uma bonita tigela com um padrão azul e branco em mosaico e acendeu outro. O cheiro encheu-a de náuseas.

– Tenho de ir... – e correu para a casa de banho, chegando mesmo a tempo. Vomitou até sentir dores de estômago e só então conseguiu parar de ter vômitos. Ajoelhada no chão ao lado da sanita, nauseada de todas as formas possíveis, os olhos encarnados de Daisy olharam em redor.

Há dois meses, ela e Alex haviam partilhado aquela casa de banho, conversando enquanto se despachavam, desviando-se um do outro para chegarem ao armário espelhado por cima do lavatório. O truque de Alex era dar-lhe uma palmada atrevida no traseiro quando ela trepava para a banheira, dizendo, «despacha-te, jeitosa, preciso de ti».

E ela ria sorria-lhe.

«Isso é uma promessa ou uma ameaça vã?», perguntaria ela. De onde se encontrava agora, conseguia ver que estava muito desleixada nas tarefas domésticas desde que Alex partira. Havia bolas de algodão atrás do pedestal da sanita, enquanto o cesto branco de vime estava a transbordar e ela não tivera energia para o despejar. Tal nunca acontecera antes. À noite, Daisy não conseguia sentar-se até ter arrumado e deixado tudo a brilhar depois do jantar. Aquela porcaria não parecia mesmo nada dela.

Mas o que era ela, afinal de contas? Simplesmente não sabia. Era como se Alex lhe tivesse levado a sua identidade quando partira, deu-se ela conta. Tentava desesperadamente encontrar-se, mas não havia nada para encontrar. Sem Alex, não era nada.

– Estás bem? – bramiu uma voz.

Uma nada com um estranho no seu apartamento após uma noite de farra. Uma nada que, para compensar, era uma desavergonhada – bom, podia ter sido uma desavergonhada, mas estivera demasiado embriagada. Muito embora BB estivesse amavelmente a oferecer-se para a compensar nesse capítulo. As náuseas regressaram com semelhante pensamento e teve de se pendurar de novo na sanita. A sua vida terminara, pensou em desespero enquanto vomitava. Mais ninguém se importava, porque haveria ela de o fazer?

Demorou dez minutos a reunir coragem para dizer a BB que era melhor ir-se embora e mais duas horas até se sentir razoavelmente bem para ir trabalhar. Daisy decidiu ir a pé, acreditando que o ar fresco a faria sentir-se melhor. Pelo caminho, parou numa banca de jornais e comprou cigarros, embora não fumasse, uma enorme tablete de chocolate e uma garrafa de água.

– Olá – cumprimentou Daisy animadamente a rapariga atrás do balcão na Georgia's Tiara ao entrar escandalosamente atrasada: eram onze e meia.

Carla, a substituta de Paula, era muito jovem, uma fã devota da moda e estava boquiaberta. Daisy não se dera a grandes maçadas no capítulo da maquilhagem e o seu rosto tinha um esquisito tom cinzento. Pior que isso, exibia a mais estranha combinação de peças de roupa: uma saia de seda de aspeto vintage cor de ameixa, colãs pretos, uma camisola de homem cinzenta e o que pareciam uns chinelos de camurça.

– Mary...? – chamou Carla num tom nervoso.

A cabeça loura de Mary espreitou detrás da porta do escritório.

– Santa mãe de Deus! – exclamou ao dar de caras com Daisy. – Que aconteceu?

– Quem me dera saber. – Daisy parecia ainda embriagada. Sentou-se na ponta da montra ao lado de um manequim com um fato de verão muito elegante, no estilo chique urbano. – Acabou, o Alex

terminou definitivamente comigo. Acabado, terminado, ponto final!

Mary agarrou numas notas da caixa registadora e enfiou-as na mão de Carla.

– Dois cafés do Mo's e um *muffin*. *Lattes* com cafés duplos.

Carla saiu a correr. Daisy pareceu nem dar-se conta.

– O que eu não entendo, Mary, é como não percebi.

– Compartmentalização, minha querida – anunciou Mary. Rodou a placa da loja para que indicasse fechado e sentou-se ao lado da amiga. – Os homens são capazes de colocar a vida deles em várias caixinhas pequeninas, embora não consigam guardar as meias na gaveta certa. Já nós, que sabemos em que gaveta se coloca a roupa, somos incapazes de manter as nossas vidas separadas. Se amamos alguém, toda a gente o sabe.

– Não achei que aquilo com a Louise fosse amor, sabes? – disse Daisy. – Esperava mais ou menos que fosse apenas um caso passageiro e que ele voltasse para mim.

Mary lançou-lhe um olhar recheado de compaixão.

– Não deves ter grandes expectativas – aconselhou num tom gentil.

Daisy respirou fundo e confessou tudo: sobre ter deixado que Alex fizesse amor com ela e depois o terrível incidente com BB.

– Oh, Daisy, isso não é forma de esquecer um homem, querida – afirmou Mary quando Daisy terminou, tentando colocar um braço à volta dela.

Daisy não aceitou o abraço.

– Bem podes dizê-lo de novo – concordou ela lacrimosamente. – É horrível, do pior. Nunca fiz uma coisa assim em toda a minha vida e agora, um dia depois de saber que está tudo definitivamente acabado, levo um estranho para dentro de casa e não me recordo do que aconteceu. Sou uma inútil.

– Não, não és – argumentou Mary, tentando reconfortá-la. – És uma boa amiga, uma pessoa talentosa, repara em tudo o que tens. Uma sociedade aqui na loja! E isso nada tem a ver com o Alex. Mereceste-a porque és uma excelente profissional, cheia de talento.

– Nada disto importa – ripostou Daisy de repente. – De que serve? Que importância tem tudo isto? – Apontou para as filas de cabides em redor da loja. – Esta porcaria toda?

– Não é porcaria – fez notar Mary pacientemente. – São roupas, é trabalho.

– Para mim não era trabalho. Pensava que tudo isto significava alguma coisa e que, se usasse as roupas certas, então encaixar-me-ia no mundo, mas estava enganada. As roupas não significam nada. As palavras não significam nada. Não tenho nada. – Levantou o rosto para Mary com um olhar suplicante.

– Tens, claro que tens – argumentou Mary, desejando poder dizer a coisa certa. Mas o que era isso?

– Não tenho. – Daisy começou a arrancar o invólucro do maço de cigarros com dedos trémulos. A sua vontade era fumá-los todos e depois beber até já nem se lembrar do seu nome e comer um frigorífico recheado de bolos e biscoitos e natas. – Passei toda a minha vida adulta com um homem que já não me ama e já não quer estar comigo. E eu achei que estava bem porque ele estava comigo e agora sem ele acho que não sou ninguém. Estou vazia, oca, não sou nada. A primeira coisa que faço quando ele me dá com os pés é dar cabo da minha vida. – Pendeu a cabeça e reparou na saia que vestira, a bonita saia rodada cor de ameixa com as flores bordadas, e começou a descosê-las sistematicamente. – Estás a ver, é como tudo neste mundo: apenas lixo. Lixo que se desgasta facilmente. – Daisy puxou e rasgou de modo a que tudo o que se ouvisse fosse o som de tecido a rasgar-se.

Mary não fez nada. Se Daisy se sentia melhor a rasgar uma saia impecável boa, então, força, que a rasgasse. Mary também tivera a sua própria versão deste ato destrutivo. Quando ela e Bart se haviam separado, agarrara na coleção dele de revistas de motas e rasgara-as em pedacinhos. Cada uma delas. Tivera de fazer uma viagem ao depósito do lixo com sacos cheios de papel, pois, se os deixasse à porta para o camião do lixo, os vizinhos teriam pensado que ela perdera o juízo. Mary até podia estar sozinha, mas recusava-se a permitir que os vizinhos se apiedassem dela.

A pobre Daisy já passara esse ponto. Estava-se nas tintas para quem tinha pena dela ou não. E isso era assustador, porque ao longo de todos os anos em que Mary conhecera Daisy, esta sempre se preocupara de mais com o que as outras pessoas pensavam. Não se ralar agora era um sinal de que estava a sofrer.

– Devias tirar algum tempo – aconselhou Mary com tato. – Se quiseres, claro. Poderás querer trabalhar como uma louca e, se for esse o caso, força, estamos contigo. Mas talvez uns dias de férias te fizessem bem.

Daisy levantou os olhos raiados de sangue para a amiga e declarou:

– Vou para casa.

– Boa ideia – disse Mary aliviada. – Eu levo-te.

– Não vou para o apartamento. Vou para a minha antiga casa, da minha mãe. Não quero ficar sentada sozinha no apartamento. Não me apetece sequer voltar para lá – afirmou Daisy. – Não há lá nada que eu possa querer.

Agarrou na mala, que pousara atrás do balcão, e abandonou a loja, a campainha da porta tinindo quando esta se fechou.

Mary foi a correr atrás dela, mas já só a viu a meter-se meio aos tropeções num táxi.

– Raios! – praguejou Mary ao ver o táxi arrancar. Em Carrickwell demorava-se uma eternidade a arranjar um táxi e, quando não se queria ver um, estes apareciam como que de nenhures e levavam a pessoa num ápice em direção ao éter.

Mary correu de novo para dentro da loja e pegou no telefone. Tinha experiência suficiente a lidar com homens para saber que Alex Kenny não atenderia um telefonema da patroa da sua ex-namorada, em especial uma patroa com a qual ele nunca se dera muito bem. Assim sendo, faria de conta que era a mãe dele.

A não ser que Mrs. Kenny tivesse mudado radicalmente desde que Mary a conhecera, ainda adoraria Daisy e o mais provável era que não tivesse recebido instantaneamente Louise no seio da família Kenny. O que significava que Louise não iria fazer conversa fiada ao telefone e dar-se conta de que não era Mrs. Kenny. Mentir era sem dúvida o melhor remédio.

A voz doce e um pouco aflita de «Mrs. Kenny» conseguiu que a chamada fosse passada para a linha direta de Alex em trinta segundos.

– Mãe... – começou Alex, soando como se tivesse corrido para ir atender o telefone.

– É Mary Dillon e não desligues. Há um problema.

– Com a Daisy?

– Não, com a Julia Roberts e o Dalai Lama. É claro que é com a Daisy – rosnou Mary. – Eu sei que és um paspalho, mas nunca pensei que o teu cérebro fosse do tamanho de uma ervilha. – Prosseguiu antes que ele tivesse tempo de reagir. – A Daisy está a ter uma espécie de depressão e estou preocupada com ela. Acabou de sair daqui a dizer que vai para casa da mãe, o que, como até tu sabes, é muito estranho. Elas mal se dão, portanto, porque carga de água haveria a Daisy de querer ir

visitá-la? E não pretendia passar pelo apartamento para levar roupa. Tens de falar com ela, tens de fazer alguma coisa.

Silêncio. Depois:

– Que posso eu fazer?

– Vai atrás dela, conversa com ela. Faz alguma coisa! – Mary estava furiosa com ele.

O carro da mãe estava estacionado na entrada, à porta da casa, mas ninguém veio abrir a porta quando Daisy tocou à campainha. A mãe de certeza que não estava ausente, pensou Daisy. Foi então que lhe vieram à memória as mensagens no atendedor de chamadas, que haviam ficado por responder, claro. Uma era da mãe, alegre e jovial como sempre, a informá-la de uma viagem ao estrangeiro «para ajudar a tia Imogen a recuperar da operação». Que operação? Daisy não sabia nem estava interessada. A mãe corria para socorrer e ajudar as irmãs, deixando a própria filha entregue a ela mesma.

O taxista olhava para o relógio.

– Tenho outro serviço – informou ele da janela do carro. – Um transporte para o aeroporto. Não posso perdê-lo. Fica ou regressa comigo à cidade, menina?

Daisy preparava-se para responder que não sabia quando uma cabeça apareceu acima da sebe.

Era Brendan, o idoso vizinho da mãe, o homem que ficava com as chaves quando Nan Farrell se ausentava. Daisy sorriu-lhe fatigadamente.

– Brendan – disse, encontrando o nome do homem nos recessos do seu cérebro. – Esqueci-me das minhas chaves – explicou, sabendo que agora ficaria tudo bem.

Depois de Brendan ter sido persuadido a regressar a casa – parecia muito ansioso por Daisy ter aparecido sem convite e não parava de dizer que a mãe não o prevenira para tal ocorrência –, Daisy fechou a porta pintada de branco e encostou-se a ela aliviada. Paz e sossego, finalmente.

Ao contrário da primeira casa de Daisy, a que ficava no centro de Carrickwell, a vivenda sempre fora um local mais calmo e tranquilo. O centro de Carrickwell sempre fora muito movimentado, tal como o pequeno beco sem saída onde Nan e Daisy viviam. Porém, a vivenda era uma de seis casas de campo, antiga, e ficavam mais ou menos no meio do campo. Com exceção da que ficava na ponta, comprada por um casal jovem, os residentes das restantes cinco já todos haviam passado bem dos cinquenta e a rua era muito calma.

A casa era pequena, mas estava decorada de tal forma que podia constar numa revista de casas de campo. Exibia uma minúscula sala de visitas com paredes no mesmo tom de azul que a sala de estar matutina da mansão onde Nan crescera e algumas das pratas da mansão podiam ser vistas no louceiro de madeira de carvalho. Aguarelas pintadas pela mãe alegravam as paredes. A cozinha, a divisão mais usada, era também a mais acolhedora e alardeava um enorme fogão – infelizmente, não era um *Aga*, como Nan sempre dizia – e um banco junto à janela, forrado a amarelo, onde Daisy costumava ler quando estava demasiado frio para ficar no seu quarto.

Subiu as serpenteantes escadas até ao seu quarto, embora na verdade já não fosse dela. A colcha que costurara com a sua máquina de costura aos dezasseis anos desaparecera, bem como todas as coisas que deixara em casa quando se mudara. A mãe não era pessoa de acumular tralha por razões sentimentais.

Contudo, a cama era a mesma. A cama na qual sonhara com um futuro.

Daisy deitou-se nela, descalçou os chinelos que levava para trabalhar e adormeceu de imediato, um sono desprovidos de sonhos.

Quando acordou, fez um chá e ligou o telemóvel. Tinha várias mensagens, a maioria de Mary, soando cada vez mais preocupada, mas tentando escondê-lo, e uma de Alex.

A Mary telefonou-me. Está preocupada contigo. Diz que foste para casa da tua mãe... Peço desculpa, Daisy. Seguiu-se uma pausa, como se Alex soubesse que dissera o que não devia. *Liga-me a dizer que estás bem.*

«Claro, eu asseguro-te que estou bem para que possas dormir com a Louise em paz e acariciar-lhe a barriga e sentir o teu bebé dar pontapés», pensou Daisy amargamente. A amargura era a parte mais horrível. Sufocava-a, crescendo a partir do estômago e correndo-lhe pelas veias de tal maneira que nem sequer conseguia olhar para o sol sem sentir raiva e azedume contra ele por se mostrar tão dourado quando o mundo dela era tão sombrio.

Procurou algo para beber, embora soubesse que estava a perder o seu tempo. A mãe teria talvez uma garrafa de xerez para oferecer às visitas, mais nada.

Teria de ir até à loja mais perto. A mãe deixara o carro à porta, portanto, as chaves deviam estar no cesto na cozinha.

A loja mais perto de casa ficava num complicado cruzamento onde a estrada se dividia e seguia para a antiga casa dos Delaney ou para Lough Enla. Havia umas quantas casas, uma minúscula capela e uma loja pintada de verde-claro com enormes letras brilhantes que anunciavam «Slattery's Grocery & Draper» mesmo por cima da porta.

Estava exatamente como quando Daisy vivera com a mãe e era o tipo de loja onde se podia comprar tudo, desde óleo alimentar a óleo para motores. As filosofias retalhistas que proclamavam que os compradores eram conduzidos na direção correta haviam contornado por completo a Slattery's. O estoque estava empilhado nas prateleiras sem qualquer ordem aparente: bens enlatados ao lado da lixívia, sacos de lixo enfiados entre pacotes de bolachas, e um garrido expositor de chinelos de dedo e óculos de sol de criança insanamente ao lado da oferta especial da semana: garrafas de litro de *pinot noir* chileno.

Daisy pegou num cesto e colocou dois litros de vinho chileno dentro dele. Que se lixasse, mais um não faria mal a ninguém. Adicionou então uma terceira garrafa, queijo, pão, uma embalagem de salada de repolho e uma embalagem gigante de biscoitos de chocolate.

– Uma festa em casa – disse ela, em jeito de explicação, à adolescente que estava na caixa quando esta começou a extrair as garrafas de vinho do cesto.

– Oh, claro – aquiesceu a rapariga, registando a embalagem de salada.

– Vêm uns amigos de Dublin – acrescentou Daisy, interrogando-se porque raio estava a justificar-se.

A rapariga assentiu com a cabeça.

– É preciso ter umas bebidas, não é? – Daisy sabia que devia soar demente. Pagou e agradeceu, talvez demasiado cordialmente. Uma boa impressão para deixar nas pessoas, sim senhora, refletiu ao sair: uma louca que narrava cada passo que dava.

De volta a casa, sentou-se na cozinha e acendeu o forno, bebendo um copo de vinho enquanto o fazia. Havia uma pequena e antiquíssima televisão e CDs de ópera de uma ponta à outra da parede. Encontrou a sua preferida, *Tosca*, e inundou a divisão de música a condizer com a sua melancolia.

Ainda pensou em fazer uma sanduíche, mas ao quinto copo de vinho decidiu não se dar a esse trabalho. Para quê preocupar-se mais com o que quer que fosse?

As revistas não haviam mudado no consultório do médico. As mesmas cópias com orelhas de cão da *Hola!* e da *GolfPro*. As pessoas à espera pareciam não ter mudado também, decidiu Mel: ainda na sua maioria mães que sussurravam «Não!» aos filhos. Naquele dia, um rapazinho, a fazer beicinho, tentava arrancar a foca da capa da *National Geographic* para fazer uma colagem com as páginas centrais de uma edição velhinha de Natal da *Vogue*. A mãe, uma mulher com ar cansado, de ténis e casaco de ganga, tentava distraí-lo com vários brinquedos.

Mel sentou-se com Sarah a seu lado e Carrie, doente, no colo – uma amigdalite de novo, supunha – e decidiu que a principal mudança naquele cenário fora ela. Já não era a mulher de carreira que se destacava das restantes mães; encaixava-se agora na perfeição com as suas calças de ganga com bainhas desfiadas, sandálias rasas e *T-shirt* branca simples. O cabelo estava mais comprido do que era hábito e a pele exibia um brilho saudável por passar tanto tempo no jardim com as filhas.

– Pareço uma *hippy* num festival de música de verão – dissera ela a Adrian na manhã do dia anterior, olhando de relance para si própria ao mesmo tempo que vestia as calças de ganga. – Faz amor, não a guerra, e não te preocupes com maquilhagens ou até com pentear o cabelo. – Ficara espantada ao dar-se conta que parecia mais nova do que nunca, com o rosto sardento e feliz e os caracóis louros a tapar as orelhas. A sua rotina matutina era vergonhosamente rápida. Lavar o rosto, escovar os dentes, duche rápido, um pouco de hidratante no rosto e vestir umas calças/blu-sa/*T-shirt*.

– É sensual – comentara Adrian, esgueirando-se para junto dela com a toalha húmida ainda enrolada à volta da cintura. – Fica-te bem. Tens um ar descontraído e rebelde. Como quando te conheci. Gosto muito. – A toalha caiu-lhe aos pés.

– Adrian – riu Mel, encostando-se a ele. – Não deve tardar que as miúdas acordem. – Eram quase sete horas.

– Eu cá já estou bem desperto – murmurou ele junto ao cabelo dela.

– Não temos tempo, ou temos? – disse ela, sentindo-se reagir às carícias dele.

– Podemos tentar – respondeu ele. – Só precisamos de uns minutinhos.

– Oh, para os preliminares também – troçou Mel, mas virou-se e beijou-o apaixonadamente e caíram ambos na cama.

Ainda bem que não fora naquela manhã, pensava agora Mel. Depois de uma noite sem dormir com Carrie, certamente que não teria tido disposição para fazer amor com Adrian.

– Como te sentes, querida? – perguntou a Carrie, beijando o cocuruto da cabeça da filha.

Em resposta, Carrie escapou-se dos braços da mãe e foi investigar a caixa dos brinquedos. Sarah observou-a com um ar de superioridade por um momento, mas depois foi juntar-se à irmãzinha.

– Dá-me isso – ordenou Sarah, agarrando no livro de Mr. Happy que Carrie tirara de dentro da caixa.

– É meu! – Carrie arrancou-lho das mãos. Era bastante boa a defender-se.

– Que tem a mais nova? – perguntou a mulher com o casaco de ganga. O filho dela, o que queria rasgar a *National Geographic*, encontrara por fim o telemóvel da mãe e este parecia estar a impedi-

lo de provocar mais destruição.

– Amigdalite – suspirou Mel. – Ultimamente temos tido sorte. Há bastante tempo que ela não tinha uma crise. Mas ontem à noite esteve bastante mal. Estou aterrorizada só de pensar que o médico possa recomendar que sejam extraídas.

– A minha filha já tirou as dela – disse a outra mulher, obviamente ansiosa por conversar um pouco. – Podem voltar a crescer, sabia?

– Está a brincar! – Uma mulher jovem sentada à frente delas com um bebé a dormir ao colo ficou estupefacta com semelhante informação.

– Não acontece com muita frequência – observou a mulher de ganga –, mas imaginem ter de passar pela experiência de as tirar e depois voltarem a crescer e ter de as extrair de novo! A minha filha foi operada aos cinco anos e agora está ótima. No entanto, é tão difícil para eles perceberem o que se está a passar, não é...? – questionou ela, claramente recordando o trauma. – Fiquei com ela no hospital. Não era capaz de a deixar lá; ela chorava de cada vez que eu tinha de ir à casa de banho. Disse ao meu marido que não me importava de dormir numa cadeira ao lado da cama, mas não saía do lado dela. Teve alta no dia seguinte e regressou ao normal num piscar de olhos. Os miúdos são tão resistentes, não são?

– Pois são – concordou a jovem mãe, segurando o seu bebé mais junto a ela, como que a protegê-lo.

Mel estremeceu ao imaginar que a sua menina pudesse ter de dar entrada num hospital. Sabia que nem um furacão a arrancaria da cabeceira de Carrie. Lembrava-se que muitas vezes pensara nessa eventualidade enquanto ainda trabalhava e que se interrogara como lidaria com a situação, uma vez que teria de faltar ao trabalho. Agora, só tinha de pensar na filha doente e não em enfrentar também a fúria de Hilary.

– Amigdalite – concordou o médico quando foram por fim atendidas. – Devíamos considerar a opção de as remover. Quantas crises já teve ela este ano?

– Quatro – respondeu logo Mel.

– Pois. – O médico estava absorto na ficha médica de Carrie. – É complicado quando eles passam a noite toda acordados e sabemos que estamos a fazer tudo bem, mas ainda assim eles continuam a chorar?

O médico era mais ou menos da idade dela, talvez um pouco mais velho, o cabelo dele começava a ficar grisalho. Era óbvio que também tinha filhos, uma vez que estava familiarizado com o lado pessoal de se ter uma criança doente durante a noite. Mel deu por ela a simpatizar com ele pela primeira vez. Interrogou-se como fora capaz de o achar arrogante ou condescendente quando ele sugeria à sua mãe para que Mel desse um pulo ao consultório para falar com ele quando tivesse um bocadinho. Porque a culpa que carregava era pesada, partira do pressuposto que o médico estava a acusá-la também.

Culpa – que desperdício de emoção. Quantas horas de vida desperdiçara ela a sentir-se culpada por coisas sobre as quais não tinha qualquer controlo?

Pelo menos, já não tinha de sentir-se culpada por causa das filhas. Que alívio.

Por volta das quatro horas dessa mesma tarde, o alívio era uma emoção há muito esquecida na residência dos Redmond. Carrie estava febril e impossível e Mel teve de andar com ela ao colo toda a tarde.

– Mãe, não – chorava ela de cada vez que Mel, achando que ela já estava mais bem-disposta, a tentava sentar frente à televisão a ver os desenhos animados. – Não, não, não, nãoooooo.

– Também quero colo! – exigiu Sarah. Trazia o disfarce de fada do Dia das Bruxas, pois fizera tal birra para o vestir que Mel acabara por ceder e batia com os sapatinhos cor de rosa no chão furiosamente, assemelhando-se menos a uma fada e mais com um diabrete. – Eu, eu, eu!

Era difícil ficar calma, em especial quando se estava mortinha por uma caneca de chá e um chichi.

– Está tudo bem, Carrie – tranquilizou-a Mel, esforçando-se ao máximo por soar calma. – A mamã não te põe no chão. A mamã adora-te. E a ti também, Sarah. Só que tu já és uma menina crescida e a Carrie está doente, por isso a mamã tem de ficar com a Carrie ao colo. E se fôssemos todas para a cozinha e, uma vez que já és tão crescida, pões um pedacinho de leite na tua caneca e depois vamos ver o Nemo na televisão?

O rosto angélico de Sarah enfureceu-se perante tão evidente manipulação.

– Não – guinchou Sarah. – Não gosto do Nemo! Odeio o Nemo! Quero upa! – Upa significava colo da mãe.

Mel agachou-se no chão com Carrie e tentou abraçar Sarah. Como seria de esperar, o plano não recolheu a aprovação de nenhuma das duas. Carrie queria estar ao colo da mãe sozinha. E Sarah a mesma coisa. Os guinchos eram ensurdecadores e em estéreo.

– Então, vemos o *Shrek* – argumentou Mel em desespero. Eddie, o irmão de Adrian, dera o vídeo ao irmão como presente e, embora Mel estivesse convencida de que elas não tinham idade para ver o filme, as miúdas haviam adorado as poucas partes que tinham visto e estavam sempre a pedinchar para verem mais.

– Não – rugiu Sarah, subindo o nível de decibéis e batendo na irmã numa tentativa de ser a única acarinhada pela mãe.

«Pensamentos calmos», disse Mel para si mesma. «Pensa coisas calmas.» Televisão e vídeos estavam riscados da lista, que mais poderia experimentar? Percorreu mentalmente o que apelidava de Lista de Subornos de Uma Má Mãe.

A televisão era normalmente um argumento decisivo, seguido do chocolate. Se o chocolate falhasse, a Maquilhagem da Mamã vinha a seguir, seguida de Uma Viagem para Uma Voltinha na Ursinho Pooh – a máquina que havia no supermercado. O argumento de que o Papá Vai Ficar Muito Aborrecido de Saber que as Meninas Dele se Portaram Mal era o último recurso na tentativa de conversações de paz. Foram precisos dois pacotes de drageias de chocolate para Carrie e Sarah começarem a animar-se. Mel conseguiu pôr a chaleira ao lume e um saquinho de chá na caneca antes de se dar conta que faria chichi nas cuecas se não fosse à casa de banho.

– Vamos todas numa viagem – sugeriu ela jovialmente, pegando em Carrie ao colo e em Sarah pela mão.

– Não quero – reclamou Sarah, contente onde estava.

– Podíamos comer mais chocolates lá em cima – suplicou Mel, amaldiçoando o facto de ainda não terem juntado dinheiro para instalar uma pequena casa de banho no piso de baixo.

Sarah abanou a cabeça.

– Mamã, doente – gemeu Carrie, levando a mãozinha sapuda à testa.

– Podemos brincar com a maquilhagem da mamã – aventou Mel em desespero.

Sarah levantou-se e voou escadas acima e até Carrie se sentiu bem o suficiente para as trepar sozinha.

– O batom é MEU! – guinchou Sarah enquanto Mel as seguia.

– Meu! – gritou Carrie de volta, dobrando a esquina do patamar a alta velocidade.

«As amígdalas de Carrie pelo menos soavam menos congestionadas», pensou Mel, fatigada. E, uma vez que não usava muito batom desde que deixara o emprego, não importava que elas destruíssem cada um que ela possuía, pois não? Qualquer coisa por um momento de paz.

Quando Adrian chegou a casa às sete, ambas as crianças estavam calmas e felizes após uma ditosa tarde a pintarem-se com sombras e batons. O tapete bege no quarto de Mel e Adrian nunca mais voltaria a ser o mesmo, tal como o saco de maquilhagem de Mel.

Quase perdera a compostura quando Carrie encontrara o precioso hidratante que Mel comprara no dia em que fora despedida e despejara pelo menos metade do cuidadosamente racionado creme na cabeça do seu ursinho de pelúcia.

– Carrie, não acredito! Isso foi muito feio, não! – gritou Mel. – Não podes ter tudo o que é da mãe!

Perder a paciência não resultava, deu-se conta, quando ambas as meninas irromperam em lágrimas perante esta versão zangada da mãe.

Mel conseguira por fim ir à casa de banho e tomar uma chávena de chá, bem como o resto do jantar das filhas e quatro bolachas de chocolate. Ser uma mãe a tempo inteiro não era apenas mau para os nervos, era mau para a cintura também.

– Já tomaram banho e estão ótimas – relatou num tom severo para Adrian, cumprimentando-o no vestíbulo com Carrie, já sorridente, ao colo. Era tudo o que conseguia dizer sem largar aos gritos que estava com os nervos em franja e porque raio não viera ele mais cedo para casa para ajudar? Só porque Adrian sugerira que jantassem fora no sábado à noite, no restaurante chinês local, não significava que podia escapar-se a todas os deveres parentais, não senhor...

– Mamã. – Carrie aninhou-se no pescoço de Mel e começou a chuchar no dedo.

«Em frente das miúdas, não», recordou-se Mel. Respirou fundo.

– A Carrie já tomou o medicamento e estão ambas prontas para dormir. Podes usar uma toalhita para tirar a maquilhagem. A Carrie quis ficar com a dela mais um tempo. – Tirou as chaves do carro da tigela no vestíbulo. – Esta tarde foi um pesadelo, Adrian, e vou dar uma volta de carro – anunciou, passando Carrie para o colo dele. Carrie sorriu de orelha a orelha para o pai para que este pudesse admirar a sua sombra prateada e maçãs do rosto com bolas rosadas de *blush*.

Adrian ficou surpreendido.

– Está tudo bem? – perguntou ele ansiosamente, olhando para a maquilhada filha e para a pálida Mel.

– Ótimo – respondeu Mel num tom ríspido. Se não saísse de casa depressa, explodiria. – Apenas preciso de algum tempo para mim. – Estendeu o braço para a mala. – Foi um dia complicado – acrescentou. A subestimação do ano. – Não me demoro. Talvez vá ao Mo's beber um café.

Nunca fizera semelhante coisa desde que viviam em Carrickwell. O Mo's Diner era onde iam aos fins de semana em família, não às sete da noite num dia de semana quando a hora de deitar se aproximava.

Adrian encarou a novidade muito bem.

– Nós ficamos bem – disse. – Vai lá.

Mel ficou sentada no carro uns bons cinco minutos antes de o pôr a trabalhar. Depois conduziu até ao centro de Carrickwell, estacionou perto do Mo's Diner e entrou.

Enquanto acrescentava o açúcar a um cremoso *latte* descafeinado, Mel deu-se de repente conta de que há imenso tempo que não falava com Caroline. Desde a grande discussão que se havia seguido ao jantar em janeiro, em que Lorna a picara por causa do emprego, alegando que assim perdia o crescimento de Carrie e Sarah. Caroline ficara tão aborrecida no dia seguinte e, muito embora Mel lhe tivesse deixado duas mensagens, ela nunca respondera.

Naquele dia, pela primeira vez, Mel entendera perfeitamente o ponto de vista de Caroline. Ninguém atribuíra prémios às mães que ficavam em casa. Não havia bónus para quem cozinhava e limpava todos os dias, não havia palmadinhas nas costas do diretor geral por intermináveis lavagens, nenhuma cerimónia de entrega de prémios por excelentes cuidados maternos face a uma criança doente, nada: apenas a expectativa de que no dia seguinte tudo se repetiria. Não era, portanto, de admirar que as mães perdessem a compostura.

Naquele momento, Mel teria matado por uma saída com as amigas durante a qual poderia rir com mulheres como ela, descontraí-las e ser outra pessoa para além de mãe. Quando trabalhava não compreendia. Agora entendia perfeitamente.

Pescou o telemóvel de dentro da mala e marcou o número de Caroline.

– Olá – começou calorosamente quando a amiga atendeu. – Lamento não falar contigo há tanto tempo e peço desculpa pela discussão. – Não valia a pena estar com rodeios. – Desisti do emprego para ficar em casa com a Sarah e a Carrie e, como tu bem sabes, isso significa que desde então não tenho tido um momento para mim.

– Desististe do teu emprego? – disse Caroline, surpreendida. – Achei que estavas soldada àquele trabalho e que serias enterrada com quatro linhas fixas, dois telemóveis, um *laptop* e um *BlackBerry*.

Mel soltou uma gargalhada. Já esquecera o quanto o humor de Caroline podia ser negro.

– Quase – concordou ela. – Só que a companhia não teria permitido que um membro tão humilde dos seus funcionários tivesse algo tão chique como um *BlackBerry*. Dispositivos manuais de *e-mail* estão apenas reservados a funcionários de topo. Olha, que dirias de sairmos uma destas noites, só tu e eu?

– Por enquanto, terei de ficar em casa à noite – disse Caroline com algum azedume. – O Graham tem trabalhado até tarde a maior parte dos dias. E se almoçássemos amanhã? Não posso sair porque vem cá um tipo dar-me um orçamento da pintura das janelas, há anos que não são pintadas. Mas tu podias vir até cá a casa...

Há muito, muito tempo que Mel não ia a casa de Caroline.

– Adoraria – disse Mel. – E a Carrie e a Sarah também. Se a Carrie estiver melhor da amigdalite.

– Claro. Pobrezinha da Carrie.

A casa de Caroline não apareceria numa revista de decoração de interiores: havia demasiados rodapés estragados e paredes sujas nos quais Ryan, de dez anos, Fionn, de oito, e Luka, de seis, praticavam as suas técnicas futebolísticas. O jardim das traseiras era também um reflexo de um trio de rapazes doidos por futebol, uma vez que o relvado exibía um pedaço seco e quase careca, claramente o local onde eles jogavam à bola todos os dias e a maioria dos arbustos tinha ar de já ter sido vítima de boladas. Porém, a casa exalava acolhimento e amor, desde as flores silvestres que estavam numa jarra no peitoril da janela banhado de sol ao cheiro a comida que emanava da cozinha onde Caroline estivera a encher o congelador com sopas caseiras, lasanhas e a sua especialidade: gratinado de legumes e parmesão. Fizera também uma fornada de queques com cobertura cor de rosa

e um *Smartie* no topo.

Sarah e Carrie – que estava bem melhor naquele dia – ficaram encantadas com os queques.

– Passei por uma fase em que fazia *muffins* como um doida – admitiu Mel, sentando-se à mesa da cozinha enquanto Caroline dava pratos floridos com os pequenos queques às filhas de Mel. – Deixei-me disso.

– É o que acontece – concordou Caroline. – A feitura de *muffins* é como a tensão pré-menstrual, ataca-nos em ondas. Quando sinto a onda acometer-me, abasteço-me e congelo a maior parte. O resto do tempo, vou à padaria ao fundo da rua. Porque haveria alguém de se maçar a fazer bolos quando podemos comprá-los mais baratos? Seja como for, estou a fazer dieta, por isso, agora já não os compro. Poupo dinheiro e calorias.

– Achei que te fartavas de fazer bolos.

– Fazia-me sentir melhor que as pessoas pensassem que sim – confessou Caroline. – Caso contrário, ficam doidas para saber o que fazemos todo o dia. Tipo «Como é que preenche o seu dia?», perguntado num tom condescendente. Se as pessoas pensarem que fazes um ótimo *cordon bleu*, tendem a imaginar que passas o tempo a preparar escalopes e a paná-los e respeitam isso.

Caroline soava bastante infeliz, deu-se Mel conta.

– Podíamos almoçar no jardim – sugeriu Caroline. – Fiz sanduíches e as miúdas podem brincar com alguns dos brinquedos dos meus rapazes.

– Perfeito.

Sentaram-se em cadeiras de jardim frente a uma mesa de madeira batida pelas intempéries e conversaram enquanto Sarah e Carrie exploravam este novo jardim.

Não tardou a que Caroline confessasse o que a perturbava. Ao que parecia, o seu casamento com Graham estava a passar por um período difícil.

– Tenho estado a passar pela minha própria crise de meia-idade – explicou Caroline. A sua inscrição no ginásio fora uma das primeiras coisas a ser cortada quando ela desistira do seu emprego para ficar em casa com os filhos e, independentemente do que toda a gente afirmava, de que caminhar fazia muito bem, era difícil reunir energia para caminhadas durante o inverno. O peso acumulara-se.

Toda a gente ganha uns quilos quando começa a envelhecer, fora tudo o que Graham dissera quando Caroline afirmara que se sentia gorda, desmazelada e de meia-idade.

– Mas que raio de resposta é esta? – perguntou a Mel. – Chegou ao ponto de estarmos a conversar como rádios com problemas de transmissão. – Ela falava, mas Graham não recebia. Ela queria receber, mas Graham não estava interessado em falar.

– Ele dantes costumava dizer-me que eu estava muito bonita – afirmou Caroline tristemente. – Agora, bem que podia andar de pijama todo o dia que ele nem reparava.

Mel recordou-se do aspeto que Caroline tinha quando trabalhavam juntas: sensual e elegante e os homens costumavam segui-la com o olhar quando ela se deslocava pelo escritório. Já não era assim, embora ainda tivesse muito bom aspeto: um rosto bonito e inteligente, um corpo curvilíneo. Porém, o brilho no olhar desaparecera.

– O Graham disse que mulheres que se lamentam por causa de dietas são muito entediadas e não quis discutir mais o assunto.

Caroline juntara-se então à Weight-Watchers. Perdera cinco quilos, mas tinha ainda de perder mais seis quilos para atingir o peso que marcara como objetivo.

– As pessoas na Weight-Watchers ficaram tão contentes por mim, mas o Graham nem sequer

reparou – contou ela, amarga de novo. – Ele costumava reparar quanto eu conquistava alguma coisa no trabalho, mas agora nada do que atinjo ou consigo tem valor para ele... Nada.

Mel sentiu o coração apertado pela amiga. Procurou a coisa certa para dizer.

– Lembras-te de quando tivemos aquela discussão por causa da Lorna – começou ela pesarosamente – e tu disseste que ninguém reconhecia que ser-se o diretor executivo da casa era o trabalho mais difícil do mundo? Estavas certa e eu estava errada, Caroline. É de facto difícil – admitiu Mel. – O Adrian apoia-me e está sempre a encorajar-me, mas não é tão compensador quanto alguém a agradecer-nos por um relatório no trabalho ou a sensação de satisfação que temos quando completamos um determinado projeto. Toda a gente parece pensar que qualquer ser humano com um QI de dois dígitos deverá ser capaz de cozinhar, limpar e educar crianças. Estamos ocupadas a cuidar dos nossos filhos para que se tornem adultos inteligentes e bem adaptados, e até podemos pensar que é um trabalho especial e importante, mas mais ninguém pensa o mesmo.

– Pois não, ninguém o valoriza. – Os lábios de Caroline formavam uma linha inflexível. Pegou num dos queques e comeu-lhe o *Smartie*. – Ninguém acha que ser mãe seja coisa de monta. O meu marido certamente que não acha e, a não ser que eu esteja muito alienada e ele tenha começado a usar *Obsession* para mulheres, está a ter um caso.

Mel abriu e fechou a boca como um peixe, tão estupefacta que nem conseguia produzir qualquer som.

– Conheço os sinais – prosseguiu Caroline, pegando noutro queque e arrancando-lhe o *Smartie*. – Não são os que as revistas enumeram: ele veste roupa interior nova? Toma banho com maior frequência? Embora, o perfume seja um clássico. Mas não, percebi porque conheço o Graham muito bem. É a forma como ele olha para mim. Estamos casados há doze anos e o comboio que transportava a concupiscência deixou a plataforma há muito tempo, mas ele agora olha para mim espantado, como se se perguntasse como raio é que casei com esta mulher? Como cheguei aqui?

– Caroline, lamento tanto... – começou Mel.

Caroline interrompeu-a. Agora que começara aquela triste história, queria levá-la até ao fim.

– Vejo-o olhar para mim e perguntar-se, como é que ela se transformou nesta mulher com as calças de ganga de armazém e cara deslavada e sebosa? Vejo-o escrito na cara dele. Casou com uma gestora de publicidade ambiciosa e a entendiente mamã não é bem aquilo com que ele esperava ficar.

– Tens a certeza que ele está a ter um caso? – perguntou Mel. – Isto pode ser um mau bocado e tu estás deprimida e...

– Tenho noventa e nove por cento de certeza. Não o apanhei na cama com a vizinha do lado, nem nada disso, mas sei que está a ter um caso. É tão óbvio. Ele nunca compra roupa, Mel, e ultimamente apareceu com várias gravatas novas, e todas estas viagens de um dia para o outro que ele tem tido ultimamente são inventadas. Um dia telefonei para o escritório dele para lhe deixar uma mensagem e disseram-me que ele tirara o dia. A mim disse-me que tinha uma viagem urgente a Londres e que provavelmente teria de pernoitar por lá.

Mel suspirou. Eram de facto indícios de peso.

– Que queres fazer em relação a isso? Não sejas passiva, Caroline. Se tu mudaste, também ele mudou e ele tem de assumir responsabilidade por isso. Quando casaste, também não pensavas acabar com um Graham desleal – argumentou Mel com foga, agarrando no assunto pelos cornos como costumava fazer com os problemas no escritório.

– Provavelmente não – concordou Caroline –, mas não me posso dar ao luxo de olhar para a

questão dessa forma. Ele trabalha e eu estou em casa. Não conseguiríamos sobreviver sem ele. Isso limita as minhas opções.

– Não, não limita, Caroline – insistiu Mel. – Não podes contentar-te com a infelicidade só porque é o Graham quem paga as contas. Vocês têm um casamento, uma sociedade. Ser progenitor é algo separado. Vocês podem ser progenitores juntos e não serem casados. Saíres do teu casamento é uma opção.

– Tu podes dar-te ao luxo de dizer isso porque não te interrogaste o que aconteceria se tu e o Adrian alguma vez se separassem – fez notar Caroline com alguma aspereza. – Isto não é Bel Air, onde cada cônjuge acaba com metade de uma fortuna de dez milhões de dólares, a mulher fica com a mansão de dez quartos para os filhos e ele com a casa de praia. Isto é o mundo real e eu não quero que os meus filhos sofram financeiramente.

– Ainda assim, podes divorciar-te – insistiu Mel. – Não tens de ficar com ele e sofrer em silêncio.

– Em teoria, sim. Na prática, não.

– Sabes que mais, Caroline. – Mel estava exasperada. – Quando te conheci pela primeira vez, eras tão dura e eu admirava-te acima de qualquer outra mulher com a qual trabalhava. Dizias o que pensavas, não andavas com pezinhos de lá como o resto de nós. Eras sincera, direta e acreditavas em ti mesma. Agora, esqueceste todas essas coisas. É como se o facto de ter ficado em casa te tivesse derrotado.

– Estar em casa não me derrotou – contradisse Caroline num tom triste –, bom, talvez apenas um bocadinho. Foi o Graham que me derrotou; os miúdos, a vida. Sinto-me como se a Caroline tivesse desaparecido, estivesse enterrada bem fundo debaixo da capa de mãe.

– Tens mesmo a certeza que ele anda a ter um caso? – voltou Mel a perguntar. – Pode haver uma explicação perfeitamente inocente para tudo – acrescentou. – É uma probabilidade. É possível que ele ande deprimido, já pensaste nisso? E – Mel deteve-se porque era território perigoso – como é o sexo?

Lera algures que os homens que tinham casos muitas vezes redobravam os seus esforços sexuais com as mulheres para compensar a infidelidade, ao invés de renunciarem a ele por completo como afirmava o popular mito.

– O sexo não consta da minha agenda e da dele também não – respondeu Caroline. – Vamos para a cama, normalmente a horas diferentes, beijamo-nos castamente e ele vira-se de lado e agarra no livro dele e eu folheio os meus catálogos. Felizmente, mandei tirar o dispositivo intrauterino, caso contrário enferrujaria.

Mel sentiu o coração apertar-se ainda mais pela amiga.

– Lamento muito. Sinto que não tenho estado presente para ti, não tenho sido uma grande amiga.

– Não poderias impedir o Graham de ter um caso – fez notar Caroline. – Eu mais ou menos achava que, se mantivesse um pé na minha antiga vida, continuaria a ser um pouco a antiga eu, aquela por quem ele se apaixonou. Estar contigo ocasionalmente fazia-me sentir que podia ser essa antiga versão de mim mesma.

Mel pensou naquela vez em que se encontrara com a sua amiga Vanessa para almoçarem, convencendo-se de que esse elo com a sua vida passada e a Lorimar ajudaria a tornar a sua vida atual mais variada. Não ajudava. As duas vidas eram diferentes.

– Convivermos com pessoas dos nossos antigos empregos não é o que devíamos estar a fazer – declarou Mel decididamente. – Precisamos de cortar o cordão umbilical. Precisamos de encontrar

novas formas de nos definirmos, de nos fazermos sentir melhor. Mas, primeiro, tens de confrontar o Graham. Deve-lo a ti mesma e aos miúdos tentares ver se ainda tens um casamento. Não te podes esconder disto; precisas de saber com toda a certeza e depois, se for preciso, podes correr com ele da tua vida. Mas tens de ter a certeza, Caroline. Se tomares uma atitude e estiveres errada, poderás destruir muita coisa.

Caroline estremeceu.

– Ele meter-se na cama à noite a cheirar ao perfume de outra mulher é menos destrutivo?

– Tens razão. Mas não faças nada de precipitado.

– Há anos que não faço nada de precipitado – reclamou Caroline amargamente. – Provavelmente, o caso do Graham já dura há meses e eu ainda não disse nada. Tenho-me rebolado e comportado como uma boa mulherzinha.

– Precisas de umas férias ou de algum tempo só para ti, para pensares – sugeriu Mel. – Um pouco de tranquilidade, sem os rapazes sempre a solicitarem a tua atenção, para que pudesses sentir-te tu mesma. Assim, terias mais tempo para analisar o que pensas e sentes.

– Como posso eu sequer afastar-me? – disse Caroline. – Adoraria, mas tempo para mim é algo que está muito em baixo na lista das prioridades nesta casa. O Graham passa o tempo todo a «trabalhar» e não temos dinheiro para pagar a uma *babysitter* que nos ficasse com os miúdos para que eu me pudesse afastar por uma semana. Quem me dera!

– Nem sequer um fim de semana prolongado?

– Não. A hora que demoro a cortar o cabelo é basicamente todo o tempo de que disponho para mim.

Mel teve uma ideia. O *voucher* do spa! Não tivera tempo livre para o usar, e ainda bem: era a altura perfeita para o usar.

– O meu presente de despedida da Lorimar foi um *voucher* de uma sessão de um dia para duas pessoas no Cloud's Hill, um spa de luxo. E que tal se tu e eu embarcássemos num dia de complacência só para nós? Nessa noite, podes ficar em minha casa e depois visitamos os lugares da moda em Carrickwell quando estivermos todas pintadas e estragadas de mimos. O Graham fica com os miúdos e tu tens o dia para rever as tuas opções.

O rosto de Caroline animou-se por uns segundos, depois ensombrou-se.

– Que opções? – perguntou.

– Bom, há a opção de dizeres ao Graham que tire o rabo infiel da tua casa e que vais consultar um advogado. Está bem, podes até não falar a sério, mas ele não sabe e só lhe faria bem apanhar um susto. Ele precisa de saber que estás a falar a sério.

– E, se ele disser adeusinho, que de qualquer maneira estava apenas à espera da altura certa para me deixar? – inquiriu Caroline.

– Nesse caso, não estás a fazer favor nenhum a ti mesma ao ficar com um homem que não quer estar contigo.

– Seria um pesadelo. – Caroline voltou a estremeecer.

– Ele começou o pesadelo, cabe-te a ti pôr-lhe um ponto final – argumentou Mel. – Tens o direito de saber se ainda tens um casamento, se ele quer tentar de novo, ou se está apenas à espera que tu descubras porque não tem coragem de te contar.

Caroline digeriu esta informação e comeu mais um queque.

– Pergunto-me como será ela. Mais jovem, mais magra, provavelmente não veste calças de ganga

de armazém.

Repisar o assunto não fazia nada bem a Caroline, deu-se Mel conta.

– Vamos relaxar para Cloud’s Hill e nessa altura tomarás algumas decisões.

As meninas estavam estafadas quando Mel regressou a Carrickwell naquela tarde e adormeceram nas respetivas cadeirinhas, o que concedeu a Mel tempo para pensar. Pensou no quanto lamentava a situação de Caroline e no quanto era afortunada por ter um marido carinhoso e como estivera errada ao passar anos a invejar Caroline por ter tudo. Estar em casa não era tão fácil quanto Mel pensara que seria.

Gostava de cozinhar refeições melhores para a sua família e a casa nunca antes estivera tão limpa. Na verdade, era fácil perceber por que motivo algumas mulheres ficavam obcecadas com as tarefas domésticas e esqueciam que havia vida para lá do limpa vidros. Quando isso era tudo o que viam todo o dia, tornava-se o centro das atenções. Isso e os filhos. Era tão bom poder brincar com Sarah e Carrie – aos disfarces, às pinturas, a fazer animais em pasta de moldar, *puzzles* e a brincar com bonecas. Antes, quando trabalhava na Lorimar, Mel evitara ler o que os pedagogos afirmavam acerca dos méritos das brincadeiras criativas e imaginativas.

Sabendo que não tinha muito tempo para o fazer, isso era outra fonte de culpa. Agora que o tinha, ficava surpreendida ao dar-se conta do trabalho árduo que isso implicava, que não era uma questão de se esticar no sofá com uma revista e deixar as miúdas entreterem-se sozinhas. Quando se brincava, se brincava a sério com crianças pequenas, tal absorvia toda a atenção da mãe. Era cansativo.

Porque é o céu azul?

O que têm os elefantes nas trombas?

Os papás têm meninos e as mães têm meninas?

Era precisa uma boa noite de sono, muita energia e a paciência de Job. Mel recordava-se de lastimar a enorme soma de dinheiro que ela e Adrian pagavam todos os meses ao Tigrinhos. Agora, encarava com outros olhos e uma estima muito maior as educadoras e auxiliares do infantário.

Adorava ser mãe e fazê-lo a tempo inteiro, contudo, percebia muito bem o ponto de vista de Caroline: sem querer soar egoísta, ainda queria ser mais do que apenas mãe.

No sábado à noite, no mais movimentado restaurante chinês de Carrickwell, o Dragon Palace, o ambiente estava bastante barulhento. O ruído das pessoas a conversar e a rir, da simples porcelana branca a tinir e a bater nas mesas de madeira fazia com que Mel e Adrian tivessem de falar alto para se ouvirem. Apesar disto, estavam a divertir-se bastante. Era o tipo de noite de sábado que costumavam ter há anos atrás, antes de terem filhos, e que Mel acreditara que nunca mais voltaria a ter. Quando trabalhava, sentia-se sempre demasiado exausta para saídas que não estivessem relacionadas com o trabalho e, portanto, fossem uma obrigação, e, fosse como fosse, esforçara-se sempre tanto para que a sogra, Lynda, aprovasse as suas escolhas que se sentira culpada por lhe pedir que ficasse com as netas. Agora que estava em casa, sentia-se mais à vontade com Lynda.

– Vocês merecem sair os dois – dissera Lynda num tom firme quando Mel lhe telefonara – e tu sabes que eu adoro ficar com elas.

E, de alguma forma, Mel acreditara nela. Era engraçado reparar como as suas próprias inseguranças haviam, no passado, feito com que cada sílaba que Lynda proferia estivesse carregada

de significado e de ressentimento.

– Há anos que não saíamos assim – comentou Adrian alegremente. – Sem termos de estar todos aperaltados e muito bem-comportados por ser coisa de trabalho, sem nos preocuparmos sobre se devíamos estar em casa com as miúdas... Simplesmente descontraídos!

Mel ficou surpreendida. Nunca se dera conta de que Adrian pressentira como ela se sentia de cada vez que tinham de ir a um evento da Lorimar ao fim de semana. Parecia agora que ele sentira até o mesmo que ela. A sua culpa fora pelos vistos contagiante.

– Peço desculpa – disse Mel. – Não era minha intenção stressar-te a ti também. Eu sentia-me como se estivesse a trair as miúdas por sair ao fim de semana quando devia passar cada segundo com elas.

– Eu sei. Mas agora está tudo bem. Já não és tão hiperativa.

– Que queres dizer com isso, já não sou tão hiperativa? – perguntou ela.

– Estou só a brincar – disse Adrian. – Estou só a meter-me contigo.

Mas havia provavelmente um fundo de verdade no comentário dele, Mel sabia-o. Raios, tinha de ficar com a última tosta de camarão e sementes de sésamo, muito embora tivesse prometido a ela mesma que a forma de manter uma boa figura não era comer tudo o que vinha no prato, incluindo o padrão.

– Tens razão, já não ando tão hiperativa – concordou ela, com a boca cheia.

– Tu estás mais calma, eu estou mais calmo – disse Adrian. – Estamos todos mais calmos.

– Mas estamos nas lonas – fez notar Mel. – Encaremos os factos, da próxima vez que pudermos ir de férias, as miúdas provavelmente vão querer levar os namorados com elas.

– Não é assim tão mau – argumentou ele. – Cá nos vamos aguentando e estamos mais felizes. É bom vir para casa todas as noites e ter-te lá.

– Queres dizer, tipo «já cheguei, mulher, mete-te na cama para que eu possa saltar-te para cima» – riu Mel.

– Precisamente – concordou ele, sorrindo em resposta. – Quando estou metido no carro no trânsito, chegar a casa e saltar-te para cima é a primeira coisa na minha cabeça, claro, e depois talvez sentar-me no sofá a descansar e a ler o jornal.

– Ah, pronto, desde que tenhas as tuas prioridades bem alinhadas – comentou Mel num tom sério. – Eu primeiro, descontrair depois.

Os pratos principais chegaram.

– Devíamos fazer isto mais vezes, sem dúvida – disse Adrian.

– Enchermos a pança até rebentarmos, é isso? – perguntou Mel.

Como de costume, haviam tido mais olhos que barriga e pedido comida a mais. A mesa rangeu sob o peso dos suculentos e borbulhantes pratos.

– Não, sairmos juntos, sozinhos – respondeu Adrian.

Mel esticou o braço e apertou-lhe a mão. Contara-lhe o que Caroline desabafara com ela acerca de Graham e ele compreendeu o quanto ela ficara perturbada com os problemas conjugais deles.

– Pois, mas o objetivo dos filhos é esse mesmo – riu Mel. – Assim que aparecem esforçam-se ao máximo por se assegurarem que os pais não têm mais, pois acabam-se os momentos de romantismo e intimidade. São o melhor contraceutivo do mundo.

– Eu não disse nada acerca de fazer bebés – interrompeu Adrian –, mas podíamos experimentar uns momentos de intimidade mais tarde...

E, por entre o vapor do arroz chau-chau e da carne de vaca, Mel sorriu ao marido.

– A prática conduz à perfeição – disse ela.

Quando Cleo saiu do comboio em Carrickwell, depois de dois lastimosos dias em casa de Trish, escondida de Tyler, ficou aliviada ao ver que havia um táxi na praça. Pediu ao condutor que a levasse ao Spa Cloud's Hill, mas, quando começaram a chegar perto do desvio para o Hotel Willow, cedeu à tentação e pediu ao taxista que fizesse um desvio.

– Não quer entrar no hotel, quer apenas ficar à porta e dar uma vista de olhos? – perguntou o taxista, incrédulo.

– Quero apenas ver o hotel por fora, mais nada – repetiu Cleo, irritada, desejando que o homem se metesse na vida dele. Andava muito irascível ultimamente, bom, mais nas últimas quarenta e oito horas, para ser exata.

Na manhã a seguir a ter abandonado Tyler, telefonou para o hotel a dizer que estava doente. Não suportava ir trabalhar, pois sabia que ele a confrontaria e, embora escapulir-se ao trabalho fosse contra os seus princípios, tinha mesmo de fazê-lo.

Fosse como fosse, a verdade é que se sentia de facto doente – nauseada, de coração partido, desapontada por ter confiado em Tyler e ele ter adquirido a casa da família dela de uma forma desleal.

E, ainda que não o tivesse feito, como iria ela ter um relacionamento com um homem que ia destruir a bonita casa onde vivera toda a sua vida e transformá-la num hotel grandioso, frio e sem alma? Provavelmente, já tivera reuniões motivacionais com os seus empregados sobre a forma aterradora como o Willow costumava ser gerido, afirmando que agora iria tornar-se um modelo das modernas técnicas hoteleiras porque faria parte da cadeia de hotéis Roth. Cleo simplesmente não conseguia lidar com semelhante ideia.

– Era impossível que ele soubesse quem tu eras. Foi apenas uma coincidência ele ter comprado o Willow – argumentou Trish quando Cleo chegou a casa naquela noite, destroçada e lavada em lágrimas pelo que encarava como a traição de Tyler – e, mesmo partindo do pressuposto que ele sabia, e continuo sem perceber como poderia ele saber, uma vez que nunca sequer lhe disseste que o teu apelido era Malin, que ganharia ele por sair contigo? – prosseguiu ela sensatamente. – A tua família vendeu o Willow; ele não conseguiria informações secretas e confidenciais ao saltar-te para cima na suíte dele.

– Eu não fui à suíte dele para que me saltasse para cima – contradisse Cleo furiosamente. – Subi para uma última bebida.

– Pois, está bem – disse Trish – e o cheque já seguiu pelo correio. Duas das grandes mentiras desta vida. Ninguém entra para uma última bebida. Com certeza que estavas consciente que acabarias na cama com ele.

– Não estava! – exclamou Cleo. Estava a começar a ficar zangada. Até a sua melhor amiga se recusava a ver o sucedido na sua perspetiva.

– Não, agora a sério, Cleo – insistiu Trish –, que vantagem retiraria ele de sair contigo só porque a tua família foi outrora proprietária do hotel que a família dele agora detém?

Cleo lançou à melhor amiga um olhar inflexível e frio.

– Não tens de fazer a coisa parecer apenas um acordo comercial – disse ela amargamente. – Tem a ver com sentimentos e emoções e como eu me sentiria se estivesse envolvida com ele, sabendo o que sei e...

– Ah, ha! – exclamou Trish. – Então, estás mesmo de beicinho por este tipo e perturba-te que ele não saiba quem és? Mas ainda assim estarias zangada com ele se soubesse.

– Trish! – gritou Cleo, tão alto que esta teve de mandá-la calar.

– Vais acordar toda a gente! Sabes bem que as paredes nesta casa são finas como papel.

– Desculpa – murmurou Cleo. – Estou aborrecida. Estava tudo a correr tão bem e...

– Não confias nele, é só isso – observou Trish inteligentemente. – Se confiasses nele, não importaria quem ele era ou quem tu és, ou o que os hotéis Roth iam fazer ao Willow. Mas tu não confias porque achas que ele ia para a cama contigo e esquecer-te e tu serias apenas mais um entalhe na coluna da sua cama. Não é isso? – inquiriu ela.

– Onde fica a compaixão pela tua melhor amiga e o teu dever de confortá-la? – quis saber Cleo.

– Tu é que estás sempre a aconselhar-me a dizer o que penso – argumentou Trish. – É isso que estou a tentar fazer.

– Referia-me a dizeres o que pensas e achas aos homens – alegou Cleo de mau humor –, não a mim. É suposto animares-me e dizeres o que eu quero ouvir, tipo que ele é um canalha mentiroso e desleal e que não me merece e et cetera, et cetera.

– Está bem. – Trish enfiou-se na cama. – Ele é um canalha mentiroso e desleal e não te merece, et cetera, et cetera. Agora já podemos dormir?

No dia seguinte, Cleo decidiu que não seria assim tão mau regressar a Carrickwell, a casa, só que já não tinha casa à qual regressar. Os pais já deviam ter abandonado o Willow por aquela altura.

«E nem tão-pouco me disseram para onde foram», pensou furiosa. Mas se isso era o que eles queriam, então não iria incomodá-los ou aos irmãos. Conseguia ser tão teimosa quanto eles todos.

Foi então que se recordou de Leah, do Cloud's Hill, e de que ela lhe dissera que haveria sempre um emprego para ela ali. Seria quase como estar em casa.

Quando telefonou a Leah, nem tinha ainda chegado ao fim das suas explicações quando esta a interrompeu.

– É claro que falava a sério – asseverou Leah. – Nunca digo aquilo que não quero dizer. Ou melhor, já não o faço – acrescentou, algo misteriosamente. – Adoraríamos ter-te cá. Tenho o trabalho certo para ti. Queres que te vá buscar ao comboio ou preferes apanhar um táxi?

– Eu apanho um táxi – dissera Cleo, limpando freneticamente as lágrimas que haviam começado a correr-lhe pela cara quando ouvira de novo a voz gentil de Leah.

O taxista virou obedientemente em direção ao Willow e quando chegou à porta parou.

– Aqui está bem para si, menina? – perguntou numa voz paciente.

– Está perfeito, obrigada – disse Cleo.

Pela janela contemplou a sua antiga casa. Parecia estar vazia já há algum tempo. Tudo tinha um ar tão decrépito e repleto de ervas. Não havia hóspedes a arrastarem as malas para a receção, não haveria conversas a ecoarem pelos quartos, não haveria vapor na cozinha, ou gritos de Jacqui, a *chef*, ao ver o suflê de morangos afundar ou ao descobrir que a solha de Dover se acabara e que a mesa

nove pedira quatro.

O outrora amado lar tinha um aspeto lastimoso, triste e solitário, exatamente como Cleo se sentia.

– Um qualquer empreiteiro cheio de massa comprou a propriedade – informou-a o taxista. – Diz-se que vai construir um condomínio. Não sei como conseguiram alvará do município para deitar abaixo uma casa antiga e bonita como esta, mas parece que é isso que vai acontecer.

Cleo queria corrigi-lo e dizer que não, que na verdade quem comprara a propriedade fora o grupo Roth e que não iria transformá-la num condomínio, mas não tinha forças para isso.

– A menina não pertence à família dos Malin? – perguntou o taxista, olhando para ela pelo espelho retrovisor.

– Não – respondeu ela, e sentiu-se horrivelmente porque era quase como se estivesse a dizer a verdade. Já não era um elemento da família Malin; haviam-lhe virado as costas. – Fiquei aqui uma vez, só isso. Estava curiosa em ver o que acontecera ao hotel.

O homem assentiu com a cabeça.

– Quer subir agora até ao Cloud's Hill? – inquiriu ele. – É que o taxímetro continua a contar, menina.

– Claro, vamos – disse Cleo. Não valia de nada ficar ali sentada a olhar para o passado.

Interrogava-se onde estariam o pai e a mãe e o que faziam. Magoava-a mais do que conseguia admitir que eles não tivessem tentado entrar em contacto com ela de novo, não tivessem sequer enviado uma mensagem depois dos primeiros telefonemas zangados em que a mãe dissera que as coisas só ficariam bem se Cleo pedisse desculpa.

Só que Cleo estava demasiado ferida para pedir desculpa. O seu orgulho não permitia que o fizesse.

Trish argumentara que eles não haviam telefonado porque agora lhe cabia a ela dar o primeiro passo.

– A criança pede sempre desculpa primeiro – fez notar Trish. – É essa a regra das famílias. Não me perguntes porquê, é simplesmente assim.

Agora, enquanto pensava no que Trish dissera, Cleo sentiu-se inundada por uma profunda saudade. Precisava de ver a sua família novamente e de ter tudo como era dantes. Porém, ao lançar um último e demorado olhar à delapidada fachada da sua antiga casa, percebeu finalmente, e de forma definitiva, que as coisas nunca poderiam voltar a ser como dantes. O Willow seguira o seu caminho, a sua família seguira o seu caminho sem ela, e ela não conseguia ultrapassar a dor e o abalo. A memória daquela última discussão na cozinha ainda ardia em fogo lento dentro dela.

Primeiro a sua família e agora Tyler. De que servia ser honesto, genuíno e direto com as pessoas quando tudo o que se recebia em troca era traição e tristeza? Iria fazer o que Trish fizera e seguir em frente com a sua vida sozinha. O que fora que Leah lhe dissera ao telefone no outro dia? «Tudo se resolverá no final, ainda que não seja da forma que planeaste ou com o final que antecipavas.»

Entre as filosofias de Leah e as teorias de Trish de que cada pessoa tinha de fazer a sua própria vida, Cleo começava a ficar confusa.

Foi despertada dos seus pensamentos quando o táxi caiu num buraco de proporções bíblicas.

– Jesus! – exclamou o taxista quando o carro superou por fim o obstáculo. – Quem quer que tenha comprado o hotel, espero bem que conserte o raio da estrada, é tudo o que posso dizer.

Quando o táxi deixou por fim Cleo e a sua bagagem frente ao Spa Cloud's Hill, esta ouviu

gargalhadas vindas do terraço. Carregando a mala que Trish lhe emprestara até às traseiras, encontrou Leah e alguns dos hóspedes do spa sentados no terraço, a beber chá gelado, a desfrutar do sol vespertino e a conversar.

– Cleo, que bom ver-te – cumprimentou Leah, levantando-se com um enorme sorriso no seu bonito rosto. Dirigiu-se a Cleo e envolveu-a nos braços.

Cleo sentiu mais uma vez aquele aroma a rosas. Era tão bom ser abraçada por Leah, tão parecida com a mãe costumava abraçá-la. Há uma eternidade que não era abraçada de uma forma maternal. Desde que deixara o Willow, na verdade. E agora, ali estava ela, de regresso a Carrickwell e era óbvio que a família se importava pouco com ela. Leah não pareceu ficar surpreendida quando Cleo largou a chorar.

– Viajar é complicado – disse Leah animadamente, acenando um adeus ao resto dos hóspedes e conduzindo Cleo na direção da casa. – Deixa a mala aqui, querida; mais tarde vimos buscá-la.

– Foi tão bom chegar aqui e vê-la e sentir-me bem-vinda – soluçou Cleo, explicando-se ao mesmo tempo que caminhavam, o braço de Leah em redor da cintura dela.

– Regressar a casa pode ser algo muito emotivo – confirmou Leah sabiamente. – E quando sentimos que determinado lugar já não é a nossa casa, ainda pior.

– É isso precisamente – confessou Cleo, soluçando ainda mais. – Pedi ao taxista que passasse pelo Willow e tinha um aspeto tão abandonado e triste. Insuportável. E não sei como eles estão ou o que aconteceu, nada.

– Bom, talvez tenha algumas novidades para ti nesse capítulo – disse Leah. – A tua mãe conhece uma senhora chamada Mistress Hanley? – perguntou.

– Conhece, Irene Hanley – respondeu Cleo, animando-se.

– Irene Hanley devia estar a trabalhar para a CIA – referiu Leah –, pois sabe tudo o que se passa nesta cidade. Não estou com isto a dizer que é uma coscuvilheira, não, ela apenas distribui a informação onde considera que fará melhor proveito. Gostei muito dela.

– Eu também – disse Cleo, fungando. – Que disse ela?

– Que a tua mãe e o teu pai foram para o estrangeiro de férias porque estavam perturbados com tudo o que acontecera. A tua mãe estava devastada por te teres recusado a voltar para casa quando te telefonou – acrescentou. – Segundo Mistress Hanley, ela encarou isso muito mal.

Cleo sentiu-se irromper de novo em lágrimas.

– Na altura eu estava tão magoada, e ela ainda me disse que eu tinha de pedir desculpa e foi como se estivesse a escolher o Barney e o Jason e a Sondra em detrimento de mim. Recusavam-se a ver que me tinham magoado e deixado de fora de todas as decisões.

– Toda a gente estava magoada, suponho – prosseguiu Leah. – Se ela te tivesse telefonado umas quantas semanas mais tarde, tu já estarias mais calma e menos zangada, certo?

Cleo assentiu com a cabeça.

– A tua mãe e o teu pai receavam que já nunca mais quisesses ter nada a ver com eles, temiam ter arruinado tudo, por isso, quando foram embora, pediram a Barney e a Jason que conversassem contigo. Era suposto eles agirem como *attachés*.

– Oh, o Jason e o Barney – exclamou Cleo –, não seriam capazes de soletrar a palavra *attaché*, quanto mais agir como um.

– Foi também o que Mistress Hanley pensou – concordou Leah. – É uma mulher inteligente.

– Os meus irmãos nunca me contactaram – afirmou Cleo ferozmente.

Tudo fazia sentido agora. Cleo sabia que os pais não se iriam embora sem lhe dizerem para onde tinham ido.

– Mistress Hanley ouviu, porque a filha dela conhece muito bem a melhor amiga de Sondra, que Barney e Jason acharam que te faria bem seres ignorada por um tempo.

– Aposto que a Sondra teve alguma coisa a ver com isso! – exclamou Cleo. – Nunca gostou de mim. Os meus dois irmãos são demasiado fracos para tomarem uma decisão sozinhos.

E depois começou a chorar de novo porque, independentemente de quem empurrara os irmãos dela, era difícil imaginar que tivessem tentado magoá-la tanto.

Leah conduziu Cleo a um dos mais bonitos quartos da antiga casa, um aposento florido com cortinas rosadas e um edredão que parecia ter sido o recetáculo de uma chuva de pétalas.

– Lindo – suspirou Cleo. – Já ninguém faz quartos assim. Eu quis ter um no Willow, mas ninguém concordou comigo; acharam que talvez fosse demasiado feminino e que nenhum homem haveria de querer ficar nele, mas...

– Eu compreendo – disse Leah. – As mulheres por vezes precisam de alguns floreados e arrebiques.

– Mas eu devia ficar nos quartos dos empregados, não era? – fez notar Cleo. Afinal de contas, estava ali para trabalhar. O Cloud's Hill estava a tornar-se tão bem sucedido que Leah precisava de outra rececionista e Cleo ansiava por um trabalho mais calmo e recompensador para variar.

– Sim, temos um quarto lindíssimo, mas ainda não está pronto para ti – respondeu Leah. O que não era inteiramente verdade. O quarto estava pronto, mas Leah achava que Cleo precisava de uns dias de mimo. – Porque não aproveitas para te deitar mais cedo? – sugeriu, correndo as cortinas. – Eu mando trazerem-te o jantar e assim podes ter algum tempo só para ti.

– Isso seria ótimo – disse Cleo. Na apinhada e buliçosa casa de Trish nunca tivera muito tempo só para ela. E tinha tantas coisas em que pensar. – Obrigada, Leah – disse, com uma gratidão sentida.

Leah abraçou Cleo mais uma vez.

– Não tens de quê – respondeu. – Toda a gente precisa de vez em quando que alguém cuide de si.

Após dois dias celestiais durante os quais Leah insistiu que Cleo não trabalhasse, mas experimentasse praticamente todos os tratamentos que o spa oferecia – para que depois pudesse falar deles com conhecimento de causa, como Leah argumentara –, Cleo começou a sentir-se melhor.

Certamente que tinha melhor aspeto, «e isso anima qualquer pessoa, não é?», disse para Leah enquanto, sentadas na banheira de água quente, esta admirava as unhas bem arranjadas de Cleo.

– Podia habituar-me a isto de não fazer nada – acrescentou Cleo, estendendo-se voluptuosamente na água quente.

– Podias? – inquiriu Leah. – Isso nunca me teria passado pela cabeça. Se alguém me tivesse pedido para adivinhar, eu teria dito que eras uma daquelas pessoas cheias de energia sempre pronta a trabalhar.

– Tem razão – admitiu Cleo –, sou assim mesmo, mas estranhamente é assim que me sinto de momento. Não fazer nada é sempre bom quando é uma interrupção de fazer alguma coisa, em especial quando essa coisa nos está a deixar pelos cabelos. A Leah devia ser guru motivacional ou coisa que o valha. É espetacular... As coisas que a Leah sabe.

Leah sorriu.

– Não sei mais que qualquer outra pessoa – realçou ela –, apenas confio nos meus instintos.

– Já tentei isso – disse Cleo num tom amargo. – Confiei nos meus instintos em relação ao Tyler e vi que foi um erro.

Pela primeira vez desde que chegara ao Cloud's Hill, sentia-se emocionalmente forte o suficiente para falar do relacionamento e já tinha contado todos os pormenores a Leah. Mesmo naquele momento, sob a luz fresca e límpida daquele maravilhoso lugar, a memória do sucedido ainda a magoava.

– Não foi um erro – disse Leah.

– Como assim? – quis saber Cleo.

– Gostaste dele e não funcionou exatamente como tu querias, mais nada. Não há nada de errado nisso – observou Leah.

– Talvez. – Cleo estava duvidosa. – Quer com isso dizer que eu tinha alguma coisa a aprender com o facto de o meu relacionamento com o Tyler não ter resultado, é isso? Estou fãzinha de aprender – confessou num tom melancólico. – Aprender magoa sempre. Porque não podemos aprender coisas sem nos magoarmos? Tudo o que aprendi recentemente é que a família pode faltar-se de nós e que os homens nos usam... – Sabia que tal não era inteiramente verdade. Tyler não a usara. E Nat, coitado, também não a havia usado. Que pena não fazer o seu género de homem.

– Confiar nos nossos instintos quer dizer precisamente isso – asseverou Leah num tom firme. – O que te disseram os teus instintos acerca do teu pai e da tua mãe?

Os olhos de Cleo marejaram-se de lágrimas de novo.

– Não conseguia acreditar que não tivessem voltado a tentar contactar-me – respondeu Cleo. – Simplesmente não acreditava em tal coisa.

– Vês, os teus instintos estavam certos. Eles contactaram-te de facto – realçou Leah. – Da primeira vez, estavas demasiado magoada para aceitar o ramo de oliveira e, da segunda vez, os teus irmãos não transmitiram a mensagem.

– Leah, isto é tudo muito difícil, pensar nisto tudo – disse Cleo. – Podemos ficar simplesmente aqui sentadas a boiar?

– Boia à vontade – disse Leah, erguendo-se elegantemente da água. – Eu tenho de sair. Tenho umas coisitas para fazer.

«Leah era muito inteligente», refletiu Cleo, «ao deixá-la ali em lume brando dentro de água a pensar», muito embora estivesse fãzinha de pensar. Os pais haviam tentado contactá-la – essa era a parte melhor –, embora fosse doloroso pensar que Barney e Jason estavam tão cheios de amargura que não haviam transmitido a mensagem dos pais. Cleo sentiu uma pontada de remorso por ter deixado passar tanto tempo sem telefonar aos pais... Talvez ligasse para o telemóvel do pai mais tarde, só para ver. Tal pensamento alegrou-a. Seria corajosa e adulta e sararia a desavença familiar.

Mas restava ainda uma nuvem negra – Tyler e o facto de o grupo Roth ter comprado o Willow. Não havia uma forma simples de resolver a situação. Mesmo que Tyler chegasse ali a rastejar e a desculpar-se, Cleo não queria ter mais nada a ver com ele. Ele e os hotéis Roth eram o inimigo: o seu pai ficaria destroçado ao saber que vendera o hotel ao inimigo.

Não, Tyler podia apodrecer no inferno. Era outro que também não tentara entrar em contacto com ela. Os seus instintos haviam-na enganado por completo no que a Tyler dizia respeito, independentemente do que Leah dizia. Fosse como fosse, suspirou enquanto saía da banheira e pegava numa toalha, não teria nunca mais de o voltar a ver, pois não?

Desde que chegara a casa da mãe há uma semana, Daisy mal se aventurara a emergir do seu casulo. Os seus dias tinham caído numa rotina que nunca figuraria em nenhum livro ou revista acerca de estilos de vida e dietas. De manhã, ficava de pijama sentada frente à televisão, comia cereais carregados de açúcar e via reposições de programas que de uma forma geral não lhe passaria pela cabeça ver. À tarde, pegava no carro e ia até à pequena mercearia no cruzamento para comprar comida – chocolates, mais cereais de pequeno-almoço, pizzas e qualquer marca de vinho que estivesse em promoção. À noite, punha os CDs de ópera da mãe em altos berros, mergulhava na autocomiseração ao som das heroínas a cantarem os seus amores perdidos, cultivava uma cintura cada vez maior e bebia a habitual quantidade de álcool que consumia numa semana de uma só penada.

No dia seguinte, repetia o ciclo. Não devolvia telefonemas, exceto um de Mary, para dizer que estava bem e que regressaria em breve. Ambas as afirmações haviam soado evidentemente a falso.

– Tenho estado raladíssima contigo – queixou-se Mary. – Telefonei ao estupor do Alex e disse-lhe para te contactar. Ele fê-lo?

– Sim. – Daisy não mencionou que o telefonema de Alex se resumira a uma simples mensagem deixada no atendedor.

Começara a pensar que se Alex tivesse podido dar-lhe com os pés por mensagem, tê-lo-ia feito.

– Eu disse-lhe umas quantas, ficas já a saber – prosseguiu Mary. – Cretino. Nem sabia o que me responder.

Concedeu a Daisy uma sinistra satisfação imaginar Mary a desancar verbalmente Alex. Porém, era um exercício inútil. Ele deixara-a e nada podia mudar isso.

– Tens de voltar ao trabalho, Daisy – aconselhou Mary. – Acredita em mim, sei o que é partirmos o coração e escondermo-nos não o cura. O Alex era apenas uma parte da tua vida, esquece-o e pensa no teu futuro. Não é que ter um homem seja o princípio e fim de tudo, pois não?

Quando queria ser encorajadora e animadora, Mary era uma força da natureza e verdadeiramente contagiante, porém, escapava-lhe um conceito vital, na opinião de Daisy: o facto de Alex ter sido de facto tudo para Daisy.

Tentou explicá-lo.

– Ele dava-me confiança. Quando estava com ele, gostava de mim e mesmo quando não estava conseguia ainda assim gostar de mim porque ele me amava.

Fosse como fosse que ela tentasse colocar a questão, soava tão ridículo, cheio de autoaversão. Como podia uma pessoa como Mary, a derradeira mulher de negócios, forte e confiante, compreender o que Daisy fora antes de ter conhecido Alex? Fora tímida, sempre receosa e com medo do mundo. Ele mudara tudo isso. Mais importante ainda, conseguira que Daisy gostasse dela.

– Não podes... Não devias... – Mary parecia estar a ter dificuldades em digerir aquela informação. – O Alex não fez quem tu és – conseguiu dizer por fim. – Se se devia tudo a ele, como aguentavas quando ele não estava contigo? Responde-me a isso! Como viajavas para Paris, Londres, Dusseldorf,

fazias o teu trabalho de forma profissional e perfeita e toda a gente te adorava se o Alex não estava lá, a teu lado? *Fazia-lo por causa de ti, não por causa dele!*

A lógica de tal argumento podia ser óbvia para Mary, mas não o era para Daisy.

– Quando ele não estava comigo, eu era feliz porque sabia que ele me amava – respondeu Daisy simplesmente. – Ter o Alex na minha vida significava que eu estava bem, que alguém me amava. Não tinha uma aliança de casamento no dedo, ou até um anel de noivado, para mostrar isso ao mundo, mas não me importava porque sabia que tinha o Alex. Isso satisfazia-me. Depois, quando ele partiu, tudo isso ruiu. O meu aspeto era o mesmo, mas o modo como me sentia era completamente diferente. Sentia-me, perdão, *sinto-me* não amada, horrível...

– Mas não ter um homem não significa isso – insistiu Mary. – Daisy, não podes dizer que não tens nada e não és nada só porque o Alex se foi embora.

– Mas é assim mesmo que me sinto – alegou Daisy tristemente. – É como acordar de um maravilhoso sonho e descobrir que tenho dezassete anos, sou gorda e estou de novo sozinha. O Alex afastou-me de tudo isso.

– Tu é que te afastaste a ti mesma disso tudo – insistiu Mary. – Estás a telefonar de onde? De casa da tua mãe? – inquiriu.

– Não, ela regressou, por isso estou em casa de amigos – respondeu Daisy, odiando-se por mentir, mas não queria que Mary a descobrisse e a obrigasse a regressar ao mundo real.

– Porque não vens para minha casa? – sugeriu Mary.

– Deixa estar, obrigada – declinou Daisy. Não queria estar com ninguém, queria estar sozinha, em paz. – Eu telefono-te em breve, prometo.

Pousou o telefone e caminhou sem rumo pela casa. Comeria todos os biscoitos de chocolate que comprara no dia anterior, não havia nada para o jantar no frigorífico e só lhe restava uma garrafa de vinho.

Nem valia a pena assaltar o armário das bebidas da mãe. Nan Farrell tomava muito ocasionalmente um gim tónico ou um xerez em festas e mais nada.

O pai de Daisy fora o oposto, um homem muito sociável sempre pronto a beber uma cerveja com quem quer que conhecesse na rua. Nunca arranjara tempo para a família; preferira sempre de longe a companhia de desconhecidos no *pub*.

Era por esse motivo que Daisy quase se sentia feliz por ele agora morar no estrangeiro. Se ele vivesse por perto, talvez já tivesse sido obrigada a pensar por que motivo o pai preferira outras pessoas a ela e à mãe. Amara-o pelo seu sentido de humor e boa disposição, um contraste tão vincado com o modo mais sério com que a mãe encarava a vida. Porém, ele não quisera ficar com qualquer uma delas.

Os homens pareciam não querer nada com Nan e Daisy.

Oh, precisava de uma bebida. Para adormecer aquela moinha constante. Beberia apenas um copo, mas depois o copo transformou-se em dois e, de alguma maneira, a última garrafa de vinho apareceu vazia.

Merda. Só mais um copo e esqueceria Alex, esqueceria Louise, esqueceria o bebé... aquela pele quente e sedosa encostada ao corpo dela na cama. Tombou num sonho acordado no qual era mãe: ele, Alex e o bebé, uma menina – tinha a certeza de que o seu primeiro filho seria uma menina. Estavam deitados numa cama enorme, não a cama do apartamento, mas uma cama de família com almofadas rechonchudas, brinquedos fofinhos de bebé e macias mantas de lã, e Alex olhava embevecidamente

para a sua mulher e filha.

O sonho era perfeito porque Daisy tinha finalmente um filho seu – tudo o que ela queria. Que poderia haver de errado com isso? Que poderia haver de errado com ela para não poder ter o que sonhava? Porque a culpa era dela, sabia-o agora. Alex conseguira engravidar Louise. Portanto, a infértil era Daisy, não ele. Teria feito alguma coisa de terrível no passado e estava a pagar por isso agora com a sua infertilidade, a sua incapacidade de manter um ser vivo em seu redor, fosse ele uma criança ou um homem?

Livros e revistas asseveravam que a infertilidade não era nenhum castigo por mau comportamento, mas Daisy sentia que tal era mentira.

Recordou-se da mulher anónima no diário que lhe haviam dado naquele dia de má memória na Clínica Avalon.

A culpa será minha? Não posso contar ao T porque ele diz que não é, mas eu questiono-me. Será isto um castigo por não ter sido uma boa filha, irmã, amiga, esposa? A infertilidade parece uma doença à qual nos expusemos conscientemente. Sexo com a pessoa errada, trompas defeituosas, a falta de qualquer coisa. Sentimos que a culpa é nossa, independentemente do que qualquer pessoa possa dizer.

O tremeluzente sonho de maternidade de Daisy esfumou-se. O diário da fertilização *in vitro* representava o fim da sua felicidade. O dia em que começara a lê-lo fora o dia em que Alex dissera que era melhor darem um tempo.

Como fora ingénua ao não perceber o que ele queria na verdade. Odiava-se por naquele dia ter sido tão crédula, manipulável e esperançosa. Dois sonhos desfeitos de uma só vez. Perdera Alex e não podia ter o bebé por que tanto ansiara.

O desespero assolou-a e Daisy chorou e soluçou até ficar com a cara vermelha e inchada, até a parte de cima do pijama ficar molhada e o nariz a correr.

Acabou por adormecer no sofá e quando acordou tinha-se passado meia hora e a tarde chegava ao fim. O sol poente de uma bonita tarde de verão penetrava pela janela de pinázio da frente e, à distância, Daisy ouviu o suave mugir de vacas à medida que avançavam em solene procissão a caminho das salas de ordenha.

Ainda se sentia ligeiramente ébria, mas apetecia-lhe outra bebida, algo que a embotasse por completo. Contudo, naquele estado não podia conduzir até à loja para se abastecer. Bem fundo dentro dela, ainda guardava um vestígio do seu instinto de autopreservação. Nunca conduzia se tivesse bebido. Não descera ainda tão baixo e, para além disso, a loja ficava ali pertinho: um quilómetro para lá, pela serpenteante vereda, e um quilómetro de regresso. O exercício talvez a ajudasse a dormir mais tarde e a impedir de acordar várias vezes a meio da noite encharcada em suor.

Daisy nem se preocupou em lavar o rosto para ocultar a crise de choro. Limitou-se a enfiar um chapéu de abas largas da mãe e uns óculos de sol e rumou a pé para a loja. Caminhou ao longo da vereda, os vapores do vinho ainda a fazerem o seu efeito. A cabeça a mil à hora não parava de dar voltas, a pensar, a pensar. Precisamente o que não queria fazer.

«Jantar, pensa no que vais fazer para o jantar. Talvez uma das tartes de maçã pré-cozinhadas da loja, com natas, e um bom copo de vinho tinto para deglutir tudo e obrigar a cabeça a esvaziar-se de

pensamentos.»

Chegou ao cruzamento tão decidida a não pensar que avançou para a estrada principal sem olhar. Um carro que passava teve de guinar com grande aparato e guinchar de pneus para a evitar.

– Oh, meu Deus! – arquejou Daisy. Levou as mãos espalmadas ao peito. O carro travou com todo o ímpeto frente à loja, deixando marcas negras de borracha no alcatrão da estrada. Com o choque, Daisy ficou como que colada ao chão, olhando emudecida para o carro, incapaz de chorar porque já não tinha mais lágrimas para verter. O condutor, uma mulher alta, de cabelo escuro, calças de ganga e uma camisa leve em tons rosados, saiu do carro e correu para Daisy.

– Está magoada? – perguntou.

– Não. Sim. Não – gaguejou Daisy. – Eu vinha para a loja, não queria...

– Quer que a leve a casa? – perguntou a mulher com amabilidade. – Ou precisa de ir ao hospital?

– Casa – disse Daisy acenando com a cabeça. – É um pulinho a pé.

– Não devia caminhar. Foi quase atropelada.

– Tenho de ir às compras – declarou Daisy de repente. Precisava de comida e, mais importante ainda, de vinho.

– Eu vou consigo e depois levo-a a casa – afirmou a mulher num tom firme. – Tem alguém consigo em casa?

Daisy abanou a cabeça.

– É a Daisy, não é? – perguntou a mulher, olhando-a com atenção.

Pela primeira vez, Daisy olhou bem para a mulher. Parecia-lhe de facto conhecida.

– Sou Leah Meyer, do Cloud's Hill – acrescentou a mulher. – Conhecemo-nos quando foi ao spa há um par de meses. Trabalha naquela boutique na cidade, não trabalha? Quase não a vi por causa daquela curva mortífera. É um milagre não a ter atropelado.

Daisy olhou para o cruzamento e para a curva apertada mesmo antes dele. Pensou nela mesma a avançar sem pensar para a estrada e ocorreu-lhe que, se Leah fosse mais depressa, estaria agora estendida no asfalto inconsciente.

– Peço desculpa – murmurou Daisy com as pernas a tremer. – Tenho mesmo de me sentar.

Mesmo atrás delas estava um minúsculo e antiquado posto de abastecimento de combustível apenas com uma solitária bomba de gasóleo. Havia um banco de madeira frente à casinhota onde se fazia o pagamento e Daisy afundou-se nele.

– Não saia daqui – ordenou Leah. – Eu vou buscar o meu carro e levo-a a casa.

Regressou em pouco tempo e ajudou Daisy a meter-se no lugar do passageiro.

– Siga sempre a vereda – instruiu Daisy, algo desnecessariamente. – É a segunda vivenda a cerca de um quilómetro daqui.

– Que casa tão bonita – comentou Leah com admiração quando pararam o carro.

– É da minha mãe – explicou Daisy, vasculhando todos os bolsos em busca da chave para entrar. – Fiquei aqui por uns dias enquanto ela está fora.

– Mostre-me a cozinha e eu preparo-lhe um chá – sugeriu Leah assim que entraram.

O resto da casa estava arrumado; Daisy confinara-se ao seu casulo, um canto do sofá, na minúscula sala de estar e todas as noites levava para a cozinha os copos e os pratos que haviam ficado na mesa do café.

A cozinha, porém, contava uma história bem diferente. Por baixo do rachado lava-loiça de cerâmica era onde Nan Farrell guardava as embalagens que iam para a reciclagem e, pela força do

hábito, Daisy colocara as garrafas de vinho aí, prontas para serem levadas quando se fosse embora. O número de garrafas alinhadas era vergonhoso, deu-se conta, vendo a cozinha pelos olhos de Leah.

– Se já tivesse levado isto para o vidrão a cozinha teria um ar mais arrumado – disse Daisy, gesticulando vagamente na direção das garrafas. Preparava-se para avançar com a desculpa de uma festa, mas achou melhor ficar calada.

– Está aqui sozinha? – Daisy assentiu com a cabeça. – Sofreu um choque. Talvez não seja muito boa ideia dormir aqui sozinha esta noite. Eu levo-a para Cloud’s Hill por uma noite.

– Oh, não vale a... – começou Daisy.

– Repare – Leah levantou ambas as mãos –, estou apenas a ser boa vizinha e seria um favor que me faria se aceitasse.

– Bom...

– Ótimo. Eu faço uma mala para si. – Com a velocidade do mistral, Leah subiu ao piso de cima, reuniu umas quantas coisas para Daisy, colocou-as num saco de viagem que encontrou no chão e voltou a descer. – É melhor ir ver se há mais alguma coisa de que necessite – aconselhou ela num tom animado. – Fico à sua espera no carro.

No seu velho quarto, Daisy não viu mais nada que precisasse. Leah parecia ter emalado tudo.

Mais valia ir com Leah. Porque não?

O aroma a rosas despertou Daisy ao raiar da aurora na manhã seguinte e, ao abrir os olhos, pensou que tinha morrido e subido ao céu num barco de pétalas azuis. Acima da cabeça avistou pregas de musselina azul-ovo de pato a adornarem um dossel. Almofadas do mais pálido azul, com minúsculas flores espalhadas pelo tecido, bainhas rendilhadas rodeavam-na por todo o lado e uma cobertura acolchoada de damasco creme com um cerúleo bordado cobria-a. Até o quarto estava pintado num subtil tom de azul, «a cor do céu numa manhã de verão», refletiu Daisy. Erguendo a cabeça, localizou a fonte do perfume a rosas: um pequeno ramo de aveludados botões carmesim numa tigela de cobre martelado ao lado da cama.

Daisy não fazia ideia de onde se encontrava, mas sentia-se em segurança.

Voltou a deitar a cabeça nas almofadas e adormeceu novamente. Pela primeira vez numa semana, dormiu profunda e proveitosamente. Quando acordou pela segunda vez, eram nove e meia e estava esfomeada.

As suas roupas encontravam-se ainda bem dobradas dentro do saco onde Leah as emalara. Daisy tomou um banho, lavou o cabelo até brilhar, vestiu-se rapidamente e abandonou o quarto.

Havia degraus no vestíbulo ao lado da porta do seu quarto, por isso desceu-os e deu por ela num corredor branco, tão austero quanto se pertencesse a um mosteiro, com chão de pedra e desprovido de cortinas nas compridas e estreitas janelas. A parte da casa dos Delaney reservada aos empregados, supôs Daisy.

No final do corredor ficava uma cozinha de boas dimensões com o mesmo chão de pedra e paredes brancas. Parecia ser a cozinha dos empregados e havia uma mulher sentada à comprida mesa a tomar o pequeno-almoço. Era uma rapariga que obviamente trabalhava no spa, pois tinha o uniforme verde-azeitona do Cloud’s Hill vestido e pareceu satisfeita ao ver Daisy.

– Olá, Daisy, sou a Jane. Serve-te à vontade de café e do que quiseses. Eu vou avisar a Leah que já acordaste.

– Obrigada – murmurou Daisy, sentindo-se ligeiramente desconcertada por esta desconhecida

saber quem ela era.

Ia na segunda chávena de café, comera uma torrada e alguma fruta e estava a conversar com Jane quando Leah chegou.

– Dormiu bem? – perguntou Leah, vertendo água a ferver para uma caneca.

– Dormi, obrigada. Muito bem até. O quarto é magnífico.

– O quarto azul é muito bonito de facto – concordou Leah. Abriu uma gaveta, tirou um saquinho de chá e mergulhou-o na caneca, enchendo instantaneamente o ar com o aroma a framboesas.

– Eu prefiro o rosa – disse Jane.

– A Cleo ficou nele – disse Leah. – Vai gostar muito da Cleo – asseverou com toda a certeza a Daisy. – Venha comigo até ao meu escritório para conversarmos.

O escritório de Leah ficava perto da área de receção, uma pequena divisão cheia de personalidade. Quadros, fotografias e livros forravam as paredes. A pequena mesa entre dois cadeirões tinha ainda mais fotografias e uma frágil orquídea branca. A secretária estava perfeitamente desimpedida, exibindo apenas um telefone antigo.

Leah sentou-se num dos cadeirões e Daisy acomodou-se no outro, segurando o seu café.

– Estava a tentar matar-se? – inquiriu Leah, os seus esguios dedos mergulhando o saco do chá pelo cordel.

– Como? – perguntou Daisy, genuinamente confusa.

– Ontem. Estava a tentar matar-se ou foi um acidente?

– Um acidente – arquejou Daisy, estupefacta. – Porque pensaria o contrário?

– Por causa da quantidade que obviamente bebera.

Ultrajada, Daisy apressou-se a argumentar contra semelhante alegação.

– Tinha apenas bebido um pouco de vinho.

– Eu diria que bastante – afirmou Leah num tom amável. – Eu vi as garrafas. Disse-me que estava em casa da sua mãe há uma semana. A não ser que a sua mãe dê muitas festas, eu diria que durante esta semana o seu consumo de álcool foi bastante elevado. Duas garrafas por dia?

Soava tão vergonhoso que Daisy corou.

– Estava deprimida e queria algo que me animasse.

– O álcool não anima ninguém – declarou Leah. – É um sedativo e qualquer pessoa que considere duas garrafas por dia uma quantidade razoável tem obviamente um problema de consumo excessivo.

Eu não tenho problema nenhum, queria Daisy dizer, mas estava tão chocada que nem tinha palavras, pois Leah explicara a coisa de forma tão plausível que não havia como argumentar.

– De onde eu venho, as pessoas não bebem assim – prosseguiu Leah. – Em Los Angeles, se alguém tomar um *cocktail* ao almoço, o resto das pessoas à mesa estende-lhe um cartão dos Alcoólicos Anónimos. Aqui, bom... é uma das coisas que me faz confusão na Europa. Vocês bebem e fumam em excesso.

– Como a gordura? – perguntou Daisy.

– Isso já é um problema dos americanos – disse Leah. – Nós comemos de mais, vocês bebem de mais e vivem perigosamente. Nem uma coisa nem outra é boa.

– Conheço montes de mulheres que bebem tanto como eu – insistiu Daisy.

– E isso faz com que esteja certo?

Daisy sentiu-se de repente visada e zangada. Como se atrevia esta desconhecida a interrogá-la acerca do que bebia? Daisy acabara de sofrer uma perda terrível e esta mulher não fazia a mínima

ideia do que isso era.

– Quem é que morreu e a deixou encarregada? – reclamou com hostilidade.

O rosto sereno de Leah não sofreu qualquer alteração.

– Ninguém – respondeu. – Dirijo um centro holístico. Seria muito estúpido se não conhecesse os factos acerca daquilo com que podemos ou não contaminar o nosso corpo. É como uma máquina: se gostamos dele, cuidamos dele. Se nos estamos a borrifar para ele, enchemos o depósito com combustível de má qualidade e não ficamos surpreendidos quando o motor gripa.

– Eu não gosto do meu corpo – deixou Daisy escapar e depois conteve-se.

– Isso é óbvio. Mas ainda que a sua vontade seja desistir do seu corpo e da sua vida – Leah fez uma pausa –, não precisa de destruir a de outra pessoa. Eu conduzo bastante devagar, mas e se alguém saísse com maior velocidade daquela curva e a atropelasse?

Daisy voltou a corar.

– Eu sei, não paro de pensar nisso – disse.

– O condutor do carro e quem mais o ocupasse poderia ficar ferido ou morrer... para além da Daisy.

Daisy desejava que Leah se calasse.

– O meu namorado deixou-me – confessou, inclinando-se para a frente e segurando a cara entre as mãos. – Deixou-me por outra mulher e ela está grávida. Compreende agora?

Contou a Leah tudo: os anos antes de ter conhecido Alex, como ele a salvara, o quanto o adorara, a vontade de ter um filho, a consulta na clínica de fertilidade e o abandono dele. Tendo em conta tudo isso, Daisy achava que tinha o direito de fazer o que quisesse – embebedar-se ou atirar-se de uma ponte.

– Então, fará o Alex arrepender-se de a ter magoado arranjando uma cirrose ou sendo atropelada por um carro? – inquiriu Leah.

– Não... – Soava de facto ridículo, posto daquela forma. – Queria sentir-me menos triste, mais nada.

– E castigá-lo, magoando-se a si mesma?

– Oh, por amor de Deus!

– Era o que a Daisy estava a fazer.

– Não era – reclamou Daisy na defensiva. – As pessoas precisam de soltar um pouco as emoções quando estão magoadas, é só isso.

– Soltar as emoções daquela forma não resulta – asseverou Leah.

– E como raio é que sabe? É perita em dor emocional, é? – perguntou Daisy, zangada com ela mesma por ser tão inútil e com Leah por colocar exatamente o dedo na ferida. Acabara de colocar o seu coração nas mãos daquela mulher e agora ela esfregava-lho na cara.

A princípio, Leah não respondeu. Bebeu um pouco do seu chá de framboesas, recostando-se no cadeirão. O tempo passou, dois minutos, talvez três, sem qualquer som para além do ruído dos telefones na receção e de alguém a dizer, *Cloud's Hill, bom dia, em que posso ajudar*, num tom animado.

– Agora que fala nisso, sou de facto perita em dor emocional – respondeu por fim Leah –, muito embora fosse um tipo de perícia que preferia não ter. O meu filho morreu, sabe...

Daisy sentiu-se retesar.

– Não sabia que tinha um filho – gaguejou, lembrando-se que ela e Mary haviam partido do

pressuposto de que Leah era uma divorciada rica sem laços familiares e montes de dinheiro.

– Já não tenho – fez notar Leah. – Sou uma mãe sem ninguém de quem cuidar.

Pela primeira vez em muito tempo, Daisy sentiu vergonha pela forma como se comportara. A sua esperança de ter um filho ou uma filha parecia ter morrido, mas não tivera um filho verdadeiro que morrera. A morte de um filho ao qual déramos a vida e à luz era muito, muito pior do que a morte do sonho de ter um.

E não era que alguém lhe tivesse dito que nunca poderia ter um filho. Havia ainda esperança. Podia ainda conhecer Mr. Fabuloso e ser delirantemente feliz e ficar grávida inesperadamente. Mas o filho de Leah estaria morto para sempre. Sempre.

– Que aconteceu? – perguntou Daisy em voz baixa.

– Não gosto de falar sobre isso – respondeu Leah.

– Desculpe.

– Não faz mal. O que eu quero dizer é que não gosto de falar sobre a morte do Jesse, mas faço-o. A dor corrói de dentro para fora e falar ajuda, diz-se.

– Não foi minha intenção reavivar memórias...

– As memórias são coisas nas quais pensamos de tempos a tempos – referiu Leah. – Penso no Jesse todos os dias. Ele está comigo, não é uma memória. – Levou os dedos aos cristais de ametista que tinha em redor do pescoço. – Ele comprou-me estas pedras numas férias e eu guardei-as e não as usei muito até ele morrer. Trazem-me paz.

– Como consegue ter paz? – quis saber Daisy, espantada.

– Uma espécie de paz – corrigiu Leah. – A paz que advém de saber que não podemos mudar as coisas, por mais vezes que acordemos a meio da noite aos gritos. A paz da aceitação. Aprendemos a viver com o facto. – Esboçou um sorriso de esguelha. – Suponho que os velhos lugares-comuns são os melhores.

– Lamento muito.

– Faria trinta e três anos este ano. Teria gostado dele, Daisy. Era alto, bonito... mas eu sou suspeita, como mãe... – Sorriu. – Eu achava que ele era bonito. Teve muitas namoradas, por isso devia ser. Engraçado, inteligente, amável, adorava o cão dele. Pareço uma mãe babada, não é? O Jesse era perfeito... pelo menos para mim. Gostava do perigo, essa era a grande falha dele. Esqui, rapel, escalada no Utah, tudo o que as seguradoras adoram. Motas – acrescentou por fim. – Foi uma mota que o matou.

– Como lidou com o sucedido? – Daisy simplesmente não conseguia imaginar de que modo é que uma pessoa conseguia continuar a viver depois de tamanha perda. Sabia que entraria em autodestruição.

– Tive de aprender a confiar e a contar comigo – disse Leah. – Olhava para mim e não gostava do que via. A única coisa boa na minha vida, para além de Sol, o meu marido, fora Jesse, e ele desaparecera. Queria acabar com tudo, mas não tinha coragem para tomar comprimidos. Foi uma altura assustadora.

Daisy ficou sentada em silêncio a escutar.

– Durante os primeiros dois anos, limitei-me a sobreviver – prosseguiu Leah. – O meu casamento desmembrou-se, o que não é incomum após a morte de um filho. Depois envolvi-me com um grupo que tentava motivar as pessoas a serem doadoras de órgãos. Para algumas pessoas é um assunto muito complicado. A maior parte de nós nunca pensou sequer nisso. O que fazer com os nossos

órgãos quando morremos não teria sido tema de conversa ao jantar na minha casa.

«Trabalhar para a organização de caridade foi útil e senti que estava a adicionar algo de bom ao mundo, mas não era o suficiente. Eu era como... – procurava a palavra certa para se descrever na altura – um toxicodependente que estava limpo, sóbrio, mas que ainda assim continuava a ser um toxicodependente, se é que me estou a fazer entender. Um toxicodependente que não lidou com o problema subjacente, apenas não consome drogas.

Daisy assentiu com a cabeça. Compreendia.

– Era isso que eu fazia – continuou Leah. – Parecia viver, de fora pelo menos, mas não estava. Estava morta por dentro e não lidara com nada do que acontecera. Parecia-me tudo tão errado, entende? Nenhuma mãe deveria ter de enterrar o filho.

– Lamento muito – voltou Daisy a dizer à falta de outra coisa mais apropriada para expressar o quanto lastimava que tal tivesse acontecido a Leah. – E estou tão envergonhada – acrescentou. – Achava que a pior coisa do mundo me acontecera a mim, mas não, acontecera a si.

– A infertilidade também provoca um sofrimento profundo – observou. – É preciso lidar com isso e não existe um remédio rápido. É como quando uma mulher sofre um aborto e as pessoas argumentam estupidamente, *Tem outro bebé*, como se um novo bebé a fizesse esquecer o que faleceu. Os pais continuarão a chorar o minúsculo bebé que perderam, como a Daisy chorará os que ainda não teve. Eu compreendo isso. Mas a situação ainda não é irremediável para si, Daisy. O seu relacionamento com Alex terminou, é certo, mas ninguém lhe disse que não pode ter filhos e, se esse for mesmo o caso, ninguém diz que não pode adotar ou ser mãe de acolhimento. As únicas limitações são aquelas que colocamos a nós mesmos. Se adotasse um bebé, essa criança seria menos sua?

– Não – respondeu Daisy. – Ainda não pensara nisso, na verdade. Partira do pressuposto de que iríamos fazer o tratamento de fertilidade primeiro e depois logo veríamos. Esse seria o primeiro grande passo e depois tudo se seguiria naturalmente. E durante todo esse tempo, o amor da minha vida andava a enganar-me e a engravidar outra pessoa. Burra, é esse o meu nome do meio.

– Não é burra – asseverou Leah com firmeza. – Quando nos magoamos, sentimo-nos idiotas porque achamos que devíamos ter percebido. Porém, se soubéssemos tudo o que nos iria acontecer, não sairíamos da cama de manhã. Tudo o que eu estou a dizer é o seguinte: abra a sua mente e o seu coração a todas as possibilidades. – Leah olhou para o relógio. – Tenho trabalho à minha espera, Daisy. Entretanto, hoje temos pessoas maravilhosas aqui no spa. Junte-se a elas esta tarde e aproveite para fazer alguns tratamentos e depois há sempre a banheira de água quente.

– Da outra vez não surtiu grande efeito em mim – disse Daisy, pensando na última vez que ali estivera e que, uns dias mais tarde, Alex fora com ela à clínica de fertilidade e a partir daí fora o verdadeiro descalabro.

– Antes ainda não estava preparada.

Algo fez clique na cabeça de Daisy, mas esta não conseguiu perceber ao certo do que se tratava.

– Mas eu não fiz qualquer marcação.

Leah sorriu.

– Temos sempre espaço para alguém que precisa mesmo dos nossos cuidados.

Às oito da manhã daquele mesmo dia, Mel fora buscar Caroline à estação de comboios de Carrickwell para um dia de mimos e descontração no Cloud's Hill.

A mãe de Adrian, Lynda, ia ficar com as miúdas de manhã e Karen, a mãe de Mel, ocupar-se-ia do turno da tarde. A irmã de Graham ficara de ir buscar os filhos de Caroline no final das aulas

– Muito diplomático – comentara Adrian quando Mel lhe explicara naquela manhã a quem iam ficar Sarah e Carrie entregues.

– Afinei as minhas habilidades como capacete azul ontem quando a Carrie e a Sarah se lembraram inexplicavelmente de brincar com o mesmo Teletubby. Quase que rebentou uma guerra, mas eu resolvi a situação.

– Como?

– Subtraí o Tinky Winky, liguei a televisão na Dora, a Exploradora, e distribuí leite e bolachas.

– Se eu fosse a ti, concorria a presidente – disse Adrian com um sorriso trocista. – O meu voto está garantido.

Mel estava ainda a sorrir quando viu Caroline avançar pela plataforma, carregando uma pequena mala.

– Olá! – gritou Mel alegremente, mas logo depois conteve-se.

Em vez de estar expectante e entusiasmada com o dia que as esperava, Caroline tinha um ar fatigado e de olhos encarnados, como se tivesse vindo a chorar desde Dublin.

– Que aconteceu? – Mel imaginou Graham e Caroline envolvidos numa enorme discussão que arruinaria todo o poder restaurador do dia que tinham pela frente.

– Está tudo bem, tudo ótimo – respondeu Caroline numa voz meio congestionada. – O Graham ficou todo contente por eu não passar esta noite em casa. A irmã dele fica lá em casa a tomar conta dos rapazes e ele disse que talvez tivesse de trabalhar até mais tarde. – Solto uma gargalhada irónica e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. – Adoraria saber onde é que ele vai estar esta noite. Provavelmente, num restaurantezinho fantástico, do mesmo tipo onde me costumava levar, ou num hotel caro com... ela. E a irmã dele nem se vai dar conta. Ele dirá que tem de levar uns clientes a jantar.

– Não sabes com toda a certeza se ele anda a ter um caso – observou Mel. – Pelo que tu contaste, dir-se-ia que sim, mas isso não quer dizer que seja verdade.

– Eu sei, mas...

– Falamos no carro. – Mel colocou o braço em redor dos ombros da amiga e abraçou-a. Pobre Caroline.

– Eu sei que não devia estar a chorar, mas não consigo evitá-lo – soluçou Caroline. – Estou um caco, não estou? Não posso ir para um spa todo janota com este ar.

– Ninguém vai reparar – disse Mel – e se repararem dizes que tiveste a espremer pontos negros como preparação para a tua máscara facial. Isso faria qualquer pessoa ficar com lágrimas nos olhos.

Mel nem sabia bem como haviam chegado ao Cloud's Hill, pois passara a viagem toda a tentar

consolar Caroline. Necessitava de desabafar com alguém e, por entre choro e fungadelas, Caroline falou sem parar da trapalhada que era a vida dela.

– Sinto-me tão inútil – soluçou ela –, como se a culpa fosse minha. Mudei, eu sei, mas que posso fazer? Os miúdos vêm primeiro. O Graham já tem idade suficiente para olhar por ele mesmo e fazer uma sanduíche quando lhe apetece uma, por isso não me dou ao trabalho de fazer essas coisas por ele. Mas – acrescentou Caroline – o mais irritante é que ele quer isso mesmo. Também quer que eu cuide dele, mas eu sou apenas mãe de três rapazes. O Graham quer que eu seja mãe e deusa do sexo e a mulher de carreira que fui no passado e eu não consigo...

– Pois claro que não – concordou Mel num tom ultrajada. – Mudaste. Eu também mudei desde que desisti do trabalho para ficar em casa. É uma adaptação enorme e tu precisas que o Graham compreenda isso. – Silenciosamente agradeceu aos céus por Adrian ser o tipo de homem que entendia. Encarara a mudança de vida dela como uma coisa normal. Amava-a a *ela*, não o papel que ela desempenhava. Era verdade que, quando alguém nos amava verdadeiramente, podíamos ser nós mesmos com essa pessoa. Nunca poderia dizer isto a Caroline; soaria tão presumida. Porém, Mel não se sentia presumida, apenas muito afortunada.

– Não é tão bonito? – perguntou animadamente quando estacionaram frente ao Cloud's Hill.

Era fabuloso: elegante, luxuoso e, devido à sua sublime localização, no cimo da montanha, transmitia uma aura de serenidade.

– Lembras-te quando decidíamos poupar dinheiro para depois fazermos uma data de sessões no Santuário da Beleza, frente ao escritório? – recordou Caroline com saudade.

No tempo em que tinham trabalhado juntas, as saídas à noite e a renda do apartamento haviam consumido grande parte dos seus salários, mas ainda assim conseguiam poupar para depilações e limpezas faciais.

– Foi uma época fantástica – acrescentou Caroline. – Achava que tinha a minha vida toda planeada e organizada.

– Voltarás a ter a vida organizada – prometeu Mel e fez figas para que assim fosse.

Desde que chegara ao Cloud's Hill, há três dias, Cleo sentira que fora descontraindo. Sá agora se dava conta da pilha de nervos que estava quando ali chegara. Dera longos passeios em redor de Cloud's Hill, desfrutando das paisagens de Mount Carraig e da vista de Carrickwell, ao fundo à distância, e gostara muito de conhecer os restantes funcionários do spa.

Eram todos doidos por Leah.

Niall, que trabalhara na casa como assentador de tijolos quando esta estava a ser construída e era agora o encarregado da manutenção do spa, dissera a Cleo que Mrs. Meyer lhe dera o melhor conselho que alguma vez alguém lhe dera. A mãe dele e a namorada, Liza, não se davam nada bem e Niall vivia dividido, pois queria pedir Liza em casamento, mas ao mesmo tempo sabia que a mãe ficaria furibunda se isso acontecesse. Com uma antipatia tão evidente de ambas as partes, que esperança haveria de um futuro brilhante?

Mrs. Meyer dissera que lhe parecia que ambas as mulheres queriam ser a única na vida de Niall. Algo que era injusto.

– Aconselhou-me então a juntá-las e a dizer-lhes que amava as duas e que estava na hora de ambas deixarem de ser infantis e que lhes competia a elas arranjar uma forma de se darem, pois tanto uma como a outra eram importantes na minha vida – contou Niall a Cleo com satisfação. – E

funcionou! Não sei como, mas funcionou.

– Entendo o que queres dizer – concordou Cleo, pensando nas longas conversas que tivera com Leah. Não sabia ao certo como ela o fazia, mas Leah tinha o condão de guiar impercetivelmente a pessoa até esta encontrar a solução para os seus próprios problemas: uma solução que estivera sempre ao alcance da pessoa. Cleo começava a enxergar o que devia fazer. Conversaria com Jason e Barney e telefonaria aos pais. Amava-os e seria um disparate permitir que aquela desavença se metesse de permeio entre ela e a família.

– Tens de vir ao Cloud's Hill, irias adorar – disse a Trish pelo telefone. – Eu arranjo-te uma promoção. Já fiz a massagem indiana à cabeça pela segunda vez e...

– Deixa lá a massagem indiana – interrompeu-a Trish. – O Tyler telefonou para aqui à tua procura.

– O quê? – Cleo não podia acreditar. – Como conseguiu o número?

– No hotel, suponho. Têm os teus dados privados num ficheiro e quem tem dinheiro pode comprar qualquer tipo de informação, basta querer – explicou Trish num tom sabichão. – Nenhuma identidade está em segurança, não é a primeira vez que o digo. Assim que os nossos dados entram num computador, qualquer pessoa pode aceder a eles de forma ilegal e descobrir tudo acerca de nós.

– Trish, tens mesmo de deixar de ler romances policiais – suspirou Cleo. – Que disse o Tyler? – Deu-se conta que estava animada e contente por ele ter tentado contactá-la. Afinal, preocupava-se com ela! Não era apenas a namoradinha que ele tinha em Dublin. Ou seria porque sexualmente não havia chegado a lado nenhum, não suportava o facto de ela lhe ter escapado?

– Não fui eu que falei com ele. Foi o Ron – explicou Trish.

– Foi o Ron que atendeu? – Cleo conseguia imaginar de que forma Tyler interpretaria o facto de um homem atender o telefone que ela deixara como sendo da sua casa.

– Ele conheceu o Ron no Shepherd, na primeira noite que saíste com ele, e mais ou menos deve ter deduzido que vivíamos todos juntos.

Lá se ia a ideia que Cleo lhe vendera de uma casa tranquila nos arrabaldes da cidade e dividida com uma amiga.

– E?

– E o Ron disse-lhe que tinhas arrumado as malas e regressado a Carrickwell e que ias muito perturbada porque um canalha qualquer comprara o hotel da tua família para o deitar abaixo e tu tinhas um plano grandioso de te colocares à frente dos *bulldozers* para os travares.

– Não disse nada! – Cleo esperava que aquilo fosse apenas Trish a pensar que podia ser engraçada.

– Receio bem que tenha dito – confirmou Trish num tom meio pesaroso. – Já sabes que o Ron não é propriamente o rapaz mais esperto cá da casa. Eu dei-lhe uma desanca e disse que tu nunca afirmaras que te ias mandar para a frente dos *bulldozers*, mas ele achava que seria o tipo de coisa que tu farias.

– E depois? Que mais é que o Tyler disse?

– Perguntou se era o Hotel Willow e o Ron, como o grande imbecil que é, disse que sim, e que fora vendido nas tuas costas.

– Não quero ouvir mais nada – gemeu Cleo. – Pronto, quero. Como reagiu o Tyler nessa altura?

– O Ron não é o tipo de pessoa capaz de captar a frequência emocional do seu interlocutor – fez notar Trish. – Acha que se uma mulher disser «vamos conversar», na verdade quer dizer «tenho um problema complicado e quero que desligues o futebol para te poder arruinar os nervos partilhando-o contigo».

– Tens razão – concordou Cleo. – O Tyler disse por acaso se vinha para Carrickwell para me ver?
– Fazia figas para que sim.

– Não. Mas o Ron e o Tyler vão a uma partida de futebol australiano da próxima vez que o Tyler vier a Dublin.

– Maravilhoso, simplesmente maravilhoso. Os laços masculinos em todo o seu primitivismo.

Cleo estava ainda a matutar naquilo quando duas mulheres entraram no spa e se dirigiram a ela. Era a sua primeira manhã na receção e até então estava a gostar. As pessoas ficavam tão satisfeitas por estarem ali, antecipando um dia de completo relaxamento. Ninguém entrara a passos largos, irado com os atrasos nas ligações aéreas ou com o trânsito que os obrigara a atrasarem-se para reuniões de trabalho.

– Bom dia – cumprimentou Cleo com uma acolhedor sorriso. – Bem-vindas ao Cloud's Hill. Posso ajudá-las?

– Mel Redmond e Caroline Casey. Temos uma reserva – disse a mulher mais pequena com o rosto em forma de coração e enormes olhos azuis. Era muito bonita e parecia cheia de vida. Tinha um cabelo louro com um estilo desalinhado que Cleo adoraria experimentar, embora soubesse que o seu cabelo se rebelaria contra o corte de imediato.

A amiga da mulher loura, que parecia ter acabado de receber notícias más, apoiou-se ao balcão como se receasse desmoronar se não se segurasse. Cleo não tardou a encontrar as reservas delas.

– Vou pedir-vos que assinem aqui, se fazem favor... – disse para a mulher loura, que assinou *Mel Redmond*. – Têm vinte minutos até ao vosso primeiro tratamento. Querem ir descansar um pouco para a sala de estar e eu peço que vos levem um café ou um chá e uns biscoitos? – sugeriu amavelmente.

– Obrigada – disse Mel satisfeita.

– Tem um tratamento facial de aromaterapia primeiro com Li-Chan e Miss Casey tem um tratamento holístico ao corpo com minerais de argila.

– Parece maravilhoso – disse Mel.

– E é mesmo – respondeu Cleo. – E esperem até fazerem o tratamento de reflexologia. Experimentei ontem e é incrível. Sentimo-nos flutuar para fora da sala. E depois têm uma massagem e manicura com parafina.

Mel sorriu.

– Há tanto tempo que ansiava por uma coisa assim – suspirou.

Chegadas as cinco da tarde daquele dia, Leah estava cansada. Não tinha a energia que costumava ter nos tempos em que Jesse era criança.

Desde que falara de Jesse a Daisy não parara de pensar nele. Não era que o filho não estivesse com ela todos os dias, no seu coração e nos seus pensamentos. Mas esse era o Jesse adulto que morrera. Ouvir Daisy falar do seu desejo de ter um bebé fizera Leah lembrar-se de Jesse em criança e depois em adolescente. Recordou os felizes anos em que ela, Sol e Jesse iam esquiar para Lake Tahoe. Levantavam-se cedo, esquiavam todo o dia e depois regressavam a casa ao fim da tarde, exaustos e felizes. Recostavam-se então na piscina de água quente com vista para o lago e conversavam.

Jesse adorava esquiar. E nunca tivera medo.

– Mãe, olha para mim! – gritava aos seis anos, já um esquiador nato, os olhos castanhos a tremeluzir de satisfação ao mesmo tempo que deslizava nos seus esquis e realizava manobras que

Leah nem se atreveria a tentar.

Costumavam ficar na cabana da mãe de Leah em Tahoe: uma casa grande e confortável que Vanna, a sua mãe, não usava há anos porque preferia o calor de Los Angeles, muito embora nunca expusesse o rosto ao sol.

O sol envelhecia. Vanna, outrora estrela de cinema de filmes de baixo orçamento que se tornara uma rainha das novelas diurnas, ensinara a filha a proteger o rosto do sol. «O teu rosto é o teu futuro», afirmava Vanna, e acreditava nisso com um fervor religioso. «Faz tudo o que for preciso para te manteres jovem, pois assim que a juventude se vai, está tudo acabado», dissera ela à filha, levando as pontas dos dedos ao rosto, com as suas altas maçãs do rosto e beleza que começava a desvanecer-se.

Leah talvez tivesse sido como a mãe – obcecada pela aparência e por bens materiais –, não fora Sol e Jesse.

Sol Meyer era proprietário de uma cadeia de lojas de mobiliário e Leah conhecera-o aos vinte e cinco anos.

– Queres dizer que ele não pertence à indústria? – comentara a mãe, horrorizada, quando soubera que Leah namorava aquele homem. A «indústria» a que ela aludia era a cinematográfica. Qualquer pessoa que não fizesse parte dela era inexistente.

– Eu não faço parte da indústria, Vanna – fizera notar Leah. – E, para além disso, amo-o.

A mãe acenara uma mão perfeitamente cuidada e arranjada de forma teatral, afirmando:

– Nem quero saber. Logo voltarás.

Leah não voltara. Ela e Sol casaram e um par de anos depois Jesse nasceu. Viviam nos arredores de Carmel. Jesse frequentava a escola local e o negócio de Sol prosperava a olhos vistos.

Enriqueceram, mas a vida que levavam não sofreu alterações: continuaram a viver como até aí, com conforto, amor e companheirismo.

Jesse foi para a universidade para estudar engenharia aeronáutica. Tinha uma paixão pelo programa espacial e muitas vezes visitara o Centro de Controlo de Missões da NASA em Houston.

– Olha para cima, mãe – costumava ele dizer-lhe em noites de céu limpo quando estavam cá fora, na varanda. – Olha para as estrelas. É esse o mundo que temos de explorar. A humanidade só conhece uma fração do universo. Há tantos mundos ali à nossa espera.

Leah, que ficava a tremer das pernas no cimo das mais altas escadas rolantes em centros comerciais, pensava no seu amado filho a viajar para o espaço e apertava-se o coração. Contudo, sabia que tinha de deixar o filho viver a vida dele.

O telefonema chegara cedo uma manhã. Era Carl, o amigo de Jesse, a ligar do hospital. Uns miúdos num carro roubado haviam guinado frente à moto de Jesse e ele fora de encontro a um muro.

O pessoal médico foi maravilhoso com ela e com Sol.

Jesse estava ainda tecnicamente vivo. Esse era o cerne da questão. Encontrava-se em morte cerebral, nunca mais recuperaria, nunca mais voltaria a ser Jesse, nunca mais. A questão era: os pais dariam aos médicos consentimento para colher os seus órgãos? Era desnorteante ser-se confrontado com uma escolha destas. O seu filho está morto, agora pode ajudar outras pessoas. Transplante de córnea, de fígado, pulmões, enxertos de pele – a lista era enorme. Leah soube mais tarde que os médicos descreviam as motos como dadores com rodas, porque muitas pessoas se tornavam dadoras de órgãos em resultado de acidentes de moto.

Destroçados pela dor, ela e Sol tentaram pensar no que Jesse haveria de querer que eles fizessem.

Não era algo que as famílias discutissem de forma habitual.

Foi Carl quem acabou por lançar alguma luz sobre a questão. Traumatizado e recusando-se a ir para casa, porque Mrs. e Mr. Meyer precisavam de apoio, mencionou a corrida em que Jesse recentemente participara em prol de uma organização de caridade.

– Era uma ação de angariação de fundos para crianças com cancro; ele empenhou-se muito nisso. Eu diria que o Jesse teria gostado de doar tudo o que pudesse. Continuando assim vivo, em espírito, através de outras pessoas... – Carl falava um pouco como um *hippy* dos tempos modernos, costumava Jesse dizer afetuosamente.

Leah e Sol concordaram em doar tantos órgãos de Jesse quanto os que fossem viáveis. Carl abraçou Leah, um pouco como Jesse a teria abraçado, e disse «Fixe!» com lágrimas nos olhos.

Doze pessoas beneficiaram com a morte de Jesse Meyer, o que representou um começo para todas, e um começo para Leah também. Morto Jesse, tinha de aprender a viver de novo, sem filho, e não sabia como fazê-lo. Não sabia quem era, o que era ou onde se encontrava.

Leah e Sol habitavam mundos de dor diferentes. No espaço de um ano, separaram-se ao fim de vinte e seis anos de casamento. Nenhum deles conseguia lidar com a dor do outro e de cada vez que Leah se sentava para jantar com Sol, recordava-se que Jesse devia estar ali também e tinha de levantar-se para ir chorar algures.

Nunca acreditara que voltaria a aprender a viver. Tentou todo o tipo de terapia, dietas curativas, retiros liderados por evangelistas televisivos, tudo e mais alguma coisa. Porém, finalmente, uma amiga levou-a a um spa no Arizona; um local remoto e banhado pelo sol que parecia um dos últimos lugares que Deus fizera, intocado pela civilização e maravilhosamente belo por estar ainda em estado selvagem. Aí, sob o calor e a poeira, num local afastado dos jaezes que a prendiam à sua antiga vida, Leah sentiu-se em paz.

Muitas pessoas diferentes iam a Cloud's Hill, o antigo nome nativo-americano daquele pequeno pedaço de terra rochosa, para recuperar de doenças ou de problemas emocionais. A proprietária, uma nativa-americana chamada Sequoia, à qual era impossível atribuir uma idade, tinha muitos tipos diferentes de clientes: desde os muito ricos, que aterravam no aeródromo do spa em jatos privados, a pessoas que não teriam dinheiro para pagar a estada no Cloud's Hill se Sequoia não gerisse o spa de forma a que os ricos subsidiassem basicamente os clientes não pagantes. Durante a primeira semana que Leah ali passou, conheceu duas raparigas adolescentes do Leste de Los Angeles que se fortaleciam após batalhas duras contra a droga, e deu longos passeios com um comediante de Nova Iorque, que se viciara em comida depois de a sua amada mãe ter falecido. O Cloud's Hill não fazia os problemas das pessoas desaparecer como que por magia, disse Sequoia a Leah, mas parecia seguramente ajudar.

– A Leah tem jeito para as pessoas – acrescentou Sequoia. – É carinhosa, amável e sabe o que a dor é. É difícil tirar pessoas do fundo do poço se não tivermos estado lá também. Consideraria ficar por cá, a trabalhar?

No final, Leah permaneceu no Cloud's Hill dois anos. Aprendeu que ajudar outras pessoas ajudava a ela e descobriu que tinha um dom para ajudar outros. A sua dor nunca desapareceria e, se tivesse uma inclinação para abusar de substâncias, como Daisy e tantas das pessoas que conhecera no Cloud's ao longo daqueles dois anos, ter-se-ia voltado para o álcool ou para as drogas. Entendia a necessidade de bloquear, de adormecer a dor, mas no dia seguinte, quando se acordava, ela lá estava de novo. A saída era encontrar outra forma de lidar com ela.

Um dia, partilhou com Sequoia que adoraria estabelecer o seu próprio spa num outro local com características igualmente curativas.

Demorara bastante tempo a encontrar o lugar com a aura de tranquilidade que buscava. A antiga residência dos Delaney, em Mount Carraig, afigurara-se-lhe perfeita em todos os sentidos. E no final o nome parecera-lhe óbvio: Cloud's Hill.

– Cloud's Hill no Arizona e Cloud's Hill na Irlanda – disse para Sequoia. – Posso usar o mesmo nome?

– É claro. Os dois lugares podem ser como estrelas gémeas no céu, iluminando e guiando o caminho – fez notar Sequoia.

Leah recordou-se do amor de Jesse pelas estrelas e o que estava para lá delas e pensou que Sequoia acertara precisamente na *mouche*.

Alguém bateu à porta do seu escritório.

– Leah – chamou Cleo –, conto consigo na banheira de água quente?

– Sim. Convidei a Daisy para nos fazer companhia.

– Ótimo – disse Cleo, que conhecera Daisy na noite anterior, ao jantar. – Há ainda mais duas hóspedes a terminarem os tratamentos, Mel Redmond e Caroline Casey. Também se juntarão a nós na banheira. Acabei de me cruzar com Mel no vestiário.

– Vemo-nos lá então daqui a cinco minutos – respondeu Leah.

A sala da banheira de água quente no Cloud's Hill ficava voltada para sudoeste, por isso, quando o sol vespertino mergulhava lentamente no horizonte, os seus raios penetravam pelas enormes portas deslizantes. As portas estavam corridas, permitindo que o sonolento calor do final de tarde se misturasse com o ar húmido e quente da banheira.

Mel deslizou para dentro de água sentindo-se maravilhosamente. Não sabia ao certo se o mesmo se podia dizer de Caroline, porém. Havia ambas tido um dia espantoso com vários tratamentos, mas o estado de espírito de Caroline não se alterara grandemente.

Ao almoço, Mel sentira-se enfadada daquele pessimismo e apetecera-lhe desafiar a amiga a alegrar-se, mas depois vira Caroline a girar a aliança de casamento no dedo, abstraidamente, e sentira-se uma cabra por estar tão impaciente. Caroline queria salvar o seu casamento e não chegar a conclusões precipitadas e Mel sabia que essa era a atitude mais corajosa a tomar.

Caroline estava agora sentada à frente dela na banheira de água quente. Com a cabeça recostada na borda da banheira e os olhos fechados.

Havia uma outra mulher com elas na banheira. Era mais jovem que Mel, voluptuosa e sensual, com a pele macia e pálida de uma ruiva natural e caracóis ruivos-alourados amontoados e presos no cimo da cabeça.

Presenteara Mel e Caroline com um sorriso tímido quando elas tinham entrado, recostara-se e fechara os olhos também.

Fechar os olhos era uma forma conveniente de não ter de falar com ninguém num espaço mais apertado como a banheira.

– Alguém quer um sumo? – Era a rapariga alta que naquela manhã estava na receção, carregando um tabuleiro de jarros e copos. Mel achava que o nome dela era Cleo. – Tenho laranja, manga e – Cleo esboçou um sorriso malandro – para aquelas de nós a necessitar de mais animação na vida, o

fruto da flor da paixão, maracujá!

As outras três riram.

– Deve ser provavelmente a única paixão a que estou exposta ultimamente – declarou Cleo, pousando o tabuleiro.

– Não acredito nisso nem por um momento – argumentou Mel. – Aposto que sou a mais velha aqui. A vocês, jovens, paixão é o que não deve faltar. – Incluiu a ruiva no seu comentário.

– Não pode ser a mais velha – referiu Cleo, franzindo a testa espantada. Mel parecia ter trinta e poucos anos, no máximo. Tudo nela fazia pressupor alguém que não pretendia ficar velha antes do tempo.

– Mas sou – asseverou Mel. – Quarenta já cá cantam. E você tem quantos... vinte e quatro?

– É assim tão óbvio? – riu Cleo. – Estou a tentar alcançar um ar mais maduro por causa do trabalho. Tenho um diploma em gestão hoteleira e ter um aspeto mais velho ajuda.

– Nesse caso, deve ser o único trabalho em que isso acontece – disse Caroline. – Eu aceito um sumo de maracujá, se faz favor.

– Eu também – disse Daisy. – Está enganada em relação à paixão – afirmou para Mel. – Estou como a Cleo, é a única a que estarei exposta no futuro mais próximo, portanto, serve-me um copo bem grande.

Servido o sumo, Cleo meteu-se na banheira e as quatro mulheres recostaram-se e ficaram confortavelmente em silêncio.

– Não fazia ideia que uma banheira de água quente pudesse ser tão relaxante – referiu Caroline por fim. – Até hoje nunca percebera qual era o atrativo, mas é de facto uma maravilha, não é?

– Percebo-a perfeitamente – concordou Daisy. – Da primeira vez que aqui estive, a Leah disse que esta banheira era especial, que era a Piscina da Verdade. Ou seria da Honestidade?

– Não, da Verdade; acho que a Leah me falou disso – disse Cleo.

– A água faz-nos dizer a verdade? – riu Caroline. – Nesse caso, esta banheira deve ter escutado alguns segredos. Penso que não se interessaria pelos meus.

– É suposto dizermos o que mais desejaríamos neste mundo – explicou Daisy. – E é preciso sermos sinceras, claro. – Pensou então na mentirola que dissera quando ali havia estado com Mary e Paula. Afirmara que gostaria de poder comer todo o chocolate que lhe apetecesse.

– Lembram-se do jogo Verdade ou Consequência que jogávamos na adolescência? – perguntou Cleo.

– Eu detestava – comentou Mel, estremecendo. – As pessoas tentavam enganar-nos de modo a que revelássemos coisas sobre nós mesmos. Não tínhamos qualquer controlo sobre o jogo.

– Nunca joguei – confessou Daisy. As raparigas gordas nunca eram convidadas para jogar nada que pudesse ter uma conotação sexual. Levou as mãos à barriga, debaixo de água. Não parava de alargar. Engordara uma série de quilos. Necessitava de um guarda-roupa novo.

– Oh, Daisy, deve ter jogado, com certeza – estranhou Cleo.

Daisy negou com a cabeça.

– Há uns anos nós costumávamos jogar uma versão do Verdade ou Consequência, Mel – relatou Caroline. – A Mel e eu trabalhámos juntas num escritório e divertíamos-nos imenso. Agora já assentámos e somos entediadas. Eu tenho três filhos e sou mãe a tempo inteiro. – Olhou provocadoramente para Cleo e Daisy, como que desafiando-as a dizer algo de negativo acerca de mães a tempo inteiro.

– Eu deixei recentemente o meu emprego para ficar em casa também – apressou-se Mel a dizer, reparando que Caroline não mencionara que era casada. – Sou casada e tenho duas meninas pequenas, a Sarah e a Carrie.

Não se permitiu dizer, «Costumava trabalhar na Lorimar». Esse tipo de validação era coisa do passado. Quem fora não era importante. O que importava era quem era agora. Não precisava de um emprego para a definir.

– Isso deve ser maravilhoso, ficar em casa para educar os filhos – comentou Daisy com alguma inveja. – Adoraria ter filhos, mas... – Deteve-se, estando prestes a dizer qualquer coisa meio dissimulada como «não se proporcionou». Porquê mentir? Onde é que a mentira alguma vez a levava? – O meu namorado e eu separámo-nos há pouco, precisamente quando nos preparávamos para um tratamento de fertilidade porque eu não estava a conseguir engravidar, por isso a questão dos filhos agora está fora da agenda – confessou com uma voz trémula.

– Que aborrecido – disse Mel, compadecida.

– Que aconteceu? – Caroline parecia ter esquecido os seus próprios problemas pela primeira vez naquele dia.

– Ele disse que era melhor darmos um tempo.

– Ah, pois, também já ouvi essa – comentou Cleo com veemência.

– Típico dos homens – acrescentou Caroline.

Daisy encolheu os ombros e deslizou mais para dentro de água, até ficar com os ombros submersos.

– Eu pensei que ele estava apreensivo e assustado por causa do tratamento, mas vim a saber que estava era apaixonado por outra pessoa, alguém com quem ele trabalhava. E que ela estava grávida. *Está grávida.*

Caroline arquejou.

– Oh, mas isso é terrível – disse Mel.

– É horrível – concordou Cleo, boquiaberta. – Não fazia ideia, Daisy. Ontem à noite, ao jantar, a Leah disse que tinhas vindo até cá para te recuperares, mas nunca me ocorreu que fosse por uma assim tão má. Que traição!

Cleo achava que a família ter-lhe virado as costas daquela forma tão pronta constituía a derradeira traição, mas não. Tratara-se de uma desavença familiar e havia forma de a remediar. Fora ela quem decidira que a sua família tinha de capitular, pois caso contrário não a amavam. Imagine-se se a tivessem realmente empurrado friamente para fora da vida deles, como o namorado de Daisy fizera.

– Que vais fazer? – inquiriu Cleo. – Ele pretende ficar com essa outra mulher ou quê?

Daisy assentiu com a cabeça.

– Pelos vistos, ama-a.

– Lamento muito – disse Mel compreensivamente. – Deve ser tão difícil para ti.

Daisy era tão bonita: muito sensual de uma forma voluptuosa, e vulnerável também. Mel achava que não havia muitas mulheres que conseguissem parecer sensuais numa banheira de água quente com o cabelo preso no cocuruto da cabeça, mas, de alguma forma, Daisy conseguia-o.

– Também não o quererias de volta, fosse como fosse – declarou Cleo.

Há poucos dias, Daisy sabia que tal era exatamente o que quisera.

– Antes de ter vindo para aqui, tê-lo-ia aceite de volta – admitiu. – Fosse sob que circunstâncias

fosse. – Sabia bem dizê-lo em voz alta, para se recordar do quanto estivera viciada em Alex, quase de forma irremediável.

– Não *quererias* tê-lo de volta – afirmou Cleo arrebatadamente. De forma alguma se contentaria com segundas escolhas. O amor devia ser cem por cento puro ou nem valia a pena. – E a outra mulher e o bebé? Seriam uma presença constante.

– Eu, estupidamente, acreditava que ela podia partir para algures, embora ele mantivesse as responsabilidades dele para com o bebé, claro, nem outra coisa faria sentido – confessou Daisy. – Mas teríamos o nosso bebé, por isso ele continuaria a ser meu. Teríamos a *noossa* família e isso faria com que tudo ficasse bem de novo.

– E nunca olharias para a cara dele a meio da noite, enquanto ele dormia, e te interrogarias a que se devia aquele sorriso? – perguntou Cleo. – Eu cá interrogaria.

Mel quisera colocar a mesma pergunta, mas achara que seria demasiado pessoal, em especial com Caroline sentada frente a ela, à beira das lágrimas.

– Mas estaria comigo – argumentou Daisy, como se isso fosse o bastante. – Era isso pelo menos o que eu costumava pensar – acrescentou. – Agora sei que não resultaria. É óbvio que a culpa de não termos conseguido ter um bebé é minha. O Alex acabou por prová-lo. Mas, seja como for, não podemos voltar ao que era dantes. Se o Alex quisesse tentar de novo, provavelmente poderíamos fazê-lo, mas ele não quer, portanto, está resolvido. – Algo voltou a fazer clique na sua cabeça, dizendo-lhe qualquer coisa. Mas o quê?

– Achas que podias ter tentado de novo se ele quisesse? – perguntou Caroline numa voz trémula.

– Talvez. Quem sabe? – disse Daisy.

– É que... – Caroline levou a mão atrás da cabeça para alcançar a sua toalha e com ela limpar os olhos. – Acho que o meu marido anda a ter um caso e não sei o que fazer em relação a isso.

Mel susteve a respiração.

– Acha? – perguntou Cleo, inclinando-se para a frente. – Eu confrontá-lo-ia e exigiria a verdade. Se ele andasse de facto a ter um caso, em três tempos estaria na rua, seguido de todo o guarda-roupa, lançado da janela! E ficava-lhe com a carteira para que ele tivesse de pedinchar dinheiro e abrigo aos amigos. Logo veria como era bom ser-se humilhado!

Mel desatou a rir à gargalhada. Não conseguia evitá-lo. Cleo era hilariante e tão impetuosamente ardente nas suas crenças.

– Desculpe, Cleo – disse Mel. – É um plano fenomenal, mas talvez não fosse assim tão fácil. E se... – Olhou para Caroline e pensou no quanto as quatro eram diferentes. Cleo, jovem e impetuosa, daria um pontapé no traseiro do seu homem e pô-lo-ia no olho da rua, ao passo que Caroline queria esforçar-se ao máximo para manter o seu casamento a qualquer custo, pelos filhos. – E se tivesse filhos e ainda o amasse?

– Penso que dependeria do quanto ele a amasse – respondeu Daisy ponderadamente. – Se ele quisesse tentar de novo e você também, poderiam experimentar. O relacionamento seria diferente e demoraria muito tempo a voltar a confiar nele, mas era possível. – Deu-se conta de que, se Alex tivesse voltado para ela, tanta coisa no relacionamento de ambos teria de mudar para que resultasse. Se ela continuasse a ser o parceiro passivo e menos relevante da relação, então voltariam de imediato à estaca zero: Alex em controlo e ela ansiosa por agradar-lhe, porque desejava desesperadamente ser amada.

– Não sei se o Graham ainda me ama ou quer continuar casado – referiu Caroline.

– Pergunte-lhe! – Parecia tão óbvio para Cleo. – Não perca tempo, faça-o.

– Tem toda a razão – declarou Caroline. – É o que farei. Amanhã, assim que chegar a casa. – Olhou para Mel em busca de confirmação se aquela era uma boa ideia.

Mel acenou que sim com a cabeça.

– Deve-lo a ti mesmo descobrir, Caroline – acrescentou. – O problema não desaparecerá por o ignorares. Sei que queres fazer o que for melhor para os miúdos, mas ignorar a questão também não é o melhor para eles. – Decidiu ser sincera e dizer o que achava, na esperança que isso não ofendesse a sua amiga. – As crianças são muito sensíveis; dar-se-ão conta se o casamento estiver com problemas, Caroline. Por isso, deves a ti mesmo e a eles descobrir a verdade. És uma mãe excelente e eu admiro-te tanto... – Dissera o suficiente, talvez até de mais.

Caroline mordeu o lábio, mas acenou corajosamente para Mel e agradeceu-lhe.

– Não faça nada que não se sinta à vontade para fazer só porque eu disse – alertou Cleo, de repente contrita ao ver o quanto Caroline estava perturbada. – Sou muito tudo ou nada e ultimamente só tenho feito escolhas erradas. Nos últimos meses tive uma desavença enorme com a minha família e abandonei o único homem pelo qual me apaixonei verdadeiramente, tudo porque na altura me pareceu que era a coisa mais acertada a fazer. Cleo, a Super Heroína! Destrói relacionamentos com um único salto!

– Não há de ser assim tão mau – disse Mel, satisfeita por terem mudado de assunto.

– Mas é – suspirou Cleo. – Sabem, conheci um homem maravilhoso – começou, e contou-lhes a história. – Achei que o Tyler me mentira e a minha amiga Trish não parava de me fazer ver que não havia vantagem nenhuma em ele me mentir? A Trish é a rainha das teorias da conspiração, portanto, se ela achava que ele estava a ser honesto, eu devia ter-lhe dado ouvidos. Mas fiquei tão furibunda quando vi os planos do grupo Roth para o Willow que virei as costas e o abandonei.

– E não falaste com ele desde então? – quis saber Daisy.

Cleo abanou a cabeça.

– Nunca lhe dei o número do meu telemóvel porque nos víamos todos os dias e ele podia contactar-me na receção, e eu tinha o número do telefone da suíte dele, por isso, não. Seja como for, estraguei tudo. Agora ele já não deve ter grande interesse em mim. Pertence ao passado – disse ela num tom firme. – Não vale a pena olhar para trás.

– E a tua família? – perguntou Daisy.

– Pretendo telefonar-lhes – garantiu Cleo. – Mas primeiro preciso de conversar com os meus irmãos. Só para desanuviar o ambiente.

Caroline assentiu com a cabeça.

– Desanuviar o ambiente é o que eu tenho de fazer. – Olhou para Mel lacrimosamente. – É isso que achas também, Mel?

– Caroline, a decisão tem de ser tua e tens de te sentir bem com ela – aconselhou Mel com todo o carinho. – Tens de pensar muito bem e decidir o que for melhor para ti. Eu não sou perita em nada. Repara no tempo todo que demorei a tomar a maior decisão da minha vida.

– Tomaste a decisão certa – asseverou Caroline. – És muito mais feliz agora.

– Que aconteceu? – perguntou Cleo. Tinha de saber... Aquelas mulheres haviam passado por tanta coisa na vida delas.

– O que aconteceu foi que eu era uma mãe que trabalhava fora e isso começou a tornar-se demasiado para mim – contou Mel com uma careta. – Trabalhava em publicidade, na Lorimar, a

companhia de seguros de saúde, e adorava. Mas tornou-se muito mais complicado depois de ter tido a Carrie e a Sarah. Cada dia era uma imensa estafa e cada vez era mais difícil conseguir fazer tudo. As minhas noções do tipo de mãe que queria ser e de como desejava que a minha carreira progredisse não eram compatíveis. Mas isto é uma seca para vocês, com certeza que não querem ouvir isto – concluiu.

– Queremos, sim – insistiu Daisy.

– Sim, continue – incitou Cleo.

– Muitas empresas não estão preparadas para mães que trabalham – prosseguiu Mel. – Não veem de que modo a flexibilização do horário ou outras medidas podem beneficiar a empresa. A única coisa que veem é que as funcionárias que são mães saem ao bater das cinco e têm de tirar dias quando os filhos adoecem e os senhores de fato concluem que lhes falta empenho. O que a empresa quer é gente empenhada e isso significa ficar à secretária até mais tarde que os restantes, ter disponibilidade para ir para o *pub* com o chefe, e fazer de conta que não se tem vida privada, e é claro que no dia seguinte ficaremos até mais tarde para uma reunião, pois a empresa é a nossa vida. O que é uma disparate pegado. Toda a gente tem uma vida para lá do trabalho! O que se passa é que as mães que trabalham são mais honestas em relação a esse facto. – Mel estava empolgada. – O que torna a coisa pior são as mulheres de carreira que acham que ser o mais possível como um homem é a única forma de avançarem no mundo empresarial e olham com sobranceria qualquer mulher que não queira ser como elas. A minha chefe era assim, por isso nem valia a pena acusá-la de discriminação. Como é que uma mulher poderia ser discriminada por outra mulher, perguntariam as pessoas.

– Não fazia ideia que era assim – disse Cleo. – Pensei que havia leis que protegiam as mulheres que trabalham. – Sentou-se direita na banheira, bastante irritada com esta injustiça. – As mulheres são tão boas quanto os homens no que quer que seja – afirmou fervorosamente. – Já não precisamos de o provar. A luta feminista já acabou. Ninguém deveria ter de se acorrentar às grades de ferro como uma *suffragette* para conquistar direitos que são seus.

Mel suspirou.

– A geração da minha mãe teve de provar que eram tão boas quanto os homens. Agora a batalha é para realçar que somos tão capazes quanto os homens, mas somos diferentes, porque damos à luz os filhos. A maioria das pessoas que toma conta de crianças é mulher e ninguém está a tornar-lhe a vida mais fácil.

– Nunca pensei nisso dessa forma. – Daisy imaginara que ter um filho faria parte da fantasia de uma vida feliz onde não haveria problemas e ela poderia levar o bebé para o trabalho, num marsúpio, se necessário. – Sou sócia de uma loja de roupa, a Georgia's Tiara – disse. – Suponho que trabalhar e tomar conta do meu filho não seria muito complicado por o negócio também ser meu.

– Mas e se não fosse sócia e trabalhasse na loja – fez notar Mel –, como seria então? Acha que um empregador médio seria mais compreensivo se tivesse de tirar dias para acompanhar o seu filho ao hospital, para uma operação, por exemplo?

– Não sei.

– Mel, é mais feliz agora que deixou o seu emprego? – quis saber Cleo. Não imaginava não ter a sua carreira e, porém, sempre presumira que educaria os seus filhos no Willow, tal como ela mesma fora criada. Isso agora já não seria uma opção.

Mel pensou por um momento.

– Já não tenho de compensar as minhas filhas com migalhas de tempo dedicadas totalmente a elas, o que significa que tentamos encatrafear um dia inteiro numa hora, e ainda assim nos sentimos culpadas, ao passo que o nosso filho vai para a cama cansado a interrogar-se por que motivo a mamã está tão hiperativa – explicou ela. – Quando trabalhava na Lorimar, chegava a casa ao fim do dia, tentava brincar com as miúdas e depois ia-me deitar estafada e ainda assim a sentir que não estava a fazer a coisa certa. Portanto, sim – concluiu com um sorriso –, sou mais feliz. Mas nem sempre é fácil. Quando trabalhava, sentia-me culpada. Agora que estou em casa, sinto-me culpada quando perco a paciência com a Sarah e a Carrie. Não tenho tempo livre, nem sequer para ir à casa de banho. – Sorriu. – E sinto-me culpada porque deveria ter-me esforçado mais para que as coisas no escritório funcionassem, porque viver apenas de um salário é muito difícil financeiramente e poderei com isso vir a ter de negar algumas oportunidades às miúdas. A culpa continua a ser a dominante.

– Mas – prosseguiu Cleo, pois queria ter todos os factos – se pudesse ter combinado o trabalho e o facto de ser mãe de uma forma que a fizesse feliz, gostaria de ter continuado a desempenhar a sua profissão?

Ah, essa era a questão, de facto.

Havia ainda algo que faltava na sua vida, Mel tinha de admiti-lo. Sim, ela e Adrian eram felizes, tinham tempo um para o outro, as conversas de ambos não se resumiam aos familiares *Olá, como correu o teu dia? Há comida no frigorífico*. E Sarah e Carrie cresciam e desenvolviam-se como nunca. Mas... Mel acreditava saber qual era o ingrediente em falta: equilíbrio.

Não queria certamente voltar àquele correr numa roda para hamster, que era como se sentia a trabalhar na Lorimar. Mas queria voltar ao trabalho e, desta feita, queria que fosse segundo as suas condições.

– Quero ser uma mãe presente e participativa e ter algum tipo de carreira. Muitas mulheres fazem-no, portanto, é possível. Eu é que não consegui ainda.

– Mas como disse a Daisy, se fosse patroa de si mesma, podia trabalhar e estar com as suas filhas – afirmou Cleo num tom triunfante. – Podia trabalhar nas horas que lhe fossem mais convenientes e compreenderia que as mulheres necessitam de flexibilidade no trabalho para executarem as suas funções adequadamente.

– Porque não tentas? – incitou Caroline entusiasmada. – Podias gerir um negócio a partir de casa e ter como colaboradores outras pessoas que também querem um trabalho a meio tempo, com flexibilidade.

– Boa ideia! – exclamou Cleo, empenhada. – É assim mesmo.

– E podias continuar a fazer *muffins* quando te desse a vontade – fez notar Caroline.

– Está a escapar-vos um pormenor, meninas: que tipo de negócio haveria eu de abrir?

– Oh, logo nos ocorre uma boa ideia – respondeu Cleo, menosprezando o problema.

– E se primeiro eu tentasse arranjar um trabalho em *part-time* – sugeriu Mel – e visse se consigo combinar o trabalho e a maternidade antes de dar início à batalha para me tornar empresária?

– É uma ideia ainda melhor – disse Daisy sabiamente. – E podemos encontrar-nos todos os meses para discutirmos como se está a sair.

– Como nos estamos todas a sair – acrescentou Caroline –, com os nossos planos e resoluções.

– Acho que deixarei os meus planos para amanhã – disse Daisy. – Esta tarde quero apenas relaxar.

– O clique na cabeça de Daisy fez de repente sentido. – Tinha aqui uma coisa a martelar-me na cabeça e não conseguia perceber o que era, mas agora fez-se luz! – exclamou, encantada. – Quando o

aluno está pronto, o mestre aparecerá. Ouvi este adágio há anos e achei que queria dizer que estava preparada para ter um bebê, mas penso que significa que estou preparada para mudar a minha vida. Já sei, vou deixar o apartamento. Não paro de pensar nisso porque toda a casa me faz lembrar o Alex, e tinha medo. Mas já não tenho. Estou pronta! Venham as mudanças.

As restantes três ergueram os copos de sumo, agora quase vazios.

– A estarmos preparadas – brindou Mel.

Leah estava no jardim, sentada no pequeno banco curvo de madeira mesmo por baixo da janela. Quando as enormes janelas estavam abertas e o único barulho lá fora era o zumbido dos insetos sob o sol vespertino, era possível escutar o que se passava do lado de dentro. Fora ao jardim apanhar algumas flores e, quando ouvira as quatro mulheres a conversar, decidira ficar no jardim a desfrutar do final da tarde. Elas estavam a sair-se muito bem sem ela.

– És forte, segura, bonita, sensata... E estás a falar com o espelho, grande idiota. E olha para essa borbulha! – suspirou Daisy.

A ideia de fazer afirmações assertivas para nós mesmos ao espelho todas as manhãs soava muito bem em teoria. Na prática, fazia Daisy sentir-se um pouco ridícula e concedia-lhe a oportunidade perfeita para examinar o seu rosto desprovido de maquilhagem e de perto. Como é que nunca reparara nos seus poros? Eram enormes. Mais pareciam crateras.

Desistir do vinho e beber muito água não tivera o efeito desejado na pele dela. Os rins e o fígado estavam sem dúvida a respirar de alívio pelo facto de o saca-rolhas de Daisy estar reformado, mas a sua bexiga estava em choque com o dilúvio por que agora era acometida e todas as impurezas pareciam estar a aproveitar a oportunidade para sair pela testa. Acabara de combater três borbulhas enormes aí, bem como uma erupção mais comedida no queixo, e agora uma outra borbulha de dimensões bíblicas emergia mesmo no meio da testa. «Este estilo de vida puro estava a arruinar-lhe a aparência», pensou. E continuava com peso a mais. Trocara a garrafa de vinho noturna por uma caixa de chocolates. Passara-se uma semana desde que regressara a Carrickwell, depois da estada em Cloud's Hill e, apesar das borbulhas e do consumo aumentado de chocolate, Daisy sentia-se melhor. Comprara roupa nova para se adequar à sua nova figura e andava a ver de apartamentos e casas para venda em Carrickwell, pois estava determinada a sair do apartamento que partilhara com Alex.

Havia dois apartamentos de que gostara muito, no centro de Carrickwell e, embora tivesse dito ao agente imobiliário que não estava interessada em casas, dava-se conta de que não parara de pensar na tabuleta de VENDE-SE que vira numa pequena casa no caminho de regresso do Cloud's Hill.

Leah telefonava quase todas as manhãs antes de Daisy sair para o trabalho.

– Continuo triste – confessou a Leah pelo telefone. – Mas consigo lidar com isso. Sei que consigo fazê-lo, e a dor não vai desaparecer, mas tenho fé em mim mesma. Isto soa-lhe ridículo? – perguntou ansiosamente.

– De maneira nenhuma. Estás a ir maravilhosamente, Daisy. Estás a enfrentar todas as partes menos boas da tua vida e isso dá-te mais força e poder. Antes, tentavas abafar, embotar o que sentias; agora és mais como um pugilista, dizendo, «Acerta-me com tudo o que tens!».

– E está a acertar-me – disse Daisy com algum pesar. – Não acreditaria no número de anúncios a fraldas que ontem passaram na televisão. Bebés fofinhos por todo o lado. Foi de partir o coração. Depois deu um filme acerca de uma mãe cuja filha foi raptada e eu chorei baba e ranho durante a primeira meia hora porque me sentia como se o meu bebé também me tivesse sido tirado.

– Eu compreendo – asseverou Leah no seu tom amável. – Quando o Jesse morreu, eu fiquei com a sensação que a população de rapazes de vinte e três anos da Califórnia quadruplicara. Estavam por todo o lado: a abastecer-me o depósito de gasolina do carro, a dar-me o troco no supermercado, a caminharem pelo passeio com um ar feliz, saudável e vivo. Era como se estivessem a recordar-me o que perdera. E eu pensava: porque não morreu um *deles* em vez do meu filho?

– Leah – disse Daisy. – Eu não devia lamuriar-me para si. Passou por demasiado para ter de me

ouvir choramingar. Lamento.

– Quando conversas comigo sobre o que sentes, estás a ajudar-me – argumentou Leah. – Com a maioria das pessoas não posso falar sobre como foi quando o Jesse morreu. Mas quando tu falas comigo sobre o Alex e a tristeza que sentes por o teu sonho de ter um bebé te ter sido arrancado, sei que posso ser tua confidente. Ajudamo-nos uma à outra.

– Não voltarei à autocomiseração – prometeu Daisy. – Quando aquele filme ontem à noite se tornou de mais para mim, mudei de canal e no noticiário falaram sobre crianças em África que ficaram órfãs por causa da SIDA. Foi um chamamento à realidade. Eu a chorar como uma madalena para a caixa de bombons e há meninos lindos com o olhar mais triste que já vimos que não têm quem os ame e que tiveram de ver o pai e a mãe morrer. Pensei em envolver-me numa ação de caridade para angariar fundos para aquelas crianças – acrescentou. – Parece egoísta lamentarmo-nos acerca de nós mesmos todo o tempo, não é?

No seu escritório no Cloud's Hill, Leah sorriu.

– Admiro-te muito, Daisy – disse.

– Admira-me? – interrogou Daisy, encantada.

– Tens um coração tão terno e amável. Um dia serás uma mãe maravilhosa. Sei que sim. Ainda que o teu filho não seja biologicamente teu, ainda assim serás a mãe dele.

Por um momento, Daisy ficou com a voz demasiado embargada para conseguir responder.

– Espero que sim, Leah – disse por fim.

Agora que se sentia melhor, Daisy regressara ao trabalho. Os saldos de verão estavam a terminar na Georgia's Tiara e havia muitas peças de roupa para selecionar e apreçar. Era um trabalho árduo manter tudo organizado, bem como colocar a coleção de outono/inverno nos expositores. Roupa, sapatos e acessórios que Daisy comprara em fevereiro não paravam de chegar e tinham de ser desempacotados, inventariados e etiquetados.

Estavam a desempacotar um carregamento de bonitas malhas francesas, quando Daisy mencionou a Mary que decidira mudar de casa.

– Porquê? – perguntou Mary, espantada. – Tens um apartamento maravilhoso; seria uma loucura veres-te livre dele!

– Faz-me lembrar o Alex a toda a hora – explicou Daisy. Prosseguiu calmamente, abrindo os invólucros das malhas: uma coleção de casacos e camisolas de várias cores subtis e com debruns a veludo. Daisy adorara-as quando lhes pusera a vista em cima em Paris, em janeiro, e estava encantada por ver que ainda lhe agradavam. Era tão fácil comprar caixas e caixas de algo que parecia maravilhoso visto pela primeira vez e depois odiá-lo quando por fim chegava à loja.

– Balelas – comentou Mary sucintamente. – A minha casa lembra-me o Bart e eu não pretendo ver-me livre dela.

– Isso é diferente – riu Daisy. Mary conseguia sempre fazê-la ver o lado engraçado das coisas. – Tu tens os miúdos. O Alex e eu não temos nada que nos una mais; ainda nem sequer conversámos acerca do apartamento.

– Espero que chegues a um fabuloso acordo financeiro com a ajuda de um tubarão de um advogado – interrompeu Mary. – Eu dou-te o nome do meu... É espetacular. Ainda me deve uma voltinha naquele *Porsche* que lhe paguei – acrescentou.

– Não quero um tubarão – afirmou Daisy. – Quero libertar-me e seguir em frente. – Desde que

deixara o Cloud's Hill que não pensara em mais nada. Passara demasiado tempo presa no passado, agradecida a Alex por a ter salvado.

– Libertares-te e seguires em frente não significa transformares-te numa completa idiota que abre mão de um bem valioso – fez notar Mary. – Vives num imóvel que vale muito dinheiro e com certeza hás de querer ter alguma coisa depois de catorze anos com o Alex.

– Oh, não podes dizer que ele não me deixou nada – argumentou Daisy impassivelmente. – Tenho um gigantesco complexo de inferioridade, afinal de contas.

Mary riu.

– Não me parece que os tribunais fossem considerar isso um bem.

– Para além disso, suponho que já o tinha antes de conhecer o Alex – acrescentou Daisy com sinceridade. – Quero apenas a minha metade do dinheiro da venda do apartamento, Mary. Mais nada.

– Para onde é que irás? Não vais para longe de Carrickwell, pois não? – perguntou Mary, alarmada.

– Vi uma casinha para venda perto do spa da Leah. E da casa da minha mãe – acrescentou Daisy. – Passei por lá umas quantas vezes e decidi ir vê-la no sábado à tarde. Nunca antes pensara numa casa, mas isso era porque o Alex sempre preferira apartamentos. E eu achava que também gostava mais, mas na verdade não. Curioso, vivi em apartamentos toda a minha vida adulta e agora acho que prefiro casas.

Carla, que substituíra Paula na loja, enfiou a cabeça na divisão que fazia as vezes de armazém.

– Acabei de vender toneladas de roupa dos expositores em saldo – anunciou entusiasticamente. Levantou um par de calças de ganga com as bainhas bordadas. – Mas há dias que ninguém pega nestas. Não será melhor baixarmos-lhe o preço?

– Suponho que sim. Eu trato da etiqueta – suspirou Daisy, aceitando as calças para que Carla pudesse regressar à loja. – Odeio os saldos. São uma constante recriminação por todos os artigos que comprei erradamente. Achei que as pessoas iriam querer calças de gangas engraçadas como estas.

– E quiseram – fez notar Mary –, apenas não quiseram esse par, tamanho trinta e seis.

– Eu já vesti o trinta e seis, outrora – lamentou Daisy.

– Oh, não comeces – admoestou Mary.

– Não, fica descansada – afirmou Daisy. – Vou perder todo este peso a mais.

– Porquê? – perguntou Mary. – Para seres magra de novo e o Alex voltar para ti?

– Não – respondeu Daisy –, para ser magra e bela e quando for aos desfiles no próximo mês poder encontrar um tipo fabuloso para namorar.

– Se é isso que vais fazer, quero ir contigo! – exclamou Mary, satisfeita por ver que a sua amiga recuperara alguma da sua vivacidade. Ambas sabiam que Daisy estava a brincar, pois ainda estava longe de querer embarcar num novo romance, mas rir e brincar acerca disso era um passo na direção certa.

Daisy sorriu.

– Nem penses, Mary, comigo não vens. Eu cá viajo sozinha. A Cleo disse-me que os homens misteriosos preferem meter conversa com mulheres que viajam sozinhas. Diz ela que está sempre a ver isso nos hotéis. As mulheres em grupo são ameaçadoras, mas sozinhas não. Contudo, convém sempre estarmos muito atentas para não sermos alvos fáceis de homens mal-intencionados. Ela realçou muito esse ponto, na verdade. Pareço-te o tipo de mulher que atrairia homens estranhos?

– Eu não comento – respondeu Mary. – Não te esqueças é de comprar roupa quando andares de

olhos esbugalhados à coca de homens misteriosos, sim? Temos uma loja para levar para a frente.

A casa ficava a cerca de um quilómetro de distância do Cloud's Hill, num trecho serpenteante da estrada, e um muro de pedra comprido, encimado por uma sebe, dava para a estrada. Daisy não sabia ao certo o que esperar, pois sabia que as descrições dos folhetos das agências imobiliárias espelhavam sempre a realidade de forma utopicamente otimista.

«Uma oportunidade para adquirir uma antiga casa típica com características invulgares», podia muito bem significar que ia ver uma casa hedionda, cheia de humidade, com um sistema de aquecimento do tempo de Charles Dickens e vista privilegiada para uma torre de alta tensão.

Atravessou o minúsculo portão de The Anchor – o nome, a âncora, era certamente invulgar, uma vez que o mar ficava a milhas de distância – e suspirou de alívio e satisfação.

Por fora, The Anchor era uma idílica e pequenina casa de campo, com telhado de duas águas, uma porta azul-escura e uma variedade de flores silvestres no jardim. A não ser que o nome fosse uma indicação de que a casa sofria de problemas de canalização, até ali estava a gostar do que via. Exibia janelas de vidraças em diamante, como a casa da sua mãe, e parecia ter sido projetada pela mesma mão. O agente imobiliário esperava-a de chaves na mão.

No interior, a referência náutica tornou-se evidente, pois o proprietário era claramente doido pelo mar e por navios. Havia barcos dentro de garrafas, fora de garrafas, e acessórios e características marítimas a pender de cada centímetro de teto. As paredes careciam de decoração e a carpete no vestíbulo, na sala de estar e na minúscula sala de jantar podia provavelmente requerer o estatuto de antiguidade. No entanto, personalidade e charme era o que não faltava à casa.

– A cozinha não é muito grande – declarou o agente animadamente enquanto se comprimia contra a parede para que conseguissem caber os dois –, mas pode ser aumentada. E repare na vista.

As traseiras da casa estavam viradas para o vale e Carrickwell era visível à distância, bem como a faixa de montanhas que a rodeavam.

Daisy imaginou acrescentar um solário e sentar-se nele a contemplar a pequena cidade da mesma forma que o fizera da segurança da banheira de água quente de Leah.

Sentia-se confortável ali, em casa, segura.

O batismo do bebé de Paula foi no domingo seguinte. Apesar de sentir que fizera progressos nas últimas duas semanas, a verdade era que Daisy não estava com muita vontade de ir. A pequena Emma crescia a olhos vistos e a babada mãe queria que, depois da cerimónia, meio mundo e o outro fosse à festa que preparara em casa. Daisy estava aterrorizada de voltar a afundar-se na depressão ao ver o bebé. Bebés fofinhos em anúncios de fraldas eram uma coisa, um bebé em carne e osso seria outra bem diferente.

– Tens de vir – insistiu Paula ao telefone com Daisy. – Eu sei que tem sido complicado desde que te separaste do Alex, mas, por favor, Daisy, seria um desgosto se não viesses.

Daisy estava muito satisfeita por Paula não fazer ideia de que tentara dar início a um tratamento de fertilidade. Paula sem dúvida que não a forçaria a ir ao batizado se soubesse.

– Foi por isso que tentei manter o assunto no segredo dos deuses – disse Daisy a Mary no dia seguinte, na loja –, porque não queria que as pessoas se apiedassem de nós por não termos filhos. Perdão – corrigiu-se –, não queria que as pessoas tivessem pena de *mim*. Como é óbvio, o Alex também se estava a marimbar, fosse como fosse.

– Os tratamentos de fertilidade também são um assunto delicado para os homens – referiu Mary ponderadamente. – É algo que os assusta.

– Agora estás do lado dele, é? – reclamou Daisy.

– Não – respondeu Mary –, é claro que não. Mas é inegável que a terapia nos ensina a olhar para ambos os lados da história.

– Sabes, Mary, gostava mais de ti quando eras uma bruxa malvada e ameaçavas fazer um boneco de cera do Alex, cravá-lo de alfinetes e lançar-lhe um feitiço!

Mary esforçou-se ao máximo por fazer um ar sereno.

– Segui em frente e sou agora uma pessoa melhor – salmodiou pomposamente – e ser-se negativo envelhece. No outro dia li um artigo na *Vogue* em que diziam que o negativismo faz a pele do rosto descair e provoca mais rugas. Teria parado há anos de ser uma cabra se tivesse sabido disso.

Foi a vez de Daisy rir.

– Acho que estamos ambas a precisar de uma sessão na banheira de água quente da Leah. Isso suavizará tudo o que for rugas e talvez tenha algum efeito benéfico neste meu ataque de borbulhas.

– Oh, sim – gemeu Mary. – Talvez pudéssemos fazer uns tratamentos antes do batismo. Estou mesmo a precisar de uma intervenção qualquer. Talvez uma daquelas massagens com pedras quentes.

– Um tratamento facial desintoxicante – decidiu Daisy – seria perfeito. Ajudar-me-ia e enfrentar as familiares da Paula, que não irão passar o tempo todo a exprimir o pesar delas por eu já não estar com o Alex e a agarrarem-me pelo braço de cada vez que passarmos pela pequena Emma, dizendo, «Não se preocupe, em breve será a menina». Não sei se conseguirei aguentar isso!

– Vais ver que não será assim – argumentou Mary. – Vão limitar-se a pensar que és uma solteirona triste e amargurada que odeia homens e deixar-te-ão em paz. Simples.

– Isso soa muito melhor, obrigada – concordou Daisy.

– Ontem à tarde sempre foste ver a casa?

Daisy assentiu com a cabeça, entusiasmada.

– É linda. Vou fazer uma oferta, mas preciso de falar com o Alex sobre a venda do apartamento. Mas não me apetece nada entrar em contacto com ele.

– Vais precisar de um advogado para vender o apartamento, por isso, arranja um e pede-lhe que envie uma carta ao Alex a dizer que queres vender o apartamento o mais depressa possível. Assim, nunca mais terás de falar com ele.

Daisy acenou que sim, mas achava que a estratégia de Mary servia para empurrar com a barriga algo inevitável: Daisy teria de voltar a ver Alex mais cedo ou mais tarde, mais que não fosse para, na cabeça dela, pôr um ponto final definitivo naquele assunto. Havia coisas que tinha de lhe dizer e, quando sentisse força suficiente para as dizer, estava determinada a fazê-lo. Não sabia ao certo quando seria, porém. Em algumas situações, uma pessoa apenas conseguia ser corajosa um bocadinho de cada vez.

A pequena Emma não tinha as orelhas de abano de Enrico ou um rostinho como que esborrachado. Era simplesmente perfeita. Herdara os enormes olhos azuis de Paula, o tom de pele café com leite do pai e, envolta na sua mantinha creme, mais parecia um querubim adormecido.

– Vá, pega tu agora nela – disse Paula, empurrando o pequeno fardo para os braços de Daisy. – Ela é um cordeirinho, vai para o colo de toda a gente e raramente chora.

– Não é tão linda? – arrulhou Mary.

– É, pois – concordou Daisy, e deu por ela a segurar Emma, que nem sequer acordara quando a água benta lhe fora vertida na testa ou quando passara de colo em colo por entre avós e padrinhos, mas que abria agora as pequeninas pálpebras. Contemplou Daisy com aquele olhar sábio dos bebés e os cantos da sua boquinha curvaram-se.

– Oh, ela riu, viram? – anunciou Daisy entusiasticamente, sentindo um nó na garganta.

– Eu sei – trauteou Paula, fazendo uma carícia à sua encantadora menina. – Ela também ri para mim muitas vezes. Toda a gente diz que ela ainda não sabe sorrir, que tem é gases, mas eu sei bem que ela está a sorrir para mim porque sabe que sou a mamã dela. E sabe que tu vais ser amiga dela, tia Daisy.

– As pestanas dela são tão compridas – comentou Daisy, absorta na contemplação daquele pequeno ser. – Nunca vi nada assim. E tem um cabelo tão escuro.

– É linda – concordou a babada mãe. – A mãe do Enrico diz que ela é a cara dele quando era bebé, aparentemente. Menos nas orelhas.

Todas riram.

– Queres pegar-lhe? – perguntou Daisy a Mary, segurando ainda a bebé junto a ela.

– Não – respondeu Mary –, ela está toda satisfeita contigo. Tens um jeito natural para isso.

– Pois é, tem mesmo – concordou Paula.

Mary e Daisy trocaram um olhar por cima da cabeça do bebé. Um olhar que dizia que Daisy fizera muito bem em vir, afinal de contas. Pegar no bebé ao colo era uma sensação maravilhosa. Daisy não se sentia privada ou despojada, como esperara, apenas tranquila e esperançosa. A sua vez chegaria sem dúvida. Estava contente por não ter ficado em casa e perdido o batismo. Não era fácil ser-se generoso e bondoso quando o nosso coração parecia capaz de desmoronar a qualquer momento, mas no final valia a pena.

A mãe de Paula, num fato de seda lilás com penas a condizer no cabelo, apareceu então, as mãos estendidas para a sua amada e única neta.

– Oh, não é tão linda? – arrulhou. – E fica-te mesmo bem, Daisy. Tu serás a seguir.

Daisy beijou suavemente a testa do bebé e entregou-o à avó.

– Bom, eu adoraria ser a seguir, Mistress O’Shea – respondeu Daisy –, mas o Alex e eu separámo-nos há uns meses e parece-me que não será tão cedo que me juntarei ao clube das mamãs.

Mrs. O’Shea recusou-se a considerar esta falta de um homem como um impedimento.

– Disparate – proclamou ela, alegre depois de dois copos de espumante. – És uma rapariga muito bonita. Ainda no outro dia disse à Paula que ninguém veste tão bem como tu e esses quilinhos a mais ficam-te muito bem. Não tarda, terás homens a fazerem fila à tua porta. Também nunca apreciei aquele Alex, para te ser franca – acrescentou ela.

– Mãe! – exclamou Paula num tom admoestador.

– É um facto, nunca gostei dele – reiterou Mrs. O’Shea. – Eu digo o que penso, mais nada. Ele não era bom o suficiente para a nossa Daisy e ela há de encontrar alguém que a mereça verdadeiramente, acreditem no que vos digo. – E com isto Mrs. O’Shea tirou cuidadosamente a neta dos braços de Daisy.

– Obrigada, Mistress O’Shea – agradeceu Daisy animadamente.

– O filho da prima do meu cunhado – prosseguiu Mrs. O’Shea, entusiasmada com o tema de conversa – é um jovem muito bem-parecido e já ultrapassou o divórcio e não tem filhos. Vocês os dois fariam um bonito par. O rapaz tem um negócio próprio e tudo.

Mary, Paula e Daisy desataram a rir.

– Eu por agora quero distância dos homens – referiu Daisy educadamente.

– Ah, por agora – disse Mrs. O’Shea, sabiamente –, mas logo hás de querer voltar à pesca, minha querida. Por agora diverte-te, só te faz é bem. – E deu meia volta com a neta.

– Desculpa lá – disse Paula. – Espero que a minha mãe não tenha sido ofensiva...

– Ora essa, claro que não – garantiu Daisy. – Ela não disse nada de errado. Até disse uma coisa bem acertada: o Alex não era bom o suficiente para mim.

Mary suspirou.

– Aleluia! Mas estás a pregar aos convertidos – fez notar. – Ficamos muito contentes por finalmente teres visto a luz.

– Olá, Daisy – cumprimentou outra voz e Daisy virou-se e deu de caras com Mel Redmond, com uma menina ao colo e outra, mais velha, pela mão.

– Olá, Mel – devolveu Daisy, satisfeita por vê-la. – Que fazes aqui?

– O Enrico trabalha com o Adrian, o meu marido – explicou Mel. – Carrickwell é mesmo uma aldeia, não é? – Cumprimentou Paula. – Parabéns, acabei de ver o bebé. É linda. – Mel cumprimentou Daisy também. – Como te estás a aguentar? – sussurrou, sabendo que estar ali devia ser difícil para Daisy.

Daisy presenteou-a com um sorriso sem hesitações.

– Muito bem – respondeu com sinceridade.

Perante outra mãe, Paula aproveitou para trocar algumas ideias acerca de horários de sono, alimentação e o facto de a falta de sono parecer ao princípio que será a morte.

Mel não parava de olhar de relance e ansiosamente para Daisy, pois toda aquela conversa sobre mamãs e bebés com certeza que não estaria a animar Daisy, mas esta lançou-lhe um sorriso corajoso e acenou discretamente a cabeça a Mel a dizer que estava tudo bem.

Daisy agachou-se para conversar com a menina ao lado de Mel.

– Olá – começou –, eu sou a Daisy. Como te chamas?

– Sarah – respondeu a menina, olhando Daisy com um ar muito sério. – Gosto do teu colar.

Daisy inclinou a cabeça para baixo. Trazia um pendente que comprara há vários anos numa viagem ao estrangeiro.

– É âmbar – disse. – É um tipo especial de pedra composta por uma resina oriunda de árvores que foram comprimidas durante milhões e milhões de anos, e depois acabam por ficar assim, brilhantes e douradas e meio transparentes.

– Milhões de anos? – disse a menina com um ar curioso. – Tipo quando os dinossauros existiam?

– Isso mesmo – respondeu Daisy. – Toma, experimenta e vê como fica em ti. – Desprende o pendente e colocou-o em redor do pescoço da menina.

Sarah tentou inclinar a cabeça para se ver com o colar.

– Era melhor encontrarmos um espelho – concluiu Daisy. – Vamos procurar um espelho para ver como fica o pendente – informou Mel, levantando-se.

– Ótimo – disse Mel. – A Sarah tem estado um pouco aborrecida.

Daisy deu a mão a Sarah.

– A gente já vai tratar disso – declarou Daisy. – Anda daí, vamos procurar um espelho. Aposto que a tia Paula tem um grande algures onde se admira todas as manhãs! Tu também costumavas ver-te ao espelho de manhã quando te vestes?

– Sim – respondeu Sarah, a sua pequenina mão em redor da de Daisy. – A mamã diz que tu

trabalhas com a Paula numa loja com roupas bonitas. Eu gosto de roupas.

– Infelizmente só temos roupa para adultos – disse Daisy com pesar. – Mas talvez devêssemos ter também alguma roupa para crianças, para meninas muito bonitas como tu.

– Era boa ideia – comentou Sarah toda contente. – Gosto de ti.

Acabou por ser um dia muito bom, afinal de contas. Daisy planeava ficar uma meia hora e depois ir embora. Contudo, de alguma forma, às sete e meia da tarde, ela, Mary, Mel e mais uns poucos convidados eram as últimas pessoas ainda em casa de Paula e Enrico. Emma fora adorada e cuidada por toda a gente, o que concedera um merecido descanso à sua mãe, por isso Paula estava feliz. Mrs. O'Shea passara grande parte do dia a sugerir nomes para a lista de possíveis pretendentes para Daisy e divertira toda a gente enumerando as qualidades destes prováveis candidatos.

– O Tim, o tal tipo que tem a quinta, parece-me de longe o melhor de todos – comentou Daisy quando ela, Paula, Mary e Mel estavam sentadas no solário da minúscula casa de Paula. – Mas o outro que tem a pancada por discos de vinil e tem três mil catalogados... não sei, soou-me um bocado obsessivo.

Mel riu.

– Faz-me lembrar uma amiga que trabalhou comigo na Lorimar, a Vanessa. É mãe solteira e sai-se maravilhosamente, mas a mãe dela está determinada a arranjar-lhe um homem. Nem vos passaria pela cabeça alguns dos tipos de que ela se lembra! Todos filhos das amigas dela e estranhamente solteiros. A Vanessa costumava dizer que o único homem da vida dela, o Conal, já lhe dava trabalho mais do que suficiente. Ele tem agora treze anos.

– Oh, são uma carga de trabalhos nessa idade – concordou Mary com conhecimento de causa.

Daisy recostou-se e deixou de lhes prestar atenção, pensando que há umas semanas não teria sido capaz de aguentar aquela conversa. Ter-se-ia sentido tão excluída – a única mulher num grupo de quatro que não era mãe, que não podia participar da conversa, que não fazia parte da secreta irmandade das mulheres com filhos. Teria doído. Ainda doía, é claro, mas não tanto. Começava a conformar-se com o facto de não ter filhos. Não tinha de ser para sempre.

Daisy sabia que não podia culpar Alex por tudo. Não podia culpá-lo porque ela não estava grávida e Louise estava. Teria de ser ela a lidar com tudo isso. Na sua ânsia por um bebé, pensara erroneamente que um filho era um penso rápido que consertaria tudo. Agora estava mais sábia.

Voltou a prestar atenção à conversa. Mel e Mary estavam a falar sobre consumismo e como as crianças queriam tudo o que viam na televisão todos os dias.

– Os anúncios nos canais infantis são inacreditáveis – dizia Mel. – Não admira depois que as listas de Natal sejam maiores que *E Tudo o Vento Levou*. Todos os dias são lançados um montão de produtos novos. E depois, como vamos nós dizer que não quando os amiguinhos deles aparecem com todos os brinquedos da moda? Tivemos de fazer vários cortes porque eu já não trabalho e muitas das amigas da Sarah parecem receber tudo o que querem. Não podemos competir com isso e nem eu quero! As crianças não podem ter tudo o que querem. Não foi pelo menos assim que eu fui educada.

Paula fez um ar ansioso.

– Também me preocupo com isso – referiu. – Detestaria que a Emma se tornasse uma menina mimada.

Mary sorriu.

– Não te preocupes, ela ainda só tem umas semanas. Diz-se que é impossível estragar um bebé com mimos, mas é possível estragá-los quando crescem, de certezinha.

– Eu sei, mas como sabemos se estamos a estragá-los com mimos ou não? – prosseguiu Paula.

– Esse é o grande problema – respondeu Mel. – Não há forma certa ou errada de o fazer, e estamos sempre convencidas de que estamos a fazê-lo da maneira errada.

Curioso, refletiu Daisy, sempre presumira que todas as mães possuíam uma sabedoria instantânea e instintiva e que sabiam tudo, e todavia não era assim. Preocupavam-se com o que faziam e com o que não sabiam. Era reconfortante. Pelos vistos, ninguém tinha todas as respostas.

Quando chegou a casa, tinha uma mensagem no atendedor de chamadas. Era de Claudia, uma das poucas amigas que partilhara com Alex e que mantivera o contacto. A maioria dos outros havia claramente escolhido Alex e Louise, ao invés de Daisy e Quem-quer-que-fosse. Ficara magoada. Pensou em todo o tempo que ela e Alex tinham passado com aqueles outros casais – muitas saídas à noite e até fins de semana fora – e todo esse tempo haviam sido amigos dele e não dela.

Claudia era uma das exceções. O marido dela, Andrew, era amigo de Alex dos tempos de escola, por isso conheciam-se há muito tempo. Contudo, Claudia não permitira que tal afetasse a sua amizade com Daisy e mantivera o contacto com ela.

Depois de um dia tão sociável, Daisy estava com disposição para conversar mais, por isso telefonou a Claudia.

Claudia estava loquaz como sempre. Relatou a Daisy as provações e dificuldades por que passara no trabalho naquela semana e depois comentou que era uma alegria que Michelle e Gerry fossem finalmente casar-se.

– Vais ao casamento? – perguntou Claudia a Daisy com todo o tato. – Podes vir comigo e com o Andrew. Não deves deixar que o facto de tu e o Alex se terem separado te impeça de partilhar da felicidade de velhos amigos.

– Não fui convidada – disse Daisy. – Nem sequer sabia que eles iam casar.

– Oh, merda, não era minha intenção meter o pé na poça – gemeu Claudia. – Parti do pressuposto que serias convidada. Tu e a Michelle foram sempre tão próximas...

– Não tanto assim, pelos vistos. – Daisy não queria soar amarga, mas era difícil não o fazer.

– Talvez ainda não tenhas recebido o teu convite – aventou Claudia de modo pouco convincente. – Se bem que, sendo daqui a uma semana, já deverias ter recebido, não é?

– Este verão, vestimos tantos convidados de casamentos – argumentou Daisy frivolamente – que até já deito casamentos pelos olhos, Claudia. Depois contas-me tudo.

Tecnicamente, seria perseguição ir a um casamento para o qual não se fora convidado só para mirar o ex-namorado e a sua nova namorada? Essa pergunta assombrou Daisy toda a semana. Sentia-se dominada pelo desejo de ver Alex e Louise juntos, de ter uma imagem mental deles enquanto casal, então seria capaz de seguir em frente.

Mas constituiria isso um comportamento estranho? Sim, era perseguição, decidiu na noite anterior ao casamento de Michelle e Gerry. Mais valia convidarem-na para desempenhar o papel de Glenn Close em *Atração Fatal*. Não iria.

No dia seguinte, Daisy juntou-se de forma discreta à congregação às três e vinte da tarde, vinte minutos depois da hora a que a cerimónia devia começar. Michelle estava, pelos vistos, determinada a chegar elegantemente atrasada, pensou Daisy, ao avançar com toda a circunspeção pelo corredor lateral da igreja. De uma forma geral, nos casamentos gostava de reparar nas roupas que as outras

peessoas traziam vestidas e tentava cruzar o olhar com amigos, sorrindo para esta e aquela pessoa. Naquele dia, não queria que reparassem nela e tentou não olhar também para as fatiotas, joias e chapéus.

Esgueirou-se para a ponta de um banco a meio caminho entre a porta e o altar e manteve a cabeça pendida, esperando que as pessoas pensassem que era apenas uma pessoa muito devota que entrara na igreja numa sexta-feira à tarde e se deparara com um enorme e espampanante casamento. É claro que podiam pensar também que, na sua enorme e extemporânea gabardina e chapéu de lona creme de abas largas, era uma daquelas mulheres alienadas que andavam pelas ruas a empurrar carrinhos de compras e a acenar terços. Fosse como fosse, não reparariam nela. As pessoas esforçavam-se sempre por não reparar nesse tipo de mulheres.

O zunido de conversas enchia a igreja, o zunido de pessoas guinchando, «Olá, que bom vê-la! Que chapéu, vestido, sapatos maravilhosos...». Junto ao altar, Daisy viu Gerry, com um ar ligeiramente nervoso ao lado do padrinho, que devia ser o irmão dele.

Esquadrinhou atentamente o lado da igreja destinado aos convidados do noivo e avistou Alex. Era fácil de distinguir por ser muito mais alto que as restantes pessoas, muito embora Daisy o conseguisse reconhecer no meio de uma multidão de um milhão. Ficou, como já esperava, com o coração apertado ao vê-lo. Vestia o fato cinzento que haviam comprado juntos na loja de Paul Smith, o mesmo que ele não quisera comprar porque, segundo dissera, lhe dava um ar demasiado conspícuo, como se fosse uma *fashion victim*. E agora estava a usá-lo e tinha um ar deslumbrante.

Depois viu Louise, e a dor que sentira ao ver Alex foi multiplicada por dez ao ver Louise, pois ela tinha um ar super-radiante. Não tinha o ar de grávida que vestira uma tenda de circo. Não. Louise parecia um anúncio a uma marca de roupas para pré-mamãs. O seu cabelo comprido e escuro estava lustroso e apanhado numa espécie de nó descuidado que Daisy nunca conseguira imitar por mais que se esforçasse. O vestido era carmesim e em estilo envelope, realçando a barriga de grávida. Era de Diane Von Furstenberg, Daisy tinha a certeza disso.

Parecia uma deusa da fertilidade ou uma beleza exótica à qual poetas dedicariam poemas e artistas pintariam retratos. Tinha um ar copiosamente grávido e profundamente feliz. Apesar do que engordara, Daisy sentia-se uma ameixa engelhada em comparação. Louise tinha tudo. Tudo. Tinha Alex e em breve teria um bebé. Daisy não tinha nada nem ninguém e, provavelmente, era tudo culpa dela.

A marcha nupcial começou a fazer-se ouvir e Daisy viu Louise agarrar a manga de Alex animadamente. A tagarelante congregação pôs-se toda de pé ao mesmo tempo e virou-se para trás, para ver a noiva. De onde se encontrava escondida, Daisy não conseguia vê-la, mas tinha a certeza de que Michelle, uma mulher à qual estilo não faltava, não teria escolhido um vestido cheios de folhos e roda. Enquanto esperava que Michelle entrasse no seu campo de visão, Daisy deteve-se na congregação a observar a noiva avançar pela nave, violinos a tocarem romanticamente em pano de fundo. Não havia nenhum espaço vazio em redor de Louise ou Alex, espaço esse que indicaria que as pessoas desaprovavam o relacionamento e a forma como dera com os pés em Daisy. Não, ninguém parecia ter reparado que Daisy não estava sequer ali. Daisy e Louise eram intermutáveis. Uma namorada não era muito diferente de outra qualquer, à exceção do facto de a nova estar grávida e de a anterior não ter conseguido engravidar.

A dor e pesar voltaram a crescer dentro dela. Podia nunca vir a ter um filho, nunca. A dor de tal despojamento era física. Tinha de sair dali. Avançou pelo banco em direção ao corredor lateral e,

naquele instante, um dos convidados virou-se na direção dela. Oh, Jesus, era o amigo de Alex, Jem... Jemmie... ou qualquer coisa assim. Vira-a de certeza. Envergonhada de morte, Daisy procurou angustiosamente um lugar onde se pudesse esconder. Talvez ele não a tivesse reconhecido, talvez a única coisa que o amigo de Alex vira tivesse sido uma mulher corpulenta de gabardina e com um chapéu ridículo enfiado até abaixo das orelhas. O banco do qual deslizara ficava mesmo junto a um dos confessionários da igreja e Daisy enfiou-se nele, fechando a porta atrás dela. O cheiro a cortinas velhas de veludo e a cera para madeiras inundou-lhe as narinas. Era um cheiro que há muito tempo não sentia.

– Oh, meu Deus – gemeu Daisy em voz alta, sentindo-se segura. – Só espero que ele não me tenha visto. Porque é que estas coisas me acontecem sempre a mim?

– Perdão? Importava-se de falar mais alto? – disse uma voz idosa e meio arquejante.

– Oh, meu Deus – voltou ela a murmurar, agora entre dentes.

O separador entre as duas partes do confessionário deslizou e um padre idoso e de cabelos brancos, que obviamente ali se refugiara para rezar em paz, olhou para ela. – Lamento, mas as confissões já terminaram – informou-a ele com toda a amabilidade.

– Oh, sim, não tem importância, não vim aqui para isso – gaguejou Daisy.

– Mas se necessitar, minha querida... – prosseguiu o padre. Daisy sabia que devia ter um aspeto horrível, com o semblante carregado e os olhos marejados de lágrimas.

– Bom, necessitada estou, mas não forçosamente de confissão – disse Daisy. Bolas, aquilo soara mal. – Quero dizer, há imenso tempo que não me confesso, embora...

– Pensou tentar regressar à Igreja, foi isso? – auxiliou o padre, caridosamente.

– Também não foi bem isso, para ser franca – respondeu Daisy, levando a mão ao bolso para ver se não teria ali algum lenço de papel esquecido e amarrotado. Tirou um pedaço de papel de cozinha. Teria de servir.

– Também escutamos, sabe? – argumentou o padre. – Pode conversar, se tem alguma coisa que a perturbe. Não mandamos as pessoas embora com penitências de dezenas de avé marias e pais-nossos. Modernizámo-nos.

Daisy ajoelhou-se no macio genuflexório, puído por inúmeros joelhos.

– Uma conversa seria bom – confessou ela educadamente, limpando os olhos e o nariz com o papel de cozinha. Seria falta de educação descartar a ajuda do sacerdote, tendo em conta que fora ela quem o incomodara e era bem agradável conversar com alguém que não conhecia a sua história. – Digamos que meti um bocado os pés pelas mãos, senhor padre – disse ela.

– A vida é assim mesmo, minha filha – devolveu ele. – Mas pode sempre voltar ao bom caminho, sabe. Basta entregar a Deus. – Tal soava extremamente simples a Daisy. Simples e um pouco irrealista. Entregar a Deus. Onde estivera Ele quando Alex se envolvera com Louise, abandonando Daisy numa situação bem difícil?

– Nunca vi que isso funcionasse – argumentou ela apologeticamente.

– Porque não tinha fé nisso – disse ele com toda a sinceridade. – A fé é a chave. Deus encarregar-se-á das coisas a Seu tempo. Não sabemos o que Ele tem planeado para nós, não é? – Era um pouco como o adágio que proclamava que o mestre apareceria quando o aluno estivesse preparado, pensou Daisy surpreendida. Budismo e catolicismo estavam a conspirar em conjunto para a encaminharem para um estado de espiritualidade onde apenas teria de seguir os acontecimentos, seguir o curso da corrente. «Que raio», pensou, «provavelmente estão certos. Não perco nada em experimentar.»

– Obrigada, senhor padre – disse ela, erguendo-se do genuflexório. – Foi muito bom conversar consigo e desculpe tê-lo incomodado.

– Pode vir sempre que precisar de nós – ofereceu ele. – Estamos sempre aqui. A igreja está sempre aberta.

– Está bem, obrigada – disse Daisy automaticamente.

– Não – reiterou o padre e, olhando pela grade, Daisy deu-se conta de que ele era muito idoso, pois o seu crânio careca era uma concha frágil e com manchas de idade e uns tufo de cabelo branco junto às orelhas. – Estamos *sempre* aqui. Muitas coisas e muitas pessoas vão embora, mas Deus não.

Quando Daisy voltou a espreitar para o interior da igreja, a congregação estava absorta na cerimónia, o que significava que podia esgueirar-se até à porta e sair. Uma vez na rua, estugou o passo até ao carro e arrancou a toda a pressa antes que se cruzasse com algum convidado que viesse atrasado.

Estava contente por ter ido. Quando quase fora apanhada, sentira-se ridícula por estar ali, mas depois de ter conhecido e conversado com aquele simpático sacerdote achara que fizera a coisa certa. Vira Alex e Louise, com um ar tremendamente feliz e juntos, rodeados por todos os seus velhos amigos, e o mundo não acabara e nuvens de trovoada não se haviam acumulado e ribombado por cima da igreja. A vida seguira em frente para toda a gente exceto para Daisy, e agora tinha de aceitá-lo, por mais doloroso que tal fosse. Não havia como voltar atrás, só tinha de seguir em frente.

Três dias depois do casamento, Louise deu à luz um menino. Claudia telefonou a Daisy a contar-lhe.

– Não queria que viesses a saber sem querer. Não há nada pior do que as pessoas ocultarem-nos as notícias importantes.

Da janela do apartamento, Daisy conseguia avistar o rio Tullow lá em baixo e umas quantas pessoas a remarem canoas a favor da corrente. Vestiam impermeáveis amarelo-vivo e não pareciam muito experientes, uma vez que não paravam de chocar uns contra os outros. Riam e brincavam, descontraídos e felizes.

– Obrigada, Claudia – disse Daisy, virando as costas ao rio e à vista de Carrickwell. – Obrigada por me teres dito. Como se chama o bebé? – Não precisava de se torturar com aquilo, mas tinha de saber.

– Daragh.

– Daragh. – Daisy repetiu o nome em voz alta. Era um bom nome, forte e memorável. Daragh era agora uma pessoa, não apenas o agente que catalisara a separação dela e de Alex. Seria mais fácil pensar em Daragh como uma pessoa que fora também apanhada no meio daquilo. Não era culpa dele que Daisy tivesse sofrido por causa da sua conceção.

– Como estás? – perguntou Claudia, meio acanhada.

– Não muito mal – respondeu Daisy. E era a verdade. Há algum tempo que estava à espera de ouvir que Louise tivera o bebé. Portanto, estava tão preparada quanto se poderia estar. Os telefonemas diários de Leah e a própria determinação de Daisy em ser corajosa haviam ajudado. Tinha um futuro, tinha esperança. Se Leah conseguia ser positiva depois de tudo por que passara, então Daisy não seria um grande ser humano se não conseguisse erguer a cabeça, respirar fundo e seguir em frente com a sua vida.

Daragh tinha uma vida nova à frente dele. Daisy não seria malévola a ponto de enviar más

vibrações para o mundo ao sentir-se ressentida com o nascimento desta criança. «O amável sacerdote idoso e o mestre budista aprovariam sem dúvida aquela atitude mental», pensou ela.

– Tenho uma casa em vista para comprar – disse ela então a Claudia. – É uma vivenda perto de onde a minha mãe mora. É pequenina e amorosa. Precisa de algum restauro e decoração, mas eu adoro um projeto assim. Vou torná-la toda feminina e clássica. O Alex era todo fã do estilo moderno e minimalista e eu não me identifico muito com isso.

– Também nunca achei que fosse a tua cara – referiu Claudia. – O vosso apartamento mais parecia de exposição.

– Sim, o Alex andava sempre a compor as coisas na mesa do café – admitiu Daisy. – As revistas tinham de estar em ângulo reto com a extremidade da mesa, se não ele ficava irritado.

– Sim, sim – concordou Claudia. – Observá-lo era de dar em doido. Até parecia que ele sofria de algum distúrbio obsessivo compulsivo – riu ela.

«Era curioso conseguir rir de Alex e não querer morrer de cada vez que o nome dele era mencionado», refletiu Daisy. Era definitivamente mais um passo em frente.

– Também não tarda irei a Milão para comprar a coleção primavera/verão do próximo ano. Será agora no final do mês.

– Vai ser fantástico – suspirou Claudia, cujo trabalho já não a desafiava.

– Espero que sim – disse Daisy. – Só estive em Milão uma vez, mas é uma cidade incrível. Estou ansiosa por ir. Depois terei os desfiles de pronto a vestir de Paris e Londres.

– Apetece-te sair uma destas noites, talvez para a semana? – inquiriu Claudia. – Não é nada de saídas em casal – apressou-se a acrescentar.

– Não tenho nada contra sair com casais, na verdade – disse Daisy –, desde que não sejam o Alex e a Louise.

– Oh, não, é claro que não – arquejou Claudia. – Nem isso me passaria pela cabeça. Não, são apenas uns quantos velhos amigos meus e do Andrew. Achámos que talvez gostasses de vir também.

– Desde que não estejam a tentar arranjar-me namorado – disse Daisy.

– Bom... – confessou Claudia –, há um tipo que trabalha com o Andrew e é muito simpático. Teve um pequeno percalço, mas de certeza que simpatizarias com ele, é um querido.

– Claudia – admoestou Daisy –, nada de arranjinhos, por favor. Adoraria sair com vocês, mas só se este simpático colega do Andrew estiver consciente de que não estou «no mercado», combinado?

– Combinado – cedeu Claudia. – É só porque achámos que seria bom para ti voltares a namorar.

Daisy pensou no quanto sentira a falta dos braços de Alex à volta dela, da presença de outro ser humano na sua vida, de alguém em quem se pudesse aninhar na cama, alguém que abrisse os frascos de doce quando as tampas pareciam soldadas ao vidro. Era nas pequenas coisas que mais sentia a diferença e a falta dele.

Contudo, querer outra presença na sua vida não era uma razão suficiente para se lançar já nos braços de outro homem. Que fora que Leah dissera há uns dias? «Primeiro tens de te curar a ti mesma, Daisy. Não podes depender de ninguém para o fazer. Caso contrário, estarás apenas a colocar um penso sobre uma ferida grande e assim ela nunca sarará.»

– Claudia, estou a desfrutar de estar solteira – declarou num tom firme. – Posso fazer o que me apetece, quando me apetece. Posso decorar a minha casa nova com motivos florais e arrebiques e todo o tipo de coisas que o Alex teria odiado. Posso ser eu mesma. E é disso mesmo que preciso agora. Não de um homem. Portanto, obrigada, mas não, obrigada.

– Uau! – exclamou Claudia. – Admiro-te muito, Daisy, a sério. Por teres lidado com tudo e dado a volta por cima. Não sei se teria sido capaz de fazer o mesmo se o Andrew me tivesse deixado e trocado por outra.

– Pois, mas ele não o teria feito, pois não? – argumentou Daisy. – O Andrew ama-te. Esse é que foi o problema: o Alex na verdade não me amava. Eu era o entretenimento dele até que encontrasse A Tal.

– Ele não te disse isso, pois não? – perguntou Claudia, escandalizada.

– Disse. Ao que parece a Louise é A Tal e eu era A Por Agora Serve. – Ainda magoava lembrar isso, mas não tanto como dantes. Era possível ultrapassar a dor, descobrira Daisy, bastava para tal levantarmo-nos todas as manhãs e seguir com a vida até ser hora de ir dormir.

– Mas então vens sair connosco, na próxima semana? – inquiriu Claudia.

– Claro – disse Daisy –, mas nada de arranjinhos.

Daisy deu um pulo ao Cloud's Hill de regresso de mais uma visita à pequena casa, no dia seguinte.

Leah saía para caminhar e não se sabia quando voltaria, mas Cleo ficou encantada por ver Daisy. Tinha um ar tão infeliz e desorientado quando se haviam conhecido, mas agora Daisy parecia irradiar. Estava também muito bem vestida. Inicialmente, Daisy parecera não usar mais nada a não ser fatos de treino gigantescos que em nada a favoreciam. Agora tinha um aspeto ao mesmo tempo elegante e muito mais autoconfiante numa camisola cor de mel, calças de ganga desbotadas e um lenço de seda ao pescoço, o cabelo ruivo-alourado solto tombando em redor dos ombros. «Prova de que o Cloud's Hill e Leah conseguiam operar milagres», pensou Cleo.

Provavelmente, também ela mesma tinha um ar diferente, refletiu. Sentia-se seguramente muito mais feliz agora que conseguira lidar com tudo o que corra mal. A infelicidade deixava a sua marca no rosto da sua vítima. Agora, quando Cleo se olhava ao espelho, via uma mulher que não carregava o peso do mundo nos seus estreitos ombros.

– Posso pedir-te uma boleia para Carrickwell? – perguntou a Daisy. – Vou desafiar a sorte e visitar o meu irmão Barney. Ele sempre teve as tardes de terça-feira de folga, por isso vou aparecer sem avisar e ele assim não terá tempo de arranjar uma história sobre por que motivo ele e o Jason me deixaram na mão, os safados.

A viagem não era longa o suficiente para tudo o que ambas tinham para contar, mas, por fim, lá conseguiram pôr-se a par das novidades mais importantes de uma e de outra.

– Quando pensas mudar-te para a tua casa nova? – perguntou Cleo quando entraram na cidade.

– Daqui a umas semanas, espero. Faz figas para que nada corra mal. – Daisy estacionou o carro no final da rua onde Sondra e Barney viviam. – Tens a certeza que não queres que eu vá contigo? – inquiriu. – Olha que não me importo. É bom termos a companhia de uma amiga quando vamos fazer uma coisa assustadora. – Sabia que Cleo não estava totalmente à vontade por ir visitar o irmão e a cunhada pela primeira vez em vários meses.

Daisy achava que Cleo estava a ser muito corajosa. Estava naturalmente furiosa com a forma como os irmãos haviam conspirado para a impedir de fazer as pazes com os pais, mas Daisy percebia também que ela estava nervosa e ansiosa em relação à receção que iria ter.

– Sei que em parte a culpa é minha por ter sido infantil – afirmou Cleo –, mas ao Barney e ao Jason cabe outra parte da culpa. Espero que não me tenham ignorado porque estavam também a ser infantis. Como quando éramos miúdos e discutíamos, o Barney era capaz de passar um tempo infundável sem falar comigo. Eu não aguentava mais de quinze minutos. Estou um pouco receosa que seja mais do

que isso, porém... Que o Barney e o Jason na verdade já não me queiram na vida deles.

E se tudo fosse diferente e a família com a qual crescera tivesse ficado irremediavelmente ferida pela querela? Conseguia lidar com uma desavença que escalara, mas uma contenda sem fim à vista quebrar-lhe-ia o coração agora que decidira harmonizar a querela.

– A sério que não me importo de ir contigo – voltou Daisy a asseverar.

– Obrigada, mas tenho de fazer isto por mim mesma – respondeu Cleo agradecida. – Não te preocupes, há de correr tudo bem. O Barney não morde. Quanto à Sondra, não tenho tanta certeza, mas eu sei lidar com ela, mais ou menos. Esse é que foi desde sempre o problema, o facto de não saber lidar com ela e de achar que os meus pais gostavam mais dela do que de mim. Muito infantil da minha parte – suspirou Cleo, pensando nela mesma, em Sondra e nas discussões que costumavam ter. De certa forma, era um milagre que a família Malin não tivesse tido uma enorme zanga há mais anos. Apenas a determinação de Harry em nunca ter discussões mantivera a coisa à tona de água, mas talvez aquele ambiente livre de disputas tivesse sido artificial, refletiu Cleo. Se tivessem tido discussões normais, como acontecem em todas as famílias, então o ambiente não estaria sempre tão carregado.

– Quem me dera que na escola houvesse aulas sobre ser-se adulto – comentou Daisy ponderadamente. – Ao invés de Geografia e Economia Doméstica, podíamos ter tido Como Lidar com os Pais ou Treine o Seu Namorado em Três Meses.

– Boa ideia – concordou Cleo. – E que tal Como Falar a Linguagem de Outras Pessoas? Assim seríamos capazes de entender o que dizem e não acabávamos metidas em constantes mal-entendidos.

– E isso seria uma cadeira anual? – perguntou Daisy divertida.

Cleo abanou a cabeça.

– Um curso de vinte anos, pelo menos.

– Inscrevo-me já no curso – garantiu Daisy. – Não consigo perceber patavina da linguagem que os homens falam.

– A franqueza funciona – aconselhou Cleo com seriedade. – Dizer-lhes o que pensamos e deixá-los lidar com isso.

– Não sou muito boa a dizer o que acho aos homens – murmurou Daisy. – E eles também não. O Alex costumava dizer uma coisa e querer dizer outra totalmente diferente. Nunca foi franco. Mesmo no final, não soube ser honesto. Na linguagem das mulheres, fazer amor significa algo. É uma gloriosa fusão de duas pessoas que querem estar tão juntas quanto humanamente é possível e fazer um compromisso que é ao mesmo tempo precioso e íntimo. Na linguagem masculina, o sexo significa: *deixei-te e tenho outra namorada com um bebé a caminho, mas que raio, estamos sozinhos. Ninguém terá de saber, portanto, porque não nos enrolamos?* Ou então, talvez seja só o Alex que é assim.

Cleo riu tanto que o rímel, aplicado à pressa, começou a tingir-lhe as lágrimas que lhe corriam pela cara.

– É verdade – alegou Daisy, prosseguindo. – Não é disso mesmo de que os homens se estão sempre a queixar, de que as mulheres dizem uma coisa, mas na verdade querem dizer outra? Eles são bem piores.

– Até que tens razão – referiu Cleo, pensando em Trish e no último desastre dela envolvendo um tipo chamado Lucas que lhe dera com os pés por mensagem depois de seis encontros em que no final não se cansara de lhe dizer, *És incrível, Trish. Nunca conheci ninguém como tu em toda a minha*

vida! – Durante duas semanas, enviou-lhe quinze mensagens por noite, e depois, de repente, desapareceu. Teria o telemóvel dele sido roubado? Teria partido os ossos da mão? Não, estava ocupado. «Gostaria de terminar. Lamento», mandou-lhe ele por mensagem. Duzentas e dez mensagens a professar um interesse esmagador e depois lamenta, mas acabou. Escondeu-se por trás de mensagens de telemóvel. Para quê dar-se ao trabalho? Qual o problema de pegar no telefone e dizer, desculpa, mas já não resulta? – questionou Cleo, a raiva contra pessoas como Tyler Roth extravasando para todo o género masculino.

Fora brutalmente sincera com Nat acerca do relacionamento deles e fora muito doloroso para ele, mas Cleo tivera a coragem de o fazer. Ao contrário do cobarde Lucas que namorara Trish.

Contudo, também abandonara Tyler sem dizer água vai... «Era bem diferente», afirmou Cleo para ela mesma com certeza.

– De futuro, vou ser tão sincera que me tornarei uma enorme chata – decidiu Daisy. – Vou dizer o que penso a toda a hora.

– Isso não será um problema na loja? – questionou Cleo. – Se uma cliente experimentar um fato horrível, tens de dizer que lhe fica bem para ela não ficar ofendida?

– Nunca mentiria para conseguir uma venda – garantiu Daisy horrorizada. – É por isso que temos clientes que regressam uma e outra vez. Se ficarem um pavor com uma peça de roupa, eu ou a Mary tratamos de falar com a cliente. A Mary é muito boa nisso, na verdade – refletiu. – Consegue fazê-la despir a peça e experimentar outra fabulosa em trinta segundos. E faz a má escolha desaparecer do gabinete de provas, pedindo a alguém que a esconda no armazém.

– Um dia, a ver se dou um pulo lá para experimentar umas coisas, mas apenas se me prometeres que serás sincera comigo.

– Até às últimas consequências – prometeu Daisy.

– O meu orçamento é reduzido – fez notar Cleo.

– Faço-te o desconto para funcionários – sugeriu Daisy. – Prerrogativa da proprietária da loja.

Cleo deu um abraço rápido a Daisy antes de sair do carro.

– Vens à aula de *yogalates* na quinta-feira, não vens? Agora que faço parte do Cloud's Hill, tenho de fazer propaganda das aulas. Mas é uma aula fantástica.

– Não sei – respondeu Daisy. – Nunca fui muito boa a desporto na escola. Não queria nada ser a única na aula que não consegue enrolar as pernas em volta da cabeça. As aulas de ginástica às vezes são um bocado humilhantes para quem tem um corpo mais avantajado – admitiu ela. – Para além disso, estou tão fora de forma que iria ficar dorida durante meses.

– A aula não envolve contorcionismo – prometeu Cleo. – É uma aula simples para iniciados. Já o ioga Ashtanga sim, deixa os participantes incapacitados durante uma semana. Mas vais adorar esta aula, prometo.

Sondra e Barney viviam numa pequena rua perto da catedral, uma das mais bem preservadas casas de tijolo encarnado de Carrickwell. Ficava na extremidade de uma fila de casas geminadas, embora a deles, por ser a da ponta, fosse ligeiramente maior e despegada das restantes. Fora comprada, Cleo sabia-o, graças a uma generosa injeção de fundos por parte dos seus pais.

Ainda bem que a sua amargura não se estendia ao dinheiro, pensou ela, enquanto abria o portão preto e avançava pelo caminho empedrado. Os irmãos haviam recebido grandes quantias de dinheiro do hotel ao longo dos anos, mas ela não. Seria fácil sentir-se ultrajada e injustiçada com esta injusta

divisão do património familiar, mas a verdade é que nunca sentira. O dinheiro era tantas vezes o motivador de demasiadas brigas e discussões. Havia uma bem conhecida família em Carrickwell que se dividira em duas fações devido a dinheiro deixado num testamento. A fação que se achava negligenciada reclamava a quem quisesse ouvir que os familiares os haviam enganado e privado da herança. O outro lado atravessava pomposamente a rua quando avistava um membro da parte ofendida. Cleo sempre achara que era uma loucura e um disparate uma família separar-se por causa de uma mancheia de libras deixadas em testamento por uma idosa.

Não cometeria o mesmo erro, pois tinha intenções resolutas de fazer a sua própria fortuna gerindo o seu próprio hotel. Infelizmente, o hotel que iria gerir não podia ser o Willow e o mais provável é que fosse lamentar esse facto para o resto da sua vida. Era impossível crescer num local, amá-lo com todas as fibras do seu ser, do fundo do coração, e não se ficar devastado quando o nosso lar nos era arrancado.

Porém, não permitiria que o ressentimento a retivesse e impedisse de seguir em frente. Como é que Leah dissera? «Cada obstáculo é uma oportunidade de aprendizagem.» Esta afirmação tivera tal impacto em Cleo que a apontara. Leah estava sempre a dizer coisas que mereciam ser escritas.

E Leah estava mais do que certa. Cleo aprendera muito nos últimos meses e usaria esses conhecimentos adquiridos para erigir o seu próprio hotel. Seria dela e apenas dela, para que ninguém lho pudesse alguma vez tirar. Nunca.

Tocou à campainha, reparando que a entrada estava a necessitar de alguma manutenção. Nem o irmão nem a cunhada pareciam dar-se conta de que os arbustos de urze podiam morrer e que os seus restos secos e engelhados não embelezavam nenhuma entrada.

Ninguém abriu a porta. Cleo quase lamentava não ter telefonado com antecedência, mas não queria que o irmão arranjasse uma qualquer desculpa para não se encontrar com ela. Tocou mais uma vez, decidindo que a seguir se dirigiria ao escritório de Jason. Os irmãos não se escapariam de lhe explicar que disparate fora aquele. Foi então que viu uma figura pelo vidro opaco da porta. O contorno aproximou-se lentamente, a porta abriu-se e uma mulher disse «Sim?» num tom irritado.

Era Sondra, embora Cleo tenha tido grande dificuldade em equiparar a sua sempre bem arranjada cunhada a esta mulher de aspeto fatigado e extremamente grávida. A juba outrora brilhante e loura de Sondra exibia agora dois dedos de raízes castanhas e o rosto não ostentava a habitual camada de maquilhagem.

Era difícil determinar qual delas estava mais surpreendida por dar de caras com a outra.

– Cleo! – arquejou Sondra.

– Sondra, olá – respondeu Cleo. – Então... como tem corrido a gravidez?

– Olha, como podes ver – disse Sondra –, não é bem o que eu esperava. Pele radiante, saudável, cabelo mais grosso... é tudo uma grande mentira! Estou exausta e sempre com calor e as minhas costas estão uma lástima. Entra – gemeu, virando-se e arrastando lentamente os pés pelo corredor abaixo, deixando a Cleo a tarefa de fechar a porta. – Retenção de líquidos também. Os tornozelos da minha avó são mais estreitos que os meus agora. Nem sequer consigo estar sentada no cabeleireiro o tempo suficiente para arranjar o cabelo. Olha para estas raízes! E... que fazes aqui? – perguntou abruptamente.

– Vim visitar-vos, a ti e ao Barney.

Tinham entretanto chegado à cozinha. Há uma eternidade que Cleo não entrava naquela casa. Recordava-se da primeira visita, em que toda a família fora admirar a bonita casa dos recém-

casados, e do que sentira ao ver a enorme televisão de ecrã plano e o caro sistema de som, sabendo que haviam sido custeados pelo negócio da família. Na altura fizera um comentário mordaz de que era uma casa bastante cara para um casal em início de vida.

«Preferirias que o teu irmão vivesse numa barraca?», devolvera a mãe acaloradamente.

Cleo sentia-se agora envergonhada pelo que dissera. Fora mauzinho da parte dela.

A cozinha melhorara em muito desde esse tempo e Cleo ficou surpreendida ao descobrir que tinha um ar bastante acolhedor, cheia de toques femininos. Bonitas almofadas nas cadeiras de madeira de pinho, pequenas bailarinas em porcelana num pequeno móvel num canto e muitos outros pormenores que não pareciam nada típicos de Sondra, pensou Cleo. Havia até cortinados de xadrez encarnado e branco, com folhos, nas janelas.

– Queres que faça um chá? – ofereceu Cleo, vendo que Sondra avançara para um cadeirão apinhado de almofadas e estava a acomodar-se nele.

– A chaleira está na bancada e os sacos de chá no armário por cima do lava-loiça – ordenou Sondra.

Havia coisas que nunca mudavam.

Sondra colocou os pés em cima de um banco, agarrou no controlo remoto e desviou o olhar para o pequeno televisor em cima da bancada. Estava a dar o programa de Ricki Lake e esta exortava a sua audiência de mulheres iradas a dizer o que pensava de um homem pouco atraente que acabara de descrever a sua devastada mulher como «uma gaja grande e gorda» ao vivo na televisão. Cleo interrogava-se onde ia Ricki buscar os seus convidados. Era preciso ser-se um homem muito burro para dizer o que ele acabara de dizer frente a uma hostil audiência televisiva composta por mulheres.

– Idiota – murmurou Sondra. – Dá para acreditar nisto? A Ricki não tarda a dizer-lhe das boas. Não é que o tipo seja uma grande estampa. Adoro a Ricki. Ontem ela levou lá uma mulher que andava com quatro tipos ao mesmo tempo. Foi fantástico...

Cleo fez um bule de chá enquanto Sondra conversava. Sabia como a cunhada gostava de beber o seu chá: fizera centenas de chávenas para ela na cozinha do Willow. Encontrou biscoitos de *shortbread* numa lata e colocou-os num prato. A cozinha estava incrivelmente arrumada, deu-se conta. Era óbvio que Sondra não era a criatura pouco doméstica que Cleo imaginara que era. Ou isso ou era Barney quem fazia as tarefas domésticas e, uma vez que Cleo sabia que o irmão era alérgico a panos, detergentes e esfregonas, tal parecia-lhe muito pouco provável. Feito o chá, dispôs tudo sobre a mesa e puxou um banco para junto da cunhada.

– Então, estar grávida não está a fazer-te muito bem? – perguntou Cleo.

– Nem por isso. Estou sempre com vontade de fazer chichi, não posso comer nada que não fique cheia de azia e olha para a minha cara com veias encarnadas. Estou um monstro!

Cleo teve de rir. Nunca antes vira aquela faceta de Sondra.

– Não estás nada – asseverou.

– Pois, para ti é fácil falar – resmungou Sondra.

O homem no programa de Ricki Lake estava a levar uma valente «tareia» de toda a audiência e as duas mulheres ficaram sentadas num silêncio que nada tinha de desconfortável, assistindo ao programa, bebendo o chá e comendo biscoitos. Sondra comeu seis.

Cleo pensou que, se nos bons velhos tempos tivesse comido seis biscoitos, Sondra teria feito um qualquer comentário maledicente acerca da relação entre biscoitos de manteiga e pneus em redor da cintura. E Cleo teria respondido que preferia ter pneus do que ancas ossudas como um galgo. Havia

sido muito mazinhas uma com a outra, deu-se conta. Teria ela demonizado Sondra ou teria sido Sondra que a demonizara a ela?

Nos intervalos conversavam. Tamara, famosa como a rececionista que não sorria, estava de novo a trabalhar no salão de beleza.

– É mais feliz lá – comentou Sondra. – Nunca foi grande fã da indústria hoteleira.

Cleo manteve a sua opinião para ela mesma.

Jason tinha uma namorada nova. Liz.

– Simpática – sentenciou Sondra. – A aparência dela não impressiona ninguém. – Outrora isso teria sido o derradeiro comentário desdenhoso de Sondra. – Não caberia nas minhas calças de ganga de grávida, quando mais nas normais – Sondra olhou então lastimosamente para ela mesma. – Suponho que eu também nunca mais caberei nas minhas calças de ganga normais. – Suspirou. – A Liz é ótima para o Jason. Consegue arrancá-lo de casa. Ainda te lembras como ele se enfiava em casa sozinho à noite a jogar no computador ou na consola. Ela consegue sempre dar-lhe a volta. Comprou um carro novo, uma extravagância, e a Liz argumentou que lá porque ele ganhara algum dinheiro com o hotel, não havia necessidade de comprar um carro tão caro. Ela é muito sensata... – Sondra deteve-se ao dar-se conta de que mencionara o assunto tabu. O Willow.

– É por isso mesmo que estou aqui – afirmou Cleo sem constrangimentos.

– Para te zangares connosco de novo?

– Não. Para fazermos as pazes. Muito embora antes de passarmos o cachimbo da paz gostasse de saber por que motivo o Barney e o Jason não quiseram entrar em contacto comigo como a minha mãe e o meu pai lhes pediram? – Mesmo frente a esta nova e melhorada versão de Sondra, Cleo não foi capaz de colocar a pergunta sem algum azedume.

– A culpa é tua, Cleo – respondeu Sondra fatigadamente. – Fazes com que se sintam estúpidos, sabes? Estás sempre a dizer que sabes o que é bom para o hotel e que eles são um par de idiotas que nada sabem e nada fazem. Isso magoa e acho que não entendes isso.

– Como assim?

Sondra esticou o braço e tirou mais um biscoito.

– Oh, vá lá. Nunca te cansas de falar sobre o que aprendeste na faculdade e que eras a melhor da tua turma. O teu pai então não para de te elogiar: «a Cleo isto» e «a Cleo aquilo». É claro que isso acabaria por ter algum efeito nos teus irmãos. Nenhum deles frequentou a universidade. O Barney tem um complexo em relação a isso, sabes? Diz que o nosso filho há de ter uma educação universitária, custe o que custar.

– Eu não estou sempre a gabar-me por causa do meu curso – refutou Cleo, magoada. – E nunca faria o Jason e o Barney sentirem-se estúpidos. Eles costumavam troçar de mim por estar sempre com a cabeça enfiada nos livros! – protestou.

Recordava-se de que, quando eram miúdos e se sentavam à mesa da cozinha a fazer os trabalhos de casa, Barney e Jason haviam sempre tido dificuldades a fazer os deles. Cleo tinha boas notas em tudo e guardara alguns cadernos como recordação. Já os irmãos não viam o dia de as aulas terminarem para queimarem os livros com todo o cerimonial no incinerador do hotel.

Era por causa deles, de certa forma, que Cleo sabia que nunca achara que as mulheres eram menos que os homens. Era mais nova que Barney e Jason, contudo, era mais inteligente que eles. Nunca se detivera a pensar no efeito que isso tivera sobre os irmãos.

– Eles ressentiram-se mesmo de eu ter ido para a universidade e ter tirado um curso? – inquiriu.

– Um pouco, para ser sincera – respondeu Sondra, sarilhando no seu ninho de almofadas.

– Queres ajuda? – perguntou Cleo um pouco duvidosa.

Sondra assentiu com a cabeça.

– Não consigo ficar na mesma posição durante muito tempo. Se me inclinar para a frente, ajeitas as almofadas?

Cleo compôs as almofadas o melhor que conseguiu e depois, com todo o cuidado, ajudou a cunhada a recostar-se de novo. Fora o gesto mais fraternal que alguma vez tivera para com Sondra.

– Eu receei que os meus irmãos não tivessem entrado em contacto comigo por causa do dinheiro – disse Cleo por fim. – Que quisessem a minha parte...

– Como se o teu pai permitisse que isso acontecesse! – Cleo teve um vislumbre da velha Sondra. – A tua parte continua lá.

– Mas porque não me telefonaram quando os meus pais lhes pediram que o fizessem?

– Estavam zangados e acharam ambos que te faria bem um pouco de desprezo por um tempo. E, depois, passaram-se tantos meses que perderam a coragem. Achavam que tinham levado a coisa longe de mais. Mas vão ficar contentes por saber que estás aqui. O Barney odeia discussões. Só não faças o teu habitual número do «eu tenho razão e tu estás errado» quando o vires, Cleo. Tens de respeitar os sentimentos das outras pessoas.

– Diz o roto ao nu! – ripostou Cleo.

– Olá, desaparecida.

Cleo virou-se e viu Barney na soleira da porta da cozinha, com vários sacos de supermercado nos braços. Tinha exatamente o mesmo ar de sempre: um pouco amarrotado, o rosto com a sua expressão travessa que não mudara desde a infância, mas havia definitivamente mais algumas rugas em redor dos olhos dele. A zanga afetara-os a todos, pensou surpreendida. Desde o início que pensara que era a única que estava a sofrer.

– Demoraste bastante tempo a regressar – resmungou ele. – Mais umas semanas e terias sido tia sem saberes.

– Eu sei, lamento. – Todos os planos que Cleo traçara para uma grandiosa discussão voaram pela janela ao pôr os olhos em cima de Barney. Pensou no quanto os seus irmãos mais velhos se haviam sentido intimidados pela inteligência dela e foi inundada por uma torrente de amor por ambos.

– Olha que tu também não estás candidato a nenhum prémio por teres mantido o contacto – argumentou ela afetuosamente, aproximando-se do irmão e dando-lhe um apertado abraço, com os sacos do supermercado e tudo.

– Já telefonaste ao pai e à mãe?

Cleo abanou a cabeça.

– Bom... – aventou Barney –, podes sempre não mencionar que eu e o Jason não nos encontramos contigo para conversarmos e te demovermos...

– Queres dizer que a mãe vos matará a ambos se descobrir?

– Sim, matar é o termo certo.

– Eu telefono-lhes – declarou Sondra decididamente.

Pegou no telefone e marcou o número antes de Cleo ter tempo de ficar ansiosa. Ficou à espera que Sondra dissesse olá, mas do outro lado ninguém atendeu, por isso Sondra deixou uma mensagem. «Olá, Sheila. Telefone-nos quando receber esta mensagem, está bem?»

Jason e a nova namorada, Liz, foram convidados para o jantar.

– Terás de ser tu a cozinhar o frango, Cleo – instruiu Sondra. – Eu não consigo e o Barney apenas consegue fazer cremações ou experiências com comida crua. E a minha azia já é bastante grave, assim como assim.

Cleo fez a sua especialidade: frango no forno com molho de churrasco. Uma noite, em casa de Trish, fizera um igual e os rapazes haviam adorado e repetido.

– Este é o caminho para o coração de um homem – suspirara Ron.

– Não, o caminho para o coração de um homem é por entre as costelas – troçou Trish.

– Isto está ótimo – elogiou Liz com entusiasmo quando se sentaram à volta da mesa da cozinha de Sondra e Barney para comer.

Cleo percebeu o que Sondra quisera dizer acerca de Liz: era muito simpática, gentil e uma querida, e atraentemente voluptuosa.

– Sim, espantoso – concordou Sondra, comendo com satisfação e por dois.

Barney e Jason comeram como dois homens que haviam acabado de terminar um jejum de vinte e quatro horas. Seguindo a tradição, nada disseram de lisonjeiro em relação à comida.

– Jason – ralhou Liz –, diz à tua irmã o quanto está bom! Onde estão as tuas maneiras?

– Está muito bom, mana – murmurou Jason com a boca cheia.

Cleo sorriu para Liz. Era certamente o tipo de mulher que Jason precisava.

Liz e Sondra encorajaram os dois homens a arrumar a cozinha e Cleo ofereceu-se para os ajudar.

– Mas tu cozinhasse tudo – protestou Liz. – Senta-te e descansa.

– Eu não me importo – alegou Cleo, ocorrendo-lhe que seria uma oportunidade para conversar com os irmãos.

Sozinha na cozinha com Jason e Barney, Cleo lavou, Barney limpou laboriosamente e Jason arrumou com grande tilintar de vidros e cerâmica.

– Detestaria que esta zanga tivesse durado para sempre – começou Cleo.

– Não te apoquentes, mana – disse Jason. – Está tudo bem.

– Sim, já está para trás das costas – acrescentou Barney. – Mas tu tens cá um mau feitio, Cleo.

– A quem o dizes! – exclamou Jason. – Ainda tenho a marca que a tua boneca me fez na canela. Lembras-te que me bateste com ela quando tentei tirar-ta na festa do teu quarto aniversário?

Pousou os pratos que se preparava para arrumar no armário para arregaçar a perna da calça para mostrar a dita marca.

– E eu ainda tenho a clavícula meio destrambelhada daquela vez que vocês me convenceram a deslizar pelo corrimão – replicou Cleo. Não sabia se uma clavícula podia continuar destrambelhada dezoito anos depois de ter sarado, mas não queria que esta comparação de cicatrizes fosse unilateral. – Vocês disseram-me que podia fazer parte do vosso grupo se deslizesse pelo corrimão e eu ainda nem cinco anos tinha – acrescentou. – A mãe quase que vos matou por me terem convencido a fazê-lo.

– E mesmo assim depois não te deixámos entrar no nosso grupo – lembrou Barney. – Desculpa. Éramos terríveis.

– E chamavam-me Cleo Rabugenta – disse ela, recordando o quanto odiava o nome, o quanto detestava sentir-se posta de lado das brincadeiras dos irmãos.

– Por causa disso partiste a minha quinta de formigas – riu Jason. – Durante meses houve formigas por todo o lado. Sempre tiveste esse feitio, Cleo. Nada mudou! Barney, que foi que o pai disse

quando vendemos o hotel? Que se a Cleo soubesse que os Roth haviam comprado o Willow se enfureceria como um tornado. Que foi? – perguntou a Barney, que o mirava com um olhar mortífero. – Eu só disse...

– Vocês sabiam que o grupo Roth comprou o Willow? – perguntou Cleo numa voz estranha, sentindo-se como se o mundo estivesse de cabeça para baixo.

– Não te enfureças! – suplicou Barney. – Fizeram uma oferta irrecusável e o banco não parava de perseguir o pai... Não houve outra alternativa. Sabíamos que não irias gostar, mas nenhum de nós gostou. Porque haverias tu de não gostar mais do que nós? Também era a nossa casa.

Cleo estava sem palavras.

– Que importa a quem se vende quando se precisa de vender? – prosseguiu Barney. – Não seria mais fácil passar por lá e ver uma quantidade de casas ao invés de um hotel todo finório, pois não? Fosse como fosse, já não pertenceria à nossa família.

Sondra apareceu à porta, alertada pelas vozes meio alteradas.

– Não estão a discutir de novo, pois não? – perguntou.

Cleo abanou a cabeça.

– As discussões terminaram na família Malin – declarou ela. – Os rapazes estão a pôr-me a par dos pormenores da venda do hotel aos Roth.

– Farão uma fortuna com o Willow, não me admira nada – comentou Sondra num tom sorumbático. – Provavelmente, vão restaurá-lo todo e modernizá-lo.

E Cleo, que vira os planos do elegante projeto de restauro, não podia dizer nada. Sentia-se tão palerma. Virara as costas a Tyler e virara as costas à sua família porque permitira que o seu feitio levasse a melhor. E, em ambos os casos, fora um colossal erro. Alguma vez aprenderia?

Tomaram café e conversaram até às nove e meia, altura em que Cleo disse que seria melhor chamar um táxi, pois tinha de estar bem cedo na receção do Cloud's Hill.

– Nós deixamos-te lá – ofereceu Jason.

Cleo estava a reunir as suas coisas quando o telefone tocou.

– É a mãe – disse Barney, olhando para o ecrã do telefone. – Atende tu, Cleo.

Cleo sentiu a boca secar-se.

– Olá, mãe – cumprimentou tremulamente.

– Cleo, querida, a Sondra já foi ter o bebé? Passa-se alguma coisa?

– Não, não – garantiu Cleo, pensando que outrora teria ficado irritada porque teria encarado a preocupação da mãe como um sinal de que Sondra era mais importante que ela e, portanto, merecedora de ser mencionada primeiro. Agora conseguia perceber que um membro da família no final da gravidez teria primazia na maioria das conversas telefónicas. Imagine-se então quando o bebé nascesse. Ainda bem que haviam sanado a discórdia familiar antes disso. – A Sondra está ótima. Estou aqui com os meus irmãos, e a Liz, e queríamos falar com vocês.

– Tens a certeza que a Sondra está bem? Não estás simplesmente a dar-me a notícia aos pouquinhos? – perguntou a mãe, ainda não convencida. – Tem sido uma gravidez tão difícil...

– Prometo. A Sondra está bem.

– Olá, Sheila – gritou Sondra do seu ninho no cadeirão. – Ainda aqui estou e ainda estou grávida.

– Graças a Deus! Cleo, tive tantas saudades tuas. Eu e o teu pai sentimos a tua falta.

Os olhos de Cleo encheram-se de lágrimas.

– Eu também, mãe. Desculpa. Estava perturbada e...

– Harry, corre aqui, é a Cleo ao telefone! – A alegria na voz da mãe era inegável.

Cleo ouviu o barulho do telefone a ser agarrado por outra pessoa.

– Cleo, nós gostamos muito de ti! – declarou o pai, soando embargado.

– Eu também, pai – repetiu Cleo. – Amo-vos a ambos e lamento muito, muito, mas adorava o hotel e não tinha noção de que a situação era assim tão grave.

– Nós devíamos ter-te dito – confessou o pai. – Não fui capaz de ser sincero contigo. Sabia que te quebraria o coração e depois tivemos de fechar o negócio rapidamente, ou acabaríamos por perdê-lo, e tinha lá coragem de te telefonar para Bristol a dar-te a notícia. Em especial porque... – Harry hesitou.

– O grupo Roth. Eu sei, pai – disse Cleo tranquilamente. – O Barney tem razão. Disse que pouco importava a quem vendíamos o Willow, uma vez que éramos forçados a fazê-lo. Tenho a certeza que os Roth tratarão muito bem o Willow.

Um suspiro do outro lado da linha deixou Cleo entrever o alívio do pai.

– Também acho que sim, querida. O pequeno hoteleiro nunca será como o grande hoteleiro, mas devo dizer que os Roth honram a grande hotelaria. E quando vens a França visitar-nos? Temos uma *villa* muito bonita na zona de Ardèche e está arrendada por mais duas semanas. Não é grande ou grandiosa, mas tem dois quartos de hóspedes e um deles é teu, se quiseres.

– Oh, pai – respondeu Cleo. – Tenho um emprego novo, mas assim que conseguir organizar uns quantos dias de folga, aí estarei!

Ao fim de alguns minutos a conversar com o pai – ele ficou fascinado com a experiência dela no McArthur’s e não se teria cansado de falar sobre o Cloud’s Hill – a mãe voltou ao telefone.

– Agora a sério, Cleo – disse ela –, fiquei aborrecida por muitas razões. Eu sei que és obstinada, mas achei que tínhamos um relacionamento melhor que aquilo. Não teres telefonado, nem escrito, nem nada, mesmo depois de o Barney e o Jason terem conversado contigo.

Cleo não teve tempo para pensar antes de falar: o pai mataria os rapazes se soubesse o que se passara. Talvez contasse à mãe numa outra altura, mas por enquanto não valia a pena. A família que desfrutasse primeiro das pazes e regressasse à sua habitual harmonia.

– Lamento muito, mãe – disse, arrependida. – Não tenho desculpa. Já sabes que sou a Cleo Rabugenta.

– Não, não és – argumentou a mãe afetuosamente. – Amamos-te muito, sabes bem. És o melhor ovo do meu ninho e será sempre mais difícil para ti porque levas tudo demasiado a peito.

– Eu sei, mãe. Estou a aprender, porém. Prometo.

– E virás ver-nos em breve?

Cleo sabia que Leah ficaria encantadíssima por saber que ela reatara o contacto com a sua família. Tinha dois dias de folga na semana seguinte, portanto, se fizesse mais alguns turnos, talvez conseguisse tirar um fim de semana prolongado...

– Estarei aí no espaço de uma semana – respondeu à mãe. – Estou ansiosa por vos ver aos dois.

Jason deu uma pequena palmada a brincar no braço da irmã quando esta desligou o telefone.

– Obrigada por não teres dito nada acerca de não termos falado contigo, maninha – disse ele. – O pai matar-nos-ia se soubesse. Devíamos ter-te deixado entrar no nosso grupo, afinal de contas.

– Desde que agora me deixem entrar – aventou Cleo, devolvendo-lhe a palmada.

Jason e Liz deram-lhe boleia até ao Cloud’s Hill ao mesmo tempo que a noite caía.

– Uau, este lugar é espetacular – comentou Jason quando chegaram.

Havia um carro grande e preto no lugar onde Leah habitualmente estacionava, reparou Cleo, mas não pensou mais nisso. Leah devia ter convidados e dissera-lhes que estacionassem no seu lugar.

– Sim, é lindíssimo, não é? – disse para Jason, vendo o Cloud's Hill pelos olhos dele, pela primeira vez. – Adoro trabalhar aqui, embora seja complicado estar aqui, a trabalhar em Carrickwell, e não no Willow.

Liz inclinou-se para trás e deu-lhe uma palmadinha encorajadora no braço.

– Gostei muito de te conhecer, Liz – declarou Cleo afetuosamente. Saiu então do carro e Jason fez o mesmo.

– Foi bom ver-te, Cleo – disse ele com a voz meio embargada.

– Oh, anda cá – disse Cleo e deu-lhe um abraço bem apertado.

– Tive saudades tuas – confessou Jason com a voz abafada.

– Também senti saudades tuas; de todos vocês. – Cleo deu um passo atrás e sorriu com carinho para o irmão. – Olha por ti e pela Liz: ela faz-te muito bem.

– Cuida de ti também – devolveu Jason.

No lusco-fusco, nenhum deles reparou no homem sentado no carro preto no lugar de estacionamento de Leah, um homem de cabelo muito curto que observava a interação deles os dois com muito interesse.

– Adeus. – Cleo ficou a acenar-lhes adeus enquanto Jason fazia marcha-atrás e depois entrou no Cloud's Hill. Fora um dia cheio de emoções e ansiedade e estava exausta.

Estava um glorioso dia de final de verão quando Mel levou Sarah e Carrie ao parque depois da sesta. Sarah avançou pela cancela, pulando e saltando de alegria. O parque estava cheio de rebentos estivais, os caminhos carregados de poeira, a relva amarelecia em alguns lugares e as flores cuspiam sementes que voavam na brisa, garantindo flores para o ano seguinte.

– Oh, olha, mamã, flores das fadas!

Sarah gostava de chamar nomes diferentes às flores e achava que as margaridas, das quais havia canteiros exuberantes junto aos portões do Abraham Park, deviam pertencer às fadas. Os dentes-de-leão eram dos duendes, pois não era fã nem de duendes nem de dentes-de-leão. E as rosas trepadeiras, como as que se entrelaçavam em redor das balaustradas do minúsculo coreto com a tinta a descascar-se, pertenciam a Deus porque nunca conseguira dizer Deus quando era mais nova, dizendo sempre adeus.

Sorriu então para a mãe e correu para a relva, salpicada também por margaridas.

– Fôes – disse Carrie com o mesmo ar de adoração da irmã. – Fôes.

As duas irmãs riram e lançaram-se para a relva ao lado do parque infantil, determinadas a apanharem o maior número possível de margaridas. Um rafeiro preto, que já antes haviam visto várias vezes, galopou em direção às duas crianças para se juntar à brincadeira, agitando a cauda alegremente, a língua cor de rosa a pender da boca.

– Estás a lambuzar-me! – reclamou Sarah, mas nem por isso deixou de abraçar o cão.

Este soltou-se e pulou até Mel, empurrando o focinho aveludado para dentro do saco que continha o lanche das duas irmãs.

Mel fez uma festa ao cão e deu-lhe um pedaço de uma bolacha.

– Vamos para o parque infantil, meninas.

Carrie e Sarah largaram a correr à frente dela, o cão pulando e saltando no meio delas. Ambas o afagavam de tempos a tempos, contentes por ele as ter escolhido como companheiras de viagem.

Quando os quatro chegaram ao parque infantil, as meninas correram para a pequena cancela.

– Tu tens de ficar cá fora – disse Mel ao cão.

– Oh, mãe, por favor – pediu Sarah. – Ele é tão querido.

– Os cães estão proibidos de entrar no parque – fez notar Mel. – Ele espera por nós.

«Podia arranjar um cão», pensou de repente. Sarah sempre quisera um e agora Mel estava em casa todo o dia e também gostaria de ter um. Antes teria sido impossível... Foi então que o pensamento a acometeu: tudo mudara desde que deixara de trabalhar. Estava a divertir-se. Durante tanto tempo a sua vida fora tão esgotante que ser mãe parecia-lhe quase um fardo. Não devia ser, é claro. O amor que sentira por Sarah e Carrie quando estas tinham nascido fora avassalador, porém, pouco tempo tivera para desfrutar das suas meninas e desse sentimento, pois rapidamente fora obrigada a regressar ao trabalho, a recuperar o tempo perdido no escritório, a «dar cento e dez por cento!», como Hilary costumava apregoar. Nunca ninguém corrigira as contas de Hilary. Ter filhos deixara de ser a grande alegria da vida de Mel e transformara-se numa espécie de teste de resistência. A sua

vida era uma corrida contra o relógio. Se fizesse este ou aquele caminho para o trabalho, conseguiria poupar cinco minutos e se cozinhasse dez jantares ao fim de semana e os congelasse, talvez conseguisse ganhar quinze minutos por noite.

Estes últimos meses tinham parecido a Mel a primeira vez que tivera tempo para desfrutar da vida desde que Sarah nascera.

Sentou-se num banco no parque e observou as filhas a brincar. Quando os amiguinhos de Sarah estavam por perto, esta fingia não brincar com a irmãzinha mais nova, mas sozinhas, como naquele dia, apenas com a companhia uma da outra, uniam-se instintivamente.

– Sarah, empurra, EMPURRA! – guinchava Carrie, sentada no pequeno balouço.

Sarah não se fazia rogada, empurrando Carrie o mais alto que conseguia para gáudio da irmã, que ria de diversão e abanava as pernas sapudas.

– Sarah, desvia-te, querida, o balouço vai recuar – avisou Mel, e Sarah saiu inteligentemente do caminho.

As crianças conseguiam aperceber-se da magia nas suas vidas, algo que os adultos perdiam. Como a joaninha que Sarah avistara nos azulejos da cozinha naquela manhã e transportara reverentemente para a rua, para depositar num arbusto.

– Olha, mamã – dissera ela, e Mel fora ver e deixara a louça no lava-loiça, porque as tigelas do pequeno-almoço podiam ser passadas por água em qualquer altura e aquele momento era especial.

Depois dos baloiços, Mel, Carrie e Sarah reuniram-se ao seu amigo canino e caminharam sem pressa pelo parque, passando junto à fila de sicómoros, por cima da ponte de madeira sob a qual corria um fio de água e pelos campos de ténis onde se escutava o bater das bolas.

Sarah gostava de ver as pessoas jogarem ténis e pressionou o nariz contra a rede verde.

– Podemos jogar também, mãe?

– Um destes dias compramos umas raquetas – prometeu Mel. Andava a adiá-lo porque vira a dificuldade com que Sarah acertava na bola quando jogara às raquetas em casa de uma amiga.

– Já ontem disseste isso – resmungou Sarah.

– Amanhã, prometo – asseverou Mel. – Eu não cumpro as minhas promessas?

Sarah encolheu os ombros como quem dizia que não.

– Não cumpro? – perguntou Mel, agarrando Sarah e fazendo-lhe cócegas.

– Cumpres! – guinchou Sarah. – Sim! Sim! Para, mãe!

Nos bancos do lado norte dos campos de jogos encontraram-se com Bernie e os filhos dela, um rapazinho e uma menina mais velha de talvez seis anos com o nariz perpetuamente ranhoso. Bernie estava sentada num banco observando apaticamente os filhos brigarem. Não parecia nem um pouco animada com as alegrias do verão e Mel sabia em parte porquê.

Mel apenas deixara o trabalho há cerca de dois meses. Não ir para o escritório todas as manhãs ainda lhe transmitia a mesma sensação de quando estava de férias, uma sensação de liberdade e de entusiasmo. O contraste entre a sua nova vida e a antiga era o que tornava tudo ainda mais aprazível. Bernie, contudo, muitas vezes deixara entrever que estava fartinha até aos cabelos do tempo que era obrigada a passar longe do escritório.

As crianças estavam habituadas a conviver desde que Mel se juntara ao grupo de mães de Saint Simeon. Carrie e o filho de Bernie, Stevie, eram da mesma idade e juntaram-se de imediato para brincar, ao passo que Sarah e Jaye se afastaram dos adultos para bichanarem uma com a outra. Mel fez figas para que Sarah não apanhasse a constipação permanente de Jaye.

– Como estás? – perguntou Mel, sentando-se ao lado de Bernie.

– Tudo bem – respondeu Bernie com indiferença. – Cansada, já sabes.

– É só isso? – inquiriu Mel. – Passa-se alguma coisa?

Não há muito tempo, nem teria sonhado com uma tal intimidade com alguém que apenas conhecera recentemente. Porém, sentia agora que conhecia as mulheres do grupo de Saint Simeon. Não era que não tivessem a sua privacidade e segredos, é claro que sim, mas quando conversavam faziam-no com grande franqueza. A maternidade atraía-as a todas para o mesmo local e era um laço que as ligava.

– Uma sogra que é um pesadelo – confessou Bernie amargamente. – Quem me dera que aquela mulher me respeitasse ao menos uma vez na vida. Casei com o filho dela, estou a educar os cinco netos dela e ainda assim não me dá crédito nenhum por nada do que faço.

– Que fez ela deste vez? – Mel já antes ouvira Bernie queixar-se da sogra, uma mulher para a qual nenhum comentário chauvinista era demasiado.

– Foi jantar lá a casa ontem e quando chega fala com o Mick como se o papel mais importante da vida dele fosse ser filho dela. Eu não importo, os miúdos não têm importância, e ela adora-os. Não, o Mick é que é o número um. Mick, o querido bebé dela. É tão grosseira! – rosnou Bernie. – Quer ficar sentada ao lado dele, saber como foi a semana dele, ver o desporto com ele, e eu fico na cozinha a mourejar como uma escrava para preparar uma refeição de três pratos, com o Stevie a querer mexer na despensa quando eu viro as costas e a despejar um pacote de farinha pelo chão da cozinha. E depois de fazer o jantar todo sozinha – Bernie ganhou ritmo na história e parecia animada pela primeira vez – ainda faz uma preleção sobre nutrição. Nutrição? Isto vindo de uma mulher que acha que as crianças também deviam beber leite magro para o caso de se transformarem nuns badochas, mas que, de cada vez que nos visita, traz um enorme pacote de *marshmallows*. Não sei como não a estraqueei. E sabes o que é pior?

– O Mick não te apoiou? – aventou Mel, adivinhando a resposta.

– Nem mais. E eu nem peço muito; apenas queria um pouco de apoio, ou reconhecimento, ou algo que indicasse que estou a fazer um bom trabalho, muito obrigada.

Mel tentou pensar em algo para dizer, mas Bernie estava tão desanimada que seria difícil. A não ser dizer à sogra e ao marido que pegassem nos seus trastes e fossem dar uma volta e dessem cabo do juízo um ao outro, Mel não estava a ver grande solução para o caso.

– Eu não devia estar a alugar-te a paciência com tudo isto – disse Bernie num tom infeliz.

– Tens de desabafar com alguém – argumentou Mel –, caso contrário dás em doida.

– Obrigada. Vais ao pequeno-almoço em casa da Viv na sexta-feira? É para o lar de terceira idade local.

– Lamento, mas combinei encontrar-me com uma velha amiga do trabalho na cidade – desculpou-se Mel. Enfiou a mão no bolso em busca de umas moedas. – Dá isto da minha parte. E – apontou o seu número de telefone num pedaço de papel – liga-me se precisares de desabafar.

As miúdas estavam cansadas de tanta brincadeira e, uma vez em casa, esticaram-se no sofá enquanto Mel tratava do jantar.

Mel pensou em Daisy, Cleo e Caroline que a haviam encorajado a abrir o seu próprio negócio para que pudesse trabalhar em *part-time* e a partir de casa. A nenhuma ocorrera uma proposta de negócio, mas Mel tinha agora uma ideia para um. O Grupo de Apoio à Mãe em Casa. Que pena que não fosse uma opção de negócio viável, uma vez que havia certamente bastantes mulheres a necessitar dele. Como Bernie e Caroline.

Quando Mel deixara Caroline na estação de comboios de Carrickwell no dia a seguir à estada no spa, abraçara a amiga à despedida e dissera-lhe:

– Aconteça o que acontecer esta noite, se precisares de mim, basta telefonares que eu vou ter contigo.

– És uma boa amiga – respondera Caroline, abraçando Mel de volta. Não chorou, coisa que teria feito no dia anterior. Naquele dia, estava mais forte, mais recomposta. Mel esperava que sim, de qualquer maneira.

Passou o dia à espera que o telefone tocasse, mas as nove horas da noite passaram e de casa de Caroline nem uma chamada. Mel também não queria ligar-lhe àquela hora. Sabia o quanto detestava que o telefone tocasse depois de jantar, quando as miúdas estavam na cama e ela estava esparramada no sofá frente à televisão; por isso, também não gostava de fazer o mesmo a outras pessoas.

Às oito da manhã do dia seguinte, o telefone tocou na cozinha e Mel deu um pulo para o agarrar.

– Mel, sou eu. Acabou.

Mel levou automaticamente a mão ao peito.

– Acabou? – repetiu. – Ele deixou-te?

– Não, o caso acabou – explicou Caroline. – Terminou mesmo. Oh, Mel, ele chorou. E eu chorei. E ele disse que não planeava nada daquilo e que se sentia terrivelmente culpado. Que não sabia o que fazer e que tinha muito medo que eu descobrisse.

Carrie e Sarah estavam a tomar o pequeno-almoço, Sarah colada à caixa dos cereais, Carrie a fazer um desenho com os *Cheerios* em cima da mesa. Estavam entretidas. Mel puxou então uma cadeira da mesa da cozinha para junto do telefone e sentou-se.

– Quem, porquê, onde, quando e durante quanto tempo? – perguntou.

– Uma pessoa da empresa – respondeu Caroline. – Pediu transferência para outra sucursal.

– Tens a certeza? – inquiriu Mel num tom meio duvidoso.

– Ele disse-me quem ela era – explicou Caroline – e eu sei que ela já deixou o escritório. Também é casada e morre de medo que o marido descubra. O caso começou o Natal passado na festa da empresa e foi uma vez sem exemplo até maio, quando tiveram de trabalhar até mais tarde. Ele garante que nunca na vida se sentiu tão culpado e que estava aterrorizado de me perder e aos miúdos.

Mel sentiu nova onda de dúvida e suspeição, mas não disse nada.

– O mais estranho é que ela não é bonita nem nada – acrescentou Caroline. – É isso que eu não entendo. É assim muito encolhida e pálida, embora muito boa no que faz. É mais fácil saber qual é o aspeto dela, pois assim não tenho de ficar a imaginá-la como uma mulher deslumbrante. Quer dizer, eu sou mais bonita e atualmente não atinjo propriamente os mínimos para me candidatar a Miss Mundo.

Mel até conseguia compreender por que motivo Mel se sentia melhor por a sua rival não ter sido uma mulher deslumbrante. Tal teria feito a traição de Graham ainda mais difícil de perdoar, pois Caroline nunca seria capaz de parar de se comparar com a outra mulher. Contudo, parecia a Mel que Caroline estava a deixar Graham escapar demasiado impune.

– Fizeste-lhe algum ultimato? – perguntou.

– Ele garantiu que está tudo acabado e eu sei que ele está a dizer-me a verdade – respondeu Caroline. – Vamos fazer terapia conjugal. Eu sugeri e tu bem sabes que o Graham preferia cortar um braço a falar de sentimentos, mas aceitou de imediato. Quer que fiquemos juntos.

– E o que é que tu queres?

– Eu quero isso também.

– Fico satisfeita – disse Mel genuinamente. – Não te esqueças, estou aqui se precisares de mim.

Desligou e silenciosamente disse uma oração para que a coisa entre Graham e Caroline funcionasse. Admirava imenso Caroline por tentar por todos os modos fazer o seu casamento resultar. Se Adrian a tivesse traído, Mel não sabia se dentro dela teria a grandiosidade para ser tão indulgente em prol da família, para que esta pudesse continuar junta.

Vanessa queria saber se Kami, a substituta de Mel, podia juntar-se a elas as duas no almoço que haviam combinado para o elegante Café de Montmartre.

– Ela gostaria muito de te conhecer, Mel – salientou Vanessa.

O radar de Mel emitiu um sinal.

– Porquê? – quis saber.

– Porque eu me farto de falar em ti, mais nada.

Kami tinha um ar extremamente jovem, embora Vanessa tivesse dito que ela tinha vinte e tal anos. O rosto dela era tão sereno quanto Vanessa apregoara e Mel até conseguia imaginar Hilary a ficar furiosamente irritada quando tentava protestar e argumentar com Kami e era presenteada com aquele semblante tranquilamente inexpressivo.

– A Hilary fica à nora com a Kami; não sabe como lidar com ela – declarou Vanessa com jovialidade enquanto consultavam os cardápios.

Kami encolheu os seus pequeninos ombros.

– Para quê perder a calma? – argumentou ela. – A Hilary é que fica perturbada quando as coisas correm mal, não eu. Eu estou aqui para cumprir as minhas funções bem. Se não correr bem, tentaremos de novo e com maior empenho amanhã. Não posso fazer mais do que o meu melhor.

Mel soltou uma gargalhada.

– Pois, assim é que eu devia ter lidado com a Hilary todos aqueles anos. Ela raramente levantava a voz comigo, mas, quando ela se zangava, eu achava que a culpa era toda minha e que me cabia a mim remediar a situação. Eu devia era ter sorrido e dito «amanhã tentamos de novo».

– Isso irrita a Hilary – acrescentou Kami –, mas não é problema meu. Não sou responsável pelos estados de espírito dela. O *website* teve uma falha na semana passada e surgiram montes de histórias sobre isso. Um qualquer subscritor irado telefonou para todos os jornais e fizemos figura de parvos. Que se há de fazer?

Era reconfortante saber que nem tudo corria na perfeição sem ela no departamento de publicidade, pensou Mel. Apreciava o facto de Kami ser honesta em relação a isso.

– É por esse motivo que a Hilary não sabe lidar com ela – disse Vanessa depois de Kami se ter levantado para ir à casa de banho. – A Kami é total e absolutamente honesta. Não vê qualquer vantagem em mentir. Uma vez que a Hilary é cinquenta por cento fachada, não consegue lidar com isso!

Estava a ter um almoço muito agradável e não se arrependia nada de Kami se ter juntado a elas.

– Foi muito corajosa por ter abdicado da sua carreira – disse de repente Kami para Mel. – Deve ter sido complicado para si. Na China, as mulheres que trabalham podem sempre depender da família, mas aqui é mais difícil. Temos de depender de nós mesmas.

– A minha mãe foi ótima e ajudou-me sempre que precisei – contou Mel –, mas o problema nem era esse. Eu achava que *eu* é que devia cuidar da Carrie e da Sarah a tempo inteiro, não outras pessoas.

– Eu não acho que desistisse do meu trabalho, ainda que pudesse fazê-lo – opinou Vanessa. – As tuas filhas ainda são pequenas, mas o Conal está a crescer tão depressa. Em janeiro já vai fazer catorze anos. Daqui a mais uns dois, serei a cota da mãe e ele não irá querer ser visto comigo. Já passei a fase complicada.

– Em alguns países a assistência às crianças é melhor – disse Kami – e é mais fácil para as mulheres.

– Mas eu aposto que as mulheres se sentem igualmente culpadas quando perdem a peça da escola ou assim por terem uma reunião importante no emprego – fez notar Mel. – Por mais felizes que os nossos filhos possam parecer, temos sempre uma vozinha na nossa cabeça a questionar-nos se estamos mesmo a agir bem. Eu ainda não sei se fiz a coisa certa.

– A minha irmã ainda vive na China e trabalha num hospital – revelou Kami. – Quando chega a casa, tem de passar horas a fazer os trabalhos de casa com o filho. As crianças na China passam horas agarradas aos trabalhos de casa e as mães têm de os fazer com eles. O sistema é assim mesmo. – E voltou a encolher os pequeninos ombros.

– Talvez, afinal de contas, aqui não seja tão mau – disse Mel.

– Muito bem, já chega de falarmos de políticas sociais. Pedimos sobremesa ou quê? – perguntou Vanessa.

Mel virou-se e lançou um sorriso educado ao empregado de mesa. Ele passou ao lado dela e nem olhou. Raios o partissem! Alguma vez iria voltar a ser capaz de atrair a atenção de um empregado, interrogou-se Mel furiosamente. Só porque não estava de fato... Olhou de lado para a parede espelhada do Café de Montmartre e viu-se a ela mesma refletida nos vários painéis de vidro. O seu cabelo dava-lhe pelo ombro e era ondulado e louro de novo, desde que o pintara novamente. A camisa de linho creme e casaco de malha azul-escuro não eram decididamente roupa de escritório, mas também ela não ia a sair a correr dali para uma reunião de negócios ou para uma conversa difícil com o chefe como a maior parte das pessoas ali. Ia deambular pela rua, admirar as montras das lojas de roupa e das sapatarias, depois compraria um presente para as filhas – uma coisa insignificante, para não descontrolar o orçamento –, regressaria a casa e perguntar-lhes-ia como correra a festa de aniversário a que a avó as tinha levado. Depois, Sarah e Carrie podiam brincar no jardim, e ela partilharia uma chávena de chá com a mãe e cozinharía um jantar sem pressas para a família. Talvez galinha, uma vez que se fartara das lasanhas feitas de raiz e das *shepherd's pies*. Era perfeito, na verdade.

Erguendo a cabeça, dardejou majestosamente o empregado com o olhar, naquela universal linguagem de restaurante que queria dizer, «não esperarei nem mais um segundo».

– Faz favor, minha senhora – disse o empregado de imediato ao lado dela.

Mel presenteou-o com o seu mais deslumbrante sorriso.

– Queríamos pedir as sobremesas – declarou ela.

A caminho de casa, Mel passou pelo talho e comprou um bom pedaço de cordeiro. Adrian adorava cordeiro e seria ótimo para um jantar especial de sexta-feira. Tinha uma coisa para lhe dizer.

A mãe e as meninas estavam no jardim quando ela chegou. Ouviam-se gritos de alegria e gargalhadas e Mel deu por ela a descontrair como sempre acontecia quando chegava a casa e constatava que estava tudo bem. Havia sempre no seu coração aquele pequeno receio de que alguma coisa de terrível pudesse acontecer simplesmente porque ela não estava em casa.

No vestíbulo, depois de largar as chaves e a mala, Mel deu por ela a olhar para a sua casa com olhos de ver. Tinha agora um ar diferente. Nos últimos três meses conseguira fazer tanta coisa. As janelas ainda não estavam limpas, mas Mel achava que também não podia passar a vida toda de pano na mão. As coisas estavam arrumadas e organizadas, não de uma forma histérica e obsessiva do género não-temos-tempo-por-isso-a-organização-é-crucial, mas de um modo acolhedor, simpático. O frigorífico já não era uma zona de guerra, cheia de refeições pré-preparadas de supermercado e, escondida no fundo e atrás de tudo, a ocasional *shepherd's pie* feita em casa. Mel teria feito a tarte por se sentir culpada por não dar comida saudável à família, mas depois esta acabaria por ficar esquecida porque a comida de supermercado era mais saborosa. Agora não sentia pinga de culpa se de vez em quando ao jantar a família comesse comida pré-preparada de supermercado.

Começara a pintar o lambrim de madeira do vestíbulo um dia, com a «ajuda» das filhas. Fora muito divertido quando dera um pincel pequenino a cada uma, uma latinha com tinta e uma secção para pintarem, mas tivera de colocar um ponto final na experiência a meio quando se tornara evidente que as crianças eram peritas a colocar mais tinta no chão do que no lambrim.

Mel comparara esse dia com os dias de bricolage nos tempos em que trabalhava na Lorimar. Ela e Adrian ficavam irritados e rabugentos por terem de desperdiçar horas do precioso fim de semana a fazerem uma tarefa tão aborrecida como pintar, os ânimos exaltar-se-iam e chegariam ao final do dia de trombas e sem se falarem. O lambrim continuava metade por pintar, mas Mel não estava preocupada. Havia muito tempo para terminar.

Largou as compras na cozinha e dirigiu-se ao jardim.

– Olá, Sarah, Carrie. Olá, mãe – cumprimentou, distribuindo beijos pelas três. – Como foi o dia?

Quando chegou a casa do trabalho, às sete e meia daquela tarde, Adrian olhou intrigado para a sala de jantar toda aperlaltada, a toalha branca, os marcadores e os melhores guardanapos.

– Guardanapos de pano? – inquiriu ele. – É uma ocasião especial? Não, espera, deixa-me adivinhar. Vais fazer uma operação para mudares de sexo e queres dar-me a novidade com estilo?

– Tenta de novo, Sherlock.

– Tu e o leiteiro planeiam fugir e tiveste dificuldade em escrever a carta de despedida, por isso vais dar-me com os pés enquanto estiver a degustar as almôndegas?

– Como é que adivinhaste? – entrou Mel na brincadeira. – Mas não é o leiteiro, é o carteiro. Podemos deitar-nos nos sacos do correio nas traseiras da carrinha e é muito confortável, embora a tinta azul das cartas registadas me manche a roupa.

– Isso é um alívio. Não teria aguentado se fosse o leiteiro. – Adrian pousou a pasta, alargou o nó da gravata e sentou-se à mesa.

Mel colocou o pão de tomate e funcho feito em casa na frente dele.

– As miúdas já estão a dormir. Tiveram um dia fabuloso. De manhã fomos ao parque e esta tarde a minha mãe levou-as à festa de aniversário da Tabitha, que pelos vistos foi extravagante, com pinturas de cara, uma profissional à séria, e um palhaço.

Adrian fez um ar estupefacto.

– Nunca festa infantil privada?

– Alta nota – comentou Mel. – Até havia um bolo com a forma de uma princesa, e a minha mãe e eu passámos uma eternidade a tentar explicar à Sarah que nem toda a gente pode ter um bolo de princesa, uma senhora a pintar caras, um palhaço e uma casa de bonecas no seu quinto aniversário.

– Que irá a Tabitha receber quando fizer vinte e um?

– Toda a equipa do AC Milan e um *Porsche*, não me admiraria. Ora bem, o jantar não tardará a ser servido.

– E logo tratarás de me dizer, a seu tempo, a que se deve tudo isto – aventou ele, apontando para as flores e a mesa elegantemente posta.

Mel inclinou-se sobre ele e beijou-o, um beijo longo e apaixonado.

– A seu tempo, sim – asseverou ela.

– Continua com isso e talvez me oponha a partilhar-te com o carteiro – disse Adrian, puxando-a para junto dele e rodeando-lhe a cintura com os braços. – Podíamos saltar o prato principal, subir ao quarto e passarmos à sobremesa – sugeriu ele esperançosamente. Uma das mãos deslizara mais para baixo, para a curva das nádegas dela.

– Era o que faltava, depois de eu ter passado a tarde a cozinhar, meu menino – argumentou ela num tom firme, dando-lhe outro beijo. – A sobremesa fica para mais tarde. Primeiro temos o borrego assado com salada marroquina, receita da Nigella Lawson.

– Retiro tudo o que sugeri – declarou Adrian de imediato, sacudindo o guardanapo e colocando-o sobre o colo. – Jantamos primeiro e deixamos a sobremesa para mais tarde. Seria um pecado desperdiçar o borrego da Nigella.

– Então, o que se passa? – perguntou ele mais tarde, quando tinham já quase terminado o borrego e estavam tão cheios que a ideia de se reboarem na cama como sobremesa teria definitivamente de ser adiada.

– Gostaria de voltar a trabalhar – declarou Mel.

– Eu também achei que acabarias por pensar assim – fez notar Adrian.

– A sério? – Ficou surpreendida, mas apenas por um minuto. A verdade é que Adrian a conhecia muito bem; estavam juntos há tanto tempo. – Achei apenas que talvez viesses a precisar de mais qualquer coisa – explicou ele. – Não que isto – e com o braço varreu a sala, os brinquedos de Carrie e Sarah arrumados em cestos de verga – não te chegue, mas toda a tua vida trabalhaste. Com certeza que é difícil abdicar disso. Dos elogios e da diversão – acrescentou ele com uma piscadela de olhos.

– Mas deste feita quero fazê-lo de forma diferente – realçou Mel.

– Diferente, como assim?

– Em *part-time*, ao meu ritmo. Penso que assim resultaria.

– E que planeavas fazer?

– Não sei, talvez algo do género do que fazia antes. Talvez trabalhar no supermercado. Apenas queria voltar a trabalhar algumas horas por semana, porque gosto de trabalhar. Trabalhar torna o tempo livre de diversão mais divertido e seria bom sentir que estava de novo a ganhar o meu próprio dinheiro.

– É o nosso dinheiro – protestou Adrian. – Eu nunca esperei que me prestasses conta de cada cêntimo que gastas.

– Sim, eu sei, mas é diferente quando na verdade não estou a ganhar nada – tentou Mel explicar. – Não é que tu me faças sentir de algum modo diminuída ou menos válida por seres tu quem ganha o dinheiro, eu é que sinto isso. Como sabias que eu iria querer voltar a trabalhar? – quis Mel saber. – Achaste que não estava feliz? É que estou, sou.

– Não te esqueças que te conheço muito bem – observou Adrian. – Sei que queres estar com as miúdas, mas sei também que adoras um desafio em termos de trabalho.

– Não te deixes enganar, as crianças são um desafio gigantesco – contradisse Mel.

– Não foi isso que quis dizer. Sei que gostas do desafio de fazer algo diferente todos os dias.

– Mas é difícil ter isso e ter filhos – suspirou Mel. – Era difícil antes quando estava na Lorimar.

Achava que podia ser a supermulher. Achava que conseguia trabalhar da mesma forma que antes de ter as miúdas, e sabes que mais? Não conseguia. E não é que não fosse tão inteligente, tão empenhada e ambiciosa quanto antes. A única diferença era que estava dividida entre duas direções diferentes. Ter filhos muda as pessoas.

– E eu adorei a forma como te mudou a ti – declarou Adrian num tom afetuoso.

– É mesmo? – Foi mais uma vez surpreendida pelo quanto o amava. Adrian era a sua alma gémea, compreendia-a e queria o melhor para ela. Pensou em Caroline e na forma como as coisas estavam a ser remediadas entre ela e Graham e interrogou-se se alguma vez Caroline sentiria que o marido era a sua alma gémea. – Quero poder cuidar das nossas filhas e estar presente para elas e não ter de pedir a outra pessoa que as leve ao médico porque eu tenho de sair a correr de manhã para o trabalho mesmo quando elas estão doentes. Se as amígdalas da Carrie tiverem de ser extraídas, quero ser eu a estar ao lado dela no hospital. É essa a liberdade que necessito num emprego. – Suspirou. – Onde se consegue um emprego em que o patrão entenda que as mulheres com filhos são primeiro que tudo mães?

– Abrindo o próprio negócio?

Os olhos de Mel tremeluziram.

– És a quarta pessoa que me diz isso – fez ela notar. – Eu diria que essa ideia tem alguma coisa que se diga.

– Quarta? Com que então, eu sou o último a saber – brincou Adrian. – Com quem mais é que falaste? Com o carteiro?

Mel recostou-se na cadeira e colocou os pés descalços no colo de Adrian. Ele acariciou-lhe ternamente os dedos e depois começou a massajar-lhe as solas dos pés.

– Continua o que estás a fazer e eu dir-te-ei – ronronou Mel.

– Podíamos ir para a cama mais cedo e arrumávamos a cozinha amanhã de manhã – sugeriu Adrian.

Mel fez girar as pernas na direção do chão, pôs-se de pé de um pulo e pegou-lhe na mão.

– Isso, sejamos ousados e vivamos perigosamente. – Olhou então de relance para a mesa e viu as sobras do borrego. Eram ainda bastantes e fora um pedaço de carne caro. – Se calhar, primeiro vou colocar os restos numa caixa – disse, largando a mão de Adrian. – Sobrou imensa carne e...

Adrian largou a rir.

– Que foi? – reclamou ela, mas estava a rir também. – Tu adoras borrego e podias comer isto frio amanhã ao almoço.

– Estou a rir-me de ti, ó fada do lar – respondeu ele e começou a ajudá-la. – Tens razão. É preciso poupar e desperdiçar é pecado.

– Pois, não nos podemos dar ao luxo de deitar dinheiro à rua – concordou Mel num tom sério, começando a empilhar pratos e tabuleiros. – Até eu arranjar algum tipo de *part-time*, é melhor economizarmos.

– E se eu te dissesse que consegui um aumento? – perguntou Adrian num tom matreiro.

Mel parou de imediato o que estava a fazer.

– O quê?

– Fui promovido – anunciou ele. – Trazia esta novidade hoje e estava a guardá-la para mais tarde,

depois de te sujeitar lá em cima no quarto – troçou ele. – Ambos tínhamos acalentado a esperança de que o mestrado fosse ter um efeito impulsionador no meu trabalho, e teve. Subi na hierarquia e faço agora parte da equipa sénior de gestão. Deram-me a notícia hoje.

– Adrian! – Mel lançou-se de um pulo para os braços dele. – Estou tão orgulhosa de ti.

– Não o teria conseguido sem o teu apoio – murmurou ele com a cara mergulhada no cabelo dela.

– Terias, sim – discordou Mel.

– Claro que não – garantiu Adrian e abraçou-a com força. – Fazemos uma boa equipa. – Beijou-a então com toda a paixão e a onda de excitação que Mel sentiu foi o suficiente para a fazer esquecer a louça por lavar.

– Tens razão – declarou ela, pegando no tabuleiro com o borrego. – Isto vai para o frigorífico e a louça pode esperar por amanhã. Temos coisas mais importantes para fazer.

Daisy olhou em redor da grande sala de estar do seu velho apartamento, agora vazia à exceção da pilha de caixas e da abundância de pó. Por mais que se limpasse, o pó parecia desafiar-nos e esconder-se debaixo de móveis e cantos, pensou ela. Estava triste por estar de partida. Aquela fora a sua casa durante seis anos. Era como um diário vivo, uma parte da vida dela. Acabaria por esquecer esses anos depois de virar costas e fechar a porta? Seria como perder um diário, uma vez que tudo ali significava alguma coisa? Uma mancha de café no tapete do quarto de quando haviam comprado uma máquina de café nova e ela trouxera uma chávena a Alex e ele se queimara ao segurá-la, deixando-a cair ao chão. A sapateira que mandara fazer à medida para o roupeiro, e da qual Alex rira, apelidando-a de rainha de todas as Imelda Marcos. A nova casa quase não tinha roupeiros, quanto mais espaços mandados fazer à medida para botas e sapatos de salto alto, mas teria tempo para mandar fazer todo o tipo de armários e roupeiros de que necessitasse. Comprara a casa por um bom preço, por isso ainda lhe restaria dinheiro da metade da venda do apartamento.

– Aquelas escadas são a morte – disse uma voz fatigada.

Os homens das mudanças haviam regressado ao apartamento. Tinham acabado de descer com a cama para a camioneta e, uma vez que não coubera no elevador, tinham tido de a carregar escadas abaixo.

– Acho que vamos fazer uma pausa e beber um chá para recuperar forças, menina – disse o mais velho e chefe da equipa das mudanças.

– Estejam à vontade – devolveu Daisy alegremente. – Eu estava só a dar uma última vista de olhos e sigo já para a casa nova. Posso deixar-vos aqui as chaves? O agente imobiliário virá buscá-las por volta das quatro.

Saiu com a cabeça erguida, meteu-se no carro e verificou as mensagens no seu telemóvel. Tinha sete. Toda a gente sabia que era dia de mudanças.

Mary dizia que passaria mais tarde pela casa nova com uma lasanha.

«Com muitas calorias, querida. Lá porque tu queres fazer dieta, eu não.»

Daisy decidira que tinha de perder peso e estava determinada a marcar uma consulta para um nutricionista, mas não para já, já.

Claudia telefonara a dizer que a saída continuava de pé para a noite seguinte, mas que a hora fora alterada das sete e meia para as oito e perguntava se para Daisy estava bem?

«O traje é informal», dissera Claudia, «vamos apenas jantar a uma pizaria. O Andrew promete que não tentará arranjinhos com os amigos dele.»

Paula telefonara para lhe desejar sorte.

«Tens de vir ver-me, e à Emma», suplicava ela. «Há uma eternidade que não te vemos. A Emma está a ficar enorme e quer ver a tia.»

Daisy sorriu ao ouvir a mensagem. Adoraria ver Emma de novo. Ultimamente, sentia-se como se tivesse passado uma espécie de teste mental. Conseguia ver mulheres com carrinhos de bebé na rua e anúncios a fraldas na televisão, tudo sem ser acometida por uma enorme vontade de chorar. Não era

que o seu desejo de ter um bebé tivesse diminuído, apenas conseguira arrumar o assunto numa prateleira para o ir buscar mais tarde. Ninguém alguma vez lhe dissera que nunca poderia ter filhos. A possibilidade continuava ali, aberta, à espera dela. Uma vez que nunca chegara a fazer testes, não sabia se o facto de não ter conseguido engravidar se devia a uma falha irreparável ou a algo que podia ser tratado e remediado, porém, até ter provas concretas, recusar-se-ia a acreditar que não poderia conceber uma criança.

Primeiro, tinha de chorar os filhos que ela e Alex teriam tido. Por mais estranho que tal parecesse, o nascimento de Daragh ajudara-a a fazer isso mesmo. Engraçado a forma como um bebé viera colocar um ponto final em todo aquele assunto. Mary aprovaria sem dúvida, uma vez que era feroz adepta da colocação de pontos finais.

A velha amiga de Daisy, Zsa Zsa, telefonara a dizer que há um mês que namorava um tipo fabuloso e que ele tinha muitos amigos igualmente jeitosos. «Agora que estás livre e desimpedida... a propósito, aquilo com o BB chegou a resultar?... podias juntar-te a nós e combinávamos qualquer coisa a quatro.»

«Oh, nem pensar», pensou Daisy, estremecendo. Não queria nada recordar-se de BB e do terrível dia depois de Alex a ter deixado. Não, muito obrigada, seguira em frente. Já não era a idiota cobarde e crédula que fora. E voltar a dar-se com o grupo de festeiros colocá-la-ia de novo nessa categoria.

A mensagem de Leah começava com música de baleias. Por entre os agudos guinchos e arrulhos, Leah dizia que estava a pensar nela e que adoraria vê-la em breve.

«Espero que gostes da música», desejava Leah na sua voz calma. «Levei uma eternidade a encontrá-la. Alguém aqui não quer de facto que escutemos baleias a cantarem.»

E Daisy desatou a rir deste último comentário de Leah. Só mesmo ela para pensar em algo totalmente diferente e que a fizesse rir.

A última mensagem era da sua mãe.

«Olá, Daisy. Era só para pormos a conversa em dia. Eu e a tia Imogen estivemos fora, como tu sabes, mas já voltámos e...» Uma longa pausa.

Daisy conseguia imaginar a mãe a pensar no que havia de dizer a seguir. Estranho que a capacidade normal da mãe de falar jovialmente para o atendedor de chamadas parecesse tê-la abandonado.

«Sei que ficaste aqui uns dias. O Brendan disse-me, e obrigada por teres mantido tudo arrumadinho. Bom, é tudo. Espero que estejas bem, Denise.»

Daisy detestava quando a mãe lhe chamava Denise. «Porque não lho dizes?», perguntou uma vozinha dentro da cabeça de Daisy. Bem visto. Nunca dissera à mãe que não gostava do seu nome próprio e preferia ser tratada por Daisy, o nome que o pai lhe dera quando, em criança, ela apanhava margaridas do jardim e tentava comê-las.

Como é que Leah dissera? *Temos de dizer às pessoas o que pensamos e sentimos, pois elas não têm bola de cristal.*

«Dá-me uma apitadela, sim?», pedia a mãe no final da mensagem. «Adeus.»

Pela primeira vez em anos, o tom frio e meio ríspido de Nan Farrell não irritou Daisy. Era apenas a forma como a mãe falava. Não conseguia evitá-lo, fora educada daquela forma, para ser uma senhora da sociedade e saber a maneira correta de cumprimentar um arcebispo ou uma condessa. O mundo de Nan Farrell girava sobre um eixo composto por etiqueta e protocolo e a forma como as coisas sempre haviam sido feitas. Mais depressa corria rua abaixo nua do que diria algo de profundamente pessoal à sua única filha. Nan não conseguia evitá-lo, Daisy sabia-o, tal como Daisy

não conseguia evitar ser ingênua e confiante e ter uma estranha predisposição para se magoar.

«Uau, mais um ponto final», pensou para ela mesma, surpreendida.

Telefonou imediatamente a Mary.

– Podes trazer lasanha hipercalórica à vontade, desde que também tragas *cheesecake* – disse a Mary, que desatou a rir.

– Ah, agora sim, já falas como a velha Daisy – comentou Mary. – Levo também uma ou duas garrafas de vinho?

– Talvez seja melhor não – recusou Daisy com tato. – Penso que estava a afundar-me demasiadas vezes no vinho quando o Alex me deixou. Não me faz bem – referiu. Não beber não era fácil. Criara esse hábito e uma bebida dava sempre novos contornos, menos afiados, a qualquer problema ou dificuldade, mas Daisy sabia que estivera à beira de um verdadeiro problema de abuso de álcool e não queria nem por nada voltar ao mesmo.

– Oh, junta-te ao clube! – exclamou Mary. – É tão fácil cair na armadilha da mulher esquecida, sentada sozinha em casa com a sua garrafa por companhia. É um erro que já não cometo. Limito-me a comer chocolate e bolachas digestivas.

– Parece-me uma ideia brilhante – disse Daisy – e não há limite para as unidades de bolachas digestivas que podemos consumir por dia.

– Ora nem mais – concordou Mary. – E depois de dezassete bolachas, nunca nos apetece telefonar ao ex a informá-lo da bela merda que ele é na verdade! Vemo-nos por volta das seis e eu ajudo-te a desempacotar. – E desligou.

Daisy preparava-se para arrancar quando se recordou de uma caixa de coisas que quisera levar no carro com ela. Continha a chaleira, pacotes de chá, leite, todos os essenciais para quando chegasse à nova casa. O seu séquito de ajudantes – Mary, Cleo e Leah – havia insistido que não mexeria nem uma palha a não ser que houvesse chá. Teve de correr escadas acima, pois os homens da mudança tinham obviamente sequestrado o elevador mais uma vez. À porta do apartamento, abriu-a rapidamente, não esperando encontrar ninguém do outro lado. Os homens estavam todos reunidos frente ao elevador, discutindo a melhor maneira de fazer caber o cadeirão preferido de Daisy. Porém, havia alguém dentro do apartamento. Estava de pé junto à janela, segurando uma caixa grande contra o peito e contemplando a rua lá em baixo como devia ter feito tantas vezes antes. Era Alex.

– Oh, assustaste-me! – exclamou ela.

– Não queria assustar-te. Achei que já tinhas ido embora. Esperei até te ver meter no carro – explicou Alex ponderadamente.

«Tão triste», pensou Daisy, que o homem com o qual vivera e o qual amara tivesse esperado que ela abandonasse o edifício para subir ao apartamento. Lá se ia a sua teoria de que podiam ser amigos.

– Queria apenas levar o resto das minhas coisas. O advogado disse que deixarias tudo encaixotado e pronto e eu planeava vir buscá-las mais tarde, mas...

– Tudo bem, Alex – disse ela. – Tens todo o direito de vir buscar as tuas coisas. – Reparou que ele como que descontraíu e respirou de alívio. – Que achaste que eu iria fazer? – perguntou Daisy um pouco irritada. – Pôr-me aos gritos enquanto brandia uma faca de cozinha?

Alex fez um ar tão surpreendido perante esta amostra de humor que Daisy soltou uma gargalhada.

– Desculpa – disse –, não consegui resistir. – Ele continuava com um ar chocado. – É uma piada, Alex. Para rir, estás a ver?

– Sim, é claro, desculpa. Só que isto é um bocado difícil – referiu ele.

– Penso que talvez seja mais difícil para mim do que para ti – fez Daisy notar irritadamente.

– Eu sei, eu sei. Lamento, Daisy, lamento muito, mesmo. Nunca quis que terminasse desta forma, por favor, acredita em mim. Se pudesse fazer o tempo voltar para trás, fá-lo-ia, mas não posso.

Daisy teria matado para o ouvir dizer estas palavras há um mês, contudo, agora, sentia-se estranhamente insensível a elas. Alex lamentava e isso era bom. Significava que o relacionamento deles significara alguma coisa para ele, que o estimara a ponto de estar arrependido por tê-la magoado. No entanto, havia qualquer coisa de oco e falso no pedido de desculpa de uma pessoa que fora tão cruel para com ela.

Daisy nunca esqueceria as palavras que ele lhe dissera: que ela não era *a tal*; que desde que tinham saído da universidade estava com ela para passar o tempo, à espera que a pessoa certa aparecesse.

De repente, sentiu vontade de ser cruel para ele. Alex não fazia ideia do quanto ela descera e se afundara depois de a ter deixado e precisava que ele sofresse por isso. Uma mancha de palavras começou a andar à roda na cabeça de Daisy. Talvez lhe perguntasse se ainda achava que ela era uma cabra insensível que iria arruinar a relação dele com Louise contando-lhe que tinham feito amor ali mesmo no chão?

Foi então que sentiu vergonha dela mesma. Alex magoara-a tanto, e nem nunca se daria conta do quanto, mas a dor não melhoraria se ficasse furiosa com ele e lhe pregasse um merecido sermão.

Pelo menos, agora tinha memórias do tempo que haviam passado juntos. Podia orgulhar-se do modo como se comportara em relação a ele.

– Tens razão – respondeu ela num tom calmo. – Não podes fazer o tempo andar para trás. Só gostava que tivesses sido honesto comigo desde o início. Permitiste que eu continuasse a pensar que podíamos ter um bebé quando na verdade a tua vontade era já deixares-me. Isso foi horrível, Alex.

Ele encostou-se à janela, a caixa ainda segura contra o peito.

– Eu sei. E peço desculpa. Não tive coragem de te dizer e tu estavas tão animada...

– Não me culpes a mim pelo facto de não teres sido sincero comigo – argumentou Daisy, esforçando-se com todas as suas forças para manter a calma. – Assume a responsabilidade pelo que fizeste. Mentiste-me e quanto mais tempo deixaste a mentira alongar-se mais difícil foi para mim.

– Tinha medo – aventou ele com os olhos cravados no chão. – Não sabia como te dizer.

– Nesse caso, foi algo que ambos aprendemos – disse ela, sentindo um súbito afluxo de poder. – A dizer a verdade, mesmo quando ela magoa.

– Mudaste – observou ele.

– Teve de ser. A minha vida mudou. Todas as coisas em que acreditava desapareceram... É uma adaptação grande e nada fácil.

Seguiu-se um silêncio, que seria sepulcral não fora a conversa dos homens das mudanças nas escadas.

– Como está o Daragh? – perguntou ela.

A surpresa no rosto de Alex era inegável e irreprimível. Surpresa e uma rancorosa admiração.

Daisy ergueu melhor a cabeça.

– E a Louise?

– Estão ambos ótimos – gaguejou ele. – Estás... estás a ser tão compreensiva em relação a isto, Daisy.

Daisy pensou na sua coleção de garrafas de vinho, no quanto quisera destruir-se por causa da dor

que sentia, nas lágrimas que chorara.

– Quero ser capaz de deitar a cabeça na almofada à noite, Alex – explicou ela. – Se vos desejar uma série de desgraças e tragédias, não conseguirei fazê-lo. Para minha própria paz de espírito, tenho de tentar perdoar-te.

– A minha mãe ainda não me perdoou – referiu ele.

– O quê, nem sequer agora que lhe deste um neto? – perguntou Daisy, e sentiu um aperto no coração, porque quisera ser ela a dar um neto à mãe de Alex; sonhara com isso vezes suficientes. – Ela escreveu-me – recordou Daisy. – Uma carta muito simpática, dizendo o quanto lamentava e o quanto estava furiosa contigo e que esperava que continuássemos amigas. No final da carta, deixou-me o número do telemóvel dela e pediu-me que lhe ligasse. Ainda não o fiz – disse Daisy –, mas pretendo fazê-lo, um dia.

– Talvez ela deixasse de me tratar como um proscrito se lhe ligasses – realçou Alex e por um segundo foi o velho e egoísta Alex, pensando apenas nele mesmo.

– Ah, portanto, se eu telefonar à tua mãe e lhe disser que está tudo bem e que estou ótima, ela não te repreenderá tanto pelo teu comportamento? – perguntou Daisy.

Alex encolheu-se.

– Pronto, pronto. Não devia ter dito isso, tens razão – desculpou-se ele. – Desculpa, Daisy.

Daisy sabia que estava na hora de ir. Era a vez de Alex ser deixado para trás. Pegou então na caixa que viera buscar.

– Adeus, Alex. Suponho que não nos voltaremos a ver. Fica bem.

– Tu também... – Avançou na direção dela e depois deteve-se. – Estás a ser espetacular em relação a isto, Daisy. Realmente fantástica.

Daisy sorriu.

– Sim, suponho que sim – concordou ela e virou costas e foi-se embora.

Caminhou orgulhosa e entusiasticamente até chegar ao carro, altura em que sentiu as pernas meio bamboleantes. Conseguira, dissera o que queria dizer a Alex. Não perdera a calma porque não queria desperdiçar mais qualquer emoção com Alex Kenny. Ele pertencia ao passado, fazia parte da sua antiga vida e ela estava de malas aviadas para uma completamente nova.

Nan Farrell ficou surpreendida ao ver Daisy à sua porta no dia seguinte, bem cedo logo pela manhã.

– Denise! – exclamou a mãe. – Que bom ver-te – acrescentou, anos de etiqueta e boas maneiras entrando em ação.

– Pensei dar aqui um pulinho a ver-te – explicou Daisy, determinada a não deixar-se perturbar pelo facto de a mãe ter usado o seu verdadeiro nome. Mais tarde conversariam sobre isso.

– Um pulinho? – estranhou Nan. – Como pode ser um pulinho desde Carrickwell? Não compreendo.

– Tenho algumas novidades para ti – disse Daisy, ainda determinada a manter um ar animado. – Mudei de casa. Na verdade, estou a morar aqui muito pertinho.

Era um alívio que a mãe não tivesse feito um ar horrorizado ao ouvir a notícia.

– Mas isso é ótimo, querida – comentou Nan. – Isto aqui é lindíssimo. E as pessoas são muito acolhedoras.

Se Daisy ficou surpreendida, não o deixou entrever. Nunca lhe teria passado pela cabeça que a mãe

fosse o tipo de pessoa que se preocupava se as pessoas da vizinhança eram acolhedoras ou não, mas, pensando melhor, talvez não conhecesse a mãe assim tão bem. A mãe certamente que não a conhecia a ela.

– Para onde ao certo é que tu e o Alexander se mudaram?

– Essa é a outra novidade que tenho – respondeu Daisy. – O Alex e eu já não estamos juntos.

Era simplesmente estranho que estivesse a contá-lo à mãe agora, meses depois de tudo ter acontecido. Outras mulheres teriam contado às respetivas mães de imediato, carregando na tecla de marcação rápida antes mesmo que a primeira lágrima tivesse tido tempo de cair.

– Separámo-nos – avançou Daisy.

– Meu Deus – disse a mãe. Seguiu-se uma pausa enquanto ficava à espera de pormenores.

Daisy tentou não vacilar.

– O Alex envolveu-se com outra pessoa e ela engravidou. Já é pai. – Declarou-o tão jovialmente quanto conseguia, mas por mais que tivesse evoluído em termos de crescimento pessoal, continuava a não ser fácil transmitir tal notícia.

– Lamento ouvi-lo, Daisy. Lamento muito.

E parecia mesmo que a mãe estava a ser sincera. Certamente que chamar-lhe «Daisy», e não «Denise», era um ramo de oliveira que estava a estender-lhe.

– Quando foi isso? – perguntou Nan Farrell.

– Há uns meses. – Por uma fração de segundo, Daisy ainda contemplou a ideia de não revelar à mãe todos os factos, mas mudou de ideias. Iria ser completamente sincera e ver se podiam dar ao relacionamento entre ambas uma nova oportunidade. Se a mãe não se mostrasse interessada, mas fria e distante como de costume, então Daisy podia reconfortar-se com a ideia de que pelo menos tentara. – Na altura estávamos a tentar ter um bebé. Pensei que esse era também o desejo do Alex. Isso sem dúvida que veio colocar mais pressão sobre o relacionamento – revelou ela –, embora esse não tivesse sido o único motivo. – Tinha de admiti-lo, até para ela mesma. – Eu quis que fizéssemos um tratamento porque não conseguia engravidar, depois ele apaixonou-se pela assistente dele do trabalho e ela ficou grávida. Foi assim, que se há de fazer?

– Eu gostaria de ter uma conversinha com esse menino – disse a mãe num tom zangado.

Daisy ficou estupefacta. A mãe zangada em defesa dela?

– Como se atreve ele? A arrastar o teu nome assim pela lama. Se o teu avô fosse vivo, Alexander Kenny não teria sequer tentado semelhante graçola.

O avô de Daisy fora um latifundiário local e um homem poderoso. Sem dúvida que há muito que teria feito Alex casar com Daisy pela simples força da sua personalidade. Mas de que teria isso servido? Ela e Alex teriam acabado casados sem se amarem em vez de apenas a viverem juntos sem se amarem.

– Obrigada – respondeu à mãe e Nan Farrell fez um ar ligeiramente surpreendido.

– Ora essa. Obrigada porquê?

– Oh, por dizeres isso, por me apoiares – explicou Daisy.

– Que outra coisa esperarias que eu fizesse? – inquiriu Nan. – Pobre Imogen, vai ficar tão transtornada – prosseguiu a mãe. – Ainda a recuperar da operação e agora isto.

– A tia Imogen vai ficar bem – disse Daisy com certeza. – Se conseguiu sobreviver ao divórcio da Lillian, conseguirá sobreviver a tudo.

O grande drama familiar há uns anos fora o desmoronamento do casamento de Lillian, filha da tia

Imogen.

– Tens razão, suponho – concordou Nan. – Só que as coisas estão a mudar. Nunca tivemos divórcios ou coisas assim na família.

Era mais fácil, ocorreu naquele instante a Daisy, conversar com a mãe e tentar desmistificar com afabilidade os receios que ela pudesse sentir. Nunca antes o fizera como devia ser, deu-se Daisy conta. Sempre estivera demasiado ansiosa em conseguir a aprovação da mãe, em conseguir a aprovação de toda a gente, na verdade. Se a mãe tivesse dito uma palavra mais dura, Daisy teria perdido o ânimo.

– Eu telefono à tia e conto-lhe, se quiseses – sugeriu Daisy.

– Talvez pudesses ir visitá-la – aventou Nan, animando-se. – Ela iria adorar ver-te, agora que já está mais recomposta. Penso que ela se sente sozinha. Até podíamos ir juntas, seria divertido. A Imogen e eu no outro dia estivemos a conversar que temos de nos manter unidas. Nenhuma de nós está a ir para mais nova e somos a única família que nos resta.

– Tu tens-me a mim – realçou Daisy.

– Claro que te tenho a ti – concordou a mãe num tom meio brusco. – Referia-me a família do tempo em que eu cresci, pessoas que se recordam dos velhos tempos e de como as coisas costumavam ser. Tu não te lembras, Daisy. As coisas eram bem diferentes quando tu nasceste. Os tempos mudaram, isso é certo.

A mãe tinha um ar tão triste que Daisy sentiu uma súbita onda de amor por ela, amor e compaixão. Nan tentara viver no passado, dependendo de e contando velhas glórias à medida que avançava pela vida.

– Pobre mãe. – Disse-o em voz alta.

E fez mais uma coisa que raramente fizera antes: chegou-se à mãe e deu-lhe um abraço.

Nan não se enterneceu, mas também não era o tipo de pessoa de o fazer. Contudo, Daisy teve a certeza que os músculos do corpo dela afrouxaram um pouco.

– Queixo para cima – admoestou Nan com vivacidade, dando um passo atrás. – Nunca devemos deixá-los ver-nos chorar, é o lema da família.

– Penso que precisamos de um novo lema de família – murmurou Daisy entre dentes.

Daisy sentou-se na última fila de cadeiras dispostas na sala e olhou para os restantes participantes que tinham vindo à reunião de quinta-feira à noite da sucursal de Carrickwell da Nasci Para Ser Magro.

Havia membros de todas as formas e feitios, alguns radiantes de orgulho dos seus novos corpos magros, outros de semblantes carregados por não serem magros. Os que haviam passado pelo tormento da pesagem, cavaqueavam uns com os outros, trocando comentários sobre terem perdido três quilos, ou apenas quatrocentos gramas, e dali a quanto tempo seria o casamento, a alegria de caber numas calças trinta e oito e que matariam por uma torrada com *manteiga verdadeira*.

Daisy já não conseguia enfiar-se no quarenta e quatro. Que vergonha. Tentara tudo: fazer desaparecer da cozinha tudo o que era bolinhos e salgados, afirmar «Não comprarei nenhum chocolate» quando passava pelo quiosque das revistas, comprar embalagens e embalagens de salada e molho para salada *light* que sabia ligeiramente a poliestireno com cobertura de açúcar. Nada funcionava. Razão pela qual estava ali, a pavonear a sua vergonha perante quarenta mulheres e uns quantos homens.

No panfleto da NPSM que recolhera na loja de produtos dietéticos (aquela bebida desintoxicante e adelgaçante à base de ervas revelara-se totalmente inútil, afinal) afirmava-se que o grupo podia ajudar qualquer pessoa a perder peso. «Tudo o que precisa é *querer* ser magra», prometia o panfleto.

Bom, Daisy queria certamente isso. Se querer era o suficiente para que acontecesse, já se sentia mais magra. Mas, pensando bem, quisera que Alex regressasse para ela e ele não voltara, portanto, querer não bastava, era óbvio.

A mulher que liderava a sucursal de Carrickwell da Nasci Para Ser Magro parecia-lhe vagamente conhecida. O cabelo dela era curto, mas Daisy foi acometida por uma súbita imagem mental dela com cabelo comprido, empurrado para trás com um confiante trejeito da cabeça. As aulas de balé. Tinham andado juntas no balé.

Os anos que passara em pliês e pontinhas no estúdio de Madame de Fressange eram anos que Daisy esperara apagar da sua memória. Sempre se sentira demasiado gorducha e constrangida para deslizar como uma gazela e nos espetáculos de Natal do estúdio, Daisy ficara sempre confinada a segundo cisne, atrás de todo o corpo de bailado. Mas a mãe insistia.

– O balé faz maravilhas à postura, Denise.

Daisy endireitou instintivamente as costas ao ver a antiga colega. Yvette fora uma das estrelas do estúdio e parecia não ter mudado. Continuava magra, aprumada e provavelmente ainda capaz de executar uns *grands jetés* sem se assemelhar a um elefante bebé num ringue de patinagem no gelo. Daisy sabia que Yvette devia ter sido gorda em alguma altura da vida dela, pois, caso contrário, não estaria à frente de um grupo de emagrecimento, porém, não havia ponta de gordura visível nela agora. Porque era que as líderes de grupo não eram obrigadas a usar camisolas com fotografias delas mesmas antes e depois? Dessa forma, as pessoas não se sentiriam tão intimidadas.

Com resignação, Daisy tomou o lugar dela na fila frente a Yvette, onde a tortura da pesagem decorria, e fez figas para que Yvette não se recordasse dela.

– Daisy! É tão bom ver-te. E estás fabulosa. Bom, podias dispensar uns quantos quilos, mas não te preocupes. Não tardaremos a dar cabo deles e a transformar-te numa nova mulher.

Para uma pessoa esguia, Yvette tinha um abraço forte e o entusiasmo dela apanhou Daisy de surpresa.

– Olá, Yvette – murmurou, envergonhada e embaraçada.

– É mesmo bom ver-te, a sério – continuou Yvette, pesando Daisy sem rodeios e apontando o peso.

– E agora a altura. É para conseguirmos calcular o teu peso alvo.

Cavaquear com jovialidade para ajudar as pessoas a ultrapassarem a tormenta das pesagens e medições era obviamente o segredo do sucesso de Yvette como líder do grupo. Num abrir e fechar de olhos, Daisy viu-se com um pedaço de papel na mão onde estava o seu ignominioso peso, bem como o que esperava atingir. Havia uma diferença de quinze quilos entre os dois pesos, e mesmo assim não ficaria tão magra quanto fora nos últimos anos.

Uma mulher que acabara de ser pesada sentou-se ao lado de Daisy e sorriu acanhadamente para ela.

– Olá! – Daisy apresentou-se.

– O meu nome é Cyn – devolveu a mulher. Cyn era enorme. Não apenas gorda, mas quase obesa mórbida. Daisy deu-se por afortunada por não ter aquele tamanho. Contido, Cyn tinha um rosto muito bonito e olhos grandes que tremeluziam de vitalidade. E exibia um sorriso tão doce, embora só assim de perto fosse perceptível. Daisy deu-se então conta de que, se se tivesse cruzado com Cyn na rua,

apenas teria reparado no tamanho dela, não que havia uma pessoa carinhosa e simpática por trás da gordura. Fora dessa forma que as pessoas haviam olhado para ela antes de ter emagrecido.

De repente, Daisy sentiu uma enorme vergonha dela mesma. Fizera precisamente o que nunca quisera que as outras pessoas fizessem com ela: julgarem-na pela aparência.

Enquanto Yvette falava sobre alimentos bons, alimentos mais e alimentos que eram tão malvados e calóricos que deviam ter uma caveira com duas tíbias cruzadas bem à vista na embalagem, Cyn e Daisy conversaram.

– Estou aqui a ver se emagreço de uma vez por todas – contou Cyn, que tinha vinte e cinco anos e queria do fundo do coração ser enfermeira, mas não podia devido ao seu tamanho. – Vou fazer uma última tentativa e depois, se não resultar, vou agraçar o estômago. Desde a adolescência que sou deste tamanho. Toda a minha família é gorda, mas não se importam. E tu, que fazes aqui?

– O mesmo.

– Porquê?

Daisy vacilou. Não podia dizer «porque sou gorda», porque comparada com Cyn, não era, não precisava de estar ali. A verdade atingiu-a com uma súbita claridade.

– Sou mais pesada do que gostaria de ser – respondeu de forma pouco convincente.

– És uma linha – riu Cyn. – Não precisas disto.

Há duas semanas que Cyn frequentava o grupo e tinha já perdido quatro quilos.

– Tem sido tão difícil – sussurrou ela. – O que me tem apetecido pão branco e queijo creme. Que saudades que tenho disso. Teria morto por uma fatia de pão com queijo, mas sabia que, se cedesse à tentação, nunca mais pararia.

– Chocolate – murmurou Daisy em resposta.

– Oh, nem fales nisso!

Conversaram durante a palestra e depois Daisy perguntou a Cyn se gostaria de ir com ela tomar um café ao Mo's Diner. Cyn hesitou.

– Não costumo sair à noite – desculpou-se ela e ficou de novo com o mesmo ar tímido de anteriormente.

– Só um café, simples, sem açúcar – garantiu Daisy. E, se alguém fizesse algum comentário acerca do tamanho de Cyn, Daisy logo diria de sua justiça.

Era capaz de se ver em Cyn: escondendo-se de quem na verdade era. Cyn precisava de perder peso, mas precisava de muito mais para além disso. Daisy passara anos a achar que, se fosse magra, a sua vida seria inegavelmente melhor. E não fora. Perdera o peso a mais, mas as suas neuroses, pelo contrário, haviam engordado na mesma medida.

Sentaram-se na mesa do fundo do Mo's. Cyn teve de se sentar de lado, pois não conseguia enfiar as pernas e a barriga atrás da mesa.

– É tão bom sair – disse ela, os olhos brilhando de satisfação e olhando em redor.

– Acho que não vou voltar ao curso – começou Daisy. – Passei anos em pânico por causa do meu peso e a achar que, se fosse magra, tudo seria melhor, e isso não está certo. Parece-me tão óbvio agora! – Largou uma gargalhada. Fora magra durante anos e ainda assim Alex deixara-a. O seu estado de espírito era o que importava, não o que pesava.

O grupo de dietas fora um erro, percebia-o agora. E essa tomada de consciência transmitia-lhe uma sensação maravilhosa, como se vários quilos tivessem miraculosamente saído de cima dela. «Paz de espírito era o auxiliar ideal de uma dieta», pensou Daisy alegremente.

– Mas com quem vou conversar, se tu não fores mais? – perguntou Cyn, ansiosa.

– Eu não disse que deixaríamos de ser amigas – assegurou Daisy.

– A sério?

– A sério. Há uma pessoa que acho que devias conhecer – acrescentou Daisy. – Leah Meyer. Dirige o Spa Cloud's Hill.

– Em relação a isso, não sei – apressou-se Cyn a argumentar, cruzando melhor o casaco de malha à volta dela como que para se esconder ainda mais. – Não frequento spas e ginásios e esse tipo de coisas.

Daisy esticou o braço por cima da mesa e agarrou na mão de Cyn. Tinha mãos pequeninas e dedinhos sapudos, que se entrelaçaram nos de Daisy.

– O Cloud's Hill não tem a ver com ginásios e dietas – explicou ela com carinho. – É... – procurou as palavras certas – um lugar um pouco mágico. Se eu te contar de que forma me ajudou, vens visitá-lo?

Cyn olhou Daisy nos olhos e respondeu-lhe com um aceno de cabeça, acrescentando:

– Ninguém se vai rir de mim?

– Claro que não – garantiu Daisy. – As pessoas de lá vão adorar-te.

– Mas que faria eu lá?

Daisy pensou no que o Cloud's Hill fizera por ela. Sentia-se agora uma pessoa diferente. Via o mundo de forma mais transparente; não era a adolescente ansiosa e assustada que observava o mundo detrás da barreira das suas próprias inseguranças. Tivera de sobreviver a muito, lembrara-a Leah. Era uma sobrevivente e tinha um futuro à frente dela.

Como iria explicar tudo isto a Cyn?

– Irás conhecer pessoas que te farão ver a tua vida de forma diferente – começou Daisy. – Deixarás de ter medo, de andares assustada, aprenderás a gostar de ti mesma.

Cyn fez um ar francamente incrédulo.

– É verdade. Aconteceu comigo – asseverou Daisy com um ar muito encorajador – e há uns meses eu também não teria acreditado que fosse possível. Mas é, prometo.

Cleo tinha a mala feita, Leah ia levá-la à estação de comboios na manhã seguinte e tinha de estar no aeroporto por volta das dez para apanhar o voo para França. A mãe dissera-lhe que estava tão ansiosa por vê-la que nem aguentava.

– E precisas de umas férias, querida – argumentara Sheila Malin. – Pelo que me contas, estou mesmo a ver que não tens parado.

– Eu também estou ansiosa por isso, mãe – concordou Cleo. – Sinto muito a vossa falta.

Uns dias fora soavam divinalmente, dissera Trish, e murmurara qualquer coisa sobre como adoraria passar um fim de semana fora e que agora que os outros planos que fizera tinham ido por água abaixo, não tinha planos nenhuns.

– Que outros planos? – quis saber Cleo.

– A Carol mencionou que ela e uns amigos estavam a pensar ir à Tunísia em setembro, mas quando lhe perguntei sobre isso no outro dia, ela disse que tinha mudado de ideias. É tão inconstante.

Cleo, que se recordava de quando conhecera Carol e tivera de aguentar vê-la a meter-se com Tyler, ficou orgulhosa por não fazer um dos comentários mordazes que poderia ter feito.

– Podíamos ir para qualquer lado no final do ano – sugeriu Cleo. – Ou – decidiu contar a Trish o que andara a pensar nos últimos dias – podíamos fazer um mês de férias e ir ao estrangeiro. Estava a pensar na Austrália. Sei que adorarias ir e ambas o merecemos.

– Uau, maravilha! – guinchou Trish de excitação. – Uau! Mas, então e os planos dos teus pais de abrirem uma pequena residencial em França? Não vais ajudá-los?

Os pais de Cleo haviam discutido a ideia de abrirem uma pequena residencial em França, mas Cleo decidira se estaria a intrometer-se na aposentação deles se se lhes juntasse. Ao fim de anos à disposição de toda a gente, a mãe e o pai mereciam um tempo só para eles. E chegara também a altura de Cleo seguir em frente com a vida dela. Crescera.

– Consegues tirar férias aí no Cloud's Hill? – inquiriu Trish. – Eu terei de suplicar e rastejar para conseguir um mês aqui, mas ainda não tirei as férias todas a que tenho direito.

– Consigo – disse Cleo. – Não é que esteja amarrada ou forçada a nada, portanto, porque não?

E, se não estivesse perto do Willow durante um mês, o seu coração talvez se recuperasse mais depressa. Dessa forma, aguentaria melhor quando regressasse e tivesse de ver a sua antiga casa ser transformada num Hotel Roth enquanto lembrava o que podia ter tido com Tyler.

– Fantástico! – exclamou de novo Trish. – Eu vou até Carrickwell para comemorarmos. Um mês de férias. Uau! Telefona à Eileen enquanto eu vou procurar o meu vestido de gala! O chão está cada vez mais coberto de peças de roupa e já não consigo encontrar nada!

Uma noite a festejar com Trish e Eileen no dia anterior à sua partida para França não fizera parte da lista de afazeres de Cleo, mas talvez lhe fizesse bem, decidiu. Apenas planeara um serão calmo no quarto a ultimar os preparativos.

Eileen ficou encantada por saber que Trish vinha a Carrickwell para saírem as três.

– Há semanas que não a vejo – disse Eileen. – Até aposto que sei o que vamos comemorar! És

muito manhosa, Cleo Malin.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Cleo, sem perceber.

– Um metro e oitenta e muito de homem? – troçou Eileen. – Tu sabes...

– Não – insistiu Cleo. – Que estás para aí a dizer?

– Tyler Roth está em Carrickwell – disse Eileen exasperada.

– O Tyler? Viste-o?

– Não sabias? Eu pensei que ele tinha vindo para te ver e que íamos sair todos para que tu no-lo apresentasses como devia ser, sem as quedas ébrias na rua com a multidão de bêbados a comentar e a ver.

– Quem me dera – disse Cleo antes mesmo de se conseguir conter.

– Não o viste?

– Eu diria que o facto de eu me ter esgueirado da suíte dele sem dizer água vai e de Ron lhe ter dito que eu estava ofendida porque um ignóbil grupo hoteleiro comprara o Willow faz com que provavelmente eu não seja a pessoa preferida dele em todo o mundo – explicou Cleo desanimada.

– Mas ele foi à tua procura? – quis saber Eileen.

– E podia ter-me encontrado e não o fez – respondeu Cleo.

Essa era a dolorosa verdade. Tyler seguira o rasto dela até à casa de Trish e descobrira que ela era uma Malin, de Carrickwell. Portanto, não seria nada de especial para ele encontrá-la em pessoa. Só que não se dera ao trabalho de o fazer.

– Então, devias procurá-lo – aconselhou Eileen sem rodeios.

– Mas... é que... – Cleo gaguejou. Nunca pensara nisso, mas não podia fazê-lo. Os homens é que costumavam ir atrás das mulheres e lhes diziam que as amavam. Era assim que se fazia. Os livros estavam recheados de episódios assim. – É com ele – murmurou.

– Porquê?

– Porque sim!

– Porque é isso que vem naqueles livros palermas que tu lês em que o herói salta para o seu cavalo branco e vai atrás da donzela, que desmaia aos pés dele – irritou-se Eileen. – Mais fibra, por amor de Deus, Cleo! Tu é que apregoas ser uma mulher independente com o dobro da capacidade intelectual, ambição e motivação de qualquer homem! Porque raio ages como uma donzela em apuros cheia de achaques quando se trata de uma coisa que queres realmente?

Cleo ficou tão chocada que nem teve palavras. Eileen era de uma forma geral uma rapariga tão calma e bonacheirona. Que raio precipitara aquilo?

– Vai procurá-lo e diz-lhe que és doida por ele. Onde está a dificuldade nisso?

Colocado daquela forma, não tinha dificuldade nenhuma. Mas e se o olhar dele se tornasse duro e frio quando olhasse para ela e lhe dissesse que perdera a oportunidade dela? Cleo achava que conseguia lidar com o pensamento de que Tyler a detestava se não tivesse de testemunhá-lo em primeira mão.

– Mas onde...?

– No Willow, grande palerma – realçou Eileen. – E se ele não estiver lá, talvez alguém na obra saiba o paradeiro dele. Ou então, pergunta no Mo's. Carrickwell não é assim tão grande. Juro-te, Cleo, não saio com vocês esta noite a não ser que tenhas feito um esforço para falar com o Tyler. Não sejas uma mariquinhas. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

– Ele pode estar ofendido comigo ou dizer que eu nem lhe dei uma oportunidade e tirei conclusões

apressadas e mandar-me passear – murmurou Cleo.

– E então? Dizes-lhe que quem perde é ele, viras-lhe as costas e depois tu, eu e a Trish podemos dançar toda a noite e encontrar outros homens deslumbrantes. Que tens a perder?

O turno de Cleo terminou às quatro e combinara encontrar-se com Eileen e Trish no apartamento de Eileen às oito. Isso dava-lhe tempo para terminar de fazer a mala, devolver alguns telefonemas e arranjar-se para sair. Porém, não foi nada disso que fez. Pediu a Leah se lhe emprestava uma das carrinhas do spa e, assim que terminou o trabalho, deixou o Hill, ainda com o seu uniforme verde-azeitona.

Os portões que davam acesso ao Hotel Willow tinham uma corrente com um cadeado, mas o cadeado estava aberto, por isso Cleo conseguiu abrir os portões um pouco. No tempo da sua família, os portões nunca estavam fechados, mas agora estavam tão perros que não conseguiu empurrá-los o suficiente para a carrinha passar.

Começou a avançar pelo caminho nos seus sapatos de trabalho de salto alto, uma manobra desastrosa uma vez que os buracos eram mais numerosos e maiores do que nunca. Ao lado do hotel, um escritório prefabricado fora erigido e havia já várias escavadoras no local, sinal de que os trabalhos já tinham começado. Cleo sentiu nova onda de raiva por a sua querida casa estar a ser demolida. Um par de homens de coletes amarelos fluorescentes e capacetes a condizer estavam de costas para ela junto ao escritório e Cleo aproveitou para entrar pela porta da frente do hotel sem que a vissem.

Lá dentro, a sua antiga casa estava poeirenta e negligenciada e Cleo deu-se conta horrorizada de que a antiga lareira de duzentos anos havia sido arrancada do vestíbulo. «Como se atreviam?», pensou ela, chocada. Se era desta forma que o grupo Roth operava, então o Willow iria ser destruído. O que seria ali colocado em substituição? Uma qualquer réplica horrorosa com embutidos em ouro e um par de leopardos em porcelana de cada lado para dar um toque final de elegância?

A passadeira da escadaria fora retirada e os varões de fixação da mesma estavam espalhados pelos degraus. Era difícil ver que as melhores características do gracioso e antigo edifício estavam a ser incorporadas no novo hotel, apenas que talvez no final não restasse nada do Willow. Quanto mais Cleo olhava em redor, mais zangada ia ficando. Esta casa podia já não pertencer à sua família, mas teria uma palavra a dizer uma última vez.

Marchou iradamente até junto do escritório prefabricado.

Os dois homens de colete amarelo continuavam no mesmo sítio a conversar.

– Que raio se está a passar aqui? – gritou Cleo. – É uma lindíssima casa antiga e vocês estão a destruí-la e a descaracterizá-la! Fazem alguma ideia do valor que aquela lareira tinha?

– Ei, não nos diga isso a nós, menina – argumentou um dos trabalhadores, erguendo as mãos em sinal de rendição. – Fale com o patrão. – E girou a cabeça na direção da porta do escritório.

– Digam-me quem ele é que eu falo já com ele – barafustou Cleo. – Gostava de saber se têm autorização do município para destruírem esta propriedade.

Um terceiro homem apareceu à porta. Era alto, vestia calças de ganga e uma *T-shirt* por baixo do colete amarelo refletor. O cabelo era escuro, cortado bem junto à cabeça, e os olhos estavam semicerrados, completando a expressão feroz e gélida que o seu bonito rosto transmitia. Era Tyler.

– Agora fazes parte do departamento de planeamento? – inquiriu ele num tom mordaz. – Realmente, anda sempre de um lado para o outro, Miss *Malin*.

Cleo ergueu um pouco o queixo.

– Olá, Tyler – disse ela.

Os dois trabalhadores deslocaram-se quase impercetivelmente para a frente, interessados no que se estava a passar. Tyler nada disse, mas trocou um olhar rápido com cada um deles.

– Pois, sim... – murmurou um deles.

– Há trabalho para fazer...

– Até logo.

E partiram.

– Quiseste vir ver o que os terríveis Roth estavam a fazer à tua preciosa casa? – Tyler soava tão zangado que Cleo foi apanhada de surpresa.

– Bom, sim. Queria ver o que acontecera – aquiesceu ela.

– Satisfeita agora? Estamos a destruí-la como seria do teu agrado?

Duro, era assim que ela soava, deu-se ela conta com horror. Não como o Tyler de que se recordava, o homem com o retorcido sentido de humor e brilho matreiro nos olhos.

– Destruir é a palavra certa – disse ela.

– Na verdade, contratámos um arquiteto especializado em edifícios antigos para nos assegurarmos de que o restauro será historicamente fiel e que não danificamos nada. Retirámos peças valiosas, como a lareira, para serem protegidas e preservadas. Destruir esta propriedade antiga é precisamente o que *não* estamos a fazer. E tu mentiste-me – declarou ele.

Aturdida com a frieza dele, Cleo retorquiu:

– E tu foste tão sincero comigo! Nunca mencionaste que ias comprar um hotel em Carrickwell e já nos tínhamos cruzado na cidade. Não te ocorreu dizer nada? – Se o plano dele era ser duro e insensível, então ela também entraria no jogo. E se aquele era o verdadeiro Tyler Roth, então tomara a decisão certa ao virar-lhe as costas.

– Não mencionar factos importantes estava bastante em voga naquela altura – resfolegou ele. – Não me pareceu que precisasse de te entediar com os meus planos de negócios. Achei que eras uma rapariga bonita e sensual de uma cidade de província, não um cavalo de Troia.

Cleo sentia o sangue correr-lhe a mil à hora nas veias. Queria dizer-lhe que mentira acerca do sobrenome porque não queria que ele se compadecesse dela ou da sua família pelo que haviam perdido, porém, agora não se rebaixaria com explicações. E muito menos perante aquele canalha arrogante.

– Tens grandes planos para o Willow, eu sei – disse ela. – Oh, perdão, para o Carrickwell Roth. Outro entalhe na coluna da tua cama ou no teu império ou lá o que seja. Embora, provavelmente, a coluna da tua cama e o teu império se fundam. Montes de raparigas pressurosas e com um palminho de cara a soldo dos teus hotéis.

– Uma diferente todas as noites – asseverou ele num tom sarcástico. – Tu viste as plantas na noite em que era a tua vez – acrescentou. – Foi por isso que fugiste?

– Vi – respondeu ela em voz baixa, recordando o choque que sofrera ao ver o novo e melhorado Willow. Tinha um ar tão diferente e grande, lustroso e polido. – Suponho que, quando o novo Roth abrir, terás reuniões de motivação com os empregados e contarás como encontraste este inútil hotelzinho de província que fora gerido até à ruína pelos Malin e que depois tu apareceste e o transformaste na joia da coroa do império europeu do grupo Roth.

Tyler olhou para ela boquiaberto.

– É isso que tu pensas? Que eu compraria um pequeno hotel e faria troça das pessoas que passaram trinta anos a tentar torná-lo um sucesso?

– Não é esse o plano? – devolveu ela amargamente, vendo o rosto triste do seu pai nos meses que haviam precedido a venda do Willow. – Torná-lo fabuloso e rir de nós?

– Olha, sabes que mais Cleo, esquece – disse ele e a raiva desapareceu. – Para com esses joguinhos. Estou cansado. Tenho-me fãtado de viajar. Cheguei a noite passada e nas duas semanas desde que aqui estive pela última vez fiz seis viagens de avião e estou com mais *jet lag* do que aquele com que consigo lidar. Estou demasiado cansado para te aturar também, Cleo. Vai para casa – acrescentou ele fatigadamente.

– Esta é a minha casa! – gritou ela.

– Já não é. Volta para o Cloud's Hill. Há duas semanas fui lá procurar-te e, quando te encontrei, tornou-se claro que cometera um enorme erro. Não és quem eu achava que eras e não me estou a referir ao teu apelido. Não perdeste muito tempo depois de me dares com os pés, pois não?

Por mais voltas que desse à cabeça, Cleo não conseguia perceber ao que ele se referia.

– Não faço ideia do que estás a falar. Eu vim aqui contar-te a verdade. Sobre o que me levou a partir.

– Não te maces – disse ele num tom indiferente. – Não estou interessado em saber.

Caminhou em direção ao hotel, deixando Cleo impotentemente a olhar para as costas dele.

Como se atrevia ele? Furiosa, começou a descer a toda a velocidade o caminho em direção ao portão, torcendo os pés e tropeçando, furiosa com ela mesma por ter dado ouvidos a Eileen e ter ido ali e ainda mais furibunda com Tyler por a ter tratado assim. Não percebia o que raio vira nele, afinal de contas? E que quisera ele dizer com aquela história de ela não ser quem ele pensava? Agora expressava-se por enigmas?

Há duas semanas, Tyler estivera ali! Sentia-se magoada por ele não ter tentado falar com ela. Isso seria o que um homem verdadeiro faria: subir a toda a velocidade a encosta até ao Cloud's Hill, arrebatá-la e levá-la no seu elegante carro escuro... Cloud's Hill – que quisera ele dizer quando afirmara que fora procurá-la? Ela seguramente que não o vira. Foi então que lhe ocorreu. Há duas semanas, Jason e Liz tinham-na deixado à porta do spa depois do jantar em casa de Sondra e Barney. E à porta do Cloud's Hill, ela e Jason haviam-se abraçado. Cleo ainda se recordava de como fora bom sentir os braços do irmão à volta dela e como depois ficara a acenar a Jason e a Liz enquanto o carro fazia marcha atrás e reparara num carro estranho estacionado no lugar do carro de Leah. Seria o carro de Tyler?

Tyler pensava que Jason era namorado dela! Não admirava que estivesse tão zangado. Viera a Cloud's Hill, vira-a a abraçar outro homem e arrancara numa fúria. Devia ter sido isso que acontecera, pensou Cleo com alegria. Tyler não a detestava, afinal de contas! Era o oposto, na verdade.

Mas como fora ele achar que ela estaria interessada noutra pessoa? Palermo. Devia ter confiado nela e, se fosse um homem às direitas, correria atrás dela caminho abaixo e dir-lhe-ia que nada daquilo tinha importância e que a amava loucamente e que juntos ultrapassariam qualquer coisa...

Cleo estacou. Estava a fazê-lo de novo, a viver na fantasia do passado, como Eileen dissera. Tyler não era um cavaleiro com um corcel branco, era um homem que sentira algo de profundo e significativo por ela e que agora presumia que ela já não tinha tempo para ele porque estava numa relação com outro homem.

Apenas uma pessoa podia consertar aquele mal-entendido e não era ele. Se alguém ali tinha de ser um cavaleiro num corcel branco, esse alguém teria de ser Cleo.

Deu meia volta e marchou ferozmente de novo, por entre os buracos, até ao hotel, os saltos fazendo uma barulheira sobre o soalho de madeira do vestíbulo.

– Tyler – chamou ela –, quero falar contigo.

Ele estava sentado no primeiro degrau da escadaria e tinha um ar exausto.

– Fala à vontade.

Momentaneamente em desvantagem porque ela estava agora a olhá-lo de cima como uma gigantesca Valquíria, Cleo avançou até ele e respirou fundo.

– Naquela noite, na suíte, vim-me embora porque fiquei chocada quando vi o que ias fazer com a minha casa. Mas devia ter-te dado uma oportunidade de explicares. Vim aqui dizer-te que lamento.

– E foi por isso que vieste? – inquiriu ele num tom brando.

O rosto dele era inescrutável, mas Cleo sabia muito bem o que ele diria a seguir. *Esquece, Cleo*, ou algo do género.

– Sim – respondeu ela com orgulho. – Fiz merda e não tenho vergonha de o admitir. Sou doida por ti, mas suponho que agora terei de te esquecer. – A coragem de Cleo começou a vacilar nessa altura. Tyler não dizia nada e não havia qualquer centelha no olhar dele. Era inútil, nunca devia ter voltado para trás. Ele não queria saber dela ou se o homem que a abraçara era o seu irmão ou outro homem qualquer. – E tu nem sabes o que estás a perder, Tyler Roth, porque eu sou sincera e frontal e poderíamos ter tido uma relação maravilhosa, mas tu não tiveste a coragem de me perguntar o que sentia por ti. Eu ter-te-ia dito que te amo e que o homem que eu estava a abraçar há duas semanas à porta do Cloud's Hill era o meu irmão Jason. Mas agora perdeu a sua oportunidade, Mister Roth. Adeus. – E mentalmente acrescentou: «Ora, toma!»

Virando-se de forma teatral, ficou com o salto preso num pedaço solto do soalho, sentiu-se tombar para trás e pensou que se estatelaria no chão, mas dois braços fortes seguraram-na antes que isso acontecesse.

– Estou a ver que tens por hábito cair nos braços dos homens – referiu Tyler num tom meio terno meio trocista.

Cleo arquejou e depois ficou sem fôlego devido à forma como ele olhava para ela, com uma espécie de júbilo desenfreado. Estava ainda nos braços de Tyler, a boca dele a poucos centímetros da dela, avançando quase que para a beijar, como o herói romântico dos seus adorados livros das irmãs Rodriguez...

«Que raio?», pensou Cleo de repente, e levou o braço acima, puxou a cabeça dele para ela e beijou-o.

– Não queria que te metesses nisto sem que soubesses que não sou uma rapariga comum – referiu Cleo no final do beijo.

Tyler sorriu-lhe languidamente, um sorriso que fez Cleo derreter-se da cabeça aos pés.

– Nem eu nunca pensei que fosses.

Epílogo

Quatro meses depois.

Lá bem em baixo, Mel conseguia avistar Carrickwell espalhada no manto negro da noite a tremeluzir como as luzes de Natal. E isso fê-la pensar em todas as tarefas natalícias que tinha ainda por fazer e que devia estar a adiantar ao invés de refastelada no conforto da banheira de água quente do Cloud's Hill com Caroline, Leah e Cyn, bebericando *cappuccinos* e cavaqueando.

Lá fora, havia neve em Mount Carraig e o ar de dezembro era cortante, mas mesmo com as portas de deslizar abertas, a banheira concedia ao ambiente uma temperatura reconfortante.

– Eu devia sentir-me muito culpada de estar aqui repimpada – referiu Mel, esticando languidamente uma perna dentro de água. – Só falta uma semana para o Natal. Eu devia andar a correr de loja em loja a comprar presentes e a entrar em pânico ao pensar que me esquecera de alguém.

– Eu também – concordou Cyn. – Fui às compras a semana passada e, no final, acabei por não comprar nada para ninguém, o que é lindo. Só mais roupa para mim. – Os olhos dela brilharam e tinha um ar tão feliz e cheio de vida que toda a gente sorriu ao testemunhar a alegria dela.

– Sabiam que é possível comprar sutiãs de seda com laços que seguram ambos os lados? Eu comprei dois. Imaginem, eu com dois sutiãs de seda com laços! Nunca na vida pensei que veria chegar esse dia.

As outras três riram.

Mel achava que a mudança em Cyn era inacreditável. Da primeira vez que se haviam conhecido, tivera dúvidas de que Leah conseguisse salvar aquela assustada e solitária jovem mergulhada numa imensa autoaversão. O peso não era o maior problema de Cyn, mas antes o facto de ela achar que não merecia nada melhor.

Porém, Leah, com a sua genialidade e sensatez no que dizia respeito a pessoas em apuros, conseguira de alguma forma fazer Cyn acreditar nela mesma e dar-lhe esperança. Cyn nunca viria a ser uma sílfide, mas já não era perigosamente obesa. Estava saudável o suficiente para ir ao ginásio e, mais importante ainda, estava a desfrutar da vida.

Tanta coisa mudara na vida delas todas, ocorreu a Mel, e deviam tudo a Leah.

– A Daisy disse que estava a pensar começar a vender *lingerie* na Georgia's Tiara – revelou Caroline. – Seria ótimo. Ela tem um olho tão bom para comprar magnífica roupa de mulher que adoraria ver que tipo de *lingerie* escolheria. E os homens das redondezas ficariam encantados, pois assim podiam entrar simplesmente na loja, murmurar que precisavam de um presente de Natal, a Daisy estendia-lhes um embrulho todo bonito e assunto encerrado.

– É isso que o Graham vai fazer este Natal? – brincou Mel. Cyn não era a única cujos olhos brilhavam de vida e alegria. Caroline e Graham tinham conseguido ultrapassar com sucesso a agonia da infidelidade.

Se Mel não tivesse testemunhado o sofrimento por que a amiga passara, teria quase afirmado que o caso extraconjugal de Graham fortalecera o casamento deles. Era tão fácil as pessoas caírem na

armadilha de se tomarem umas às outras como garantidas. Contudo, dar-se conta do que poderia perder, abriu de facto os olhos a Graham.

– O nosso relacionamento evoluiu – explicara Caroline no início daquela tarde enquanto nadavam na piscina. – Agora é diferente. Eu mudei e o Graham também, mas temos mais respeito um pelo outro. Isso faz sentido para ti? Ambos sabemos que temos de nos esforçar para manter o casamento, mas isso é bom e vale a pena.

Caroline riu então e disse:

– O Graham não é o tipo de homem de entrar numa loja de roupa feminina e comprar seja que tipo for de *lingerie*, acredita. E o Adrian?

Mel pensou com ternura no marido. Atravessaria fogo por ela e era pessoa para não corar perante a ideia de ir comprar *lingerie*. Sabia aquilo de que Mel gostava e o número que ela vestia: o problema era o dinheiro. Muito embora Mel estivesse agora a trabalhar em *part-time*, continuavam sem dinheiro para luxos.

Estavam a poupar para converter o inútil sistema de aquecimento central a óleo em gás, portanto, sutiãs de seda com lacinhos não constavam da lista de prioridades. E a lista de pedidos ao Pai Natal de Carrie era agora quase tão extensa como a da irmã. O Pai Natal precisaria de trenós extra e mais comida para as renas para trazer do Pólo Norte tudo o que Sarah queria.

Mel conseguira encontrar todos os presentes e, em resultado, as restantes pessoas teriam de se contentar com uma mera lembrança. Afinal de contas, o Natal era das crianças, não era?

– O Adrian não teria quaisquer problemas em entrar numa loja para me comprar roupa interior, mas entre os presentes de Natal das miúdas e as poupanças para um novo sistema de aquecimento, não resta muita economia – respondeu ela com sinceridade.

Se Leah não tivesse insistido para que Mel viesse ao Cloud's Hill para um dia grátis de mimos com Caroline, não estaria sequer ali. Trabalhar três manhãs por semana a transcrever registos áudio nos Serviços de Secretariado de Carrickwell não se traduzia num grande salário, mas Mel ficara entusiasmadíssima com o maravilhoso plano que Leah elaborara para o novo ano.

Na sua habitual maneira afável, Leah conduziu Mel ao seu escritório no início daquele dia e explicara que iria precisar de mais funcionários em janeiro quando Cleo partisse. Primeiro, Cleo ia um mês para a Austrália com a sua amiga Trish.

– O Tyler ainda nem acredita que ela vai de férias sem ele – refletiu Leah divertida. – Está habituado a que lhe façam as vontades. A Cleo é ótima para ele.

Mel sorriu perante a ideia do bem-parecido Tyler, que ainda não conhecera, defrontando a determinação férrea de Cleo Malin.

Depois das férias, Cleo iria para o Manhattan Roth para entrar no programa-estágio de gestão hoteleira do grupo.

– O Tyler convenceu-a a candidatar-se, mas ela insistiu para que ele não fizesse nada para a ajudar e usou o nome Malley nos formulários de candidatura – contou Leah. – Disse que queria conseguir o estatuto de estagiária pelas suas próprias qualidades e conseguiu. O que me traz aos meus problemas de falta de pessoal. Sei que apenas queres trabalhar em *part-time*, e sei que não tens qualquer experiência de trabalho de receção, mas penso que és precisamente o que queremos aqui no Cloud's Hill. Considerarias fazer umas quantas horas por semana? Serias uma mais-valia maravilhosa para o Cloud's Hill, Mel. Pensa nisso a sério.

Mel dissera que ia pensar, mas na verdade apenas queria falar com Adrian primeiro. Trabalhar no

Cloud's Hill não seria complicado e Mel adoraria fazê-lo.

– É uma pena que a Daisy não esteja aqui – mencionou Cyn, terminando o seu *cappuccino*. – Tenho saudades dela. Detesto ir ao ginásio sozinha. Mas ela e a mãe conseguiram uma promoção fantástica para duas semanas em Marrocos.

– A tia foi com elas, não foi? – perguntou Mel.

Cyn assentiu com a cabeça.

– Nunca tinham feito férias juntas, acreditam? A mãe da Daisy quer fazer um curso de pintura em Itália no verão e está a tentar convencer a Daisy a ir também. Diz que há muitos homens descomprometidos que fazem este tipo de excursões de pintura.

– Pensei que a Daisy queria umas férias com mais aventura, no Peru – referiu Mel, surpreendida. – Foi pelo menos o que ela me disse da última vez que estivemos juntas.

Daisy abraçara o seu celibatarismo com prazer e surpreendera Mel com a energia e vontade com que se entregara a novas aventuras. Nos últimos meses experimentara o mergulho («Não é para mim. Devia ter-me apercebido de que nem sequer gosto de enfiar a cabeça debaixo de água», comentara ela pesarosamente), salsa («fantástico!») e caminhadas. A salsa apelava ao seu sentido de ritmo e moda, ao passo que as caminhadas eram um desafio tão maravilhosamente físico que Daisy adorava.

– Fica-se com dores em músculos que nem sabíamos que tínhamos – disse ela –, mas é muito bom. Adoro. Na verdade, até tenho uns panfletos de umas férias de aventura que incluem uma caminhada pelos trilhos dos incas, até Machu Picchu – contou ela a Mel. – Eu iria adorar e vão pessoas de todas as idades. É preciso ter cuidado, porque a altitude pode provocar doença das alturas, mas nem toda a gente é acometida por ela, por isso, uma idosa como eu consegue fazer o trilho.

– Se aos trinta e cinco anos és uma velhinha, eu já devo estar a precisar de um andarilho – zombou Mel.

– Talvez ela acabe por fazer ambas as coisas – fez notar Leah. – O trilho no Peru e a excursão de pintura. É maravilhoso vê-la tão feliz.

As restantes assentiram em sinal de concordância. Apesar da bem sucedida carreira dela, havia ainda qualquer coisa de vulnerável em Daisy e as pessoas que a amavam sentiam o desejo de a proteger.

Mel olhou para o relógio. Eram quase seis horas. Em breve teria de ir embora porque a mãe ficara a tomar conta das meninas e Mel prometera regressar por volta das seis e meia.

Porém, antes de partir, havia ainda uma coisa de que queria conversar com Leah. Agora que iria trabalhar no Cloud's Hill, podia sugerir ideias e fazer planos.

– Leah, tive uma ideia fantástica – começou Mel, sem pressas. – Lembra-se quando nos falou do Cloud's Hill na América e do trabalho que fazem orientado para a caridade? Bom, podíamos fazer o mesmo aqui. Li um artigo acerca de uma mulher com dois filhos autistas e que nunca consegue ter tempo livre para tirar umas férias e que afirma que, mesmo que conseguisse, estaria demasiado exausta para ir onde quer que fosse. Por isso, ocorreu-me que...

– Mel, agora comesas a assustar-me! – interrompeu Leah. – Eu também li esse artigo. Está numa das revistas que a Cleo levou para a sala de relaxamento. Li-o ontem e ocorreu-me precisamente a mesma coisa.

– Esses pais e mães podiam vir para aqui – aventou Mel.

– Nem mais – disse Leah. – Posso então encarar isso como um sinal de que pretendes juntar-te à

equipa?

Mel riu.

– Sim, pode – respondeu. – Mas tenho de deixar de tomar decisões sem conversar primeiro com o Adrian.

Conversaram entusiasticamente acerca da nova ideia e depois ficaram de novo em silêncio.

Leah contemplou a paisagem e pensou em toda a felicidade que o Cloud's Hill de Carrickwell lhe trouxera. Levou a mão ao cristal que pendia do colar que trazia ao pescoço. Era o seu talismã, outra recordação do seu amado filho Jesse. Ele iria adorar aquele lugar, pensou. Iria adorar a sensação de paz e cura que Carrickwell transmitia. O Natal era uma época agri-doce para ela. Adorava as festividades, mas a dor por tudo o que perdera nunca a abandonava. Sentia tanto a falta do filho.

Contudo, Jesse estava com ela, no seu coração, para sempre. Esperava que, se ele a pudesse ver de onde estava, estivesse orgulhoso da sua mãe.